This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

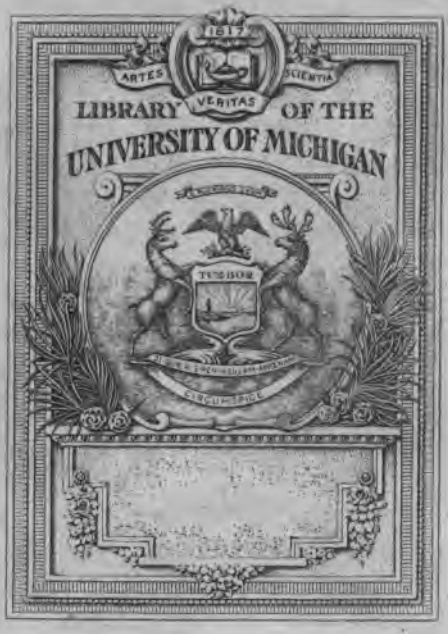
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

490393


1817
ARTES
VERITAS
SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc facit ut longos durent benè gesta per annos,
Et possint serà posteritate frui.

Segunda Serie.

Tomo Terceiro.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua do Lavradio n.° 53

1848

Bibliotheca do Conf. Adts
Trijhoff
6820-32
26394

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 9. — 1.° TRIMESTRE DE 1848.

ROTEIRO DA VIAGEM

QUE FEZ O CAPITÃO FRANCISCO DE PAULA RIBEIRO

ÁS FRONTEIRAS DA CAPITANIA DO MARANHÃO E DA DE GOYAZ NO ANNO DE 1815 EM SERVIÇO DE S. M. FIDELISSIMA.

(Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo socio honorario o Ex.mo Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond.)

Aos vinte e tres dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e quinze embarquei no porto da cidade do Maranhão, metropole d'esta capitania (A), encarregado de ir fazer, como primeiro commissario por parte do seu governador e capitão general, a sua divisão limitrophe central com a capitania de Goyaz, a que El-Rei nosso senhor mandou proceder pelo seu regio aviso de 11 de Agosto de 1813. A 25 entrei na foz do rio Itapucurú, dezeseis ou dezoito leguas ao sudoéste do dito porto; e a 26 fiquei no pequeno logar denominado Pai Simão, que consta de poucas e pobres palhoças, tão encobertas dos matos da beira rio, que d'este se lhe não vê alguma. Seus habitantes, Indios ou mulatos libertos, servem assalariados de varejar ou remar algumas embarcações, que para os differentes portos ou fazendas d'este rio se dirigem. N'elle me demorei cinco dias completos em quanto não chegou a canôa denominada *Graça Divina*,

pertencente a Antonio José da Silva e companhia, que devia conduzir-me ao ultimo porto publico por ora navegavel do mesmo rio; pois que aquella em que até alli viera embarcado não fazia n'esta occasião similhante viagem. No em tanto, porque já d'alli tencionava dar principio ás observações que premeditava fazer para organisar o mappa do interior da capitania, o qual me era indispensavel, segundo a natureza d'esta minha commissão, me dirigi com Antonio de Couto, piloto approvado pela Academia Real das Sciencias, ao primeiro logar situado á borda do mesmo rio Itapucurú, pouco mais de meia legua distante da grande cachoeira da freguezia, e duas leguas pouco mais ou menos distante da embocadura do rio, cujo logar, que é muito antigo e denominado pelos seus habitantes *Freguezia de Nossa Senhora do Rosario* (B), e meia legua abaixo de Pai Simão, era o mais sufficiente para as referidas observações. Viajei depois para outro logar, que sobre a margem léste fica a dez leguas distante, e aonde portei no dia 4 de Março, cujo logar é do Itapucurú-Mirim (C), e dirigindo-me d'ahi com a brevidade a que as enchentes do rio, proprias d'aquelle tempo, dão logar, me achei no dia 21 do dito mez em o porto da villa de Caxias (D), ficando abarracado no riacho de S. José, quinhentas braças para o norte do principal corpo da villa, aonde esperei oito dias que se apromptassem as bestas e cavalgaduras que para viajar por terra me eram indispensaveis. Não me demoro a analysar as viagens diarias que fiz pelo rio Itapucurú; porque sendo aquella sua navegação já muito conhecida, seria superfluo o tratar de circumstancias que geralmente se sabem. Devo porém notar que não a continuei mais acima setenta ou oitenta leguas até onde algum tempo principiava a estabelecer-se o interessante local que se denominou arrajal do Principe Regente (E), porque não me seria possivel encontrar n'aquelle ponto inteiramente hoje deserto os meios de transportar as bagagens da commissão aos povoados centraes, por entre os quaes é a estrada que infallivelmente eu tinha de seguir. A junta da real fazenda do Maranhão me havia expedido, por portaria de 20 de Fevereiro do mesmo anno de 1815, uma ordem para comprar seis bestas para conduzirem o trem da mesma expedição;

porém Francisco de Moura de Queiroz, honrado morador estabelecido com sua feitoria no logar denominado Sucurujú e Bonito, a dez leguas distante de Caxias, me prestou este importante auxilio, não consentindo que se fizesse ao soberano similhante despeza. Rasgo generoso, que sinceramente publíco como unico recurso que em mim posso descobrir para lh'o agradecer; uma vez que a dignidade a quem isso competia, depois que lhe fiz officialmente saber, não deu, ao menos para o animar, esse tão pouco custoso passo. Contam-se do Maranhão á villa de Caxias leguas pelo rio cento e dezoito. Aos 23 dias do mez de Março dei principio á viagem por terra, que irei circumstanciando para dar uma idéa do paiz por onde viajei.

Dia 30 *de Março*. Andei tres leguas entre os rumos léste e suéste, até o pequeno sitio do Rosario, estrada parte plana e parte montanhosa, e duas por estrada bem seguida até ao logar da Pindova, deixando n'este caminho, em direcção ao rumo de léste, a que vai á barra do Poti, cuja estrada (F) passa do rio Parnahyba ao Piauhy. Todo este caminho acima dito é agradavel pelo meio de campos cobertos de dispersos arvoredos, areia, pedras miudas e variaveis na côr.

Dia 31 *de Março*. Andei seis leguas entre os rumos sul, lés-suéste e léste, campos agradaveis e parte de um cordão de buritizal minado de aguas excellentes, encontrando n'este caminho o sitio do Riachão, e fiquei na feitoria Sucurujú, pertencente áquelle Francisco de Moura de Queiroz. N'ella me demorei um dia, mandando arrear as cargas e fazer provisões de bocca.

Dia 2 *de Abril*. Viajei cinco leguas e meia entre os rumos susuéste, susudoéste, e sul 4.° de sudoéste, com o agulhão á vista, por estrada limpa e plana, com poucos moradores, e falta de aguas. Passei a estrada da Passagem de Santo Antonio, o logar do Bonito, e fiquei por noite no logar chamado Espora.

Dia 3 *de Abril*. Viajei quatro leguas nos rumos sudoéste, oéste e oessudoéste, por entre matos limpos, e poucos campos até ao logar de S. José, chamado do Vicente; estrada boa, porém tambem falta de agua até sahir fóra da mata da Espora.

Dia 4 *e* 5 *de Abril*. N'estes dias não excedeu de quatro leguas a

viagem até a fazenda e riacho Serra, limites antigos entre os termos de Pastos Bons e Caxias (quando felizmente eram separados) : o caminho foi no quadrante do sudoéste. Estrada excellente de areia pouco solta, campos cobertos, algumas porções de matos e faltas de agua.

Dia 6 de Abril. Andei oito leguas no rumo de oéste até a fazenda Tiquáras, que pertence a Francisco Germano, tendo deixado á esquerda as estradas da Beirada e Terra Vermelha. Esta ultima, e no rumo do suéste, se encontra outra vez em S. Domingos com a que vou descrevendo. N'este dia atravessei pequenas serras, espaços de matos, campos, tabocaes, e um grande alagado a que chamam o Tremendal: passagem esta impraticavel pelo inverno, por isso que n'esse tempo deve seguir-se aquella da Terra Vermelha. Uma e outra são abundantes de agua. N'esta travessa ha despovoadas algumas fazendas pelos Indios Timbiras das matas.

Dia 7 de Abril. Viajei quatro leguas no rumo sudoéste. Estradas sobre serras; poucas planicies, e n'estas areia, pedras, pequenas matas, palmeiraes, e campos cobertos até á fazenda de S. Domingos, hoje despovoada. Na tarde d'este dia encontrei obra de quinhentos Indios, que iam ver a villa de Caxias, e eram da nação a que os habitantes chamam Canellas finas.

Dia 8 de Abril. Andei cinco leguas nos rumos susudoéste e oessudoéste por entre pequenas matas guarnecidas de palmeiras. Estrada algumas vezes por cima de serras pedregosas, fazendas grandes subidas e descidas, terrenos de barro preto e vermelho. N'este caminho passei o riacho do Corrente (G), cuja barra faz tambem pelo lado do Itapucurú a extrema do districto com Caxias, quando n'aquelle se mette.

Dia 9 de Abril. Viajei cinco leguas e meia, passei pelo logar Piassaba. Estrada entre os rumos sudoéste 4.° de sul e oessudoéste, em que parte por campos e plana, e em parte por serras, pedra solta, terras pretas ou vermelhas, mas com abundancia de aguas, e buritizaes continuados por distancia longa. Fiquei no logar denominado Passagem, em que ha varios atoleiros ou terrenos alagados, e poucos moradores.

Dia 10 *de Abril.* Andei quatro leguas nos differentes rumos sul, sudoéste e norte; tal é a tortuosidade da estrada na fazenda da Inhuma, pertencente a Francisco Pereira Franco. N'ella me demorei o dia 11, provendo-me de mantimentos. A estrada foi como a do dia antecedente.

Dia 12 *de Abril.* Viajei seis leguas e meia nos rumos sudoéste 4.° de sul, susudoéste, sul e oéste 4.° de sudoéste; estrada trabalhosa, parte alagada e parte por matos e campos. Fiquei na fazenda chamada Bréjo, que pertence a Narciso Gomes de Gouvêa, e aqui n'este caminho atravessei a mata do Taboleirão (H).

Dia 13 *de Abril.* Viajei cinco leguas e meia no rumo de sudoéste 4.° de oéste por estrada má, terra de maçapé preto e vermelho, escorregadio, serras e campos cobertos, com alguns alagadiços encostados ao riacho Balceiro. N'este caminho atravessei o pequeno logar dos Indios Amanajós (I), e fui ficar no logar matriz ou capital de Pastos Bons (L), meia legua distante, até ao dia 1.° de Maio, para dar o descanso e penso sufficiente aos cavallos, commodidades que só n'aquelle logar se encontram de uma fórma que aproveitem, e tambem para dar á capitania de Goyaz, segundo as ordens que tinha, os avisos d'este fim para que me dirigia: esperando no entretanto que declinassem as aguas do inverno, que muito até alli me tinham mortificado.

Dia 2 *de Maio.* Andei seis leguas até a fazenda do Alegre, que pertence á viuva Paula Fernandes Lima. Estrada sem agua, mas bem assentada e por campos cobertos até descer junto á dita fazenda a serra do Itapucurú, sobre que vinha desde Pastos Bons. Os rumos foram susudoéste e oessudoéste. A descida da serra não é ingreme, porém sim dilatada, e por entre penedos. A confluencia dos dous rios Itapucurú e Alpercatas já fica para baixo algumas leguas: a distancia de um a outro será de doze a quatorze, e entre o Itapucurú com Parnahyba será de quatro a cinco: uma e outra distancia sempre por campos.

Dia 3 *de Maio.* Fui ficar á fazenda de João Martins Jorge, denominada o Bonito, depois de andar tres leguas nos rumos sudoéste

e sul por estrada pouco assentada, pedra solta, e por entre pequenas serras. Aguas poucas e salobras.

Dia 4 de Maio. Viajei seis leguas a diversos rumos no quadrante do sudoéste, caminho plano em partes, e em partes montanhoso: serras continuadas, e poucas aguas. Subi e desci a serra Itapucurú, chamada alli chapada dos Tres Morros, e fiquei na fazenda d'este nome, que pertence a José Carvalho, a qual assim se denomina por se situar entre tres elevados montes. Aqui finalisa a ribeira do alto Itapucurú, depois de se ter dilatado desde o riacho Serra, sempre a oéste d'esta estrada.

Dia 5 de Maio. Andei sete leguas; subi outra vez a serra do Itapucurú, e a fui descer na fazenda Vereda Grande. Os rumos d'este dia foram oessudoéste, oéste e sudoéste, estrada por campos cobertos, e na maior parte sem agua. N'esta fazenda ha um excellente riacho, e tem não só bons matos para lavoura, porém tambem famosos campos para criar os gados.

Dia 6 de Maio. Passei pela fazenda Serra Vermelha, que pertence a D. Luiza Maria dos Reis, e fui ficar no riacho Sacco, depois de andar n'este dia cinco leguas, e de ter subido novamente e descido a mais alta ponta da serra de Itapucurú. O rumo a que viajei foi oéste 1/2 sudoéste: caminho pessimo sobre serras talhadas a prumo, e correndo a todos os rumos. Este foi o espaço mais montuoso que encontrei, muito falto de aguas no verão, ou sem alguma; devo porém, quanto a esta falta de aguas, advertir que só se encontra na estrada porque esta se dilata quasi sempre sobre os montes, aridos em suas planicies, e não porque os terrenos entre os mesmos matos sejam carecidos d'esse artigo.

Dia 7 de Maio. Passei o riacho Batateira e a fazenda d'este nome já despovoada, e fiquei na do Bacurí, que pertence a Manoel de Cerqueira. Estrada boa no rumo sudoéste por campos cobertos; porções de mato sempre por entre serras, e bastantes aguas: andei seis leguas.

Dia 8 de Maio. Andei cinco leguas entre varios rumos no quadrante do sudoéste á fazenda da Gamelleira, pertencente ao velho José de

Oliveira Cabral, e fui ficar no riacho Agua Branca. Caminhos por excellentes campos e buritizaes abundantes de boas aguas.

Dia 9 *de Maio.* Depois de andar tres leguas e meia no rumo oéste, fiquei na fazenda de S. José, pertencente a José Alves Lisboa. Encontrei boas aguas correntes e boa estrada; pouco distante ao suéste d'esta fazenda entra no rio de Balsas o rio de Neves, e principia a um lado e outro d'este ultimo a ribeira de seu nome, que se estende para oéste e para o noroéste. Toda esta travessa contém, assim como todo o terreno da fazenda Alegre para cima, os mais excellentes e desembaraçados campos para criar os gados, que, apezar de nascerem e de se criarem nos capins chamados agrestes, unicos pastos geraes de que são proprios estes sertões do sul da capitania do Maranhão, tem comtudo pela sua grandeza de corpo, gordura e aptidão para grandes marchas, muito mais valor nas feiras do Itapucurú do que todos os outros gados da capitania do Piauhy, menos vistosos, sem differença do que os de Balsas e Pastos Bons.

Dia 10 *de Maio.* Andei legua e meia por terreno cortado de abundantes e deliciosas aguas, com agradavel arvoredo e pequenos montes em pouca distancia a um e outro lado da estrada. Passei o rio Neves na sua principal passagem denominada o Bom Jardim, e d'este rio, em distancia de duas leguas, fui ficar na fazenda chamada Cabeceiras, que pertence a Antonio José Tavares. Foi o rumo d'este dia inteiro oesnoroéste, e todo o caminho por excellentes campos. Esta passagem do rio terá talvez na sua largura doze ou quatorze braças, e o seu fundo, no maior auge do verão, não excede nem diminue de quatro palmos. Tambem é navegado pelo inverno em balsas ou jangadas de buriti e talos de côco de palmeira, levando n'ellas os habitantes d'esta ribeira ao rio Balsas, e por este ao Parnahyba e seus portos de exportação commerciavel, todos aquelles generos em que podem fazer o commercio. Logo a sessenta ou setenta braças distante da margem sudoéste d'este rio Neves se divide em duas esta estrada que descrevo, e a da esquerda vai entranhar-se por todo o lado de léste da ribeira de Balsas até se tornar a encon-

trar com esta da direita na fazenda do Sacco, dezesete leguas adiante d'aquella separação d'entre ambas.

Dia 11 *de Maio*. Andei seis leguas nos rumos norte 4.° do noroéste, norte e nordéste. A estrada foi como a do dia antecedente agradavel, e com abundancia de muitas aguas em partes. Fiquei na fazenda denominada Peixe, cujo proprietario é Antonio Lopes Torrão, aonde me demorei uma tarde esperando se apromptasse um guia para entrar no pequeno deserto que d'alli se encontra de onze leguas até a fazenda denominada o Sacco.

Dia 12 *de Maio*. Viajei duas leguas até ao riacho appellidado Faca, caminho plano sobre largos campos agradaveis cobertos espaçosamente de muito viçosos arvoredos, e com notavel abundancia de boas aguas; porém espaço todo este muito falto de communicação.

Dia 13 *de Maio*. Andei seis leguas e meia no rumo oéste, sudoéste e sul. Subi a serra que se appellida chapada do Sacco, e fiquei toda a noite sobre ella, padecendo grandes sêdes eu e os da minha comitiva. O caminho foi bom e por campos desafogados, porém muito solitarios e faltos de agua no verão.

Dia 14 *de Maio*. Andei tres leguas, desci a serra chamada o Sacco (M), cuja ponta rodeei, e depois de andar mais legua e meia fiquei na fazenda d'este nome, que pertence ao capitão José Fernandes dos Reis. N'esta me demorei até o dia 17 do mesmo mez de Maio, assim para me prover de guias e mantimentos, como de alguns cavallos de que já vinha falto; recursos estes que me foram gratuitamente prestados pelo dito capitão em serviço de S. Magesade, tratando toda a tropa da expedição com o maior agasalho possivel, e facilitando tudo o que n'aquella sua fazenda houvesse para os auxilios da mesma. Louvavel conducta, que não participei á capital, porque certamente teria a minha participação igual successo ao d'aquella que fiz dos serviços de Francisco de Moura de Queiroz. O rumo d'este dia foi ao noroéste 4.° do oéste por estrada boa e farta de aguas excellentes. D'este logar em diante se não vê mais a serra Itapucurú, que até alli em mais ou menos distancia se avistava pela parte do oéste.

Dia 18 *de Maio.* Andei quatro leguas e meia no rumo principal d'esse dia, noroéste; caminho um pouco aspero por campos e serras: passei o riacho Cachoeira (N), a fazenda do Campo largo, que pertence a José Sebastião, e pernoitei na das Porteiras (O), que pertence aos herdeiros de Vicente Ferreira de Brito.

Dia 19 *de Maio.* Viajei sete leguas no rumo do noroéste 4.° de oéste, passei a fazenda da Macapá sobre a margem sudoéste do rio do mesmo nome, que tambem atravessei de váo, tendo n'esta passagem a largura de oito braças: pertence aquella fazenda aos mesmos herdeiros acima nomeados. Passei a fazenda dos Capotes (P), cujo proprietario é o alferes Antonio Francisco dos Reis, e fiquei no riacho denominado o Cocal. A estrada foi terrivel, por terrenos alagados, maçapé ou barro preto gommoso, atoleiros continuados, e muito más passagens nos riachos correntes (Q). Ao nordéste das cabeceiras do rio Macapá, e ao noroéste da já passada ribeira de Neves, se estende a do Grajaú.

Dia 20 *de Maio.* Andei sete leguas ao norte, a oéste e a oesnoroéste, ficando no riacho Primavera depois de ter passado pela fazenda das Contendas, que pertence ao velho Souza Carneiro. O caminho continúa a ser máo como do dia antecedente.

Dia 21 *de Maio.* Viajei seis leguas e meia entre diversos rumos para o quadrante de oéste, e fiquei adiante da fazenda do Boqueirão (R), pertencente a Anacleto Ferreira de Souza, havendo já de manhãa passado a fazenda Santo Antonio, que pertence a Manoel Germano da Silva, e por entre estas fazendas atravessei o rio Farinha, poucas leguas ao noroéste da sua nascente, na serra das Covoadas; elle é n'esta passagem tão pouco importante, que apenas se distingue de pequeno corrego. A estrada foi por campos de uma largura immensa, em partes abundantes de agua, e em partes faltos.

Dia 22 *de Maio.* Entrei na pequena travessa que por esta estrada ainda se acha deserta a léste do rio dos Tocantins nos districtos da capitania do Maranhão. Andei seis leguas no rumo oéste por dilatados campos despidos de arvores sombrias, sertão de fastidiosa jornada até ás margens d'aquelle rio, exposto sem abrigo aos inten-

sos ardores do sol, atravessando repetidos bancos de areia solta, que atola a meia perna das cavalgaduras, e ás vezes com poucas aguas para saciar ao menos as sêdes que promovem em similhantes jornadas os calores do sol do meio dia.

Dia 23 *de Maio.* Viajei seis leguas no rumo sudoéste, e fui perto do rio Manoel Alves Grande. Passei o riacho Itapucurúsinho (S), e fiquei adiante nas cabeceiras de um bréjo de buritizal. O caminho foi pouco melhor do que o do dia 22, porém mais abundante de excellentes aguas.

Dia 24 *de Maio*, e ultimo d'esta jornada para o sul. Andei sete leguas até a povoação de S. Pedro de Alcantara (T), aonde cheguei ás oito horas da noite. O rumo foi ao noroéste 4.° de norte; o caminho meio alagado, e campos de má qualidade, depois da passagem do riacho das Lages, taes quaes os antecedentes despidos de verdura, com areias e vargens lodosas, algumas travessas de matos fixados, passagens estreitas, sujas, atravancadas de arvores cahidas, e finalmente proprias só dos habitantes que por alli fazem as suas moradas. Tres mezes nos demorámos pela primeira vez n'este logar, aonde toda a nossa sociedade foi com os selvagens Caraús (U) : diariamente eramos visitados em tanto numero, que chegavam por vezes a mais de quatrocentos, com o que nós, por sermos bem poucos, nos não satisfaziamos muito, e peior porque não tinhamos tabaco de fumo para os presentear, nem sal, de que elles recebem por grande mimo qualquer punhado. Goyaz tinha tido aqui um pequeno destacamento, que havia dias mandára levantar, mas ainda á nossa chegada pago alli pela fazenda d'El-Rei nosso senhor o capitão Torquato Urgel de tal, destinado á instrucção e cathechisação dos Caraús (X), ainda que em quanto alli estive nunca vi a menor disposição d'este negocio, nem de outros que não fossem no geral preparativos de guerra sobre diversas nações selvagens Comarcans (Z), com o que não eramos contentes; principalmente nas occasiões em que, realisando-se estas expedições, ficavamos solitarios no logar, porque temiamos que no entretanto viessem a elle algumas numerosas porções dos escandalisados Indios, e nos mettessem tambem na conta da

desforra que quizessem tomar pelas violencias (K) que só soffriam. Em uma palavra, foi um dia de prazer que tivemos aquelle em que nos achámos fóra d'alli para voltar, como voltámos um anno depois, á nossa capital, a dar conta d'aquella commissão, que só se ultimou em 9 de Julho de 1816.

OBSERVAÇÕES.

(A) A capitania do Maranhão, que está dividida da capitania do Piauhy pela margem oéste do rio Parnahyba, da do Pará pela margem léste do rio Tury, e da de Goyaz ao sudoéste pelo rio Manoel Alves Grande, até este desembocar no rio Tocantins, que correndo de sul ao norte lhe fecha com a do Pará aquella sua divisão de oéste, se estende no seu comprimento, linha nordéste sudoéste desde o mar até ao dito rio Manoel Alves Grande, a distancia pouco mais ou menos de cento e oitenta leguas, com a maior largura ou longitude de noventa a cem, desde o Parnahyba ao Tury e ao Tocantins.

2. Entre as boccas dos referidos Parnahyba e Tury, pontos limitrophes entre Piauhy, Maranhão e Pará, sahem ao mar pelo longo da costa do Maranhão, discorrendo de léste para oéste, os principaes rios que acompanham quasi toda a latitude da capitania, e que vêm a ser o Munim, o celebre Itapucurú, o Miarim e o Pinaré, todos elles com sufficiente largura, e mais ou menos navegaveis. A estes se ajuntam os de Balsas, Balsinhas, Alpercatas, Neves, Macapá, Canella, Grajaú e Farinha, regando a parte superior dos sertões da mesma capitania no districto de Pastos Bons, o mais extenso e o mais precioso espaço d'ella, e em o qual todos estes rios nascem.

3. O terreno visinho á foz d'aquelles primeiros quatro é povoado de fazendas de gado vaccum, aonde são campos descobertos, a que seus habitantes chamam Perizes ou de Lavradores, aonde ha matos proprios de cultura, e se divide tambem de léste para oéste, não fallando na beira mar, de que não trato por ser assás conhecida, em

districtos ou freguezias centraes: Icatú nas vertentes do Munim, Rosario nas do Itapucurú, Nossa Senhora da Victoria nas do Miarim, e Vianna ou Monção nas do Pinaré. Todo o mais espaço ao sudoéste entre as tres ultimas e o Tocantins é possuido por muitas nações gentias indomesticas. As freguezias do Rosario e Icatú extremam ambas para o centro com a do Itapucurú Mirim, depositada entre ellas com as de Caxias e S. Bernardo; Caxias com a de Pastos Bons, a maior d'ellas e ultima que suéste, sul e sudoéste, divide da de Goyaz toda a capitania do Maranhão, que tambem por elle se divide da do Piauhy em muita parte da sua extrema léste.

4. Povoada assim em toda a largura sómente nos districtos visinhos ao mar, vai levando pela banda de léste encostada aos rios Parnahyba e Balsas, quasi em todo o seu comprimento sudoéste, uma unica tira de terra habitada, que principia a estreitar-se desde o meio baixo Itapucurú até a passagem do rio Neves, porque d'ahi suas povoações tornam a estender-se para oéste rodeando as cabeceiras do mesmo Itapucurú e as do Alpercatas até se encostar ao Tocantins pelas fazendas Boqueirão, fazenda grande de Elias Ferreira Barros, e outras. A parte em que menos se alarga é das alturas do logar capital de Pastos Bons para o sul até ao riacho Batateira, aonde, entre o arraial do Principe Regente e o Tocantins, lhe fica para oéste um desconhecido de mais de oitenta leguas, possuido sómente por aquellas já ditas nações gentias.

5. Além d'este deserto, tambem o é muita parte do terreno que se encaminha ao sul por entre os rios Manoel Alves Grande, Altos, Parnahyba e Balsas, o qual se corta por uma grande parte d'este ultimo, se não tão dilatado como aquelle, nem tão importante, pois que apenas consta de infructiferas e largas campinas arenosas, quando o outro todo contém os mais fecundos matos da capitania.

6. O paiz mais central da mesma capitania do Maranhão principia a ser montanhoso no districto de Pastos Bons, e se estende acima até perto do rio Macapá. Seus montes, posto que não consideraveis, á excepção da serra do Itapucurú, são comtudo immensos, confusamente dispostos, e correndo a diversos rumos. Sobre elles, ou sobre

aquella serra, é que se contém a maior parte das planicies d'esta porção de terreno, e o outro espaço entre o mesmo rio e o Tocantins consta de campos dilatados quanto a vista póde alcançar, pelo meio dos quaes se levantam pequenos montes de pedras ou escalvados, tão insignificantes alguns d'elles que não chegam a cem braças no diametro da sua base.

7. A serra do Itapucurú, chamada assim dos seus habitantes por lhe correr visinha uma grande parte d'aquelle rio ao seu noroéste, dividindo-lhe ella suas altas vertentes das do Parnahyba, principia seis leguas ao noroéste da matriz de Pastos Bons, na fazenda chamada Brocotó e Pedras, pertencente a Zacharias Gomes de Gouvêa. Corre para sul até as cabeceiras do Itapucurú, e d'estas vai declinando para o noroéste por entre as do rio Neves e do Alpercatas até finalisar perto das do Miarim, muito para oéste da fazenda chamada o Engano, que pertence hoje aos filhos de Victorino Paes de Araujo. É assim dilatada no comprimento, porém estreita em partes tanto, que para qualquer dos seus lados se lhes acham promptas descidas, e n'estas aguas muito excellentes, comtanto que não vertam para o Itapucurú. A estrada para o Tocantins vai algumas vezes por muito tempo sobre ella, e a sua subida maior que encontrei não excede a quarenta braças perpendiculares. O districto tem outras serras menos importantes.

8. O rio Itapucurú vem de um buritizal junto ás fraldas da mesma serra; tem mais de duzentas e cincoenta leguas de corrente, segundo a multidão confusa das suas voltas, e d'elle tenho eu viajado toda aquella parte que tem navegavel desde a sua foz no mar até a fazenda do Alegre em Pastos Bons, a qual pertence á viuva Paula Fernandes Lima: d'este estabelecimento para o sudoéste pouco mais terá de cincoenta a sessenta leguas, e é innavegavel.

9. Corre do sudoéste ao nordéste pouco importante até se ajuntar com o rio Alpercatas, que em si o recebe n'aquelle logar, em que já esteve estabelecida a povoação do arraial do Principe Regente, com aguas d'este rio, com as do riacho do Corrente, que encontra ao entrar no territorio da villa de Caxias; e para baixo d'esta villa com as dos

riachos Ouro, Limpeza, Gameleira, Riachão, Cajú, Preta, Piraponas, Peritoro e outros, se faz de consideravel navegação.

10. Desde desde a sua origem por entre campos geraes até ao dito Alpercatas: d'este rio para baixo á parte de leste lhes ficam matos ou lados de campos por fóra, em mais ou menos distancia; e pela parte de oéste, até desaguar no mar demoito leguas ao sudoéste do porto do Maranhão, corta varias pontas de mata grande ou geral, que vem da capitania do Pará.

11. São turvas e baixas as suas aguas, tão quentes no verão durante a noite que amanhecem fumegando: utilisam então muito os seus banhos, porque são medicinaes: porém logo que lhe succedem as chuvas, ou que no fim d'estas principiam suas barreiras a descobrir-se, tornam-se ellas perniciosas, e até perigosas os seus ares para respirar. Assim o mostrou, além de outras vezes, a experiencia, em o anno de 1805, a cuja invernada, que inundou leguas de centro, se seguiu a epidemia maior que ainda teve o Itapucurú, e que foi a mais fatal para os seus habitantes; advertindo comtudo que esta sómente appareceu, como sempre, da Cachoeira grande para o norte, sem que d'ahi para o sul até ás suas cabeceiras se sentisse a mais minima influencia d'este contagio, o que assevero como observador que em tal occasião residia n'aquelles logares, e o motivo d'esta differença assaz se colligirá do que vai adiante dizer-se a n.° 21.

12. Do logar Itapucurú-Mirim para baixo chega a sua maior largura a trezentos passos, embora lhes não permittam n'estes logares algumas noticias que d'elle tenho ouvido mais do que a de quarenta a cincoenta: d'aqui para cima até ao rio Alpercatas terá a de setenta a cem; porém já d'este apartado, e até á fazenda do Alegre, não excede á de vinte e cinco.

13. Esta ultima distancia é, por ser assim estreita, muito custosa de navegar, pois que as immensas arvores que das ribanceiras lhes fazem continuamente debruçar as invernadas formam outros tantos embaraços difficultosos de superar por sua multidão e grossura. Espaço houve de dez braças em que para o navegar foi preciso desembaraçal-o de outras tantas grandes palmeiras, quando em o anno de 1802 me

fiz transportar d'aquella fazenda Alegre, na sua borda, para a do Bom Successo, que pertence a Felix Martins Jorge, pequena distancia de dez leguas, em que por aquelle mesmo motivo me demorei cinco dias descendo para baixo. Todo o outro resto d'este rio é limpo, largo e de bom fundo, excepto nos logares das suas já bem conhecidas cachoeiras.

14. Antes de se unir ao Alpercatas tem a pequena cachoeira de Santa Anna, que não é mais do que um vasio de poucas e miudas pedras: depois de se juntarem tem as das Tres Irmãas, formada por outros tantos penedos que, sobresahindo á superficie das aguas, se perfilam na largura de todo o rio, deixando porém entre si canaes sufficientes. Segue-se-lhe a do Sanhoró, poucas braças abaixo de S. Zacharias (abandonados estabelecimentos que pertenceram á familia dos Fernandes de Caxias), e d'esta em diante no espaço de dezesete leguas até a dita villa de Caxias se encontram vinte e duas cachoeiras, das quaes a mais perigosa de todas é a do Canal torto. Estes pequenos obstaculos são o motivo, segundo me dizem, de não o viajarem canôas grandes para o sudoéste d'aquella villa; porém em quanto ao que me parece, a falta de inteira precisão é a sua unica causa, porque se a população e cultura d'esta grande e mais vantajosa parte do rio se facilitar algum dia (o que não tem ainda succedido por falta de serias providencias, escassas n'aquelles que deveram ter animado a dita população e cultura, o que é muito para lastimar, pela razão de haver sido em grande prejuizo dos interesses d'El-Rei nosso senhor e do bem publico), o interesse d'esses que então existirem fará remover os pretendidos obstaculos, com a mesma facilidade com que se removeram aquelles que antigamente o receio tambem nos phantasiava na idéa que se fazia da sua navegação, hoje mais frequentada; sem que já lembrem a Cachoeira grande, a do Angical, a dos Gatos, Barriguda e outras, para que d'ellas ao menos se trate, sendo por isso mesmo que tambem eu d'ellas n'esta occasião me esqueço. Uma legua acima da foz do rio está a grande cachoeira chamada da Freguezia: esta se passa para cima com meia maré de cheio, e para baixo na occasião da praia mar. É com effeito a mais consideravel de todo elle, e muitas

embarcações não dispensam os practicos em similhante passagem, que alli sempre acham promptos por sua ganancia. Na margem oéste do rio sobre a mesma cachoeira se divisam ainda os fragmentos de um pequeno fortim, que alli construiram os Hollandezes quando possuiram a capitania, e que ha poucos annos acabou de se arruinar. Teria sido grande prudencia o haver-se conservado, cousa que custava bem pouco, como chave dos sertões da capitania por aquelle lado; pois que no caso de futuras precisões o auxilio da referida capitania não permittiria passar por alli contra a vontade de qualquer pequena guarnição que alli tivesse o mais ligeiro barco de pescadores. O que tambem se faz digno de reparo a seu respeito é a creação de um actual governador seu, muito tempo depois que elle se havia evaporado. Deve advertir-se que todas as cachoeiras, á excepção d'esta, são apenas trabalhosas no verão, quando por se diminuirem as aguas tambem o rio em partes se diminue de fundo; e por isso fica bem entendido que é facil de navegar todo elle, logo que as do inverno lh'o tornam a restituir.

15. Bastantemente tortuoso, muito mais de Caxias para cima, é por essa causa que as suas repetidas voltas, ao mesmo tempo que lhe fazem longa a navegação, tambem lh'a tornam suave quebrando em remonços nas enseadas ou seios das referidas voltas o impeto da corrente furiosa, que a não ser por isso se faria insuperavel na subida.

16. A porção de terra mais importante que elle rega é, como já disse, aquella ainda hoje inculta que se contém para baixo de Alpercatas até perto da villa de Caxias, não tanto por maior, como por ser de mais vantajosa cultura; e seriam incalculaveis os interesses resultados, se todas se aproveitassem, porque a capitania do Maranhão não tem outra mais propria para a agricultura.

17. Da freguezia do Rosario até aquella villa é por um e outro lado povoado de ricos lavradores, que se estendem ao centro mais ou menos, conforme lhes permitte a situação das suas sesmarias; e de S. Zacharias para cima ainda deserto, pela razão já dita, está sem embargo d'isso repartido aereamente em datas tão numerosas, que ha tres e quatro titulos de uma só porção de terra conferidos a differentes

sesmeiros: quando para o futuro aconteça demarcal-as (o que não succederá em quanto para que se reduzam os Indios que as habitam se não mudar do systema já notado a n.º 14), não dará pouco que fazer aos tribunaes o progresso das suas demandas, no entretanto que era melhor ter concedido menos, para aproveitar mais, promovendo quando outra utilidade não fosse aquella que resulta á sociedade se esta se poupa aos resultados da intriga, que de ordinario sempre provém na maior parte d'aquellas relações de interesses que os homens entre si formam, de terem uns mais do que os outros, ainda que não seja para lhe dar outro uso além do pasto da mesma intriga.

18. Já em outro tempo foram povoados seus campos em Pastos Bons, os melhores para a criação dos gados, com mais de sessenta estabelecimentos, formando parte da alta ribeira d'Itapucurú, uma das mais populosas do districto; porém aquelles gentios, e outros que com elles se confinam para o sul, os tornaram a verter em solidões, destruindo-lhes a maior parte dos ditos estabelecimentos, tanto que apenas hoje lhe resta o do Riachão, pertencente a Henrique Rapozo do Amaral, e este mesmo quasi exhaurido. A falta de providencias e de soccorros pelas competentes administrações d'esse e de outros tempos tem sido causa de tamanhos males, que por consequencia não trouxeram nem trazem ainda hoje menos do que insanaveis prejuizos nos rendimentos da real fazenda, na falta e na carestia dos mesmos gados, que o publico de então utilisava muito mais abundantes e baratos do que agora, vindo presentemente d'aqui, e de outras iguaes ou maiores devastações, que n'aquelles logares ainda se consentem, sem remediar-se o principal motivo do grito publico, que, consternado hoje, como se vê pela sensivel falta d'este genero, tanto da primeira necessidade, quasi que já não acha recursos de que lançar mão para viver ou para enxugar as lagrimas dos seus innocentes filhos.

19. Os unicos logares publicos da sua borda são o da freguezia do Rosario, o de Itapucurú-Mirim e a nova villa de Caxias: fronteiro a esta está tambem o pequeno logar dos Indios de Trezidellas, e pouco acima do de Pai Simão o dos Indios de S. Miguel. D'estes dous ultimos os habitantes não são a centesima parte dos que já foram;

porque, tyrannisados pelos directores, que em outro tempo tiveram tirados á força para o serviço dos dizimeiros, canôas e arsenaes (violencias que em parte ainda hoje se praticam), sem se lhes pagar por ajuste, conforme lhes conviesse, se extraviaram fugindo das suas povoações, estes e os de todas as outras em iguaes circumstancias, e que tanto algum tempo nos custaram a domesticar ou fazer descer das suas montanhas para a nossa sociedade.

20. Não consta por ora haver nas margens d'este rio ou nos seus terrenos centraes signal algum physicamente conhecido de que se lhe devam encontrar mineraes quaesquer que forem; nem que ellas ou elles sejam proprios de pedras preciosas, o que tambem attribuo á falta de uma verdadeira investigação em fórma e por pessôas que fossem susceptiveis d'esses conhecimentos, porque, a havel-a, talvez descobririam de proposito o que o acaso fez muito indifferentemente descobrir a João Benedicto Gaspar Guifinigg, um tenente do regimento de linha d'esta capitania, que na occasião em que eu agora o naveguei tambem elle o navegou com certo numero de tropa a destacar em Caxias ás ordens do juiz de fóra e desembargador Luiz d'Oliveira e Almeida. Este official me mostrou uma pedra, que disse haver encontrado junto d'agua no porto da fazenda de Thomaz Tavares da Silva: tinha ella mais de uma pollegada no seu comprimento, com largura e grossura de menos de meia, e me pareceu um topazio, como tal o asseverou esse mesmo official, que não deixa de ser curioso para similhantes observações.

21. Da villa de Caxias para cima são raras as suas ribanceiras, e em muita parte faceis de alagar o terreno; o que, dando motivo ás inundações centraes no tempo das invernadas, faz com que estas aguas, varrendo para o rio toda a especie vegetal e animal, a que foram fataes, inundem sua corrente: sendo que d'esta causa (segundo o que me parece a mim) se lhes seguem as enfermidades que em certos tempos soffrem d'alli para baixo os habitantes das suas margens, como já disse a n.º 11; porque, fermentados aquelles objectos ao passar n'estes logares, e susceptiveis da podridão por naturaes circumstancias, inficionam os ares e formam a epidemia.

22. E celebre este rio entre todos os do Brazil pela propriedade que as suas vertentes tem para as interessantes lavouras dos algodões, e são seus matos as minas de que a capitania do Maranhão, rica em proporção do seu pé mais do que outra alguma do mesmo Brazil, tem tirado o primeiro motivo da sua opulencia em gráo tão attendivel, que, se assim como é aproveitada uma das suas terças partes, o fosse no seu todo, as consequencias interessantes que d'ahi poderiam resultar seriam incalculaveis.

23. O rio Alpercatas, inteiramente hoje deserto, e que sem fundamento é tido como braço do Itapucurú, quando pela sua grandeza em dobro devêra ser considerado o principal tronco d'estas correntes, nasce a oéste do dito Itapucurú, porém da mesma altura ou dos mesmos campos. Suas aguas são finissimas e puras, tanto que no seu maior fundo se lhe divisam os peixes. Correm ellas sempre por largos campos, sobre areias até que, sem passar por algum logar povoado, recebem da parte de léste as do referido Itapucurú, que, ainda que turvas e menos poderosas, lhes roubam tambem com o nome a sua belleza. Mesmo porque se não dirige a povoações, se lhe não conhece ao presente o estado da sua navegação; mas pelo conhecimento que eu tenho d'elle, emanado das occasiões em que por diversas vezes o atravessei, seguindo a nação Timbira, ou ainda pela assistencia que fiz de tres annos junto da sua foz, a julgo mais facil e mais dilatada do que a dos seus confluentes, ao menos até a sua cachoeira do Presidio. A qualidade dos terrenos por que elle discorre já não tem aquella propriedade dos do Itapucurú, e apenas serve para a criação dos gados.

24. O rio Miarim, de que já vou tratando n'este logar, como segundo rio da capitania, e pela mesma forma que o irei fazendo gradualmente de todos os outros, segundo a minha intenção, que não é menos do que dar uma idéa de todos os pontos e circumstancias do interior da mesma capitania, tão pouco conhecido dos proprios seus nacionaes estabelecidos na capital ou por fóra d'esta nas visinhanças da beira mar, nasce pouco mais ao sudoéste, e corre mais a oéste do que o Alpercatas. Dirige seu curso ao nornordéste, recebendo em si

pela parte de léste o rio Canellas, que é innavegavel, e pela parte de oéste o rio Grajaú: e ainda que acima da fóz d'este não é de sufficiente navegação para maiores canôas, em razão das cachoeiras e dos vasios que tem, comtudo póde muito bem navegar-se de alguma fórma em tempo proprio, e aproveitar-se; porque o padre Felippe Nery de Farias, primeiro homem que tentou navegal-o descendo da sua fazenda da Pratinha, situada muito perto das suas cabeceiras, me affirmou que sem maior trabalho se viajaria por elle no inverno em embarcações de meia carga. Este acerrimo explorador de similhantes objectos fez ainda duas ou tres vezes a mesma viagem, e como as não podia fazer só, nem tinha homens ás suas ordens para que o acompanhassem sem lhes pagar, gastou n'estas occasiões a maior parte do que possuia: pediu ao depois soccorros para as continuar a quem lh'os devia prestar em utilidade publica, mas como se lhe não deram, e no entretanto elle falleceu, tornou esta navegação a ficar de nenhum effeito, ou, como de antes, desconhecida, frustrada a povoação d'este rio e desaproveitados os seus fecundos matos, tão interessantes como os do Itapucurú. Ha homens que, instados sómente do seu espirito patriotico (o que é muito raro), entram em planos e se arrojam a descobertas que, se ellas se ultimassem, dariam um grande nome aos Estados; mas succede infelizmente que quasi sempre abandonados, as suas forças debeis per si só não podem chegar á méta sublime e physica a que as suas vantajosas idéas se propoem, ficando por isso sendo, como se o não fossem, tão generosos esforços. Quanto prudente seria o saber aproveital-os nas occasiões precisas; porque elles não se fazem geraes, e bem se podéra talvez assaz contar como grande vantagem quando entre mil dos outros homens apparecer d'estes apenas um.

25. Antes de sahir ao mar tem este rio o logar de Nossa Senhora da Victoria, tão pouco importante como o do Rosario. Corre elle dito rio por dentro da grande mata cujas pontas o Itápucurú atravessa; se bem que suas nascentes sejam em campos pelos quaes se dilata bastantes leguas, e os povoados visinhos da foz ou beira mar são alguns d'aquelles Perizes de que já fallei a n ° 3. Ha tambem

estabelecidas nas suas margens algumas feitorias desde a mesma beira mar até muito abaixo do Juson, sendo quasi todo o mais terreno de suas vertentes, excepto nas cabeceiras, antiga e nunca conhecida habitação das nações gentias, que algumas vezes inquietam aquelles moradores até bem perto da capital: circumstancia esta ultima cujo descuido que a permitte é ainda mais para lastimar do que todos os outros descuidos que se notam relativos ao augmento da população da capitania, porque este nem ao menos lhe segura a sua conservação. As referidas povoações proximas á sua barra contém estabelecimentos de lavoura ou de criação de gados, pois que n'estes logares o terreno é proprio de um e de outro genero; mas aquelles que se lhes notam ao pé das suas nascentes são unicamente capazes do ultimo artigo. Tem o mesmo rio muitos e dilatados lagos cobertos de aningal, uma especie de arbusto cuja natureza tem tanta analogia com os lodos d'agua doce, como os mangues a tem com o tejuco d'agua salgada. Dos referidos lagos é mais memoravel e conhecido o Lago Verde.

26. O rio Grajaú, como seus habitantes lhe chamam, ou Guajaú, como outros o denominam, e cujas altas vertentes povoadas formam junto com as do alto Miarim e Cannella a ribeira d'aquelle nome, nasce a oéste do rio Miarim, e lhe corre parallelo até que declinando ambos entre si para o centro se encontram dez ou doze leguas acima do logar Victoria. Este Miarim lhe sepulta, desde que se ajuntam, o nome em suas aguas, ainda apezar de ser aquelle dito Grajaú o ramo mais principal d'este tronco, e sufficientemente quasi em todo o tempo navegavel sem embaraço algum, até aonde o póde desejar a commodidade d'aquellas povoações que formam a sua alta ribeira, podendo por isso mesmo ella estabelecer com a capitania uma furiosa exportação dos seus gados em carnes de fabrico, sem que a referida capital precisasse esperar as embarcações ou sumacas vindas com esse genero dos outros portos de barlavento para bastecer-lhe a subsistencia dos seus escravos, ou ainda familias; e fazer tambem promover a agricultura dos seus devolutos matos tão dilatados como preciosos, pois que na excellente qualidade sua são iguaes á aquelles de que gozam o Itapucurú e o Miarim.

27. Foi a primeira vez navegado pelo alferes de milicias Antonio Francisco dos Reis e outros de sua familia, habitantes nacionaes e estabelecidos na mesma alta ribeira, o qual desceu por elle a 11 de Março de 1811 em pequenos barcos, que para esse fim fabricou no porto da fazenda denominada Chapada, pertencente a Manoel Valentim Fernandes, e abaixo do riacho do Olho d'agua, a duzentas braças distante da mesma fazenda. Viajou um dia á beira dos campos, e onze dias por entre os matos até a fazenda de João Paulino, chamada S. Benedicto, a primeira que se acha situada na extrema sul da baixa ribeira do Miarim, ou no districto da freguezia da Victoria; mas n'esta viagem foi perseguido sempre pelos Indios da nação Timbira, que até se lembraram, para colhel-o ás mãos, de o cercarem com pontes rapidamente feitas ao lume da agua, ou com ramagens de mato, tecidas tão brevemente de um a outro lado do rio que, apenas eram com os traçados ou foices desfeitas umas, lhes sobrevinham immediatamente outras, valendo-lhes, para não serem mortos, o trazerem bem forradas as toldas das embarcações com duas cobertas de couros de boi, que grossos, seccos e dobrados, poderam bem resistir ás immensas nuvens de frechas que sobre elles choveram até fixar-se a noite.

28. Achou-lhe mil duzentas e oitenta e nove voltas ou estirões, e regressou para cima acompanhado (por esta vez sómente) de alguma tropa, que para a sua segurança lhe concedeu o governo provisional que n'esse tempo administrava a capitania. Repetiu elle com maior vigor as viagens, já convidado talvez pelos lucros que deveria ter percebido das suas diligencias; e para que com mais facilidade, ou como lhe conviesse, se podessem continuar em qualquer tempo, povoaram elle e outros o mesmo porto da Chapada, na ribanceira léste do dito rio, fabricando casas para vivenda, e depositos para o sal ou generos de que já alli vinham prover-se com muito prazer e commodo os moradores das outras ribeiras visinhas, chegando ao numero de quarenta pessôas as que no dito porto logo áquelle primeiro passo se propuzeram a habitar, e sendo certamente de esperar que para o futuro os interesses de tão satisfactoria navegação produzissem alli

alguns estabelecimentos uteis a toda esta capitania, o que poderia muito bem ter acontecido se pela parte de quem tinha a seu cargo ajudal-os lhes tivessem sido prestados aquelles auxilios indispensaveis para facilitar a ultimação feliz de tão attendiveis projectos. Foi porém cortada em flôr tamanha esperança, porque lhe não durou muito o motivo de que ella havia nascido, e nem elle motivo poderia por si só jámais sustentar-se contra uma alluvião de obstaculos taes quaes foram aquelles que a dissiparam de um modo tão desgraçado, que aterrou toda aquella ribeira, e quasi resolveu despovoar-se. Ciosos os Indios Timbiras Piocobgés, nação estabelecida da outra parte do mesmo rio, pelos progressos da nova povoação, que os assombrava e impedia fazer no interior do paiz as suas correrias costumadas, resolveram livrar-se d'ella, e o fizeram queimando vivas trinta e oito pessôas dentro das suas mesmas habitações, a que barbaramente pozeram fogo, e ás mesmas embarcações abicadas na praia: levando o sal ou generos que poderam, e lançando o resto ao rio ou ao mesmo fogo, deixaram sómente n'aquelle logar, para signal de que já um dia fôra povoado, a umas ossadas espargidas pelo meio das ruinas solitarias, lamentaveis ainda hoje ao passageiro que as vê. D'esta carnagem succedida em 1814, e para a qual bem reparavelmente se olhou muito a sangue frio, escaparam vivas uma menina, que os barbaros levaram captiva, e cinco ou seis pessôas, que por felicidade sua andavam fóra da povoação na occasião do desastre. Tambem alli pereceram alguns dos moradores das outras ribeiras visinhas, que descuidadamente tinham vindo áquella comprar o sal e outros generos precisos ao maneio das suas familias. Em o anno de 1816 tentaram novamente aquelles moradores restabelecer um porto publico na mesma alta ribeira de Grajaú, a que chamaram S. Paulo do Norte; porém havendo-se-lhe muito friamente assistido com um pequeno destacamento de tropas, que se depositou n'aquelles desertos, sem especie alguma de soccorros para manter-se, nem ainda mesmo aquelles que Sua Magestade lhe mandava pagar nos seus respectivos corpos, e retirado este mesmo destacamento ainda sem ordem que tivesse para isso, unico recurso que tinha para não acabar de morrer

de fome, pois que os soldados muitos tempos havia que já não comiam mais do que raizes do campo, nem os moradores podiam dar-lhes soccorro, segundo o muito no principio que devia considerar-se o estabelecimento, que apenas começava a preparar-se para lavrar as suas futuras subsistencias; e inda muito mais porque a capital era quem lh'os devia enviar por agua, frequentando a navegação do mesmo rio, e animando os descobridores, com quem para isso devêra conservar uma muito exacta e prompta correspondencia; é de crer que abandonado tambem por esta vez o referido porto de S. Paúlo do Norte, e entregue á discrição dos Indios perseguidores, venha a ter um igual successo ao do porto da Chapada, ou a ser immediatamente evacuado, se o quizer evitar. Novamente tambem tornou a capital a fazer uma expedição de quarenta soldados para o Grajaú, agora nos fins do anno de 1817; mas ella foi tão mal delineada, que o homem que a dirige não é aquelle que se procura proprio para natureza de similhantes serviços, ao mesmo tempo que a tropa foi tambem tão pouco sortida que ao partir do logar da Victoria para cima já não havia mantimentos para mais do que seis dias, segundo o que o mesmo homem me escreveu na data de 2 de Dezembro do mesmo anno; e o mais é que com nenhuma esperança de os adquirir n'aquelles desertos, alheios de toda a communicação social.

29. O rio de Parnahyba molha com a sua margem oéste todo o comprimento léste da capitania do Maranhão, formando n'esta a ribeira de seu nome, por isso que me não posso dispensar de dizer d'elle que até hoje a navegação de Pastos Bons se faz pela sua corrente em balsas, propria e unica embarcação conhecida dos seus habitantes, que n'ellas exportam carnes seccas, couramas, solas e algodões para a villa de S. João de Parnahyba, barra do Poti e villa de Caxias, fazendo-as embarcar para as levar a esta ultima, na passagem de Santo Antonio, sem custo algum na dita navegação, pois que não ha cachoeiras que embaracem, á excepção das da vargem da Cruz e Boa Esperança; essas mesmas eu as passei livre de todo o perigo, em Agosto de 1802.

30. Dizem alguns em suas noticias que este rio Parnahyba nasce ao sudoéste nas fraldas da serra Cordilheira Grande; porém, pela

direcção que eu lhe observei, me parece que antes nasce ao sul, declinando sua corrente ao nordéste, quando se encontra com o seu confluente rio de Balsas. D'este logar até ao mar é bem povoado por uma e outra parte; mas todo o espaço que lhe fica ao sul d'aquella confluencia é quasi deserto. Pela parte de léste recebe em si os rios Uruçuhi, Goroguêa, Canindé, Poti e Longá, os quaes deixo de analysar porque não pertencem á capitania de que trato; e da parte de oéste lhe entra sómente o referido rio de Balsas. Suas aguas são saborosissimas, puras e saudaveis, em quanto elle se demora pelos terrenos de Bastos Bons até receber as do Goroguêa ao sul do logar de Nossa Senhora da Conceição, e as do Poti ao norte de Caxias, que, pessimas umas, e outras grossas e barrentas, tornam aquellas em uma qualidade tal que as fazem epidemicas até á sua foz.

31. Nasce o rio de Balsas e corre mais a oéste parallelo com o Parnahyba, até que fazendo uma grande volta ao nordéste, entra n'este uma legua distante do logar dos Indios de S. Felis, pequena povoação estabelecida na confluencia d'estes dous rios, entre um e outro, e que está nas circumstancias ditas a n.º 19, depois de haver custado tanto a domestical-os por João do Rego e por seu filho Felis do Rego.

32. Algumas noticias que vi em outro roteiro dão este rio fazendo barra em o rio Itapucurú; porém está conhecido que foi engano n'aquelle observador, ou falta de uma mais exacta informação.

33. Sua largura é maior do que a do alto Itapucurú, e é tão consideravel o seu fundo, que ainda no tempo da maior sêcca lhes não tocam em parte as compridas varas dos que manejam as suas embarcações, balsas ou jangadas. Apezar de ter sufficiente largura, é assim mesmo de trabalhosa navegação n'aquellas ditas embarcações. Eu pretendi navegal-o em Setembro do anno de 1815, embarcando-me em uma d'ellas, que mesmo construi no porto de Agua Branca; mas em dous dias e meio de viagem apenas pude correr para baixo até ao da Varginha, em que desembarquei, o curto espaço de doze leguas. Estive tres vezes alagado, passei quarenta cachoeiras, e outras tantas ilhas, de que elle é abundante, mais perigosas do que aquellas pela violencia das correntes nos apertados caminhos, que ellas lhes deixam

embaraçados por muitas arvores, que da terra firme ou das mesmas ilhas se debruçam quasi ao lume da agua.

34. As fazendas que por um e outro lado seu se estabelecem, desde a sua foz até á fazenda do Genipapo, que pertence a José Alves Lisboa, formam suas ribeiras de uma e de outra banda de Balsas, não importantes de plantações, porque as não tem, nem matos proprios para ellas, porém sim pelos bons gados que seus campos criam, os melhores de toda a capitania, e ainda do que todos os das outras confinantes: e os moradores das referidas ribeiras levam por elle ao rio Parnahyba no inverno, ou ainda no principio do verão em quanto a abundancia das aguas commodamente lh'o permittem, aquelles generos de que a elles lhes convém desfazer-se. Todo o resto pela parte de léste é sertão despovoado, e pela do oéste, desde a margem sudoéste do seu confluente rio Macapá até as ultimas povoações entre suas margens, as dos rios Sereno e Manoel Alves Grande, contém o lado sudoéste da ribeira da Lapa, ultima d'esta capitania n'aquelle rumo, ficando ainda deserta uma consideravel parte do terreno depositado entre as nascentes d'estes tres rios. Pela banda de léste recebe o pequeno rio Balsinhas pouco importante, e pela de oéste lhe entram os de Neves, Macapá e Riachão do Coelho, sendo este ultimo de nenhuma attenção.

35. O rio de Neves, cujas povoações por um e outro lado formam a sua ribeira inteiramente habitada, nasce perto das cabeceiras do Miarim, e corre sempre por campos no rumo do sudoéste. É innavegavel, por não ser fundo, e muito curto o espaço por onde se dilata, pois que apenas terá vinte e seis ou vinte e sete leguas. Entra no rio das Balsas, quinze ou dezaseis leguas antes d'este se juntar ao Parnahyba, e o terreno que entre si contém com o de Macapá terá de travessa quando muito doze.

36. O rio de Macapá, ou da Cachoeira, como outros lhe chamam, nasce na fazenda dos Capotes, pertencente a Antonio Francisco dos Reis, e situada a oéste da ribeira de Balsas. Corre tambem para o suéste, como o rio de Neves, seu parallelo, e vai entrar no de Balsas, junto ao porto da fazenda da Testa Branca, quinze leguas ao sul da

barra do dito Neves. É tambem como aquelle, e pela mesma razão innavegavel. Todas as povoações de suas margens e vertentes nordéste fazem para léste parte da ribeira de Balsas, extremando ao noroéste com a do Grajaú; e todas as das margens e vertentes sudoéste fazem o lado nordéste da ribeira da Lapá, que toda se confina para oéste com a ribeira e rio da Farinha. É a sua extensão ainda menor do que a do rio Neves.

37. O rio da Farinha nasce ao noroéste da serra das Covoadas, de cujo lado suéste nasce o Riachão do Coelho, e partindo d'ella como do seu ponto central para os lados oppostos estes dous correntes, vai o Riachão, como já disse, ao rio das Balças, aonde entra doze ou treze leguas ao sul da foz do Macapá; e o da Farinha, que ao presente descrevo, vai perder-se no Tocantins dezoito leguas ao norte da barra que n'este faz o rio Manoel Alves Grande. Todas as povoações situadas nas margens e vertentes d'este rio Farinha fazem a ribeira de seu nome, confinante para o sul com o pequeno deserto de dezaseis ou dezoito leguas de travessa que entre este rio ha de intervallo com aquelle do Tocantins, limites da capitania do Maranhão por aquelle lado: divisa e principio dos immensos desertos da de Goyaz, e confinante para o norte e nordéste com as infinitas povoações da nação Timbira, ainda hoje intrataveis (por falta do verdadeiro methodo de as domesticar), que hostilisam a capitania, e que com differentes nomes n'ella se depositam.

38. O rio Manoel Alves Grande, de que sómente devo tratar por ser a sua margem nordéste uma das linhas limitrophes d'esta capitania, que as suas vertentes lhe tem já povoado em parte, assim como tratarei por esta mesma razão dos rios Tocantins e do Tury, é chamado o Grande para o distinguir de outros menores e do mesmo nome, que ao sul d'este dito Manoel Alves Grande desaguam tambem no Tocantins. Nasce visinho aos rios da Parnahyba e Balsas da serra, e corre para o rumo do noroéste; a sua corrente não é muito violenta. A sua largura, muito maior que a do baixo Itapucurú, e seu fundo dá, de conhecida navegação por agora, doze leguas, desde a fazenda Mirador até a tapéra do Cruzeiro na sua foz: um e outro estabeleci-

mento pertencentes a Elias Ferreira Barros. D'aquelle do Mirador para cima não é ainda examinado.

39. São campos arenosos a maior parte dos terrenos que elle atravessa; porém aquelles que á sua confluencia se lhe avisinham são ornados de sufficientes matos, para que nos mesmos terrenos se estabeleçam plantações consideraveis. N'este rio se não tem feito ainda descobertas de ouro ou pedras preciosas, e o motivo talvez não seja porque elle deixe de ser susceptivel de similhantes artigos, mas sim porque uma parte dos Indios da nação Chavante, que nos montes ao sudoéste d'elle se acham estabelecidos, as não tenham permittido fazer sem manifesto risco dos investigadores que n'essa exploração se occupassem. Os seus ares são saudaveis. Suas aguas saborosas, abundam de peixe, e recebem do nordéste as aguas do rio Sereno, muito pouco importantes.

40. O rio de Tocantins, de que fiz examinar uma grande parte durante o tempo da minha commissão, demorando-me á sua borda mais de tres mezes, tem a sua origem, segundo as noticias que escrupulosamente extrahi de pessôas practicas que muitas vezes viajaram por todo elle, perto de dezoito gráos ao sul do equador, na Lagôa Formosa, conhecida na serra Cordilheira Grande, em uma planicie chamada a chapada dos Veadeiros. Corre do sueste ao noroéste, algumas leguas, pequeno regato, denominando-se rio Maranhão, nome que conserva até Porto Real do Pontal. Entra depois no rio Urubú, o qual já traz comsigo o rio das Almas, e voltando d'ahi ao norte, de cujo rumo jámais se aparta, recebe em si pela sua margem de léste o rio Bagagem.

41. Ao norte d'este corrente lhe entra tambem pela parte de léste o verdadeiro rio do Tocantins, que já alli é navegavel; e de oéste o rio dos Patos, muito pouco importante: segue-se-lhe outra vez da banda de léste e abaixo da barra dos Patos o rio Claro, que já em si traz mettidos os rios S. Felis e Montes Claros.

42. A pouco menos de quarenta leguas ao norte d'aquelle rio Claro recebe o rio dos Bois, o qual já traz tambem comsigo o Paranan, o Praim, Corrente, S. Domingos, Mosquito, Palma,

Sobrado, Conceição e Palmeira, quasi todos elles navegaveis. Entre as barras do rio dos Bois, que lhe vem de léste, e do rio Claro, lhe entram de oéste os rios Crixá pequeno, Amaro Leite e Canna Brava, pouco importantes.

43. Ao norte d'este seu confluente rio dos Bois lhe desagua tambem de oéste o rio Crixá grande, e ao norte da barra d'este lhe entra de léste o rio Manoel Alves Sul, a quem já vem juntos os rios Peixe e Salobro.

Deve notar-se aqui que da altura da Paratinga ou da cachoeira do Jatobá para cima é innavegavel todo o pretendido Tocantins, que inda alli se appellida Maranhão; e o motivo vem das immensas pedras de que todo o seu leito é semeado. Da barra de Manoel Alves Sul para o norte lhe fica a cachoeira do Tropeço poucas leguas distante, abaixo da qual e em linha norte sul dezeseis leguas fica a cachoeira Comprida, proxima á povoação do Porto Real do Pontal, ultimo estabelecimento publico que a capitania de Goyaz tem na extremidade da sua comarca do norte; principiando d'aquelle ponto para baixo os dilatados desertos d'aquella mesma capitania e comarca.

44. Ao norte d'aquella ultima cachoeira vinte e oito leguas, segundo as voltas do rio, está a cachoeira dos Pilões, a qual tem o seu canal a oéste. Dão-lhe este nome pelas cavidades redondas e bem acabadas que o rebôjo das aguas tem trabalhado em suas pedras. Segue-se-lhe uma legua abaixo d'ella a cachoeira dos Mares, aonde é preciso em toda a estação descarregar as embarcações, por mais pequenas que estas sejam; e o motivo é porque, ainda apezar do muito fundo do rio, que n'este logar não espraia, são comtudo as pedras de que ellè é forrado tantas e tão grandes e juntas, que lhes não permittem entre si canaes sufficientes. Pouco distante d'esta cachoeira dos Mares fica para o norte a do Lageado, que tambem tem o canal a oéste e bastantemente tortuoso. Ahi mesmo se despenha sobre o Tocantins o rio Lageado, de quem toma o nome a dita cachoeira. Corre elle por cima de uma serra, precipita-se de consideravel altura, e é tão largo como o rio das Alpercatas. Segue-se a pouca distancia

a Itaipaba de Pedro da Costa, pouco abaixo da qual está a cachoeira dos Dous Funis: o canal do primeiro Funil, vindo do sul, tem sufficiente largura; mas o do segundo não excede á de duas braças, caminho pelo qual toma a maior força das aguas. São formados pela fenda de uma serra, cuja ponta se corta pelo rio e o sepulta como entre paredes de pedras, promovendo-lhe correntes tão furiosas, que n'ellas encontra aquella temeraria navegação um dos seus maiores e mais perigosissimos obstaculos.

45. Vinte leguas ao norte dos Dous Funis desagua da parte de léste no Tocantins o bem nomeado rio do Somno, mais largo do que o rio Manoel Alves Grande, que mais do que corrente parece antes lagôa estagnada; motivo este de que lhe provém tal nome. Faz barra por duas boccas, formando entre ellas uma ilha de areia e pedras cobertas de insignificantes matos. Suas margens são guarnecidas de excellentes terrenos. Traz elle a sua carreira do suéste, e consta que tem minas de ouro, cujas lavras impedem tambem os Indios da nação Chavante, que possuem todo aquelle dilatadissimo espaço. Seguem-se abaixo d'este rio os rios do Somno e Manoel Alves Pequeno, ambos pouco importantes, sem navegação, poucos seus matos centraes e de má qualidade. Faz barrra depois d'estes o rio Manoel Alves Grande, de que já tratei a n.° 38, ao norte do qual e em pouca distancia se acha a pequena povoação de S. Pedro de Alcantara, estabelecida alli pela capitania de Goyaz, e que hoje pertence, pela sua ultima divisão de limites com o Maranhão, a esta capitania. D'este logar aos Funis acima apontados não ha cachoeira alguma; mas tem o Tocantins dilatadas corôas de areia quanto a vista alcança, de que todo elle é abundante, e tambem de ilhas.

46. Dezeseis ou dezoito leguas ao norte da povoação de S. Pedro de Alcantara faz barra o rio da Farinha, de que tambem já tratei a n.° 37, o qual ainda ahi mesmo é pouco importante e sem navegação. Abaixo d'este fica a Itaipaba das Tres Barras, até á qual corre o Tocantins um bom numero de leguas sempre por campos geraes; mas d'alli para baixo lhe ficam por um e outro lado as grandes matas, que se estendem até á costa do mar do Pará. — Esta cachoeira tem o

seu canal a oéste, ficando-lhe na distancia de oito leguas a de Santo Antonio, que é a maior de todo este rio, a mais nomeada e sem canal algum; razão por que n'ella se descarregam e arrastam as embarcações uma grande distancia. Segue-se-lhe a Itaipaba do mesmo nome, e d'esta até a barra do grande rio Araguaia é limpo todo o Tocantins, e sem obstaculo que lhe difficulte a navegação.

47. O grande rio Araguaia, maior em dobro do que já n'estas alturas se mostra o mesmo Tocantins, entra n'este da parte de oéste, e a sua origem vem muito mais do sul do que a origem de seu confluente. Acha-se-lhe uma só cachoeira consideravel, a que chamam de Grandes Barcos, e era navegavel de grandes barcos se não fosse que o desaguar no Tocantins tão encachoeirado, ainda d'elle para baixo e aonde perde o nome, lhe não impedisse essa vantagem, tão consideravel para a capitania de Goyaz, que elle atravessa em toda a sua latitude, ramificando-lhe com seus braços navegaveis uma principal parte do centro, e cortando-lhe pelo meio com o rio Vermelho (um dos seus melhores confluentes) a mesma capital Villa Boa. Por elle era algum dia a principal navegação das pequenas canôas do Pará para aquella dita capitania de Goyaz; porém suas margens, habitadas por nações gentias ainda mais barbaras do que as do Tocantins, especialmente a Carajá e Carajahí, a fez trocar pela actual, apezar dos seus pesadissimos incommodos. Tem o Araguaia muitas ilhas, das quaes é mais memoravel a do Bananal ou Santa Anna, a cuja borda sobem os navegantes cinco dias de viagem. O encontro d'estes dous grandes correntes Tocantins e dito Araguaia é em terrenos tão baixos, que todo o que ha entre elles, proximo a este ponto, fica por muitas leguas submergido nas aguas quando chegam as do inverno.

Posto que em grande distancia um do outro, correm parallelos até a occasião da volta ao centro que faz o Araguaia para se encontrar com o seu confluente, conservando elles entre si, e pelos seus lados, tão dilatados desertos, pertencentes á capitania de Goyaz, que nem em dous ou tres seculos ella os poderá physicamente povoar.

48. Dez leguas ao norte da foz do Araguaia se acha a bocca do

rio das Tacaiúnas, que hoje se divide entre si, Pará e Goyaz. É larga como o Itapucurú, e suas aguas tão socegadas que se lhe não percebe a corrente. Vem de dentro da grande mata geral, que envolve toda a capitania do Pará, e são suas margens habitadas de muitas nações gentias, entre as quaes é mais notavel a dos Amaniús, tão brancos como os Amanajós, ou talvez um ramo seu.

49. A outras dez leguas da foz d'este rio principia o canal do Itauhiri, dizem que com vinte e cinco leguas de carreira até ao poço do Jacundá: dilata-se por entre dous penedos, que só no verão se divisam, e corre tão arrebatado em toda essa distancia que não acham n'elle as embarcações logar commodo em que descansadamente aportem. Perto do poço do Jacundá está a cachoeira da Itabóca: d'esta á do Arapari-Tapéra são algumas leguas de alagado e pedras, por entre as quaes o rio se divide encachoeirado até as primeiras povoações do Pará, denominadas Paranan-mirim, Cachoeira e Bayão. Aqui já se conhece a maré, e influe para essa navegação até a villa de Cametá, vinte e quatro leguas distante d'estes logares.

50. As povoações de mais nome á borda do Tocantins vão demonstradas no mappa junto a este roteiro; porém tem este rio outros braços mais ou menos principaes, de que eu não tenho uma exacta noticia, como tambem outras suas povoações, que não descrevo por essa razão de pouco conhecimento de similhantes pontos, pois que inda estes mesmos de que tenho tratado não foram na maior parte vistos por mim, por falta d'aquelle tempo que me era indispensavel gastar no manejo do principal objecto de que estava encarregado, e por isso toda a descripção que d'elles faço é, como já em outro logar disse, emanada das indagações a que procedi. Suas distancias de uns a outros pontos não serão talvez bem reguladas pelo compasso, attendendo a que as immensas voltas do rio, cujas era impossivel figurar taes e quaes em tão pequeno papel, não permittem o desenho por outra fórma mais intelligivel; assim como os meus muito limitados conhecimentos lhes não consentem em qualquer das suas proporções a menor sombra de perfeição: contentando-me, pela parte que me toca na satisfação d'esta pequena obra, com a reflexão de que, em compa-

ração das luzes que me faltavam para poder entrar n'ella, não deixei de fazer muito n'esse mesmo pouco que fiz.

51. As nações que habitam as suas vertentes são, bem entendido aquellas de que tenho mais inteira noticia, Abarajá, Carajahí, Jacundá, Amaniú, Mondurucú, Apinagé, Norocoagé, Sacamecran, Pexetí, Angetgé, Cherente, Chavante, Pepuxí, Tapirapé, Tocamedú, e Caraús ou Macamecrans; todas barbaras, intrataveis, e das quaes apenas os Caraús tem um pouco mais domestico conhecimento nosso desde o anno de 1809: comtudo, os que mais hostilisam os navegantes do Araguaia são os Carajás, e aos do Tocantins os Apinagés, desde a cachoeira de Santo Antonio até a barra do dito Araguaia; e da barra de Manoel Alves Grande até Porto Real do Pontal os Cherentes e Chavantes. Já em outro tempo os Carajás e Apinagés estiveram mais pacificos, até iam trocar os seus generos com os da capital do Pará; violencias porém que cruel e injustamente lhes foram feitas nas suas passagens pelas guarnições dos presidios de S. João das Duas Barras e de Santa Maria de Araguaia, os tornaram irreconciliaveis inimigos nossos, e fizeram com que este ultimo presidio fosse ha muito pouco tempo triste victima do seu resentimento.

52. A immensidade das aguas que o Tocantins recebe, como se vê, dos muitos rios conhecidos pela descripção acima, além de outros de que se não faz menção, e o seu fundo tal que nos logares limpos lhes não chegam as varas das embarcações que o navegam, não faz com que elle seja navegavel para mais do que para pequenos botes, cuja pequena importancia dos lucros da carga não contrabalança o trabalho e despeza da viagem, e eis aqui o motivo da sua pouca frequentação.

Está visto como em quasi todas as cachoeiras que tenho notado essas mesmas pequenas embarcações não sobem ou descem, seja qualquer que fôr a estação do tempo, sem alliviar da carga, que em partes é preciso transportar por terra setecentas ou mais braças sobre as costas da equipagem, com evidente risco de se verem colhidos pelos barbaros, que de ordinario esperam os viajantes n'estas infalliveis passagens, e tem muitas vezes feito sobre elles os ultimos estragos.

53. Assim o Tocantins como o Araguaia são muito abundantes

de peixes e de caça; tanto assim que o estylo é practica dos navegantes é metter no Pará, para viveres da viagem, sal, farinha de páo, aguardente de canna, polvora, chumbo, e anzóes de pescar os peixes, porque tudo o mais que lhes é necessario para sustentar-se em tão longa viagem, que chega a seis mezes indo á Villa Boa pelo Araguaia, e a tres ou quatro indo ao Porto Real do Pontal pelo Tocantins, lhes fornece qualquer d'estes dous rios, especialmente o primeiro. Os generos que por elle se navegam ás minas desde o porto do Pará constam de sal, importantissimo artigo, poucos pannos, e liquidos da Europa; retornando d'ellas na volta para o mesmo porto algum panno grosso tecido de algodão, couramas de boi, solas, legumes e tabaco de fumo: por cujo trafico se póde conhecer que os negociantes mettidos n'esta negociação tão pequena nunca passam de gente pobre, que se vê obrigada a lançar mão de tão duvidoso e arriscado recurso para poder sustentar-se: o que assaz se prova pela sua mesma escassissima concurrencia n'aquella navegação, pois em cada um anno apenas se notaráõ cinco ou seis pequeninas embarcações que a passam. Ao menos eu, durante o tempo de mais de tres mezes que assisti na beira de léste do Tocantins, nunca lhe notei uma só. É de suppôr que qualquer d'estes rios guarde em si, ou em seus terrenos centraes ainda desconhecidos, riquezas e preciosidades grandes; mas não será ainda tão cedo o tempo em que se possam fazer para essas descobertas as investigações necessarias: o que, se presentemente succedesse, não seria pequeno soccorro para a capitania de Goyaz, a qual está hoje tão pobrissima de minas de ouro, que não tem em que trabalhar os seus habitantes, além da cultura dos legumes para sustentar-se, e nem ella com que possa pagar aos seus mesmos empregados.

54. A mesma razão que moveu a tratar tão largamente d'este rio, do da Parnahyba e Manoel Alves Grande, com divisas ou marcas entre as quaes se deposita a capitania do Maranhão, me obrigaria tambem a fallar extensamente do rio do Tury, limitrophe entre ella com o Pará, se d'este eu tivesse uma noticia tão circumstanciada como as que tenho adquirido d'aquelles que acima apontei; mas como não succede assim, pois que nem das suas nascentes ouvi fallar nos

sertões por onde transitei, talvez por muito entranhadas no terreno possuido pelas nações gentias, nada mais poderei fazer do que repetir d'elle aquillo mesmo que já todos sabem da pequena parte que se lhe conhece. — É pouco importante na sua barra com o mar, e tido por agora como divisa entre Maranhão e Pará em toda a extensão que tiver de corrente, ficando o terreno que restar entre suas cabeceiras e o Tocantins por demarcar-se, em quanto o decurso dos tempos não o fizer mais conhecido e tratavel, ou indispensavel o augmento da futura população de entre ambas as capitanias.

55. Notam-se, além dos principaes rios que acima apontei nascidos em o alto territorio d'esta mesma capitania, alguns outros que trazem d'ella mesma as suas nascentes em os seus baixos terrenos mais proximos ao mar, como sejam: o Magú, que desemboca quasi na foz do Parnahyba, o Munim, o rio Preto, o Mocambo e o Iguará, que todos tres se mettem no mesmo Munim, aonde tambem entra o Pinaré ou o rio de Vianna, e outros muitos riachos e córregos d'agua, de que toda a referida capitania é abundantissima, como do seu mappa do interior se observará; porém como não são de maior circumstancia as suas proporções além do Pinaré, cuja navegação todos conhecem, nem a falta da sua analyse faz muito ao caso das minhas observações, me não occupo eu em os descrever miudamente, porque seria fazer mais fastidiosas, sem necessidade, estas noticias.

56. As nações gentias estabelecidas dentro dos limites da capitania do Maranhão, objecto seu que não merece pequena consideração, são infinitas, e todas estabelecidas pelo lado de oéste da sua latitude, para onde se recolheram acossadas dos descobridores e povoadores dos sertões da Bahia, Piauhy, Pernambuco, Minas Geraes, Goyaz e Pará; logares em que antigamente muitas d'ellas se julgavam a coberto da nossa perseguição, fazendo desde esta sua emigração dos matos d'esta mesma capitania do Maranhão, e dos seus ainda não penetrados desertos, uma segura guarida, que ainda hoje em dia nos esconde o seu maior numero, sendo-nos apenas mais conhecidas aquellas que bordam a extrema das nossas fronteiras no dito lado de oéste, e que entre si, por limites que defendem, se confinam pela fórma seguinte:

um ramo da nação Gamella occupa nas visinhanças da villa de Vianna proximas á beira mar as vertentes de todo o rio Pinaré, que está conhecido em linha fronteira aos nossos povoados na sua extremidade norte, fazendo sempre nas povoações alli situadas as hostilidades que póde: já esteve em outros tempos communicavel como agora, mas nunca totalmente reduzida. Sustentam-se das poucas lavouras que trabalham, das caças e dos fructos silvestres, além dos muitos peixes que apanham no mesmo rio ou nos lagos proprios d'aquelles terrenos, os quaes são em tanto numero, que sómente os que são por nós conhecidos chegam a quatorze, e entre estes alguns bem consideraveis, como sejam: o de Vianna, onde entram canôas grandes; o do Aquiri, o do Acará, o de Cajaré, Maracassumé e outros.

57. Seguem-se-lhe os Timbiras do baixo Miarim, que discorrem por todo aquelle terreno que ha entre este rio e o baixo Grajaú, sem que em tempo algum se deixassem communicar. No anno de 1811 trilhei eu mesmo as suas estradas, e fui muito perto das suas povoações, que não cheguei a ver; consta-me porém que são poderosas. Algumas vezes as lavouras do Itapucurú padecem males consideraveis nas suas correrias. Chegam até Catanhede, muito perto d'esta cidade, o que não deixa de ter sido em grave prejuizo dos seus proprietarios.

58. Com estes extremam os Gamellas do Codó, que, divididos em duas grandes povoações, hostilisam tambem todo o Itapucurú até Catanhede, estendendo-se ainda mais sobre os estabelecimentos da villa de Caxias, que repetidas vezes tem assolado. Fica aquelle logar de Catanhede cinco ou seis leguas ao suéste do logar capital do Itapucurú Mirim. Esta referida nação Gamella do Codó tem sido varias vezes atacada dentro dos seus mesmos lares, porém com tão mal delineadas disposições que sempre se tem defendido e zombado dos seus invasores, os quaes, pelo seu methodo máo de fazer esta guerra, pelas tropas improprias que n'ella empregam, com officiaes inexpertos ou inteiramente ignorantes n'aquelle particular, que mais [illegible] de machiavelismo suave do que de um furor declarado sem especie alguma de brandura com elle misturada, e tambem porque nunca tem sido bem municiados, em fórma que lhes não faltem em poucos dias todos os soccorros de bocca e de defesa, defeitos quasi nunca

dispensados, especialmente hoje, em todas as expedições d'esta natureza que por aqui tenho observado sobre estes ou sobre outros Indios, e em algumas das quaes tambem me tenho achado por não ter outro remedio, não os tem até agora reduzido, mas antes exasperado e enfurecido cada vez mais.

59. Ficam ao sul d'estas povoações Gamellas as dos Timbiras denominados os Mateiros por viverem dentro d'aquellas matas a oéste do Itapucurú, entre as tropas de S. Zacharias e o já desfeito arraial do Principe Regente. Estão situados em duas aldêas junto áquella grande lagôa que contém as unicas aguas estaveis d'aquelles aridos terrenos, denominando-se uma d'ellas a da Alagôa, e a outra a do Pintado. Hostilisam estes Indios desde os primeiros tempos da povoação de Pastos Bons toda a estrada que sobe da villa de Caxias pelo riacho Serra até ao logar capital d'aquelle districto, porque como esta corre a sudoéste parallela com o mesmo Itapucurú, que lhe fica de dez a doze leguas distante, deixando entre si e o mesmo rio todo este espaço deserto, que contém as pontas da Mata Grande ditas ao n.° 10, entregues estas distancias á discrição d'estes barbaros, e sahindo elles dos domicilios em que vivem, as atravessam, e se dispersam em escoltas numerosas para atacarem não só aos viajantes, que sempre d'elles se receiam n'estas passagens, mas muito principalmente as povoações da mesma estrada; sendo por essa razão que eu encontrei n'este caminho despovoadas algumas. Naturalmente cruel ainda mais do que quaesquer de seus compatriotas, nunca até ha pouco tempo quiz ouvir proposições de paz, como vaticinando talvez o que tinha de succeder-lhe em Junho ou Julho de 1815, que sendo encontrados por um sufficiente numero da nossa gente dirigida debaixo das ordens da villa de Caxias, e auxiliada por outros Indios, tendo-se elles feito inaccessiveis nas suas montanhas, sem esperança alguma de se deixarem reduzir por força, ouviram pela vez primeira, em nome d'El-Rei nosso senhor, as nossas protestações de amizade e os promettimentos de um bom agasalho para as suas familias, de ferramentas para as suas culturas, de serem honrados e tidos como homens livres por uma igual sociedade entre nós, e finalmente de

uma inviolavel alliança, ainda mesmo contra os outros Indios comarcãos que fossem seus perseguidores: á vista de cujos protestos desceram d'ellas uma boa parte d'elles, com os braços abertos e desarmados, a receber dos seus novos pretendidos amigos aquellas tão retiradamente promettidas vantagens, que o seu soberano, já reconhecido por elles, e debaixo de cuja real protecção se consideravam desde aquelle momento, lhes facultava pela voz dos seus emissarios nas suas repetidas cartas regias promulgadas a favor da reducção de todos os seus vassallos Indios do Brazil. Mas, oh maldade! de todas as maldades a mais execravel! Quão differente não foi d'este acolhimento protestado aquelle acolhimento por elles encontrado nos ferros que immediata e traidoramente se lhes lançaram! nas vidas que ainda a sangue frio se lhes tiraram sem causa! na partilha que dos seus filhos, das suas familias e d'elles proprios se fez em tom de escravos perpetuos, chegando a serem vendidos ou arrematados em hasta publica na mesma villa de Caxias! elevados aos escaroçadores dos algodões d'aquelles fazendeiros do districto, aonde, amarrados como galés ao banco e ao remo, foram asperamente seus corpos fustigados para adiantar as tarefas do serviço que se lhes consignava, padecendo no em tanto insupportaveis fomes! Foi, em uma palavra, este o passo em que os escandalisados Indios acabaram de conhecer o quanto lhes não convinha a nossa alliança, e em o qual talvez elles nos esperavam para lançar-nos em rosto, como lançaram, o extravagante da nossa hospitalidade, dizendo talvez entre si o resto que se salvou, que foi a maior parte: « Eis alli os homens illustrados mais do que nós, que se propunham a dar-nos lições de civilisação e de humanidade! Eis alli o seu modo de pensar, a sua boa fé, a sua moral! E chamam-nos a nós barbaros selvagens. » Com effeito, nada mais houve que os seduzisse desde então a cahir segunda vez nas cadêas, por mais diligencias que para esse fim se lhe tem feito; pois nos juraram para sempre um irreconciliavel odio, levado tanto ao infinito que assassinavam qualquer dos seus parentes que escapando dos nossos ferros tornavam aos seus logares: não os queriam mais consentir ao pé de si para que lhe não contaminassem, diziam elles,

a pureza da sua nação com a perfidia contagiosa, de que estes, por haverem vivido esses mesmos poucos dias entre nós, deviam infallivelmente ir empestados: procedimento este que fez com que d'alli em diante aquelles que fugiram fossem abrigar-se á outra nação visinha denominada Ponecra. Tudo o que acabo de dizer é um facto, cuja verdade abono com o testemunho publico de toda a capitania por aquelle lado, e em o qual eu tive toda a occasião de entrar pelas conferencias que ao depois n'esta minha viagem se me offereceram com alguns Indios dos seus confinantes, ou ainda com os proprios soldados d'aquella cruel expedição. Ora bem se vê claramente por este acontecimento assim relatado, que se n'esta opportuna occasião, muito raras vezes apparecida, tivesse havido uma regular conducta n'aquella escolta que os encontrou, não se deixando ella allucinar, como deixou, pelos impulsos de uma assaz culpavel ambição, trahindo a boa fé que á confiança d'aquelles homens se devia, e na qual tinham elles fundado a sua innocente credulidade para se nos entregarem amigavelmente, como esperando melhor resultado da nossa conducta; certamente se teriam reduzido estes e outros muitos a seu exemplo, e se teria já completado a grande obra da pacificação do resto do Itapucurú, tão desejada quão vantajosos são os interesses que ella promette a esta capitania do Maranhão, a qual tão longe ficou ainda de possuir tamanho bem, commum a todos os seus habitantes!

60. A estes Timbiras Mateiros se seguem os Timbiras da nação Capiecran, a que os habitantes de Pastos Bons denominam Cannelas finas, não sei com que motivo. Estavam elles situados nos primeiros campos norte da capitania, tendo nas extremas d'estes com aquelles Indios finalisado a latitude das suas matas. Implacaveis inimigos entre si estas duas nações por causa dos fructos e das caças silvestres, unico precioso que as move, e batida esta pela Timbira Mateira, veio refugiar-se entre nós junto á fazenda Buritizinho, que pertence a Antonio Martins Jorge, não tanto por natural inclinação que nos tivessem, quanto para com o nosso auxilio se vingar, como se vingou, da sua inimiga n'aquella expedição de Junho ou Julho de 1815 acima apontada, pois que estes foram os Indios que a auxi-

liaram, movidos dos seus proprios fins. Apezar d'isso mesmo não foram elles finalmente mais felizes do que aquelles; porque, deixados em abandono quanto ao modo da sua civilisação, se dispersaram em magotes entre os nossos estabelecimentos, e perpetraram sobre os habitantes de todo o districto enormissimas extorsões, furtando-lhe immensidade de gados, matando-lhe as pequenas crias, e devorando as roças de mantimentos com tão decisiva destruição, que exasperados muitos dos referidos habitantes largaram as suas propriedades e fugiram da capitania; mas aquillo mesmo porque se não advertiu uma só vez áquelles Indios (não ainda policiados) pela pessôa a quem competia — de que aquellas maldades não eram permittidas entre a sociedade dos homens — e antes como que os animaram para as continuar. Este seu procedimento, que precisava ser providenciado de uma maneira reprehendedora antes de entrar com elles em uma declaração pelas armas, afim de evitar a sua total ruina, ou que tornassem a fugir para os matos, de d'onde a seu salvo podiam melhor continuar a ser fataes á capitania, se pretendeu remediar de um modo o peior de todos, que foi chamal-os imprudentemente na maior parte a Caxias (então incendiada com o contagio das bexigas) enganados como para companheiros de uma guerra, que se phantasiou premeditar sobre outros Indios, á qual elles acudiram promptamente, prezando-se de fieis alliados; e alli, sem se lhes applicar o sustento preciso á sua multidão, se lhe fez conhecer um terrivel estado de sujeição formal, prendendo-os em troncos, dando-lhes pancadas ou em suas mulheres, como succedeu na do seu principal chamado Tempé, e tirando até a vida a alguns: violencias pelas quaes protestando, e pela traição que se lhes fazia, fugiram para se pôr em salvo, mas foi já tarde, porque a desgraça ia entre elles na epidemia das bexigas que levavam, e a qual elles acreditaram que muito de proposito se lhes tinha introduzido, chamando-os áquelle logar em tão critica occasião. Assim mesmo consternados, fugitivos e sem defensa, foram mandados atacar em sua retirada nas visinhanças do logar de S. José, ficando por aquelles campos mortos bastantes, que ao depois serviram de pasto ás feras e aos urubús. O mal que comsigo levaram não lhes foi só a elles fatal,

porque totalmente se communicou a todas as mais povoações selvagens da capitania, e mesmo ás nossas, que n'aquellas distancias nunca o haviam provado desde os primeiros tempos dos seus estabelecimentos; e principalmente entre os Indios causou tão horrorosos estragos, e foi tão longe, que já em Outubro de 1817 os seus resultados laboravam n'aquelles que vivem em os desertos além do Tocantins, segundo as noticias que tivemos vindas do logar de S. Pedro de Alcantara, em cujas visinhanças appareceram sete Indios Apinagés feridos do sobredito contagio. Não será facil de fazer uma idéa segura de quantas mil almas n'elle terão perecido, uma vez que se sabe o extravagante methodo por que estes homens brutaes haviam pretendido curar-se — que era deitando-se aos rios para refrescar-se apenas sentiam o calor das febres, ou tirando-se logo as vidas áquelles que appareciam com mais claro symptoma de similhante molestia. Eis aqui pois no que parou a reducção dos chamados Cannelas finas, que talvez alguma bulha faria na côrte, e que algumas pequenas sommas custou á real fazenda de El-Rei nosso senhor, não tantas quantas eram precisas para que a elles se lhes preparasse um destino mais feliz, e poupasse aos habitantes da capitania os desgostos que a deploravel necessidade d'aquelles lhes fez supportar. Ainda que bem entendido está que sem o methodo da séria administração que se lhe devia applicar, e que se lhe não applicou a tempo competente, eram desgraçadamente inuteis os maiores esforços que a real fazenda fizesse, tanto quanto o foram esses pequenos esforços que ella tinha feito em outras occasiões.

61. Seguem-se a estes Capiecrans os Cupinharós ou Timbiras Purecamecrans, divididos tambem em duas aldêas, das quaes foi uma d'ellas reduzida á paz no dia 30 de Maio de 1815 por Antonio Moreira da Silva, nas margens do Tocantins, aonde eu n'aquella occasião me achava, e fui presente a este contracto de alliança, que consistiu por parte d'elles em se nos apresentarem formados em duas columnas differentes homens e mulheres (não traziam os filhos) desarmados, com ramos de qualquer arbusto nas mãos, e puxados pelo seu principal denominado Cacrite, homem de mediana estatura,

com cincoenta annos de idade, ao que mostrava, e de uma conducta que não era a de um barbaro. Fizeram as suas danças, e abraçando-nos com muito agrado, foram agasalhar-se a duzentos passos da nossa vivenda em um campo descoberto, em que estiveram todo aquelle dia ao sol muito satisfeitos e contentes, apezar de não haver que se lhes dar ao menos a jantar com fartura. Dançaram toda aquella noite, e repetindo no dia seguinte a mesma assistencia, se foram antes de pôr-se o sol, porque temeram morrer de fome se o não fizessem assim. Comtudo, a amizade ficou valiosa e firme, como sempre ao depois em muitas oocasiões o mostraram; mas ficaram, quanto á conducta, como todos os outros, sem especie alguma de civilisação, que os tornasse uteis a si mesmos e ao Estado.

62. Com os Purecamecrans extremam os Timbiras Piocobgés, aquelles indomaveis destruidores do porto da Chapada no Grajaú. Com estes se confinam os Canaqtegés, hoje a maior parte dispersos pela injusta guerra que se lhes fez em 1814, tendo elles antes pedido a paz, que se lhes negou com interesse de os escravisar e os vender na capitania do Pará, como com effeito foram alli muitos vendidos! successo igual ao que tiveram n'esse mesmo tempo os infelizes Norocoagés, nação estabelecida a oéste do Tocantins.

63. Aos Canaqtegés se seguiram os Timbiras Caraús, ou um ramo dos Pepuxís, a quem certo homem (que assaz muito conhecemos), não sei por que causa, chamou Maquemecrans na sua apocrypha memoria offerecida ao governador e capitão general de Goyaz, em 3 de Janeiro de 1813, sobre a pretendida reducção d'estes Indios, que sem causa alguma legitima elle pretendeu attribuir a si, quando todos sabem dever-se similhante vantagem (se é que como tal póde chamar-se, vivendo elles, como ainda hoje vivem, errantes, sem especie alguma de educação policiada) a Manoel José da Assumpção, fazendeiro da ribeira de Balsas, que por força de armas os obrigou em 1809 a sustar as suas frequentes correrias sobre aquellas nossas ribeiras, e para cuja expedição eu mesmo, que com alguma tropa regular guarnecia e governava o districto pela terceira vez n'esse tempo, lhe fiz apromptar os necessarios aprestos e dei as ordens precisas. Habitam elles todos os campos que se acham entre a ribeira

da Farinha e a povoação de S. Pedro de Alcantara, desde a foz do rio d'aquelle nome até á do rio Manoel Alves Grande, e divididos em tres grandes aldêas ou povoações, são os mais poderosos de todos os que até aqui vão notados, e temidos de todos os outros Indios seus visinhos. Depois d'aquella sua reducção, a bem dizer sómente no nome, se nos tem conservado fieis, e são os primeiros a denunciar qualquer das outras nações que fomenta a conjuração contra nós: em nossa defesa tem elles apparecido muitas vezes, serviços de que assaz se pagam fazendo nos gados das nossas ribeiras de Lapa, Balsas e Farinha, todos os roubos que podem, e tambem nas lavouras de mantimentos, o que põe muitas vezes os habitantes nas circumstancias de romper com elles, apezar da sua justificação de innoceutes, pois que todas estas ladroeiras fazem o mais escondido que lhes é possivel, e se desculpam com os outros Timbiras confinantes. A lembrança porém dos pesadissimos males que em outro tempo a sua guerra fez sentir áquellas ribeiras, que em consequencia d'ellas despovoaram propriedades inteiras, perdendo a vida muitos dos seus habitantes, faz com que muitas vezes se tenha com elles dissimulado.

64. Ao norte d'estes e a oéste das mais nações que nomeei se depositam outras muitas de que ignoro o nome e a importancia physica, e apenas, pelas noticias que extrahi dos differentes Indios aprisionados no Tocantins, ou em outros logares em que me achei, me decido a calcular-lhe a população, só n'esta parte da capitania do Maranhão entre ella e o mesmo Tocantins, n'aquella toda a sua muito importante parte deserta que no mappa se lhe vê dentro das grandes linhas amarellas apontadas a n.º 1, em mais de noventa ou cem mil almas. Se felizmente fossem sempre executadas como deviam ser as ordens e decretos de Sua Magestade Fidelissima sobre estes e sobre outros importantissimos objectos, estou bem persuadido, pelo que diz respeito a esta gente, que nada haveria mais facil do que ganhar para o Estado tão soffrivel numero de vassallos: não era preciso mais do que obrar com elles de boa fé, e saber prudentemente applical-os com utilidade particular sua, porque d'essa resultariam depois as utilidades do publico.

(B) A freguezia ou logar de Nossa Senhora do Rosario, muito antigo, segundo consta por tradição dos seus moradores, está situado na margem oéste do rio Itapucurú, e é o primeiro logar publico da sua borda, quasi duas leguas acima da sua foz. Terá de frente para o dito rio mais de quatrocentas braças, e de circumferencia, pouco mais ou menos, tres mil, inclusivè as casas dispersas em torno do maior e mais junto corpo do logar. Seus fogos não chegam a trezentos, e são terreos quasi em geral os seus edificios fabricados de taipa e cobertos de telha a maior parte, porém em muito má ordem de arrumação, e damnificados. Pobres os seus habitantes e sem industria alguma, apenas vivem do peixe que pescam, não do rio, que cria em si muito pouco, porém do mar, de que elles estão perto: tudo o mais que além d'este artigo precisam para viver lhes vem por agua da cidade de S. Luiz do Maranhão, vinte leguas distante; até a mesma farinha de páo, que podiam lavrar com abundancia, se um tanto inimigos não fossem do trabalho.

2. Não tem estes mesmos habitantes commercio algum, e só poucas vendas de aguardente de canna, louça de barro vermelho fabricada alli perto na olaria chamado do Carmo, e tabaco de fumo, são apenas toda a labutação dos seus negocios.

3. E capital da freguezia do mesmo nome, a qual occupa de um e outro lado, quanto ao comprimento ou latitude, segundo pelo mappa se vê dentro das linhas amarellas e a n.° 10, o espaço que no mesmo rio ha até a fazenda da Barriguda, junto ao logar de Itapucurú Mirim, que d'este distará talvez dez leguas; e quanto pela parte de oéste, occupa a largura de todo o terreno que ha entre o mesmo rio e o do Miarim, até se limitar com o da freguezia de Nossa Senhora da Victoria, do qual se mostra parte a n.° 14. Pela de léste se estende ate a do Icatú ou Munim o n.° 13 do mesmo mappa.

4. Juntam-se n'elle pelas principaes festas annuaes a maior parte dos lavradores do districto, quando em taes occasiões se não acham nas suas casas da cidade do Maranhão, aonde de ordinario passam uma boa parte do anno. O resto do tempo é este logar insipido e triste, apezar da continua escala que n'elle fazem todas as embar-

cações que navegam este rio, ou seja para cima ou para baixo, especialmente as que vão ou vem da villa de Caxias.

5. Fica na altura do polo sul 3 gráos e 15 minutos, e a oéste do Maranhão quasi um gráo, segundo as observações a que alli mandei proceder por Antonio do Couto, piloto d'esta minha mesma commissão, e em cujos conhecimentos n'essa parte sempre me louvei, como mais proprios da sua profissão do que da minha, e para cujo fim foi elle assalariado pela real fazenda d'esta capitania.

(C) Itapucurú Mirim, segundo logar notavel d'este mesmo rio, é fundado na sua margem léste. Está 3 gráos e 45 minutos na latitude sul, e na longitude pouco mais de 30 minutos a oéste do que o porto do Maranhão. Tem pouco mais ou menos trezentos e vinte fogos.

2. São terreos os seus edificios, feitos de madeira e barro, cobertos de telhas alguns, e os mais cobertos de palha de palmeira, a que chamam pindova. As ruas não são bem reguladas, porém em melhor arrumação do que as do logar do Rosario, e tem unicamente uma capella ainda não bem acabada.

3. São Europeos pela maior parte os seus habitantes estabelecidos alli com lojas de fazendas seccas ou molhadas: todo o resto é gente pobre, e vive miseravelmente. Não tem especie alguma de lavoura, ainda mesmo entre os ultimos, para manter-se, assim por natural indolencia sua, como porque a natureza esteril d'aquelle pedaço de terreno arenoso a ella não os convida. Vivem como os da freguezia do Rosario de tudo que lhe vem do Maranhão, trinta leguas distante, á excepção do artigo carnes verdes, ou ainda seccas, durante o tempo em que descem os gados dos sertões da capitania.

4. N'este logar se ajuntam todos os annos, desde Janeiro até Julho, as boiadas que d'esta capitania e da do Piauhy vem a vender-se em feira aos contractadores do talho publico da capital, ou aos lavradores do Itapucurú, que para o sustento das suas escravaturas compram a maior parte.

5. A causa porque é de muito commercio provém da feira acima dita, em cuja occasião e sempre succede deixarem os boiadeiros

(nome que elles dão aos que conduzem o gado) o producto dos seus bois trocados em fazendas, que d'alli levam para gasto das suas familias, ou para tornar a vender por outros bois, que ao depois tambem alli conduzem. Exporta muito algodão para a sua capital, e o recebe dos lavradores do centro e dos da beira-rio em retorno dos generos que lhes fornecem para seu arranjo e maneio.

6. É o ponto principal da freguezia do mesmo nome, a qual se extrema para o norte na fazenda da Barriguda com a freguezia do Rosario, e para o sul na Cachoeira Grande com a da villa de Caxias. Tambem se extrema ao centro pela parte de léste com a Iguará ou Mirim, districto aquelle pelo qual é a estrada por terra para a dita villa de Caxias, e pela parte de oéste se estende até aos primeiros despovoados das vertentes do rio Miarim, como em o seu logar competente se vê do referido mappa incluso, descripto a n.° 11 e debaixo das suas respectivas marcas.

(D) A villa de Caxias novamente creada, e que antes se denominava Julgado de S. José d'Aldêas Altas, é a mais notavel de todo o rio, e ainda mais commerciavel de toda a sua capitania. Está situada na latitude de cinco gráos ao sul da linha, e pouco mais de um a léste na longitude do que a cidade do Maranhão. Será de oitocentos fogos para cima, e são terreos a maior parte dos seus edificios, cobertos uma grande parte de telha e o resto coberto de palha, construidos de madeira ou taipa: unicamente o que pertence a Bernardo Antonio se estende a um primeiro andar. As ruas são mal arrumadas. O terreno é de arêa solta e incapaz de produzir com vantagem.

2. Terá de comprimento ou frente para o rio, segundo a minha estimativa, até duas mil braças, inclusivè da parte do sul a vivenda do Cangalheiro, e da do norte o riacho de S. José. O seu clima é bastantemente calido. Tem alguns poços particulares de uma agua na maior parte salobra, e é muito boa a de S. José; mas quasi todos os habitantes bebem as do rio, em quanto as que elle recebe dos montes pelo inverno lh'as não tornam pessimas e doentias.

3. Como em Itapucurú Mirim é europea a maior parte da gente

que alli mora, e vive quasi toda do commercio, á excepção dos naturaes, que são pela maior parte tambem estabelecidos no trafico da lavoura, já n'aquellas alturas muito consideravel; ha porém dentro da villa ou nos seus arrabaldes grande numero de gente pobre, que vive miseravelmente.

4. A carestia ou falta de viveres, á excepção das carnes verdes em certo tempo, não deixa de ser ás vezes bem consideravel n'este local. De ordinario a plantação dos legumes e de outras cousas necessarias á vida é preterida pela do algodão em quasi todo ou em todo o Itapucurú povoado; e na maior parte os seus lavradores não deixam de comprar em outros logares assaz distantes esses generos para o seu sustento. Eis aqui de donde vem o principal motivo de uma miseria indubitavel; porque quando a subsistencia, circumstancia que a lavoura deve olhar como da primeira necessidade, falta primeiro áquelles que a deveriam ter promovido para outros, a fome geral da pobreza é um resultado infallivel.

5. Antes de ser creada villa, já o seu terreno abrangia um consideravel terreno, contido debaixo das vistas de uma só administração temporal e espiritual, que trabalhosamente uma e outra, especialmente a primeira, a podiam manejar. Hoje porém que com a sua nova creação, annexando-se-lhe termos de S. Bernado e Pastos Bons, mais espaçosos qualquer d'elles do que o antigo da mesma villa, especialmente o de Pastos Bons, e comprehendendo todos tres reunidos sómente em um o circuito de mais de quinhentas ou seiscentas leguas (como melhor se póde ajuizar do mappa incluso n'aquelle espaço que ha desde o logar notado de S. Bernardo, na beira do rio Parnahyba, algumas leguas acima da foz do rio Longá, quasi á beira mar, e de todo o terreno a n.° 12 para o sul, sudoéste e oéste, até chegar á beira do rio Tocantins), não ficou melhor com este appenso da sua creação, e antes peiorou, porque supprimidas n'aquelles ditos termos de S. Bernardo e de Pastos Bons as varas competentes que lá julgavam, e tendo de transitar seus habitantes cento e cincoenta ou duzentas leguas para liquidar em Caxias, unica vara branca, as pretenções do seu direito, se tornou ella por isso e por outras consequencias da

mesma natureza não só a si muito mais pesadissima do que antes era, porém tambem muito mais desgraçados todos os povos d'aquelles sertões, que por falta de providencias promptas em as suas occurrencias se fazem a si mesmos a justiça que entendem lhes convém, ou gradualmente aquella com que suas forças podem, e gemem por isso opprimidos com o peso da mais horrorosa anarchia. Eu mesmo fui muitas vezes, por occasião da minha presente viagem, uma testemunha ocular d'esta lamentavel desgraça.

6. É a villa de Caxias uma continuada feira, onde de muito distante os povos dos sertões confinantes trazem á venda os seus effeitos, que constam de algodões, solas, couros de veado e cabra, tabacos de fumo, gados, escravaturas da Bahia, cavallarias e tropas de machos, a que chamam burradas, levando em troco toda a qualidade de generos da Europa. Assim por isso, como por ser uma escala dos viajantes do Maranhão e Pará por terra para quasi toda a America Portugueza ou ainda Hespanhola, é n'ella consideravel a concurrencia da muita gente e de muito commercio, em comparação da insignificante importancia do seu local.

(E) Deram motivo no anno de 1807 ao estabelecimento do arraial do Principe Regente, no logar em que o rio Itapucurú com o Alpercatas se encontram, as repetidas invasões que as nações barbaras ditas a n.° 18 e 59 da nota (A) faziam nas fazendas de gados estabelecidas na alta ribeira do Itapucurá ou Pastos Bons, e o interesse que tambem parecia resultar-se de se povoar e navegar o resto do dito rio: circumstancias estas que certamente juntas e ao mesmo tempo se promoveriam, pois que os Indios não inquietaram mais por aquella parte o interior do paiz, e a navegação principiou a frequentar-se com utilidade dos moradores do centro, que alli commodamente se forneciam dos generos que por terra até então conduziam de Caxias: ao mesmo tempo que tambem aquellas fazendas, que já notámos destruidas, davam passos para se restabelecer, como com effeito ainda se restabeleceram algumas.

2. As feitorias de escravatura principiavam a subir dos districtos

de Caxias, e a formar-se ao meio deserto do rio nas suas margens de léste, chamadas Castanhas e barra do Corrente: seus proprietarios Zacharias Fernandes, Francisco Fernandes e outros, deram principio a uma estrada beira rio, que se encaminhava da referida Caxias áquelle novo arraial, e que chegou ainda ás novas feitorias.

3. A população, que já com cincoenta fogos era soffrivel principio para um estabelecimento a bem dizer particular, porque para o organisar não entraram fundos publicos, nem da real fazenda, estava situada dezeseis leguas ao noroéste do logar capital de Pastos Bons, a quem mesmo n'aquelle pouco tempo que durou foi assaz vantajoso; e assim aos sertões de Balsas, aos dos rios Parnahyba e Neves do mesmo districto, e ainda aos sertões da capitania de Piauhy, pelo barato preço por que n'aquelle logar compravam o sal e mais generos vindos por agua da cidade do Maranhão, e a que esse commodo transporte tinha notavelmente modificado o custo.

4. Os mesmos povos que por lhes faltarem os meios de exportar algodões os não lavravam até então, se dispozeram a agricultural-os, convidados por aquella commodidade; e de uma similhante vantagem se deviam esperar aquellas de que resultam nos paizes bem administrados os interesses dos seus proprios monarchas e os do bem publico, pelo augmento das rendas dos Estados e da propriedade dos povos.

5. Mas como porém a este debil estabelecimenlo, que apenas nascia, lhes faltassem tão cedo (por occasião d'aquella certa intriga que n'esta capitania tomou fogo desde o anno de 1809) as providencias de uma administração em fórma, que o animasse e augmentasse, ou que ao menos o conservasse, elle se foi evaporando ao ponto que nada eustou a dar-se-lhe o ultimo golpe, que a mesma intriga lhe premeditava de muito tempo, motivo por que alli ja não ha mais povoadores; e se lhe tirou a final o mesmo pequeno destacamento que ainda agora em 1817 o guarnecia, e que n'elle impedia a passagem dos gentios para as nossas povoações do centro, mudando-o d'ahi para baixo obra de vinte leguas para auxiliarem uma pequena plantação pertencente a Francisco Germano de Moraes; como se os interesses de um só homem devessem prevalecer aos de um publico interior, ou como

se os serviços das tropas, pagas e sustentadas á custa d'El-Rei nosso senhor, devessem privadamente empregar-se em suster o capricho d'um só vassallo em particular, com prejuizo de todos os outros seus vassallos em geral.

6. As terriveis consequencias que seguiram desde o principio d'aquella tão mal tomada resolução foram não tardar os Timbiras em tornar a atacar as novas feitorias, fazendo com que ellas, vendo-se abandonadas da visinhança que as sustinha, tornassem a retirar-se, levando após si todas as de S. Zacharias, que já muito antes d'aquellas eram estabelecidas, ou ainda muitos annos primeiro do que o mesmo arraial.

7. Extincto elle, como com effeito o está, são com elle extinctas todas as vantagens que tão util navegação promettia; porque os estabelecimentos das povoações de gado recuaram; estagnou-se outra vez a lavoura do algodão; e o sal, que em razão da mesma navegação já se vendia a 2$400 réis o alqueire, subiu logo ao preço de 6$400, e está hoje a 12$800 (por tanto o comprámos nós n'esta viagem); e odos os mais generos levantaram como este, e á proporção dos preços que tinham.

8. É pois por este modo que a rivalidade, allucinando quasi sempre a todos os homens constituidos em certa representação que influa no estado das cousas, faz infelizmente com que elles em nada adiantem os negocios do seu rei nem os da sua nação.

(F) A capitania do Maranhão quasi em todo o seu comprimento, ao menos desde a beira mar até a confluencia de Balsas com o Parnahyba, tem varias estradas que sahem para o Piauhy e para todo o nosso continente, as quaes, communicando-se entre si por infinitos caminhos, que a povoação quasi geral d'entre ambas as capitanias tem promovido, facilitam aos habitantes, segundo a altura em que estes tem os seus domicilios, toda a commodidade nas viagens que emprehendem para qualquer parte, porque já hoje n'aquella capitania do Piauhy não ha vasios aquelles espaços a que em outro tempo chamavam Travessias desertas, á excepção das visinhanças das cabe-

ceiras do Rio Preto, por serem estas de sua natureza inhabitaveis. E supposto que eu não deveria fazer mais do que citar os pontos de que n'esta capitania do Maranhão partem as ditas estradas, como circumstancia propria particular sua, uma vez que d'ella tão sómente trato; comtudo, porque me parece farei algum serviço aos que emprehenderem maior viagem do que a do interior da capitania, ouso distrahir-me do meu principal objecto na breve analyse das noticias relativas áquelles outros pontos á que as mesmas estradas se encaminham, e cujas eu muito escrupulosamente adquiri, na parte que não observei, de pessôas que todos os dias estavam trilhando esse caminho, e com as quaes tive repetidas vezes toda occasião de conferenciar sobre este objecto.

2. Devo primeiro dizer que da cidade do Maranhão sahia algum dia para a do Pará um caminho, que ainda no anno de 1811 eu distingui nas visinhanças da villa de Vianna. Passava da ilha á terra firme pela Estiva e Anajatuba; passava os rios Miarim e Pinaré em duas horas de caminho; e indo na rumo oéste atravessar o Tury, entrava na cidade do Pará em poucos dias. Era, e ainda talvez é hoje, a unica communicação mais commoda por terra entre ambas as capianias, raras vezes então aproveitada, e póde ser que hoje inteiramente abandonada.

3. Para léste sahe outro caminho á beira mar, que vai da cidade passar em S. José á terra firme; vai á villa de S. João da Parnahyba, entra pelo baixo Piauhy, e passa ao Ceará, á Parahyba e a Pernambuco. É pouco seguida, e apenas hoje por ella se dirigem os correios mensaes estabelecidos desde o anno de 1813.

4. Outra estrada vai do Itapucurú Mirim ao rumo de léste passar o rio Parnahyba nos districtos de S. Bernardo e Tutoya. Entra pelas villas de Marvão, Sobral, Valença e outros logares do Piauhy até sahir d'esta para outras capitanias. É caminho mais bem povoado do que os outros acima ditos, mas pouco seguido.

5. Aquella que da villa de Caxias sahe para a barra do Poti tem doze leguas de distancia até ao dito rio Parnahyba, que atravessa n'aquelle mesmo logar Poti. Vai a Campo Maior, distante sete leguas,

e se divide ahi em duas mais bem conhecidas. Uma d'ellas entra pela cidade de Oeiras para a Bahia; e a outra, que é a da esquerda e se dirige a Pernambuco, se encontra na fazenda do Estreito, já nas ribeiras do rio Inhamen com a que vai da Passagem de Santo Antonio por aquella mesma Oeiras para o mesmo destino. Do Estreito se dirige por entre fazendas de gado até á villa do Icó, trinta leguas distante. D'esta a vinte e cinco passa pela Villa Nova do Souza; pela do Pombal adiante quinze; pela de Pastos Bons, povoação pequena distante do Pombal vinte; e d'esta ao rio Parahyba, na capitania do mesmo nome, são quarenta e oito. Passa o dito rio, e desce encostada na sua margem oito leguas até á povoação do Jurupiranga; d'aqui a estrada que continúa beira rio vai para a capital Parahyba, e a que toma á direita vai á villa de Goyanna, oito leguas distante do Jurupiranga; e tambem á do Recife em Pernambuco, que fica a dezoito leguas de Goyanna. Encontram-se n'este caminho alguns espaços aridos e seccos, especialmente nos sertões de Pernambuco, aonde é tão trivial e sensivel a falta das chuvas, que tem por muitas vezes feito os ultimos estragos nos seus proprios habitantes, tirando a vida áquelles que logo immediatamente se não retiram; porque se tardam em o fazer não vencem mais os caminhos, e ficam pelo meio d'elles mortos e insepultos.

6. A estrada da Passagem de Santo Antonio se divide da de Pastos na altura do Surucujú, e vai para léste atravessar o Parnahyba distante d'este logar quatro leguas. É a principal estrada real que da villa de Caxias sahe directa para a cidade de Oeiras, aonde se dirige subindo quatorze leguas ao longo do mesmo rio, sempre por entre povoados até S. Gonçalo, pequeno logar de Indios, e d'este a dezeseis leguas entra n'aquella capital do Piauhy.

7. Logo além do Parnahyba n'esta mesma estrada da Passagem de Santo Antonio, se por ella se quer viajar para a Bahia sem avistar a cidade de Oeiras, se entra pelas fazendas Araras, Algodões, Papagaio, Olho d'Agua e Sobrado, deixando a tres leguas d'esta aquella de Oeiras: e fazendo diariamente viagem de seis a oito leguas de umas a outras fazendas já ditas, ou pelas que vou nomeando, que são

seguidamente o Saquinho, Ipoeira, Campo Largo, Campo Grande, Poções, Volta de Hilario Vieira, Ferramenta, Cachoeira, Serra Branca, Ingazinha, Jatobá, Urubú, Garcinha, Garça Grande, Rajada, Comprida, Cruz do Valleiro, Decuri, Maria Preta, se chega á passagem do Joazeiro no rio de S. Francisco; levando n'esta viagem, que é a que chamam pela Travessia nova, vinte e cinco dias. N'este caminho, que é pela maior parte á borda do rio Canindé, se deixa este dito rio na fazenda Cachoeira, e ainda que d'alli para diante elle dito caminho tem pequenos riachos que o atravessam, tem estes agua sómente no inverno, servindo-se no verão os viajantes da de alguns poços do campo ou dos tanques das fazendas, aonde, como á maneira de cisternas, se depositam essas do inverno: o que se assim não fôra, seria como algum dia intransitavel o mesmo caminho. N'esta passagem do Joazeiro se encontra a estrada que tambem vem para a Bahia pela Travessia velha, mais entranhada no alto Piauhy, costeando algumas vezes o rio d'este nome, e passando o da Itanheira, da qual não especifico as circumstancias por ser assaz bastante affirmar que deve antes seguir-se a da Travessia nova, como mais breve, mais povoada e menos sêcca.

8. Unidas em um só caminho ambas as travessias n'aquella dita passagem do Joazeiro, continúa este outros vinte e cinco dias, até entrar na cidade da Bahia, pelas fazendas denominadas Lages, Caraybas, Embaranas, Tanquinho, Craotá e Joazeiro, Bom Fim, Serra Tiubá, Olho d'Agua, Registo da Taboatan, Embuzeiro, Santo Antonio dos Morrinhos, Cajueiro, Santo Antonio das Lagoinhas, Villa d'Agua Fria, Segundo Cajueiro, já dentro da mata de S. João, Jaquipe, fazenda e rio d'este nome, o qual tem ponte, segundo Jaquipe, que é braço do primeiro e tambem tem ponte, Betis, Fazenda Grande, já fóra da mata acima dita, Feira das Boiadas, Manguinhas, Boa-vista, Ponte, e cidade da Bahia. Deve notar-se que no registo da Taboatan se separa d'esta estrada para a parte direita a estrada que vai para a villa da Cachoeira; e que da villa d'Agua Fria se separa para a parte esquerda a que se dirige para a cidade de Sergipe d'El-Rei, a tres dias de viagem da mesma villa.

9. No riacho e fazenda Serra na estrada de Pastos Bons entram dous caminhos, um para léste, e o outro para o sudoéste, que divididos adiante em outros muito menos nomeados, passam todos para o Piauhy o rio Parnahyba em qualquer parte; porém d'entre elles o mais notavel e seguido é aquelle que se encaminha sempre no rumo do sudoéste, e vai por entre infinitas povoações do mesmo districto de Pastos Bons passar o dito rio para o Piauhy na passagem de Nossa Senhora da Conceição da Manga, ou na dos Veados, mais cinco leguas ao sul d'este local.

10. O logar da passagem de Nossa Senhora da Conceição da Manga é o segundo logar publico do districto de Pastos Bons, e ainda muito mais povoado do que o mesmo seu capital do districto, que não chega a ter vinte fogos, quando aquelle se compõe de noventa a cem. Tem a sua capella com a invocação do nome do mesmo logar, e tem pouco commercio porque são pobres os seus moradores. Está situado sobre a margem oéste do rio Parnahyba, e é a sua mais frequente passagem para todas as Minas, para a Bahia, Pernambuco, S. Paulo, e para todo o mais continente de léste e sul, cujos viajantes na ida e vinda pagam o dinheiro que alli se lhes estabelece pelo contracto real das passagens do mesmo rio.

11. Descrevendo-se pois por este logar aquelle caminho mais notavel e seguido, que vem da villa de Caxias pelo riacho e fazenda Serra de Pastos Bons encaminhado sempre ao rumo de sudoéste, se dirige elle á villa de Jerumenha no Piauhy, situada a dez leguas da Manga sobre a margem léste do rio Goroguêa, e d'esta villa vai á de Nossa Senhora do Livramento do Parnaguá por noventa leguas de estrada bem conhecida, entre fazendas de criação de gados, de que as mais notaveis são a Tranqueira, Santa Rosa, Mato Grosso (limites entre os termos das ditas villas), Escalvado, Burití Grande, Arêas, Cacimbas e Ibiraba. Junto de Parnaguá, na fazenda chamada Eguas, se divide a estrada em dous caminhos; o da esquerda vai para o Paracatú, o da direita para o Rio Preto, que passa para outra banda na passagem chamada Vaús, aonde depois de se ter juntado n'aquellas alturas com o que vem da Bahia para Goyaz, torna a dividir-se em

outros dous. D'estes, um se dirige pela contagem do Duro para os arraiaes da Natividade e outros; e outro pela contagem da Taoatinga para as minas das Arraias. Esta ultima estrada entra pelos registos de Cavalcante a trinta leguas do Taoatinga, Lagôa Feia a setenta d'aquelle, e pelo de S. João a vinte leguas d'este. D'ahi a uma legua entra tambem pelos arraiaes Couros, Curumbá, a cincoenta d'este, e Meia Ponte, visinho do Curumbá tres leguas. Aqui a estrada se reparte para a Villa Boa, que ainda lhe dista trinta; para as Geraes, entrando pelo registo das Arrependidas, pelo qual se vai para o Rio de Janeiro e para S. Paulo; entrando pelos arraiaes Bom Fim trinta leguas distante de Meia Ponte, e Santa Cruz a doze leguas do Bom Fim. Atravessa o rio Curumbá, seis leguas adiante; outro rio Parnahyba, que fica pouco distante; e entra no registo do rio das Velhas, que divide de Goyaz a capitania de S. Paulo.

12. Do rio das Velhas se viajam quatro dias para o Rio Grande, e d'este em tres para o Sapucahi; do Sapucahi em sete para o Rio Pardo, da outra parte do qual entra a estrada pela mata do Cubatão, que tem tres leguas de travessa, e é a primeira desde o Rio Preto até aqui. Vai em dous dias ao rio Jaguarí-Mirim; d'este em um ao arraial da Freguezia Nova; e d'este ao do Mongeguaçú e rio do mesmo nome, que tem ponte por distancia, cuja importancia certa ignoro. Do rio e arraial Mongeguaçú se faz a viagem de um dia para o rio Jaguarí, que tambem tem ponte, e se entra nas matas geraes pelo caminho que vai em um dia á ponte do rio Tibaia; e d'este para as villas de S. Carlos e Jundiahy, visinhas uma da outra. D'esta ultima á cidade de S. Paulo dizem que são sete leguas, passando-se já á vista d'ella o rio Tieté, que se navega de Porto Feliz para Cuyabá. Dizem-me tambem que da cidade de S. Paulo á villa do Cubatão são outras sete leguas, aonde no rio d'este nome se embarcam em canôas os viajantes, e vão em vinte e quatro horas á villa de Santos, já situada n'aquella beira-mar.

13. Em todo este dilatado caminho, que por terra vai da cidade de S. Luiz do Maranhão á de S. Paulo, julgo eu, segundo a minha estimativa, regulada, como já disse, pelas informações que d'estes

ultimos pontos se medeiam (porque dos primeiros tenho eu um cabal conhecimento), ser pouco mais ou menos a distancia de seiscentas leguas, e n'estas se não encontram despovoadas mais do que apenas quarenta e duas, que vem a ser: as primeiras doze as fazendas de Mato Grosso e Escalvado no districto de Parnaguá, villa do Piauhy, as quaes em outro tempo foram povoadas, e ainda o seriam se as não destruissem os Indios Pimenteiras estabelecidos n'aquellas visinhanças, e já hoje extinctos ou dispersos; e as outras trinta além da passagem do Rio Preto nos terrenos que principiam em a fazenda Castello e acabam na contagem ou registo da Taoatinga, ramo d'aquella serra Cordilheira Grande, que se estende e ramifica por toda a America; cujo terreno arido e arenoso, incapaz de produzir e de criar, ainda mesmo arvores agrestes, é aquelle tão nomeado sertão que ninguem deixa de atravessar querendo sahir da capitania do Piauhy, e que, alargando-se até noventa leguas em partes, tambem em partes se estreita de doze a quatorze, segundo o que de outras noticias escriptas tenho adquirido.

14. Todos os outros caminhos particulares que do riacho Serra para o sul até á ribeira de Balsas no alto districto de Pastos Bons sahem para o Piauhy, se vão encontrar em mais ou menos distancia com as estradas reaes acima apontadas, segundo os pontos de que ellas partem; e todos atravessam para léste o rio Parnahyba, á excepção da nova estrada pelo rio Tocantins, descoberta ha pouco tempo, mas não frequentada, porque essa vai atravessar os rios Manoel Alves Grande, Manoel Alves Pequeno, rios do Somno grande, Somno pequeno e Lageado, depois de trilhar com perigo certo desertos dilatados e famintos, ou aliás fazer a navegação do Tocantins tão trabalhosa e arriscada como fica acima demonstrado de n.º 40 até 53 da nota (A) d'estas observações; sendo depois por isso, e pela muito curta noticia que Sebastião Gomes da Silva Belfort deu d'este caminho na sua viagem que fez por elle da cidade do Maranhão á côrte do Rio de Janeiro em 1809, cuja se imprimiu com o titulo *Viagens do Maranhão*, e na qual elle despendeu sete mezes de jornada, ou ainda mesmo pelas circumstancias das mais estradas aqui

analysadas, muito facil o entender-se que aquella da passagem da Manga pelo Parnaguá, Rio Preto, Taoatinga e Meia Ponte, é mais prudentemente seguida para o continente de léste e sul, do que qualquer das outras de que tenho feito menção.

15. Tenho ainda mais a notar relativo aos caminhos particulares que da estrada de Pastos Bons, que vou seguindo e descrevendo, se separam para léste, que do logar matriz ou capital do mesmo districto tambem se dirige um caminho com direcção ao Piauhy, o qual atravessa o rio Parnahyba no porto das Almas e fazenda dos Alvações, pertencente a Ignacio Pereira de Sá (denominado o Velho pela sua longa idade), vai d'ahi vinte e uma leguas passar o rio Goroguêa, na fazenda do Macaco, pertencente ao fallecido Rev.do Velloso, e outra na villa de Jerumenha, que está a uma legua distante d'esta fazenda, em cuja dita villa o mesmo caminho encontra com as estradas que acima já vão apontadas.

16. A estrada pela qual vou, como já disse, descrevendo a minha viagem, e que noto como caminho que fiz para S. Pedro de Alcantara, no Tocantins, tambem se divide em duas a uma legua para o sul do logar matriz, junto a um charco d'agua a que chamam Lagôa do Boi. Pela da direita, chamada a estrada do Itapucurú porque se encosta áquelle rio, vai sendo a minha jornada; e a da esquerda, chamada a estrada dos Poções, pela qual viajei na volta para baixo, se dilata mais encostada ao rio Parnahyba, pelo terreno que primeiro foi povoado n'este districto; e se vão uma e outra novamente encontrar entre as fazendas Serras Vermelhas e Vereda Grande. É mais bem povoada a dos Poções, porém mais incommoda e menos frequentada em razão dos repetidos montes que n'ella se encontram, a subir e descer muito trabalhosos para as conducções de bagagens pesadas.

(G) O riacho denominado o Corrente corre do suéste para o noroéste; mette-se n'elle o riacho do Balieiro, e em ambos outros muitos, que, no espaço de vinte ou trinta leguas que qualquer d'elles tem antes de se unirem entre si, se lhe ajuntam e fazem consideravel na sua foz o mencionado Corrente. Dilata-se a maior parte d'este por

aquelles terrenos despovoados que ficam a oéste da estrada da Serra e Tremendal. É o unico mais importante que depois do rio Alpercatas desemboca no rio Itapucurú, algumas leguas ao nordéste d'aquelle, e é tambem o unico que na nova estrada beira-rio da villa de Caxias para o extincto arraial do Principe Regente exigiria ponte ou auxilio de canôa para a passagem dos viajantes, se com effeito algum dia ella se frequentasse.

2. As aguas d'este Corrente são pessimas, como tambem as do Balseiro e as de todas as mais vertentes que correm de léste para o sobredito Itapucurú, especialmente no inverno, e a razão é porque se dilatam por terrenos de maçapé preto ou vermelho, terras de barro solto, e por matos estivados de immundicias ou de folhiços podres que as inficionam.

(H) Tem esta mata quatro leguas de travessa n'esta passagem, e no centro um pequeno e coberto campestre. É uma das pontas da grande mata que o Itapucurú atravessa, e por ella antes do estabelecimento do arraial do Principe Regente subiam os Timbiras das matas a saltear os viajantes. Foi algum tempo povoada n'aquelle dito campestre; porém os mesmos Timbiras Mateiros a fizeram despovoar, e mais a trinta e sete fazendas situadas no lado oéste da bocca sul d'esta referida mata. N'este caminho devem sempre os passageiros vigiar-se cautelosamente nas suas jornadas, porque já o arraial do Principe Regente, infelizmente para elles, não serve mais de obstaculo áquelles Timbiras.

(I) Parte d'esta nação Amanajó, oriunda dos desertos do Pará, e d'elles expulsada por outros Indios em o anno de 1760, sahiu em Pastos Bons na fazenda Boa Vista, pertencente ao velho André Cursino (que ainda me contou o modo por que os recebêra), e situada nas vertentes do rio Alpercatas, que n'esse tempo eram povoadas. Não teve difficuldade alguma em se reduzir ao estado das outras nações domesticas da capitania, situando-se a meia legua do logar matriz do dito districto, aonde ainda habitam esses mesmos poucos que lhe restam. Numerosa então como qualquer das suas compatriotas, e não

adulterada na qualidade, se fazia admiravel pela côr branca de seus corpos extraordinariamente entre os selvagens americanos, dos quaes a geral e propria é aquella que todos sabem. Suas feições eram comtudo as mesmas, cabellos grossos e os olhos estreitamente rasgados. Destruida hoje pelos mesmos motivos ditos a 19 da nota (A), e misturado com pretos ou mulatos esse pequeno resto, que não chega a vinte pessôas, totalmente degenerou. Perguntava agora ultimamente o selvagem Tempé, maioral dos Indios Capiecrans, nossos novos alliados (antes de o matarem com as bexigas de Caxias), qual era a causa porque de tantas povoações numerosas, suas nacionaes, que elle por tradição antiga entre os seus tinha noticia viviam entre nós ha dilatados annos, da mesma fórma que elle com a sua se propunha hoje a viver, não encontrava uma só multiplicada em gráo proporcionado a tanto tempo; porém antes sim evaporadas todas, ou quasi a expirar sua memoria?

É muito natural que ninguem lhe respondesse por então a verdade, para que, escandalisado este barbaro, não tornasse a fugir para os matos aonde nascêra, antes de ter em si mesmo, como teve, uma tragica prova dos motivos que elle tanto desejava saber.

(L) O logar capital de Pastos Bons, ou aquelle em que se acha a pia baptismal dos seus habitantes, está situado na latitude de 7 gráos e 27 minutos ao sul da linha, 228° e 30' na longitude meridional, segundo as observações do Couto. Pouco mais na sua analyse me demorarei do que na de outro qualquer districto da capitania, porque a isso me induzem dezoito annos que tenho de seu conhecimento, sendo mandado a elle para o guarnecer e governar tres vezes durante este tempo (circumstancia esta que talvez moveu á eleição que de mim se fez para a sua divisão de limites com as extremas da capitania de Goyaz). É fundado parte d'este local sobre uma das pontas nordéste da serra do Itapucurú, e parte nas quebradas da mesma ponta. Dista em linha recta d'aquelle rio Itapucurú, que lhe corre a oéste, quatorze leguas, e quatro do rio Parnahyba, que lhe demora a léste. Das mesmas quebradas nascem varios regatos de muito excellente agua,

que juntando-se formam o riacho das Pedras de Fogo, nome que lhe dão as muitas d'esta qualidade que suas margens contém; e vai desaguar no Parnahyba entre as fazendas de gado Sucuassára e Alvações. Sendo campos cobertos todo o terreno que rodeia o logar, e ainda mesmo a alta ponta em que aquella parte d'elle se situa, tem comtudo n'aquellas quebradas muitos e bons matos para o cultivo que bastava á sua subsistencia; mas nem esses são aproveitados, porque o ocio dos que alli estão nas circumstancias de trabalhar é igual ao dos outros logares já acima apontados.

2. Não chega a ter vinte fogos, e todos os seus edificios são ridiculas palhoças, á excepção da igreja matriz, unico templo seu, e do quartel do destacamento militar, quando alli o havia; porque esses são construidos de pedra e cal, e cobertos de telha, porém muito arruinados, especialmente a matriz, cujas paredes mestras já fóra do equilibrio estão proximas a vir á terra por falta de reedificação a tempo. Terá de circumferencia para mais de seiscentas braças, o que parece incompativel com tal numero de habitantes; mas dá causa a esta desproporção o confuso e irregular modo com que se arruma. Tem elle mais de sessenta annos de estabelecido, e é matriz de todo o districto desde 1764.

3. Distante a oéste mil e quinhentas braças lhe corre do sul ao norte o riacho Balseiro, o qual lhe nasce duas leguas ao sul na fazenda denominada Jacú, que pertence a Antonio José de Magalhães, e vai juntar-se pela fórma que já disse ao riacho do Corrente, entre as moradas Passagem e Piassaba. É povoado o dito riacho Balseiro desde as suas nascentes por espaço de tres ou quatro leguas com pequenas plantações, misticas umas a outras, e n'estas é que os seus moradores colhem alguma mandioca, cannas de assucar, cebolas, alhos e mais hortaliças de que o terreno póde ser abundante, até para exportar em quantidade, especialmente os repolhos em salga, as cebolas e os alhos, muito mais viçosos do que os de Portugal; sendo d'esta natureza todas as vertentes do alto Itapucurú, não só pelo auxilio da bem regulada temperança do seu clima, como pela qualidade dos mesmos terrenos estrumados pelos seus proprios matos. A capitania não tem certamente outro bocado tão interessante.

4. A dilatadissima extensão do districto que pertence a esta freguezia consta de fazendas de gados, sem outra alguma especie de estabelecimento consideravel, assim porque tem muitos e proprios campos para esta sua immensa criação, que deveria sustentar fartamente o talho principal da capitania e toda a escravatura do baixo Itapucurú, ainda mais consideravel, como por não poder exportar outro qualquer genero em quanto a navegação do mesmo alto Itapucurú, Alpercatas, alto Miarim e Grajaú, se lhe não facilitar. Cortado não só por estes quatro rios navegaveis, que oriundos do seu seio podem fazer o principal motivo da sua riqueza, mas participando tambem da navegação do Parnahyba, promovendo-lhe uma e outra immediatas relações com a sua metropole, deve considerar-se como parte a mais nervosa da capitania do Maranhão, e participar por isso d'aquella attenção que em prejuizo de todo o seu publico ainda se lhe não tem seriamente applicado.

5. A população não é proporcionada á sua grande extensão, assim porque repartido elle de tres a tres leguas em fazendas de gado, e não admittindo cada uma d'ellas mais do que as poucas pessôas necessarias a seu fabrico, é muito curto o numero que por este lado importa no seu total de habitantes; como porque desprezada a cultura por falta de commoda extracção e exportação commerciavel, não tendo aqui labutação de interesses, além do particular temporario sustento da vida (que não é só o interesse que satisfaz o ambicioso coração da maior parte dos homens), em que empregar-se aquelles a quem faltam as proporções para criar os gados, e que sempre na razão dos outros fazem a maior parte como de cem para um, desamparam este terreno, e se vão povoar outros para fóra da capitania.

6. Os senhores das fazendas ou criadores de gados exigem poucos assalariados, e ainda muito menos escravos, supprindo com seus proprios filhos os cuidados d'aquelle maneio; o que, a fazer-se com methodo, seria muito louvavel: porém esta occupação grosseira, a que sómente os applicam, e os costumes agros a que os habituam, já por elles tambem herdados de seus avós, sem outra alguma especie de educação, faz com que se não encontre n'estes sertões nascido um

homem, cujo modo de pensar o constitua n'essa qualidade por outra circumstancia que não seja a do instincto natural. Não só as primeiras lettras e as artes liberaes, mas ainda mesmo as mecanicas, lhes são inteiramente desconhecidas, porque assim como não tem a sua alma ornatos que a illuminem, tambem não conhece nem sente o seu trato pessoal qualquer precisão da decencia. Poucos, ainda mesmo dos mais ricos, deixam de viver quasi nús, de comer e de dormir sobre a terra como os selvagens: sendo claro, pelo que dos seus principios fica dito, que mais áquelle estado brutal em que nascem e se criam do que ao systema devem elles uma tal philosophia. Apezar d'isso não tem em si, além do seu adusto modo de tratar, outros defeitos que escandalisem a humanidade: ao menos prudentemente os dirigem, porque emfim são hospitaleiros, agasalhadores, e tratam aos passageiros, de que sempre tem concurrencia, com aquelle agrado proprio sim da sua rusticidade, porém sincero e de boa fé, facilitando tudo o que possuem áquelle que carinhosamente os sabe enganar, e sem que se acautelem contra os prejuizos, que muitas vezes se lhe tem seguido da sua credulidade: finalmente entre os povos sertanejos este foi o menos deshumano que em outro tempo conheci. Hoje, porém, que se acha sem especie alguma de administração policiada, desde que se subtrahiu d'entre elles a presença da lei representada no caracter dos seus juizes, que transpozeram para cem ou duzentas leguas distante, como já em outro logar fica dito, faz esta terrivel circumstancia com que, mudando de face o estado dos seus negocios dependentes da interposição da mesma lei, por não haver quem de perto lh'a interponha, nem tendo elle as forças activamente precisas para attrahir de tão longe e sem grande custo com a promptidão que a urgencia das suas causas exigem, tem mudado de conducta, e se resolve a decidir per si mesmo, segundo a importancia particular dos que representam nas questões, assassinando-se mutuamente e sem qualidade alguma de punição; pois que sempre são crimes, que ainda sendo constantes ao logar a que hoje compete (o que nem sempre succede pela distancia), é preciso formar os processos d'elles chamando testemunhas de cem ou duzentas leguas, cujas testemunhas

não podem, nem querem na maior parte fazer para isso tão trabalhosas viagens que lhes não interessam, e que tantas vezes se duplicam sobre os mesmos individuos quantas se repetem as occasiões d'essa precisão: ficando por similhantes difficuldades impunidos os delictos, e com liberdade os seus perpetradores para que os dupliquem a seu salvo todas as vezes que o exigem os seus desastrados fins. Que assim tivesse infallivelmente de succeder, uma razão natural o mostra; porque se em outro tempo, quando ainda Caxias não tinha o districto de uma grande villa, nem Pastos Bons mais do que trinta leguas povoadas por tamanha extensão, se julgou de necessidade considerar em dous termos o que já em um só se julgava impossivel saber; como é que póde ser hoje, ou como é justo que chegando Caxias a cem leguas de circuito, e Pastos Bons a mais de trezentas, deva considerar-se possivel reunir-se em um só os ditos espaços tantas vezes mais duplicados, sem que assim duplicado o numero das desordens que então havia seja o resultado d'esta deliberação, a qual certamente se não tomou senão em consequencia de não exactissimas informações, dadas talvez mais em pró de fins particulares do que dos interesses do publico e do soberano? Seria preciso que se não fosse muito imparcial n'este caso, para que se não julgasse a favor de similhante argumento.

7. O clima do paiz, não só amigo do seu habitador, tanto que em toda a capitania não encontrei homens tão velhos, sendo trivial entre elles a idade de cem annos, mas tambem de toda a natureza, presta taes auxilios á sua fecundidade em geral, que ainda não lembra sentisse uma só vez os effeitos d'aquella esterilidade propria dos outros sertões seus confinantes; e é sobretudo tão favoravel á criação dos gados, que, se não fossem as devastações que tem soffrido e o máo estylo economico dos fazendeiros, os quaes com a mira em reputar os seus bois nas feiras do Itapucurú matam e vendem as vaccas para a sua subsistencia diaria, extracção esta que ordinariamente lhe póde consumir por anno tres ou quatro mil d'ellas, não haveriam no districto tantos campos devolutos, e as multiplicações das exhauridas duplicariam o numero dos gados existentes e iriam gradualmente ao incal-

culavel, tanto em favor do publico quanto este sempre interessa na abundancia.

8. Não é alli demasiadamente frio o inverno, que de ordinario principia em Outubro e acaba em Abril, nem o verão caloroso. Ás chuvas, que até este mez produzem e criam os pastos, se seguem de Maio em diante os orvalhos ou neblinas, que de madrugada ensopam a terra, e os conservam até Agosto; d'este até Setembro os fogos limpam os campos de todo o hervanço inutil e sêcco, para que as proximas aguas tornem mais viçosamente a reverdecel-os. No em tanto que as criações, tendo buscado o refrigerio das baixas por entre as serras, aonde sempre ha matos e beiras de riachos em todo o tempo frescos e verdes, se conservam e nutrem.

Este o motivo porque os rigores da sêcca não fazem sentir aqui seus effeitos tanto como n'aquelles terrenos de campina, que não tem assim de mistura os matos com os campos, a coberto da qual, porque alli sempre ha bosques, são mais susceptiveis de preservar das seccuras do sol as aguas correntes, ordinaria producção das fraldas dos mesmos montes, como propria natureza sua.

9. Conservam-se permanentes por isso quasi todas as d'este sertão, e são saborosas e doces na maior parte, logo que se desavisinhem do Itapucurú.

10. Tem propriedade as do rio Parnahyba, ao menos em Pastos Bons as suas vertentes, para petrificar a madeira qualquer que seja d'esta a natureza; porosa ou solidissima, eu vi uma e outra: e tambem vi em o anno 1800 cahida e petrificada sobre o rio na sua margem léste, entre os portos das fazendas Almas e Santa Cruz, uma arvore inteira a que chamam jabotá ou jatahí do campo, volvida mais activa pedra de fogo do que as proprias d'esse nome. Não entrando pois na averiguação do motivo d'esta metamorphose (e com que luzes poderia eu entrar n'ella), me contentei apenas com recolher alguns pedaços, proporcionados sim aos poucos meios que me assistiam para os poder conduzir, porém não aos desejos que eu tinha de mostrar aos curiosos esta raridade em um estado verdadeiramente admiravel.

11. Encontram-se entre as suas producções vegetaes muito poucas aquellas que deixem de ter propriedades uteis ou medicinaes, segundo a experiencia que algumas vezes a necessidade dos seus habitantes tem promovido, por isso que podem talvez fazer-se aqui n'este um dos tres reinos da natureza grandes descobrimentos, no em tanto que eu, por não ter para isso as instrucções necessarias, me remetto ao silencio, e da sua analyse prudentemente me aparto.

12. Criam-se nos matos e campos do mesmo districto excellentes madeiras finas, como sejam: a aroeira, a violetes do campo e dos matos (differentes entre si), o angico, o páo marfim, o páo roxo e outras, capazes todas para ornato, e de fabríco. — Dá muito oleo de copaúba, gomma d'angico, de grande prestimo para preparações peitoraes e expectorantes, ijutaissica, alcaçuz e almecega. Produz muitas fructas silvestres, das quaes as mais delicadas são as mangabas e as guabirobas; tem tambem outras de cultivo; mas entre ellas a mais abundante e doce é a laranja.

13. Pelo que respeita a mineraes, relativo a ouro, prata ou pedras preciosas, tenho noticia por pessôas experientes, especialmente por João Ayres e José Pinto, ambos capitães dos terços de Goyaz, e por Francisco José Pinto, capitão de ordenanças, morador no Tocantins, que em algumas indagações que fizeram nos terrenos visinhos d'aquelle rio pouco poderam descobrir, porém que nos baixos terrenos de Pastos Bons ainda não fôra escrupulosamente feito esse exame; ao menos a mim me não consta que por ahi tenham appareceido pessôas proprias para taes descobertas.

14. Ha certos logares em que se descobrem sobre a terra particulas salitrosas, que os gados procuram sem que lhes lembre outro pasto dias inteiros, e assim mesmo outras de que á maneira de caparrosa se servem os habitantes para tinta de escrever. Que estas o sejam, ou salitre aquellas, não o affirmo; e só a experiencia chimica a que remetti algumas porções o poderia decidir.

15. Relativo á especie animal, deve entender-se que todo o terreno é abundante de caças, principal recurso dos moradores pobres; que, se elle não fosse, muito menos fôra a população do districto, uma vez

que as carnes, unica subsistencia do paiz central, se lhes não facilitam como nos açougues publicos por miudo: providencias estas cuja falta muito sensivel devêra quanto antes ser reparada, na intelligencia de que é mais facil ao miseravel comprar no talho publico um arratel de carne por um vintem (preço por que alli corre), do que nas fazendas dos particulares um boi por quatro ou cinco mil réis.

16. É proprio tambem de muitos animaes nocivos á criação dos gados, e ainda aos mesmos homens, pois por isso que é todo montuoso encontram aquelles sufficiente guarida para que se conservem e multipliquem. Formam as serras talhadas em penedias profundos valles e obscuras furnas, propria morada das onças e dos tigres, feras que sahem d'alli para devorar as criações, principalmente na travessa da fazenda Vereda Grande para a da Serra Vermelha; e nas lapas ou gretas das mesmas penedias se criam immensos morcegos, que chupando de noite nos campos o sangue aos gados, os enfraquecem até expirar. Acham-se tambem grande numero de serpentes venenosas, cuja picada incuravel tira em poucas horas a vida; e em quasi todos os rios que nomeei, maiormente nos do Tocantins e Araguaia, se encontram tão formidaveis, que de um só golpe devoram inteiro um boi. Chamam-lhe a estas sucurujús, e os Indios selvagens, quando as colhem, fazem d'ellas o seu manjar mais selecto.

17. Nada porém occupa tanto a minha attenção, no que respeita á dita especie animal, como certa qualidade de lagarta ou bicho de seda, que se cria nas arvores do campo chamadas mangabeiras bravas. Prendem ellas dos ramos d'este arvoredo o casulo ou sacco em que costumam procrear: tem este um pequeno palmo no comprimento, outros menos, e na maior largura quatro dedos, cuja é na parte ou extremidade em que prende o ramo, acabando para baixo em ponta aguda, que deixam aberta para servir-se. São duas as lagartas producentes em cada um sacco, naturalmente ambos os sexos; seu comprimento uma pollegada, com grossura á proporção; a côr loura, a pelle felpuda junto á parte superior do corpo; pequena cabeça e lisa. Continha um dos saccos, que abri em Setembro de 1815, as duas lagartas mortas mirradas ou sêccas, e quarenta pequenos casulos

com os ovos ou filhos. Pesava cada casulo, ao tempo do exame, dezoito grãos, e o grande sacco, depois de totalmente limpo, uma oitava d'aquella especie de seda, cuja côr é branca amarellada ou côr de perola, sua qualidade finissima, e sua consistencia dilatada e forte. Guardei alguns saccos para mais physica observação em logar competente, no em tanto que ainda apezar da minha prevenção a seu favor eu não asseguro legitima ou susceptivel de fabrico, antes me louvo nos resultados das experiencias que sobre elles se poderem fazer. Se ajudassem ao meu genio o tempo, que nunca me sobrou dos exercicios do meu cargo, os conhecimentos proprios e os recursos, a fim de que eu fizesse com descanso n'estes logares a applicação necessaria para espreitar a natureza, estou que poderia ter embellezado estas minhas noticias com o muito que tivesse alcançado das interessantes propriedades das suas producções, porque me persuado que alli, mais seriamente do que em outra alguma parte d'esta capitania ou da do Piauhy, prodigalisou ella o escondido das suas riquezas.

(M) Esta travessa, que tem onze leguas de distancia, foi o maior despovoado que por este lado encontrei antes de chegar á fazenda Boqueirão, ainda muito adiante estabelecida, e o mais falto de agua no verão, por isso que deve prudentemente evitar-se, entrando depois de passar o rio de Neves por aquella estrada da parte esquerda, que toda é muito abundante de aguas e bem povoada, encaminhando-se ás differentes ribeiras de que tenho fallado, e juntando-se outra vez a esta estrada que segui n'esta fazenda do Sacco, ou em outros logares, pelos atalhos que entre si se communicam estes caminhos de umas para outras fazendas. Eu a escolhi, assim como outros nas minhas circumstancias o tem feito, pelas commodidades que d'ella me informaram; porém depois que as observei julgo com justa causa que não ganhei nada na escolha.

(N) Este abundante regato corre sempre desde a sua origem sobre um assento de lagedo, até que, vindo recebel-o em si o rio Macapá, vai a pouco mais de uma legua distante da fazenda do Sacco des-

penhar-se com elle de uma altura immensa, maior, me dizem, do que da cachoeira de Paulo Affonso no rio de S. Francisco. Dilata-se primeiro por uma planicie, e esta ao ponto immediato do despenho lhe abre entre penedos a profunda estrada como fosso ou cava por onde o encaminha, cuja largura com vinte braças na superficie tem no seu fundo tantas quantas occupa a corrente precipitada, que chega lá dividida em tão miudas particulas, que mais do que um corrente parece nuvem de pó, em que ao mesmo tempo se imprimem côres diversas, segundo a actividade do sol para com as arvores visinhas, e vai outra vez unir-se socegada a boa distancia do logar da quéda, que é muito solapado ou cavernoso. Certamente a natureza lhe não tinha assim preparado tão extraordinario leito; antes me parece que impetuosa a corrente de mais longe lh'o abriu por declive em terra solta, até que n'aquelle logar, pela opposição da pedra, encontrou ella o motivo que lhe deteve o progresso.

(O) N'esta fazenda das Porteiras desci eu a ultima serra que n'este caminho se encontra, porque parece que além do rio Macapá não só mudam de natureza o clima, os ares e as aguas, mas tambem de qualidade e de posição os proprios terrenos.

(P) Chamaram aquelle logar os Capotes, pelas esteiras de junco solto com que os seus descobridores viram alli em outro tempo os selvagens do local encapotados, por não poderem seus corpos, apezar de serem costumados sem abrigo algum de roupa ás inclemencias do tempo, soffrer a rigorosa impressão dos frios proprios d'aquellas alturas. Com effeito, em duas noites que por alli me agasalhei, conheci que os selvagens haviam tido razão.

(Q) Depois de se haver passado pela fazenda do Sacco, raro é aquelle córrego d'agua que de inverno não tenha as proporções de um caudaloso rio. Todos exigem ponte, mas por faltas de policia nenhum d'elles a tem, e se demoram á sua borda incommodados os viajantes, que se não animam a atravessal-os com temor de perder as vidas.

Deve por tanto, quanto fôr possivel, evitar-se n'esse tempo esta jornada, ao menos em quanto as providencias precisas não suavisarem as asperezas de tal caminho, especialmente desde a fazenda dos Capotes até á das Contendas, e desde o riacho Itapucuruzinho até ao das Lages.

(R) Sendo a fazenda Boqueirão, como já fica dito no principio d'estas observações, a ultima que tem a capitania em a sua estrada directa para o Tocantins, cuja estrada já aqui atravessa por entre os rios Farinha e Manoel Alves Grande, nem por isso deve entender-se que os lados d'esta mesma estrada sejam totalmente desertos n'aquelle rumo, porque encostadas ao rio Sereno se estendem muitas fazendas nossas, ou ainda parte da ribeira da Lapa, que deveria antes ter o nome d'aquelle rio, em cujas aguas ou vertentes os seus habitantes bebem, sendo já sobre as margens do Tocantins a ultima povoação d'aquella ribeira denominada a Tapéra do Porto da Cruz, e sobre as do Manoel Alves Grande, ultima tambem no rumo do sudoéste, a Tapéra do Mirador, como melhor do mappa junto se verá.

(S) Na passagem d'este riacho Itapucuruzinho, que exige boa ponte, encontrei a horas do meio dia alguns Indios da nação Caraús ou Maquemecrans, que, apenas me avistaram, quizeram rapidamente tornar a fugir para as matas; persuadidos porém de que eu lhes não mandaria nem consentiria fazer mal algum, se deixaram ficar em sócego, passando ás costas, e de sua espontanea vontade, para a outra parte do rio toda a minha bagagem. Alli estiveram contentes até que dando-lhes alguns pedaços de carne sêcca e tabaco de fumo, nos despedimos d'elles a horas de viagem, separando-nos muito amigos. Toda aquella gente assim se conduz a nosso respeito: em nós é que elles não acham a boa fé que merecem, nem talvez tão innocente moral como a sua.

(T) A povoação de S. Pedro de Alcantara está situada nas margens léste do rio dos Tocantins, na altura de 7 gráos de latitude sul entre 333° e 30' de longitude meridional, segundo as observações do

costume, e entre as boccas dos rios Farinha e Manoel Alves Grande, em districto legitimo da capitania do Maranhão, já pelos habitantes d'esta povoado desde o anno de 1804. Pertencia á capitania de Goyaz, ou assim o parecia, quando alli cheguei para o arranjo d'esta divisão de limites; e o motivo provinha de ter vindo alli parar em 1810 um tal Francisco José Pinto de Magalhães, que com o seu negocio de tabaco de fumo e solas costumava navegar em um pequeno barco do Porto Real do Pontal para a cidade do Pará, e vendo n'estas margens ditas, em que até então nunca desembarcára por lhe parecerem desertas e por temer os selvagens d'aquelle territorio, signaes de haver d'alli descido ao Pará o capitão Elias Ferreira Barros, morador na ribeira da Lapa, desembarcou, e erigiu com os da sua comitiva algumas cabanas de palha, a que chamou S. Pedro de Alcantara, e as offereceu, pela sua Memoria de que já tratei, ao governador e capitão general de Goyaz, auctoridade a que elle pertencia como habitante de Porto Real do Pontal, distante ainda d'alli oitenta e oito leguas. Este passo é de alguma fórma attendivel quanto á fundação do local, pois é assim mesmo que os grandes estabelecimentos principiam a organisar-se, estando a maior difficuldade d'esses objectos na deliberação dos seus principios.

2. Ultimada porém a divisão, nos ficou justamente pertencendo á capitania do Maranhão, mas não teve com essa mudança melhoramento algum nas proporções da sua duração; antes me parece que por se terem damnificado com o tempo aquellas cabanas de palha sem reedificação, vai elle totalmente evaporar-se, pois que mesmo seus habitantes não constando ao presente, assim como então, de mais de sete ou oito pessôas, são essas de uma qualidade tal, á excepção de Antonio Moreira, pobre capitão do mato que alli conhecemos, que não só não são proprias para construir habitações duraveis, mas nem ainda mesmo plantações de que sustentar-se, e vivem sempre por isso na mais deploravel miseria. — O clima é o mais saudavel possivel. Por ora a sua importancia não é alguma; mas se se vier a promover, póde facilitar a navegação do rio, ser muito em pró da communicação d'entre ambas as capitanias, vantajosa ás ribeiras da

Lapa e Farinha, e ao augmento da povoação d'aquelles espaços desertos. Deve porém mudar-se para a confluencia do rio Manoel Alves Grande, duas leguas ao sul, o que não custaria mais do que abandonar estas palhoças velhas para ir fazer outras novas; e ao mesmo tempo que na mudança ganhava melhores matos para plantações, e promovia a navegação de Manoel Alves Grande, e do rio Sereno no coração da Lapa, em pró da população d'aquelles terrenos.

(U) Estes barbaros, com cujos chefes tivemos largas conferencias, não tem ainda perdido nada do seu estado e educação brutal. Oito annos da nossa communicação, e muito mais alli com o mesmo Francisco José Pinto de Magalhães, que presumiu sempre de seu director, não foram bastantes para lhes fazer mudar o seu primeiro systema, que conservam ainda hoje com a immodesta nudez, a inacção e todos os pessimos costumes naturaes seus. O asqueroso modo de preparar as comidas em covas feitas sobre a terra afogueada com pedras quentes, e com esta mesma terra de mistura, lhe é mais agradavel e saboroso do que os nossos usos a respeito. Assim mesmo, como de antes, se não servem de agua para lavar as entranhas da caça que adquirem; apenas lhe descarregam as mais grossas fezes. O algodão de que precisam para o manejo de seu armamento, e o tabaco de fumo, pelo qual suspiram e dão o que lhes deve ser mais caro (as mulheres), são plantações de que ignoram o cultivo e trato: finalmente da farinha de páo, tão grata ao seu paladar, lhes é ignoto o fabrico, apezar da sua facilidade. Alheios pois de tudo o que póde fazer a sua civilisação, continuam no mesmo barbarismo sem esperança de melhoramento, endurecidos no ocio e no desarranjo, desgraça esta da qual não são elles os mais culpados, uma vez que, docil como é a sua condição, se amoldaria ao melhor systema a que já podiam estar habituados, tornando-se uteis a si mesmos por quaesquer faceis persuasões, se estas lhes tivessem sido bem applicadas. Mas que muito quando as lições a que eu mesmo os vi animar eram a devastação e a deshumanidade, mandando-os a roubar e aprezar os seus innocentes

compatriotas para os entregar escravos em S. Pedro de Alcantara, e a fim de serem vendidos a favor dos seus seductores!

(X) É innegavel que o governador e capitão general de Goyaz deu todos os passos que lhe pareceram poderiam promover o augmento d'aquelle logar, e a execução das ordens regias relativo aos Indios, por isso que até se lembrou de lhes mandar um sacerdote reverendo para os consolar; que antes não mandasse, pois que foi muito differente o uso que o tal reverendo fez do seu ministerio, principiando com a sua vinda a fomentar-se o espirito do partido, ainda mesmo entre os poucos moradores do logar; e as miseraveis nações que elle vinha catechizar e reduzir tiveram n'elle o seu mais formidavel inimigo, pois que com o interesse de adquirir escravos era o primeiro a fomentar expedições injustas sobre aquelles desgraçados. Finalmente, depois de não ter praticado uma só acção de piedade propria do caracter de que se revestia, fugiu para o Pará no dia 12 de Junho de 1815, levando á venda alguns Indios, infelizes ovelhas destinadas a tão máo pastor, que julgou ser aquelle o verdadeiro modo de ir aproveitando os seus rebanhos.

(Z) De ordinario todas as expedições d'esta natureza, a que por este lado e ainda por outros se tem procedido, nunca jámais se tem encaminhado senão a arrancar os innocentes filhos dos braços ou dos peitos das miseraveis mãis, assassinando-as quando logo os não abrem para desprender de si um tenro filho querido, que entregam ás mãos mais barbaras que ellas consideram; e com effeito o são em um tal momento. Ah! e quantas vezes succede tambem que ainda mesmo depois de os entregar, o ferro ou o fogo lhes não dão logar á dôr de os ver levar! Seria preciso, para o ignorar, que mais de uma vez o não tivesse eu mesmo observado pelos meus proprios olhos, e que tambem mais de uma vez me não enchessem de pena as reflexões sobre tão lastimosas scenas.

2. Devem considerar-se muito providentes as vistas com que se expediram a Pedro Maria Xavier de Attaide e Mello, governador e

capitão general da capitania de Minas Geraes, as cartas regias de 2 de Janeiro e de 13 de Maio de 1808; a de 5 de Novembro do mesmo anno a Antonio José da Franca e Horta, general de S. Paulo; e as de 5 de Setembro de 1811 e de Agosto de 1813 a Fernando Delgado Freire de Castilhos, governador das minas de Goyaz: conhecendo-se que de todas ellas o espirito se encaminha não só a promover a população, cultura e prosperidade dos Estados do Brazil, mas muito principalmente a fazer tornar infinitos homens, que vivem como feras, em outros homens uteis a si, e pelo tempo adiante aos mesmos Estados; ainda mesmo sendo preciso, para conseguir este ultimo fim, usar de meios violentos (não com os innocentes filhos, sim com seus pais, se apanhados elles com as armas nas mãos em nossa offensa forem delinquentes) quando já esgotados os termos da candura e suavidade se não possa tirar d'estes algum fructo; porém sem comtudo privar aos ditos Indios da sua liberdade por mais tempo do que aquelle que necessario fôr para lhes dar a conhecer o bom uso, que fazer deviam do livre direito natural com que nasceram.

3. Homens porém se hão encontrado, que desgraçadamente mais attentos, sobre este objecto, a utilisar-se do que a preencher as idéas do justissimo soberano, lançando mão d'esta aberta tem feito d'aquellas ditas cartas regias um muito pessimo abuso, sinistro quanto é possivel á propria humanidade.

4. Parece-me já ter dado em outra parte uma idéa de que não é o interesse de cultivar novas terras, nem o de defender as cultivadas, o primeiro fim que tem feito armar contra os desgraçados Indios d'esta capitania; porém sim o da ambição de lhes escravisar os filhos, nunca para os educar, nem para os empregar utilmente em seus serviços durante o tempo que nas circumstancias acima a lei prescreve, ou d'elles formar os homens pretendidos; mas para os vender em publico mercado na qualidade de uma escravidão perpetua, como tantas vezes já tem acontecido.

(K) Tem sido estas de uma qualidade tal, que me não posso dispensar de escrever finalmente uma que alli vi praticar, e que me

confirmou no conceito em que tenho constituido, quanto ao meu modo de pensar, o espirito d'aquellas expedições. — Sahindo d'este logar de S. Pedro de Alcantara em 28 de Junho de 1815 uma escolta como em auxilio de outra, que em Pastos Bons se formou para castigar os Indios das nações Sacramecrans e Piocobgés, pelas suas crueldades no porto da Chapada, ribeira do Grajaú, succedeu não poderem uma e outra domar a bravura dos ditos Indios, de cuja presença vergonhosamente se retiraram; e recolhendo-se a de Pastos Bons, ficou em campo a de S. Pedro de Alcantara, não para insistir no castigo d'aquellas nações criminosas, mas sim para armar atraiçoadamente a outras menos mal intencionadas, que talvez nunca offenderam os nossos povoadores, ou nem os viram. Divulgada entre os Indios a noticia de haver tropas na campanha, nenhum deixou de se pôr em salvo com as suas familias, e escondidos havia toda a difficuldade em os fazer prisioneiros, unico interesse que se procurava; porém como o grosso da expedição de S. Pedro de Alcantara consistia nos alliados Indios Caraús, e o idioma d'estes era o mesmo que o dos outros Indios, foram mandados alguns a chamar os escondidos, gritando-lhes pelos cumes dos montes que sahissem das brenhas em que se occultavam, porque os Cupez (como elles nos chamam) não queriam mais do que a paz e amizade d'elles para os encher de fortuna, assim como succedêra a' elles Caraús. Capacitados os miseraveis Indios pela persuasão dos seus proprios nacionaes, que viam contentes, foram apparecendo aquelles menos desconfiados, e se entregaram com as suas familias em numero de trezentos e sessenta e quatro almas á boa fé d'esta expedição, que contemplavam como a sua maior ou melhor felicitadora; porém qual não foi d'elles o espanto, a dôr e o tardo arrependimento, logo que se viram presos e immediatamente roubados pelos mesmos Caraús, e desfloradas as suas donzellas, tirados seus filhos para repartir entre a nossa gente, e parte d'elles mesmos Indios mortos extraviadamente pelos campos; para se lhes utilisarem-se das mulheres mais bem parecidas, e isto com pleno consentimento de quem devia e podia obstar! Abrindo então os olhos, ainda que já tarde, fugiram os que poderam, deixando comtudo maniatados ou

presos cento e sessenta e quatro, que eu vi entrar n'esta povoação em o dia 27 de Julho do mesmo anno de 1815, tão tristes e abatidos quanto se deve suppôr do miseravel estado a que se viam reduzidos por uma horrorosa traição, aquelles mesmos que voluntarios procuravam constituir-se vassallos do seu augusto soberano.

Ás quatro horas da tarde d'esse mesmo dia cento e trinta d'elles foram ferrados com metal afogueado sobre o pulso direito, quaes captivos comprados para negocio na costa d'Africa; e o signal era um O grande.

É muito natural que fossem destinados á venda os mais moços, na fórma costumada, e conduzidos ao Pará em poucos dias por João Apollinario, que os levou em duas embarcações, e condemnados os de maior idade ou sem extracção a trabalhar em serviços particulares da povoação.

Apenas podiam os pais por um momento, eu observava, conservar as vistas sobre os seus desgraçados filhos contemplados no captiveiro a que elles mesmos pela sua credulidade os tinham reduzido; mas d'esse mesmo momento a ternura com que os observavam era tão interessante, que conservo d'ella uma idéa muito viva para que tão cedo este caso jámais me possa esquecer. Á vista pois de factos similhantes, que só não encheram de horror a alma insensivel que os praticou, está provado aquelle pessimo abuso, que, pela nota anterior, se diz feito das cartas regias acima apontadas, as crueldades que á sombra d'ellas se tem praticado, a ambiciosa maldade que as promoveu, e a perversa interpretação que sobre este particular se tem dado ás mais pias intenções do melhor dos monarchas.

Recapitulação.

Do porto da cidade de S. Luiz do Maranhão á villa de Caxias.	118	leguas.
Da villa de Caxias ao logar capital de Pastos Bons.	62 1/2	»
Do logar de Pastos Bons ao de S. Pedro de Alcantara	108	»
Sommam. . . .	288 1/2	»

N. B. Esta jornada, ainda na estação favoravel, havendo canôas promptas nas passagens dos rios e pontes nos riachos, sem despender tempo em provisões e tendo mudas promptas, não se poderá fazer em menos de quarenta dias com bagagens.

Segundo as voltas do rio, é considerada assim aquella distancia e todas as mais; porém está visto que nas latitudes rectas ellas se diminuem quasi metade segundo a graduação do mappa.

RESPOSTA

AO ILL.mo E EX.mo SR. HERCULANO FERREIRA PENNA,

Presidente da provincia do Pará,

SOBRE A COMMUNICAÇÃO MERCANTIL ENTRE A DITA PROVINCIA E A DE GOYAZ:

Dada pelo Sr. tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, membro correspondente do Instituto.

Officio do Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, presidente da provincia de Goyaz, para o presidente da provincia do Pará Herculano Ferreira Penna, datado de 5 de Janeiro de 1847.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Havendo eu emprehendido um ensaio de navegação e de commercio pelo rio Araguaia entre a capital d'esta provincia e a do Grão-Pará, que V. Ex.a tão dignamente preside, por estar convencido não só de que similhante empreza é realisavel, havendo algum esforço e protecção do governo, como de que d'ella podem resultar innumeraveis beneficios ás duas provincias, pondo-se em practica um meio menos dispendioso para o transporte dos productos de que ellas necessitam, encarreguei a direcção da empreza ao Dr. Rufino Theotonio Segurado, que reune todas as habilitações para bem de-

sempenhar esta incumbencia, porque além de practico da navegação dos rios que regam esta provincia, é revestido de grande probidade, e tem decidido interesse pelo bem estar do seu paiz.

Para que o mesmo doutor se podesse encarregar d'esta missão, sem faltar aos seus deveres de juiz de direito interino da comarca da Palma, concedi-lhe tres mezes de licença com todos os seus vencimentos, cuja licença já foi ampliada pelo governo imperial por mais seis mezes com iguaes vantagens para o mesmo fim. Em face do que tenho tido a honra de communicar a V. Ex.ª conhecerá V. Ex.ª que aquelle doutor vai encarregado de uma empreza protegida pelo governo imperial e d'esta provincia; e por isso rogo a V. Ex.ª que de sua parte igualmente preste ao referido doutor todos os auxilios de que elle necessitar, cujos auxilios valiosos, como são, muito concorrerão para que a empreza tenha bom successo, e d'est'arte ambas as provincias tenham aberto mais um canal de communicação Fico certo que terei a satisfação de agradecer a V. Ex.ª sua protecção para com esta empreza, assegurando a V. Ex.ª minha consideração e respeito, e que sempre me achará prompto para tudo quanto fôr do serviço publico, e do particular de V. Exª. Deus guarde a V. Ex.ª Palacio do governo da provincia de Goyaz, etc.

Officio reversal do presidente da provincia do Pará Herculano Ferreira Penna para o Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, presidente da provincia de Goyaz, datado de 19 de Maio de 1847.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Tive a satisfação de receber o officio de V. Ex.ª datado de 5 de Janeiro ultimo, em que me communica a deliberação que tomára de mandar fazer um ensaio de navegação e de commercio pelo rio Araguaia entre as capitaes das duas provincias de Goyaz e Grão-Pará, sendo encarregado da direcção d'esta empreza o Dr. Rufino Theotonio Segurado, que foi portador do dito officio. Elle chegou felizmente a esta capital, d'onde regressa hoje, tendo-lhe eu prestado de mui boa vontade os auxilios que requisitou-me, e que consistiram no adiantamento de soldos e mais vencimentos até o fim

de Junho proximo a onze praças d'essa provincia, que o acompanharam, no concerto e substituição das armas que se achavam em máo estado, e na prestação de mais cinco praças de linha para reforço da escolta, além das ordens que expeço a fim de que as auctoridades dos logares por onde houver de passar o coadjuvem com quaesquer outras providencias de que possa necessitar. Diz-me elle que o resultado da negociação de que veio encarregado tem sido vantajosa até o presente, e eu muito estimarei que a viagem se conclua com felicidade tal que anime a vinda de outras muitas expedições similhantes.

Sendo natural que elle apresente a V. Ex.ª um relatorio da mesma viagem, eu espero que V. Ex.ª tenha a bondade de communicar-m'o, na certeza de que serei solícito em cooperar por todos os meios a meu alcance para que se realisem as vistas de V. Ex.ª, como tanto convém a ambas as provincias.

Aproveito a occasião para apresentar a V. Ex.ª os protestos da minha particular consideração e estima. Deus guarde a V. Ex. Palacio do governo da provincia do Pará, etc.

Officio do presidente da provincia do Pará Herculano Ferreira Penna para o tenente coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, datado de 29 de Maio de 1847.

Tendo-me sido dirigido pelo Sr. presidente da provincia de Goyaz o officio constante da copia inclusa, em que me communica a deliberação que tomou de mandar fazer um ensaio de navegação e de commercio pelo rio Araguaia, desejando eu animar tal empreza por todos os meios a meu alcance, como declarei já na resposta, que V. S. achará tambem junta, e conhecendo quanto V. S. se acha habilitado para indicar os obstaculos que ella possa encontrar, assim como as vantagens que promette a ambas as provincias, resolvi dirigir-me por este meio a V. S. para que tenha a bondade de informar com seu parecer sobre este assumpto, no qual dará certamente novas provas do zelo com que se dedica ao serviço do Estado. Deus guarde a V. S. Palacio do governo da provincia do Pará, etc.

Resposta ao Ill.mo e Ex.mo Sr. presidente do Pará Herculano Ferreira Penna.

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Não hei medo que vos pareça o meu razoamento comprido, não havendo cousa mais para desejar que haver muitas cousas, as quaes se possam louvar.

(Obras de D. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda e de Leiria, prégador de el-rei D. João III, visitador e reformador da universidade de Coimbra. Tom. II, pag. 56.)

No officio por V. Ex.ª a mim dirigido no dia 29 de Maio proximo passado tive a instrucção de que o Sr. presidente da provincia de Goyaz intenta um ensaio de navegação e commercio pelo rio Araguaia entre aquella e esta provincia; e que V. Ex.ª, desejando animal-a pelos meios disponiveis, me determina que eu indique os obstaculos que ella possa encontrar, assim como as vantagens que promette a ambas as provincias. Vou effeituar esta ordem segundo a noticia que possuo da geographia historica e physica das ditas provincias na parte relativa ao sobre-indicado ensaio de navegação e commercio, e saberei desposar a verdade com o que devo expender.

O desejo que tem o sobredito Sr. presidente de estabelecer a navegação e commercio pelo rio Araguaia com o Pará está em consonancia com as providencias dadas nos tempos passados, e provocadas pelo estado de atrazamento que desmedrava aquella provincia. A mineração facil e copiosa da serra Dourada, da Natividade, da Conceição, de Cavalcante, do Coral, do Fundão, do Bomfim, do Descoberto do ouro podre, de Pilões, do Rio Claro, de Tesouras, com excepção do riquissimo morro do Clemente e do morro do Elemento no territorio de Santa Cruz, que escaparam á avidez por falta de agua para trabalhar na sua cata, e de Anicuns, celebre até pela rica pedreira que corre norte sul pelo interior do solo, fez que a pluralidade fosse mineira: poucos moradores se accommodaram á lavoura: a quantia dos escravos maior que a da gente livre demonstrava

o sobejo do ouro, e essa mesma quantia estando sempre sortida de mulheres sem alguma igualdade relativa embaraçava o indispensavel meio provisional do augmento da escravatura, e por consequencia o dito sobejo do ouro ia sepultar-se nos cemiterios, e o nimio preço dos alimentos provava a pouquidade dos productos agricolas. Mas o ouro, que se patenteou com bastante affluencia desde 1728, afundou-se nos socavões e grupiaras dos regatos; a população não teve incremento que a constituisse maior do que a dos barbaros sylvicolas, que hostilisam a navegação e o discorrer pelo paiz dentro e fóra do seu horizonte, pois que elles ainda tem nas suas mãos uma grande porção da provincia. As colonias africanas, que havia comprado, a depauperaram e a deixaram vasia, porque cessou a sua introducção. Com a falta de escravos tornou-se a mineração ardua e menos lucrosa; despiu-se do manto da moderação e entrou n'uma especie de avidez febril a cobrança dos dizimos; estreitou-se a opulencia da terra, minguou o credito dos mineiros, e resultou que a maioria numerica dos homens livres pesquizasse a sua subsistencia na agricultura e no commercio.

Ficou por tanto pobre e debilitada a provincia desde 1779, em que se viram baldados os esforços e tentativas para promover a mineração no districto do rio Maranhão; e depois d'isso sempre com o fim de alliviar a fraqueza dominante debalde se pediu e se obteve em 10 de Setembro de 1801 permissão de minerar as terras de Pilões e Rio Claro, até então vedadas do anno 1748 em diante por causa dos diamantes, que eram o objecto do contracto d'aquella demarcação diamantina. Muitas terras de riqueza conhecida eram como inexistentes, pois as especulações precisas e os serviços necessarios ficavam perdidos muitas vezes segundo as circumstancias, e não podiam ter alento com a pobreza dos mineiros, os quaes por falta de braços não podiam continuar a cultura mineral. De tudo isto seguiu-se naturalmente que os jornaes das suas lavouras excedessem o duplo dos jornaes das de Minas Geraes, e que engrossasse o empenho da provincia nas tres praças da Bahia, S. Paulo, e Rio de Janeiro.

Não a podem felicitar a passividade do seu commercio, e a sua ex-

portação de algumas boiadas para a Bahia, que tiram das fazendas do sertão de oitenta leguas entre serras chamado Paraná, em razão do rio d'este nome formado pela liga do Rio Paranahyba, oriundo do centro de Goyaz, com o Rio Grande, nascido do interior de Minas Geraes. Ora ajunte-se a isto a grande careza do transporte dos generos, que lhe vão dos portos da linha maritima septentrional e da linha maritima oriental, como são as fazendas de lãa e de linho, louça, polvora, chumbo; cobre, ferro e aço, desprezando-se o que se acha na repartição do norte da provincia, conforme nos affirma o *Discurso sobre o estado actual das minas do Brazil* escripto pelo bispo Azeredo Coutinho; e não menos muitas vezes não chegar o ouro das lavras para pagamento das fruições materiaes do mundo puramente necessarias e não de luxo.

Eis aqui a situação em que se exhibe uma provincia, cujas minas concitaram a ordem regia de 11 de Fevereiro de 1736, que a creou dependente da direcção do governador de S. Paulo, e que foi executada aos 25 de Julho de 1739, da qual sujeição ficou isenta aos 9 de Maio de 1748, sendo a sua capital sublimada de villa a cidade pela carta de lei de 17 de Setembro de 1818; e d'esta sorte é ella irmãa gemea da de Matto Grosso por obra da lei da sua creação, que lhe deu essa fraternidade, pela qual a podemos chamar uma das mais modernas das provincias auriferas occidentaes. O seu terreno tem por linha collimitanea a que passa ao oéste da parte de Cuyabá pelo rio Araguaia; ao norte por S. João das Duas Barras; ao sul pelo Rio Grande da estrada de S. Paulo; a léste pelos Arrependidos; a lés-suéste pelo rio de Manoel Alves citerior da povoação denominada S. Pedro de Alcantara pelo seu apparente fundador Francisco José Pinto de Magalhães no fim do anno de 1809; pelo vasto sertão até o Rio Negro com o territorio do Piauhy sem fixação de raia; e pelas serras do Castanho, da Parida, da Marcella, da Tabatinga, da Pindahiba, do lado do desemboque situado na margem esquerda do rio das Velhas, que passou a pertencer á comarca de Paracatú ao noroéste de Minas Geraes, desmembrada da do Sabará em virtude do alvará de 4 de Abril de 1816. Todo aquelle amplis-

simo chão torneado pela dita linha collimitanea é productor espontaneo de quanto é necessario para as commodidades de uma vida frugal e abastecida. Alli não falta gado miudo e grosso, tem florestas abastadas em optimas madeiras na paragem appellidada Matto Grosso, que é extensissima para o norte e para o sul, e differente por isso do resto da provincia, todo vestido de matos arbustivos denominados catingas. É dotado de pingues campinas, salinas desaproveitadas talvez por dispendiosas no seu trabalho, enxofre, vitriolo, sal ammoniaco, antimonio, terras diversas para tinturaria e pintura, salitre, sal gemma ou montano, abundante malacacheta no territorio de Trahira, sene, rhuibarbo, quina, baunilha, congonha, tamarindo, fava de S. Caetano, pucherí, salsa parrilha, ruivinha, capim sapé, maná purgante, anil de folha larga, herva trepadeira, e outras plantas medicinaes e de tinturaria, cuja menção estenderia o ambito competente a esta carta.

Não podia deixar de patentear-se na sua nudez os damnos que uma direcção pouco accommodada ás necessidades dos tempos havia causado a Goyaz desde a sua juventude. Foi da consideração successiva de tudo quanto deixo relatado a respeito d'esta extensa e pouco cultivada provincia, e fendida quasi ao meio pelos rios Tocantins e Araguaia, ambos sem duvida ministradores do meio mais apto para a sahida e consumo das producções, dos fructos, e das primeiras materias fabrís, pela navegação d'elles para o Pará, que nasceram as disposições de economia politica seguintes.

Primeira da parte de Goyaz. No anno de 1773 o governador José de Almeida de Vasconcellos de Soveral e Carvalho, a fim de ter conhecimento positivo da possibilidade da communicação com o Pará pelo Tocantins, encarregou d'essa exploração a Antonio Luiz Tavares Lisboa, o qual começou a sua viagem no dia 7 de Agosto do mesmo anno do porto do Pontal, remoto cento e vinte leguas da capital da provincia, e jacente abaixo da cachoeira intitulada *Carreira comprida* e acima do rio do Somno trinta e sete leguas; e chegou á villa de Camutá no dia 17 de Setembro, tendo andado cento e noventa e sete leguas em quarenta e um dias, cuja distancia pouco differe da

de duzentas leguas conforme o mappa, que se remetteu a El-Rei, do vigario geral e visitador pelo bispo do Pará nas ditas minas de S. Felis o Dr. José dos Santos Pereira. A referida distancia de cento e noventa e sete leguas coadunada com a de quarenta e cinco leguas de Camutá á cidade de Belém, e com a de cento e vinte do porto do Pontal á respectiva capital, fórma trezentas e sessenta e duas leguas de intervallo das duas capitaes pelo Tocantins e por terra. O supramencionado Tavares Lisboa deu a João Pereira Caldas, general do Pará, o roteiro da sua viagem, no qual incluiu noticias particularisadas das cachoeiras, canaes, recifes, chapadas, barrancos, córregos, rios affluentes, ilhas, campos, rebojos, baixios, e sete figuras de serras. Já antes do sobredito anno em 1724 gente de Goyaz havia descido o Tocantins, não por ordem superior, mas pelo impulso de um successo tumultuoso, que necessitou a separarem-se alguns companheiros de Bueno o filho, os quaes acertaram com um rio originario dos morros de Cavalcante, hoje denominado de S. Felis, que desemboca no Tocantins, e por ambos estes rios sulcaram em balsas á cidade de Belém.

Segunda Para servir vantajosamente á navegação fundou-se em 1774 com Javaés e Carajás um logarete debaixo da denominação de Nova Beira na grande ilha de Santa Anna, em que se bifurca o Araguaia a dous gráos quasi do decimo quinto parallelo meridional.

Primeira da parte do Pará. O general governador Bernardo Pereira de Berredo mandou em 1720 o capitão Diogo Pinto da Gaia a explorar o rio Araguaia, no qual viu toda a ilha de Santa Anna; e com tudo sem completamente contentar a este governador.

Segunda. Em 1731 o general governador Alexandre de Souza Freire, tão versado na lingua geral que chegou a compôr estancias de oitava rima na dita lingua, expediu ao rio Araguaia o sargento mór João Pacheco do Couto com oitenta homens sob seu mando. Este official descobriu as minas da Natividade, que foram julgadas pertencentes ao Pará pelo dito general, e por isso elle disputou a posse com o governador de Goyaz quando este veio pacificar as perturbações movidas nas referidas minas. E não menos o bispo D. Frei

João de S. José e Queiroz jámais deixou de insistir para a côrte, sem espirito de ambição, sobre competir de justiça á sua diocese esta mesma parte do norte de Goyaz, que o bispo do Rio de Janeiro queria ter no seu pasto espiritual, e que só veio a ser desmembrada do territorio do bispado do Pará para a prelazia de Goyaz no anno de 1807 com annuencia do bispo D. Manoel de Almeida de Carvalho, segundo elle o fez ver na sua provisão de 16 de Novembro d'esse anno, que dirigiu ao presbytero secular André Vicente Ferreira.

Terceira. O general governador José de Napoles Tello de Menezes, em observancia das ordens regias que haviam sido annunciadas na resposta de um ministerio illustrado e sabedor a fundo dos interesses e situação á carta escripta em 1762 pelo sobredito bispo D. Frei João de S. José, sobre a precisão de facilitar-se o uso do Tocantins e de civilisar-se a sua avultada gentilidade, plantou em 1781 um logar denominado de S. Bernardo da Pederneira na borda direita do Tocantins, entre a Cachoeirinha e a cachoeira Tapaiúnacuára; e no anno subsequente mandou engastar debaixo da direcção do major engenheiro João Vasco Manoel de Braun em situação uma legua inferior do riacho Caraipé outro logar com o appellido de Alcobaça, e annexo a elle um forte de fachina chamado de Nossa Senhora de Nazareth, cavalgado de seis peças de artilharia do calibre menor que o mediano, cujo logar foi transplantado em 1793 pelo governador D. Francisco de Souza Coutinho para um sitio fronteiro á ilha de Arapapá, entre a cachoeira Tapaiúnacuára e a cachoeira Guariba, dando-lhe o nome de Arroios.

Quarta. Em 1791 o mesmo general D. Francisco de Souza creou o logar de Araparí na parte superior da Praia Grande, um quarto de legua inferior do igarapé Araparí, de quem o dito logar arrogou o nome: e fundou mais outro na ilha Botica, de cuja denominação o motivo dura ainda na mesma ignorancia d'aquelle porque se chama ilha do Hospital á ilha que jaz quasi na bocca do rio dos Mutuarís, feudatario do rio Tapajós pela sua margem oriental.

Com o designio de ter noções topographicas do rio Araguaia para se regular sobre a sua navegação, da qual não havia achado na se-

cretaria da provincia a informação do sobredito capitão Diogo Pinto da Gaia, existindo porém ainda a tradição não oral mas escripta de que o explorador não passára da extremidade austral da ilha de Santa Anna por embaraços que teve e que se desconhecem, e tambem não achando na mesma secretaria cabal noticia da expedição do sargento mór João Pacheco do Couto acima indicado, aquelle general D. Francisco attrahiu á cidade de Belém alguns Carajás para saber d'elles se o rio era empecilhado de cachoeiras, e se estas tinham a condição de impraticaveis. Elles e o seu principal Auribedú disseram que só da sua estancia para cima era o Araguaia intransitavel: e nada mais especificando, e promettendo auxiliar com Indios a voga das canôas pelo Araguaia, e socorrel-as com farinhas das suas roças, foram despedidos para Alcobaça, que então era o registo das canôas dos mineiros de Goyaz, e d'alli José Antonio de Araujo sahindo no dia 11 de Abril de 1792 os conduziu para as suas habitações com escolta, por elles implorada a fim de os preservar das mãos dos outros sylvicolas; e chegou ás ditas habitações aos 13 de Maio com trinta e dous dias de viagem, e no regresso para Alcobaça dispendeu sete dias contados de 14 de Maio inclusivo a 20 tambem inclusivo do mesmo mez, no qual cerrou o excellente diario da sua jornada, que foi depositado na secretaria do governo.

Quinta. O mesmo governador Souza Coutinho convocou os negociantes Feliciano José Gonçalves, Manoel José da Cunha, e Ambrosio Henriques, para dar principio ao commercio e navegação que o supremo regedor do Estado havia consentido pelos rios Tocantins e Araguaia para Goyaz, recommendando-lhes uma exploração e reconhecimento preliminar da navegação permittida e acoroçoada. Thomaz de Souza Villa Real partiu da cidade do Pará no dia 5 de Fevereiro de 1791 a descobrir a dita navegação e communicação d'esta capital com a de Goyaz, aonde chegou aos 21 de Abril do mesmo anno, tendo sido a jornada parte pelo Tocantins e Araguaia até ao arraial do Carmo, edificado em paragem descortinada em 1764 por Manoel de Souza Ferreira e proxima da extremidade boreal da ilha de Santa Anna, e parte por terra desde esse ar-

raial para a capital de Goyaz com o andamento de cento e oitenta leguas. Voltou no dia 22 de Dezembro de 1792, partindo da foz do Ferreiro no rio Vermelho, e chegou á cidade de Belém no dia 25 de Fevereiro de 1793.

Segundo o que este intelligente e laborioso explorador narrou, o rio Vermelho, que biparte a cidade de Goyaz quasi demidiando-a, e que é navegavel na quadra pluviosa, foi navegado por elle não obstante dizerem-lhe que havia de encontrar muitas difficuldades physicas, e a resistencia de barbaras agglomerações gentilicas das suas margens. O porto da foz do Ferreiro dista quatorze leguas da capital de Goyaz, e trinta e quatro da embocadura do rio Vermelho manente na fralda oriental do Araguaia. Só do dito porto, que é o ponto mais visinho da mesma capital, é que o rio Vermelho consente navegação a pequenos botes para baixo: porque elle é pouco facultoso de aguas, e o seu alveo é pedragoso em partes, e em partes areoso e brando, de sorte que não supporta as estivas para o arrasto das canôas. Por tanto d'aquelle porto para a capital de Goyaz sómente se póde navegar em mui pequenas embarcações e na maior copia das aguas, tempo que raras vezes se poderá aproveitar por causa da brevidade com que o rio as despeja, e por isso será sempre preciso operar por terra em cavalgaduras a conducção dos generos que forem do Pará para alli.

Abaixo da foz do rio Vermelho, e vinte e cinco leguas acima da extremidade meridional da ilha de Santa Anna, desemboca o rio Crixá engrossado com o Salinas, que é navegavel até certa distancia conforme a estação das aguas, sendo sempre necessario o transporte por terra para a capital de Goyaz, no qual todavia se póde achar mais alguma commodidade por haver perto das cabeceiras fazendas d'aquelles terricolas. Depois d'este não tem o Araguaia para baixo mais outros defluentes na sua fralda oriental que sirvam, e sómente alguns lagos desde que elle começa a circumfluir a ilha de Santa Anna. A porção do Araguaia que lava a ribeira oriental d'esta ilha é chamada Furo do Bananal em razão de uma fazenda assim denominada, que se estabeleceu na ourela oriental do mesmo Araguaia: e

da porção que lava a ribeira occidental da dita ilha, e que conserva o nome de Araguaia, só se sabe que embocam n'ella varios rios, cujas fontes demoram nas terras do Cuyabá, e tambem igarapés guiadores a grandes frechaes da qualidade chamada *camayuua* usada pelos gentios, e que ha campinas abundantes de mangabeiras e de cedros colossaes, e de pedras brancas imitantes á cantaria, e que numerosa gentilidade habita todo esse espaço ondeado de serras altas mais ou menos afastadas para o centro, entre as quaes se conta aquella que o supra mencionado sargento mór João Pacheco do Couto chamou de crystal, e noticiou ser de rocha, e haver alli muito ouro e diamantes, mas que occultára tudo aos homens do seu mando para não se baldar a expedição com as conveniencias. Esta serra de crystal vê-se dá parte do Ponente, passada a ilha Yauairi do rio Araguaia.

No Furo do Bananal não ha empecimento de cachoeiras, nem em todo o Araguaia para cima do mesmo furo.

Tres dias de viagem acima da foz do rio Vermelho ha na mesma margem oriental do Araguaia uma fazenda chamada do Zeda, da qual os negociantes de Cuyabá passam á capital de Goyaz, ou ás Minas Geraes ou a S. Paulo, com jornada por terra. O Araguaia não apresenta até esta fazenda obstaculo algum, e d'este modo elle permitte que se possa descarregar n'aquella fazenda as canôas com mais vantagem, pois que entre ella e a cidade de Goyaz a distancia caminha-se em oito dias. É pois alli o porto mais proprio para a descarga das canôas, e para a conducção dos effeitos para a dita cidade ou para o Cuyabá: e assim se compensará bem o incommodo do transporte por terra, e não menos se fará avultado o negocio para os moradores de Cuyabá, até agora obrigados a buscar por terra com grande risco e dispendio os generos que precisam, e de que não eram providos como podem ser os de Mato Grosso pelos rios Madeira, Mamoré e Guaporé para a sua capital, cujo commercio em consequencia da navegação pelo Araguaia não virá a sentir detrimento algum. Ha poucos annos que se estabeleceu no rio do Peixo o porto principal da navegação do Pará.

Entre a bocca do Araguaia e a ilha de Santa Anna apparecem de-

zenove ilhas, duas entaipavas de pedras, e quatro cachoeiras: d'estas a mais difficil é aquella que Thomaz de Souza appellidou *Carreira grande*: todas tem canal em tempo de aguas, e n'esse estão immersas. Não se precisa em tempo algum varar as canôas pela ribeira, como succede na afanosa navegação de Mato Grosso.

Não nos dá esta noção o Sr. conde de Castelnau, naturalista, chefe de uma expedição scientifica composta dos Srs. visconde de Osery, Dr. Weddell, e E. Deville, mandada pelo governo francez a penetrar grande parte dos sertões brazilicos até passar aos Estados banhados pelas aguas do Pacifico, em seu relatorio escripto aos 22 de Outubro de 1844 para o ministro da instrucção publica; no qual pondera que é respeitavel o perigo que encontra a navegação do Araguaia embaraçada por terriveis catadupas, onde tantá gente tem achado a morte. Jámais houve tal noticia. Sabe-se que o Tocantins tem cachoeiras, arrecifes de pedras altas com canal, correntezas violentas, rebôjos, corôas de arêa, arrecifes com canaes, e que das cachoeiras passam-se bem em rio cheio as da Praia grande, que principiam da ilha Tucumandeua e acabam na ilha Uariuacuára, encostadas á parte oriental, navegando-se junto á ribeira; e dos quatro furos da Itá-uóca, chamados do Frechal, dos Capitaris, da Tapéra dos Padres da Companhia, e dos Mineiros, só este é transitavel, gastando-se no transito dous dias em tirar as canôas por entre pedras sem descanso na manobra da sirga. Todos os outros furos são innavegaveis pela rapidez das correntes e pela estructura das cachoeiras. Tambem a grande veia d'agua entre a praia dos Jacundás e a ilha dos Patos obriga a andar de sirga quasi todo o dia: a cachoeira do Itauiri só tem terrivel a sua sahida conhecida pelo nome de *Volta do Cajú*, onde existem caldeirões; e das entaipavas de pedras unicamente cinco, umas maiores e outras menores, acima da ilha Tacuayúna, pedem cuidado para se passar bem. Em summa, da confluencia do Araguaia para o norte ha no Tocantins tres cachoeiras que tem canal, e todo o trabalho maior que ha é no tempo de sêcca descarregar as canôas e passal-as á sirga na Praia grande, no Furo dos Mineiros da Itá-uóca e na cachoeira do Itauiri: e no periodo das aguas invernaes só no Furo

dos Mineiros se passam as cargas por terra para evitar risco maior na vehemencia da veia d'agua. Sabe-se que o Araguaia é melhor que o Tocantins, porque tem só quatro abatimentos no alveo, isto é, quatro cachoeiras, e que d'estas apenas a que está junto á ilha Tanaxiue é similhante ao Furo da Itá-uóca por ser toda de pedra na largura inteira do rio, e exigir que se puxem as canôas por entre mouroços e arvoredos sempre acostadas á margem occidental: e das entaipavas a que jaz entre a terceira e a quarta cachoeira é a mais tremenda, porque é toda de pedras, e cinge todo o rio de beira a beira, porém passa-se como tudo o mais. Finalmente, sabe-se que não foi n'este rio, sim no Tocantins e na Itá-uóca, que houveram essas mortes apontadas pelo Sr. Castelnau de um modo que suade ter sido mais de uma vez. Não é assim. Aquelles que primeiro quizeram passar pelos furos orientaes da Itá-uóca, e que n'elles pereceram escapando poucos, deram motivo persuasorio a que se usasse d'ahi em diante do furo occidental intitulado dos Mineiros, onde nunca ninguem se perdeu, não obstante o afano da passagem. Não é preciso attingir ao typo de valor humano para passar as cachoeiras mais agrestes e fragosas.

Mais outras affirmativas d'este genero enuncia o mesmo Sr. Castelnau, as quaes tem contra si os fastos do paiz. Posto que não seja aqui o logar apto para as notar, comtudo transitivamente tocarei sem longura em algumas, e serão as seguintes: 1.ª Elle dizer que os Jesuitas estabeleceram missões no Araguaia, quando estes padres em Goyaz só tiveram estabelecimento no Carretão, vinte e duas leguas apartado da capital da provincia, e na aldêa do Duro, distante doze leguas do arraial da Agua Quente, fundado em sitio descoberto em 1732 por Manoel Rodrigues Thomaz, e no arraial da Formiga, remoto cento e trinta leguas da capital, e na barra da Palma, cento e nove leguas afastada da mesma capital: e no Pará na margem oriental do Tocantins defronte do quarto Furo da Itá-uóca, cuja paragem tem hoje o nome de Tapéra dos Padres da Companhia. 2.ª Expressar que o rio Araguaia fôra descoberto por aventureiros; sendo certissimo que não foram os buscantes do ouro sahidos de

S. Paulo que primeiro viram o Araguaia: esse facto pertence na ordem chronologica dos acontecimentos ao capitão Diogo Pinto da Gaia,, que na segunda década do seculo decimo oitavo (1720), segundo acima fica narrado, foi expedido a essa visita geographica pelo governador general do Pará Bernardo Pereira de Berredo, com instrucções proprias da sua previdencia e luzes economicas, e por tanto mui diversas do intento cobiçoso com que em 1669 Gonçalo Paes e Manoel Brandão navegaram o Tocantins até á bocca do Araguaia, da qual tornaram para a cidade de Belém, seu ponto de partida. E tambem mui diversas das que deu em 1673 Pedro Cesar de Menezes, governador general do Pará e Maranhão, ao capitão Francisco da Motta Falcão, por quanto o objecto d'essas instrucções era contentar o pedimento dos Guarajús e de outras cabildas selvaticas do Tocantins para as desaffrontar da perseguição venatoria que lhes faziam as tropas dos Paulistas caudilhados pelo mestre de campo Pascoal Paes de Araujo. Foi depois d'essa éra de 1720, e na de 1763, que o governador general de Goyaz João Manoel de Mello expediu uma bandeira de exploradores com o alvo de descobrir riquezas, e não de examinar a indole hydrographica do Araguaia com ponderação na vida interna da provincia. Elles não ultrapassaram a ilha de Santa Anna para baixo. E d'aqui se vê que não foram aventureiros os descobridores do rio Araguaia; foram cidadãos distinctos na ordem social, e unicamente do Pará, commettidos de uma commissão topographica practica pelo respectivo governo, segundo o seu systema de providencias administrativas para o desenvolvimento da força e prosperidade provincial. Só se o Sr. Castelnau quer entender por aventureiros os homens da companhia de pedestres creada pelo governador de S. Paulo D. Luíz de Mascarenhas para auxiliar os exploradores, á qual elle deu o nome de aventureiros. Os verdadeiros aventureiros só cuidavam de fazer a mais viva e renhida guerra ao miseravel ouro, origem principal da corrupção, porque o velho mundo já estava exhausto da sua insaciavel avareza; e n'este furor da cobiça muito se assignalaram os Paulistas: porém na sua pesquiza de minas faziam como João de Souza de Azevedo, nativo do Minho em Portugal, o qual usando da agulha

sympathica, e desenhando as arrumações geographicamente, encobria não só o que pertencia aos rios, mas ainda o que observava de ouro e diamantes. É assim que elle procedeu em 1740 com o governador de Goyaz D. Luiz de Mascarenhas a respeito do rio dos Pilões. 3.ª Chamar ao registo de S. João de Araguaia da provincia do Pará forte de S. João das Duas Barras, nome este privativo da comarca do norte de Goyaz, creada em 18 de Março de 1809 para correcção dos crimes perpetrados em tanta distancia da capital da provincia, e para adiantamento da lavoura e commercio, e communicação com o Pará: no dito registo não ha mais defensa do que a da situação de uma ribanceira superior em altura a cinco braças craveiras cavalgada de duas peças de artilharia do calibre de batalha, e jacente na margem oriental do Tocantins entre o secco do Bacabal e a praia do Tição, de cuja margem se vê a bocca do Araguaia, e d'esta para cima continuando pelo Tocantins todo o espaço até ao districto do Porto Real é da provincia do Pará e seu bispado, e d'alli começa a alçada de Goyaz. 4.ª Impôr á ilha de Santa Anna o titulo de Bananal, pelo qual é conhecida a parte oriental do rio Araguaia, a que elle chama braço da parte direita: e omittiu a menção do lago d'esta ilha, talvez por lhe parecer cousa pouco digna d'isso o seu dominio de cem leguas de comprimento, e de trinta de largura. 5.ª Asseverar que Thomaz de Souza desceu o Araguaia com o fim commercial. Antes de eu chegar a este logar já escrevi quanto basta para se saber o contrario; isto é, que o dito Thomaz de Souza por ordem do governo do Pará fôra a Goyaz, e d'alli tornára para a cidade de Belém, onde apresentou um diario bem especificado da sua navegação pelos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho: e agora accrescento que o mesmo Thomaz de Souza mereceu tanto apreço do chefe de esquadra da real marinha Tristão da Cunha Menezes, governador general que então era de Goyaz, que elle o fez acompanhar pelo ajudante João Barreiro Rangel, o qual falleceu na viagem. 6.ª Ultimamente declarar que o Sr. presidente de Goyaz lhe pedira um relatorio da sua viagem para o dirigir a S. M. o Imperador. Não duvidando eu nem levemente da veracidade d'esta declaração, resta-me sómente ponderar que este passo

de certo foi filho da polidez obsequiosa do dito Sr. presidente, e não de precisão absoluta, pois tinha todas as ordens e officios respectivos á navegação e commercio pelo Araguaia, e muitas outras noticias historicas e geographicas na secretaria da presidencia de Goyaz, e na de S. Paulo, d'onde arrebentou a fervida diligencia synchrona de prear Indios e catar ouro, a qual começou no anno de 1669, e não passou do rio Araés, e só depois em 1680 tocou no sitio em que tinha vivenda o gentio Goyaz: e se o Sr. Castelnau deu o pedido relatorio, como era de esperar da sua cortezania e opulencia de substancia intellectiva, é para lastimar que surgindo n'esta cidade o Sr. Dr. Rufino Theotonio Segurado, incumbido pelo Sr. Dr. presidente de Goyaz Joaquim Ignacio Ramalho da direcção de uma empreza mercantil, não patenteasse transumpto do dito relatorio, pelo qual se podesse conhecer se as antigas noções topographicas haviam tido novo acremento de luz fornecido por um estrangeiro, que tanto se distinguiu em dar o nome de Pedro II a um rio que julgou desconhecido dos geographos, como se no paiz que elle trilhava ainda houvesse algum rio que escapasse aos olhos, não digo já dos peritos e indefessos geographos das demarcações, que bem palmilharam e observaram as lagôas Mandioré, Uberava, Gaíba, Gaíba-miri e seus canaes de communicação, tal como esse de que o Sr. Castelnau trata por ignoto; mas aos olhos de tanta gente que nos modernos e antigos tempos penetrou aquelles sitios em todo o sentido, e com tal excesso que até discorria pelo territorio estranho, do que por vezes se queixou o gabinete de Hespanha ao de Portugal: e que tambem tanto se ufana de exprimir que foi elle o que transitou o Araguaia, que ha mais de trinta annos não fôra visitado por Europeu algum; dando assim a entender que ás suas fadigas e doutissimos suores devem os Brazileiros o conhecimento de algumas cousas do seu paiz. Quanto a mim eu o estimo ser um brilhante astro que fulgura no céo da litteratura.

É sem duvida que os sabios banham e inundam de luz uma nação: porém é preciso que a esses sabios visitando terras exoticas não lhes aconteça no alcance da verdade tomar como Ixião pela requestada Deosa o seu vulto formado pela nuvem, segundo me

parece haver acontecido ao Sr. Castelnau, o qual achando na barra do Rio Negro do Pará, á porta da irmãa do fallecido Joaquim Anvers da Costa Côrte Real, uma pequena e bronca estatua de pedra quasi parecida a um macaco, que alli servia de poial, a julgou uma feitura gentilica, e tratou de a levar para França, onde servisse de grangear-lhe a reputação de curioso e fino pesquizador. Mas se n'este caso tanta acceleração não tivesse havido, elle saberia que o tosco artefacto, que tanto o sorprehendêra como producção de mãos selvaticas, era obra de Antonio Jacinto de Almeida, um dos pedreiros empregados na collocação dos marcos das ultimas demarcações, o qual achando-se na villa de Ega com os astronomos e geographos vindos do rio Japurá por causa de uma epidemia de molestias, se lembrou de divertir-se em moldar na dita figura uma pedra que alli achou, e d'onde o dito Anvers no anno de 1794 trouxe para o logar da barra do Rio Negro esse trabalho sem arte, á vista do qual seguramente o mencionado pedreiro não experimentou agrado similhante ao do esculptor Pygmalião com a sua estatua de Venus.

Se a sobredita figura mereceu tanto ao Sr. Castelnau em seu conceito, que diria elle se attentasse no monte de pedras como arranjadas por arte, chamado Torre de Babel pelos antigos sertanejos, que jaz no meio de uma das campinas que tem a provincia de Goyaz, entre o córrego de Jaraguá e o logar do Fundão? Ou se visse na estrada da cidade de Goyaz para o arraial de Mato Grosso a perspectiva variada que offerecem umas pedras junto ao monte do Caracol, as quaes entre as figuras singulares que representam mostram a de uma cara humana por terem certos buracos ou furos abertos pela natureza? Quanto melhor seria que este naturalista observasse tantas obras naturaes dignas de se ver na provincia de Goyaz, e nos obsequiasse com uma descripção especificada, e mais veridica do que a que fez no Resumo geographico da Peninsula Iberica Bory de Saint-Vincent, seu compatriota, e de tão grande nome em França! Veriamos então, além de outras muitas cousas, o como elle fazia juizo do tombadouro de Fr. Theotonio: da lagôa do padre Aranda: do

salto das Furnas: da pedra elastica nos arredores de Meia-ponte: da concavidade da Tromba de pedraria negra: da serra das Caldas, quadrilatero que encara os quatro pontos cardeaes do horizonte, cuja cima é engastada de lagos: das Caldas medicinaes de Fr. Rainaldo, do Moquem, do Rio Grande no districto de Pilões, e de Santa Cruz: e das grutas de Trahira, de Paraná perto de Santa Rosa, e da serra que jaz a uma legua do Duro.

Começam da decima nona ilha para cima os sitios em que se acham estanciados os Carajás: n'elles ha poucas casas, mas essas longas e cobertas de palha chamada por elles *Euá-uassú*, cada uma com uma só pequena aberta, que serve de porta. A primeira cachoeira na subida do rio jaz visinha da decima ilha appellidada Tanaxiúe, e a entrada do Araguaia está entre léste e suéste: é larga, tem dentro barreiras brancas, praia de arêa e lagos. D'aqui até á primeira habitação dos Carajás acha-se povoado o rio da gentilidade seguinte: Apinagé, Turiuára, Iparanin, Tapirapé, Carauau, Carauadú, Araueré, Uacuraá, Aruaque, Tacuayuna, Jacundá, Pinaré, Carajá, Carajahi. Este ultimo gentio foi o que caracterisou ao sobredito Castelnau de temiveis os perigos que elle ia deparar no Araguaia: no que se mostrou tão veridico como Auribedú, principal dos Carajás, quando informou o governador general do Pará de intransitavel o mesmo rio acima das suas povoações, segundo depois bem o provou o supramencionado Thomaz de Souza, o qual em sua informação expressou que da ultima povoação dos Carajás para cima não ha mais impedimento algum, e que até o Araguaia tem por ahi mui fraca correnteza, pelo que mais se facilita a subida. Disse tambem que de noite ha mais frio que no Tocantins: que as aguas são mais crystallinas e frias, e os ares lhe pareceram salutares, porque elle e os seus companheiros não experimentaram doença alguma, como acontece nos outros sertões, em que nas enchentes e vasantes dos rios costumam ser arremettidos os que por elles vogam: e que achou fertilidade de carnes selvaginas e de peixes.

Em 1793 ainda o mesmo governador general D. Francisco de Souza fundou na parte superior do logar de Bayão, hoje villa,

entre S. Bernardo da Pederneira e o Paranamirí ulterior da cachoeirinha estante na sahida de Matacurá, um logarete intitulado do Murú com Indios tirados da villa de Chaves.

Volto a Goyaz. Em 1775 uma bandeira mandada a diversos reconhecimentos pelo governador general José de Almeida de Vasconcellos Soveral vogou o rio Araguaia entre o sitio do Bananal e as povoações dos Carajás, e não passou nem para baixo d'estas povoações, nem para cima do referido sitio, do qual havia uma estrada que guiava aos arraiaes de Amaro Leite e de Crixá. No aviso da secretaria de estado dos negocios ultramarinos de 10 de Janeiro de 1799 recommendou-se mui particularmente a D. João Manoel de Menezes a navegação dos rios Araguaia e Tocantins, e o commercio com o Pará. A carta regia de 7 de Janeiro de 1806 trata de assumpto identico, concedendo inteira isenção de dizimos por dez annos aos que se estabelecessem nas bordas dos ditos rios ou perto d'ellas, e encommenda a agricultura como a solida base da felicidade publica. O aviso de 26 de Maio de 1809 da secretaria de estado dos negocios da guerra regula o presidio da barra do rio Manoel Alves Grande no Tocantins. Em 5 de Setembro de 1811 approvou-se o estabelecimento de uma sociedade mercantil durante tres lustros; a cujo respeito deve subsistir na capital de Goyaz a memoria do dezembargador ouvidor Joaquim Theotonio Segurado, a qual acompanhou o officio do 1.° de Fevereiro do dito anno, do governador general Fernando Delgado Freire de Castilho, sobre a mencionada sociedade entre aquella provincia e a do Pará. Em 1817 João Caetano da Silva descobriu a navegação entre Goyaz e S. Paulo pelo Rio Grande, divisor d'estas duas provincias. E em 1827 Pedro Gomes Machado, com o intuito de que Goyaz tivesse dentro do seu contorno uma feira de bestas e de outras cousas, fazendo-se trafego com o gentio Guaycurú, com os fazendeiros do circuito do forte de Miranda na provincia de Cuyabá, e ainda com os habitantes do territorio de Missões, propôz a fabrica de um caminho para o logarete de Camapuan situado no rio d'este nome, que deflue no Coxim, e ambos no Taquary. Elle entendeu que este caminho para o sitio de

Camapuan facilitando atravessar d'alli o Paraná e cabeceiras do Uraguay ou campo de Guarapuava daria tambem aos tropeiros de Minas Geraes a diminuição de quinze dias de violenta marcha para sahirem da terrivel mata pela qual costumam passar.

Tenho apontado concisamente tudo quanto sei que se ha concebido e realisado a bem da causa publica d'esta provincia, como da de Goyaz: tudo desafiado pela grande decadencia das minas, e pequeno numero de escravos da segunda das referidas provincias, que não permitte trabalhos conspirantes a colher as possiveis utilidades capazes de levantal-a do abatimento em que jaz languida e amortecida quasi desde o tempo em que depois da morte de el-rei D. José de anno em anno em Minas Geraes se tornou mais rapida a decadencia das minas. Este mesmo pequeno numero de escravos deve gelar o enthusiasmo de mineração, o qual era tão desmedido que se chegou a proferir ser tanto o ouro na provincia que nas fezes do ventre de qualquer animal apascentado depois de lavadas se encontrava particulas do dito metal (*); assim o diziam os moradores do arraial de Santo Antonio de Montes Claros: e por tanto devem ficar illibadas as minas que se suppõe existir no centro da provincia, e ainda mesmo as dos Anicuns de ouro de baixo toque, a despeito do alvará de 13 de Maio de 1803 sobre a administração das minas. Todas as esperanças de melhoramento no porvir devem ter por base dupla a agricultura e o commercio; só estes dous objectos primarios da industria do homem civilisado é que podem restaurar essa provincia central, que a juncção do Araguaia com o Tocantins separa do Pará.

Foram d'este teor as miras protectoras do commercio, e outras favoraveis á agricultura nos tempos passados, em que a capacidade governativa não só cuidava de concentrar o calor de vida na cabeça e no coração da republica, mas tambem de attrahil-o á peripheria do corpo social; e são essas mesmas as que n'este momento pretende

(*) Este caso faz recordar o dos soldados do imperador Tito no sitio da nunca assaz lamentada Jerusalém, os quaes escalaram um grande numero de Judeos em busca do ouro, suspeitando estar este deposito escondido nas entranhas d'aquelles corpos.

instaurar o Sr. presidente de Goyaz. Todas ellas tem sido illudidas pelo extravio de mãos dadas com o genio pouco activo e propenso á preguiça, raiz dos vicios da maioria dos seus habitadores, os quaes em nada concorrem para o seu e alheio interesse real, excepto os terricolas de Meia-ponte, Corumbá e Jaraguá, que são mais laboriosos, ageis e industriosos, porque n'elles a isenção de cuidados não consiste inteiramente como em outras partes no gozo de tres cousas, rede, farinha e cachimbo. E aqui pela pouca fé que os negociantes prestam ás transacções mercantis d'aquella provincia, com que sempre tem soffrido perdas na demora e arduidade dos embolsos, sem que até hoje se haja effeituado uma grande parte d'elles, entrando tambem n'este padecimento a mesma companhia geral do commercio do Grão Pará e Maranhão, extincta pela carta regia de 25 de Fevereiro de 1778, a qual ainda não conseguiu o pagamento do saldo superior a dous contos de réis, e pela frustração de todas as povoações plantadas no Tocantins para subsidiar a navegação, apenas restando a de Bayão, que pouco serve por estar edificada vinte leguas abaixo das cachoeiras.

D'este modo pouca razão teve o governador general de Goyaz D. Francisco de Assis Mascarenhas para increpar o Pará, na sua carta de 26 de Novembro de 1809 ao seu successor, de haver sido a causa de não terem ido adiante projectos de tanta utilidade, dando para prova a sua correspondencia com o governador general do Pará José Narcizo de Magalhães de Menezes, a qual é um debil muro desaprumado, incapaz de resistir ao valor historico de tantos factos oppostos. A provincia do Pará tem a prioridade na pesquiza de communicação para a extremidade oriental da celsitude central do Brazil, em que a natureza não só traçou as duas linhas fontanaes, de que se debruçam os rios Cuyabá, Paraguay reunido com o Jaurú, Pilco Maio, e Grande para o Rio da Prata, e os rios Xingú, Tapajós, Mamoré, Guaporé, Madeira, Purús, Coarí, Tefé, Juruá, Jutahy e Javary para o Amazonas, mas ainda fez serpentear dous rios communs no berço, e não na carreira, quaes o Alegre e o Aguapehy, que se penduram pela encosta da extremidade austral das serras do

Aguapehy para ir o rio d'este nome mesclar-se com o Jaurú, e o Alegre com o Guaporé: a primeira das ditas linhas entre os parallelos meridionaes 13° e 19° 40', e a segunda entre os parallelos do mesmo hemispherio 8.° e 17° 35'.

O conhecimento dos dous ditos rios communs no berço, e não na carreira, suscitou na mente do escriptor da *Corographia Brazilica* idéa de ser o Brazil a maior peninsula do nosso globo, cujo breve isthmo é a lingueta de terra entre as matrizes dos referidos rios Aguapehy e Alegre: idéa que elle lavrou na introducção da sua mencionada obra, pagina 10, sem reparar na inexactidão d'ella, pois que jámais se podia admittir ser o Brazil peninsula de um modo, que excluia uma tão grande parte integrante d'elle, como a que consta do largo terreno que medeia entre o rio Madeira e o rio Javary; do terreno que é golpeado pelo Rio Negro desde a serra Cucuhy até ao Amazonas; do terreno fendido pelo Rio Branco desde a cordilheira até o Rio Negro; e do terreno boreal do Amazonas desde a Tabatinga até á margem austral do rio Oyapock, de cuja margem decorre o littoral do Brazil até á meta meridional d'elle na angustura de Castilhos ao norte do Arapey, segundo a convenção de 1819 ajustada como um contracto bilateral e synallagmatico entre os plenipotenciarios conde da Figueira, governador e capitão general do Rio Grande de S. Pedro do Sul, e D. Prudencio Morguiondo pelo cabildo de Montevidéo: e de cuja meta se tomou posse solemne.

O já mencionado João de Souza de Azevedo na informação que deu ao bispo do Pará D. Fr. João de S. José e Queiroz em 1762, com a individuação propria de um sertanista que andára cincoenta annos pelas fontes e urnas de muitos dos sobreditos caudalosos rios, é o primeiro, de que tenho noticia, que deixa entrever a idéa geographica das duas linhas fontanaes por mim apontadas quando disse ao mesmo bispo: « Que as serras do Paraguay dividem as muitas aguas que d'ellas rebentam, as que cahem para o sul vão ao Rio da Prata, e para o norte porém ao rio Amazonas, e vem a ser as primeiras cabeceiras e origem dos rios Xingú, Tocantins, Tapajós e Guaporé, todos de aguas crystallinas. »

A navegação inicial do Tocantins e a navegação inicial do Araguaia são obra unica do Pará: aquella em 1625 pelo padre Fr. Christovão de Lisboa, muito anterior á que fizeram em 1724 os que fugiram do rio de S. Felis para o Pará, e esta em 1720 pelo capitão Diogo Pinto da Gaia, que precedeu á de Goyaz praticada em 1775, e que não transcendeu a ilha de Santa Anna. A diligencia effectiva de introduzir o movimento da vida e a cultura no Tocantins em proveito da communicação de Goyaz tambem foi sua; e se os povos alli assentados hoje não permanecem é d'isso razão a mesma que produziu iguaes effeitos nas mais povoações da provincia, das quaes umas estão apagadas, e outras assaz desengrossadas: a despeza de tres contos de réis praticada pelos tres já apontados negociantes do Pará para obter um diario da viagem pelo Tocantins e Araguaia, da qual foi encarregado Thomaz de Souza Villa Real, é igualmente um serviço de transcendente importancia feito aos terricolas de Goyaz: e finalmente o lucro dos primeiros passos do commercio do Pará foi todo de Goyaz: por tanto nenhum fundamento havia para que o sobredito general proferisse queixa contra esta provincia, dando-a como opposta aos interesses reaes d'aquella que elle administrava. O Pará quando lhe batia á porta alguma das provincias que o circumdam, prompto buscava satisfazer conforme as suas forças o que se lhe pedia: nunca procedeu como Goyaz, que nos tempos preteritos se escusou quanto poude de prestar o recurso indispensavel de gente e dinheiro para soccorrer a sua visinha provincia de Mato Grosso, que a guardava, defendia e segurava de todo o insulto castelhano.

É sem a mais minima sombra de duvida conveniente ao Pará e a Goyaz a navegação commercial pelo Tocantins e Araguaia; e a possibilidade d'esta navegação está conhecida por idosas inspecções topographicas. A do Tocantins até ao porto do Pontal offerece a jornada de cento e vinte leguas por terra do dito porto á capital da provincia, e por isso é rejeitavel esta carreira; e a do Araguaia conta da sua foz á primeira povoação dos Carajás sessenta e uma leguas, e d'esta povoação á bocca do rio Vermelho duzentas e onze leguas;

e por tanto é de duzentas e setenta e duas leguas o intervallo da foz do Araguaia á foz do rio Vermelho, a cujo intervallo associando cento e oito leguas, que separam a cidade de Belém da foz do Araguaia, vem a ser de trezentas e oitenta leguas a distancia entre a mesma cidade e a bocca do rio Vermelho: mas querendo-se levar a viagem até á fazenda do Zeda são mais vinte leguas, que cumpre addicionar aô dito numero trezentas e oitenta para ter a distancia da capital do Pará á referida fazenda do Zeda. O mais opportuno tempo para subir o Tocantins e Araguaia é logo depois da Pascoa: e para os descer na estação chuvosa quando estiver maior a cheia. Elle então corre acceleradamente; e n'essa occasião tem havido resolutos que vieram das minas de S. Felis a Camutá em doze dias.

E como na presença das bem tomadas medidas pelos ministros do poder supremo, n'esse tempo de tanta luz não fingida, e executadas pelo Pará em grande parte, a provincia de Goyaz tem procedido para que viesse a ter além da maior commodidade nos preços dos generos precisos da Europa a facilidade de os comprar com os productos da sua cultura, que até então os moradores eram obrigados a encerral-os nos limites prescriptos pelo seu consumo interno? Não trabalhando para a abundancia do assucar, do café e do algodão, a fim de que viessem a ter preço mais commodo; e não conservando a povoação da Nova Beira na ilha de Santa Anna; e não administrando cuidadosamente as aldêas de S. José de Mossamedes, Maria Primeira, Carretão, Santa Anna e suas annexas, as quaes todas tendo gente boa para a voga das canôas podiam fornecer por pequeno preço os remeiros que fossem necessarios á tripulação das do commercio para o Pará. Ora eis aqui como elles trataram de dar saca aos seus generos, e ter os da Europa, vindo a esta cidade de Belém trazer aquelles e levar estes, não carecendo a navegação fluvial do Araguaia e Tocantins de grandes comboios, e menos de numerosas expedições uma vez que não ha varadouros em que seja necessario arrastar as canôas.

Supposto o proseguimento d'este pouco fervor na navegação mercantil d'aquella provincia para esta, debalde pretende o respectivo

Sr. presidente praxear esse meio, que elle chama menos dispendioso, e que elle quer applicar ao transporte dos productos necessarios, ainda no caso da actividade de algum esforço e protecção do governo para realisar a empreza, conforme o exprime o mesmo Sr. presidente: pois já mostrei n'esta carta reversal de officio que nos tempos volvidos não faltou alento e favor, e deixaram-se ver excellentes meios de incitamento com emprezas mais indiciadoras de interesse publico do que esta novissima que motivou a presente resposta autographa, e comtudo viu-se frustrada a communicação pelo estylo com que se houveram aquelles que mais se deviam aproveitar do amparo do governo.

Muito é justo attentar na historia d'este commercio de Goyaz com o Pará. Segundo a mesma historia parece-me conveniente não reiterar despezas se não após d'aquella provincia: e para isso ella deve imprimir-nos a idéa da sua perseverança no commercio comnosco, apresentando-nos os seus generos commerciaes em abundancia e preço aceitavel, visto que a sua posição geographica a faz mais dependente do Pará do que de outras terras circumvisinhas, e que esta nossa provincia não precisa d'aquella tendo como tem todo o oceano desempedido para chatinar com os povos de qualquer parte d'este novo mundo e do velho. Será depois que o governo de Goyaz crear e manter presidios nas margens do Araguaia, e depois de ver-se uma persuasiva regularidade de navegação commercial, que o Pará deverá quebrar algumas pedras no Furo dos Mineiros e na cachoeira do Itauiri, contentando-se só com isto por não ter cabedal para dar existencia a um receptaculo artificial, quero dizer, para rasgar lateralmente uma nova direcção ao Tocantins pelo espaço de quarenta leguas, que é justamente o que as suas cachoeiras occupam: e cuidar de estabelecer duas povoações no mesmo Tocantins, uma á vista da bocca do Araguaia, podendo servir para isso o sitio actual do registo de S. João, e a outra na proximidade da primeira cachoeira na ordem da subida do rio; e então transplantar o dito registo para o boqueirão do Tauiri entre a praia alta e a praiá da Rainha, onde nenhuma canôa póde passar senão junto á ribeira, e onde ha uma

adjacencia farta de caça e de lagos piscosos, mórmente o lago Vermelho habitado pelos gentios denominados Cupélobos. A mudança d'aquelle registo a sua mesma situação a inculca, porque tendo em rosto de si umas ilhas, estas podem occultar o transito das canôas que queiram dispensar-se de ir a elle.

Concluo dizendo que os obstaculos physicos não são totalmente embaraçantes, e muito menos se uma parte d'elles, que é susceptivel de modificações, fôr sujeita a uma operação propria que os suavise: a despeza n'isso feita será mediana, e ficará paga extremamente com os uteis da navegação se esta fôr regular e permanente. Quanto ás vantagens que promette o commercio de Goyaz com esta cidade, eu as tenho por mais pendentes para aquella provincia do que para esta, porque do Pará podem ir-lhe os generos da Europa por menos preço do que das outras provincias circumstantes, e porque quando lhe convenha póde exportar pelo porto d'esta capital para onde quizer: e só haverá reciprocidade de interesses quando o assucar de Goyaz chegue para consumo e remessa externa, e os couros sejam vendaveis pelo menos a par dos d'este paiz, e o café e algodão venham a ter preço commodo e maior abundancia por meio de um cultivo devidamente amplo, o qual produz mais que a mineração, como facilmente se póde evidenciar comparando-se o valor prestado pelo homem operario do campo com o valor prestado pelo homem mineiro.

A lavoura, o commercio e a industria são os mananciaes da verdadeira opulencia quando se reproduzem: o que só acontece havendo extracção dos seus fructos. A industria humana tem na provincia de Goyaz bastante copia de todas as materias precisas: tem rios, uns navegaveis em todo o tempo, e outros na quadra da chuva, podendo da sua frequencia resultar o bem commum: e não lhe faltando especuladores com fundos para arriscar, e feitorias intermedias na fórma providenciada pela carta regia de 5 de Setembro de 1811, e perseverando na prestação dos soccorros de gente e de mantimentos aos navegantes, ella será prospera em si, e proficua ás provincias que a contorneam.

Aqui seu termo a carta me roga. Tenho escripto em breve quadro os meus pensamentos sobre o assumpto por V. Ex.ª proposto: dar-lhe maior amplidão e claridade mais me custaria do que medir as ethereas massas que em diversos espaços rodam e luzem: corrija V. Ex.ª com o seu illuminado exame o que a minha penna aqui traçou: póde ser que eu me engane no conceito que formo da utilidade do que expressei, mas no que de certo me não engano, nem é possivel que me engane, é em que foi com effeito o zelo da causa publica, e o interesse que tomo pela gloria do governo quem presidiu a esta producção dos meus conceitos sobre a materia dada. Zelo e interesse que ha pouco me compelliu a demonstrar em 1840 irrefutavelmente n'uma exacta deducção chronologica a extrema das terras do Cabo do Norte com as de Cayena; em 1841 a do Rio Branco com Suriman; e em 1844 a do Rio Negro com Venezuella: e que d'esta sorte me collocou na refulgente galeria de defensores de metas territoriaes, d'aquelles que moveram a sua preclarissima penna em defeza do direito dos confins aquilonares do Brazil, e que foram os governadores do Pará Gomes Freire de Andrade em 1686 e Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho em 1691; o conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes em 1700; os governadores da mencionada provincia José da Serra em 1732 e 1733, João de Abreu Castello Branco em 1737, Manoel Bernardo de Mello e Castro em 1763, e D. Francisco de Souza Coutinho em 1798 e 1802; o visconde de S. Leopoldo, José Feliciano Fernandes Pinheiro, em 1839; e o conselheiro José Maria da Costa e Sá no mesmo anno de 1839.

Deus guarde a V. Ex.ª Pará, 11 de Julho de 1847. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Herculano Ferreira Penna, presidente da provincia do Grão-Pará.

Antonio Ladisláo Monteiro Baena.

REPRESENTAÇÃO

Dirigida em 1707 a el-rei D. João V pelos Portuguezes residentes no Rio de Janeiro, ácêrca do procedimento que contra elles tinham os filhos da terra nas eleições dos officiaes do Senado da camara (*).

Dom Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Pela copia do papel que com esta se vos envia tereis entendido a queixa que se me faz do procedimento que no senado da camara d'essa cidade se tem nas eleições dos officiaes d'ella, excluindo-se aos filhos do Reino sem mais causa que a da má vontade que lhes tem os que são filhos d'essa terra; e para se poder tomar resolução n'esta materia, me pareceu ordenar-vos que ouvindo n'ella aos officiaes da camara me informeis com vosso parecer. Escripta em Lisboa aos 27 de Agosto de 1707. — REI. — Para o governador e capitão general do Rio de Janeiro. — *Conde de Alvor*.

Copia. — Senhor. Representam a Vossa Magestade aquelles filhos d'este reino de Portugal que se acham moradores na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro com o privilegio de cidadãos, e outros mais homens de negocio, que com abundancia de seus proprios cabedaes vivem com todo o luzimento á lei da nobreza, e são da dita cidade já compatriotas por se acharem n'ella casados com filhas e netas de cidadãos, que alguns poucos dos mesmos cidadãos, filhos da terra, em prejuizo do bem commum da republica se tem introduzido a quererem ser perpetuamente arbitros do magistrado d'ella; levados

(*) A carta regia original, cobrindo copia authentica d'este curioso monumento, existe no Archivo publico nacional; e com muito custo podémos decifrar a representação, porque além do máo caracter da lettra, os insectos e o tempo a tem arruinado. Muitos outros documentos importantes sobre diversos assumptos temos já copiado d'aquelle util estabelecimento, e successivamente os iremos dando á luz nas paginas d'esta Revista. *(Nota do Redactor.)*

não do zelo da mesma republica, mas sim de uma ambição desordenada, que só attende a particulares conveniencias, que lhes ministra o seu odio e a sua affeição: em tal fórma que tanto que nos pelouros do senado da camara não suppoem introduzidas aquellas pessôas do seu empenho, logo se congregam, unem e ajuntam, fazendo ranchos, a fim de embaraçar e perturbar com publico escandalo as eleições, oppondo-lhe embargos, cuja materia nada tem de concludente. Porque de proximo na eleição que se fez aos 26 dias do mez de Dezembro de 1706, sendo tomados os votos para eleitores, e alimpadas as pautas d'elles na fórma do estylo pelo ouvidor da comarca o Dr. João da Costa da Fonseca, e sem haver suborno algum na tal eleição, porque da devassa tirada não consta que o houvesse, fechados os pelouros, e passados alguns dias, então se oppozeram os supplicados com embargos de nullidade á dita eleição, cuja materia foi dizerem que o eleitor Francisco de Mattos Filgueira o não podia ser em razão de o haver succedido successivamente em tres eleições continuadas; e que tambem o não devia ser o outro eleitor o capitão mór Francisco Gomes Ribeiro, cavalleiro professo do habito de Christo, em razão de ser filho de Portugal, qualidade que ignorante e cegamente oppozeram tambem ao dito Francisco de Mattos, dizendo ser filho de Vianna, sendo oriundo na dita cidade, e baptizado na freguezia de Nossa Senhora da Candelaria. Com estes fundamentos intentaram os supplicados annullar a dita eleição, sem repararem que não deviam subsistir para a conclusão da nullidade; pois contra o primeiro existe o exemplo de o haverem sido muitas pessôas em eleições continuadas; e da mesma sorte contra o segundo o de terem sido filhos de Portugal já muitas vezes eleitores: uma e outra cousa approvada e recebida sempre dos supplicados sem controversia nem opposição alguma. Sabido é que são seis os eleitores que se elegem, e estes os que fazem as tres pautas para a eleição de officiaes da camara; e na presente foram os eleitores todos filhos da terra, e um só filho de Portugal, que para isto como fica dito, não tinha algum inconveniente. Se a este acharam os supplicados com qualidades para servir, como serviu, de vereador, que é mais; visto está que podia agora servir de eleitor,

que é menos. E se o serem eleitores os filhos de Portugal (quando assim estão habilitados, recebidos e approvados) póde induzir nullidade nas eleições, nunca podia um só prejudicar a validade e direito dos cinco filhos da terra, sufficiente a supprir aquelle defeito em caso que o fosse. E esta mesma razão procede tambem para o caso d'outro chamado defeito que oppozeram os supplicados, o haver sido um dos seis eleitores eleitor continuado em tres successivas eleições. Isto, Senhor, referem os supplicantes a Vossa Magestade, porque á vista d'isto se deixa melhor entender a sem-razão dos supplicados, e o grande escandalo que áquella cidade causou a sua cavillosa desattenção, ou o seu animo revoltoso e a sua paixão particular, excitando com esta tão leve faisca o incendio que agora se demonstrará, pois autuados e vistos os seus embargos pelo ouvidor da comarca, lhe fôram rejeitados por sua materia, o qual sem embargo d'elles julgou a dita eleição assim feita firme e valiosa. D'esta sentença appellaram os supplicados para a Relação do Estado. E porque esta sua appellação só no effeito devolutivo lhe foi recebida, d'isto mesmo aggravaram tambem para a mesma Relação, cujo aggravo lhe mandou tomar o dito ouvidor da comarca, sem prejuizo da execução: e por isso, sendo em o primeiro de Janeiro nos paços do conselho, abriu com a costumada solemnidade um dos tres pelouros, em que se acharam para vereadores o capitão Manoel Faleiro, e os Drs. João da Motta Leite e João Mendes de Almeida, e para procurador Francisco Pau Ferreira, todos cidadãos e filhos da terra, excepto o Dr. João da Motta, que o é de Portugal. A estes novos officiaes mandou o ouvidor da comarca dar posse; mas foi tal a tenacidade dos supplicados, que ao mesmo tempo que lhe reconheciam e publicamente confessavam a sufficiencia e capacidade de suas pessôas, se lhe oppozeram a impedir a posse com novos embargos perante o juiz de fóra Francisco Leitão de Carvalho, sendo a sua materia não outra, mas sim a mesma dos primeiros, de que tinha já tomado conhecimento o ouvidor da comarca como juiz competente, e mandado dar posse aos novos officiaes, não obstante a appellação e aggravo dos supplicados. Tinham estes mui de dentro ao dito juiz de fóra, tanto em razão de professar

com elles mui estreita amizade, necessaria ao bom fim de seus estranhos procedimentos, como por estar declaradamente opposto ao ouvidor da comarca, em que não póde acabar comsigo de reconhecer superioridade. Não se póde duvidar que o ouvidor da comarca, como juiz privativo das eleições, tomou conhecimento dos embargos dos supplicados, e que proferiu sentença, mandando que sem embargo d'elles se désse posse aos novos officiaes, por haver recebido a appellação e aggravo dos supplicados só no effeito devolutivo. E supposta esta verdade, tambem por sem duvida que ao juiz de fóra só incumbe remetter-lhe os novos embargos, á posse da qual só é meramente um executor, e isto fez muito pelo contrario: porque incompetentemente se proferiu juiz da causa, mandando dar vista ás partes. Senhor, se aos ouvidores da comarca do Rio de Janeiro, por não haver n'ella desembargo do paço, incumbe pela lei não só presidir ás eleições do senado da camara, mas tambem o alimpar as pautas, fazer e abrir os pelouros, e mandar dar posse aos novos officiaes; com que direito, leis ou provisões de Vossa Magestade se intromette agora o juiz de fóra a tomar conhecimento d'esta materia, quando ella está já julgada em juizo superior e competente? Bem reconheceu o dito juiz de fóra a sua sem-razão e injustiça; e prevendo que os novos officiaes, que lhe estavam requerendo a posse, se haviam de valer do recurso do aggravo para o ouvidor da comarca, se anticipou a querer atalhar-lhe este recurso com duas operações ambas escandalosas: a primeira, aconselhar aos supplicados embargantes (como é publico e notorio) que intentassem de suspeito ao ouvidor da comarca, quando perante elle não tinham já causa pendente, nem ainda aquella dos embargos á posse (de que o mesmo juiz de fóra incompetentemente se tinha introduzido juiz) lhe estava affecta, por razão de que os mesmos novos officiaes não tinham ainda interposto o seu aggravo: e segunda, que de seu motu proprio e poder absoluto mandou o juiz de fóra notificar aos referidos novos officiaes para que não fallassem mais n'aquelle negocio; por quanto tinha já dado conta a Vossa Magestade, e que sem sua real determinação se havia de pôr silencio n'elle. Esta notificação, Senhor, a respeito das partes é execranda, e por se

encaminhar a querer impedir-lhe o seu recurso repugna todo o direito; e a respeito dos juizes que lhe são superiores é indecorosa pela irreverencia e desattenção e indignidade com que para elles olha o dito juiz, que lhe é inferior, e de quem para elles ha appellação e aggravo: mas quando os primeiros embargos dos supplicados contiveram uma materia mui relevante, e não tão frivola como se tem referido, e consta dos mesmos embargos, e comtudo fossem injustamente rejeitados pelo ouvidor da comarca, em tal caso só á Relação do Estado por via de appellação e aggravo interposto incumbia tomar conhecimento da causa; e não ao juiz de fóra, a quem só competia dar a posse aos novos officiaes, como lhe estava mandado, por ser um mero executor d'ella, ou aliás embargada ella com os segundos embargos (copia dos primeiros), os devia remetter ao ouvidor da comarca, juiz superior competente, que lhe tinha mandado dar a dita posse: e se lhe parecesse désse muito embora parte a Vossa Magestade do seu bom ou máo procedimento nos termos d'este negocio. Não obstante as duas referidas operações do juiz de fóra, d'elle se aggravaram logo os novos officiaes por lhe não dar a sua posse, e mandar incompetentemente dar vista ás partes dos segundos embargos: e tendo provimento no seu aggravo, se tornou a mandar que sem embargo dos ditos embargos lhe désse a dita posse. Tiraram os novos officiaes sentença, e com ella passada pela chancellaria, a tornaram a requerer ao juiz de fóra, que lhe não deferiu, respondendo-lhe que da dita sentença tinha, como se fôra ella proferida no seu juizo, mandado dar vistas ás partes: e para que assim sem effeito se fosse procedendo *in infinitum*, levou o dito juiz de fóra todos os livros do senado da camara para sua casa, aonde com os officiaes velhos fez vereação. E de elles se reduzirem a fazer vereação em logar privado fóra dos paços do conselho se deixa bem inferir quaes são os officiaes da camara d'aquella cidade do Rio de Janeiro. A estes termos da ultima desesperação ficaram reduzidos os novos officiaes, quando os supplicantes, offerecendo-se-lhe a occasião de partir para as Ilhas um patacho, fizeram a Vossa Magestade esta petição,

irritados de ver tão escandaloso procedimento, a que dão causa seis homens, que tantos são os embargantes, revoltosos e fomentadores de novidades tão perigosas, instigados de um ministro mal affecto a outro que lhe é superior, sendo o que escandaliza não poderem tres dos seis ter voz activa nem passiva nas dependencias do governo da republica, por serem maculados na sua geração com partes de christãos novos, o que é publico e notorio, sem contradicção alguma. E não só se encaminha o zelo dos supplicantes a fazer presente a Vossa Magestade todo o referido facto, a fim de ser servido applicar áquella cidade o remedio para o mal presente, e tambem para o futuro; mas a se prostrarem a seus reaes pés, queixosos de que sendo elles supplicantes da qualidade que referem no principio d'esta sua petição, lhe hajam de ser oppostos uma limitada parte dos filhos da terra, não dando outra causa a isso mais que serem os supplicantes filhos d'este reino de Portugal, como se Portugal fôra a Barbaria, e de Portugal lhe não tivera ido aos supplicados aquillo de que se podem jactar; e mais quando se os supplicados desandarem alguns passos atraz, hão de achar que os seus antepassados não pozeram os pés n'aquella cidade com mais nobreza do que levaram os supplicantes: e por tanto se persuadem os supplicantes que não é esta a causa que os supplicados tem para lhes serem encontrados e oppostos, e que sem duvida é verem que os supplicantes actualmente habitam na dita cidade; os que com o seu nobre tratamento e boa policia a fazem luzida; os que a tem ennobrecido e feito grande com os muitos edificios que tem fabricado; os que se mostram verdadeiros Portuguezes no zelo do culto divino, servindo nas ordens terceiras, irmandades e confrarias, não só despendendo liberalmente a sua fazenda, mas regendo-as prudentemente, e sustentando-as com boa providencia; os que nos contractos tem subido as rendas reaes a excessivas quantidades, pagando com pontualidade os seus preços; os que nos casos de necessidade tem feito á fazenda real de Vossa Magestade emprestimos de quantidades de dinheiro para os soccorros da nova colonia, e para outras occurrencias de seu real serviço; e finalmente os que nos rebates são os que promptamente acodem

armados com suas pessôas e escravos, a que tudo sempre costumam faltar os filhos da terra, os quaes de nenhuma maneira acodem aos rebates, porque se suppoem seguros de qualquer invasão nos matos do reconcavo, onde são moradores. Elles os que nunca fizeram emprestimos á fazenda real, nem concorreram jámais com cousa alguma para o real serviço, e se acaso alguma vez lançaram nos contractos e os arremataram, foram mais morosos nos pagamentos, com grande prejuizo e detrimento da fazenda real e filhos da folha, como de presente se vê em José de Andrade Soutomaior, um dos supplicados, por razão de sua má disposição em governo; elles os que devendo ser os primeiros no culto divino são os que menos se empregam n'elle, e se alguma vez entraram a servir nas ordens terceiras, irmandades e confrarias, são os que menos despendem, e os que mais as destroem com a sua má disposição e governo; elles os que affectando tanto a sua nobreza de cidadãos d'aquella cidade, são os que menos a ennobrecem e fazem grande, pois de presente nenhum n'ella tem edificado edificio algum, salvo ao uso da America por conquistar; e finalmente elles são os que casualmente e de passagem só vão á cidade quando lhes importa, porque actualmente habitam nas suas roças pelo reconcavo, e estranhos ao tratamento e policia das praças de nenhuma maneira a fazem luzida. Sobre tudo, Senhor, são os supplicados os que desejam, procuram e solicitam com todo o empenho a sua introducção no governo da camara, não por zelo do bem commum da republica, mas sim pelo seu interesse e conveniencia particular: porque vendem as varas de almotaceis, e por terceiras pessôas a titulo de aforamentos tem repartido entre si, seus parentes e amigos, os campos que pela parte de terra rodeiam as cidades, e servem para as sahidas e recreamento do povo, não perdoando a cousa alguma que lhe possa ser de proveito. É tão máo e desordenado o seu governo, que todas aquellas cousas que são communs e necessarias ao sustento quotidiano e aos enfermos, e uma vez a malicia ou a necessidade as fez subir de preço, assim ficaram, e jámais tornaram a abaixar d'elle. Aquella cidade, que era de todas as da America a mais sadia e regalada, se acha hoje opprimida de perigosas e mortaes

doenças por causa de empoçarem n'ella as aguas; quando com muita facilidade lhe podéra o senado da camara ter disposto a sua sahida. E porque os supplicantes com magoa de seus corações verdadeiramente zelosos do bem commum da cidade lhe notam estas faltas, e murmuram aquelles defeitos, por isso os supplicados lhes são oppostos, e de nenhuma maneira podem levar a bem que entrem os supplicantes no governo d'ella, quando para isso estão habilitados, concorrendo demais para isso em suas pessôas todos aquelles requisitos que tem referido, os quaes se não acham nas pessôas dos supplicados. Senhor, não se haviam de atrever os supplicantes a lhe fazer a Vossa Magestade esta queixa, se ella se não revestíra da infallibilidade de tantas verdades, quantas são as que agora se fazem presentes: e porque todas são muito publicas, confiadamente as referem os supplicantes, os quaes em remuneração de seus merecimentos, e pelo muito que será conveniente ao seu real serviço, ao bem commum d'aquella cidade e ao politico governo d'ella: — Pedem a Vossa Magestade seja servido mandar por provisão real que em todas as eleições do senado da camara d'aquella cidade do Rio de Janeiro sejam tres eleitores dos cidadãos filhos da terra, e outros tres dos cidadãos filhos de Portugal; e que em cada um dos tres pelouros vão sempre mettidos dous filhos da terra, e dous filhos de Portugal, sendo estes habilitados já com o privilegio de cidadãos, e casados com filhas ou netas dos mesmos cidadãos: porque da introducção de uns e outros em igual numero ao mesmo tempo redundará o acertado governo e bem commum da republica, cessaráõ as queixas, e para o futuro se emendará os damnos presentes, concorrendo juntamente um exemplar castigo ao dito juiz de fóra, como cabeça principal e movel dos supplicados embargantes. — E. R. M.ce — *André Lopes de Lavre.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

JOÃO DE BRITO E LIMA.

D. João V de Portugal governou este reino no meio da opulencia: legou-lhe a capella de S. Roque, o convento de Mafra, o monumento das Aguas Livres. A sua côrte era luzida, seus magnatas opulentos; mas Lisboa, apezar de ser a situação verdadeiramente capital da Peninsula, só engrandecia pelo monopolio do commercio das colonias. Tirassem-lhe esse monopolio, todo o ruido, todo o fasto de Lisboa, ficariam já então reduzidos á soledade de hoje. O centro natural de toda essa riqueza, proveniente só da industria agricola e mineira, estava na America: era a Bahia, então capital do principado do Brazil.

E a Bahia era então uma terra verdadeiramente feliz. O seu povo vivia na abundancia, e gozando de perfeita tranquillidade só cuidava de festas. Não havia invocação de santo ou santa de popularidade na terra, nascimento de principe ou princeza, casamentos e annos de pessôa real, que deixassem de ser celebrados pomposamente e depois cantados. Até á falta de motivos escolhiam-se os vice-reis e suas familias, que eram thema não só para poemas panegyricos, como para cantos epithalamicos ou genethliacos.

O poeta brazileiro que mais se distingue n'esta nova especie de *outeiros* é João de Brito e Lima.

Nascido aos 22 de Outubro de 1671 na Bahia, não nos consta que sahisse alguma vez do seu ubiculo natal. Ahi cursou humanidades, e ahi conheceu sendo joven os dous Mattos e os dous Vieiras, cujas apreciadas obras talvez o estimulassem a entregar-se á poesia,

sem ter nascido poeta. Certamente que só a ambição de adquirir o renome, que via terem os outros, podia leval-o a fazer tanta oitava rimada, como fez em sua vida, infelizmente com tão pouca inspiração. As suas obras impressas desde 1718 a 1742 são: um poema *elogiaco* ao primogenito do conde de Villa Flôr; outro festivo ás bodas do principe real; outro ao ouvidor Madeira; as poesias á morte de D. Leonor de Vilhena, e varios sonetos, decimas, &c. Em quasi todas ostenta com abuso os conhecimentos que tinha da historia e da fabula; quando narra não tem elegancia, e até dirieis em quasi todas as suas oitavas frouxas, pesadas e soporiferas, assenta mal a rima, e apenas se atam idéas. Parece-nos que é no primeiro dos poemas citados que elle se arrebata ao côro das Musas, anda a cavallo no Pegaso, vai descansar n'um bosque (sem ser da sua America), sonha; e por fim nem o leitor nem talvez elle mesmo sabem que fim levou o auctor!

Mas aqui faremos uma observação em sua defensa. João de Brito appareceu pela primeira vez com um poema em publico quando tinha quasi cincoenta annos, e deu á luz o ultimo já septuagenario. Ora o reconhecimento que elle tinha para com a sua Musa, a quem diz (*Poem. Elog. IV*, 2):

« Se te devo até aqui favores tantos »

e a pia crença em que estava de que tinha sido poeta, fazem-nos desconfiar que elle fôra pelo menos antes apreciado pelos seus contemporaneos Botelho, Rocha Pitta, Luiz Canello, Soares da França e outros. Ouçamol-o porém nas seguintes oitavas que transcrevemos, porque acertam em ter mais merecimento: uma é a introducção do terceiro canto do citado poema; a segunda serve de proposição ao panegyrico do ouvidor Ignacio Dias Madeira:

Amada Musa minha, novo alento
À rouca voz, ao tosco accento inspira;
Porque já vacillante o entendimento
Contra as pobres idéas se conspira:

As cordas do meu rustico instrumento
Mui dissonantes são da sacra lyra.
Oh se Apollo as pozera consonantes!...
Que bem formára os metricos descantes!

Eu que cantei em metrica harmonia
Varios poemas sobre assumptos graves,
Emulando na doce melodia
Do elevado Parnaso as brancas aves;
Hoje bem que dos annos a porfia
Já desafina as clausulas suaves;
D'um ouvidor, d'Astréa doce encanto,
A rectidão publíco, as acções canto.

João de Brito foi socio da *Academia dos Esquecidos*, fundada na Bahia em 1724 pelo conde de Sabugosa Vasco Fernandes Cezar de Menezes: foi tambem capitão d'auxiliares, e por vezes vereador da sua cidade. Como academico, como miliciano ou como empregado municipal, cremos que desempenharia melhor a sua missão do que como poeta. De certo que seus pais o alcaide-mór Sebastião de Araujo e Lima, tenente general d'artilheria, e sua mulher D. Anna Maria da Silva ganhariam mais para elle, se lhe tivessem desenvolvido alguma outra vocação.

Com a que seguiu de poeta viveu infeliz, e até pouco feliz memoria deixou de si a nós posteridade, quando nos legou poucos versos bons, empregados em assumptos mais ou menos servís.

Punge o coração ouvir um pobre velho de setenta e um annos, filho de um general, lamentar a sua triste sorte com as seguintes expressões, que talvez de quantas nos deixou fossem as que mais do fundo d'alma lhe sahiram. São do canto 2.° (pag. 20) do poema panegyrico:

. . . . . .
As más correspondencias que experimento,
Da contraria fortuna a feroz ira,
A longa idade e queixas tão atrozes
Tem trocado em lamento as doces vozes.

Sendo certo que dando nos meus versos
A muitos os louvores tão baratos
Encontre sempre naturaes adversos,
E tropece com animos ingratos.
Effeitos da fortuna são diversos
Que aos meritos se mostram menos gratos,
E creio nasce por influxo forte
Mais que da gratidão, da minha sorte.

F. A. de Varnhagen.

Em um grosso volume manuscripto de *Apontamentos biographicos sobre Brazileiros illustres*, legado ao Instituto pelo seu fallecido membro honorario o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, se acham exaradas algumas noticias sobre a vida de João de Brito e Lima, que em tudo coincidem com a biographia escripta pelo Sr. Varnhagen: menciona porém as seguintes composições poeticas, que n'ella não foram apontadas:

1.° Poema epico *Cezarea* com mil e trezentas oitavas, descrevendo a genealogia de D. Vasco, conde de Sabugosa, suas acções e successos nos dous governos da India e Brazil. — Ficou inedito.

2.° Poema sobre a entrada que fez na Bahia o capitão de infantaria Manoel Xavier, filho do mestre de campo e governador de Santos João dos Santos. — Inedito.

3.° Um outro poema na profissão de duas irmãas no convento de Santa Clara da Bahia; e das festas consagradas a Santo Antonio por Sebastião Gago da Camara.

4.° Outro dito sobre a feliz chegada do arcebispo D. Luiz Alvares de Figueiredo.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 1.º trimestre de 1848 (*).

184.ª SESSÃO EM 10 DE FEVEREIRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.^mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO ALEGRE.

Abre-se a sessão ás 6 horas da tarde, e approvada a acta da anterior, lê-se o seguinte expediente.

« Illmo Sr. — Julgo do meu dever participar a V. S.ª, a fim de que o leve ao conhecimento do illustre Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que seu digno 2.º Secretario o Sr. Santiago Nunes Ribeiro d'Aguilar, meu saudoso amigo que Deus tenha em gloria, deu a alma ao Creador no dia 24 de Dezembro proximo preterito, e que foi sepultado no dia subsequente na freguezia de S. José do Rio Preto.

« Coube-me a triste honra d'elle querer vir de tão longe morrer nos meus braços, com toda a resignação de verdadeiro christão. V. S.ª e todos os seus illustres collegas podem melhor do que eu avaliar a irreparavel perda que acaba de soffrer a litteratura do Brazil, e a dôr de seus numerosos amigos.

« Nada mais nos resta agora do que respeitarmos os decretos do Altissimo, lembrando-nos que as virtudes do benemerito fallecido terão obtido o premio dos justos na mansão celeste.

« Deus guarde a V. S.ª S. José do Rio Preto 7 de Janeiro de 1848. — Illmo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *João Van Erven.* »

(*) Não houveram reuniões no mez de Janeiro por se achar o Instituto em ferias, como consta do extracto da acta da sessão de 9 de Dezembro de 1847.

« Illmo Sr. — Obrigado por motivos pessoaes a deixar a côrte quatro dias depois da sessão publica anniversaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, havida n'este anno, reservei para d'aqui dirigir meus agradecimentos ao mesmo Instituto pela honrosa acquiescencia que se dignou dar á minha *Noticia raciocinada sobre os Indios da provincia de S. Paulo*, o que lhe valeu o premio dedicado por S. M. o Imperador, sempre munificente e sempre protector das lettras, ao que melhores trabalhos historicos offerecesse ao Instituto; e certo, se não fôra a antiga indulgencia que essa illustrada e prestante associação brazileira tem-se dignado dar aos meus mediocres trabalhos litterarios, nenhuma consideração mereceria o opusculo mencionado, e não me acharia hoje tão honrosa e exuberantemente premiado de um modo que nunca podia esperar, e que excita a mór ponto a minha gratidão: receba pois o Instituto e especialmente a illustrada commissão á que foi submettida a memoria premiada, os votos do meu sincero reconhecimento e adhesão, convencendo-se que persistirei no pensamento de esforçar-me para continuar a merecer-lhe o bom conceito com que me tem distinguido, e que, é justiça dizel-o, bastante tem cooperado para algumas vantagens fruidas em minha vida publica depois que fui aceito membro do Instituto.

« Por alguns serviços que prestei como militar nas campanhas do Sul tive condecorações e accessos em compensação d'esses serviços; e com quanto favorecessem a carreira, á que me havia dedicado, não me suggeriram elles tanto apreço e ufania como o premio derivado da munificencia imperial, e que me foi destinado pelo Instituto.

« Si o titulo com que o Instituto me distinguiu de seu socio, mesmo na deficiencia do proprio merito, já me impunha deveres, que por estarem além de minhas faculdades intellectuaes com acanhamento os preenchia, e os apresentava sempre confiado em sua usual indulgencia; quanto no desempenho d'elles não me esforçarei agora que sou assim galardoado, e só por virtude de sua graciosa benevolencia?

« Queira V. S.ª expressar ao Instituto estes meus sentimentos de gratidão, renovando-lhe a dedicação que lhe consagro, por dever e por adhesão á util e gloriosa tarefa a que se tem proposto, e minha obediencia a seus preceitos.

« Tenho a honra de ser com cordial estima e subida consideração, &c. Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *José Joaquim Machado de Oliveira.* — S. Paulo, 30 de Dezembro de 1847. »

O Sr. Secretario perpetuo communica ao Instituto haver tambem recebido uma carta particular do Sr. coronel Machado de Oliveira, participando-lhe que se propõe a apresentar no tempo competente algum trabalho seu no sentido de um dos programmas propostos por S. M. o Imperador na ultima sessão anniversaria, pedindo desde já ao Instituto a sua antiga e benevola indulgencia, que tão proficua lhe ha sido, e sem a qual nada ousaria : e que para o mesmo fim tem induzido a uma das nossas capacidades litterarias residente n'aquella provincia (o Sr. Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel), o qual já lhe declarou que a isso tambem se propunha.

« Não terminarei esta (assim conclue o nosso prestante e erudito consocio a sua carta) sem recordar a V. S.ª que o finado visconde de S. Leopoldo promettêra ao Instituto os seus trabalhos estatisticos sobre esta provincia, quando os completasse, e que será bom solicital-os quando não seja isso inopportuno. O Instituto tem justamente apreciado os escriptos d'esse nosso sabio compatriota, para que, deixando de reclamar o promettido, não incorra em contradicção. Tambem sei por via segura que o mesmo visconde pretendia legar ao Instituto um antigo e volumoso manuscripto com o titulo de *Nobiliarchia paulistana*, producção de Pedro Tacques de Almeida Paes Leme, e que é muitas vezes citado nas *Memorias* de Fr. Gaspar da Madre de Deus. Será coherente com o seu fim que o Instituto se empenhe pela acquisição d'este codice, não porque lhe interesse o conhecimento da origem heraldica de meus patricios, se não porque d'ahi se podem colher factos historicos, que prestem á historia d'esta provincia. »

Traducção. « Pariz, 25 de Agosto de 1847. — Senhor. — Temos a honra de vos dirigir, a fim de que vos digneis offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, os dous volumes das *Memorias*, assim como o *Boletim* para o anno de 1846 e os dous trimestres de 1847, publicados pela Sociedade ethnologica de Pariz, e seremos promptos em vos remetter a continuação d'estas publicações á medida que forem sahindo á luz.

« Em troca d'estas remessas receberia a Sociedade ethnologica com reconhecimento os impressos do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

« Esperamos que vos digneis tambem, Sr. Secretario, de aceitar a segurança pessoal da nossa mais distincta consideração. — O Secretario adjunto *Courtet de l'Isle* — O Secretario *Gustave d'Eichthal*. — Ao Sr. Secretario do Instituto Historico e Geographico do Brazil. »

Recebe tambem o Instituto da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte o ultimo volume publicado das suas *Transacções*.

O Sr. 1.º Secretario dá conhecimento ao Instituto do seguinte trecho de uma carta escripta de Pariz pelo Sr. visconde de Santarém:

« Em minha carta de 28 de Maio ultimo vos annunciei o descobrimento que eu tinha feito de um documento do 16.º seculo a respeito de dous Indios do Brazil, que haviam recebido o baptismo em Fontainebleau, e eu accrescentei que o facto poderia bem esclarecer a tradição relativa ao *Caramurú*.

« Com effeito, encontrei um sermão prégado em latim a 19 de Novembro de 1549 por occasião do baptismo de dous Indios; mas segundo as analyses e as discussões a que me entreguei, reconheci muitas difficuldades para verificar a historia do *Caramurú*.

« Todavia, o documento em questão não deixa de ter interesse mesmo para esta legenda. Eu enviarei o trabalho que organisei a respeito, o qual modificou a idéa que eu havia feito á primeira vista. »

O socio Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho, que pela primeira vez comparece á sessão do Institute, propõe que o convite para a solemnidade da inauguração dos bustos dos fundadores d'esta

sociedade seja ostensivo a todas as pessôas que quizerem offerecer trabalhos relativos ao assumpto, deixando as formulas e regulamentos a cargo da sabedoria da Mesa: e outrosim que se pratique para com todos os socios que em diante fallecerem, se não identica solemnidade, ao menos outro qualquer acto que prove a dôr, a saudade, a consideração e a fraternidade que deve reinar entre irmãos de lettras. — Depois de prolongada discussão, como pedia a importancia do objecto, passa a proposta com algumas modificações.

O Instituto encarrega o elogio do fallecido marechal Raymundo José da Cunha Mattos ao Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida, que se mostrou summamente desejoso de poder contribuir com o seu contingente para perpetuar a memoria de um velho lidador, do trabalhador incansavel e benemerito d'esta associação.

Levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

185.ª SESSÃO EM 24 DE FEVEREIRO DE 1848.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Aberta a sessão ás 6 horas da tarde com a leitura da acta da anterior, que é approvada, passa a ser apresentado o seguinte expediente:

Officio escripto de Lisboa pelo socio honorario o Ex.mo Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, remettendo um exemplar do discurso d'abertura da Associação dos advogados d'aquella cidade no anno social de 1847, offerecido ao Instituto pelo seu auctor e nosso consocio o Sr. João da Cunha Neves de Carvalho Portugal.

Carta do Sr. D. Ulrico Valia, datada de Napoles, agradecendo ao Instituto a sua admissão como membro correspondente, cujo diploma recebeu.

« Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos. — Antes de sahir d'essa capital tencionava ir pessoalmente fazer as minhas despedidas ao

Instituto Historico, se os trabalhos, que sobrevém em vesperas de viagem, não me roubassem essa ingente satisfação. Incorreria porém em grave censura se tendo recebido d'essa illustrada associação inequivocas provas de consideração, muito além de meu merito, eu não me apressasse em participar ao Instituto a minha ausencia, e protestar-lhe inda uma vez que constantemente me empregarei no seu serviço, sentindo não poder offerecer-lhe o concurso de luzes que não possuo; asseverando-lhe porém ao mesmo tempo que as fracas lucubrações de minha intelligencia serão a tenue offerta com que em troco de tanta complacencia brindarei a esse Instituto, para serem emendadas e corrigidas pelos talentos superiores que abundam n'elle.

« Sirva-se pois V. S.ª, como legitimo intermediario do Instituto Historico, fazer-lhe patente estes meus sentimentos.

« Tenho muita satisfação em assignar-me, &c.—Cidade de Campos, 19 de Fevereiro de 1848. — *Antonio Pereira Pinto.* »

O Sr. Dr. Sigaud offerece ao Instituto um exemplar do *Compendio da historia romana*, vertido do francez pelo bacharel Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond. —Recebido com especial agrado.

É approvada uma proposta do Sr. 1.° Secretario para que o Instituto mande vir de Londres a obra ultimamente alli publicada em dous volumes com o titulo *The progress of America, from the discovery by Columbus to the year* 1846, por John Macgregor, auctor da *Estatistica commercial.*

O Sr. conselheiro Castilho offerece para a bibliotheca do Instituto o primeiro numero do *Iris*, cuja continuação promette, declarando ao mesmo tempo que se acham á disposição da sociedade as paginas d'aquelle jornal scientifico e litterario.

É a Mesa administrativa auctorisada a organisar o programma da solemnidade da inauguração dos bustos dos dous fundadores do Instituto.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

186.ª SESSÃO EM 23 DE MARÇO DE 1848.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Ás 6 horas da tarde, reunido numero legal de socios para assembléa geral, aberta a sessão, e approvada a acta da anterior, o Ex.mo Sr. Presidente declara que convocára extraordinariamente o Instituto, como fôra annunciado, para proceder-se á eleição do socio que deve occupar o logar de 2.º Secretario, vago pela sentida morte do Sr. Santiago Nunes Ribeiro. Corre o escrutinio, e apuradas as sedulas sahe eleito por maioria absoluta o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes, que exercia as funcções de 2.º Secretario supplente, sendo depois escolhido da mesma maneira para este ultimo emprego o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Expediente. — « Rio de Janeiro. Ministerio dos negocios estrangeiros em 28 de Fevereiro de 1848. — Passo ás mãos de V. M.ce por copia a carta que em 30 de Novembro do anno passado dirigiu ao ministro brazileiro em Pariz o Instituto historico de França, na qual, depois das expressões de agradecimento pelo donativo que Sua Magestade o Imperador lhe fizera na qualidade de seu membro protector, pede que informe ao nosso Instituto Historico de que receberá com prazer quaesquer communicações scientificas que lhe queiram endereçar seus socios: o que participo a V. M.ce para que faça chegar ao conhecimento d'esse Instituto o meio que se apresenta de estreitarem-se cada vez mais os laços que unem estas duas sociedades litterarias.

« Deus guarde a V. M.ce — *José Antonio Pimenta Bueno.* — Sr. Manoel Ferreira Lagos. »

« Ill.mo Sr. — Tenho a honra de pedir a V. S.ª que se digne de levar ao conhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro que se acha installada a Bibliotheca Fluminense, organisada por uma associação de Brazileiros, cujo fim é colligir e dar á leitura obras de litteratura, sciencias e artes, especialmente as publicadas

no Brazil, ou relativas a elle, e os seus artigos organicos remetto a V. S.ª

« Deus guarde a V. S.ª Rio de Janeiro 20 de Março de 1848. —Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Paulino José Soares de Souza*, presidente da directoria. »

Carta escripta de Montevidéo pelo socio correspondente o Sr. D. Florencio Varela, enviando ao Instituto o quarto volume da *Bibliotheca del comercio del Plata*, contendo uma collecção de todos os tratados concluidos pelos Estados do Rio da Prata, e das leis organicas e constituições politicas das Republicas americanas do Sul.

O Sr. 1.º Secretario communica o extracto de uma carta escripta do Pará pelo socio correspondente o Sr. coronel João Henrique de Mattos, pedindo que o Instituto alcance do governo ordem para os vapores aceitarem todos os caixões com objectos que d'alli remetter a esta sociedade, pois talvez seja aquella provincia a que sobresaia a todas nas remessas de productos naturaes.

Resolve o Instituto que o Sr. Secretario responda convenientemente aos officios supramencionados: que se envie uma collecção de todas as suas publicações á Bibliotheca Fluminense, em signal de apreço dos louvaveis esforços que a prol da illustração do paiz se propõem a fazer os dignos membros de tão util associação: e que se solicite ao governo a auctorisação pedida para que os vapores da carreira do norte recebam a bordo tudo quanto fôr remettido ao Instituto pelo Sr. coronel Mattos.

Aproveitando o ensejo, o Sr. Porto Alegre lembra a conveniencia de se pedir tambem ao governo que allivie o Instituto do pesado imposto que soffrem no correio as suas publicações, pela interpretação que alli se dá ao respectivo regulamento. Depois de alguma discussão, é enviada á mesa a seguinte indicação: — « Indico que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro represente ao governo sobre a má interpretação que o correio dá ao seu regulamento a respeito da taxa lançada sobre as publicações periodicas litterarias ou scientificas em folhetos.—Sala das sessões em 23 de Março de 1848.—*Macedo*.

—*Porto Alegre.*—*Lagos.*—*Castilho.*—*Miranda Castro.*—*Freire Allemão.*—*Lapa.* »—Approvada, e revestida a Mesa de todos os poderes e auctorisação para redigir e enviar ao governo a declarada representação.

Resolve o Instituto que de Abril em diante as suas sessões, em vez de serem de quinze em quinze dias, tenham logar todas as quintas feiras, não sendo dia feriado.

É unanimemente approvado membro honorario o Exmo Sr. duque de Saldanha, proposto pelo Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho.

São approvados membros correspondentes da secção historica os Srs. Dr. José Ribeiro de Souza Fontes e bacharel Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, depois de haverem as respectivas propostas seguido os tramites prescriptos pelos estatutos.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 10. — 2.° TRIMESTRE DE 1848.

O CARAMURÚ PERANTE A HISTORIA.

Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Quasi todas as nações offerecêm exemplos, nos primeiros tempos da historia da sua civilisação, de contos maravilhosos que as acalentaram no berço, e depois entretiveram a fantasia de seus povos, em quanto estes não tinham de si muito que dizer. Ha n'esses contos quasi sempre um fundo verdadeiro: nem era possivel á quem tinha pouco de que historiar esquecer-se de um feito extraordinario praticado por homens mais eminentes de corpo ou de espirito, ou oriundos de gente de maior illustração, aos quaes os simplices aborigenes selvagens deviam de ter venerado como creaturas de outra especie, como deoses ou semi-deoses.

Formado assim um verdadeiro *mythos heroico*, propaga-se tomando corpo de geração em geração, e frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só individuo os casos notaveis occorridos a differentes pessôas. O povo não está á espera de que appareçam chro-

nistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um facto que lhe aguça a curiosidade. Depois d'elle succedido conta-o, torna-o a contar: a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo (*), o espirito associando, e no fim de annos tem a historia sahido d'esse chaos, d'essa Babel de linguas dispersas já outra, sempre para mais pasmosa e estupenda: e tanto mais o fôr, tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmitte com o leite. O historiador só apparece mais tarde quando o povo se tem constituido e adiantado em civilisação, mas d'esse facto que ao povo interessou, e pela fórma que lhe interessou, já elle tem registado a historia n'um archivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho: é o da tradição.

Quantos exemplos não podéramos citar de crenças d'estas tradicionaes, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa crítica entre o pequeno numero comparativo dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservaráõ para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d'esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrario? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extirpar-lhe as raizes. Fazem uma religião, cujos sectarios se não achassem terra que lhes servisse de patria, prefeririam antes peregrinar errrantes como os filhos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. O rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, o Cid campeador e até o rei D. Sebastião vivem para a historia differentemente do que para a poesia e crença popular. Succede como na Mythologia: todos sabemos que ha n'esta uma parte historica, e outra imaginativa; aprendemos até nas escolas a distinguil-as: entretanto quando lemos um poeta classico acreditamos com igual fé assim as entidades que tiveram uma existencia historica, como as propria-

(*) Foi este pensamento que os antigos formalisaram no proverbio:

Quem conta um conto
Accrescenta um ponto.

mente fabulosas. Quem nos dá a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos, vibrando-nos as cordas do sentimento.

É esta convicção em que estamos de que nenhum mal póde já a crítica desapaixonada produzir para arrefecer o enthusiasmo pela nossa epopéa brazileira, e o muito desejo de que nos possuimos de tratar um assumpto em que o Instituto mostrou empenho, quando o submetteu a concurso, que nos dá forças para entrar n'elle; o que faremos expondo primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão d'elles e á luz da crítica guiar o resto, e quando evidentemente seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre duvidas e mal provado, procuraremos esclarecer até onde nos fôr possivel a questão especial da sua decantada viagem á França, que é o assumpto dado por programma, e constitue uma parte do todo da questão.

Desembaracemo-nos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar, e ponhamos tambem de parte, ainda com mais razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos perscrutar documentos, que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A noticia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante collecção (T. 5.° Doc. X) o Sr. Navarrete, na relação que publíca de Francisco d'Avila, do que passou a náo S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaisa (de que fazem menção *Barros*, Dec. 1.ª, part. 1.ª, liv. 2.°, cap. 2.°, e *Couto*, Dec. 4ª, liv. 3.°, cap. 3.°), em quanto ainda junta com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1.° de Julho de 1526, da qual quando sahia observa (Ibid. pag. 231) que « halló à la boca de la Bahia un « christiano que decia que habia 15 *annos* que se habia perdido alli « con una náo. »

Segue-se pela ordem chronologica a attestação do nosso donatario

Pero Lopes na dita Bahia entrado com seu irmão Martim Affonso aos 13 de Março (*) de 1531, e que se expressa d'este modo:

« N'esta Bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 *annos* « *que estava n'esta terra;* e deu razão larga do que n'ella havia. »

Vem depois pela mencionada ordem o testemunho de Herrera (V, — 8, — 8) referindo-se ao anno de 1535: « En la Baía de los « Santos hallaron un portuguez que dixo que habia 25 *annos* que « estaba *antre los indios.* »

Eis pois tres documentos, cada um de fonte diversa, apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 *estivera na Bahia entre os Indios* um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão, que deixe a menor dúvida de que o mencionado Europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma sahida ou viagem á Europa: pelo contrario são n'este ponto bem expressos, principalmente os dous ultimos, que só fallam de estada ou persistencia na terra e entre os Indios; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum d'elles deixaria de o mencionar.

Por tanto já d'aqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se póde exigir na historia, sem cahir no vicioso scepticismo, de que esse tal christão até ao anno de 1535 não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrario viveu sempre com os Indios desde o anno de 1510, em que ahi ficára de algum naufragio, que não admira tivesse logar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do páo brazil, trafico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz (**); se bem que a respeito do modo como elle ahi

(*) Veja-se o *Diario*, &c., pag. 17.

(**) De uma d'estas viagens feita em 1511 acabamos de encontrar uma importantissima noticia circumstanciada, que dá idéa de como seriam todas as outras. É o livro em que o escrivão Duarte Fernandes assentava tudo quanto dizia respeito ao navio e se passava a bordo. Vem um pequeno roteiro de viagem até á bahia de Cabo Frio (aliás porto do Rio de Janeiro) aonde foram, o regimento que levavam, a carga que tomaram de escravos, brazil, passageiros, tuins, saguins, &c. Estamos a tirar d'elle uma copia fiel para a submetter ao prelo, com algumas elucidações.

podia ter ficado apresente o Sr. Navarrete (na nota da pag. 170 do T. 5.º) uma opinião, que não deixa de merecer toda a aceitação. Diz este sabio historiador geographo (a quem cada vez devemos mais respeito e consideração) que no archivo geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas (Legajo 3.º dos rotulados *De relaciones y descripciones*) existe mal tratada uma relação original, feita pelo capitão general Diogo de Garcia, das derrotas e navegações que fez na segunda viagem ao Rio da Prata desde a sua sahida da Corunha em 15 de Janeiro de 1526; e n'ella menciona como na primeira viagem que fizera 15 annos antes perdêra uma caravela. Ora se elle n'essa primeira viagem tambem partiu da Galliza, poderia a tal caravela sem difficuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como Minhoto e natural de Vianna (não sabemos com que fundamento); mas até encontrámos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do norte, comprehendendo os proprios Portuenses, que se distinguem por uma pronuncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v*, e vice-versa.

No Brazil como a maior força de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a accepção do vocabulo, chamando-se muitas vezes indistinctamente gallegos aos filhos do Reino. Mas o Diogo Alvares póde ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia que teria tido na Galliza, se é que lá embarcára. O documento em que, como dissemos, se dá a Diogo Alvares a alcunha de gallego, é uma carta do donatario Pero do Campo Tourinho, escripta ao rei D. João III de Porto Seguro aos 28 de Julho de 1546, e existente em Lisboa no archivo da Torre do Tombo (Part. 1.ª, Maç. 78, Doc. 45 do Corp. Chron.), a qual revela mais algumas circumstancias de que n'esta dissertação aproveitaremos.

Na integra d'esta carta, que passamos a transcrever, dispensar-nos-hemos dos escrupulos em seguir a orthographia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel para o nosso fim, lhe não podia dar

mais authenticidade uma vez que apontamos onde se póde ver o authographo.

Diz assim: « Senhor. A Bahia, capitania de Francisco Pereira « Coutinho, se despovoou per razão do gentio d'ella lhe dar guerra « haverá um anno, e elle se veio aqui onde ora está, sem nunca pôr « nenhuma diligencia acêrca de a povoar; e ora sou informado por « um Diogo Alvares, o gallego, lingua que lá era morador (que « d'aqui foi em um caravelão á dita Bahia), que se fôra d'ahi uma « náo de França havia dous ou tres dias, os quaes fizeram amizade « com os Brazis, e levou toda a artilheria e fazenda que ahi ficou, e « concertaram com os Brazis de tornarem d'ahi com quatro ou cinco « náos armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do brazil « e algodões que n'ella ha, e reedificarem as fazendas e engenhos « que eram feitos, e por o tal não ser serviço de Deus, nem proveito « de V. A., antes destruição de todo o Brazil, eu mandei ao dito « Francisco Pereira da parte de V. A. logo se embarcar para esse « Reino, e fazel-o saber a V. A.; e por não ir o faço saber a V. A., e « lhe mando um instrumento d'isso para com brevidade prover como « fôr seu serviço.

« E para guarda e conservação do brazil e de toda esta costa fiz já « Manoel Ribeiro portador capitão do mar, por ser pessôa apta e « para o tal habil e pertencente, e para o serviço e cousas que cum- « prem a V. A. muito diligente.

« Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa que tanto cumpre a seu « serviço provel-o de artilheria, polvora, de munição de guerra, que « para o tal serviço é muito necessario; porque ainda agora ao pre- « sente se mostra tão pobre que não podemos fazer nada sem ter « favor nem ajuda sua: e tanto que os engenhos se acabarem, espero « em Deus aqui um novo reino, e muita renda em breve tempo. « As mais novas d'esta terra por o portador será V. A. na verdade « informado por ser para isso. — D'este Porto Seguro, onde fico bei- « jando suas reaes mãos. Hoje 28 dias de Julho de 1546. — *Pero « do Campo Tourinho.* »

Deixando pois de parte a questão de como iria ter á Bahia o seu pri-

meiro povoador europeu « por data dos senhores da terra naturaes e direito das gentes (*) », como celebremente se expressa o padre Simão de Vasconcellos, é certo que d'esta carta de Tourinho se vê que fôra em 1545 que Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia « por data d'el-rei e direito real » abandonou na mesma o logar fortificado que ahi tinha, e o qual depois se chamou Villa Velha. Ora, segundo Gabriel Soares (Part. 1.ª, cap. 28) o mesmo Pereira habitára este logar com os mais colonos por tempo de sete ou oito annos consecutivos: por esta conta vem o mesmo donatario a ter dado principio á sua colonia, indo a ella pelos annos de 1538 ou 1537, época esta cuja fixação nos interessava muito, porque não é crivel que o colono europeu e christão, que por tanto tempo morára sósinho entre Indios cannibaes, houvesse de sahir da terra justamente na occasião da chegada dos seus patricios, que lhe vinham offerecer soccorros, mercês espirituaes e corporaes, e que muito dependiam como dependeram das suas informações e auxilios, e com os quaes se pôz em tanta harmonia. Repugna á razão que o serviçal acolhedor dos outros Portuguezes viesse a metter-se em um navio francez, considerado corsario, pois só de tal maneira poderia n'elle entrar impunemente, só para voltar á Europa, quando já a terra era mais frequentada de navios da sua nação, e que elle devia preferir poder ver antes a sua terra natal, os seus parentes, e o seu rei, do que outro paiz onde nunca estivera, e cuja lingua devia ignorar.

(*) Esta mui buscada doação dos senhores da terra, inventada talvez para justificar no direito das gentes a posse dos reis de Portugal á Bahia, engenhando em fórma juridica (nem que os Indios podessem ter de taes dotes a minima noção) uma data de terras por dote de casamento analogo ao que os escriptores portuguezes queriam ter á legitimidade da soberania do seu reino pelo dote que querem que existisse do Condado Portugalense á sua primeira rainha, não passa de puro improviso; o que juntamente ao apparecimento do appellido *Corrêa* (do qual se tratará em uma nota adiante) no epitaphio de lettra aliás moderna, que existe na Bahia consagrado pelos Benedictinos á memoria da sua bemfeitora mulher de Diogo Alvares, e a visinhança aos grosseiros quadros da maravilhosa historia do heróe (os quaes o Sr. Ferdinand Denis que os viu (*Brésil*, pag. 38) assevera que não devem remontar ao principio do seculo passado), nos faz crer que tudo isso foi arranjado depois do apparecimento da historia do nosso Pitta.

Tambem se manifesta da carta transcripta acima que Diogo Alvares sahíra da Bahia para Porto Seguro, d'onde como bom lingua e bem aparentado n'aquella terra voltou novamente a ella em um caravelão enviado, ao que parece, para sondar novidades.

Tambem na mesma carta se descobre a repugnancia que encontrava Francisco Pereira de voltar á Bahia, nem que o coração lhe presagiasse seu desastroso fim. «Tão esforçado cavalleiro, que não haviam podido render os Rumes e Malabares na India», como se expressa o estimavel Soares (*), sentia quebrantar-se-lhe o animo com a idéa de se ver em combate com anthropophagos, ameaçado de não ter seu corpo sepultura em terra senão nas fauces de homens feras; e nem as

(*) Apezar das suas expressões o inculcarem por um heróe muito conhecido na historia da India, e ainda mais as com que começa o cap. 28 «quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho veja os livros da India, e sabel-o-ha, e verá seu grande valor e serviços feitos, &c.; é certo que por Castanheda, Gaspar Corrêa, Góes, Barros e Couto não será facil alcançar a identidade da pessôa entre um dos dous Franciscos Pereiras que figuraram na historia da India: nenhum d'elles com revelantissimos serviços nem conhecido pelo cognome de Coutinho, mas só pelo de Pestana e Berredo, sem fallar em Francisco de Souza Pereira e Francisco de Mello Pereira. Que o donatario da Bahia servíra na India não padece a minima duvida, que n'isso são todos concordes, assim como que era nobre. Mas se não é facil esclarecer-nos pelos impressos, talvez que o caso se individue melhor com alguns documentos ineditos. No arm. 25, maç. unico do interior da casa da Corôa no Real Arch. da Torre do Tombo de Lisboa, ha duas cartas autographas a el-rei D. João III (Doc. 113 e 115) de um Francisco Pereira, pedindo recompensa de serviços, e n'ellas diz ser filho de Gaspar Gonçalo Pereira, irmão segundo de Diogo Pereira, bisneto de Martim Affonso de Miranda. Fôra á India na frota de Jorge d'Aguiar, servíra com Duarte de Lemos, perdêra-se em Socotorá, tivera cinco mezes a alcadaria de Cananor, d'onde viera a Cochim, &c., &c. Da carta do feitor Francisco de Carvalhaes (arm. 25, maç. unico n. 452) consta que Francisco Pereira, moço fidalgo, ia n'aquella sua náo, que se demorou no Brazil, esteve em risco de dar á costa no rio de Quiloa, foram a Melinde, &c. Do Corp. Chron. Part. 2.ª, Ms. 25, Doc. 43, consta que Francisco Pereira, fidalgo da casa, em 10 de Fevereiro de 1511 estava em Quiloa. Este é provavelmente o nosso donatario, que parece o denominado Pestana pelos historiadores da Asia.

instancias, nem as ameaças de Pero do Campo seu par, o faziam sahir da capitania dos Ilhéos, onde dava graças a Deus de ter chegado com vida. Instava Pero do Campo que fosse para o Reino; mas naturalmente levado do capricho recusou, e animou-se de resolução para voltar de novo á sua capitania, convidado tambem para isso, segundo Soares, pelo proprio gentio, a titulo de que para o resgate viam agora como lhe interessava ter taes visinhos. Resolveu-se pois a embarcar em companhia de Diogo Alvares, e ao entrar na Bahia teve a desgraça de dar á costa sobre os baixos da ilha de Taparica; e tendo conseguido escapar á furia dos mares, indo para terra não escapou á dos desleaes Tupinambazes, que o assassinaram e a outros mais do caravelão, « do « que escapou Diogo Alvares *com os seus com boa linguagem* » segundo o mesmo Gabriel Soares (Part. 1.ª, cap. 28), que accrescenta n'outro logar (Part. 2.ª, cap. 2.º) como depois d'este naufragio celebrára o mesmo Diogo Alvares contracto com o gentio, para ir de novo habitar o sitio em que vivia « onde se fortificou e recolheu com » cinco genros que tinha, e outros homens que o acompanharam, os » quaes *ora com armas, ora com boas razões*, se foram defendendo » e sustentando. »

Este modo de expressar de um auctor tão digno de conceito, e o successo em si, dão-nos desconfianças de que é a esta occasião, e não á sua primeira chegada á Bahia em 1510, que se refere a acção heroicamente cantada, que o immortalisou sob o nome de Caramurú, e que até o poeta Durão suppõe ter sido *feita quasi no meado do seculo XVI.* O certo é que este nome *Caramurú* (*) só d'aqui em

(*) *Caramurú* é no Brazil uma especie de moreia grande, de dez e mais palmos de comprido, cuja mordedura é perigosa (**) a ponto de fazer apo-

(**) « Chamam os Indios ás moreias *caramurú*, das quaes ha muitas, mui grandes e muito pinta- » das, como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e tem muitas espinhas, e são muito gordas e » saborosas; não as ha senão junto das pedras, onde as tomam as mãos. » (Gabriel Soares P. 2.ª, cap. 132.

« Il y a le *Caramourou* assez semblable à l'Anguille, long d'une brasse et demie et gros à propor- » tion: il se trouve aussi ordinairement sous les rochers; il est fort bon, mais sa morsure est bien » dangereuse. » (*Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan*, &c., par Claude d'Abbeville, Paris, 1614, fol. 246.)

« Estes peixes (*caramurú*) são como as moreias de Portugal, de comprimento de dez e quinze

diante começa a apparecer, e nada obsta a poder-se asseverar que elle só então praticaria o facto do tiro da arma de fogo, que espantou e impoz tanto terror aos indigenas. Nem se nos opponha que já então o estampido d'aquella não lhes podia fazer muita novidade, por se deverem ter a elle familiarisado nos sete ou oito annos que ahi estivera Francisco Pereira Coutinho; visto que o caso se podia ter passado com outras hordas recem-chegadas do sertão, onde andavam tão nómadas como ainda hoje em alguns districtos em que vivem no estado selvagem. Muito mais tarde diz Vasconcellos (Chron. n. 52) que os Indios se haviam retirado « parte com o *espanto das armas de fogo (que elles admiram)*, parte com razões efficazes de eloquentes linguas, &c.

Não menos sabido é que o triste fim de Francisco Pereira tendo feito devolver á corôa a sua capitania, D. João III talvez instruido por informações vocaes do tal capitão do mar Manoel Ribeiro, recommendado por Tourinho, resolveu tomar a si a colonisação da Bahia, enviando-lhe Thomé de Souza, com os primeiros Jesuitas que passaram ao Brasil em a frota que lá chegou em Março de 1549, e achou (segundo o citado Soares) ao Caramurú com os seus companheiros, que ahi se tinham sustentado contra os Indios. E no mez logo immediato ao d'esta chegada escrevia Manoel da Nobrega, principal d'aquelles padres (a quem denominaram o *gago* por de-

drecer e gangrenar as mãos e pernas dos que d'ella são mordidos. É mais natural que Diogo ou os Indios fundados n'esta circumstancia se lembrassem de applicar o mesmo nome a outro offensor igualmente terrivel e oriundo tambem do mar. Tal appellido está muito no genio da lingua guaraní ou geral, quanto ao modo de dar os nomes proprios. E sendo assim, para que irmos nos enredar em outras explicações e etymologias remotas e nada plausiveis?... Rocha Pitta chegou a traduzir a palavra com o significado — *Dragão que sahe do mar.*

» palmos, são muito gordos, e assados sabem a leitão: estes tem estranha dentadura, e ha muitos » homens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou pernas onde foram mordidos: » tem por todo o corpo muitos espinhos: dizem os naturaes que tem ajuntamento com as cobras » porque os acham muitas vezes com ellas enroscadas, e nas praias esperando as ditas moreas. »

(MS. Jesuitico antigo da *Bib. de Evora*, fol. 27.)

feito que tinha na falla), uma carta que com outras existe por copia n'um importantissimo livro d'ellas existente na Bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. Escreve Nobrega para o Reino que contava aprender a lingua indigena.... « com um homem que n'esta terra » (Bahia) se criou de moço, ho qual agora anda muy ocupado em ho » que ho governador lhe manda, e não está aqui. Este homem com » hum seu genro he ho que mais confirma as pazes com esta gente, » por serem elles seus amigos antigos. Tambem achamos hum prin- » cipal delles já christão baptizado, &c.

Similhantemente se confirma em outra carta, que está impressa na collecção que se publicou (sem declarar-se o logar da impressão, mas provavelmente em Coimbra) no anno de 1551 (*), na qual se lê a fol. 11 v.

« *En esta capitania hallè un hõbre de buenas partes antigo en la tierra, y tenia dõde escrevir la lengua de los Indios, que fue pera mi grande consolacion.* »

Em quanto não produzimos adiante mais um documento da mesma origem para tirar, com a designação expressa do seu nome, de todo os escrupulos ácêrca da duvida de identidade do nosso heróe no homem a quem alludem os dous trechos acima, não passaremos sem fazer já os necessarios commentos ao primeiro d'elles. Em primeiro logar aquellas muitas occupações referidas por Nobrega são comprovadas pelo testemunho do tantas vezes citado Soares, que diz (Part. 2.ª, cap. 2.º), que por mandado de Thomé de Souza o mesmo « Diogo » Alvares quietou o gentio e o fez dar obediencia ao governador, e » offerecer-se ao servir, o qual gentio em seu tempo (de Alvares) » viveu muito quieto e recolhido, andando ordinariamente traba-

(*) Eis fielmente o titulo d'esta collecção: *Copia de unas cartas embiadas del Brazil, por el padre Nobrega de la companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre, mestre Simon preposito de la dicha compania en Portugal: y a los padres y hermanos de Jezus de Coimbra. Tresladadas de Portuguez en Castelhano. Recebidas el ano de M. D. LI.* (gothico). Ha d'ellas um exemplar na Bib. Pub. de Lisboa (B—10—30).

» lhando na fortificação da cidade a troco do resgate que por isso » lhe davam. »

Em segundo logar o fallar-se em *um genro* indica que já em 1549 o Caramurú tinha pelo menos uma filha casada, por tanto maior dos treze annos, o que faz remontar a união a 1535, época em que o diario por que se guiou Herrera nada accusa de haverem os seus pais abandonado a terra. Dos genros do Caramurú temos os nomes de Affonso Rodrigues, natural de Obidos, marido de Magdalena Alvares, Paulo Dias Adorno, dito de Filippa Alvares (Jaboatão, Chron., cap. 7, pag. 14), e de João de Figueiredo Mascaranhas, dito de Apollonia Alvares (*Mem. da Bahia*, do Sr. Accioli, T. 3.°, pag. 205).

Em ultimo logar registemos na lembrança o fim do periodo acima para ficarmos sabendo que já antes da chegada de Thomé de Souza tinha havido na Bahia gente da terra baptizada, e por tanto quem baptizasse.

Recapitulando quanto havemos desenvolvido tiraremos em resumida conclusão:

1.° Que Diogo Alvares, domiciliado na Bahia desde os annos de 1510, ahi residíra entre os Indios consecutivamente até 1535.

2.° Que desde 1538, em que ao mais tarde chegou á Bahia a colonia do seu donatario, repugna igualmente que elle desamparasse os seus patricios, que lhe tinham vindo trazer sociabilidade, e tão dependentes estavam do seu auxilio e conhecimento da lingua e da terra.

3.° Que tal repugnancia augmenta a converter-se em evidente, impossivel a contar do anno de 1546 em diante, quando o vemos figurar como mensageiro de Pero do Campo á Bahia, salvar-se ahi do naufragio em que ficou o donatario, e depois palliando « ora com armas, ora com boas razões » estar ainda incolume á chegada do governador Thomé de Souza em 1549.

4.° Finalmente, que continuando elle d'este anno em diante a prestar aos Jesuitas os bons officios, que estes se não esquecem de memorar, succede que n'esta occasião a colonia se assentou alli por uma vez, e nenhum navio de Francezes, frequentando embora outros

portos do Brazil, se atreveu mais a affrontar o da capital do Estado, de maneira que durante os oito annos que se seguem até á sua morte, tomando-a como succedida no anno em que assevera Casal de 1557, não podia elle por fórma alguma ter-se embarcado na Bahia em um navio francez.

Por esta exclusão de partes parece vir a ficar só aos tres annos desde 1535 a 1538 a possibilidade de elle ter sahido fóra da Bahia a fim de ir á França para se casar com a India (reginula da terra?) sua amante nos paços reaes d'esse reino, tendo por padrinho e madrinha os soberanos, como se tem querido asseverar: todavia é justamente para este periodo e os annos seguintes, entrando pelos do reinado de Henrique II, que tem maior applicação um argumento, que não deixará de produzir igualmente para corroborar a negativa que já concluimos para os annos anteriores mais proximos: referimo-nos á falta total de alguma noticia ou informação, que mencione ou indique um facto, que aliás devia fazer-se notavel n'aquella côrte para excitar não só a curiosidade de algum minucioso narrador chronista francez como *Du Bellay*, mas ainda mais o ciume, rivalidade e resentimento dos agentes portuguezes então residentes em França, os quaes, desde o embaixador até ao infimo espia, estavam todos interessados em tomar nota de um facto como era já a chegada de qualquer navio francez vindo do Brazil, quanto mais do acolhimento decidido dado a um seu habitante de tantos annos, e d'essas estrondosas ceremonias de casamento e baptizado, que tão suspeitosas se lhes deviam tornar.

Correndo porém a immensidade de despachos, officios, cartas particulares, informes, e mais papeis que se escreveram de França respectivos ás minimas occurrencias que então se passavam ácêrca das negociações pendentes d'aquelle reino com Portugal, e que na melhor parte tinham por mira a sustentação da posse inauferivel do Brazil—começada a disputar por meios identicos aos que a mesma nação ainda nos ultimos tempos, contra todo o direito reconhecido por ella propria, fez com a Guyena, — é que se collige a impossibilidade da existencia de tal acontecimento, que ninguem contou; quando se

tivesse succedido, tão notorio era elle que deveria apparecer noticiado por mais de uma pessôa, e em mais de uma carta, como vemos a respeito de outros de menos importancia n'esse mesmo tempo.

D'aquelles papeis, cujas copias todas possuimos, parte terá em breve immediato cabimento n'uma segunda memoria das *Negociações diplomaticas*, e os mais d'elles ficaráõ reservados para sahir a publico em um tratado separado. Pela sua leitura chegámos a estar quasi diariamente presenciando tudo quanto ácêrca de objectos analogos se passava em França. E justamente no anno de 1535, o dia 1.º de Agosto foi o apresentado por Francisco I para a reunião dos dous juizes de cada parte, destinados a julgar das reclamações das duas nações, os quaes todavia só depois se poderam juntar. Por esse tempo e depois estava ordinariamente em Lyão o embaixador Ruy Fernandes: em París e depois em Bordéos vigiava zelosamente o incansavel Dr. Diogo de Gouvêa, que pelas suas muitas relações, lettras e estima n'aquella côrte, onde fôra educado, e pela posição social que lhe dava ahi a regencia de seu collegio, andava sempre muito bem informado de quanto occorria, e não era descuidado na sua correspondencia e deveres para com a sua patria. Da Rochela communicava o que havia Fernão Rodrigues Pereira, e tão minucioso costuma ser, que não occultaria um só boato que a tal respeito corresse. Pouco depois installou-se em Bayona o juizo ou commissão mixta, e não é provavel que nem os juizes commissarios nem os do seu sequito deixassem de ter d'entre tantos requerentes portuguezes algum, que contasse os apparatosos recebimentos. Ha demais no Real Archivo de Lisboa (Corp. chr. P. 3.ª, Ms. 14, Doc. 37) uma carta de um João Fernandes Lagarto (explica elle que este appellido lhe proviera de ter tido a fortuna de escapar da sanha de um tal reptil), escripta a D. João III em doze folhas, na qual lhe relata muita cousa que víra na côrte do rei de França, a quem fallára ácêrca de navegações no ultramar, mappas, terra dos Bacalháos (Terra Nova), &c., e não deixaria de dar do Brazil noticia tão curiosa, quando a tivesse presenciado ou ouvido. Taes correspondencias continuam a sustentar-se ás vezes por novos individuos durante os annos seguintes, e em

nenhuma temos até hoje encontrado uma só referencia a tal respeito. Ora todos estes argumentos negativos tem em boa crítica a força dos positivos, uma vez que não apparece um só individuo, uma só memoria escripta, que apresente em contrario uma affirmativa, que faça argumento positivo, essencial de ser combatido por outros igualmente positivos. O mesmo dizemos a respeito dos annos anteriores mais proximos, em que o silencio a respeito das particularidades em questão, que guardaram os navegantes que accusam ter encontrado na Bahia o Caramurú, é reforçado pelo das correspondencias de Jacome Monteiro, enviado á França pelo rei D. Manoel, das do mencionado Gouvêa, dos despachos do embaixador João da Silveira e de Gaspar Vaz, e das cartas de tantos outros que figuram nas primeiras questões a respeito de piratarias dos Francezes no Brazil, &c., &c.

Conservamos porém ainda de reserva um documento, que a nosso ver é mais terminante; pois que em tempos posteriores (pelos annos de 1555) se diz n'elle que havia quarenta a cincoenta annos que o Caramurú, velho honrado, andava *entre os Indios*, sem nada se mencionar de tal facto, como era natural, já pela sua notoriedade, já porque era razoavel explicasse que se devia abater n'esta conta alguns annos de estada fóra em uma viagem á Europa, &c., &c. É esse documento uma carta escripta tambem da Bahia por mandado do mesmo Nobrega, existente n'uma collecção da Bibliotheca publica de Evora, a qual teve a bondade de nos subministrar o nosso consocio o Sr. Rivara, e póde ser se ache igualmente transcripta no volume do Rio de Janeiro: diz assim o periodo que nos serve a fl. 189:

« O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse Diogo « Alveres (*) (por lingua dos Indios *Caramolú)*, a ho qual tem

(*) Em nenhum escripto antigo se trata do Caramurú senão com estes dous nomes. O appellido Corrêa, que recentemente se lhe accrescentou, e que até se intercalou em algumas copias modernas, e só nas modernas da obra de Gabriel Soares, deve ter-se por espurio. Nem o proprio Vasconcellos, nem Brito Freire o souberam, e parece que foi Rocha Pitta quem o desencantou, não de algum manuscripto da sua provincia, mas provavelmente da influencia genealogica de algum consocio do nosso patricio na sua campanuda Aca-

« grande credito os Indios por auer corenta a sinquoenta ānos que
« anda antre elles, e ser velho honrado, que andasse *(ita)* pellas aldeas
« com os padres prometendô-lhe ordenado delrej, o que ao bispo
« pareceu mujto bem e logo ho poz em obra e lhe falou, e assi se fara
« e esta concertado ir hum dia destes por todas as aldeas a pregar
« contra ha abusão que esta semeada antre elles e declarar-lhes a
« verdade e adesser *(ita)* pai dos que se converterem. »

Á vista do exposto vemo-nos obrigados a confessar que acreditando sem a minima duvida na existencia do Caramurú, que até agora pela falta do conhecimento dos documentos muitos contestavam, temos cada vez mais motivos para crer que essa viagem á França, que a seu respeito espalhou a tradição, devia ter algum fundamento. A tradição é vaga, compõe, associa, romancea, despreza a chronologia, reune ás vezes dous entes em um só, creando monstros, mas nunca inventa. Ora, convém saber-se que houve com effeito um Europeu, lingua dos Indios, que foi levado á França em uma náo d'esta nação, e que d'elle faz tambem memoria o mesmo Gabriel Soares, que é dos antigos o que nos transmittiu já mais assentadas noticias do Caramurú: diz pois aquelle benemerito escriptor no Cap. 9 da Part. 1.ª: « N'este Rio
« Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do gentio, um
« Castelhano entre os Pitiguares, com os beiços furados como elles,
« entre os quaes andava havia muito tempo, o qual se embarcou em
« uma náo para França, porque servia de lingua aos Francezes entre
« o gentio nos seus resgates. »

Aqui está quanto a nós explicada a tal enfeitiçada viagem do Caramurú á França. Um mysterioso Castelhano arrojado, sabe Deus como e desde quando, no Rio Grande do Norte era lingua do gentio visinho, com quem os Francezes ficaram tratando ainda depois da colonisação portugueza na Bahia e outros pontos, e algum navio

demia, que lhe lembraria serem tambem *Corrêas* os *Alvares* nobres de Vianna, isto quando o Caramurú não passaria naturalmente nos seus tempos de algum miseravel grumete. Quanto á nova maneira de escrever como se segue *Caramolu*, não fará ella novidade aos que se lembrarem que a carta era dictada por um gago.

d'estes o levou á França. A tradição com o tempo registou só o facto; lembrou-se do que succedêra a um lingua do gentio, mas esqueceu-se do nome do individuo e da data do successo, e confundiu. Eis o caso já corrente e intelligivel o erro.

Mas não deixemos escapar um argumento mais, que n'este logar nos apparece. Soares distingue bem dous individuos quando explicou que este Castelhano se fizera botocudo, o que ninguem disse nunca do Caramurú: ora se elle deu importancia e mencionou a circumstancia da ida á França d'aquelle, não a contaria tambem d'este se ella tivesse tido logar?

Passando agora a occupar-nos expressamente do assumpto do ponto que nos propomos tratar, que é o exame critico do que escreve o Bahiano Sebastião da Rocha Pitta, n.os 88 e 89 do Liv. 1.º da sua *Historia da America Portugueza*, facil será, á vista do expendido, deduzir que tudo se deve ter por fabuloso.

Quer Pitta (n.º 99) que a viagem do Caramurú á França, acompanhado da India com quem veio a casar, houvesse tido logar no tempo de Henrique II, e que este rei com a rainha sua esposa — a celebre Catharina de Medicis — fossem os padrinhos do matrimonio, e do baptismo que primeiro se devia subministrar á gentia. Ora Henrique II subiu ao throno em 1547; logo só depois d'este anno, e nunca antes, poderiam lá receber-se os dous mencionados conjuges; a como o mesmo rei falleceu (em resultado de um triste desastre) e 10 de Julho de 1559, ha só doze annos durante os quaes deviam elles ter ido á França para poder parecer menos absurda a existencia do facto, se bem que já no dito anno de 1547 tivesse Diogo Alvares vivido tanto tempo na primeira colonia do infeliz donatario, onde o mesmo sacerdote que baptizára o principal que ahi encontrou Nobrega o poderia ter casado, depois de igualmente baptizar a India sua amante, dando-lhe o mesmo nome *Catharina*, que era o da rainha mulher do rei D. João III; o que tambem não julgamos ter succedido, pois que sendo ella, como igualmente se diz, filha de um principal da terra, Nobrega teria accrescentado o seu nome quando fez a menção como cousa rara do Indio baptizado, que já lá achára na

Bahia. E tal ida do Caramurú á França já vimos acima como não podia ter logar em 1547, nem em 1548, e menos ainda desde 1549 em diante.

O resto d'esse episodio narrado por Pitta deixaremos sem analyse: os periodos que contam os acenos da terra, que percebeu e a que acudiu promptamente um navio que ia feito de véla, os esforços a nado para a India alcançar a dita náo franceza, &c., são fragmentos do colorido proprio dos typos gongoristicos do seculo passado, e do faustoso Mecenas (João V) a quem a obra de Pitta foi por elle dedicada. Nem mesmo julgamos conveniente negar-lhe credito á revista que accusa ter feito de antigos manuscriptos. Bem haja por isso; mas se queria que lhe dessemos assenso devia pelo menos accusar que casta de escriptos eram: d'outro modo temos direito (para não suppormos cousa peior) a acreditar que fossem elles notas ou borrão de algum auctor como Simão de Vasconcellos, cuja boa fé e auctoridade passamos a analysar.

Foi Vasconcellos o primeiro que em 1663, sem mais esclarecimentos escriptos do que as poucas linhas de Gabriel Soares, que já ficam acima transcriptas, ampliou de novas circumstancias o assumpto, que pouco depois em 1675 foi repetido apenas com modificações no estylo por Francisco de Brito Freire (*), e mais tarde enriquecido com as galas da invenção de Pitta, e com as extensas e interminaveis conjecturas sem provas da diffusa penna do nosso illustre Pernambucano Jaboatão. Gabriel Soares estabelecera-se no Brazil em 1570, e ainda devêra encontrar recente a historia do Caramurú, para a poder ouvir da bocca dos contemporaneos e socios d'este. Vasconcellos só escreveu um seculo depois, e por tanto ainda suppondo que elle nada creou, e apenas pôz por escripto o que ouviria, por ventura não devemos nós condemnar como pouco segura essa tradição, que já tinha de bocca em bocca atravessado tres gerações n'um povo tropical e de ardente imaginação, quando documentos em contrario nos induzam a condemnal-a? Toda essa narração de Vasconcellos foi por elle de

(*) *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica, etc.*, Livro 2.º, n.os 135—141.

tal modo escripta, que não será difficil a um espirito sagaz descobrir que o auctor não tinha a verdadeira consciencia no que escrevia, e chega a fazer dó ver o pobre dando-se a tratos para arredondar periodos, tendo por todos os lados tanto espinho, de que elle a custo procurou fugir; e comtudo é á sombra da sua auctoridade que verdadeiramente descansam os escriptores que lhe succederam, incluindo o nosso proprio épico Durão, que muito é para sentir não tivesse sido precedido por um historiador, bem como Camões o foi por Barros, cujas décadas o poeta luso necessariamente percorreu muito. É possivel que Vasconcellos, recebendo a tradição já arranjada a modo de romance, a concertou como poude para narrar envolvida nas fórmas historicas estes successos, que de passagem foram tocados na obra de Soares, que facil será de provar ter sido vista por Vasconcellos (*). D'esta tendencia de Vasconcellos para combinar e querer narrar historicamente a seu modo os factos (**) que se lhe apresentavam por assim dizer descarnados, julgamos que podiam nascer algumas das circumstancias da sua narração *novellesca:* assim além da historia do Castelhano do Rio Grande do Norte, como acima mencionámos, poderia ter ajudado a formal-a a certeza de que n'aquelles primitivos tempos Francezes de Dieppe, do Havre e Honfleur, passavam ao

(*) Os n.os 51 a 55 das *Noticias antecedentes, etc.*, foram tirados do Cap. 40 da 1.ª Parte de Soares; o n.º 66 do Cap. 74, etc., etc.

(**) Este nosso juizo nada tem de apaixonado: é filho de uma convicção fundamentada em muito maior copia de documentos do que devia ter o incansavel auctor da *Corographia Brazileira*, quando assim se expressava (II, 88):

« O jesuita Vasconcellos, segundo o que eu pude ver, foi o primeiro que « divulgou (mais de cento e cincoenta annos depois) as aventuras de Diogo « Alves (aliás Alvares Corrêa) o *Caramurú* quasi em fórma de novella; « e os posteriores consideraram-se auctorisados para enfeital-a; e o que faz « encontrar n'esta historia incoherencias e paradoxos. — O mencionado chro- « nista, que viu (segundo elle diz) documentos circumstanciados (e que « jámais produz), não sabe se a não do naufragado Corrêa ia para a India, se « para a capitania de S. Vicente; pretendendo que esta estava «já então « povoada por Martim Affonso de Souza!!! »

Brazil, d'onde levavam comsigo alguns indigenas (*), e depois o nome de Catharina, que tinha a esposa de Henrique II, e por fim a vontade de se recommendar pelo maravilhoso, tudo poderia sem grandes esforços da imaginação offerecer conjecturas para formar um romance historico do genero analogo aos que hoje tanto se usam (a ponto de terem conseguido alentar o scepticismo historico), genero de composição em que, apezar de nos apresentarmos ostentando tanta severidade a tal respeito, já nos não podemos gabar de não ter lançado alguma insignificante pedra. E Deus permitta que não seja a unica....

Eis dada uma explicação do modo como se podia gerar o conto, e como em boa critica somos auctorisados a julgar que elle se gerou, visto que seu auctor se atreveu a narrar factos tão originaes, e de que já não era coevo, sem citar as fontes; como aliás usa fazer á margem, acarretando até excessiva erudição e auctoridades em casos de muito menos importancia e novidade. Bem procurou Vasconcellos, receioso da manifestação dos seus anachronismos, fugir a declarar-nos a época em que elle collocava o seu episodio; mas assim mesmo não escapará de ser chamado ao rigido tribunal da critica, para n'elle se ver argumentado. Descreve este Jesuita a viagem á França como se houvesse tido logar antes do naufragio da náo castelhana na ilha de Boipeba, do qual faz menção Herrera (n'um logar que acima o citámos) como succedido em 1535, que foi quando os naufragos

(*) Se isto não fosse constante, não seria de pequena prova o acharem-se elles bem desenhados na curiosa collecção franceza de *costumes* de 1567, que cita o Sr. F. Denis *(Brésil)* p. 74 como existente na Bib. Real de Paris, o que de certo não seria só por informações verbaes: ao pé dos retratos de um selvagem e sua mulher se lê em francez:

L'homme du lieu auquel le Brésil croist
Est tel qu'ici à l'œil il apparoit.
Leur naturel exercice s'applique,
Couper Brésil pour en faire trafique.

Les femmes là sont vestues ainsi
Que ce pourtraict le montre et le présente,
Là des quenons et perroquets aussi
Aux estrangers elles mettent en vente.

ahi encontraram o Caramurú, a quem segundo a affirmativa de Vasconcellos Carlos V escreveu depois uma carta de agradecimento pelo agasalho que áquelles dera. Onde acharia Vasconcellos a tal carta? E se não a viu, quem lhe contou esse caso tão galante? É por ventura provavel, é crivel, é razoavel que o imperador se lembrasse de escrever a um pobre Robinson Crusoé, para lhe agradecer uma pouca de farinha e inhames dados a alguns seus marinheiros? Mais que provavel é sim, que elle de tal facto nem chegasse a ter conhecimento. Mas Vasconcellos ainda nos vem a dar o successo como muito anterior ao anno de 1535, quando envolveu na sua narrativa o nome do ao depois mal aventurado Pero Fernandes Sardinha, que elle mette na scena a encontrar-se com o Caramurú em París, onde aquelle theologo, ao depois primeiro bispo da Bahia, *acabára* os seus estudos, e se achava de volta para Lisboa. Mas antes de partir fal-o Vasconcellos escrever a D. João III aconselhando-lhe a colonisação do Brazil, conselho que el-rei (diz) aceitou, retribuindo a lembrança de Sardinha com a graça de o nomear vigario geral da India. Ora passando por alto a historia d'este conselho, que nós já vimos que foi dado pelo Dr. Diogo de Gouvêa (*), sabemos que a tal estada de Pero Fernandes em París, segundo Nicoláo Sandero (pag. 49) da sua *Historia* (vera et sincera) *schismat. anglican.*, foi pelos annos de 1528, e teremos presente quão excluido fica este anno de admittir a possibilidade da imaginada ida do Caramurú á França sem que os visitantes da Bahia, comprehendendo Pero Lopes, logo depois fizessem d'isso menção, e sem que o embaixador João da Silveira ou algum dos seus deixassem de accusar o facto lá da França, no meio de tão activas correspondencias. E de mais quão arredado ficaria este anno do tempo em que havemos ainda de ver Henrique II a reinar para Catharina de Medicis sua mulher ser como rainha a madrinha, a fim de dar com a agua do baptismo o seu nome á neophita Catharina! (**)

(*) *Varnhagen.* — Primeiras Negociações Diplom. resp. ao Brazil, p. 135 do T. 1.º das *Mem. do Instituto.*

(**) *Paraguassú* diz Vasconcellos que era o seu nome indigeno. Quem

Mas segundo outro logar de Vasconcellos (n.° 41) ainda viriamos a atrazar o facto mais alguns annos; pois quer que á primeira chegada do donatario á Bahia existissem já duas filhas legitimas do consorcio abençoado em París; e para isso suppondo mesmo o anno por mais desfavoravel da chegada d'este em 1538, era necessario fazer remontar a tal ida á França para receber as bençãos ao anno de 1524 (e o piloto Avila em 1526 sem saber de tal!), e para isso mesmo era ainda forçoso que as duas filhas tivessem sido gemeas, e se casassem ambas logo no principio da puberdade.

Ainda tocaremos n'outro ponto do mesmo episodio, como narrado pelo mencionado Jesuita: no n.° 38 assevera elle que voltado Diogo de França ao Brazil pelos resgates e negocios que fez com certo mercador, que para lá o transportára, obteve artilheria e munições com que viera a fazer uma estancia forte e a ficar « senhor de muitos escravos e vassallos, temido e respeitado das maiores *potencias* da costa.» Não haverá n'estas expressões certa falsa nobreza, que se não compadece com a humilde prosa dos contemporaneos que trataram de Diogo Alvares?

Mas é já tempo de deixar em paz o Jesuita portuense: antes não o poderamos fazer sem grande sacrificio; pois que era forçoso analysar com o rigor que admitisse a historia e satisfizesse a crítica qual era o conceito que devia merecer a narração d'este facto, como feita pelo seu primeiro escriptor, que os successores pouco mais fizeram do que seguir.

Voltando porém de novo a restringir-nos ao assumpto especial do nosso ponto, parece-nos em conclusão que se devem riscar das paginas veridicas da nossa historia os dous paragraphos de Rocha Pitta, cuja analyse foi dada a concurso. Reputamol-os um bello episodio proprio para o romance e poesia, uma vez que já n'elle ha certa crença:

diria isso a Vasconcellos? Ou andará por aqui um nome só creado para o romance, do mesmo modo que nós creámos uma Ipeca? A fallar a verdade, para os Indios tão rigorosos na applicação das metaphoras se lembrarem de chamar por antonomasia *Rio Grande*, (*Pará*, rio; *guassú*, grande) ou *Mar* a uma bonita mulher... mas emfim póde ser.

nós todos enlevados pelos feitiços do maravilhoso démos existencia formal ao que antes não fôra talvez mais do que conjecturas enfeitadas por uma imaginação creadora, e por ventura inclinada a dar insensivelmente a seus assumptos um colorido romantico, circumstanciando a narração com o engenho quando a historia ao seu tempo conhecida os não manifestava. Porém o historiador quando o queira expôr nada lhe custará a acompanhar a sua menção das providentes expressões consentaneas a inculcar dúvida. Ha certas narrações de casos mesmo fabulosos, que uma vez entradas no corpo da historia de um povo apoderam-se d'elle sem mais o largarem; embora pelo tempo adiante venham só a mencionar-se para se asseverar que não succederam. É o que ha de sempre acontecer na historia de Portugal a respeito das côrtes de Lamego; que foram tão bem inventadas (por Fr. Bernardo de Brito?) que chegaram a ser recebidas e citadas como lei do paiz, sem nunca terem existido taes côrtes. E de quantas bellas fabulas não estão cheias todas as historias?!

Pela nossa parte se é licito em taes assumptos abraçar uma opinião de sympathia analoga áquella por que todos passamos desde os bancos da escola sob os pendões da Grecia e Roma, e ainda depois quando ao ler a historia antiga nos influiamos uns mais pelos Romanos, e outros pelo atrevido e victorioso chefe dos Carthaginezes, declaramos que na que fez objecto d'esta dissertação nos inclinámos justamente ao partido que as convicções da verdade e o amor ao Instituto nos fizeram combater. E que espirito haverá tão positivo e incredulo, que coração tão duro e tão de pedra, que se não commova ao ver a infeliz gentia Moema abrasada de amor e ralada do ciume seguir a nado um navio francez, em que já a sua rival ia desfructando a porfiada posse, exhalar nas aguas o ultimo suspiro? E quem não tomaria parte na admiração de uma indigena americana quando seus olhos fartos de tantas grandezas physicas, de tanta obra do Creador, viram na Europa pela primeira vez tanta arte, tanta obra do homem? Quem se não enche de jubilo ao ver-se nos paços dos Lizes presenciando a hospitalidade da rainha de França, e as descripções dos rios e producções naturaes da America feitas ao politico vencedor de

Carlos V? Quem se não commove á vista da nobre e leal rejeição do heróe de atraiçoar o Brazil entregando-o aos Francezes? Quem finalmente não se maravilha de ouvir a visão prophetisando os casos futuros do principado, hoje nosso Imperio! e tanto mais quando é tão provavel que todos estes encantos não gosariamos nos melifluos versos da nossa epopéa, a não ter corrido como verdadeiro o facto que hoje analysamos. Talvez que sem a fé viva que na sua veridica existencia tinha o nosso poeta quando sentado á ponte da ribeira do ameno valle de *Cozelhas* (em Coimbra) dictando ao seu pardo amanuense o liberto Bernardo quantos versos lhe affluiam á mente, não teriamos hoje uma epopéa nacional, que nas escriptas em lingua portugueza occupa, assim o cremos, pela sua originalidade e viveza nas descripções e cadencia do metro, superiores ao *Affonso Africano*, o primeiro logar abaixo do immortal poema *Os Lusiadas*, o qual acaso arremedaram de mais todos os d'essa numerosa e fecunda familia de livros escriptos em oitava rimada como Cerco de Diu, Condestabre, Ulysséa, Ulysippo, Malaca, Insulana, Zargueiada, Henriqueida, e tantos outros d'este genero, em que no numero ao menos a nossa lingua levou talvez a palma a todas do universo. O bom exito que a Camões dera o seu genio, e talvez ainda mais o seu saber e grandeza do assumpto que envolveu, fez ambiciosos de igual gloria um sem numero de versejadores de imitação (como tinham sido os successores de Dante e Petrarcha na Italia), em cujas fileiras se quiz até ultimamente alistar o maledico — mas sabio — cantor do *Oriente*, que ainda pouco antes de fallecer contava como livro dos mais queridos na sua escaça livraria o nosso *Caramurú*.

ITINERARIO

Das viagens exploradoras emprehendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de communicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott.

(Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo mesmo Sr. barão de Antonina, seu socio correspondente.)

1.ª *Entrada.*

As difficuldades e demoras que os viajores encontram na longinqua viagem de Porto Feliz para Cuyabá tem sido conhecidas e lamentadas desde que esta via de communicação foi descoberta; e com quanto varias tentativas se houvessem feito para achar outro transito melhor, tinham sido inteiramente sem felizes resultados até o anno passado.

O Sr. barão de Antonina concebeu a idéa de descobrir outra via de communicação da comarca de Curitiba na provincia de S. Paulo com o Baixo Paraguay na de Mato Grosso, e em consequencia a 21 de Agosto de 1845 fez seguir uma bandeira constando de dezenove pessôas, a qual embarcou no Rio Verde, e fez o gyro de mais de duzentas leguas, como consta do itinerario apresentado ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 4 de Março de 1847, que foi publicado na *Revista trimensal* do mesmo anno, á qual me reporto para a descripção da primeira entrada.

2.ª *Entrada.*

Novo plano foi posto em execução pelo emprehendedor o Sr. barão de Antonina, que em Agosto de 1846 fez seguir outra bandeira, á cuja frente foi o sertanista Sr. Joaquim Francisco Lopes, e eu o acompanhei occupando o logar de piloto e mappista.

Entrámos pela fazenda de Monte Alegre do Sr. Manoel Ignacio do

Canto e Silva, que nos penhorou com sua franqueza e hospitalidade, dando todo o peso á antiga amizade que tem com o Sr. Barão; e d'alli demandámos o rio Tibagy com o fim de ir á serra de Apucarana, que azulando a grande distancia, calculou o Sr. Barão ser uma sufficiente atalaia (e não se enganou) para reconhecer-se todo o sertão circumvizinho. Do fim do campo da mencionada fazenda a uma legua de mato chegámos ao rio Tibagy, o qual atravessámos seguindo sempre o rumo O. N. O. Tres leguas distante do Tibagy, passando sempre por matos de pinhaes, encontrámos um ribeirão consideravel, que corria E. N. E., e se lhe deu o nome de Pederneiras por causa da abundancia que n'elle havia; d'aqui subindo uma alta serra seguimos pelo cume atravessando pinhaes e algum mato de palmital, até que descemos para o ribeirão da Fartura, distante do Tibagy seis leguas; d'aqui para diante é uma continuação de serranias e as matas serradas de creciuma, de tal maneira que são quasi impenetraveis: descendo uma serra coberta com mato de capoeirão, avistámos pela primeira vez (depois da nossa entrada) á distancia de tres leguas O. N. O. a celebre Apucarana, tão decantada nos aranzeis dos antigos Paulistas do decimo setimo seculo, cujo alto cume defendido por enrugados e escarpados rochedos parecia ser inaccessivel. (D'este logar tirei uma vista da serra.) D'alli para diante encontrámos menos pinhaes, terreno sempre montuoso, e matos muito serrados.

No dia 15 de Setembro chegámos ao ribeirão de Apucarana, que banha a falda da serra, e corre E. N. E. unindo-se com outros arroios que tinhamos passado, e vai se entregar ao Tibagy logo acima da serra dos Agudos.

O mantimento que tinhamos já era pouco, e divulgando-se que a determinação de S. Ex.ª era de seguirmos adiante ainda quando algum obstaculo estorvasse as nossas indagações, dous dos camaradas desanimaram, ficando a nossa escolta reduzida a sete pessôas. No dia seguinte subimos parte da serra, achando uma pequena e crystallina fonte que manava do rochedo; deixámos a gente fazendo pouso em quanto eu e o Sr. Lopes procuravamos uma vereda para subir ao cume: quanto mais nos approximavamos do penedo, mais o mato ia desapparecendo,

até que terminou em rasteiro fachinal. A rocha, que de longe apresentava uma côr cinzenta e uniforme, chegando perto viu-se que em parte era coberta com musgo tão macio como veludo, e matizado de mil côres brilhantes: uns pequenos arbustos, que nasceram em umas fendas da rocha, serviram-nos de escada, e passando de uns aos outros com difficuldade e risco ganhámos o cume.

A serra em cima é um taboleiro de trezentos e tantos passos de comprido, e quasi outros tantos de largura: tem pouca vegetação, e aqui e alli se viam grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e fórmas. Por causa de se estarem queimando os campos, tanto em Curitiba como em Guarapuava, a atmosphera estava enfumaçada de tal maneira, que não foi possivel distinguir cousa alguma na distancia de duas leguas em torno. Vendo perto de nós, no lado do occidente, um pinhal, determinou o Sr. Lopes ir com quatro camaradas áquelle logar, ficando eu com uma pessôa para tornar a subir a serra quando se desassombrasse da fumaceira. A gente encontrou uma vara de porcos no pinhal, e do alto da serra eu apreciei a bella caçada: o alarido dos cães, os gritos dos caçadores, os tiros que de vez em quando estrondavam aqui e alli, respondidos por mil echos das concavidades do sertão, era um espectaculo selvagem sim, mas interessante e sublime na altura em que eu me achava! Quatro dias consecutivos subimos áquelle logar, mas sempre com os mesmos desapontamentos: vimos então que era preciso esperar a chuva, e por não estar parados determinámos de subir á ponta de uma cordilheira que ficava a oéste distante duas leguas, a qual estorvava nossas vistas para aquelle lado. Seguimos por pinhaes e terras montuosas de mato bom; no terceiro dia chegámos ao logar determinado, d'onde vimos a aberta do rio Ivahy, distante seis ou sete leguas a oéste; porém a chuva que logo cahiu em grande abundancia vedou-nos de fazer mais observações. Voltámos, e chegámos ao nosso arranchamento depois de uma ausencia de cinco dias. O tempo melhorou; eu e o Sr. Lopes tornámos pela quinta vez a subir a serra, não havendo nem camarada, nem Indio que quizesse acompanhar-nos. O dia estava bello, a atmosphera limpa, e fomos amplamente compensados de todas as nossas

fadigas no instante em que chegámos ao cume. Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céo do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brazil. Eminencia encantadora, eu d'aqui mesmo ainda te saudo! Perto de nós, concavidades saturnaes e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma erupção volcanica tivera logar alli, e no meio de todo este cháos a Apucarana levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as fórmas fantasticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em derredor de si. O Tibagy depois de passar a serra dos Agudos serpeava por vargedos a rumo N. N. O.; mais longe via-se o brechão do Paranapanêma cortando o sertão de léste a oéste, e lá no extremo do horizonte uma linha apenas visivel, que se estendia de N. E. a S. O. mostrava o curso do gigante Paraná: a E. S. E. apparecia parte dos campos geraes, e a N. E. sobre a margem occidental do Tibagy a pequena campina do Inhohõ distante oito ou nove leguas. Adiante d'esta distinguia-se com difficuldade as pontas de algumas outras campinas, que eram inteiramente desconhecidas: d'estas indagações concluimos que o Tibagy devia ser navegavel logo para baixo da campina do Inhohõ; que era necessario explorar taes campinas que tinhamos visto, a fim de ver se eram sufficientes para estabelecer um deposito, accommodar algum gado, e servir de pastagem para as tropas que tivessem de conduzir mantimentos. Como este era o objecto principal da nossa viagem, voltámos depois de ter gravado em uma pedra a éra, e as iniciaes dos nossos nomes J. F. L.

J. H. E.

1846.

No dia 8 de Outubro chegámos á fazenda de Monte Alegre, e a 13 á fazenda de Perituva, depois de uma ausencia de cincoenta e quatro dias: alli démos exacta informação ao Sr. Barão, que determinou continuar as explorações até conseguir o que havia projectado, ou ter um desengano total da communicação que queria abrir da comarca de Curitiba com o Baixo Paraguay da provincia de Mato Grosso.

3.ª *Entrada.*

O campo do Inhohõ ou (pelo nome mais moderno) de Santa Barbara, situado sobre a margem occidental do rio Tibagy, vinte e sete leguas N. O. da villa de Castro, foi descoberto ha muitos annos pelo fallecido tenente coronel João Felis da Silva, pai da proprietaria actual da fazenda da Fortaleza Sra. D. Anna Luiza da Silva, que se contentava de mandar de annos a annos fazer um ligeiro pique de facão para queimar unicamente. Oito annos antes da nossa entrada o Sr. Manoel Ignacio do Canto Silva, neto do sobredito tenente coronel, tinha mandado abrir um pique que admittia cargueiros, e n'esta occasião tornaram a queimar o campo, mas por causa de ser pequeno (tendo apenas uma legua de comprido e menos de uma de largura, dependente de atravessar nove leguas de sertão inculto) deu-lhe pouca importancia. O Sr. Barão, vendo o mappa e o itinerario que lhe apresentei, determinou fazer n'este logar o ponto das operações que tinha encetado para descobrir uma via de communicação com a cidade de Cuyabá, e para este fim mandou uma expedição, á testa da qual foi o Sr. Luiz Vergueiro, acompanhado do Sr. Lopes e da minha pessôa.

Esta bandeira, composta de trinta pessôas e do trem necessario, começou a 21 de Outubro de 1846 a abrir um picadão: em 20 de Novembro sahimos no campo do Inhohõ, e em quanto o mais da gente apromptava uma roça, o Sr. Lopes e eu com quatro camaradas e dous Indios fomos explorar as campinas que tinhamos visto do alto da serra de Apucarana. Na occasião de queimar o campo do Inhohõ, os Indios responderam com fogos em tres logares differentes, dous a norte na distancia de seis a oito leguas, e mais um a N. N. E., que parecia ser retirado de nós quatro leguas. Como circumstancias tornaram necessaria a presença do Sr. Vergueiro em Perituva, não podémos nos demorar n'esta exploração mais do que dez dias; e por tanto não tivemos tempo de chegar aos logares aonde os Indios tinham queimado campo.

No dia 24 passando uma restinga de mato de uma legua de largura

sahimos nas primeiras campinas, seguimos a norte, e algumas vezes nordéste, passando sempre por campinas e pequenas restingas de mato, e duas a tres leguas avistando mais campinas e fachinaes ao norte, voltámos d'alli queimando algumas d'ellas. No dia 4 de Dezembro chegámos no Inhohõ convencidos de que estas campinas (ás quaes démos o nome de S. Jeronimo) eram sufficientes para o deposito que o Sr. Barão projectava a fim de continuar o seu plano de explorações até esgotar as idéas que tinha concebido. Voltámos com a escolta a dar-lhe conta exacta de tudo, e aguardar as suas ordens, por estarmos convencidos de que obstaculos o não fariam recuar e abandonar sua calculada empreza.

4.ª *Entrada*

No dia 9 de Dezembro o Sr. Vergueiro voltou para a fazenda de Perituva. O Sr. Barão tinha determinado mandar fazer outra entrada, que desde a campina do Inhohõ seguisse a rumo de norte até perto do rio Paranapanêma, descendo parallelo com o Tibagy na distancia de uma a duas leguas, e voltando examinasse as propriedades que tinha este terreno para factura de uma estrada desde as campinas de S. Jeronimo até á confluencia do Tibagy com o Paranapanêma. Em conformidade com estas instrucções escriptas, apromptámos uma escolta de doze pessôas, e no dia 16 de Dezembro entrámos no sertão. Seguimos primeiro ao N. N. E. para aproveitar as campinas queimadas até o ribeirão de Santa Barbara, tres leguas e meia distante do Inhohõ; d'aqui fizemos rumo a norte, e acabando-se logo os pinhaes, entrámos em chapadões de palmital até o ribeirão das Congonhas, que é cercado por uma pequena cordilheira. Este ribeirão nasce cinco leguas E. N. E. do Inhohõ, e faz contravertente com as aguas que vão para o rio da Cinza; corre pelo espaço de cinco leguas quasi a norte, e depois pendendo bruscamente para oéste cahe no Tibagy, cinco leguas acima da sua juncção com o Paranapanêma. Da ponta mais alta d'esta cordilheira avistámos o Paranapanêma correndo de léste ao oéste, distante pouco mais

de duas leguas, e o Tibagy distante quatro ou cinco serpeava por vargedos de palmital: d'aqui virando a rumo do sul acompanhámos este rio retirados d'elle duas leguas pouco mais ou menos. Todo o terreno de mato comprehendido entre as campinas de S. Jeronimo e a foz do Tibagy (que terá dez leguas) é o melhor possivel para a factura de uma estrada permanente, que nunca precisará aterrados nem estivas, e (com excepção da pequena cordilheira das Congonhas) é uma continuada planicie. No dia 13 de Janeiro chegámos de volta ao Inhohõ, gastando n'esta expedição vinte e cinco dias.

5.ª *Entrada.*

A descoberta das campinas de S. Jeronimo tinha despertado a ambição de algumas pessôas que moravam visinhas a este sertão, as quaes entrando pelo lado de Cachambú (treze leguas E. N. O. da villa de Castro) fizeram algumas explorações em direcção ás ditas campinas: n'estas indagações descobriram alguns fachinaes, mas encontrando adiante com mato forte voltaram.

Com estas noticias determinou o Sr. Barão mandar uma escolta, que procurando o logar dos fogos que tinhamos visto queimar ao N. N. E., examinasse o terreno adiante para ver se estes fachinaes continuavam em rumo para os fachinaes de Cachambú; e se assim fosse botar um pique, que passando a maior parte por campestres desde Cachambú até S. Jeronimo, evitasse o mato grosso, que se atravessava para chegar á campina do Inhohõ. As fadigas, privações e perigos inseparaveis da vida do sertanista tinham intimidado de tal maneira a gente que nos havia acompanhado, que não foi possivel arranjar camaradas sufficientes para esta quinta entrada: com difficuldade achámos dous companheiros, e com esta pequena comitiva, constando de quatro pessôas, no dia 15 de Março sahimos da campina do Inhohõ, e entrámos no sertão. Seguimos pelas campinas de S. Jeronimo até á distancia de duas leguas e meia, e d'aqui caminhando ao

nascente passámos umas campinas, que não tinhamos visto, e subimos um espigão alto com matos de pinhal e palmital: d'ahi para diante era uma continuação de serrania, e os matos muito cerrados de creciuma e carahá. Passámos novamente o ribeirão das Congonhas (chamámos assim por causa da abundancia de herva mate que alli tem) a menos de uma legua adiante, e seis leguas N. N. E. do Inhohõ sahimos na queimada; era um avencal cercado por cerradões de pinhal. Subimos a uma serra alta, e vimos que na direcção de Cachambú era uma continuação de terreno montuoso e coberto de grosso mato. Convencidos que por este rumo não havia propriedade para uma estrada, voltámos, e no dia 10 de Abril chegámos á fazenda de Perituva, morada do Sr. barão de Antonina, dando parte de tudo.

6.ª *Entrada para descobrir um transito fluvial (embarcando no rio Tibagy) para a provincia de Mato Grosso.*

Á vista dos resultados d'estas explorações, determinou o Sr. Barão que o porto do embarque fosse no rio Tibagy, logo a baixo dos montes Agudos e campina do Inhohõ, e mandou construir uma canôa onde se accommodou a gente e municiamento. Em 14 de Junho de 1847 embarcámos o Sr. Lopes, eu e tres camaradas, uma legua para baixo da campina do Inhohõ, e démos principio á viagem, jogando a vida em uma empreza desapprovada por todos; pois que jámais alguem se persuadia que se podesse conseguir a via de communicação que o Sr. Barão tinha premeditado: porém elle, firme no plano que havia concebido, não recuava a obstaculos e despezas, e d'esta maneira que remedio senão avançar?

15 e 16. — Choveu copiosamente, o rio encheu muito, tendo subido em vinte e quatro horas quatorze palmos perpendiculares. Na manhãa de 16 começou a baixar, mas a correnteza sendo muito violenta tivemos receio de seguir, e falhámos. N'este logar os matos são magnificos, palmital entravado com gigantescas perovas, páo

d'alho, figueiras e outras arvores soberanas das florestas: via-se tambem muitas jaboticabeiras, umas com flôr e outras com fructas maduras.

17 e 18.—Seguimos viagem, passando muitas corredeiras pequenas por entre terreno montuoso e coberto de mato bom; e avistámos as primeiras arvores de larangeiras silvestres. No dia 18 chegámos a uma grande enseada com tres ilhotas, atravessada por uma itaupava forte, defronte da qual entra pelo lado direito o ribeirão de S. Jeronimo, que vem das campinas do mesmo nome. Aqui foi preciso descarregar a canôa.

19.—Passámos umas corredeirinhas, e meia legua para baixo da enseada chegámos á frente de outra itaupava forte: mato bom de palmital e muitas larangeiras silvestres.

20, 21 e 22.—Examinámos a cachoeira: era uma continuação de corredeiras, que se estenderam para mais de meia legua, e em consequencia foi necessario passar a canôa descarregada.

23.—Acabámos de conduzir as cargas, e ao meio dia seguimos viagem; logo para baixo começou uma serie de corredeiras, que continuaram com pouca interrupção.

24.—Tocando em terra démos com tres ranchos de Indios, abandonados (com toda a apparencia) havia um anno; e fizemos pouso em uma ilha grande com corredeira forte: o rio serpeava por vargedos de palmital.

25 e 26.—Embarcámos logo abaixo da corredeira uma legua, sahimos em uma enseada com tres ilhas, e abaixo d'estas as itaupavas e baixios eram emendados uns aos outros: tem alli muitos barreiros, e havia vestigios de muita caça: no dia 26 chegando a uma itaupava forte fizemos pouso.

27 e 28.—Falhámos por causa do máo tempo.

29.—Seguimos viagem, passámos algumas corredeiras, e as margens do rio eram bordadas com mato de palmital e larangeiras silvestres. Pouco mais de uma legua do pouso chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahi pousámos: do logar onde nós

embarcámos até esta ilha (que chamámos ilha dos Passaros) terá nove ou dez leguas, e é de muito difficil navegação.

30.—Sahimos da ilha dos Passaros, o rio serpeava mansamente por vargedos de palmital.

1.° de Julho.—Seis leguas para baixo da ilha passámos tres corredeiras; logo adiante da segunda entra pelo lado direito o ribeirão das Congonhas, e menos de meia legua para baixo d'este começam os baixios das Sete Ilhas, que continuam até á ilha das Araras quasi uma legua; mas estes baixios pouco estorvam a navegação.

2.—Passámos as ilhas de S. Francisco Xavier, que conheciamos da viagem de 1845, e ás quatro horas da tarde do mesmo dia sahimos no rio Paranapanêma, e fizemos pouso na ilha dos Indios Fugitivos defronte da barra. D'aqui nos haviam fugido dous Indios na viagem exploradora em 1845.

O rio Tibagy desde a campina do Inhohõ até á ilha dos Passaros não é proprio para navegação; d'ahi para baixo é bom; as suas margens são bordadas de matos adequados para qualquer cultura; abundam em caça, peixe e fructas silvestres: calculei a distancia do porto do Inhohõ até á foz do ribeirão das Congonhas no Tibagy em quinze leguas por causa das muitas voltas, e d'alli mais cinco até á juncção d'este sinuoso rio com o Paranapanêma: seu rumo geral é N. 1/4 N. O.

3 e 4.—Por causa do máo tempo falhámos na ilha dos Fugitivos, que fica defronte da juncção d'estes dous caudalosos rios, dos quaes é acommettida nos seus trasbordamentos.

5.—Sahimos da ilha dos Fugitivos, passando algumas pequenas corredeiras, que apenas merecem o nome; cinco leguas para baixo chegámos á cachoeirinha da Capivara, onde fizemos pouso: esta cachoeira é repartida por uma ilha e fórma dous canaes, dos quaes o do lado esquerdo é melhor, sem que o outro seja perigoso.

6 e 7.—Sahimos da cachoeira da Capivara; o rio voltêa mansa e magestosamente por vargedos de mato bom. Muito cedo no dia 7 passámos a cachoeira das Larangeiras, que fica quatro leguas abaixo da Capivara; o canal do lado direito é forte, o do lado esquerdo é

baixio despraiado, que offerece boa passagem. Depois passámos as ilhas dos Jatibás d'onde começam baixios até perto do rio Pirapó; mas estes baixios são de nenhuma importancia: este rio entra no Paranapanêma pelo lado esquerdo, doze ou treze leguas distante da foz do Tibagy (alli houve em outro tempo a reducção de Nossa Senhora do Loreto, que foi abandonada em 1631): na barra terá quatorze braças de largura: pousámos logo para baixo.

8 e 9.—Seguimos, e o possante Paranapanêma serpeava por vargedos de mato bom. No dia 9, a seis leguas para baixo do Pirapó, passámos uma corredeira de pouca monta.

10. — A apparição de gaivotas, colhereiros, e outros passaros aquaticos, nos annunciou a approximação do Paraná: d'aqui os matos são de uma qualidade inferior, acha-se o palmito *bacury*, e começam a apparecer as anhumas e mutuns.

11. — Antes do meio dia sahimos no Paraná, e subindo um pouco pousámos na ponta superior da ilha da Meia Lua.

O Paranapanêma desde a barra do Tibagy é de muito facil navegação, tendo fracas corredeiras, e estas de pouca importancia: calculei a distancia desde a foz do sobredito rio até o Paraná em vinte e quatro leguas: o seu rumo geral é O. 1/4 S. O. Não sabendo se o rio que vinha dos campos de Xerez ou Vaccaria desaguava no Paraná para cima ou para baixo do Paranapanêma, determinámos subir o Paraná, e não encontrando rio algum consideravel até ao Rio Pardo, ficavamos desenganados por este lado, e convencidos de que o rio que procuravamos existia para baixo da sobredita barra do Paranapanêma.

12.—Sahimos da ilha da Meia Lua: o Paraná aqui é semeado de ilhas pittorescas, e tem perto de uma legua de largura; a margem oriental é enfeitada por alguns espigões, na occidental são vargedos monotonos. Cinco leguas acima da ilha da Meia Lua entra pelo lado direito um ribeirão consideravel trazendo agua côr de café; d'aqui para cima o rio tem poucas ilhas, é muito mais estreito, e os matos baixos de côr cinzenta, muito inferiores ás escuras e magestosas florestas que bordam as margens do Paranapanêma, Tibagy e Ivahy.

16. — Passámos outro ribeirão mais pequeno, que entra pelo

mesmo lado com agua da mesma côr. Vinte e duas leguas pouco mais ou menos para cima da barra do Paranapanêma chegámos á foz de um rio consideravel sem saber que rio era; porém no dia 19, uma legua acima, topámos com os arranchamentos e pouso das mansões de Porto Feliz e Cuyabá, e então conhecemos ser o Rio Pardo, e em consequencia voltámos.

26. — Chegámos em frente da ilha da Meia Lua, d'onde tinhamos tomado aquella direcção; e no dia seguinte, duas leguas para baixo, encontrámos com a barra de um rio, que tinha dezeseis ou dezoito braças de largura; e suppondo que este era o rio Sambambaia, fizemos pouso sobre a barra.

28. — Entrámos por este rio, que meia legua acima da barra faz rumo a N. E., acompanhando o Paraná em marcha opposta, correndo por vargedos e formando diversas bahias: n'estes logares admira-se o grande numero de passaros aquaticos. Este rio pelo lado direito é bordado em algumas partes de mato carrascal, e pelo lado esquerdo ha unicamente brejos cobertos com capim guassú, que acompanham tambem o Paraná.

29. — Matámos um tigre, que nos ia seguindo pela margem do rio; era fêmea, e tinha tres pequenos no ventre inteiramente perfeitos e já pintados: menciono esta circumstancia porque parece-me que rarissimas são as vezes que ellas tem mais do que duas crias de um parto. Oito ou dez leguas acima da barra começa a apparecer muitos palmitos burití; logo adiante o rio pendendo para N. O. afasta-se do Paraná, e a apparição de muitos cervos assegurava-nos que o campo não estava longe: d'aqui para cima ficava cada vez mais estreito e mais tortuoso o rio, e a corrente mais rapida.

4 de Agosto. — Sahimos em grandes campos, parte limpos e parte cobertos com arvores pequenas de casca grossa, como cariuva, barbatimão, &c. Subimos até onde era navegavel, e d'alli sahindo campo fóra procuravamos o trilho (que nos constava haver) da capella de Santa Anna nas visinhanças do rio Parnahyba para os campos da Vaccaria.

7. — Démos com um arranchamento de Indios sobre um pe-

queno arroio no meio do campo: os ranchos eram baixos, do feitio de uma tolda de carreta, arranjados em semicirculo, e abandonados havia tres ou quatro mezes. Caminhámos sempre pelo campo até chegar a um capão de mato situado sobre o rio, entrámos n'elle para procurar mel, que pouco achámos, e alli fizemos o pouso e falhámos um dia, no qual vimos fogos a rumo O. S. O., e suppondo serem dos moradores da Vaccaria determinámos seguir aquelle rumo.

9. — Sahimos do capão por campos cobertos e arenosos com muitos formigueiros; vimos alguns veados e avestruzes muito espantadiças, ás quaes não foi possivel chegar em distancia de tiro: passámos estes dias comendo cabeças de *macumam*, que é uma qualidade de palmito pequeno que ha por aquelles campos: encontrámos muitos vestigios de Indios.

13. — Sahimos em um trilho muito batido, e a O. S. O. vimos levantar fumaça na distancia de uma legua. Seguimos o trilho, e passando um pequeno córrego, démos de subito com elles dentro de uns ranchos perto de uma restinga de mato. « Adeus, camaradas (disse o Sr. Lopes): » isto foi bastante para pôr tudo em confusão, e dando gritos de terror correram todos, e as Indias com os filhinhos nos braços faziam diligencia de se evadir para o mato visinho. Quaes magros galgos, a quem a fome havia tirado as forças, partimos comtudo no momento, e o Sr. Lopes conseguiu alcançar e segurar uma China que levava um pequeno no braço, e nós apanhámos mais tres piais, que tambem fugiam para se escapar. A pobre India, pensando que de certo a morte ou o captiveiro a aguardava, ficou em um estado de afflicção que é difficil descrever: balbuciava com difficuldade algumas palavras, que infelizmente nós não entendiamos, e assim a fomos conduzindo para os seus ranchos, onde lhe démos a entender por acenos que não queriamos fazer-lhe mal. Deu-se-lhe alguns lenços, um mosquiteiro, e outras bagatelas, com que se mostrou apaziguada, e a deixámos em paz com seus pequenos filhos, que podiamos tomar conforme o uso e costume dos sertanistas se não fôra nossas convicções, e o cumprimento das terminantes ordens do Sr. Barão, que sempre nos recommenda toda a

brandura com esta gente a fim de pôr em practica seu plano de catechese, o que já em parte tem conseguido.

14. — Tendo nós entrado n'um capão para procurar mel, fomos alcançados por uma porção de Indios da mesma tribu da China aprisionada: elles não traziam armas de qualidade alguma, eram coroados, trigueiros e inteiramente nús, e alguns tinham a cara pintada da bocca para cima com tinta vermelha e outros com tinta preta. Esta visita nos pôz em serios embaraços, porém por seus modos e gestos colligimos que o bom trato e presentes que se dera á India os induzíra a procurar-nos para obterem alguma cousa mais. Pediam por acenos os nossos machados e facões, admirando nossas armas de fogo, das quaes inteiramente ignoravam o uso.

Presenteámos estes infelizes Brazileiros com ferramentas, roupa, barretes e missangas, acautelando sómente as armas de fogo para no caso de qualquer tentativa hostil, e assim os despedimos: porém nossos presentes não tinham satisfeito sua cobiça, e alguns nos foram acompanhando até que um camarada tendo a imprudencia de ficar um pouco atraz, foi-lhe a clavina arrebatada por um Indio, que deu ás gambias com toda a velocidade, não tanto quanto voaria uma das nossas balas, se as quizessemos empregar, segundo o costume dos bandeiristas; mas o que fizemos foi dar muitas gargalhadas, e apupar o camarada, que ficou bem descontente com a falta da escopeta que o Sr. Barão lhe tinha dado para a viagem. Continuámos nossa marcha com algum receio que nos viessem outra vez alcançar, visto que tinham conhecido nosso pequeno numero, e por isso fizemos rumo a N. O. Caminhámos sempre por campo em parte limpo, em parte coberto, e n'este dia tivemos a fortuna de matar um veado: este recurso chegou em tempo muito opportuno tanto para nós como para os nossos cães, que se tinham sustentado os ultimos doze dias unicamente com agua, visto que não comiam o *macumam* de que já fallei.

19. — Seis leguas distante do logar aonde nos tinham alcançado os Indios sahimos em um trilho, que seguia a rumo de oéste, passando sempre pelo coxilhão que reparte as aguas do Anhanduy e as do rio de S. Bento, que faz barra no Avinheima pouco a

cima de sua foz. Os campos eram quasi sempre cobertos, mas melhoravam em qualidade quanto mais se avançava para o oéste.

23. — Vimos os vestigios de dous cavalleiros, e suppozemos que fossem moradores em um campo limpo que ficava ao sul do trilho.

24. — Passando uma pequena restinga de mato, sahimos em terreno inteiramente differente: campos dilatados e limpos de chão roxo, e enfeitados com capões; tinham muita similhança com os campos de Guarapuava.

25. — Dezoito leguas do logar onde tinhamos sahido no trilho, e dezenove dias de jornada depois que largámos a canôa, chegámos á fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barboza, aonde fomos recebidos com a mais franca hospitalidade.

26. — Seguimos para a fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza, tres leguas distante da precedente, passando o rio da Vaccaria, que aqui corre a S. E. por campo, e terá dezoito braças de largura: duas leguas adiante do dito rio chegámos á sobredita fazenda, onde fomos recebidos com urbanidade, e tratados com todo o desvelo pelo digno proprietario, que se condoeu do nosso estado de fraqueza. Como tinhamos levado por cautela um officio de recommendação do Sr. barão de Antonina para o Sr. major João José Gomes, commandante geral do Baixo Paraguay, demorámo-nos sómente o tempo necessario de apromptar animaes para a viagem, dos quaes francamente fomos suppridos com generosidade pelo dito Sr. Barboza, a quem seremos sempre reconhecidos por estes e outros favores que nos prodigalisou.

O Sr. Barboza é morador aqui ha seis annos: foi o primeiro povoador depois da retirada dos Hespanhóes, que antigamente habitavam uma cidade que se denominava Xerez e mais reducções, como fossem Santo Ignacio, Villa Rica e outras, das quaes se tem achado fracos vestigios em alguns logares, sem comtudo se poder verificar onde foi a tal cidade, o que de ora em diante será provavel, pois que o Sr. Barão já está tratando d'isso, e mesmo pela affluencia de moradores que irão residir e povoar aquelles bonitos campos. Quando os Srs. Barbozas entraram n'elles, encontraram mais de duzentas

cabeças de gado vaccum bravio, d'esse que deixaram os Hespanhóes no anno de 1648 quando abandonaram taes logares. D'esta fazenda segue uma estrada até á morada do Sr. Gabriel Lopes, que é genro do Sr. Antonio Barboza, situada para baixo da serra de Maracajú sobre o rio Apá, não longe do forte arruinado de S. José, onde os Paraguayos ainda tem de vez em quando um destacamento por causa das invasões dos Guaycurús, que por muitas vezes tem talado aquelle territorio, e commettido barbaridades a que são propensos. Deixámos dous camaradas aqui apromptando uma canôa para em nossa volta descer pelo rio da Vaccaria, que desde logo suppozemos ser um braço do Avinheima ou Tres Barras.

30. — O Sr. Lopes, eu e um camarada bem montados, seguimos para o forte de Miranda. Todo o terreno desde aqui até á serra de Maracajú na distancia de vinte e quatro leguas é uma continuada planicie de campo limpo, e poucos capões de mato; tem quantidade immensa de veados e avestruzes, mas por ora poucos moradores. Descendo a serra, que é por um declive quasi imperceptivel, tudo se muda: o clima é muito mais calido, os campos cobertos, chão arenoso, e pouca agua, mas excellente pastagem por toda a parte. Nove ou dez leguas adiante chegámos á fazenda da Forquilha, situada perto da confluencia dos rios Anhuac e Mondego, pertencente ao Sr. major João José Gomes. Aqui soubemos que o dito Sr. estava em Albuquerque, e não tendo noticias de quando voltaria, vimos que era necessario procural-o lá mesmo para entregar-lhe o officio do Sr. Barão. Sahimos d'aqui, passando sempre por campos cobertos, com algumas fazendas de criar. A estrada acompanha o rio Mondego retirada d'elle uma a duas leguas pouco mais ou menos.

6 de Setembro. — Chegámos a Miranda. O forte é cercado por uma estacada já bastante deteriorada, tem uma pequena guarnição de tropa regular, e muitas casas na povoação estão deixadas; parece que este logar está em decadencia. Aqui achámos uma canôa prompta a partir para Albuquerque, a qual nos foi franqueada pelo Sr. tenente Bueno, mui digno commandante do Presidio, que nos prestou todo o agasalho e hospitalidade; mas como tivesse de

ir animaes até á fazenda de S. João da Barra (pertencente ao Sr. major), situada sobre o rio Mondego, e distante sete leguas de Miranda, determinámos ir por terra até á dita fazenda, e alli esperar a canôa.

7. — Duas leguas abaixo de Miranda atravessámos o Mondego, que terá dezoito a vinte braças de largura. D'alli atravessando campos cobertos e uma restinga de mato de duas leguas, sahimos nos campos da fazenda de S. João da Barra: estes campos em parte firmes, em parte sujeitos ás inundações do Paraguay, são enfeitados com palmito de *carandá*, e tem abundante pastaria. Chegámos á fazenda, onde esperámos a canôa.

No dia 9 embarcámos. O rio Mondego muito sinuoso serpeava mansamente por campos desertos.

No dia 11 passámos o Rio Negro ou Aquiduano, que é do mesmo tamanho do Mondego; logo para baixo entra tambem pelo lado direito o pequeno rio Negrinho, e no dia 12 sahimos no rio Paraguay, que aqui terá trezentas braças de largura, e corre ao S. O. No lado occidental tem umas altas serras cobertas de mato, sobre as quaes, uma legua distante da barra do Mondego e meia dita retirada do Paraguay, está aprazivelmente situada a povoação de Albuquerque. N'este dia mesmo chegámos, e achando alli o Sr. major João José Gomes, commandante geral do Baixo Paraguay, fomos recebidos por elle com toda aquella franqueza e urbanidade que o caracterisa, pois na verdade é um militar que merece todos os elogios: elle mostrou-se muito satisfeito com a nossa apparição e noticias que lhe démos, e com o recebimento do officio de que eramos portadores. Da fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza até o forte de Miranda calculei em quarenta e quatro leguas: o terreno é plano, podendo transitar carros por todo elle, não exceptuando a serra de Maracajú. De Miranda a Albuquerque, descendo pelo rio Mondego, ha trinta e seis a quarenta leguas. Durante a nossa demora em Albuquerque chegaram uns vinte Indios da tribu Cadiau, pertencente á familia Guaycurú, e entre elles quatro mulheres de uma figura e physionomia horrenda: vinham montados em pello em soberbos cavallos, e

traziam maior numero soltos; seu vestuario era um chiripá (*); traziam os cabellos compridos amarrados para traz, e as caras pintadas com tinta de urucú e genipago; suas armas eram lanças compridas, e espadas a tiracollo: os homens pela maior parte eram altos, magros, e tinham um olhar arrogante e desdenhoso, affectando certo ar de superioridade. Um Indio velho montado em lindo cavallo baio, ao qual dirigia com toda a destreza e garbo, com chapéo de palha enfeitado com pennas de avestruz, era seu chefe. Procurou o Sr. major, o qual fez vir um interprete para saber o que o Indio queria. Elle disse no seu idioma: — Eu soube que o Sr. commandante estava aqui em Albuquerque, e como eu tambem sou commandante, venho visital-o. — Onde está a vossa gente? lhe perguntou o Sr. major. — Detraz da serra de Abodoquena, respondeu o Indio. — Então vem sómente visitar-me? — Venho tambem vender alguns cavallos para comprar aguardente: estamos para fazer uma grande festa logo que eu voltar d'aqui. — Quem sabe (tornou-lhe o Sr. major) se vós tendes batido os Enimas (**). — O Indio respondeu: Não: — mas alguns que conhecem esta gente de perto disseram-me que quando elles faziam taes festas era por terem batido aos inimigos e lhes arrebatado alguma cavalhada. Estes Indios habitam a campanha que se estende desde o Mondego até ao rio Apá, e desde a serra de Maracajú até ao rio do Paraguay: tem pouca industria, algumas vezes apuram pouco sal nas salinas sobre o rio Apá, mas a maior parte do tempo passam uma vida errante, vagando de logar em logar (sempre a cavallo) para onde a abundancia de peixe e caça os convida. Fazem continuada guerra aos Indios Enimas, que habitam o Grão-Chaco, e dirigem tambem suas correrias além do rio Apá, conforme acima fiz ver. Os campos que elles dominam são muito extensos e proprios para fazendas de criar; mas como formar estabelecimentos n'estes bellos logares onde o feroz Guaycurú anda de redea solta, quaes filhos de Agar, que tem todos por inimigos, e são inimigos de todos?

(*) **Panno de diversos tecidos que atam na cintura.**

(**) **Indios que habitam o Grão-Chaco além do rio Paraguay.**

15. — Fui visitar a aldêa dos Guanás, situada a pouca distancia de Albuquerque; esta se compõe da grande familia dos Chanés, dividida em varias tribus, sendo das mais notaveis a Guaná propriamente dita, os Quiniquináos, os Terenas e os Layanas. Estes Indios são industriosos, tecem pannos de algodão de varias qualidades e padrões, e applicam-se á agricultura. São (geralmente fallando) alvos, bem feitos e muito trataveis; a sua physionomia approxima-se da raça caucasica, muito differente dos Guaycurús, Xamococas e outros, que tem mais similhança com a mongolica. A agua aqui em tempo de sêcca é longe, e varias vezes encontrei com jovens Indias conduzindo cantaros, alguns de fórmas extravagantes e ornados com uma especie de baixo relevo, vestidas unicamente com suas julatas (*), que sempre deixam parte do seio descoberto: seus compridos cabellos (pretos como ébano), arranjados com gosto e ornados com flores e outros enfeites, me fez recordar os tempos classicos da antiga Grecia. Imaginei por um momento que estava na ilha de Chypre encontrando as nymphas de Venus quando iam buscar agua ás fontes da Idalia. Tudo aqui respira languidez e a voluptuosidade do clima: o mesmo rio Paraguay parece que participa de taes sentimentos, rolando lentamente suas aguas pacificas por entre meio de campos cobertos de uma eterna verdura. A povoação de Albuquerque está situada no mato que serve de divisa d'este Imperio com a provincia de Chiquitos, pertencente á republica de Bolivia. Os Guaycurús antigamente atravessavam este mato, gastando cinco dias por terreno que não tem uma gotta de agua: quem me deu esta noticia foi um Indio muito velho, que acompanhou-os em taes correrias. Constou-me que os Bolivianos tem querido atacar a povoação de Albuquerque por este lado, mas até agora tem sido impedidos talvez por estas serras e matos sem agua; porém apezar d'isso não é prudencia facilitar, e haver uma invasão e a dispersão dos Indios que pacificamente estão alli vivendo debaixo da protecção do governo.

(*) Uma especie de lençol.

Tendo o Sr. major de enviar umas pessôas por terra até ao forte de Miranda, aproveitámos esta occasião de acompanhal-as.

20. — Sahimos de Albuquerque, passando ao Paraguay logo abaixo da bahia dos Guanás, e entrámos nos pantanaes. Estes campos até ao forte de Miranda (na distancia de vinte e quatro leguas) são um continuado vargedo, em parte limpo, em parte coberto com arvores de caraiva e carandá, e sujeitos ás inundações do rio Paraguay; por isso só se transitam no tempo sêcco: no dia 26 chegámos a Miranda. Falhámos dous dias, e aproveitei este tempo para visitar algumas aldêas dos Indios, que pertencem pela maior parte á familia dos Guanás. Os Quiniquináos estão aldeados perto do forte, e os Terenas, que são mais numerosos, estão aldeados na Ypega, duas leguas distante. Os Layanas vivem como aggregados ou camaradas nas fazendas visinhas; e além d'estes ha alguns Guaycurús e Guachins. Os Terenas eram mais numerosos, porém a ausencia do Sr. major João José Gomes, que era seu principal bemfeitor, fez com que muitos emigrassem, e é provavel que agora voltem a reunir-se, o que é de interesse vital para augmentar a população d'esta bella provincia. No dia 29 sahimos de Miranda, e no dia 5 de Outubro chegámos á fazenda do Sr. Antonio Gonçalves Barboza, nos campos da Vaccaria.

Prompto tudo quanto era necessario para nossa volta, no dia 18 o Sr. Lopes, eu e dous camaradas embarcámos no rio da Vaccaria perto da fazenda do Sr. Francisco Gonçalves Barboza: no mesmo dia o dito Sr. com mais quatro pessôas seguiram para embarcar no rio Sambambaia, onde tinhamos deixado a canôa, ficando destinada a barra d'este rio no Paraná para nossa reunião. O rio da Vaccaria terá dezoito braças de largura n'este logar, e corre por campos e matos até á distancia de seis ou oito leguas do logar onde embarcámos; d'ahi começa por brejos cobertos de capim guassú. No dia 20 (dezeseis leguas abaixo do nosso porto) sahimos no rio Brilhante (ou Avinheima propriamente dito), que é tres vezes maior do que o da Vaccaria, e depois de unidos tem mais de sessenta braças de largura. Este rio serpêa magestosamente por grandes vargens, em parte firmes, em

parte brejaes: os matos poucos e baixos, retirados do rio meia legua mais ou menos.

No dia 23, oito leguas abaixo da barra do Vaccaria com o Avinheima, encontrámos muitos vestigios de Indios na margem direita: n'este mesmo dia, dobrando uma volta, os avistámos de repente lavando-se no rio: seriam cincoenta, e correram para o mato da barranca, ficando alguns mais corajosos por verem sómente uma canôa com quatro pessôas dentro. Confiados na fortuna que nos tem seguido passo a passo em todas estas explorações, nos approximámos á praia, e saltando em terra os abraçámos, e os brindámos com mantimentos, muitos anzóes, facas, e alguma roupa que traziamos de resto. Eram Cainás da mesma familia d'aquelles que encontrámos nas margens do rio Ivahy em 1845 (o que consta do itinerario d'essa viagem, que se acha impresso na *Revista* do Instituto Historico Brazileiro); tinham o labio inferior furado, e traziam dentro do orificio um batoque de rezina, que á primeira vista parecia alambre; cobriam as partes que o pudor manda esconder com panno de algodão grosso; os cabellos eram compridos e amarrados para traz; tinham arcos e frechas; as farpas eram de páo, e tambem possuiam cães. Supponho que elles tem relações com a gente do estado do Paraguay, porque tendo elles no pescoço e nos braços alguns fios de missangas, e pegando eu n'ellas, responderam-me — castilhano — e apontaram para o rumo de S. O.: fallei algumas palavras da lingua guarany, e entenderam-me perfeitamente: com elles estivemos perto de duas horas, e depois seguimos nossa viagem. Estes Indios pareciam de boa indole, faceis de reduzir, e podem ser muito uteis aos navegantes: resta que o governo dê boas providencias a respeito, para que os não hostilisem, matando uns, captivando outros, e afugentando o resto. Quinze leguas para baixo da barra da Vaccaria entra pelo lado esquerdo o rio de S. Bento: terá doze ou quatorze braças de largura, e logo adiante d'este no lado direito tem uma bahia, que talvez seja a lagôa Monica, apezar de ser a situação e tamanho muito menor do que se acha descripta nos mappas. Meia legua para baixo d'esta bahia o rio reparte-se em dous braços, dos quaes o maior é o do lado direito:

descemos pelo canal da esquerda, e depois de rodar cerca de uma legua, sahimos no Paraná, que aqui é semeado de ilhas e muito largo.

Subimos este rio tres leguas, e no dia 25 chegámos á barra do rio da Sambambaia, onde esperámos seis dias os nossos companheiros que desciam por elle. O rio Avinheima (ou Tres Barras) tem sua origem nas serras de Maracajú nos campos de Xerez ou Vaccaria, onde as suas vertentes principaes são conhecidas pelos nomes de Vaccaria, Brilhante, Santa Maria, e Dourados, e fazem contravertentes com os rios Branco, Mondego, Anhuac e Aquiduano. Desde o logar onde nós embarcámos até o Paraná, na distancia de trinta e duas a trinta e quatro leguas, é navegavel sem o menor obstaculo, e segundo as informações que os moradores me deram, podem subir canôas francamente pelo rio Santa Maria até um logar, onde com cinco leguas de varação pelo campo passa-se para o rio Mondego, o que comtudo é preciso examinar com individuação para bem marcar-se o varadouro. Este rio Avinheima, largando os campos da Vaccaria, corre quasi sempre por vargedos cobertos de capim guassú, e tem pouco mato forte: é abundante de peixe e caça, e o seu rumo geral é S. E. No dia 31 de Outubro chegou o Sr. Francisco Gonçalves Barboza e companheiros, e no dia seguinte subimos o Paraná e entrámos no leito do Paranapanêma, no dia 10 de Novembro no Tibagy, e no dia 11 chegámos á barra do ribeirão das Congonhas, que escolhemos para o porto de embarque do commercio da villa de Antonina com Cuyabá, tendo gasto dezoito dias de marcha desde os campos da Vaccaria até alli. Em consequencia de acharmos que este pequeno rio era o melhor logar para fazer-se o mencionado porto do embarque, por causa do abrigo que prestará ás canôas, a fim de não serem arrebatadas pelas enchentes do rio Tibagy, seguimos por terra a sahir nas campinas de S. Jeronimo, pertencentes ao Sr. barão de Antonina. Este trajecto terá de mato dez leguas, e doze o outro sertão (incluindo as campinas) que atravessámos para sahir nos campos da Fortaleza, gastando quarenta e seis dias por causa de adoecerem dous camaradas, que foi preciso

esperar se restabelecessem; de maneira que a 27 de Dezembro cheguei á fazenda de Perituva com seis mezes e treze dias desde que embarcámos: e tendo encontrado o Sr. barão de Antonina na outra sua fazenda de Tucunduva, onde lhe apresentei o mappa e o itinerario d'esta viagem, elle me determinou que os tirasse a limpo para remetter; o que cumpri com custo por escrever fóra do meu idioma inglez, mas a indulgencia do Sr. Barão relevará as imperfeições do seu creado e piloto mappista — *João Henrique Elliott.*

Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848.

Roteiro comparativo das distancias.

	Leguas.
Da villa de Antonina á villa de Castro por um novo trilho. .	26
Da villa de Castro ao fim do campo da Fortaleza, na entrada do sertão	18
D'alli ás campinas de S. Jeronimo (mato)	10
Atravessando as ditas campinas e serrados	2
Ao ribeirão das Congonhas, na confluencia com o rio Tibagy (mato).	10
Descendo o dito rio até á juncção com o rio Paranapanêma.	5
Descendo este até á margem esquerda do Grande Paraná. .	24
Largura que se atravessa para a margem direita.	1
	96

N. B. Com esta distancia estamos na provincia de Mato Grosso.

Costeando-o até á barra do rio Avinheima.	6
Subindo este, o rio Brilhante, o rio dos Dourados, e ultimamente o rio Santa Maria até o logar onde se deverá fazer o porto do desembarque em campo, e o varadouro para o rio Mondego (Miranda).	40

	Leguas.
Do logar do desembarque ao forte de Miranda, caminho de terra por campo	46
N. B. Tambem se póde ir embarcado.	
Do forte de Miranda á povoação de Albuquerque, caminho de terra por campo	40
Da foz do rio Mondego no rio Paraguay até á cidade de Cuyabá.	146
	374

Pelo *roteiro* do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, descrevendo a navegação da cidade de Cuyabá á cidade de Santos, se vê o seguinte:

De Santos a S. Paulo	10
De S. Paulo a Araritaguava (Porto Feliz)	23
Descendo o rio Tietê até o Rio Grande (Paraná)	152
Do Rio Grande á foz do Rio Pardo.	29
Subindo o Rio Pardo até o Camapuam	75
Descendo pelo rio Camapuam	17
Idem pelo rio Cochim.	40
Idem pelo rio Taquary.	90
Subindo pelo rio Paraguay.	39
Idem pelo rio S. Lourenço.	25
Idem pelo rio Cuyabá até á cidade.	64
	564

N. B. O Dr. Lacerda dá n'este trajecto cento e treze cachoeiras.

O roteiro supra de minhas novas descobertas vem a ser da villa de Antonina ao forte de Albuquerque.	228
Da foz do rio Mondego pouco acima do forte de Albuquerque até á cidade de Cuyabá.	146
	374

Ganha-se pelas novas descobertas.	190

	Leguas.
N. B. O roteiro do Dr. Lacerda dá, na navegação de Porto Feliz á cidade de Cuyabá, cachoeiras. 113	
Na minha navegação ha sómente cachoeiras pequenas. . 3	
Ganha-se 110	
O roteiro do Dr. Lacerda dá de Santos á foz do rio Taquary no Paraguay	436
Descendo este até o forte de Albuquerque	19
	455
Pelo roteiro de minhas novas descobertas se vê que da villa de Antonina ao mencionado forte de Albuquerque ha	228
Ganha-se	227
Querendo ir ao Estado do Paraguay, o caminho é o seguinte:	
Da villa de Antonina ao desembarque no rio Santa Maria, como se vê descripto no roteiro supra.	142
Do mencionado desembarque ao Rego d'Agua.	4
D'alli á barra.	2
Da barra aos Mutuns	2
Dos Mutuns abaixo da serra de Maracajú, nas vertentes do rio Paraguay	3
D'alli ao rio Apá, divisa de que o dito Estado se tem apossado contra a lettra expressa da convenção de limites de 1777, segundo a explicação da mencionada convenção a que me reporto	4
	157
Passando o rio Apá ao forte arrasado de S. José. . . . 6	
D'aquelle forte ao de S. Carlos. 6	

N. B. D'alli ha um caminho por terra para a cidade de Assumpção, do qual eu poderia dar noticia se tivesse entrado a minha outra escolta pelos Estados de Corrientes e Paraguay, pois era o ponto marcado para se encontrarem.

Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848.

Barão d'Antonina.

VIAGEM DE GOYAZ AO PARÁ.

ROTEIRO ESCRIPTO PELO DR. RUFINO THEOTONIO SEGURADO.

Escrevendo o presente roteiro, não é minha tenção fazer uma descripção completa do rio Araguaia, porque faltam-me as necessarias habilitações para descrever scientificamente tudo quanto este magestoso e importantissimo rio offerece aos olhos do observador; porém sim fazer um pequeno serviço aos que por elle houverem de navegar.

Achando-me na capital de Goyaz como deputado á assembléa legislativa provincial, em meiados do anno de 1846, tratava o actual presidente da provincia, o Exmo Sr. Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, de fazer o ensaio da navegação do commercio entre esta e a provincia do Grão-Pará pelo rio Araguaia: e o mesmo Exmo Sr. consultou a minha opinião a respeito por haver em outro tempo navegado pelo rio Tocantins até o Pará, e d'est'arte ter alguma experiencia da navegação fluvial. Expondo as minhas opiniões, fui ouvido com muita attenção e interesse, e foram ellas aceitas. Uma grande difficuldade se apresentava ao presidente, que era encontrar uma pessôa habilitada para dirigir similhante empreza. Vendo que se me proporcionava occasião de prestar um serviço ao meu paiz, não tive duvida de aceitar a incumbencia, o que muito satisfez ao mesmo presidente. Minha opinião era que seria mais conveniente e economico que a expedição se apromptasse na villa do Porto Imperial, por se encontrar ahi os vasos e todo o indispensavel com mais facilidade, e até mesmo porque o tempo em que se tratava d'este negocio não permittia que houvesse a menor demora, a fim de que descessem os vasos na estação propria.

Havendo-se organisado uma sociedade para similhante fim, dirigi-me com a possivel brevidade ao norte da provincia para o fim de promptificar tudo quanto era necessario para a empreza. Eu devo aqui notar que, se bem que os fundos a mim confiados para esse

fim me não parecessem mui sufficientes, todavia não hesitei; em consequencia porém d'essa circumstancia não me foi possivel haver barcos novos, por serem estes de alto preço; o que, como adiante se verá, causou-me tantos trabalhos, e á sociedade tantos prejuizos. Demais, havendo em geral uma repugnancia não pequena a similhante viagem, vi-me na necessidade de contractar para o trabalho da navegação pessôas improprias e incapazes d'esse trabalho.

Tendo pois conseguido os vasos (1), remeiros e generos do paiz que me pareceram mais proprios para ensaiar o commercio, larguei da villa do Porto Imperial no dia 4 de Abril de 1847. Cheguei á villa de Carolina no dia 8 do mesmo mez, onde me demorei tres dias para me refazer de mantimentos que precisava para deixal-os em deposito em S. João de Araguaia (2), a fim de servir na mesma volta do Pará: feito o que larguei da villa de Carolina no dia 12 do mesmo mez. Omitto o que observei no rio de Tocantins, por ser este rio mui conhecido e navegado.

No dia 3 de Maio cheguei á capital da provincia do Grão-Pará com feliz viagem, apezar de haver algum prejuizo no carregamento. Logo que saltei á praia, dirigi-me ao Exmo presidente d'aquella provincia, o Sr. Herculano Ferreira Penna, entregando-lhe o officio de recommendação que o Exmo presidente da minha provincia lhe havia dirigido. Grande foi a satisfação que o Exmo Sr. Herculano manifestou á minha chegada, fazendo-me offerecimento de tudo quanto podia dispôr em beneficio da navegação: eu tinha necessidade de mais algumas pessôas e de algumas providencias; de tudo fui soccorrido. Immediatamente algumas pessôas notaveis da cidade me procuraram para se informarem do objecto de minha empreza, e tudo lhes havendo declarado, significaram os mais ardentes desejos de concorrerem para que se leve a effeito a navegação do rio Araguaia,

(1) Os barcos que navegam no rio Tocantins são de porte de mil e duzentas arrobas.

(2) Presidio na margem esquerda do Tocantins, na confluencia com o Araguaia, guarnecido pela provincia do Pará, estabelecido com o fim de auxiliar a navegação.

não devendo aqui deixar em silencio o nome do Sr. Dr. João Lourenço Paes de Souza.

Tendo feito emprego dos capitaes que levára disponiveis, larguei do porto da cidade do Pará no dia 19 de Maio do anno passado. Sendo muito conhecidas as cachoeiras que se encontram do Pará até S. João de Araguaia, e os perigos que ellas offerecem, eu apresentarei em resumo a minha derrota n'essa extensão do Tocantins, ajuntando algumas reflexões que me parecem uteis á navegação.

Á primeira cachoeira denominada Guariba gastei dezoito dias: esta cachoeira passou-se sem risco, mas tive o trabalho de pôr novo leme em um dos barcos. D'esta cachoeira, ao sahir da cachoeira do Tocumanduba, gastei nove dias, entrando no dia 14 do mez de Junho na grande Itaipava (3) e sêcco do Conaná. N'esta itaipava, no dia 17, um dos barcos de negocio correu tão grande perigo, que quasi se perdeu totalmente; valeu porém o soccorro prestado muito a tempo pela igarité (4) de descarreto, com a qual se pôde salvar o barco e a maior parte da carga. No dia 22 cheguei á grande e perigosissima cachoeira da Itaboca, gastando um mez e tres dias da cidade á essa cachoeira, vindo d'est'arte a gastar doze dias mais do que se as aguas fossem maiores, por isso que deixando de navegar sempre encostado na margem direita, subindo (5), que é pôr onde ha boa navegação, fui obrigado a passar as cachoeiras que se encontram no canal da sêcca, que é o da esquerda. Uma febre epidemica com inflammação dos intestinos atacou a tripolação, e essa circumstancia impediu que eu podesse sahir da Itaboca em menos de treze dias.

Chegando a occasião de tratar da cachoeira a mais perigosa da carreira do Pará pelo Tocantins, vejo-me obrigado a não passar em

(3) Corredeira por entre pedras, offerecendo uma passagem mais ou menos trabalhosa á corda ou á vara: quando o rio está falto de aguas, é necessario algumas vezes alliviar os barcos.

(4) Pequeno barco que póde conduzir até oitenta alqueires de sal, ou duzentas e sessenta arrobas, destinado a descarregar ou alliviar barcos de negocio nos logares em que estes não podem subir ou descer com toda a carga.

(5) Devo notar que n'esta derrota — margem ou lado esquerdo — deve entender-se subindo.

silencio algumas considerações. Tratando dos meios de diminuir os riscos d'essa cachoeira, em uma memoria dirigida ao Soberano sobre a mesma carreira do Pará, lembrou-se meu pai da idéa de fazer-se profundar os canaes que se encontram ao lado esquerdo do canal da Itaboca, para desviarem-se os barcos das grandes quedas que n'elles se acham; tendo-se porém reconhecido a vantagem de levarem-se de salto os barcos debaixo de certas cautelas, posto que com muitissimo risco, e demais vendo eu que aquelle trabalho se torna nimiamente dispendioso, á vista de nossas circumstancias financeiras julgo mais acertado um outro trabalho, que se reduz a quebrarem-se algumas pedras, as quaes eu passo a indicar. A primeira é um alto rochedo que se acha abaixo do grande rebôjo do Bacurí: n'este rochedo tem-se muitos barcos feito em pedaços, por isso que perdendo elles a carreira e direcção por causa do rebôjo, e indo ao som d'agua, é só por uma grande ventura que não se perdem alli todos os barcos que se arriscam a esse medonho rebôjo, cujo diametro não é menos de seis braças, tendo uma de profundidade. A segunda é uma pedra que está por baixo da pancada da cachoeira grande, encostada a um grande paredão do lado esquerdo: esta pedra impede que se possa levar o barco mais encostado ao paredão, o que dá logar a muito risco do lado direito, para onde as aguas levam com impeto os barcos com muita força. Abaixo do salto de José Corrêa está um montão de grandes pedras, para onde correndo as aguas com indisivel impetuosidade, muitos negociantes de barcos tem achado n'ellas a sua perdição; só o emprego de muitas forças unidas, sem dependencia de outro algum artificio, é capaz de remover a maior parte dos perigos que ahi se encontram. Ao sahir do salto denominado Tortinho, atravessando o canal acha-se um grande rochedo igualmente perigoso: o emprego de algumas libras de polvora póde franquear esta passagem. Tendo exposto em resumo o que julgo de maior perigo a respeito da cachoeira da Itaboca, devo chamar sobre este logar da carreira do Pará pelo Tocantins a attenção do governo do nosso paiz. Alguns contos de réis serão bastantes para que se evite as perdas que actualmente soffrem os particulares, e com elles a nossa provincia.

Da Itaboca ao presidio de S. João de Araguaia não pude gastar menos de um mez, por isso que em todo o canal do Tauirí (6), que é muito perigoso e demanda muito trabalho, achei-me com a maior parte da tripolação atacada de febres catarrhaes, cujas curas muito se difficultavam em razão da natureza do trabalho, falta de commodidades e conhecimentos professionaes. Durante este tempo tive de pôr tres rombos (7) nos barcos para poder continuar a viagem; e ao chegar ao presidio de S. João de Araguaia, de grande risco salvou-se um dos barcos, ficando o leme em pedaços.

Havendo embarcado noventa e duas saccas de farinha pertencentes á sociedade, e que se achavam reservadas para a minha viagem do Araguaia, no dia 6 de Agosto me dispuz para entrar por este rio, para mim desconhecido, tendo d'elle apenas as noções dadas pelo marechal Cunha Mattos em seu *Itinerario*, e trazendo comigo só tres individuos, que eram dous militares que haviam descido por elle com o conde de Castelnau, e um outro; os quaes, além de muito poucos conhecimentos de navegação, não conservavam de memoria cousa alguma do que tinham visto, e por isso em nada me podiam orientar.

Dia 6 *de Agosto de* 1847. — Ás onze horas da manhãa deixei as pedras da itaipava de S. João de Araguaia, e navegando sem perigo algum cheguei ao pontal da ilha de Cima ás duas da tarde, acompanhado do barco de um negociante, que tinha de entrar pelo Tocantins. Não me é possivel descrever o estado de abatimento em que parecia acharem-se os animos de todas as pessôas que ahi se achavam; na physionomia de uns via-se pintado um profundo pezar, e na de outros uma grande compaixão: as salvas de armas de fogo annunciavam a despedida, e tendo descansado duas horas, segui a

(6) Uma extensão do rio empedrada e perigosa tem mais ou menos doze leguas; os perigos do Tauirí na descida podem muito diminuir-se cortando-se na sêcca as arvores que impedem a franqueza do canal.

(7) Propriamente, remendos postos nos logares dos barcos em que a madeira apodrece, ou que se quebra.

minha derrota, e naveguei até uma praia fronteira á bocca de um lago (8).

A falta de correnteza do rio fez-me ver que elle se achava represado, e por consequencia comparativamente mais sêcco do que o Tocantins.

Dia 7. — Ás cinco e meia da manhãa larguei e fiz pouso defronte da ilha dos Mutuns, assim chamada pela grande quantidade d'estas aves que ahi se encontram no braço da direita.

A viagem d'este dia foi pequena por se ter demorado em terra um camarada, e não por encontrar obstaculo no rio. A navegação encostada a ponta da ilha é má, porque ahi se acha um baixio de pedras.

Dia 8. — N'este dia naveguei em rio de pouca profundidade por offerecer transito facil; comtudo não foi necessario descarregar, e entrando pelo braço da esquerda, cheguei ainda cedo á itaipava de S. Bento, ficando á direita a grande ilha do mesmo nome. N'este logar encontrei grande abundancia de peixes de varias qualidades, e alguma caça.

Dia 9. — Havia chegado no dia antecedente á itaipava de S. Bento; n'este tratei de transportar-me para cima da mesma. O commandante do destacamento de S. João de Araguaia havia-me dito não ser possivel vencer este obstaculo, por ser esta itaipava muito falta de agua; não desanimando com essa informação puz-me na espectativa da direcção do trabalho pelo piloto, como era de costume, e este examinando a itaipava, assentou de fazer passar os barcos encostados á terra firme da esquerda, e mandando pôr os barcos á meia carga, subiu-se sem o menor perigo, falhando d'est'arte o vaticinio d'aquelle commandante. Este facto bem prova que muitos homens temem o que desconhecem. N'este mesmo dia se começou a passar a carga para cima da itaipava na igarité de descarreto.

Dia 10. — Continuou-se o descarreto até á noite. N'este logar conheci que deveria ter trazido mais do que uma igarité de descar-

(8) Lagôas, das quaes algumas communicam com o rio por uma bocca que em alguns representa a largura de um rio, mas sem correnteza.

reto, por ver que o rio Araguaia é em geral mais raso e espraiado do que o Tocantins. O descarreto d'esta itaipava é pessimo, por isso que os bancos de pedra obrigam a levar as igarités ao canal grande, que é muito forte e de pedras escorregadiças.

Dia 11. — Carregados os barcos continuou-se a viagem, passando-se por uma ponta forte (9) que se acha na terra firme da esquerda, unico logar transitavel, onde foi indispensavel alliviarem-se todos os barcos, fazendo pouso pouco acima.

Dia 12. — Ao meio dia cheguei á itaipava do Carmo, e para passal-a mandei tirar todo o sal dos barcos, por ser o genero de maior peso; comtudo isso não foi bastante, e fui obrigado a mandal-os descarregar quasi totalmente. Tendo o rio mais cinco palmos de agua, tanto esta como a itaipava de S. Bento deve ser boa passagem, pois entendo que então ellas se passaráõ á vara, sem ser necessario tirar-se carga dos barcos, e por isso parece-me que os navegantes que entrarem no Araguaia por todo o mez de Junho, havendo chuvas regulares não encontraráõ ahi embaraço algum.

Dia 13. — Tendo n'este dia concluido a passagem da itaipava, conduziram-se as cargas até o meio dia, sendo o resto d'este empregado no concerto da igarité.

Dia 14. — Continuou-se a conduzir a carga até á noite. Note-se que os barcos devem receber a carga em uma ilha grande, que está logo por cima da itaipava.

Dia 15. — Despedí quatro indios Apinagés, que até ahi fizeram parte da tripolação, e que tendo recebido os seus salarios seguiram para as suas aldêas do Tocantins. N'este dia fiz pouso defronte da ponta debaixo da ilha grande dos Apinagés.

Dia 16. — Tomei pelo canal da direita da Ilha Grande e de outras, passando por um pequeno travessão de pedras, em que não foi neces-

(9) Ponta forte é aquelle logar em que a corrente do rio se torna muito forte, e as vezes com notavel quéda em razão de pedras, troncos ou ramas de arvore, barranco, &c., que se prolonga para o meio do rio : a ponta forte distingue-se da ponta simplesmente dita, porque esta é menos trabalhosa, e não é necessario descarregar para passal-a.

sario descarregar: pousei defronte de um ribeirão, que entra á esquerda. Note-se que o canal da esquerda da ilha não é intransitavel, comtudo preferi o da direita, por não dar o rio tão grande volta.

Dia 17. — Largando ás seis horas da manhãa, ás dez passei pelo porto dos Apinagés do Araguaia, e cheguei ao meio dia ao logar que denominei — Ponta dos Campos —, e ahi permaneci até ás doze horas do dia seguinte, por me haver faltado um camarada, que sahindo á caça perdeu a altura em que estavam as canôas.

Dia 18. — Partindo áquella hora, naveguei até ás seis da tarde, chegando á ilha que denominei dos Tres Fugidos porque n'esse logar se evadiram tres camaradas, levando comsigo a montaria (10) de caçar, tres remos, tres armas da nação e outros objectos de menos valor; vindo d'este logar para cima a haver falta de nove pessôas, que deviam compôr a tripolação, notando-se entre estas a do caçador, que substituia um dos pilotos, o qual tinha fallecido; acontecendo que achei-me com falta de dous objectos tão essenciaes na navegação actual, a saber, o caçador e montaria de caçar.

Dia 19. — Fiz pequena viagem, e nada occorreu de notavel. N'este dia a consternação foi geral ao vermo-nos sem a montaria e com falta de tres camaradas; entre estes notei que alguns conceberam esperanças de que eu, em vista de tal acontecimento, não duvidaria desistir da viagem pelo Araguaia, e retroceder: para desvial-os de similhantes pensamentos, eu asseverei com toda a firmeza e em alta voz — que em quanto me restasse uma canôa e quatro camaradas eu não desistiria da viagem.

Dia 20. — Sahindo ás cinco horas da manhãa naveguei até á uma hora da tarde, e não continuei a viagem n'este dia por ter deixado a igarité em diligencia de alguma caça. Havia grande quantidade de peixes, especialmente de pirarucús, em um lago que fica em uma

(10) Pequena canôa fabricada de uma só madeira, aberta com o auxilio do fogo depois de cavada, operação que lhe dá consideravel largura, e cujo tamanho é augmentado por duas pequenas falcas ou taboas: conduz até quarenta arrobas, e serve para as caçadas e pescarias.

praia ao lado esquerdo. Já n'este logar senti a falta que me fazia a montaria.

Dia 21. — Passei o travessão do Jacaré com muito trabalho, por se querer passar encostado á terra firme da direita, não dando esse canal franca passagem senão quando o rio tem maior quantidade de agua; aliás a passagem deve ser pelo canal grande do mesmo lado.

Dia 22. — Cheguei ao meio dia á entrada da Cachoeira grande, a qual é a maior que existe no Araguaia: ella terá duas leguas e meia de extensão, e em toda esta extensão o rio corre por entre rochedos, que quasi em toda ella, com pequenas excepções, formam um canal muito estreito e muito arrebatado. Chegando pois á entrada d'esta cachoeira, reconheci que a navegação pelo lado direito era muito difficil e perigosa, e por essa razão fiz travessia para o lado esquerdo: toda a tarde se passou transportando-se a maior parte das cargas e os barcos para cima de uma forte corredeira.

Dia 23. — Carregaram-se os barcos, e naveguei á vara encontrando o rio com grande correnteza. Fiz pouso abaixo da primeira pancada forte.

Dia 24. — Descarregaram-se e puxaram-se os barcos, havendo sempre o cuidado de prendel-os com uma pequena sirga, além do cabo ou corda grande, para o fim de abrigal-os para terra, visto que sem essa cautela poderiam correr grande risco.

Dia 25. — Tendo-se feito pouso no dia antecedente acima da primeira pancada grande, n'este seguiu-se á meia carga, andando-se pouco n'esse dia por ser a outra parte da carga conduzida na igarité.

Dia 26. — Todo este dia se passou em fazer transportar os barcos e cargas para cima de uma ponta mui forte, abaixo da qual se havia pousado.

Dia 27. — Por ser o canal muito arrebatado e forte não se pôde subir senão á corda, navegando-se assim até ao meio dia, e vindo-se a descansar em uma ponta forte, onde se descarregou.

Dia 28. — Carregados os barcos com pouco trabalho encostei no

logar do descarreto do Salto grande. Toda a viagem, desde o dia 25, fiz por um canal parallelo a outro que fica á direita, tendo este pouca agua em baixo, por despejar no da esquerda por muitas boccas ou pequenos canaes, que são outros tantos saltos; por um d'estes saltos deve se fazer a passagem para o canal da direita : o que achei melhor é aquelle mesmo por onde passei, que é o terceiro contado de cima para baixo, o qual não obstante ser mais estreito, offerece todavia melhor passagem, por isso que sendo mais extenso tem uma queda mais suave. Observe-se que tendo-se passado o salto, deve-se atravessar os barcos para o lado direito do canal, afim de se evitar a força das aguas dos diversos canaes que despejam para o lado esquerdo.

Dia 29. — N'este dia sómente se póde conduzir as cargas para cima do Salto grande.

Dia 30. — Calafetaram-se algumas pequenas fendas das canôas, e pousei acima de uma ponta forte, em que descarreguei. O rio n'este logar é muito estreito e corre por entre rochedos muito altos, o que difficulta o puxar-se os barcos á corda, unico meio de conduzil-os, em consequencia da grande correnteza e muitos rebôjos que se encontram, com muito perigo dos barcos.

Dia 31. — Continuou-se a descarregar e puxar a carga por causa de muitas pontas fortes.

Dias 1.° *até* 9 *de Setembro inclusivè.* — Foi continuação dos trabalhos do dia 31 do mez antecedente, encontrando-se entretanto um descarreto de meia legua por terra; quatro noites dormi na ilha da Ubá velha (11), primeiro que as cargas podessem ahi chegar.

Dia 10 *a* 12 *inclusivè.* — N'estes tres dias foi preciso fazer descarreto por terra e por agua, em razão de alguns braços do rio que entram pelo lado esquerdo. A sahida da Cachoeira grande pelo lado direito offerece melhor navegação do que pelo lado esquerdo, por isso que este é mais sêcco e mais forte : advirto porém que a travessia

(11) Canôa bem conhecida, construida de uma só madeira, de que se servem os nossos indigenas; está adoptada entre nós nas passagens de muitos rios.

pelo lado direito deve ser feita com muita cautela, e antes de approximar muito ao salto.

N. B. Tendo o rio mais cinco palmos de agua, é provavel que n'esta cachoeira os barcos de mil arrobas não gastem mais de oito a dez dias; por quanto tendo o canal apenas uma oitava parte da largura ordinaria do rio, elle se achará então com dez ou doze palmos mais de fundo, e por consequencia não será necessario ir ao canal grande; tanto mais que ao lado esquerdo d'este achei canaes por onde havia bem poucos dias nos mostrava ter corrido agua sufficiente para sustentar uma montaria. Além d'isto, estabelecendo uma comparação entre a Cachoeira grande e o Tauirí, com o qual muito se parece, vemos que se no Tauirí, na sêcca, gasta-se doze ou quinze dias, e com agua se passa em quatro ou cinco, na Cachoeira grande, onde gastei vinte e dous na sêcca, não se gastará mais do que sete ou oito havendo aguas. O que acabo de dizer é a respeito da subida; quanto porém á descida, devo notar que o canal grande deve ser perigosissimo pelos rebôjos que então terá, formados pela opposição que os enormes rochedos devem fazer ás aguas; e os canaes do Saranzal (12) serão tambem mui perigosos por causa das grandes pedreiras que a cada passo obstruem os mesmos canaes: em summa na descida nada de entrar sem examinar mui escrupulosamente a cachoeira desde a entrada até á sahida. N'esta cachoeira ha grande abundancia de caças e peixes: mas devo notar que por causa das qualidades das pedras da Cachoeira grande e de quasi todo o rio Araguaia, e da grande quantidade de piranhas, é mister uma boa provisão de anzóes e linha. No dia 12 sahi da cachoeira e pousei na margem direita, avistando as pedreiras e praias dos Martyrios.

Dia 13. — Falhei para concertar um dos barcos e tirar varas: houve aqui muita caça, como veados, pacas, mutuns, &c.: viram-se no mato picadas antigas, e alguns velhos ouriços de castanhas, o

(12) Saran é em geral o arbusto que nasce nas praias e pedreiras, que nas cheias se cobrem de aguas: saranzal, logar que é coberto de sarans, offerecendo, quando o rio está cheio, canaes por entre os arbustos.

que faz acreditar na existencia de castanheiros, onde vão ter alguns gentios.

Dia 14. — Passei os Martyrios e pousei na entrada da Carreira comprida. Antes de fallar da minha passagem por esta cachoeira, direi alguma cousa sobre este logar, que tem dado causa a alguns contos fabulosos: tendo lembrança do que escreveu em seu *Itinerario* o marechal Cunha Mattos ácerca dos Martyrios, desembarquei n'este sitio e observei tudo quanto alli existe. Nenhum trabalho de esculptura encontrei n'esse logar, não duvidando todavia que elle exista em algum ponto mais retirado ou occulto. O que observei é obra da natureza, em que a arte nada tem alterado; e como os rochedos não se parecem com quantos tenho visto, quer no Tocantins, quer em toda a extensão do Araguaia que naveguei, julgo acertado dar uma idéa d'elles. O rio n'este logar é consideravelmente estreito, bem como na Cachoeira grande, porém corre lentamente por entre duas pedreiras, mais ou menos escarpadas, que terão de altura de trinta a quarenta palmos pouco mais ou menos: ao entrar pela emboccadura d'este canal, parece que se está no extremo de uma rua de mais de trezentas braças. Apezar de ser esta pedreira muito solida, comtudo apresenta muitas cavidades de fórmas variadas e irregulares, que parece serem formadas pelas aguas nas occasiões que o rio enche. A parte superior d'elles representa ao longe diversas fórmas, umas similhantes a uma pequena ermida, outras a uma guarida, &c.; approximando-se porém mais perto, desapparece a illusão, e não se vê outra cousa mais do que rochedos informes. Talvez que algum navegante por aquella illusão tenha referido a existencia de obras de esculptura n'estes logares, não observando com a individuação que merece um facto similhante. Ao sahir d'este canal se encontra grande quantidade de pedras, de que nossos lavradores se servem para fazer fornos de torrar farinha.

Dia 15. — Descarreguei á esquerda no travessão da entrada da Carreira comprida, e passei os barcos á direita.

Dia 16. — Trabalhou-se no travessão passando a carga para cima, e pousei na ilha formada pelos dous principaes canaes. Subi pelo

canal da esquerda; porém o melhor é o da direita. Á esquerda entra um grande ribeirão.

Dia 17.—Até o meio dia se trabalhou em puxar os barcos á sirga, independente de descarregal-os, e por este modo foram conduzidos até á pancada grande, onde se descarregaram.

Dia 18.—Puxaram-se as canôas, carregaram-se em parte, e foram receber o resto da carga no Poção. Em toda a cachoeira denominada Carreira comprida a melhor passagem é pela maneira seguinte: entrar pelo lado esquerdo, atravessar antes de chegar ao canal forte, e entrar pelo pequeno canal da direita, aonde se acham duas pontas, em que será necessario descarregar.

Dia 19.—Carregaram-se as canôas no Poção e descansei por cima da volta, que bem se póde chamar do Cotovello: pondo-me de viagem ás quatro horas e meia da tarde, uma inesperada perspectiva, aliás scena, se apresenta aos nossos olhos: objectos como creaturas humanas parecem ao longe andar e correr em uma grande praia, na qual vinhamos com esperanças de achar uma grande quantidade de ovos de tartaruga: as vistas fitaram-se na praia, e em poucos momentos viemos a conhecer que um grande numero de Indios pareciam agitados com a presença de barcos desconhecidos n'aquelle rio: eu então tornei-me o objecto de uma tacita consulta, voltando para mim os camaradas os olhos, como que me interrogando o que fariamos; o medo pareceu-me ter grande parte n'esta consulta, mas eu sem dissimular disse que não tivessem medo, que além dos cartuxos que estavam distribuidos havia de haver munição, com que se podesse facilmente fazer um fogo que produzisse bom resultado. Mandei então dous camaradas apromptar as armas, preparei buchas, puz á mão uma boa quantidade de polvora e chumbo, e apresentei-me com resolução em cima da tolda, entretanto que o piloto dirigia o meu barco para o lado opposto áquelle em que estavam os Indios, tendo-lhe eu ordenado que esperasse os outros barcos logo que fronteasse o ponto de que podiamos receiar algum ataque: antes porém de chegar a esse logar os Indios salvaram os botes com duas salvas de armas de fogo; eu respondi ás salvas, e

entendendo que nada devia receiar, assentei que me não era necessario esperar pelos outros barcos, e logo que se fallou ouviu-se as palavras: — Adeus camarada — replicando-se — As canôas encostam lá? — responderam — Sim, aqui está bom, tem bom fundo. — Então mandei fazer travessia, e aportando no logar onde se achavam os Indios, procurei o capitão José, cacique dos Carajás da aldêa de baixo: apresentando-se este, eu disse-lhe que embarcasse; então elle desarmado, e com uma confiança que me fez admirar, dirigiu-se para o meu barco, subiu á prôa, e veio ter á porta da tolda da pôpa: ahi eu recebi-o entre os meus braços, e tratei de obsequial-o com ferramentas, missangas, fumos e muitas outras cousas; elle de sua parte pagou-me com seus carás, bananas, ananazes, &c., e fitando os olhos em minha mulher, perguntou se ella era minha mulher, e respondendo eu affirmativamente mostrou muita satisfação, e disse que na praia estava a mulher de um seu filho, a qual immediatamente elle fez embarcar para fazer os cumprimentos á sua nova hospede: em summa deixando de referir muitas circumstancias, que provam a boa disposição d'estes Indios para comnosco, basta dizer que a gente da minha comitiva passou demasiadamente farta esta noite, em que houve dansas de parte a parte, e que os mesmos Indios não duvidaram dansar promiscuamente com os christãos. O capitão José falla alguma cousa a nossa lingua, e disse que queria um padre para sua aldêa, assim como ferreiro, carapina, &c., e que se queria baptizar: eu disse-lhe que tudo se havia de fazer, estando elle sempre em paz comnosco. Tal foi o primeiro encontro que tive com os Indios Carajás, que tão temiveis parecem aos habitantes da provincia de Goyaz. Devo notar que desde então me esforcei por encobrir que tinha d'elles o menor receio, pois que elles em todas as suas acções mostravam ter em nós uma illimitada confiança; o cacique mostrava ter grande satisfação, e mesmo animava a que cada christão tivesse seu camarada Indio, e os Indios acompanhavam tanto o desejo de seu chefe, que cada um queria parecer mais obsequioso a seu amigo. Eu devo mais notar que estes Indios não se achavam em sua aldêa, mas desciam em numero de trinta e oito para as aldêas

dos Apinagés, em companhia de um Apinagé, que tinha vindo resgatar um irmão que havia muitos annos estava prisioneiro entre os Carajás.

Dia 20. — O capitão José, desistindo da viagem em que ia, embarcou-se comigo e mais quatro Indios para voltar para sua aldêa, confiando á seu filho Erirê a direcção e governo das tres ubás, que desciam em companhia da do Apinagé; os Indios despedindo-se largaram para baixo, e não deixou de ser algum tanto interessante a scena que se nos apresentou: com uma velocidade immensa seguiram as quatro ubás carregadas de gente, que, ao mesmo tempo que com muita destreza manejavam os remos, faziam ouvir o som monotono de suas cantorias, servindo de compasso as pancadas dos remos nas canôas: entretanto puz-me de viagem, e ao meio dia descarregou-se á direita no travessão do meio, tendo-se feito travessia por baixo: os Indios prestaram-se voluntariamente, e juntamente com os camaradas carregaram as cargas, e puxaram os barcos para cima do travessão.

Dia 21. — Voltaram os Indios que desciam por falta de mantimento, por nos haverem dado na occasião do nosso encontro quasi todo o que levavam: descarregaram-se os barcos para passar o sêcco da entrada da cachoeira de S. Miguel, e aqui tive auxilio dos Indios, que ajudaram a conduzir as cargas em suas ubás, dormindo em minha companhia na entrada do estreito canal do meio, que é a melhor passagem na sêcca.

Dia 22. — Todo este dia trabalhou-se puxando as canôas á sirga: ainda na noite d'este dia dormiram os Indios em minha companhia.

Dia 23. — Descarreguei antes de chegar á pancada grande. A navegação d'este dia se fez encostando as canôas ao lado esquerdo, mas seguindo sempre pelo canal grande.

Dia 24. — Navegando sempre á sirga, cheguei ainda cedo á pancada grande.

Dia 25. — Passou-se a carga para cima de duas pancadas, podendo-se apenas conseguir passar as barcas a primeira pancada.

Dia 26. — Carregou-se a carga em montarias e nas ubás dos

Carajás, que m'as cederam para esse fim, pousando acima da cachoeira com os barcos carregados. Em todos estes dias estiveram os Indios em minha companhia, e muito me ajudaram em todo o serviço da navegação, no que são mui habeis: eu brindei-os n'esta occasião com trinta e tres peças de ferramenta de roça, facões, fumo, missangas, &c.; então vi o quanto são exageradas as idéas que ordinariamente temos da obediencia dos Indios a seus chefes, pois que a partilha das ferramentas não pôde ter logar, lançando cada um, que foi mais destro, mão em duas e mesmo em tres peças de ferramenta, o que me fez receiar alguma scena bem triste entre elles, conservando-se entretanto o chefe em perfeita inacção, depois de ter procurado obstar similhante acontecimento. N'este logar se despediram os Indios, promettendo ir pescar para negociarem comigo.

Dia 27. — Sahi da cachoeira de S. Miguel, e encontrei-me com o Carô, principal chefe de todas as aldêas dos Chambioás, ramo dos Carajás, e pai do capitão José. O Carô, distinguindo-se dos outros que remavam a ubá apenas por um chapéo de palha velho, e umas calças que trazia aos hombros, mandou salvar com dous tiros de arma de fogo, em signal de cortejo, e approximando-se mandou atracar ao meu barco, para onde se passou com toda a confiança, mostrando muita satisfação pelo encontro: eu fiz-lhe as mesmas honras que tinha feito ao capitão José, mas observei que a ubá d'este Indio vinha carregada de armas; e informando-me de similhante circumstancia, soube que elle havia descido por aviso que teve do capitão José, que lhe havia mandado dizer que subiam tres barcos grandes carregados de christãos todos armados. Logo no primeiro encontro que tive com este Indio conheci que elle não ignorava totalmente os nossos costumes, e que conhecia bem de perto algumas cousas dos nossos usos; vendo tirar um pouco de assucar de uma lata, disse logo o que era, mas devo notar que como quem se arrependeu disse que era sal: estes e alguns outros factos similhantes, pelos quaes ao mesmo tempo elle mostrava conhecer bem os nossos costumes, e procurava dissimular esse conhecimento; estes factos, digo, me fizeram

crer que elle é, segundo se diz, um desertor do Pará. Entre outras muitas perguntas que me fez, quiz saber como se chamava o general de Goyaz e o do Pará, e se no Pará havia guerra. Este Indio terá de sessenta a setenta annos de idade. N'este mesmo dia cheguei ao logar em que a gente do capitão José me esperava com grande quantidade de peixes. O capitão José seguiu com todas as suas ubás, ficando comigo o capitão Carô. Depois do meio dia trabalhou-se na extensa itaipava dos Carajás, que a principio é de boa navegação, porém depois torna-se muito trabalhosa por ser mui falta d'agua: pousei em uma das ilhas, que se acha no meio da itaipava.

Dia 28. — Trabalhou-se ainda na itaipava, e pousei em uma praia, em que o rio não é pedregoso: d'este dia em diante o Carô me fez companhia até chegar á sua aldêa.

Dia 29. — Encontrei o rio sem obstaculo algum, e pousei junto á Ilha Grande dos Carajás: d'este ponto para cima não se encontra mais a palmeira chamada *Indaiá*, e só da ilha que chamei de S. José para cima é que me disseram os Indios haver com abundancia; e por essa razão os navegantes que houverem de concertar as cobertas dos seus barcos, devem fazel-o n'esta ilha ou nas suas visinhanças.

Dia 30. — Continúa ainda o rio sem obstaculo, e navegando todo este dia pousei abaixo da outra itaipava dos Carajás.

N. B. Desejando eu saber quaes as disposições d'estes Indios sobre estabelecimentos nossos nas visinhanças de suas aldêas, perguntei ao Carô se queria estabelecer-se nas proximidades do Araguaia por aquellas paragens; respondeu-me que sim, que isso era muito bom: então eu lhe disse que trariam bois, cavallos, &c.; respondeu que estava bom: disse-lhe mais que havia de vir um missionario; respondeu a mesma cousa: estando porém, por algum tempo, como quem pensava profundamente, levantou de repente a cabeça e disse: —presidio não. — Entendendo eu que elle me interrogava, respondi: — presidio tambem. — Então elle com vivacidade e voz forte me disse: — presidio não, não quero. — Eu repliquei — Presidio não? — elle respondeu — não quero. — Padre não, Turi (christão) não, boi não,

cavallo não. É facil ver por esta repentina mudança, que se nota nos pensamentos d'este Indio, que elle se não tem esquecido das crueldades contra elles praticadas por um imprudente commandante do extincto destacamento de Santa Maria, e que não será facil o estabelecimento de presidio na visinhança d'essas aldêas. Quanto ás relações que póde haver na descida e subida de barcos, mostrou elle muita satisfação em todas as occasiões que se fallou a respeito: pedindo-me com muita instancia que fallasse ao general de Goyaz para lhe enviar farda, ferramentas, espingardas, baetas, &c., e que eu tomasse lembrança d'isso nos meus apontamentos da viagem; asseverando que os barcos na descida e subida achariam grande abundancia de todos os seus generos de roça.

Dia 1.° *de Outubro.* — Entrei na itaipava, que é muito sêcca no principio, e seus canaes muito tortos; ao meio dia encontrei seis ubás muito carregadas de mandiocas mansas e bravas, carás, batatas, bananas, ananazes optimos, favas, canna e muitos outros generos, como redes, fio de algodão, cera, &c., enviados pelo capitão José: aportei cedo em consequencia de se ter arrombado um dos barcos.

Dia 2.—Larguei tarde, e puxando-se os barcos á sirga pelo canal da esquerda, pousei, antes de sahir da itaipava, na margem direita.

Dia 3. — Tendo feito travessia para a margem esquerda, sahi da itaipava, e pousei á vista d'ella em umas ilhas. N'este dia veio ao meu encontro o capitão José com seu enteado Joanabedô, trazendo muitos generos de roça; a satisfação d'elles pareceu completa, e o mesmo Joanabedô, naturalmente mal encarado, e que a principio esteve muito fechado, tornou-se alegre e jovial á vista de ferramentas que lhe dei. Emfim, todos elles não cessavam de repetir a cada momento — capitão (assim me tratavam) muito bom camarada, muito bom; capitão Carajá manso, amigo muito, Carajá bom muito, Carajá tudo sua, — e outras muitas expressões, que me faziam ver que elles nos queriam certificar de que nada deviamos receiar da sua parte.

Dia 4. — Com o auxilio de uma ubá dos Indios, ás dez horas

do dia matou-se um veado que atravessava o rio: o capitão Carô mandou-me entregar o veado, dizendo que a minha gente era muita, e que era obrigada a fazer muita força em consequencia do peso dos barcos. O capitão José tornou a adiantar-se; ás seis horas aportei em uma ilhota de pedra e arêa defronte da aldêa: o capitão José salvou-me com tres salvas de armas de fogo, e a seu pedido sahi á terra com minha mulher, acompanhados tão sómente de tres camaradas: pondo o pé em terra, fomos rodeados de immensa multidão de homens, mulheres e meninos, circumstancia esta que me fez ver que suas palavras eram sinceras: todavia não deixava de causar grande terror (o qual eu muito me esforçava por encobrir) o ver-me d'est'arte entregue á discrição de similhante gente, da qual muitos tinham os corpos tintos de encarnado ou de preto, ou de uma e outra côr juntamente, apresentando pinturas mui variadas, como quadros, circulos, meios circulos, xadrez, listas que figuravam algumas roupas nossas, como collete, camisa, &c., accrescendo a isto os seus grandes cabellos, as armas de que muitos não largaram, e as altas vozerias e amiudadas risadas com que applaudiam ou escarneciam as nossas acções e palavras. O capitão José dirigiu-nos á sua cabana, onde assentados em uma grande esteira se achavam, para nos fazer a honra da hospedagem, algumas pessôas da familia do capitão, preparadas em grande gala, tendo borlas no cabello, e outras cahidas até os peitos, algumas nas pernas, brincos de pennas variadas nas orelhas, pedaços de louça e muita missanga no pescoço, &c., sem comtudo haver entre elles vestuario algum, excepto uma especie de tanga, de que se servem as mulheres. Fui muito obsequiado pelo capitão José, seus parentes e alguns mais: muito sentiram porém que não houvesse em grande quantidade para receberem, a troco de seus generos, facas, tesouras, navalhas, ferros de carpinteiros, pentes, anzóes, arpões, espelhos e outras muitas miudezas, que muito apreciam. Achando-se n'esta um desertor da companhia de pedestres de Goyaz, e querendo subir comigo, facilmente o conseguiu, custando porém o seu resgate dous machados. Estes Indios nas aguas tem seus domicilios na terra firme do lado

esquerdo, e na sêcca nas praias, onde fabricam suas cabanas, que são de uma construcção mui fragil: o numero d'estas na aldêa do capitão José excede a duzentas e cincoenta, e os guerreiros que appareceram pouco excederáõ a duzentos.

Dia 5. — Partindo ás oito horas do dia, pousei defronte da barra do ribeirão dos Gradaús. Esta nação, segundo me disse o capitão Carô, tem suas aldêas distantes do Araguaia para o occidente tres dias de viagem, em umas grandes matas: estes Indios são temiveis para os Carajás, e por essa razão estes pouco frequentam a margem esquerda do Araguaia.

Dia 6. — Naveguei com algum incommodo, por ser aqui o rio falto de agua, e pousei avistando um grande travessão de pedra.

Dia 7. — Cheguei cedo ao travessão de S. Marcos, descarregou-se todo o sal, passaram-se os barcos para cima, e dormi na ilha que existe proxima: havendo mais aguas, o canal encostado á terra firme do lado esquerdo deve offerecer melhor passagem.

Dia 8. — Ao meio dia cheguei á aldêa do meio, ou Tauámerim: esta aldêa contém setenta cabanas, e está debaixo do governo immediato do capitão Carô: acham-se aqui em grande abundancia os mais deliciosos ananazes, e os Indios d'esta aldêa applicam-se muito ao fabrico de redes: tendo brindado os Indios, e partindo ás duas horas, fiz pequena viagem por achar o rio com pouco fundo, e ser necessario descarregar um dos barcos.

Dia 9. — N'este dia fiz mui pequena viagem por encontrar um travessão, em que me foi preciso descarregar em uma praia, e pousei na ilha das Pombas.

N. B. O Araguaia n'estas paragens é muito largo, e por isso muito falto de aguas para offerecer franca passagem aos barcos de negocio: o canal por onde passei é o da esquerda, todavia não duvido que exista um canal encostado á terra firme do lado direito.

Dia 10. — Viajei pouco, por ser necessario descarregar um dos barcos por falta de aguas, e pousei por cima do travessão de S. Luiz.

Dia 11. — Foi necessario descarregar um dos barcos por falta de agua, e descansei ao meio dia quasi defronte de um campo, que na

margem esquerda chega ao barranco do rio: a vista de um campo havia tanto tempo almejada não deixou de produzir alguns effeitos, pois que com ella reviveram esperanças que estavam quasi extinctas na mente da grande parte da gente da tripolação, e d'ahi em diante já se ouviam conversações sobre a chegada e nova viagem para o Pará. Ás cinco horas da tarde cheguei á aldêa denominada Tauá-grande, na qual o capitão Carô tem a sua residencia: esta aldêa conterá umas duzentas e oitenta cabanas, e trezentos guerreiros mais ou menos. Eu brindei os Indios da melhor maneira que me pareceu, esforçando-me por destruir a má satisfação que mostrava o capitão Carô por ter sido a aldêa do capitão José muito bem aquinhoada de brindes; achei por tanto acertado deixar n'esta aldêa maior numero de ferramentas do que a principio tinha tenção de dar. Por desconfiar da sinceridade do Carô, tratei-o seccamente; elle percebeu a minha má satisfação, e mostrou-se sentido; mas com o offerecimento de mais ferramentas tornou-se ás boas. Os Indios d'esta aldêa pareceram-me desconfiados, e menos fartos por não terem talvez tantas ferramentas como os da aldêa do capitão José, que ha tempos as podem obter por via dos Indios Apinagés.

Dia 12. — Vim pousar no travessão do Pilão, cujo canal offerece melhor passagem do lado esquerdo, por ter puxador muito direito, apezar de muito alto. Alguns Indios com suas mulheres, que passavam para suas roças, mostravam-se receiosos de vir em pequeno numero ao logar em que eu estava; animando-se porém, a exemplo de um primeiro, ao qual fiz muitos agrados, não duvidaram vir receber a parte que lhes tocava, e em poucos momentos toda a pedreira ficou coberta de Indios.

Dia 13. — Passaram-se as cargas e os barcos para cima do travessão; tres Indios ajudaram no trabalho da cachoeira, e voltaram mui satisfeitos com a recompensa que tiveram.

Dia 14. — Ao meio dia aportei em uma ilha para concertar a igarité de descarreto. Durante o tempo necessario para esse fim tive occasião de observar que os Indios d'essa ultima aldêa tinham-se emfim convencido de que não era nossa tenção fazer-lhes mal algum,

pois que apresentando-se ahi em muito maior numero, e com mui poucas armas sem cautela alguma, com suas mulheres e crianças, espalharam-se por entre a tripolação, onde alguns se entregaram a um profundo somno: e deram mostras de estarem saudosos com a nossa partida. N'este dia pousei no travessão da Chuva de manga.

Dia 15.—Descarregaram-se e puxaram-se os barcos sem muito trabalho: doze Indios desarmados apresentaram-se para ajudar-me a passar este travessão; como porém eu não julgasse necessario, não se mostraram muito satisfeitos, mas não foi porque deixassem de trabalhar, porém sim porque viram frustradas suas esperanças de levar cada um sua ferramenta: pousei em uma praia que denominei Santa Thereza.

Dia 16. — Cheguei ao meio dia ao travessão do Páo d'arco: descarregaram-se os barcos, e fiz pouco com as canôas carregadas por cima. N'este travessão passou para cima o capitão Carô, para o fim de tirar buritî na cachoeira de Santa Maria.

Dia 17. — Passei um travessão fundo, e fiz pouso por baixo do travessão do Joncam.

Dia 18. — Descarregaram-se os barcos nas pedras á direita, e passaram-se em um dos canaes do lado esquerdo: descansei logo acima na margem direita, em um logar em que o mato é muito estreito, e o campo offerece uma agradavel distracção: naveguei a tarde em rio bom, e pousei em uma bella praia.

Dia 19. — A navegação d'este dia foi variada, pois que encontrou-se pedras, baixios, poços, &c.; pousei em uma pequena praia no meio do rio.

Dia 20. —Avistou-se á direita uma linda serra, e duas ilhas que chamarei de S. José pela similhança que tem com uma do Tocantins que traz o mesmo nome; consta-me haver n'ellas grande quantidade de indaiá: fiz pouso na entrada do canal do lado esquerdo. Na margem d'esse mesmo lado entram tres ribeirões, e ha um morro coberto de capim.

Dia 21. — Naveguei sem novidade todo o dia, e fiz pouso em outras ilhas grandes: o canal do lado esquerdo é mui falto d'aguas,

porém o da direita é intransitavel. Estando de pouso, ás oito horas da noite chegou de cima o capitão Carô. Mostrou-se muito agastado contra os Indios Chavantes, que, segundo elle dizia, lhe haviam armado emboscadas; e queixando-se que trazia muita fome, mandei-lhe dar que comer, com o que ficou muito satisfeito. Instou para que lhe désse uma sacca de sal, a qual com effeito dei, e algumas miudezas mais; e assim despediu-se muito contente e satisfeito, dizendo que ficava esperando nas aguas as canôas grandes, que lhe haviam de conduzir espingardas, baetas, ferramentas e fardas que o general lhe havia de mandar.

Dia 22.—Passei um sêcco e travessão fundo, e pousei por baixo do travessão das Tres Portas, defronte do aprazivel logar em que esteve collocado o presidio de Santa Maria, avistando a campina e a linda pequena serra que se vê ao nascente. Não obstante os muitos incommodos de espirito que então me agitavam, e a grande quantidade de mosquitos que me obrigaram a embrenhar-me no mato para poder passar a noite, todavia veio-me ao pensamento a idéa de que, se não fôra a grande imprudencia e crueldade de um militar, podéra talvez estar existindo n'aquelle logar uma linda povoação, podendo ter-lhe dado incremento aquelles mesmos Indios que se tinham visto na dura necessidade de destruil-a ainda em seu principio: olhe-se pois para tão terrivel exemplo, e ver-se-ha que se deve proceder de uma maneira bem differente, si não se quizer ver reproduzidas scenas similhantes, e si se quizer continuar a navegação pelo Araguaia.

Dia 23.—Puxou-se no travessão das Tres Portas, e descarregou-se na primeira pancada forte da cachoeira de Santa Maria: n'esta pancada esteve para perder-se por duas vezes o barco maior; para evitar similhante risco é acertado pôrem-se ahi os barcos de meia carga. Pousei por baixo da segunda pancada grande.

Dia 24. — Procurei o meio do rio para passar sem maior incommodo um travessão que está por baixo da segunda pancada, passado o qual tomei para a margem direita, onde vim descarregar. O puxador é na pedreira do meio, para onde se faz travessia com bastante trabalho.

Dia 25. — Naveguei encostado á margem do lado esquerdo, e descansei meio dia em um aprazivel campo, onde havia grande quantidade de veados; e pousei em uma extensa praia no meio do rio.

Dia 26. — Falhei para caçar.

Dia 27. — Naveguei pouco por não haver que comer, e pousei no pequeno travessão do lago.

Dia 28. — Naveguei pouco por se demorarem alguns camaradas no campo, e fiz pouso em uma ilha abaixo da itaipava dos Campos.

Dia 29. — Passei parte d'aquella itaipava, e pousei por cima de um forte gorgulho antes de chegar á sahida.

Dia 30. — Por volta de dez horas foi necessario descarregar um dos barcos por falta de agua, e ás onze horas encostei na ilha de Santa Anna, falhando-se a tarde por motivo de caçar. Entretanto achou-se uma taboa de canôa, na qual se viam gravadas as seguintes palavras: *Dia* 31 *de Outubro voltou o soccorro:* é inexplicavel a alegria que causou um similhante achado; todavia eu no primeiro momento duvidei do que lia, pois que estavamos ainda a 30 de Outubro; examinando porém as lettras, vi que era nova a gravura, e que havia falta de verdade n'aquella inscripção. Fui ao logar em que se havia achado a taboa, e procedendo ás mais escrupulosas averiguações, conheci que havia uma differença de seis a oito dias entre aquelle em que se tinha alli deixado a taboa e aquelle em que nos achavamos; todavia tratei de despedir a ubá que eu havia comprado para servir de montaria para o fim de ir ao alcance do soccorro, e com effeito partiram de madrugada tres camaradas e um dos pilotos com as informações necessarias para evitarem qualquer engano na entrada do furo do Bananal ou dentro do mesmo furo: não valeram porém nem as minhas informações e nem a presteza que tanto recommendei; foi irremediavel a falta em que cahiu o conductor do soccorro por se ter retirado antes da minha chegada.

Dia 31.—Descarregou-se e passou-se pelo canal da direita encostado á ilha, e fiz pouso defronte da bocca de um grande lago.

N. B. N'este travessão acabam-se as pedras do rio Araguaia na navegação para a cidade de Goyaz, e se alguns pequenos travessões

se encontram, não ha n'elles perigo algum: em geral d'ahi para cima o rio é muito espraiado, porém nunca me foi necessario descarregar. Tendo pois vencido uma extensão do Araguaia, em que tinha trabalhado quasi constantemente em um rio empedrado, no qual se acharam trinta e quatro descarretos, assentei que bem pouco era o que me restava para vencer; porém enganei-me, muitos trabalhos me estavam ainda reservados. Devo notar finalmente que, com quanto d'este travessão para cima se encontrem lindissimas praias que quasi constantemente se tocam, aprazíveis barreiras (13) nas quaes o campo chega á borda d'agua, um sem numero de lagos em que existe uma immensa quantidade de peixe, e o rio seja ahi de boa navegação, todavia, apezar de tudo isto, uma estranha monotonia torna a navegação muitas vezes enfadonha.

Dias 1 a 4 de Novembro. — A navegação d'estes dias foi sem novidade; no ultimo porém teve logar um facto, que havia dias eu esperava, mas que eu não podia evitar. Na contingencia de acabar-se-me a farinha continuando a dal-a em rações ordinarias, ou de tel-a em pequenas rações por mais tempo, preferi o segundo expediente; isto porém dava causa a repetidas e rancorosas murmurações, das quaes pareceu-me quererem passar a vias de facto; suspeitando pois algum trama, chamei a um camarada, que me parecia cabeça, e entendendo-me com elle procurei fazel-o entrar na razão, e com effeito pareceu-me havel-o conseguido: por outra parte, ao mesmo tempo que isto se passava com os camaradas, os soldados que me tinham sido dados pelo governo da provincia para me auxiliarem n'esta viagem queixavam-se affrontosamente de haver o piloto pousado depois de Ave-Maria, chegando ao ponto de ameaçar que não poriam muita duvida em tirar-lhe a vida: servi-me para com estes das mesmas armas de que me tinha servido para com os camaradas, e os espiritos pareceram-me acalmarem-se. Todavia eu bem pouco pude tranquillisar-me durante toda esta noite.

(13) **Barreira é o logar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato.**

Dia 5. — Desde que se largou do pouso entretiveram-se os principaes remeiros em continuadas murmurações, mostrando contra mim a maior indisposição, até que ás dez horas do dia, não podendo soffrer mais os seus desaforos, e quasi em um estado de desesperação, lhes disse que podiam livrar-se de todos os incommodos que lhes causava dando-me elles uma morte inevitavel com uma das armas de fogo, que tinham carregadas na prôa. A murmuração cessou, e mudando eu a medida da ração de farinha, pude conseguir seguir a minha viagem com menos receios de perigos da parte da tripolação. Taes foram as circumstancias em que me achei, sem que tivesse recurso contra os auctores de similhantes procedimentos, pois que os militares em muitas occasiões mostravam-se peiores. Á vista d'isto aconselho aos navegantes que devem embarcar sempre tão grande quantidade de farinha, e dar tão acertadas providencias sobre soccorros, que nunca lhes seja necessario lançar mão de medidas demasiadamente economicas.

Dias 6, 7 *e* 8. — Navegando sempre, no dia 8 ás onze horas e meia cheguei á barra do furo do Bananal: ao mesmo tempo que a tripolação e todas as pessôas de minha comitiva se entregavam a uma indiscreta alegria, o meu coração se contristava pela pouca quantidade d'agua que então tinha o furo do Bananal: arrastou-se muito os barcos ás costas, e pousei á pouca distancia da entrada.

Dia 9. — Descarregaram-se e arrastaram-se os barcos: n'este dia começaram as chuvas de inverno.

Dia 10. — Arrastaram-se os barcos, descarregaram-se e carregaram-se, e mudou-se de pouso: as chuvas continuam.

Dia 11. — Cheguei a um areão ou banco de arêa, que tinha uma extensão de mais ou menos trinta braças, em que quasi totalmente se descarregaram os barcos; não admittindo porém o canal encosto senão em uma distancia de meio quarto de legua, foi necessario carregar a carga as costas em toda esta extensão. Vendo porém que por similhante maneira era-me absolutamente impossivel vencer as difficuldades que de dia a dia se augmentavam, propuz a volta para fóra do furo, e a viagem pelo braço grande: mas não pude

vencer a repugnancia que encontrei da parte do sargento de caçadores Antonio José de Azevedo, que havia descido com o conde de Castelnau; do piloto e quasi todos os camaradas e soldados, dos quaes uns me apresentavam uma morte certa entre as mãos dos Carajás, chegando o sargento a dizer que se eu me resolvesse a entrar pelo braço grande, elle com um ou dous soldados seguiria por terra para S. Joaquim do Jamimbú; o piloto e outros argumentavam com a esperança que tinham d'agua sufficiente, visto que nos achavamos quasi em meiados de Novembro. Cedendo pois, assentei de arrostrar os trabalhos que eu antevia.

Dia 12.—Carregaram-se os barcos, e tornou-se a descarregar logo acima.

Dia 13.—Carregou-se a carga na igarité de descarreto, e arrastaram-se os barcos.

Dia 14.—Trabalhou-se todo o dia da mesma maneira que nos antecedentes, mas nada se adiantou; e continuando as chuvas com muita força, houve um grande prejuizo no sal, por isso que faltavam n'estes logares as folhas de palmeiras com que elle se podesse cobrir. Eis pois as tristes circumstancias em que me via: ou havia de vêr anniquilar-se parte do carregamento dos barcos, que tantos sacrificios me havia custado para pôr n'aquellas alturas, ou havia de expôr-me aos maiores padecimentos e desgraças, consumindo sem dar um passo a pouca farinha que me restava! Não sabendo porém o que era feito da ubá que eu havia mandado ao alcance do soccorro, e achando-me cento e quarenta e tantas leguas distante do logar aonde podia achar algum recurso, restando apenas nove alqueires de farinha para cincoenta e quatro pessôas, inclusivè a minha mulher, cuja resolução de acompanhar-me muito tinha contribuido para achar gente para tripolação, e que eu vi então em circumstancias de perecer á fome, eu tinha razão de considerar-me nas mais tristes circumstancias!... Então ventilou-se a idéa de deixar-se as cargas dos barcos em ranchos, para o fim de evitar-se os perigos que nos aguardavam: chegando-me isto aos ouvidos, não me achei então com a força moral que tinha tido no dia 19 de Agosto; todavia animei a gente,

dizendo-lhe que o soccorro e as aguas não deveriam tardar, e tratei de pensar no que faria. Em uma tal conjunctura resolvi subir para o presidio de S. Joaquim de Jamimbú na igarité de descarreto, afim de procurar soccorros para evitar ao menos uma parte das desgraças a que estavamos expostos. Tendo feito pois todas as recommendações que julguei convenientes, deixei os barcos entregues ao piloto e ao meu cunhado Hermenegildo Francisco de Azevedo, que espontaneamente quiz acompanhar-me n'esta viagem, e no dia 15 larguei para cima: no dia 18 tendo quasi constantemente arrastado a igarité, apezar de vasia, encontrei o soccorro que havia sido alcançado pelo meus enviados. Então soube que a causa de tão grande demora havia sido o terem-se estes enganado na entrada do furo, e terem tomado pelo braço grande, onde reconheceram o seu erro depois de chegarem ás aldêas dos Indios Carajás, os quaes os informaram da descida do soccorro, dizendo além d'isto os mesmos Indios que por alli não tinham elles voltado; soube além d'isto que, em consequencia d'essa informação, haviam os meus enviados regressado para entrar pelo furo, perdendo d'est'arte quatro dias de viagem. Quanto ao soccorro póde-se fazer idéa do embaraço em que se viram os conductores d'elle, cujo encarregado foi um cabo de tropa de linha, de nome Joaquim Marques de Arruda, á vista da falta de verdade em que estavam comprehendidos, e dos trabalhos e despezas a que dava logar sua anticipada retirada. Sem que consultasse o que devia fazer, conheci que era occasião de pôr em practica o meu pensamento de subir pelo braço grande, e assim no dia 19 cheguei aos barcos, onde achei tudo em paz. A minha volta foi realmente um dia de festa: a minha presença, que não pouca confiança inspirava á tripolação, á vista de pessôas, das quaes muitas eram conhecidas, e em fim o soccorro, apezar de pequeno, pois que chegou apenas sete saccas de farinha e algumas bagatellas mais, não devia produzir menos effeito: as esperanças renasceram, e eu dei ordem para o regresso do furo. Eu julgo dever notar que ao cabo foram entregues vinte e seis saccas de farinha, &c., mas o fado não permittiu que me chegassem mais do que sete.

Dias 20, 21 *e* 22. — Gastaram-se estes dias em descer pelo furo, e ás onze horas do dia 22 tomei pelo braço grande.

Dia 23. — Despedi o cabo para buscar soccorro no presidio de S. Joaquim de Jamimbú.

Dias 24, 25, 26 *e* 27. — Naveguei sem novidade, e no dia 27 pousei na primeira aldêa dos Indios Carajás, cujo numero não passava de cinco cabanas: estes Indios estavam bem medrosos, tanto assim que tinham-se occultado, ficando apenas dous na aldêa; estes a muito custo consentiram que se aportasse na praia em que estavam, mas a final houve obsequios de parte a parte, e a noite passou-se sem susto.

Dia 28. — Passei por uma aldêa de Carajás, e pousei em outra situada em uma praia abaixo de um estreito.

Dias 29 *e* 30. — Encontrei uma ubá em que desciam tres Carajás, que foram com dous pilotos pescar em um lago, sem pôr n'isso duvida alguma.

Dia 1.° *de Dezembro.* — Continuando a navegar pousei em uma aldêa de Indios da mesma nação, cujo capitão me fez presente de um delicioso pedaço de peixe.

Dia 2. — Pousei em outra aldêa, cujo capitão ha pouco havia fallecido mordido de uma cobra.

Dia 3. — Descansei meio dia defronte de uma aldêa no logar em que ha um pequeno travessão, e fiz pouso acima.

Dia 4. — Passei o meio dia defronte de uma aldêa, onde se acha um lago notavel pela sua grandeza, e pousei em uma praia do lado direito.

Dia 5. — Continuei a navegar junto á margem direita, ficando-me muitas ilhas á esquerda, nas quaes é provavel que existisse alguma aldêa; fiz pouso na ponta de cima de uma grande ilha.

Dia 6. — Depois de jantar cheguei a um logar elevado na margem da direita, onde os Carajás tem um cemiterio: eu quiz ocularmente observar esse logar, e nada achei de notavel. As sepulturas são mui pouco profundas, e sobre ellas vi alguns páos ou varas, que sustentam uma esteira que cobre a terra; pareceu-me que a terra que lançam

na sepultura não é batida (socada): pousei pouco acima d'esse cemiterio.

Dia 7. — Ás seis horas da tarde cheguei á barra do Rio das Mortes: este rio é o maior confluente do rio Araguaia desde sua confluencia com o Tocantins até este ponto; devo porém notar que elle é muito menor que o mesmo Araguaia: n'essa noite avistaram-se fogos dos Indios á pequena distancia.

Dia 8. — Almocei na aldêa, cujo capitão tomou o nome de João Leite de um meu cunhado que elle tinha visto na povoação de Salinas. N'essa aldêa entregou-me um Indio um bilhete, que me tinha deixado o sargento Azevedo, que havia subido em companhia do cabo Arruda.

Dias 9, 10, 11 *e* 12. — N'estes dias foi copiosissimo o inverno, e o rio encheu consideravelmente, obrigando-me a servir-me dos ganchos e forquilhas (14) para poder navegar: no dia 12 fiz pouso, avistando a aldêa do capitão Antonio.

Dia 13. — Passei por essa aldêa, a qual me ficou na terra firme do lado direito, onde se avistou a roça: á praia vieram apenas quatro Indios. Ao meiodia chegou-me um soccorro de cinco saccas e meia de farinha, e seguindo viagem ás horas do costume, fiz pouso em uma praia da esquerda por baixo de umas barreiras, que estão d'esse mesmo lado. O capitão Antonio, que havia acompanhado o cabo Arruda, desceu n'esta occasião a encontrar-se comigo, a fim de receber alguns brindes. A montaria que havia conduzido o soccorro voltou para cima.

Dia 14. — N'este dia não pude fazer viagem por se terem perdido dous camaradas no campo.

Dia 15. — Deixei gente com a igarité de descarreto para procurarem os camaradas que se haviam perdido: almocei em uma praia onde se achava o capitão Antonio, que com algumas familias regressava para sua aldêa.

Dias 16, 17 *e* 18. — Naveguei sem que houvesse nada de notavel,

(14) Instrumentos que com pequenas differenças servem em quasi todas as navegações para vencer a força das cheias.

á excepção de achar o rio muito corrente, e ser-me necessario navegar sempre a gancho e forquilha.

Dia 19.—Falhei a tarde por não terem apparecido os camaradas que tinham sahido a caçar.

Dia 20.—Não apparecendo aquelles camaradas, e não me restando mais do que uma unica sacca de farinha, ordenei que descessem tres camaradas em uma ubá de uns Indios que ahi appareceram, a fim de vêr o que era feito dos camaradas que haviam ficado perdidos no campo; e subi na igarité a encontrar-me com um dos conductores do soccorro, que segundo me informaram os Indios achava-se na pesca dos pirarucús, perto do encontro dos dous braços da ilha do Bananal.

Dia 21.—Voltei para o logar em que se achavam os barcos, e ahi achei os camaradas que tinham apparecido: mandei tres camaradas buscar soccorro na ubá, descansei no lago grande, e fiz pouso pouco acima.

Dia 22.—Descansei defronte da ponta da ilha do Bananal, e pousei na entrada do canal que tem o nome de Braço Falso.

N. B. Tendo encontrado no braço grande no dia 22 de Novembro, trinta dias se passaram primeiro que eu podesse alcançar a ponta de cima da ilha do Bananal. Se não fosse as muitas falhas que tive, e a enchente com que tive de lutar, é provavel que esta viagem se podesse fazer em vinte dias. Devo notar que este braço não é menos abundante de caça e de peixe do que o furo; n'elle se encontram muitos lagos, em que ha grande quantidade de pirarucús, e muitos campos, onde pastam muitos rebanhos de veados; o mesmo rio offerece abundante pesca de muitas especies de peixes grandes e pequenos.

As aldêas dos Carajás por onde passei constam em geral de oito a dez cabanas, contendo de vinte a trinta Indios, todos muito miseraveis e preguiçosos: eu brindei a cada uma d'essas aldêas com uma ou duas peças de ferramenta, e alguns objectos de menor valor: todos elles me pareceram mui bem dispostos a nosso respeito, e mostram desejar que continue a navegação. Julgo dever fazer

algumas observações sobre a grande ilha de Santa Anna: esta ilha, cuja largura o conde de Castelnau avalia de vinte e cinco a trinta leguas, não tem de certo menos de cem de comprimento; ella parece ser em geral baixa, tendo apenas algumas pequenas elevações cobertas de hervas pouco proprias de pastagens, e por essa razão ella é quasi sempre coberta d'um carrasco de mistura com um capim de altas dimensões, formando um denso capinal quasi impenetravel; e em outros logares, que se assemelham mais a mato do que a campo, o caçador encontra tantos embaraços para penetrar no interior da ilha, que antes quer voltar do que seguir; todavia acham-se alli alguns campos, onde bem como na terra firme se encontram muitos veados; o cervo porém é a caça mais commum n'aquella ilha.

Dia 23. — Cheguei ao lago do Zeferino, logar em que haviam estado os Indios Chavantes esperando os barcos a fim de negociarem, segundo me havia informado um dos conductores do soccorro.

Dia 24. — Posto que até este dia me não tivesse faltado farinha, todavia muitas murmurações iam apparecendo, e trabalhava-se já com pouca cautela e algum risco dos barcos; por isso não duvidei consentir que fossem ver se encontravam com os Indios Chavantes, entre os quaes esperavam achar algum recurso de mantimento.

Dia 25. — Andei até meio-dia, falhando por falta de farinha.

Dia 26. — Ao meio-dia chegaram a tal ponto as murmurações, que minha mulher não querendo estar presente e retirando-se para terra, um camarada que notou este passo de prudencia com incrivel arrogancia disse — quem não gostar do que estou dizendo metta algodão nos ouvidos. Então julguei que me não convinha expôr-me por mais tempo a estes e outros similhantes insultos, e embarquei-me na igarité de descarreto, tendo assentado de esperar os barcos no destacamento do Jamimbú: encontrando o soccorro mandei que seguisse para baixo ao encontro dos barcos, e eu continuei minha derrota para o destacamento, onde cheguei no dia 29 de Dezembro.

Dia 27. — Os barcos estiveram amarrados, chegando na tarde d'esse dia o soccorro com o mantimento sufficiente para chegarem a S. Joaquim de Jamimbú.

Dias 28, 29, 30 *e* 31. — A navegação d'estes dias foi summamente penosa e arriscada em razão de se achar o rio com grande enchente.

Dia 1.° *de Janeiro de* 1848. — Chegaram os barcos ao destacamento. Achando-me falto de viveres para continuar a viagem, entendi-me com o commandante militar sobre as providencias que se deviam dar a respeito, e lisongeei-me de que em oito dias poderia seguir a minha derrota; mas não aconteceu assim, a falta de utensís necessarios não permittiu que se me podesse apromptar vinte e tres alqueires de farinha em menos de dezeseis dias; accrescendo que as diligencias do commandante não obstavam a que grande parte de farinha que os roceiros iam fazendo não fosse distrahida nas vendas, que elles faziam aos camaradas e soldados. Bem extensos me pareciam estes dias em razão da grande quantidade de praga que ahi há!

Dias 16, 17 *e* 18. — Naveguei com muito trabalho por causa da cheia do rio, mas este começou a mostrar vasante. Appareceram então fortes ataques de febres intermittentes.

Dias 19 *a* 26. — Posto que o rio tornou-se melhor por ter vasado consideravelmente, todavia a viagem continuou vagarosa em razão de se achar a maior parte da tripolação atacada das febres: no dia 26 pousei defronte da capoeira de Manoel Pinto, pouco abaixo da barra do Rio Vermelho.

Dia 27. — Ás oito horas da manhãa entrei n'aquella barra: o rio ia um tanto cheio, e por isso naveguei sem incommodo, posto que o rio seja mui pequeno.

Dias 28, 29, 30 *e* 31. — A navegação d'estes dias foi trabalhosa por ser o rio de muita correnteza. No dia 31 ficou-me á direita a bocca do lago dos Tigres.

Dias 1 *e* 2 *de Fevereiro.* — Continuaram as correntezas, e por isso foi necessario grandes trabalhos para vencel-as.

Dia 3. — Foi necessario arrastar os barcos, e o mesmo aconteceu por muitas vezes no dia seguinte.

Dias 4, 5 *e* 6. — Continuou-se a arrastar os barcos, até que finalmente no dia 6 ás oito horas da manhãa aportei no porto de

Thomaz de Souza. Devo notar que eu tinha então farinha sufficiente, e facil me era haver a carne necessaria para continuar a minha viagem até o arraial da Barra, logar em que eu tencionava findar a minha navegação; porém a falta d'agua no Rio Vermelho, o máo estado dos barcos, a grande quantidade de pedras e páos que se encontra n'aquelle rio, forçaram-me a fazer ponto n'aquelle porto, dando-me ainda por muito feliz de ter concluido a minha viagem, se bem que menos feliz do que eu esperava.

Desejando ainda dizer alguma cousa que possa ser util á navegação, eu apresentarei o meu modo de pensar sobre a maneira de fazer chegar á capital de Goyaz os carregamentos que subirem do Pará. O Rio Vermelho é incapaz de navegação de barcos de negocio, salvas algumas occasiões em tempo d'aguas, e por isso assento que deve haver um novo systema de navegação por esse rio. Os barcos proprios são igarités, que deveráõ ser de um talho particular, isto é, razas, largas e de um comprimento proporcionado á largura: julgo que não me engano dando-lhes trinta e seis palmos de comprimento, doze de largura, e dous e meio de fundo. Estas igarités, cujo numero deverá ser o triplo dos barcos, deveráõ receber os carregamentos na barra do Rio Vermelho, no porto de Thomaz de Souza ou na barra do Itapirapuã, conforme a agua que tiver o Rio Vermelho, e descarregar-se no arraial da Barra; evitando-se d'est'arte as grandes despezas que se deve fazer nas conducções por terra de cada um d'aquelles portos ou de outros para esta cidade.

Recapitulando o que tenho feito ver da minha viagem, é claro que da confluencia do Araguaia ás primeiras aldêas vim em cincoenta e nove dias, d'estas á ponta de baixo da ilha do Bananal em trinta e quatro, e d'esta viagem seguida a S. Joaquim de Jamimbú quarenta, e d'ahi ao porto de Thomaz de Souza vinte e um, não contando a falha: sommando cento e cincoenta e quatro. Tantos foram os dias que gastei da barra do Araguaia ao porto de Thomaz de Souza; mas isto foi em consequencia de entrar muito tarde n'este rio. Devo pois notar, que descendo-se no tempo proprio, o que se deverá ter sempre em vista, da barra á Cachoeira grande não se gastará mais

de oito dias, e n'esta dez; d'esta ao sahir da cachoeira de S. Miguel nove; d'esta ás aldêas seis; d'esta á cachoeira de Santa Maria treze; d'ahi á cachoeira de Santa Anna cinco; d'esta cachoeira á ilha do Bananal oito; da ponta de baixo da ilha do Bananal á ponta de cima vinte e quatro; d'ahi ao destacamento seis; chegando a cento e nove os dias gastos dentro do Araguaia e Rio Vermelho: e sendo certo que se póde fazer a viagem para o Pará em trinta dias, que se póde aviar o negocio em dezeseis, e gastar-se na volta até á barra sessenta, segue-se que toda a viagem poderá effectuar-se em sete mezes e meio, isto é, o mesmo tempo que se gasta nas viagens da villa da Palma para o Pará pelo rio Tocantins, em barcos de porte de mil arrobas.

Pela exposição que acabo de fazer é claro que, se por um lado é possivel a navegação pelo rio Araguaia, por outro é evidente que é necessario muito cuidadosamente evitar aquellas circumstancias que podem tornar desgraçada uma viagem por este rio. Devo pois advertir que a descida deve ser cedo, isto é, no mez de Fevereiro, e ao mais tardar por todo o mez de Março: cada barco de negocio deve ter sua igarité de descarreto e montaria de caçar: a farinha que ficar reservada para a volta em S. João d'Araguaia não deve ser menos de dous alqueires por cada individuo: os navegantes devem ter em vista a sua posição entre os Indios, e agradal-os o mais possivel, evitando qualquer desavença por pequena ou particular que seja.

Resta-me emfim dizer que achando-se para mim reservada em parte a gloria de realisar um pensamento, que ha tempo occupava os espiritos dos verdadeiros amigos da prosperidade da nossa provincia, eu me terei por muito feliz se a minha viagem produzir os fructos que d'ella se deve esperar.

Goyaz, 27 de Março de 1848.

Rufino Theotonio Segurado.

DOCUMENTOS OFFICIAES INEDITOS

Relativos ao Alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lãa, etc.

(Copiados dos originaes existentes no Archivo publico nacional, e offerecidos ao Instituto pelo seu 1.º Secretario perpetuo Manoel Ferreira Lagos.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.

1. A Sua Magestade foi presente que na maior parte das capitanias do Brazil se tem estabelecido, e vão cada vez mais propagando, differentes fabricas e manufacturas, não só de tecidos de varias qualidades, mas até de galões de ouro e prata: igualmente tem chegado á Real presença informações constantes e certas dos excessivos contrabandos e descaminhos, que da mesma sorte se praticam nos portos e interior das referidas capitanias.

2. Os effeitos d'estas perniciosas transgressões se tem já feito e vão cada vez mais fazendo sentir nas alfandegas d'este reino, nas quaes não tendo diminuido os despachos e rendimentos das fazendas e generos do uso e consumo dos habitantes d'elle, demonstrativamente se conhece uma diminuição successiva e cada vez maior dos generos e fazendas que se exportam para o Brazil.

3. O administrador geral da alfandega, convencido d'estes factos pelo que vê com os seus olhos no despacho diario da mesma alfandega, e pelas noticias e informações adquiridas de diversas partes em razão do logar que igualmente occupa de intendente geral da policia, tem feito differentes representações similhantes ás das copias juntas debaixo dos n.os 1 e 2.

4. A junta das fabricas d'estes reinos, por meio do seu presidente, tem da mesma sorte posto na Real presença, que na fabrica das sedas que administra, havendo entre outros o importante artigo dos

galões, estes tiveram grande sahida para os dominios do Brazil, a qual tinha consideravelmente diminuido em gravissimo prejuizo da mesma fabrica, attribuindo esta differença ás manufacturas dos ditos galões de ouro e prata que se acham estabelecidas n'esses dominios portuguezes, constando aqui que para elles se remette clandestinamente d'esta côrte até fio de ouro e prata.

5. Ultimamente não só nas principaes villas e cidades dos portos de mar do Brazil, mas no interior do mesmo Brazil, particularmente em Minas Geraes, é constante os estabelecimentos das mencionadas fabricas, como se tem comprovado na Real presença por muitas e diversas amostras de tecidos, remettidas á esta secretaria d'estado, d'aquella capitania, e como igualmente se poderá ver nos registos das fazendas que annualmente se remettem para ella, e na diminuição que de alguns annos a esta parte se tem observado no contracto das entradas.

6. Dos contrabandos e descaminhos ainda ha noticias mais evidentes e demonstrativas: é certo que concluida a ultima guerra entre Inglaterra, França e Hollanda, todos os corsarios d'estas tres nações, principalmente das duas primeiras, se transmutaram na maior parte em outros tantos navios de commercio, e que não tendo França recuperado as colonias que anteriormente possuia, e a Gram-Bretanha tendo perdido uma grande parte das suas, é bem certo que aquellas duas nações, na falta dos proprios dominios, se não hão de esquecer dos alheios, principalmente dos portos do Brazil, convidados pelas riquezas e facil accesso d'elles, e pelo auxilio e cooperação dos seus habitantes, dispostos e propensos aos referidos contrabandos.

7. As Provincias Unidas Americanas, que de uma nação sujeita passaram a uma potencia livre e soberana, tendo grande quantidade de embarcações durante a guerra, que viviam do corso, tambem as veremos, quando menos o esperarmos, infestarem os portos e costas do mesmo Brazil, principalmente não lhes sendo desconhecidos, mas antes tendo sem interrupção frequentado aquelles mares, onde faziam e fazem a pesca das balêas.

8. As muitas e repetidas tomadias que se tem feito a bordo dos

navios que sahem d'esta capital e da da cidade do Porto para esses dominios, mostra bem o muito que n'elles se tem animado o contrabando, ainda pelos mesmos portos d'este reino, sem que bastem as assiduas cautelas que aqui se tem tomado para o cohibir.

9. Os Hollandezes já de muitos annos á esta parte fazem um frequente e não interrompido commercio de contrabando da costa d'Africa para os portos do Brazil, impondo-nos, além d'isto, um jugo tão intoleravel e tão injurioso, que até agora não ha exemplo que outra alguma nação, excepto a portugueza, se submettesse a supportar.

10. Os proprios navios portuguezes, principalmente os das capitanias da Bahia e Pernambuco, e os effeitos que elles levam, principalmente o tabaco e ouro para o resgate dos negros, são os que servem aos Hollandezes, e a seu exemplo aos Francezes e Inglezes para introduzirem nas mencionadas capitanias, d'ellas se espalharem por mar e terra em quasi todas as outras do Estado do Brazil os referidos contrabandos, como demonstrativamente se sabe por muitos e repetidos factos.

11. Além d'estes nocivos canaes da costa d'Africa, e dos nossos proprios navios, não são menos inundados os mares e costas d'esses dominios portuguezes das mesmas embarcações estrangeiras, as quaes, ou pelos portos em jangadas e outras pequenas embarcações, ou pela costa, ou ainda no mar por encontros ajustados com os nacionaes, praticam sem o menor obstaculo os mencionados contrabandos.

12. Até agora se promoviam e praticavam estes debaixo de algumas cautelas e disfarces, presentemente porém tem chegado a relaxação a tal extremo, que já na bolsa de Londres se fazem seguros dos navios inglezes com determinado destino para o Brazil: nas gazetas d'aquelle reino tambem com toda a publicidade se annunciam pelos seus proprios nomes e dos seus respectivos capitães as embarcações que alli se preparam, ou que estão com carga e promptas a sahir para o mesmo Brazil.

13. Ultimamente o consul da Gram-Bretanha, em uma memoria que da parte d'El-Rei seu amo e por ordem sua apresentou n'esta

côrte, sobre objectos de commercio entre este e aquelle reino, não duvidou confessar com toda a ingenuidade e franqueza o negocio clandestino que faziam os Inglezes em direitura para esses dominios d'esta corôa, na fórma que V. Ex.ª verá da copia junta debaixo do n.º 3.

14. São dignas da mais circumspecta reflexão os termos com que se explica o consul inglez; porque não só assevera que doze navios inglezes, o menor de quinhentas a seiscentas toneladas, com artilharia proporcionada, e quarenta a cincoenta homens de equipagem, vão annualmente carregados de manufacturas britannicas para o Brazil; mas que os homens de negocio brazileiros remettendo os seus assucares aos seus correspondentes em Lisboa, lhes ordenam de lhes não mandarem d'aqui em retorno fazendas da Europa, e só sim moeda corrente, não só por se acharem os seus armazens abundantemente providos d'ellas, mas por terem meios de haver as ditas fazendas por outras vias a preços mais commodos que aquelles com que ellas lhe vão carregadas de Portugal: concluindo o dito consul a sua narrativa com as informações particulares, por onde diz que lhe constava de se haver proposto do mesmo Brazil a um negociante de credito estabelecido n'esta côrte um plano de sociedade para um commercio immediato entre Inglaterra e uma parte d'America Portugueza, o qual commercio deixaria de lucro de trinta a cincoenta por cento, abatidos todos os riscos, sustentado com força sufficiente contra quem o quizesse embaraçar. E isto é o que um consul da Gram-Bretanha representa e segura, não como noticias abstractas e duvidosas, nem repetidas como taes occasionalmente em um encontro ou conversação particular, mas asseveradas em uma memoria ministerialmente apresentada por elle em nome d'El-Rei seu amo, para ser presente á Rainha nossa senhora.

15. O mesmo consul tambem accrescenta, que se acaso se duvidar d'estes factos, um exame nas alfandegas do Brazil, em que se veja a quantidade de fazendas que n'ellas se tem despachado e despacham, confirmará além de outras provas a verdade d'elles: e ainda que até agora se não tenha feito, como se deve fazer, o referido exame nas

mencionadas alfandegas, a visivel e ruinosa diminuição, que se observa na de Lisboa em os despachos que n'ella se fazem para os portos do Brazil na fórma acima referida; as consideraveis porções de ouro, que pelos navios americanos que fazem o negocio da costa d'Africa e por outros differentes canaes se extrahem d'esses dominios para os reinos estrangeiros; as que vem igualmente extraviadas e fóra dos registos, e ainda as lançadas n'elles remettidas aos mesmos estrangeiros residentes n'esta cidade e na do Porto, para serem, como são, exportadas para fóra do reino; as muitas e importantes partidas de diamantes do Brazil extraviados das minas, que apparecem e se diffundem na praça de Amsterdão por diversas mãos em nociva e prejudicialissima concurrencia com os diamantes do contracto, que hoje se administra por conta da real fazenda; e em fim as diminutas remessas de cabedal que annualmente se mandam a este reino, pertencentes á mesma real fazenda, e procedidas dos quintos dos contractos, e de outros rendimentos de que se fórma o patrimonio regio nas differentes capitanias do Brazil; reduzido tudo, como presentemente se acha, a uma somma verdadeiramente insignificante, que annualmente se remette ao real erario: todos estes indubitaveis e constantes factos visivelmente mostram que a principal causa e origem d'elles procede de uma geral e perniciosissima contaminação de descaminhos e contrabandos, dispersa por todas ou quasi todas as referidas capitanias: e que si não se cuidar efficazmente nos meios e modos de os cohibir, a consequencia será que todas as utilidades e riquezas d'estas importantissimas colonias ficarão sendo patrimonio dos seus habitantes e das nações estrangeiras, com quem elles as repartem, e que Portugal não conservará mais que o apparente, esteril e inutil dominio n'ellas.

16. Em consequencia d'estas reflexões, que com a devida circumspecção e madureza foram vistas, ponderadas e examinadas na Real presença: houve Sua Magestade por bem ordenar que o resumo d'ellas se remettesse em cartas circulares a V. Ex.ª, e a todos os governadores e capitães generaes do Estado do Brazil, para que á vista do mesmo resumo, e conhecendo por elle a delicada situação

a que tem chegado, e em que se acham esses dominios, empreguem todo o seu cuidado e vigilancia em os preservar da ultima ruina que os ameaça: e sendo as fabricas e manufacturas, e os contrabandos e descaminhos, a origem de todo o mal, ellas e elles são os que mais instam para um prompto e efficaz remedio.

17. Quanto ás fabricas e manufacturas é indubitavelmente certo que sendo o Estado do Brazil o mais fertil e abundante em fructos e producções da terra, e tendo os seus habitantes, vassallos d'esta corôa, por meio da lavoura e da cultura, não só tudo quanto lhes é necessario para sustento da vida, mas muitos artigos importantissimos para fazerem, como fazem, um extenso e lucrativo commercio e navegação; se a estas incontestaveis vantagens ajuntarem as da industria e das artes para o vestuario, luxo e outras commodidades precisas, ou que o uso e costume tem introduzido, ficaráõ os ditos habitantes totalmente independentes da sua capital dominante: é por consequencia indispensavelmente necessario abolir do Estado do Brazil as ditas fabricas e manufacturas: e isto é o que Sua Magestade ordena que V. Ex.ª execute, e faça executar n'essa capitania e nas que lhe são subordinadas, com a prudencia e discernimento com que sempre obra, e que as circumstancias d'ellas e a gravidade d'esta commissão exigem.

18. Com este fim deve V. Ex.ª, antes de outro algum procedimento, informar-se particularmente de todas e cada uma das referidas fabricas e manufacturas que se acharem estabelecidas n'essa capital, e nos mais districtos do seu governo e subordinados a elle, quaes são os sitios e logares em que ellas existem, quaes os proprietarios e interessados a que pertencem, que numero de operarios se empregam nos teares, tinturarias, fiados e mais officinas de cada uma das referidas fabricas, e quaes são os tecidos e obras que em cada uma d'ellas se fabricam, para de tudo mandar V. Ex.ª fazer uma relação exacta e circumstanciada, que deve remetter a esta secretaria d'estado para ser presente a Sua Magestade.

19. Todas as fabricas e manufacturas de galões ou tecidos de ouro e prata, de veludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qual-

quer qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombazinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazendas de algodão, ou de linha branca ou de côres, excepto as abaixo declaradas; e de pannos, baetas, droguetes, saetas, durantes, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lãa, ou cada uma das ditas fazendas seja fabricada de um só dos referidos generos de ouro, prata, seda, algodão, linho, lãa, ou misturada e tecida de uns com os outros, como tambem as fabricas e manufacturas de chapéos, sejam todas abolidas e extinctas: excitando V. Ex.ª, e mandando pôr na sua rigorosa e inviolavel observancia, não só as prohibições que ficam acima indicadas, mas a que já se acha estabelecida e promulgada para a extincção das officinas e officio de ourives, e contra todos os que trabalham em ouro reduzindo-o a peças e obras pertencentes ao mesmo officio.

20. Attendendo Sua Magestade porém ao grande numero de escravatura, Indios, e familias indigentes dispersas por todas as capitanias do Brazil, e ao grave incommodo que lhes causaria se houvessem de se vestir de fazendas, ainda das mais ordinarias, remettidas da Europa: manda exceptuar da geral prohibição acima indicada as manufacturas e teares de pannos grossos de algodão, que servem ordinariamente para o uso e vestuarios dos referidos negros, Indios e pobres familias, e para enfardar e empacotar fazendas, ou outros usos similhantes: tendo V. Ex.ª grande cuidado em que debaixo do pretexto dos sobreditos pannos grossos se não manufacturem por modo algum os que ficam geralmente prohibidos.

21. Sua Magestade deixa ao prudente arbitrio e conhecido discernimento de V. Ex.ª o modo mais suave e menos violento de se executarem as referidas ordens, ou mandando V. Ex.ª vir á sua presença os donos e interessados nas mencionadas fabricas, e ordenando-lhes que no curto espaço de tempo que V. Ex.ª achar conveniente assignar-lhes elles as desmanchem e desfaçam para mais não usar d'ellas, evitando assim que V. Ex.ª as mande destruir; ou quando este methodo não pareça sufficiente nem efficaz (ainda que por ser de menos ruido seja o melhor em negocios similhantes) fazendo V. Ex.ª publicar o alvará a que esta serve

de coberta, e dando todas as providencias e ordens necessarias para a sua devida e inviolavel observancia.

22. Quanto aos contrabandos e descaminhos, elles se praticam pelás embarcações portuguezas e estrangeiras, que os fazem nos portos e costas d'esses dominios, mediante o auxilio e cooperação dos naturaes e outros habitantes da America, os quaes com algumas das suas producções, principalmente o ouro e diamantes, tambem extraviados, promovem e animam reciprocamente estas transgressões.

23. É bem certo que ellas não se podem evitar na sua totalidade, mas tambem é certo que quanto mais difficeis, custosas e perigosas se fizerem, á força de cuidado e vigilancia para as prevenir, menos ha de haver; porque o risco lhes augmenta o preço, e diminue por consequencia o consumo, e a perda das tomadias desanima, ou pelo menos incommoda, se não a todos, a muitos dos contrabandistas.

24. N'esta intelligencia, ordena Sua Magestade que tomando V. Ex.ª este negocio como um dos mais importantes aos interesses da sua corôa, e á conservação d'esses dominios, mande dar todas as providencias, e tomar todas as cautelas que forem necessarias, e que poderem ser praticaveis, para occorrer a um mal, não só pernicioso pelos grandes prejuizos que já está causando, mas perniciosissimo pelas fataes consequencias d'elle.

25. Entre as ditas providencias e cautelas a primeira e mais indispensavelmente necessaria é a vigilancia que deve haver com os navios que sahem dos portos d'este reino para o d'essa capital, e igualmente com os que pertencendo á essa mesma capital, voltam á ella com os retornos do seu commercio, e os que sendo de outras capitanias, particularmente da Bahia, navegam tambem para esse porto. As cautelas que aqui se tomam com os primeiros dos mencionados navios são: apresentarem os capitães ou carregadores ao administrador geral da alfandega conhecimentos em fórma de todos os effeitos e fazendas de que se compõe a carga do dito navio; e ainda que os fardos regularmente não são aqui abertos, porque o devem ser na alfandega d'essa capital, vem comtudo especificado e declarado nos ditos conhecimentos o numero, quantidade e qualidade

de fazendas comprehendidas em cada fardo, e por elles se pagam aqui os direitos, remettendo-se depois os mesmos conhecimentos ao juiz da alfandega d'essa capital, para que á vista d'elles tudo o que se achar de mais ou diverso, seja dentro dos fardos ou do navio, se aprehenda como desencaminhado ou de contrabando.

26. Todo o bom successo d'esta util providencia e das mais que ahi se derem, assim a respeito dos navios pertencentes aos vassallos d'este reino, como aos de que acima se faz menção, bem vê V. Ex.ª que depende essencialmente em primeiro logar de haver no Rio de Janeiro um juiz d'alfandega activo e vigilante em cumprir com as suas obrigações, e fazer com que os seus officiaes subalternos cumpram com as suas.

27. Em segundo logar de haver um guarda mór da mesma alfandega independente e igualmente activo em vigiar e previnir nas descargas dos mesmos navios as prevaricações com que ellas se costumam fazer, sem se fiar de modo algum dos guardas que se lhes mettem á bordo, sendo estes por via de regra os que mais contribuem e cooperam para ellas.

28. Em terceiro logar de haver n'esse porto o numero de escaleres armados, ou de outras embarcações miudas, mas tambem armadas, que a V. Ex.ª parecer sufficiente e necessario, confiando-se estas a pessôas particulares ou a officiaes subalternos da escolha de V. Ex.ª, que as guarneçam, e que succedendo-se umas ás outras, rondem de dia e de noite, sempre que o tempo o permittir, não só junto dos navios que se acharem surtos n'esse porto, mas dos differentes surgidouros, entradas e logares de desembarque n'elle, revistando todas as embarcações miudas que lhes fôrem suspeitas, e aprehendendo aquellas que acharem em commisso de contrabando, dando as ditas pessôas, ou officiaes encarregados d'esta commissão, uma conta regular e immediata a V. Ex.ª, e a ninguem outrem, de tudo o acontecido nas suas differentes rondas, e ajuntando a ella debaixo de todo o segredo os indicios e observações do que poderem descobrir, sobretudo o que disser respeito a este importante objecto, para V. Ex.ª em consequencia d'estas noções, e parecendo-lhe

dignas de attenção, poder dar as providencias que lhe parecerem mais convenientes.

29. Em quarto e ultimo logar, como as referidas cautelas da parte do porto não podem ser certamente sufficientes, considerada a sua grande extensão, e não menor a quantidade de surgidouros, praias e sitios accessiveis do mesmo porto, e tendo V. Ex.ª debaixo do seu commando as tropas pagas e auxiliares, e achando-se igualmente n'essa capital os ministros de que se compõe a Relação, e que occupam outros logares de justiça e fazenda, todos obrigados sem excepção de algum a se prestarem a tudo o que melhor possa contribuir para bem do real serviço, principalmente em negocio de tanta importancia, como o de que se trata: ordena Sua Magestade, que além das cautelas acima indicadas da parte do referido porto, tome V. Ex.ª outras similhantes da parte do continente por meio de destacamentos, partidas e guardas, nos sitios que parecerem mais adequados, e nas estradas e caminhos que se fizerem mais suspeitosos: ordenando igualmente ao ministro ou ministros, que melhor lhe parecerem, que entrem e dêem buscas exactas nas lojas dos mercadores, aprehendendo e autuando todas as fazendas que acharem sem sello, e procedendo contra os donos d'ellas segundo a disposição das leis; praticando-se o mesmo a respeito dos vendilhões que passam e vendem pelas casas as referidas fazendas.

30. Depois d'estas prevenções que respeitam á essa capital e ao seu porto, não são menos necessarias outras ainda mais efficazes a respeito do continente, portos e costas de toda essa capitania: é certo que os navios portuguezes, ou sejam os que vão d'este reino, ou os que pertencem á essa capital, ou os da Bahia, e de outros portos da America que fazem o commercio de porto a porto, e além d'elles muito principalmente os navios estrangeiros, se tiverem modo e facilidade de fazerem o contrabando nos referidos portos e costas, não o hão de intentar n'essa ou por essa capital; nem a publicidade com que em Londres se annunciam, até nas gazetas, as embarcações que carregam e se destinam aos mares do Brazil, é por ignorarem os Inglezes que similhantes embarcações não hão de ser admittidas,

nem poder entrar nos portos principaes do mesmo Brazil, sem se exporem a uma rigorosa confiscação, mas é por conhecerem que nos outros portos, enseadas, corregos e logares mais distantes e menos frequentados, mas igualmente accessiveis e seguros, das costas d'esses dominios, em logar de obstaculos da parte do governo, que embaracem os referidos contrabandos, hão de encontrar cooperação e auxilio da parte dos habitantes, para os promover e animar, convidando-os principalmente com os extravios do ouro e diamantes.

31. A Sua Magestade é bem constante a impraticabilidade de se poderem vedar nem preservar como devem ser as costas do Brazil d'estas transgressões, e de serem cada vez mais infestadas d'ellas, até chegarem ao extremo de se fazerem inevitaveis, sem ser por meio de uma força naval, que quanto antes se mande crusar na costa do Brazil, não havendo até agora exemplo de alguma potencia ou nação que intentasse ou podesse conservar colonias e conquistas sem ser por meio da referida força, e as que as possuem sem ella não tem nas mesmas colonias e conquistas mais que um dominio precario inteiramente exposto e sujeito aos accidentes fataes de que são tantos, tão conhecidos e tão funestos os exemplos.

32. Em quanto porém Sua Magestade não determinar sobre este importante negocio o que lhe parecer mais conveniente ao seu real serviço, deve V. Ex.ª tomar a respeito dos portos, costas e continente d'essa capitania, todas aquellas cautelas, e dar aquellas providencias que as faculdades d'ella poderem permittir.

33. Uma das que se fazem mais indispensavelmente necessarias é mandar V. Ex.ª armar logo duas embarcações pequenas ou sumacas com sufficiente guarnição, e com officiaes de intelligencia e capacidade que as commandem, uma para explorar a costa da parte do norte até á capitania do Espirito Santo, outra da parte do sul até á ilha de Santa Catharina, entrando as ditas embarcações nos portos, enseadas e mais sitios accessiveis da mesma costa, e examinando si n'elles se acham fundeadas algumas embarcações nacionaes ou estrangeiras, se fazem commercio, ou o motivo que tem para alli se demorar; se nos mesmos portos ha barcos, jangadas ou outras embarcações miudas, que sirvam de conduzir para terra as fazendas de bordo dos navios,

e informando-se em fim de tudo o mais que possa ser relativo ao trafico, communicação e frequencia que haja ou possa haver em cada um dos referidos portos, e d'elles para o continente: fazendo de tudo os ditos officiaes diarios e relações exactas, que devem trazer á presença de V. Ex.ª, logo que voltarem das suas commissões, repetindo-se este mesmo serviço infallivelmente todos os annos nas proprias estações em que elle é praticavel.

34. Outra providencia ou cautela não menos necessaria é mandar V. Ex.ª expedir ordens circulares a todos os capitães móres, mestres de campo, sargentos móres e outros commandantes dos differentes districtos d'essa capitania, muito particularmente aos que se acharem mais chegados aos portos, enseadas e logares accessiveis d'ella da parte do mar, para que tenham todo o cuidado e vigilancia em vedar o commercio clandestino e prohibido que por elles se intente fazer, pondo guardas, e fazendo rondar patrulhas nas paragens que lhes parecerem mais proprias, communicando-se uns com outros, auxiliando-se mutuamente ao referido fim, prendendo os contrabandistas com o que se lhes achar, para serem processados e condemnados na conformidade das leis: e dando regularmente conta a V. Ex.ª, assim das suas disposições, como de todos os acontecimentos que occorrerem nos seus respectivos districtos.

35. Sendo indispensavelmente necessario que com estas differentes providencias e cautelas se faça uma proporcionada despeza: ordena Sua Magestade que pela sua real fazenda mande V. Ex.ª contribuir com o que fôr preciso para ellas, tendo particular attenção a que a tropa auxiliar composta de paisanos que vivem do seu trabalho, e que são tirados d'elle e de suas casas para se occuparem no real serviço, em quanto se acharem empregados n'elle e nas rondas, guardas e outras diligencias do mesmo real serviço, devem vencer soldo e pão como a tropa paga.

36. Ultimamente, para mais se consolidarem as disposições que ficam acima indicadas, remetto a V. Ex. o alvará junto, para o fazer dar á sua devida execução.

Deus guarde á V. Ex. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda, em 5 de Janeiro de 1785. — *Martinho de Mello e Castro.*

Copia n.º 1. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Devo pôr na presença de V. Ex.ª que insta as providencias que representei na conta que dei a V. Ex.ª, na data de 10 de Abril d'este anno, para evadir as transgressões das leis que se encaminham a cohibir os contrabandos e entrada dos navios estrangeiros nos portos da America, pois no mez passado sahiram seis navios de Londres e Falmouth para a costa do Brazil carregados de fazendas; o que me denunciou um Inglez commerciante d'esta praça, apontando com miudeza todas as circumstancias que quer fazer certo, permittindo V. Ex.ª que elle vá á sua presença em hora que as exponha sem que se possa presumir o fim a que vai.

Tambem devo outra vez lembrar a V. Ex.ª quanto se faz necessario na America o prohibir os teares das diversas manufacturas que alli se acham estabelecidos, e cada dia vai em augmento o seu numero, como já ponderei a V. Ex.ª na mesma conta: V. Ex.ª conhece mui bem as tristes circumstancias que se podem seguir a este reino, e á fazenda de Sua Magestade, se se deixarem continuar e crear raizes estes dous objectos, porque depois será difficultoso o cohibil-os: queira V. Ex.ª expôr tudo a Sua Magestade, para a mesma Senhora resolver o que fôr servida.

Lisboa, 6 de Outubro de 1784. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Martinho de Mello e Castro. — O Intendente geral da policia *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

Copia n.º 2. — Ill.mo e Ex.mo Sr. — Consta-me por alguns commerciantes, assim estrangeiros como nacionaes, que de algum tempo a esta parte tem ido varias embarcações de fazendas de toda a qualidade em direitura dos portos estrangeiros para as Americas Portuguezas, a fim de alli se introduzirem clandestinamente; chegando até a segurar-se na praça de Londres uma das mesmas embarcações por cento e sessenta mil cruzados, e se segurariam as mais que se expediram se houvesse quem quizesse tomar o seguro.

Não me é novo a mim o intentar-se este contrabando, porque muito eu a honra de servir de superintendente geral dos contrabandos e descaminhos dos reaes direitos, logar que creei de novo, embaraciei dous famosos contrabandos feitos, um na costa do Ceará, e outro na Bahia de Todos os Santos, os quaes se introduziram em navios hollandezes, e tambem me constou de outros muitos que se tinham feito e descarregado em sumacas, nas quaes se transportaram para diversos portos das capitanias de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Tambem conheci pelas exactas averiguações que então fiz, que muitos dos navios que sahiam dos portos de Lisboa, Porto, Ilhas, e com particularidade da Madeira, levavam grande quantidade de fazendas desencaminhadas, e com especialidade de contrabando, parte das quaes conduziam para fóra da barra em embarcações de pescar, e ahi as introduziam em os navios, e a outra parte mettiam dentro em fardos iguaes no volume, numero e marcas, e os embarcavam todos com um só despacho que tiravam, e assim continuavam successivamente em todos os dias, servindo-se em cada um d'elles de um só despacho, que lhe durava até encontrarem algum official, que revendo-lh'o, lhe difficultasse por aquelle dia a continuação do seu contrabando.

Lembrei-me para os evitar de obrigar os negociantes a apresentarem-me uma relação por elles assignada das fazendas que embarcavam em cada navio, com o numero dos volumes, marcas, quantidade e qualidade de fazenda; a qual relação com uma guia, que mandava fazer e fechar na minha contadoria, dirigia ao juiz da alfandega para onde iam destinadas as embarcações, a fim d'elle, na abertura que fizesse dos volumes, poder combinar o que alli achava com o despacho de Lisboa, e vir no conhecimento se tinha havido alguma fraude.

D'esta providencia se seguiu nos primeiros annos uma grande utilidade, e pelas tomadias que se fizeram n'aquellas alfandegas da America se veio no conhecimento que se praticavam todos estes

descaminhos; mas tem-se afrouxado na execução d'ella, como succede a todas as mais depois que passam alguns annos: este porém é o meio mais efficaz para evadir os contrabandos e descáminhos n'aquellas capitanias, e tambem o ordenar-se que logo que chegue aos portos d'ellas qualquer navio, se faça descarregar immediatamente sem interrupção, pondo-se-lhe rondas e embarcações de remo em quanto se conservar carga a bordo, tendo-se particular cuidado que a gente da tripolação e passageiros em quanto estiver a mesma carga a bordo, e não forem visitados os navios, não possam desembarcar senão em a ponte da alfandega tantas quantas vezes forem e vierem para bordo, examinando-se os paióes e logares escuros dos navios, porque é ordinariamente onde vão introduzidos os mesmos contrabandos e descaminhos: lembrando a V. Ex.ª que em barrís de alcatrão, garrafas com capas de esparto fingindo serem de vinho, e barricas de biscouto e bolacha, tenho achado latas de folha cheias de galões, fitas e outras fazendas similhantes para passarem áquelle Estado.

E como tenho noticia que em sumacas e jangadas se tem descarregado muitas das mesmas fazendas fóra das barras das mesmas capitanias, em quanto Sua Magestade não mandar algumas embarcações de guerra para acautelar estes descaminhos e contrabandos, será moralmente impossivel o conseguir-se o fim util de os evitar.

A junta das fabricas se queixa da falta de consumo que tem tido nos galões, nas rendas de ouro e prata, e outras fazendas; e eis aqui tem nos contrabandos o motivo da sua queixa, e tambem nos muitos teares de galões e de outras manufacturas, que se tem levantado em algumas capitanias, tão prejudiciaes como V. Ex.ª não ignora.

O que tudo V. Ex.ª tomará na sua consideração, e resolverá o que lhe parecer acertado.

Lisboa, 3 de Dezembro de 1784. — Illmo e Exmo Sr. Martinho de Mello e Castro. — O Intendente geral da policia da côrte e reino *Diogo Ignacio de Pina Manique.*

Copia n.º 3. — Traducção de alguns paragraphos do officio que o consul geral da Gram-Bretanha por ordem d'El-Rei seu amo apresentou n'esta côrte em o 1.º de Outubro de 1784.

§ 68 no fim. Doze navios grandes (o menor de quinhentas a seiscentas toneladas) com artilheria proporcionada, e quarenta a cincoenta homens de equipagem, vão annualmente carregados de manufacturas britannicas para o Brazil.

§ 69. Si se duvidar d'este facto, as alfandegas d'aquelle continente mostraráõ a quantidade de fazendas que alli se tem despachado: e se é necessaria outra prova, eu tenho uma gazeta ingleza vinda no ultimo paquete, que annuncia formalmente dous navios a partir para o Brazil, e antes d'elles tinham partido outros dous. Os ultimos navios que d'aquelle continente chegaram a Lisboa trouxeram ordens para alguns negociantes remetterem, em retorno dos assucares, moeda corrente; que os Brazileiros dizem ter meios de empregar, e ordenam que de nenhum modo lhe remettam de Lisboa fazendas da Europa, porque tem os seus armazens cheios d'ellas, e mais baratas que em Portugal.

§ 70. Não posso em fim deixar em silencio, que por informações particulares me consta que do Brazil se propôz a um negociante muito acreditado um plano de sociedade para um commercio regular entre a Inglaterra e uma parte do Brazil, o qual commercio deixaria de lucro de trinta a cincoenta por cento, abatidos todos os riscos, e protegido com força sufficiente para embaraçar qualquer tomadia que se pretendesse fazer.

Copia. — Eu a Rainha. Faço saber aos que este alvará virem: que sendo-me presente o grande numero de fabricas e manufacturas, que de alguns annos a esta parte se tem diffundido em differentes capitanias do Brazil, com grave prejuizo da cultura e da lavoura, e da exploração das terras mineraes d'aquelle vasto continente; porque havendo n'elle uma grande e conhecida falta de população, é evidente que quanto mais se multiplicar o numero dos fabricantes, mais diminuirá o dos cultivadores, e menos braços haverá que se possam

empregar no descobrimento e rompimento de uma grande parte d'aquelles extensos dominios, que ainda se acha inculta e desconhecida: nem as sesmarias, que formam outra consideravel parte dos mesmos dominios, poderáõ prosperar nem florescer por falta do beneficio da cultura, não obstante ser esta a essencialissima condição com que foram dadas aos proprietarios d'ellas: e até nas mesmas terras mineraes ficará cessando de todo, como já tem consideravelmente diminuido, a extracção do ouro e diamantes, tudo procedido da falta de braços, que devendo empregar-se n'estes uteis e vantajosos trabalhos, ao contrario os deixam e abandonam, occupando-se em outros totalmente differentes, como são os das referidas fabricas e manufacturas: e consistindo a verdadeira e solida riqueza nos fructos e producções da terra, as quaes sómente se conseguem por meio de colonos e cultivadores, e não de artistas e fabricantes: e sendo além d'isto as producções do Brazil as que fazem todo o fundo e base, não só das permutações mercantis, mas da navegação e do commercio entre os meus leaes vassallos habitantes d'estes reinos e d'aquelles dominios, que devo animar e sustentar em commum beneficio de uns e outros, removendo na sua origem os obstaculos que lhe são prejudiciaes e nocivos: em consequencia de tudo o referido hei por bem ordenar que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata: de velludos, brilhantes, setins, tafetás, ou de outra qualquer qualidade de seda: de belbutes, chitas, bombazinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão ou de linho, branca ou de côres: e de pannos, baetas, droguetes, saetas, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lãa; ou os ditos tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou misturados e tecidos uns com os outros; exceptuando tão sómente aquelles dos ditos teares e manufacturas em que se tecem ou manufacturam fazendas grossas de algodão, que servem para o uso e vestuario dos negros, para enfardar e empacotar fazendas, e para outros ministerios similhantes; todas as mais sejam extinctas e abolidas em qualqner parte onde se acharem nos meus dominios do Brazil, debaixo da pena do perdimento em tresdobro do valor de

cada uma das ditas manufacturas ou teares, e das fazendas que n'ellas ou n'elles houver, e que se acharem existentes dous mezes depois da publicação d'este; repartindo-se a dita condemnação metade a favor do denunciante, se o houver, e a outra metade pelos officiaes que fizerem a diligencia; e não havendo denunciante, tudo pertencerá aos mesmos officiaes.

Pelo que: mando ao presidente e conselheiros do conselho ultramarino; presidente do meu real erario; vice-rei do Estado do Brazil; governadores e capitães generaes, e mais governadores e officiaes militares do mesmo Estado; ministros das relações do Rio de Janeiro e Bahia; ouvidores, provedores e outros ministros, officiaes de justiça e fazenda, e mais pessôas do rèferido Estado, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio de Nossa Senhora da Ajuda em cinco de Janeiro de mil setecentos oitenta e cinco. — Rainha. — Martinho de Mello e Castro. — *Alvará por que Vossa Magestade é servida prohibir no Estado do Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lãa, ou os tecidos sejam fabricados de um só dos referidos generos, ou da mistura de uns com os outros, exceptuando tão sómente as de fazenda grossa do dito algodão.* — Para Vossa Magestade ver. — *José Theotonio da Costa Posser* o fez.

Illmo e Exmo Sr. — Havendo recebido a real ordem de Sua Magestade para fazer executar n'estes dominios o alvará que manda extinguir todas as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, além dos mais teares de algodão ou linho, com a excepção indicada no sobredito alvará, mandei primeiro com o maior disfarce averiguar o numero dos que se achavam aqui existentes, e as pessôas que se occupavam n'aquelles tecidos e manufacturas,

a fim de se poder entrar n'este negocio com o mais prompto e verdadeiro conhecimento, que requer a sua particular importancia. Depois de ficar na intelligencia de serem todas as referidas fabricas ou teares os que se comprehendem na relação debaixo do n.° 1, commetti esta diligencia ao desembargador e provedor da fazenda real, que passando á casa dos seus donos, fez desmanchar os que se achavam armados, e ajuntar os que mostravam não ter prestimo ou continuado ministerio, fazendo-os immediatamente conduzir aos armazens reaes d'esta provedoria, aonde foram reservados até os mesmos donos tomarem a deliberação, que lhes foi insinuada, de os remetter para essa côrte em navios da sua escolha e eleição, para se lhes dar sahida a seu arbitrio, precedendo os avisos, que deviam fazer aos seus correspondentes; como mostram os autos de diligencia, que remetto por copia debaixo do n.° 2, nos quaes vão tambem declarados alguns teares de pouca consideração, e propriamente destinados para tecidos de grossarias, com quem se praticou a permissão que recommenda o sobredito alvará.

Vendo porém que nos navios que d'aqui tem sahido se não haviam feito estas remessas, e que nem os donos dos teares aprehendidos davam a menor demonstração de os aproveitar, como lhes foi determinado, ordenei ao mesmo provedor que os chamasse outra vez para saber d'elles o fim á que se encaminhava o seu silencio: e todos uniformemente assignaram o termo que vai inserto nos mesmos autos, pelo qual se obrigaram a não pretender cousa alguma dos mesmos teares, sujeitando-se voluntariamente ao que Sua Magestade houvesse de dispôr a respeito d'elles. Por isso os faço transportar para essa côrte na presente náo de guerra *Nossa Senhora de Belém*, como mostra o conhecimento incluso, para V. Ex.ª mandar praticar o que fôr mais conveniente ao real serviço, segundo o prestimo e o estado em que se acharem.

Aos governadores do Rio Grande e de Santa Catharina, e ao ouvidor da comarca dos Campos dos Goytacazes, remetti copias authenticas do mesmo alvará para n'aquelles districtos se proceder tanto á extincção de outras similhantes fabricas, como á prohibição dos referidos tecidos e manufacturas: e ainda que me persuado que os teares que n'elles

podem existir são proprios para as permittidas e tôleradas, comtudo não deixarei pela minha parte de fazer executar as reaes ordens em qualquer caso comprehendido na prohibição do dito alvará, como Sua Magestade tem determinado ao dito respeito.

Deus guarde a V. Ex.ª Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1788. — Sr. Martinho de Mello e Castro. — *Luiz de Vasconcellos e Souza.*

Copia n.º 1. — *Relação das pessôas que n'esta cidade tem teares, com declaração da qualidade dos tecidos.*

Pessôas que tem teares de tecidos de ouro e prata.

Jacob Munier, cinco teares, quatro armados e um desarmado.
O capitão José Antonio Lisboa, tres teares.
Miguel Xavier de Moraes, um tear.
José Maria Xavier, um tear.
Sebastião Marques, dous teares e um mais pequeno desarmados.

Pessôas que tem teares de tecidos de lãa, linho e algodão.

João Monteiro Celi: tem teares de grossarias de algodão, em que algumas vezes fabricava uns cobertores felpudos de algodão fino, e pannos grossos ou baetões do mesmo algodão.

José Luiz: tem teares da mesma qualidade de grossaria de algodão, nos quaes algumas vezes fabricava toalhas de mesa e guardanapos.

José Francisco: tem teares da mesma qualidade, em que fabricava o mesmo que o antecedente.

Antonio José.
Antonio de Oliveira do Amaral.
Maria da Esperança.
Francisco de S. José.
Custodio José.
Manoel de Moraes.
Maria Antonia.
Anna Maria.

} Todos tem teares da mesma qualidade, em que fabricavam o mesmo que o antecedente.

Copia n.º 2. — *Provedoria da Real fazenda. — Rio de Janeiro. — Autos sobre a ordem de Sua Magestade que manda extinguir as fabricas e teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, como adiante se declara.*

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e oitenta e oito, aos quatorze dias do mez de Janeiro do dito anno, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em casas de minha morada, ahi autuei a ordem do Ill.mo e Ex.mo Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra do Estado do Brazil, dirigida ao desembargador provedor da real fazenda José Gomes de Carvalho, que mande executar o alvará comprehendido na mesma ordem, o que tudo é o que ao diante se segue; do que para constar fiz este auto: eu Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real, que o escrevi.

Havendo Sua Magestade ordenado pelo alvará, que mostra a copia authentica junta, que todas as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, sejam extinctas em qualquer parte aonde se acharem n'estes dominios, como tambem todos os mais teares de algodão ou de linho, com a excepção indicada no mesmo alvará, e commettendo-me a execução d'elle por ordens particulares que me foram dirigidas ao dito respeito: procurará Vm. primeiro que tudo, com o maior cuidado e disfarce, examinar o numero das sobreditas fabricas ou teares que aqui existem, formando d'ellas uma relação exacta e circumstanciada, que me deve remetter, para a fazer presente a Sua Magestade. Não devendo admittir demora a prompta e immediata execução da sobredita real ordem, e constando com toda a evidencia das fabricas e teares que n'esta cidade trabalham em obras de galões de ouro e prata, deve Vm., em quanto procura adquirir maior noticia dos mais que se acham comprehendidos no mesmo alvará, fazel-as abolir e extinguir inteiramente, e indo ás casas dos proprios donos das referidas fabricas, e intimando-lhes a referida ordem,

fará desmanchar os teares que tiverem, pondo n'elles divisas certas pelas quaes se conheça a quem pertencem, para se recolherem nos armazens reaes d'essa provedoria, e serem remettidos para a côrte. Para não sentirem maior prejuizo os donos das mesmas fabricas, lhes insinuará Vm. que podem dirigir os seus avisos aos correspondentes que tiverem em Lisboa, a fim de darem sahida aos mesmos teares, entregando a Vm. as cartas em que houverem de fazer esta participação, para se remetterem pela secretaria d'Estado, e n'ella se resolver o que Sua Magestade fôr servida, ficando ao arbitrio dos mesmos donos das fabricas a escolha dos navios em que se houverem de exportar os mesmos teares por sua conta e risco. Da execução de toda esta diligencia me deve Vm. dar uma conta individual, assim como de todas as mais que se forem seguindo ao mesmo respeito, com toda a distincção e clareza, para fazer tudo presente a Sua Magestade.

Deus guarde a Vm. Rio, doze de Outubro de mil setecentos e oitenta e sete. — *Luiz de Vasconcellos e Souza.* — Sr. desembargador José Gomes de Carvalho.

Auto de diligencia feita pelo desembargador provedor da Real fazenda José Gomes de Carvalho nas casas em que existiam as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro e prata, sedas, algodão, linho, lãa ou outra qualquer qualidade.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e oitenta e oito, aos quatorze dias do mez de Janeiro do dito anno, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e casas da residencia do desembargador provedor da real fazenda José Gomes de Carvalho, aonde eu escrivão do seu cargo adiante nomeado vim; ahi pelo dito ministro me foi ordenado, que para o devido e inteiro cumprimento do alvará que Sua Magestade fôra servida mandar publicar sobre as fabricas ou teares de galões, tecidos ou bordados de ouro, prata, sedas, algodão, lãa e linho, que se mandam extinguir n'esta cidade, cuja execução lhe fôra commettida pela ordem do

Illmo e Exmo Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra d'este Estado do Brazil: passasse em sua companhia a averiguar as casas onde existiam as ditas fabricas ou teares, formando os autos necessarios de tudo quanto visse e examinasse concernente aos tecidos e mais manufacturas, que deviam ficar prohibidas em virtude do mesmo alvará, com a excepção dos tecidos de algodão grosso, que só ficavam permittidos. E entrando o dito ministro n'esta diligencia comigo escrivão, passando logo á casa de Jacob Munier, Francez de nação, casado e estabelecido n'esta cidade, morador na rua dos Ourives velha em o canto da travessa da Alfandega, ahi foram achados cinco teares, quatro dos quaes estavam preparados, e n'elles se trabalhava actualmente em galões de ouro e prata, e o outro, que era mais pequeno, então não trabalhava, os quaes cinco teares logo o dito ministro fez desmanchar e guardar nos armazens reaes d'esta provedoria, insinuando ao dono d'elles que podia dirigir os seus avisos aos correspondentes que tivesse em Lisboa, para onde deviam ser remettidos nos navios da sua escolha e eleição, a fim de se dar sahida aos mesmos teares, para o que lhe poderia entregar as cartas, em que fizesse esta participação, para se remetterem pela secretaria d'Estado do ultramar, tudo na fórma da sobredita ordem do Illmo e Exmo Sr. vice-rei: do mesmo modo passando á casa do capitão José Antonio Lisboa, na mesma rua dos Ourives velha entre a rua do Sabão e da Mãi dos Homens, ahi foram achados tres teares das mesmas manufacturas de ouro e prata, e que mostravam não trabalhar havia muito tempo, os quaes tres teares logo o dito ministro mandou desmanchar e guardar nos armazens reaes d'esta provedoria na fórma acima: do mesmo modo passando á casa de Miguel Xavier de Moraes, na mesma rua dos Ourives velha, ahi foi achado um tear da mesma qualidade dos antecedentes já desmanchado, o qual logo o dito ministro mandou guardar nos armazens reaes d'esta provedoria na fórma acima: do mesmo modo passando á casa de José Maria Xavier, na mesma rua dos Ourives velha, ahi foi achado um tear, em que o dito trabalhava nas mesmas manufacturas, e logo o dito ministro mandou proceder na

fórma acima : e do mesmo modo passando á casa de Sebastião Marques, morador defronte da igreja de Nossa Senhora Mãi dos Homens, ahi foram achados dous teares e um mais pequeno, que não estavam apparelhados nem trabalhavam, mas sendo da mesma qualidade dos antecedentes, logo o dito ministro mandou proceder na fórma acima : e não tendo o sobredito ministro noticia de pessôa alguma mais, além das cinco já referidas, que tivesse fabricas ou teares, em que se fizessem ou podessem fazer galões, tecidos ou bordados de ouro, prata e sedas, passou a continuar a diligencia nas fabricas ou teares dos outros tecidos: e passando á casa de João Monteiro Celi, na rua da Valla, ahi foram achados quatro teares, em que o mesmo fabríca ou tece mantas e riscados de algodão grosso para negros, algumas vezes misturado com lãa grossa, e confessou o mesmo que algumas vezes fazia uns cobertores felpudos de algodão fino, e uns pannos grossos ou baetões do mesmo algodão, mas muito grosseiros e pesados : e vendo o dito ministro que estes teares não tinham artificio algum, e são os proprios em que se tecem as mantas e grossarias de algodão para vestuario dos negros (no que ordinariamente trabalham), que são os que o sobredito alvará exceptua e manda conservar, os não mandou desmanchar, mas intimou ao dono d'elles que d'alli em diante não fabricasse n'elles outra cousa senão as ditas mantas, ou outros tecidos grossos de algodão para vestuario dos negros : do mesmo modo passando á casa de José Luiz, na mesma rua da Valla, ahi foram achados tres teares armados, e dous desarmados, em que tece, além das grossarias de algodão, algumas toalhas de mesa e guardanapos, e sendo os ditos teares da qualidade dos antecedentes, procedeu o dito ministro na mesma fórma acima: do mesmo modo passando á casa de José Francisco, morador defronte da sacristia da Sé, ahi foram achados tres teares e um desarmado, nos quaes tece o mesmo que o sobredito José Luiz, e sendo da qualidade dos antecedentes, procedeu o dito ministro na mesma fórma acima : e do mesmo modo mandou o dito ministro que se procedesse com Antonio José, Antonio de Oliveira do Amaral, Maria da Esperança, Francisco de S. José, Custodio José, Manoel de Moraes, Maria Antonia e Anna Maria, que tem teares d'esta

mesma qualidade, os quaes todos foram notificados para o referido fim, como consta da certidão junta, ficando-lhes igualmente prohibido d'aqui em diante tecerem nos mesmos teares outra cousa, que não sejam grossarias de algodão para vestuario ou cobertas de negros. Do que para constar mandou o sobredito ministro fazer este auto, que assignou comigo Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real que o escrevi. — Carvalho. — Dr. *Manoel de Jesus Valdetaro.*

José Antonio de Castilhos, meirinho da fazenda nacional, &c., certifico que por ordem vocal do meritissimo desembargador provedor da fazenda real José Gomes de Carvalho notifiquei ás pessôas abaixo declaradas: Antonio José, Antonio de Oliveira do Amaral, Maria da Esperança, Francisco de S. José, Custodio José, Manoel de Moraes, Maria Antonia, Anna Maria, para estes não tecerem nos seus teares fazendas finas, e só tecerem grossarias de algodão, que servem para cobertas e vestuario de pretos: e para constar das ditas notificações passei a presente certidão. — Rio de Janeiro, 14 de Janeiro de 1788. — *José Antonio de Castilhos.*

Aos sete dias do mez de Julho de mil setecentos e oitenta e oito annos, n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, na casa da provedoria da fazenda real appareceram presentes Jacob Munier, Francez de nação, o capitão José Antonio Lisboa, Miguel Xavier de Moraes, José Maria Xavier e Sebastião Marques, os quaes sendo chamados por ordem do desembargador José Gomes de Carvalho, provedor da fazenda real, para entregarem as cartas para os seus correspondentes de Lisboa, a fim de darem sahida aos teares que se achavam nos armazens reaes d'esta provedoria, para se remetterem para a côrte, as quaes cartas se deviam entregar n'esta provedoria para serem remettidas pela secretaria d'Estado, tudo na fórma da ordem de Sua Magestade de dous de Março de mil setecentos e oitenta e cinco, remettida ao mesmo ministro pela carta do Illmo e Exmo Sr. Luiz de Vasconcellos e Souza, do conselho de Sua Magestade, vice-rei e capitão general de mar e terra d'este Estado do Brazil, de doze de Outubro

do anno proximo passado. Todos uniformemente disseram que nada pretendiam dos ditos teares; e por este motivo não faziam aviso algum aos seus correspondentes a este respeito, sujeitando-se voluntariamente a que Sua Magestade dispozesse dos mesmos teares como fosse servida. E para constar mandou o dito ministro fazer este termo, que assignou com os sobreditos. Joaquim José de Novaes, official da fazenda real o escreveu. Dr. Manoel de Jesus Valdetaro, escrivão da fazenda real, o fiz escrever e assignei. — Carvalho. — Dr. Manoel de Jesus Valdetaro. — Jacob Munier. — José Antonio Lisboa. — Miguel Xavier de Moraes. — José Maria Xavier. — Sebastião Marques Vaz. — Está conforme. — Dr. Manoel de Jesus Valdetaro. — Está conforme. — Official maior da secretaria no impedimento de molestia do secretario do Estado. — *José Pereira Leão.*

Recebeu, por ordem do Illmo e Exmo Sr. vice-rei do Estado, Bernardino José, mestre da náo de guerra *Nossa Senhora de Belém*, de que é commandante Francisco de Paula Leite, que está de viagem para a cidade de Lisboa, do almoxarife dos armazens reaes José Ramos de Araujo, por conta e risco de Sua Magestade o seguinte:

Treze teares de tecer galões, uns apparelhados com todos os seus pertences, e outros com algumas peças de menos . . . . . 13 teares.

Oito caixões toscos de pinho, em que vão os pertences dos mesmos teares . . . . . 8 caixões.

Para conduzir e entregar na mesma cidade de Lisboa á ordem do Illmo e Exmo Sr. Martinho de Mello e Castro, ministro e secretario d'Estado da repartição da marinha e dominios ultramarinos.

E de como recebeu e se obrigou a entregar, assignou tres conhecimentos de recibo, todos do mesmo teor, comigo João Prestes de Mello, escrivão dos armazens reaes que o escrevi. — Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1788. — *João Prestes de Mello.* — Mestre *Bernardino José.*

Eu o Principe Regente. Faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciaes d'ella as manufacturas e a industria, que multiplicam e melhoram, e dão mais valor aos generos e productos da agricultura e das artes, e augmentam a população, dando que fazer a muitos braços e fornecendo meios de subsistencia a muitos dos meus vassallos, que por falta d'elles se entregariam aos vicios da ociosidade: e convindo remover todos os obstaculos que podem inutilisar e frustrar tão vantajosos proveitos: sou servido abolir e revogar toda e qualquer prohibição que haja a este respeito no Estado do Brazil e nos dominios ultramarinos, e ordenar que d'aqui em diante seja licito a qualquer dos meus vassallos, qualquer que seja o paiz em que habitem, estabelecer todo o genero de manufacturas, sem exceptuar alguma, fazendo os seus trabalhos em pequeno ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para o que hei por bem derogar o alvará de cinco de Janeiro de mil setecentos oitenta e cinco, e quaesquer leis ou ordens que o contrario decidam, como se d'ellas fizesse expressa e individual menção, sem embargo da lei em contrario.

Pelo que mando ao presidente do meu real erario, governadores e capitães generaes e mais governadores do Estado do Brazil e dominios ultramarinos, e a todos os ministros de justiça e mais pessôas a quem o conhecimento d'este pertencer, cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar este meu alvará como n'elle se contém, sem embargo de quaesquer leis ou disposições em contrario, as quaes hei por derogadas para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor. Dado no palacio do Rio de Janeiro em o primeiro de Abril de mil oitocentos e oito. — Principe. — Dom Fernando José de Portugal.

Alvará por que Vossa Alteza é servido revogar toda a prohibição que havia de fabricas e manufacturas no Estado do Brazil e dominios ultramarinos na fórma acima exposta. — Para Vossa Alteza Real ver. — João Alves de Miranda Varejão o fez. — Registado na secretaria d'Estado dos negocios do Brazil no livro primeiro de

leis, alvarás e cartas regias a folhas cinco. Rio de Janeiro em doze de Abril de mil oitocentos e oito. — Joaquim Antonio Lopes da Costa. — *Militão Joseph Alvares da Silva.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

FR. MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA.

Nasceu este cultor brazileiro das amenas lettras na ilha que lhe deu o sobrenome, fronteira á cidade da Bahia, e depois de feitos os seus primeiros estudos, professou no convento de Paraguassú em 2 de Julho de 1720, em idade de 16 annos, e alli exerceu com raro engenho o ministerio da prédica. « Foi destro cultivador das flôres do Parnaso, como se expressa Jaboatão; e dos fructos de seu trabalho se podiam ter colhido alguns volumes, se assim como se espalham por mãos particulares, se ajuntassem em um corpo. »

Compôz um poema, que foi impresso em um livro em 4. hoje rarissimo, de 128 paginas (além das quatro no principio), sem logar nem anno de impressão, e com o seguinte titulo no rosto: *Eustachidos. Poema sacro e tragicomico, em que se contém a vida de Santo Eustachio martyr, chamado antes Placido, e de sua mulher e filhos. Por um anonymo, natural da ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia. Dado á luz por um devoto do Santo.*

Copiamos textualmente o rosto inteiro do livro, o qual é todo em oitavas, e precedido do seguinte prologo:

« Amigo leitor, que tal te considero, pois abres livro de versos para ler, no que mostras que és inclinado a elles; porque só quem

sabe da arte a estima. Saberás que lendo eu nos meus primeiros annos a vida de Santo Eustachio, e considerando os periodos admiraveis d'ella, tive um grande desejo de a escrever em livro particular e em metro, cuja cadencia e consonancia causa mais deleitação aos leitores. Muitas vezes no decurso de minha vida quiz lançar fóra este pensamento, attendendo á minha insufficiencia e outras occupações, mais nunca o pude deixar em muitos annos, até que Deus foi servido que désse cumprimento ao meu desejo. Bem sei que repararás não declarar o meu nome, ao que respondo que não busco gloria para mim, mas só a accidental para o Santo, e mover aos que lerem á devoção, imitação, paciencia, fortaleza e conformidade nos contratempos e infortunios d'esta miseravel vida. Porém como sabes da minha patria, sendo esta uma pequena ilha com pouca ou nenhuma litteratura, com muita facilidade, se quizeres, pódes vir em conhecimento do auctor. — *Vale.* »

Por este final o poeta que, na parte da gloria que lhe caberia por esta composição, fez abnegação do seu nome em pró de todos os seus conterraneos, em renome da bahiana ilha sua natalicia, o proprio poeta, dizemos, consente que pela sua naturalidade o descubramos. Ora pois, as lettras, sobretudo as do principio do seculo passado, a que indubitavelmente pertence o livro por todos os indicios typographicos (*), não conhecem outro Itaparicano seu cultor, além do padre Jesuita Francisco de Souza, auctor da conhecida obra *O Oriente conquistado*, impressa em **1710**, isto é, tres annos antes d'elle morrer. Remettendo para Barboza quem deseje saber a vida d'este filho de Santo Ignacio, nós aqui só teremos que ver com o *Anonymo itaparicano*, e com o conteúdo do livro a que nos estamos referindo.

Consta o poema *Eustachidos* de seis cantos, precedidos cada qual

(*) Na noticiosa collecção de *Apontamentos biographicos sobre a vida de varios Brazileiros illustres*, que foi legada ao Instituto pelo seu fallecido membro honorario o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, e da qual já fizemos menção no numero antecedente d'esta *Revista*, recordando o illustre auctor os escriptos de Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica que chegaram ao seu conhecimento, falla com louvor do poema *Eustachidos*, cujo original víra, e affirma que fôra impresso em Lisboa.

de uma oitava por argumento. Não podemos deixar de crer que foi inspirado na idéa pela poema latino «*Eustaquius*» de *L'Abbé*, impresso em 1672. Chamam muito a nossa attenção as oitavas (13 a 22) do canto 5.°, em que o auctor se introduz na invenção d'um sonho, que faz narrar da maneira seguinte:

Em um vasto me achei e novo mundo
De nós desconhecido e ignorado,
Em cujas praias bate um mar profundo,
Nunca atégora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil e jucundo,
E o chão de arvores muitas povoado:
E no verdor das folhas julguei que era
Alli sempre continua a primavera.

D'ellas estavam pomos pendurados
Diversos na fragancia e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se dão e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a phantasia me figura,
Havia um pão de tinta mui fecunda,
Transparente na côr, e rubicunda.

Passaros muitos de diversas côres
Se viam varias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licores
Em copia grande estavam dimanando:
Peixes vi na grandeza uperiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A terra tem do metal loiro as vêas,
Que de alguns rios se acha nas arêas.

E quando a vista estava apascentando
D'estas cousas na alegre formosura,
Um velho vi, que andava passeando
De desmarcada e incognita estatura;
Com sobresalto os olhos fui firmando
N'aquella sempre movel creatura,
E pareceu-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muita carcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eram pesados mais vestidos;
Andava sempre mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Um baculo em as mãos accommodava,
Do qual para o passeio se ajudava.

Fiquei d'esta visão maravilhado,
Como quem de taes monstros não sabia,
E logo perguntei sobresaltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da côr da escura noite e claro dia,
Quem eu era, respondeu, quem procurava,
E que Postero, disse, se chamava.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida e occultada,
Quando eu velho fôr mais envelhecendo
De um rei grande ha de ser avassallada:
Não te posso dizer o como: e sendo
Esta noticia a outros reservada,
Basta saberes que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

Porém isso não foi o que a buscar-te
Me moveu, e a fallar-te d'esta moda,
Mas de outra cousa venho a informar-te,
Que muito mais do que isto te accommoda:
Bem pódes começar d'ella a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que não estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticia presagioso.

N'aquella (e me mostrou uma grande ilha,
Formosa, fresca, fertil e aprasivel,
A quem Neptuno o seu tridente humilha,
Quando o rigor do Austro é mais sensivel)
Ha de vestir a pueril mantilha,
Depois de n'ella ter a aura visivel,
Um, que para que a ti versos ordene,
Ha de beber da fonte de Hippocrene.

Este pois lá n'um seculo futuro,
Posto que d'ella ausente e apartado,
Porque c'os filhos sempre foi perjuro
O patrio chão, e os trata sem agrado,
Por devoção intrinseca e amor puro,
Talvez do Deus, que adoras, inspirado,
De ti e d'esses dous d'essa pousada
Ha de cantar em lyra temperada.

No mesmo livro, e depois do poema, encontra-se a *Descripção da ilha de Itaparica, termo da cidade da Bahia, da qual se faz menção no canto quinto:* — titulo este que se lê em ar de rosto á pagina 105.

Na Relação panegyrica das exequias que a Bahia celebrou pela morte de D. João V existe um *Epigramma latino á morte do Rei Fidelissimo;* uma *Canção funebre ao mesmo assumpto;* e tres sonetos, um sobre as vozes tristes dos sinos, outro ao funebre estrondo da artilharia, e o terceiro á sentida morte d'El-Rei: composições todas estas do nosso poeta itaparicano.

Ajuntamos aqui á esta noticia o artigo bibliographico do abbade Barboza a respeito do outro Itaparicano

PADRE FRANCISCO DE SOUZA.

Natural da ilha de Itaparica, celebre pela pescaria das balêas, situada tres leguas defronte da cidade de S. Salvador da Bahia,

capital da America Portugueza. Pela viveza do engenho de que logo na puericia deu evidentes signaes recebeu em o noviciado de Gôa a roupeta de Jesuita, e passando logo a Portugal, partiu no anno de **1647** com outros companheiros d'este sagrado instituto para a India, onde aprendeu as sciencias amenas e severas, em que sahiu egregiamente versado, e se occupou no ministerio do pulpito, que lhe conciliou universaes applausos. Segunda vez voltou a este reino, d'onde embarcado em a náo *S. Pedro de Alcantara*, se restituiu no anno de **1665** ao Oriente. Havendo administrado por alguns annos com fervoroso zelo a vigararia da igreja de Nossa Senhora das Neves na ilha de Salsete, foi preposito da casa professa de Gôa, em cujo logar mostrou a summa prudencia de que era ornado, e deputado da Inquisição da mesma cidade, de que tomou posse a **9** de Agosto de **1700**. Cheio de merecimentos e annos, que excediam de **81**, falleceu no collegio de S. Paulo de Gôa no anno de **1713**. — Compôz obrigado da obediencia imposta pelo geral o padre Tyrso Gonzalves :

« Oriente conquistado a Jesu Christo pelos padres da Companhia de Jesus da provincia de Gôa. Primeira parte, na qual se contém os primeiros vinte e dous annos d'esta provincia.—Lisboa, por Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade, **1710**, fol.

« Oriente conquistado, &c. Segunda parte, na qual se contém o que se obrou desde o anno de **1564** até o anno de **1585**. — Lisboa, pelo dito impressor, **1710**, fol.

« Oriente conquistado, &c. Terceira parte. Conserva-se Ms. no collegio de S. Antão d'esta côrte: fol. »

N'esta obra se admiram felizmente unidas a clareza do methodo, a elegancia do estylo, e a sciencia da geographia e chronologia, partes constitutivas de uma perfeita historia, merecendo seu auctor pela exacta observancia com que praticou os seus preceitos ser collocado entre a classe dos seus mais insignes professores.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 2.º trimestre de 1848.

187.ª SESSÃO EM 1 DE ABRIL DE 1848.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o 2.º Secretario apresenta o expediente.

« Ill.mo Sr. — Em resposta ao officio de V. S.ª de hontem tenho a honra de communicar-lhe que ficam dadas as ordens ao almoxarife do paço imperial da cidade para ser franqueada a sala do mesmo paço proxima ao passadiço para a sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro no dia 6 do corrente mez; lembrando a V. S.ª que será conveniente prevenir as pessôas que tem de concorrer a este acto que devem dirigir-se pela porta immediata ao arco do passadiço do lado da esquina da rua da Cadêa, pela qual costumam entrar os membros do corpo diplomatico.

« Deus guarde a V. S.ª Paço em o 1.º d'Abril de 1848. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.— *José Maria Velho da Silva.*»

Por esta occasião participa o Ex.mo Sr. Presidente que S. M. o Imperador se dignaria honrar com sua augusta presença a sobredita solemnidade do Instituto; e por isso apresentava o seguinte programma da sessão, organisado pela Mesa administrativa, como fôra resolvido:

Programma.

« SS. MM. II. serão recebidas na entrada do paço por todos os Srs. socios que se acharem presentes.

« Uma commissão de cinco membros receberá os Ex.^{mos} Srs. conselheiros d'Estado, ministros e secretarios de Estado e o Rev.^{mo} Sr. bispo capellão-mór, na sala immediata á da sessão, e os conduzirá ao logar que lhes compete.

« Outra commissão de tres membros receberá os Ex.^{mos} Srs. do corpo diplomatico á entrada da sala, e os acompanhará aos seus logares.

« Os Srs. socios do Instituto tomaráõ assento promiscuamente no lado esquerdo da sala, principiando da mesa em que devem estar os Presidentes, Secretarios e Orador.

« Os Ex.^{mos} Srs. ministros e conselheiros d'Estado tomaráõ assento no lado direito da sala, seguindo-se o Exmo Sr. bispo capellão-mór, corpo diplomatico e consular, &c.; e todos os mais convidados d'ahi para baixo promiscuamente.

« Aberta a sessão pelo Exmo Sr. Presidente conselheiro Candido José de Araujo Vianna, e depois da inauguração dos bustos, seguir-se-ha:

« 1.° Discurso official do orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

« 2.° Elogio historico do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, pelo socio correspondente o Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

« 3.° Elogio historico do conego Januario da Cunha Barboza, pelo 2.° Secretario o Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes.

« 4.° Discurso sobre a necessidade de se protegerem as sciencias, as lettras e as artes no Imperio do Brazil, pelo socio correspondente o Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho.

« 5.° Canto inaugural dedicado á memoria do conego Januario da Cunha Barboza, pelo socio correspondente o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

« 6.° Psalmo ao amor da gloria, pelo Secretario supplente o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

« 7.° Canto inaugural pelo socio effectivo o Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

« 8.º Discurso do socio correspondente o Sr. Luiz Antonio de Castro.

« Finda a sessão, SS. MM. II. serão acompanhadas com as mesmas formalidades da sua entrada.

« *N. B.* Attendendo á dignidade do logar, e á augusta presença de SS. MM. II., roga-se aos Srs. socios e convidados hajam de apresentar-se segundo a etiqueta do paço nas audiencias, devendo comparecer ás quatro horas e meia; e á excepção dos socios, ninguem será admittido sem apresentar bilhete de convite. »

Finda a leitura do programma, passou-se á discussão de varios objectos e disposições relativas á solemnidade, e levantou-se a sessão ás 7 horas da noite.

188.ª SESSÃO EM 13 DE ABRIL DE 1848.

Presidencia do Ex.mo Sr. Conselheiro Candido José de Araujo Vianna.

Ás 5 horas da tarde, aberta a sessão na fórma do regimento, é lida e approvada a acta da antecedente.

Officio do Sr. His de Butenval, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de França, participando não poder assistir á solemnidade do dia 6 por se achar incommodado.

Leitura do seguinte officio do Sr. D. Andres Lamas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay.

« Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1848. — O estado de minha saude não me permitte de assistir hoje á sessão publica que celebra o Instituto Historico e Geographico Brazileiro para inaugurar os bustos de seus illustres fundadores, e para a qual tive a honra de ser convidado.

« Desejando porém manifestar o apreço em que tenho tão importante instituição, e os serviços que d'ella espero para a historia e a geographia americana, aproveito esta occasião para apresentar-lhe algumas Tabellas, ainda ineditas, sobre o movimento da povoação

de Montevidéo, capital da republica que represento n'esta côrte; e igualmente a copia em chumbo de uma medalha de prata, da qual ha poucos annos se descobriram por casualidade varios exemplares enterrados no solo da provincia argentina de Corrientes.

« Escolhi em minha collecção estes objectos, apezar de seu escacissimo valor, na supposição de que o Instituto ainda os não possuirá na sua; contando que essa illustre corporação não medirá o sentimento que me move a offerecel-os.

« Rogo ao Sr. Secretario do Instituto se digne apresentar-lhe esta minha communicação, e tenho o prazer de saudar-lhe com a minha mui distincta consideração.—*Andrés Lamas.* »

Recebido com muito especial agrado, votando agradecimentos o Instituto.

Lê-se proposta para entrada de um socio correspondente, e parecer da commissão de historia sobre admissão de outro na respectiva classe.

O Exmo Sr. Presidente propõe que a Mesa administrativa do Instituto, juntamente com alguns membros, se dirija em deputação a felicitar a S. M. o Imperador pelo feliz restabelecimento de sua preciosa saude, e ao mesmo tempo agradecer a subida honra que acabava de outorgar-lhe dignando-se com tanta benignidade de assistir á solemnidade da inauguração dos bustos dos fundadores d'esta sociedade. Applaudida por todos a idéa, o Exmo Sr. Presidente, nomeada a deputação, marca o dia seguinte ás 9 horas para ser realisada a proposta.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia da noite.

189.ª SESSÃO EM 27 DE ABRIL DE 1848.

Presidencia do Illmo Sr. Dr. Francisco Freire Allemão.

Ás 6 horas da tarde começa a sessão sob a presidencia do Sr. Dr. Freire Allemão, e approvada a acta da sessão anterior, o 2.° Secretario, dando conta do expediente, lê o seguinte officio:

« Illmo Sr. — Tendo eu escripto (quando empregado na secretaria do governo d'esta provincia) o mappa de todos os governadores e presidentes que tem ella tido, com notas dos serviços prestados pelos mesmos, o qual foi remettido ao Instituto Historico pelo Exmo presidente o commendador Frederico Carneiro de Campos, e partindo este agora para essa côrte a tomar assento na camara quatriennal como digno representante, eu tenho a honra de me apressar em remetter a V. S.ª a *Exposição*, que o mesmo Exmo Sr. apresentou ao vice-presidente, e um resumo dos bons serviços feitos por um tão prestante cidadão á esta mesma provincia, que muito lhe deve pela sua excellente administração, para que V. S.ª os addicione ao referido mappa.

« Fazendo esta remessa a V. S.ª julgo ter cumprido o dever de amizade e gratidão ao referido Exmo Sr. Carneiro de Campos, e ao Instituto facilitado os meios de continuar um tão curioso mappa.

« Deus guarde a V. S.ª Parahyba do Norte 16 de Março de 1848.— Illmo Sr. Manoel Ferreira Lagos, Secretario perpetuo do Instituto Historico. — *Manoel Caetano Vellozo.* »

Vota o Instituto agradecimentos ao Sr. Vellozo, e que o Sr. Secretario perpetuo lhe escreva para que continue a prestar os seus bons serviços á esta sociedade, remettendo da provincia onde se acha empregado todos os documentos historicos e geographicos que puder obter ácêrca do paiz.

O Sr. 1.° Secretario faz sciente ao Instituto que chegando-lhe a dolorosa noticia de haver fallecido o socio correspondente conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, em conformidade dos estatutos nomeára uma deputação de oito membros para assistir ao seu funeral no dia 19 de Abril, e que na occasião de baixar o cadaver á sepultura recitára o discurso abaixo transcripto, composto pelo orador do Instituto o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, que por doente não pôde comparecer n'aquella ceremonia:

« A Divina Providencia acaba de desfechar um golpe terrivel sobre o infeliz e melancolico Brazil! É um castigo tremendo n'esta conjunctura a ausencia eterna de um cidadão, de um benemerito, como o que acabamos de perder.

« O conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira desappareceu para sempre da lista dos vivos: uma grande orphandade na administração, na sociedade e nas lettras nos deixa a sua morte: são raros, nas épocas criticas, nas épocas de transições, os homens da sua tempera; são raros, nas quadras viciosas, no dominio de tantas mediocridades passageiras, os homens de uma intelligencia superior e de um coração leal.

« Do dia em que este distincto Brazileiro abriu seus olhos ao sol da patria, no mesmo logar onde nascêra o famoso poeta e orador S. Carlos, até á hora funesta em que os fechou para sempre, a sua vida, a sua passagem na terra, foi sellada com o cunho de um triumpho progressivo, victoriada pela sua alta intelligencia, e coroada pelo amor e amizade, que elle tão nobremente soube conquistar.

« O amor da patria, que é o amor da gloria, a ambição de um nome puro, foram o constante escopo de suas aspirações; estas nobres qualidades tão raras n'este nosso paiz.... tenho pejo de proseguir, para que não veja, ao sahir d'este recinto da morte, o desdem e o desprezo estampado na face de um homem que me diga:—és um louco, um estouvado sonhador: aquillo que tu, e outros como tu, costumam chamar a esteira do egoismo, não é mais que o sublime caracter d'este seculo de luzes: come e bebe da tua fé, e lega a teus filhos essa esperança futil que te encobrem as sombras do futuro.

« Sejamos sinceros n'este ensejo solemne, n'esta hora de lagrimas, e diante do cadaver de uma grande realidade; diante dos restos de um Brazileiro tão distincto, de um homem que era um visivel contraste dos vicios da época e de suas funestas consequencias.

« Ah! para elle se fechou o futuro d'essa patria, que elle tanto amou, e que tão bem serviu; para elle baixou o panno do proscenio das lagrimas e das angustias; para elle já desappareceu este mundo, que nós cada vez mais o tornamos insupportavel, e se lhe abriu a vida eterna e a paz celeste; invejemos a sua sorte: a lagrima da morte já rolou em seu rosto; e em nossos rostos muitas lagrimas hão de rolar ainda; o seu ultimo gemido foi repercutido pelo coração de seus amigos e de seus parentes; e os nossos? hão de ter éco em sete milhões

de homens, se Deus nos não illuminar, se Deus nos desamparar no meio de uma cegueira fatal, porque os nossos gemidos se assemelharáõ então aos arrancos medonhos do homem criminoso, do homem incredulo, do sceptico que vive no limbo escuro de seus remorsos, sem fé, sem a esperança de um Messias, de um verbo humanado que o venha regenerar.

« Não nos illudamos diante do altar da morte, diante d'esta terrivel realidade, que despedaça todos os anneis d'essa cadêa de palha e de fumo que cinge nossos delirios, e entrava o portico do mais brilhante futuro.

« Grandes da terra, potentados momentaneos, soberbos, egoistas e turbulentos ambiciosos, que vos resta depois do ultimo pulsar do vosso coração? Um dia de gozo ephemero, um minuto de vingança, acaso valem um seculo de ruinas e um mundo de maldições? Á sombra da injustiça lavra a corrupção que se emmaranha no porvir, tinge o horizonte da patria da côr do cháos. Os pomposos pergaminhos, os diplomas populares, o obolo de ouro, por quem tanto se ufana o homem, nada valem no momento em que elle deixa a mortalha de lodo para voar á eternidade. No passamento do christão, o anjo da morte não tem a barca do gentilismo, e não é um mercenario ostensor da eternidade; a virtude, a virtude sómente, é quem dirige o seu vôo ás regiões celestes, e o faz ser nosso guia n'esta viagem divina.

« Os ambiciosos e turbulentos deviam-se moderar diante do pensamento da morte, diante d'este espectaculo convincente, diante d'esta demonstração evidente, de que elles são tambem mortaes e membros passageiros de um corpo permanente e progressivo, cuja vida é a successão de muitas vidas, cuja familia é a união de todas as familias, e cujo nome é o nome solemne e magestoso da patria. A idéa da morte e a idéa sublime da patria os faria amar e engrandecer esse legado magestoso, essa mimosa preciosidade que herdaram de seus pais para a entregarem a seus filhos intacta, mais pura e engrandecida, porque seus filhos são tambem os herdeiros forçados d'esse futuro grandioso que aguarda a terra de Santa Cruz.

« Os homens de fé e de conselho, provados no meio das lutas e da

adversidade, não abundam no paiz, e vão desapparecendo repentinamente: é tempo de suster a torrente devastadora. O egoismo, o nefando egoismo, nos vai precipitando lentamente no barathro da indifferença, e d'ahi para a arena de uma medonha sevicia que nos retalha, que nos enfraquece e nos vai barbarisando, para entrarmos n'um tremendo holocausto.

« O idealista não teme o odio dos homens quando falla a verdade, porque tem o amor de Deus; não ama uma vida de amarguras, porque espera uma vida eterna e bemaventurada : a morte de Eleazar lhe é mais grata do que a fuga e o exicio de Absalon; para elle ha um dia em que o patibulo é um throno, a mortalha a purpura, e sete palmos de terra um universo!

« Honra á memoria do homem que acompanhamos até á ultima morada, honra á memoria do nosso finado consocio, gloria ao seu nome puro, que surge agora a confundir seus desgraçados detractores com o exemplo de sua vida honesta, com a demonstração de suas mãos purissimas, e com o galardão de haver sido um apostolo da mais nobre propaganda, e um guarda vigilante da unidade do Imperio.

« O Brazil perdeu n'elle um grande sustentaculo do throno, o parlamento um membro esclarecido, o governo um habil administrador, a sociedade um homem honrado, a familia um modelo de doçura e de generosidade, e as lettras e as sciencias um cultor intelligente.

« As impressões fornecidas pela imprudencia de indiscretos novelleiros, a propalação de infundados boatos, e as trevas que sua imaginação ardente agglomerou no leito das dôres, no seu futuro e no futuro da patria, e sobretudo aquelle justo temor de que nos achamos possuidos n'esta escola de transições inexplicaveis, foram de alguma maneira causa do gravame de sua enfermidade; juntai ás causas apparentes um oceano de injustiças e calumnias que no homem de bem se revolve do coração á mente, e da mente ao coração, e vereis que esta illustre victima da morte tambem foi sacrificada no altar da patria.

« Deus, para elle, já fez parar o carro tormentoso que rola com

estrondo medonho no horizonte da vida; para elle cessaram essas lutas que tanto nos degradam, que párecem interminaveis, que começam na mocidade para findarem na sepultura: hontem, no fatal momento, se abriu a justiça para a sua memoria, e de hoje em diante os seus invejosos, os seus desgraçados inimigos, mudaráõ de linguagem, e viráõ juntar-se á multidão de seus admiradores, sendo um éco dos seus amigos: tal é a miseravel condição dos homens degenerados.

« E eis-aqui perdidos para sempre tantos talentos, e quasi meio seculo de amor e de virtudes; e no momento em que elle havia madurado tanto trabalho, e estava destinado a se mostrar mais grande, mais independente, no meio do illutre senado brazileiro.

« Deus, sómente Deus, é quem póde dizer ao homem: « inspira-te, sê sabio, e vai percorrer a terra com a luz do engenho, e com a sabedoria que te infundiu a minha sabedoria; » mas este milagre só é operado de seculos a seculos, só é realisado nos momentos em que a humanidade precisa de um piloto que a livre do naufragio, e a colloque na esteira luminosa da razão.

« Na nossa pobreza de homens eminentes, devemos chorar estas perdas; e muito mais, porque ainda a maior parte do Brazil ignora que o throno da intelligencia, que a nobreza do talento, que a magestade do engenho, tem a sua origem no céo, e o seu apanagio no tempo; e que as virtudes e o estudo são capitaes de um valor incalculavel, e difficeis de accumular.

« O conselheiro Saturnino faz falta: era um homem completo pela madureza de sua razão, justo pela clareza do seu juizo, illustrado pela sua vasta comprehensão, util pela longa practica dos negocios publicos, estimavel pela firmeza do seu coração angelico, e inapreciavel pela intuição rapida de suas vistas, e pelas harmonias com que Deus dotára sua alma energica e amorosa: ainda em seu peito o enthusiasmo precedia ao calculo, o bem publico á propria conveniencia, e a justiça ao patronato: tudo n'elle era nobre, igual e progressivo.

« No seminario de S. José, em Coimbra, na banca do advogado,

na presidencia do Rio Grande, na alfandega, e no ministerio sempre se mostrou uma nobre intelligencia; e como representante da nação foi o que todos vimos, o que todos admirámos: a sua pericia conquistou-lhe o maior premio que a patria póde dar a um cidadão, e o monarcha a um subdito: foi eleito senador do Imperio por esta magnifica provincia, que o viu nascer, e que o viu morrer tão prematuramente.

« No meio da mais lisongeira estrada da esperança findou este illustre Brazileiro: a grão-cruz com que o honrára o rei da Grecia se transformou n'uma facha do seu sudario, e a cadeira que lhe estava reservada no alto recinto dos anciões da patria, se converteu no ataúde funéreo que o encerra. Deus assim o determinou; curvemo-nos, com as lagrimas nos olhos, diante dos seus sabios decretos.

« A patria, as sciencias, as musas e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro choram por elle, e conservaráõ seu nome com uma eterna saudade.

« A terra lhe seja leve. »

O Instituto ouve silencioso e com profunda dôr a leitura d'este discurso, finda a qual o Sr. conselheiro Castilho pondera a conveniencia de se dar cumprimento, o mais breve possivel, á resolução tomada pela sociedade de celebrar uma sessão funebre por todos os socios que fallecerem; e propõe que na mesma solemnidade proxima, em que deve ser pranteada a perda do 2.° Secretario Santiago Nunes Ribeiro, seja tambem commemorada a memoria do conselheiro Oliveira.

O Sr. 1.° Secretario, approvando a proposta, apresenta uma emenda para que na mesma reunião sejam tambem comprehendidos os finados socios major Julio Frederico Koeller, D. Florencio Varela (de Montevidéo), e John Quíncy Adams, ex-presidente dos Estados Unidos da America.

Suscita-se a questão — se cada membro deve ser commemorado em uma reunião especial, ou se convirá reunir alguns para cada acto. — Depois de longo discutir, vota o Instituto que no fim de todos os tres mezes tenha logar uma sessão funebre pelos socios que

fallecerem durante o trimestre; e deixando ao arbitrio do Ex.mo Sr. Presidente marcar na proxima sessão o dia da primeira ceremonia funebre, na qual se comprehenderáõ os cinco academicos acima mencionados, desde logo encarrega ao Sr. Dr. Sigaud de apresentar o elogio do socio D. Florencio Varela.

Na mesma occasião resolve ainda o Instituto que a ordem da leitura dos elogios seja a do fallecimento d'aquelles sobre quem versarem.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

190.ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos.

Ás 6 horas da tarde, achando-se presentes varios socios, e não tendo comparecido por motivo de molestia o Ex.mo Sr. Presidente, na conformidade dos estatutos o Sr. 1.º Secretario occupa a cadeira da presidencia.

Approvada a acta da sessão anterior, passa-se á leitura do expediente.

Officio do socio correspondente o Sr. Dr. Bernardo de Souza Franco, remettendo dous exemplares do opusculo que ultimamente publicou sobre os *Bancos do Brazil*, por persuadir-se que em alguma de suas partes poderá ser de interesse ao Instituto. — Recebidos com especial agrado.

Apresentação de uma proposta para serem admittidos quatro membros correspondentes na classe historica: á respectiva commissão.

O Sr. Presidente interino, depois de haver ponderado que algumas disposições do Instituto não tem sido cumpridas, apezar de serem de maxima importancia, lembra a conveniencia de se dar prompta e satisfactoria execução á proposta approvada na sessão de 17 de Agosto

de 1840, a fim de crear-se no Instituto um livro com o titulo de *Chronica do Senhor Dom Pedro II*, e uma commissão de tres membros encarregada de colligir e coordenar os factos mais notaveis occorridos durante o anno, para os apresentar de seis em seis mezes em sessão da sociedade, e serem transcriptos no dito livro, na parte e pela fórma que esta determinar, procedendo-se de maneira que sempre a historia de um anno fique consignada na *Chronica* dentro do seguinte. Propõe, para facilitar o trabalho, que se nomeie uma commissão para compilar os factos desde 1840, segundo as vistas da proposta, até o fim de 1847; e outra que se incumba do corrente anno inclusivè em diante. — Sobre a mesa para ser discutida na sessão proxima.

O Sr. Dr. Lapa lê um parecer da commissão de historia sobre a admissão como socio correspondente do Sr. Dr. Adriano Ernesto de Castilho, o qual é approvado.

Levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

191.ª SESSÃO EM 18 DE MAIO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

Abre-se a sessão ás 6 horas da tarde, e approvada a acta da antecedente, faz-se leitura do expediente.

O socio correspondente Sr. Dr. Ricardo José Gomes Jardim, ex-presidente da provincia de Mato Grosso, offerece ao Instituto o catalogo dos governadores, capitães generaes e presidentes que tem tido aquella provincia desde sua creação até hoje, acompanhado de notas sobre o que cada um d'elles fez de mais notavel: e igualmente copia de um officio que em 1846 dirigiu ao governo ácêrca da creação da directoria dos Indios. — Foram estes dous trabalhos remettidos ao redactor da *Revista*, a fim de serem opportunamente publicados.

Recebe tambem o Instituto do Sr. Dr. Cesario Eugenio Gomes de Araujo uma memoria, por elle escripta, sobre a cidade de Angra

dos Reis: á commissão de historia para emittir o seu juizo a respeito.

O Instituto nomeia uma commissão de tres membros para em seu nome ir visitar ao Ex.mo Sr. Presidente conselheiro Candido José de Araujo Vianna, que se acha gravemente enfermo.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo apresenta uma indicação para que o Instituto, tendo em consideração os relevantissimos serviços prestados ao Brazil na época da independencia e em outras pelo Sr. conselheiro José Joaquim da Rocha, e attendendo mais ao triste estado a que o tem levado as suas ultimas enfermidades, a ponto de se achar já cego, faça chegar ao corpo legislativo uma exposição dos sobreditos serviços, por ter cabimento na actualidade em que o Governo Imperial acaba de propôr uma pensão para tão benemerito cidadão. — Depois de discutida foi unanimemente approvada, encarregando o Instituto aos Srs. Porto-Alegre e Dr. Macedo de redigirem a exposição que deve subir ás camaras legislativas.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia.

192.ª SESSÃO EM 25 DE MAIO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Depois de approvada a acta da sessão anterior, passa o 2.º Secretario a dar conta do expediente, e por essa occasião communica haver recebido das secretarias d'Estado do Imperio os Relatorios apresentados no corrente anno ás camaras legislativas pelos repectivos ministros, assim como os balanços da receita e despeza.

O Sr. conselheiro José Feliciano de Castilho offerece ao Instituto, com a condição de ser publicado na sua *Revista*, um manuscripto em latim, tendo por titulo: *De œcumenici, vel generalis, concilii actuali necessitate per Francorum revolutionem demonstrata.* « Este importante trabalho, expressa-se o Sr. Castilho, é producção da penna do erudito bispo de Cochim, fallecido no Brazil: a sua

politica está em perfeita relação ás nossas cousas, e o seu merito avulta ainda mais por ser traçado com a maior correcção e pureza d'aquella lingua, como todos os escriptos de tão sabio prelado; e por isso creio esta acquisição valiosa, e que muito conviria ser dada á luz quanto antes, no caso do Instituto assim o approvar. »

O Ill.mo Sr. Presidente nomeia aos Srs. Dr. Joaquim Caetano da Silva e Fr. Rodrigo de S. José, para emittirem o seu juizo ácêrca do valor do codice offertado, e da conveniencia da sua publicação.

O mesmo Sr. conselheiro Castilho pede ao Instituto, á vista de razões apresentadas, que o dispense de apresentar o elogio historico do fallecido membro correspondente John Quincy Adams: é concedida a dispensa, e nomeado para o substituir o socio effectivo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.

Vota tambem o Instituto que se incumba ao Sr. Dr. Lallemant do elogio do finado socio o major Julio Frederico Koeller.

Depois da discussão de varios artigos relativos a objectos economicos, levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

193.ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

Depois de approvada, na fórma do estylo, a acta da sessão anterior, começa o expediente pela leitura do seguinte officio:

« Ill.mo Sr. — Penhorado com o officio que V. S.ª me endereçou em 15 de Abril do anno proximo passado, aguardei o final resultado de minhas reiteradas explorações por logares totalmente desconhecidos, a fim de cumprir a promessa que havia feito ao nosso Instituto Historico Brazileiro, que tanto interesse toma em derramar no seio d'esta nação nova e gigantesca aquellas noticias que até agora estavam envolvidas em um véo quasi impenetravel. As explorações até o numero 5 constantes do *Itinerario* incluso, escripto pelo Sr. João Henrique Elliot, cidadão do Norte America, que por meu engaja-

mento tem acompanhado as escoltas commandadas pelo sertanista Joaquim Francisco Lopes, com quanto pareçam de menos interesse, descrevem comtudo o principio e toda a marcha que foi preciso encetar a fim de obter o resultado a que me propuz — de descobrir uma via de communicação mais curta e segura d'esta provincia de S. Paulo para o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso; e me ufano de que minha bandeira exploradora penetrasse esses decantados sertões do rio Tibagy, e pizasse nos terrenos onde n'outros tempos fundaram os Hespanhóes a cidade de Xerez e outras povoações dentro dos limites do Brazil, e que as abandonaram em 1648, o que vai minuciosamente descripto na sexta exploração constante do mencionado *Itinerario*, que n'esta parte me parece ser mais interessante.

« No fim d'elle vai descripto o roteiro comparado com o do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, pelo qual se vê n'um ponto de vista as vantagens d'esta nova descoberta, e para melhor intelligencia o mappa, que mostra de alguma maneira toda a direcção d'essas explorações, e alguns pontos que não vejo mencionados nos mappas do Brazil.

« D'esta maneira ficam patentes ao governo e aos nossos concidadãos os escondrijos que occultavam asperrimos sertões, o que facilitará os meios de se aproveitarem as melhores terras do Brazil para colonias agricolas, por serem todas cortadas por soberbos rios e seus tributarios.

« Essa rica provincia de Mato Grosso, que tantos productos naturaes tem para exportar, fica habilitada para melhorar sua sorte, estreitando os laços com a familia brazileira, com quem permutará os generos de que é fertil seu solo vivificado por um clima productor.

« Outra vantagem é a facilidade com que o governo poderá fazer respeitar nosso territorio nas fronteiras com Chiquitos e Bolivia, que já nos tem querido disputar contando talvez com o custoso de nossos recursos para rebater quaesquer tentativas; e finalmente o contacto em que ficamos com o Estado Paraguayo, conforme se vê descripto no fim do roteiro. Todos estes motivos me induziram a emprehender

taes explorações, para de alguma maneira ser util á nossa cara patria, que tudo merece de seus filhos.

« Se o nosso Instituto Historico se dignar aceitar esta minha offerta, penhorará um fraco socio, que muito se ufana por fazer parte de tão brilhante corporação, e que jámais deixará de lhe apresentar os fructos de suas fadigas para d'elles se escolher o que fôr util e que mereça publicidade.

« Deus guarde a V. S.ª Fazenda de Perituva, 18 de Abril de 1848. — Ill.mo Sr. Manoel Ferreira Lagos, 1.º Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *Barão d'Antonina.* »

Recebendo com o devido apreço o sobredito *Itinerario*, vota o Instituto que elle seja publicado quanto antes na *Revista trimensal*, e que o Sr. Secretario perpetuo agradeça ao Ex.mo Sr. barão d'Antonina a sua preciosa offerta, fazendo-lhe sciente que anciosamente aguarda o Instituto o resultado das novas indagações que o mesmo Sr. barão tambem communica haver mandado fazer para descobrir o logar onde existiu a cidade de Xerez.

Officio do socio correspondente o Sr. coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, offerecendo ao Instituto um trabalho de sua penna sobre a communicação mercantil entre a provincia do Pará e a de Goyaz. É recebido com muito especial agrado, e ordena o Instituto que seja impresso no seu periodico.

Resolve tambem o Instituto que seja depositado em sua bibliotheca o opusculo do mesmo Sr. Baena ultimamente dado á luz no Maranhão com o titulo de *Proposições resumidas dos principios em que se estriba o direito das sociedades civis.*

Recebe outrosim o Instituto do Sr. Dr. Sigaud o *Auto-biographia* de D. Florencio Varela, acompanhado do fac-simile da sua lettra e de alguns apontamentos sobre sua pessôa.

Foram approvados membros correspondentes, na fórma dos estatutos, os Srs.: bisbo dos Açores D. Fr. Estevão de Jesus Maria; commendador Bernardino José de Lessa Freitas, residente na ilha de S. Miguel, auctor de varios escriptos sobre historia e geographia

açoriana; Dr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, morador na Ilha Terceira, auctor das *Bellezas de Coimbra*, e redactor de varios jornaes litterarios; padre mestre Jeronymo Emiliano de Andrade, auctor da *Topographia historica e geographica da Ilha Terceira;* e D. José Maria Corrêa de Lacerda, litterato e publicista bem conhecido, residente em Lisboa: propostos pelo Sr. Francisco Manoel Rapozo de Almeida.

Não havendo mais nada a tratar, o Ill.mo Sr. Presidente encerra a sessão.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 11. — 3.° TRIMESTRE DE 1848.

MEMORIA HISTORICA E DOCUMENTADA

DA

REVOLUÇÃO DA PROVINCIA DO MARANHÃO DESDE 1839 ATÉ 1840.

Pelo Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, membro effectivo do Instituto.

CAPITULO I.

Observações preliminares.

Nada ha que espantar nos deva n'esta serie de rebelliões que desde a épocha da nossa Independencia até hoje têm arrebentado nas provincias do Imperio. Os povos livres, e os que procuram ser, se removem continuamente, ambiciosos do bem sonhado, e impacientes do que lhes escapa; mas activa e vertiginosa é sua vida, é sujeita ás alterações provenientes do exaltamento das idéas; além de que vivemos em épocha de transição, em que pensamentos de reforma são os que occupam o espirito humano. Estrangeiras são as nossas instituições, mal e intempestivamente enxertadas, avêssas aos nossos costumes e naturaes tendencias, e em desaccôrdo com a vastidão de um terreno sem amanho, e differenças inconciliaveis de classes. O caracter transitorio do tempo e a convicção de sua instabilidade de tal modo sobre nós tem operado que, nas nossas duvidas, em

continuas expectativas e mallogradas experiencias, quasi que perdemos a fé do futuro. Si porém, aos olhos do philosopho, taes acontecimentos, consequencias legitimas de principios conhecidos, facilmente se explicam, o mesmo não succede ao vulgo, a quem se apresentam os factos desligados de suas verdadeiras causas, suppondo assim outras, e muitas vezes exagerando aquellas que lhe embute a perversa politica dos partidos; e essa mesma falsa politica do tempo, gerada em cabeças ambiciosas e dominadas pelo espirito ephemero da épocha, tem propagado o scepticismo, e impellido o Brazil no desfiladeiro das rebelliões.

Qualquer que seja o pensamento da épocha, nobre ou vil, nunca das classes inferiores se eleva ás culminantes; n'estas se elle germina, e d'ahi, como o contagio, se vai estendendo até á choupana, d'onde reage.

Empregam os nossos politicos todos os vergonhosos meios para dos publicos logares arredar os seus antagonistas e rivaes; de tudo se ha abusado; o jornalismo, esta potencia do bem e do mal, é entre nós um famoso libello infamatorio a todos os poderes e a todas as capacidades; é o punhal do assassinato moral, que fere publicamente, não derrama sangue, mas a honra e o brio, que mais valem; alcançado o fim, que é a desmoralisação do povo, renegam elles a sua obra, como o devasso pai que não quer reconhecer o torpe filho da impureza. Mas quando? depois de terem posto tudo em conflagração! Como a ambição e ousadia são entre nós as medidas da capacidade, e o momentaneo interesse do partido a sancção do merecimento, julgam-se todos com aptidão para tudo.

Tem-se feito da politica uma sciencia occulta, mysteriosa e empirica, sem regras fixas, sem principios; uma sciencia estrategica de ataque, e não de defeza, e na qual são iniciados certos adeptos com quasi exclusão da honra, de modo que quando se quer dizer que alguem é politico, diz-se indifferentemente que é fino ou velhaco. O systema do egoismo sanctificado presta-se a todas as interpretações; e já poucos se pejam de ostentar procederes que outr'ora se reputaram crimes. A final, para sello das nossas vergonhas, inventou-se o

celebre systema das transacções, que cifra-se todo em um trafico da justiça: *quem nada tem, nada alcança.* Todos os poderes são arrematantes de direito. Assim na decadencia do Imperio Romano se punha em leilão a corôa cesarea!

Nenhum partido representa entre nós idéas fixas, as quaes tambem não representam as necessidades do paiz; cada qual afaga aquellas que melhor se prestam no momento para derrubar o estabelecido. Mas o estabelecido não é obra do tempo, triumphar do partido opposto é a unica mira dos pleiteantes. Prolonga-se a lucta, e leis se fabricam segundo os caprichos dos vencedores.

Tal é o tempo em que vivemos, tal é a lição historica que das nossas desordens se collige. D'isto tudo procede, e a duração periodica d'estas revoltas documenta o exposto, combinando perfeitamente com o caracter da épocha. Entretanto não nos assustemos, d'esta mesma fermentação das cousas deve nascer o espirito de ordem, que esclarecerá o futuro.

Si as scenas de que somos testemunhas gravadas ficam em nossa memoria, nem por isso dispensam a narração d'ellas para o futuro; porque devem nossos filhos instruir-se com a lição do passado, e saber por que alternativas passámos, que luctas tivemos, que tropeços encontrámos, afim de que, si possivel fôr, evitem os males que soffremos, e prezem o legado que á custa de fadigas nossas lhes transmittimos: e como no meio mesmo da geral corrupção nunca deixa de apparecer algum coração nobre e generoso, convém que não pereçam no abysmo do esquecimento estas virtudes peregrinas, que tanto edificam, e que são os mais preciosos dons que a Providencia outorga aos homens. Por isso tomo sobre mim escrever a historia da rebellião da provincia do Maranhão, a qual manifestou-se em Dezembro de 1838, posto que suas causas moraes tenham mais anterior data.

Não é missão da historia lisongear paixões; e bom fôra que d'isto se convencessem os que governam ou alguma auctoridade exercem, que tão descuidados andam do futuro, como se nunca se lhes devessem tomar ajustadas contas: tratando eu de contemporaneos, já espero

que alguem se dê por muito aggravado, mas ahi vão os factos e os documentos para juizes imparciaes, e sobra-me a consolação de não faltar á verdade, sem aggravar muitas culpas. Custa-me na verdade, depois de passados os males, estar agora a relatal-os; mas estes passados males deixam uma chaga aberta, que ainda goteja, e um echo de dôr para o futuro: inutil não é o estudo do passado.

CAPITULO II.

Usos e costumes do Maranhão.

Antes de historiar é mister conhecer os homens, classes, usos e costumes do paiz que nos attrahe a attenção, porque taes cousas são de grande importancia para o peso dos factos e intelligencia de muitos, que sem este previo conhecimento pareceriam, á primeira vista d'olhos, inexplicaveis. Computa-se a população d'esta provincia em duzentas e dezesete mil almas, entre brancos, mesclados e negros, espalhados em uma superficie de mais de oitocentas leguas quadradas. Seu terreno, posto que fertil, como o de todo o Imperio, é pouco cultivado; copiosas chuvas o regam desde Dezembro até Junho, e n'este tempo pluvial, a que só por isso chamam inverno, ligam-se as semanas sem intermittencia de um dia sêcco; alagam-se os campos, crescem os rios, que são muitos, e as estradas inundadas tornam-se de difficil transito: tal peste de febres se desenvolve em principios e fins das aguas, que sómente os affeitos ao clima humido e quente podem resistir.

É o principal genero da lavoura o algodão e arroz, e para isso empregam numerosos braços de Africanos escravos (*), os quaes são

(*) Em uma carta do Sr. Joaquim José de Siqueira, negociante da praça do Maranhão, impressa em Londres em 1830, calculando em oitenta a noventa mil os Africanos d'esta provincia, diz:—Mesmo assim, actualmente com esses oitenta ou noventa mil escravos, produz o Maranhão cincoenta a sessenta mil saccas de algodão, que pelos preços actuaes importam de oitocentos a novecentos contos de réis. D'esta producção uma terça parte se vaí em dizimos e direitos d'exportação, ficando liquidos para os lavradores quinhentos e cincoenta a seiscentos contos. A exportação de arroz será talvez

tratados com tão barbaro rigor, que até o necessario sustento lhes negam: uma espiga de milho é o seu almoço, arroz e farinha o jantar, do mais lhes fornecem a rapina e a caça; andam nús ou cingidos com uma pequena tanga, salvas as poucas excepções; e por isso procuram os escravos subtrahir-se ao jugo do senhorio.

Tudo o que é colher sem martyrisar a terra com meios de industria adoptam os Srs. fazendeiros, pouco cuidadosos de melhorar a lavoura; e por isso toda a provincia está coalhada de fazendas de criação de gado vaccum, em cujo trato e para salga das carnes e couros se occupam cardumes de homens ociosos, sem domicilio certo, pela mór parte de uma raça crusada de Indios, brancos e negros, a que chamam *cafusos*, os quaes são mui amantes d'esta vida meia errante, pouco dados a outros misteres e muito á rapina e á caça, distinguindo-se apenas dos selvagens pelo uso da nossa linguagem. São estes homens de cruel indole pelo habito de pastorar e matar o gado, consumindo o resto da vida em ocio ou em rixas. D'esta gente bruta ha grandes manadas n'esta provincia, e assim nas do Piauhy e Ceará, analogas a esta pelos usos e costumes. Muitos dos Srs. fazendeiros, á imitação dos antigos barões, vivem sem respeito algum ás auctoridades, vingando-se por suas mãos de particulares insultos, e acoutam em suas terras os facinorosos que buscam o seu abrigo, e que em tudo se prestam ás suas vindictas. De tal gente se escoltam e se fazem temiveis, e tão facil lhes é ordenar um assassinato, como o negar uma divida, ou ao menos não pagar aos credores, os quaes por sua vez, si podem, não duvidam empregar os mesmos meios para haver os seus bens. Esta é a gente que incitada nos fez a guerra, é ella a que compoz o exercito da rebeldia.

Em remate d'este artigo de costumes, direi que de todos os povos que visitei, de todas as provincias do Imperio em que estive, a do Maranhão, exceptuando a sua capital, é onde menos se acata a religião. As luzes do christianismo parece que ainda não penetraram

hoje do valor de cento e sessenta contos pouco mais ou menos; e eis aqui toda a cultura d'exportação d'estes oitenta a noventa mil escravos, cujo resultado feito não dá ao lavrador por cabeça nove mil réis por anno!

essas villas de tectos de palha, e essas choupanas esgarradas em tão vasto territorio: pobres pardieiros com o nome de igrejas, ermas de fieis, apenas aninham as corujas, morcegos e mais aves nocturnas, cujas immundicias cobrem o chão sem assoalho, e até os mesmos altares; um vapor putrido, como o halito da peste, se exhala do sanctuario deserto, e tão miseravel é o seu aspecto, que parecem monumentos de zombaria ao mais sublime dos sentimentos humanos. Nós vimos e lastimámos o que escrevemos! O que se póde esperar de homens não domados por nenhum freio? A provincia do Maranhão tem sido por vezes theatro de rebelliões e testemunha de outras nas provincias limitrophes, e não são poucas as que precederam á esta.

CAPITULO III.

Do estado da provincia antes da rebellião e da presidencia do Sr. Camargo; grande opposição aos actos do seu governo.

Achava-se em paz esta provincia quando da presidencia tomou posse o Sr. Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, em 3 de Março de 1838, succedendo ao capitão de mar e guerra Francisco Bibiano de Castro; assim o confessou o novo presidente em seu relatorio (*): « É cheio da maior satisfação (diz elle) que tenho de » annunciar-vos que a paz e tranquillidade reinam em toda a » extensão do territorio maranhense. » E como que o chamava a sorte para ser a causal da rebellião, quiz de antemão justificar o povo de qualquer excesso, dizendo: « O bom senso, o amor do trabalho, » que distingue o povo que n'elle habita (no Maranhão); a lembrança » dos males por que tem passado, e d'aquelles que de um modo tão » terrivel affligem os filhos menos felizes de outras partes do conti- » nente brazileiro; a experiencia adquirida n'este tirocinio de infeli- » cidades, de que com meios extra-legaes, em vez de melhorar-se, » aggrava-se a sorte do povo, tem feito da paz uma necessidade; e » eu posso com affoiteza assegurar-vos e ao Brazil inteiro que em » nenhuma outra provincia o delirio da demagogia, seus principios

(*) Relatorio á assembléa provincial, de 3 de Maio de 1838.

» subversivos, e seus execrandos excessos, encontraram uma barreira » mais insuperavel, uma mais uniforme coalisão de esforços para » rebatel-os. » Como tantas bondades desapparecem em nove mezes? Enganou-se; não conhecia o povo á cuja testa se achava, ou então deu elle causa á rebellião, que d'ahi a nove mezes arrebentou na provincia. Forte opposição se manifestou á administração do Sr. Camargo, opposição em parte despeitosa, porque os que então compunham o partido do governo, antes de subir aos publicos logares fortemente haviam atacado como opposicionistas o governo do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, pessôa cara ao partido que agora em desforra os guerreava. Um pequeno jornal com o titulo de *Bemtevi* (*), escripto em linguagem popular, attrahiu grosso partido: atacava o presidente, e a lei dos prefeitos, creação nova, que por indicação do presidente tinha passado na assembléa provincial. Tinha o Sr. Camargo, em seu relatorio, despejado sobre os juizes de paz todos os opprobrios, descrevendo-os d'este modo: « É impossivel que » deixeis de conhecer todos os excessos commettidos pelos juizes de » paz. Abri a sua historia, e vereis cada pagina manchada com os » factos os mais monstruosos, filhos da ignorancia e da maldade, » um luxo de arbitrariedade e perseguição contra os bons, inaudita » protecção aos máos, e porfiada guerra ás auctoridades. »

O *Bemtevi* por sua vez empregava a mesma sanha contra os prefeitos: depois de os pintar como auctoridades absolutas iguaes aos *commandantes geraes* e *capitães móres*, termina assim um artigo (**): « Um prefeito tem espalhados tantos quantos officiaes de » policia (espião) elle quer, para saber do que se passa fóra e » dentro das casas! Adeus sagrado das familias! Os prefeitos » chamaram e corromperam nossos escravos para dizerem tudo que » em nossas casas se faz e se diz, e accrescentarem o mais que nem » se faz, nem se diz! Com uma auctoridade tão absoluta quem se » julgará seguro! quem os poderá ter mão! Mil maldições pesem » sobre a cabeça de quem pediu e sanccionou uma tal lei! mil

(*) Redigido pelo ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho.

(**) Numero 4 do *Bemtevi*, de 11 de Julho de 1838, pag. 15.

» maldições pesem sobre as cabeças d'essa maioria da assembléa que » fez tal lei! » Não podia esta linguagem violenta e animada deixar de abalar os animos. O presidente era accusado de imbecilidade, e que como um automato se deixava dominar pelo seu secretario e por certas influencias, que só punham a mira no ganho e na delapidação da fazenda publica; nem se esqueceram de publicar a sua biographia pouco favoravel (*), e o accusaram até de impiedade por haver enxugado as mãos em uma toalha riquissima de cambraia, que servia no altar da Santa Casa da Misericordia em dias solemnes (**). Um jornal governista desapiedadamente insultava a opposição em linguagem trivial e grosseira. Dividiu-se a população em dous partidos rancorosos, os *Bemtevís* e os *Cabanos* (***), e nos braços do segundo entregou-se o governo, que em meio devêra permanecer e equilibral-os. Governo partidario é sempre injusto. Os echos do queixume da provincia tinham chegado á côrte e eram repetidos pelos jornalistas. Mais se excitava toda esta colera dos partidos pela ambição do mando e dos logares, e pelo desejo de triumphar nas eleições: os que de cima estavam pela influencia do partido não queriam descer, os outros queriam subir, trocavam-se os insultos, até que a final succedeu á infame guerra de palavras o grito da rebellião e da guerra civil.

(*) Numero 28 do *Bemteví* de 3 de Outubro de 1838.

(**) *Bemteví* n.º 20 de 5 de Setembro de 1838.

(***) Esta denominação lhes foi dada pelo contrario partido em tempo da presidencia do senador Antonio Pedro da Costa Ferreira, por analogia aos *cabanos* rebellados do Pará. Chamam-se *cabanos* n'aquella provincia os sertanejos ou habitantes das cabanas, gente rustica e feroz, que capitaneada pelos Vinagres e Eduardos causaram a desgraça do Pará em 1834 e 1835. De Pernambuco passou esta denominação de *cabanos* para o Pará, e d'alli para o Maranhão.

CAPITULO IV.

Rompimento da desordem tendo á sua frente o vaqueiro Raymundo Gomes; seu caracter e importancia social. Primeiras providencias do governo.

Aos 13 de Dezembro de 1838 na villa da Manga, situada na margem esquerda do Iguará, comarca do Itapucurú, apresentou-se um certo Raymundo Gomes, homem de côr assaz escura, acompanhado de nove da sua raça; arrombaram a cadêa da villa e soltaram os presos criminosos. Existiam na villa vinte e tantas praças ás ordens do sub-prefeito, as quaes iscadas do mesmo espirito, incorporaram-se a Raymundo Gomes: começou logo este rebelde a prender commissarios, e a pregar contra os prefeitos e contra o presidente, á quem pretendia derribar, e em seu logar levantar o vice-presidente, conhecido por opposicionista. Que mão occulta dirigia este drama não se póde duvidar. Era Raymundo Gomes incapaz de tomar por si uma tal resolução, posto que por seus habitos muito proprio para executal-a. Nascido no Piauhy e filho d'essa raça crusada de Indios e negros de que tratámos, criado no campo entre o gado que pastorava, prestando a sua faca ás vinganças proprias e alheias, leigo nas lettras humanas, apenas conhecido por alguns assassinatos de que impunemente vivia, manchado pela perversidade dos costumes que relatámos e inefficacia das leis, não se arrojaria a perturbar a tranquillidade publica por motivos politicos, sem estranho impulso; e quando ousasse, abortaria a sua audacia a não encontrar o decidido apoio, que incontestavelmente lhe foi dado. Instrumento estupido de um cego partido que cuidou poder, quando lhe aprouvesse, fechar o dique da colera popular, Raymundo Gomes, o vaqueiro assassino, converteu-se em chefe do partido Bemteví! e os que o levantaram do pó da terra envergonharam-se de sua obra.

Chegou a nova d'este facto á capital da provincia, e um dos informantes escreveu: « Parecerá talvez a V. Ex.ª que tenho dado » maior importancia do que devêra a similhante acontecimento, o » que não duvido; mas é porque ainda tenho em fresca memoria as

» desgraças e penosos sacrificios que custaram á provincia as desordens » de Antonio João Damasceno (*), *que não tiveram por certo » melhor principio do que esta.* » Mandou logo o presidente trinta praças sobre os sediciosos, que tarde chegaram pela grande distancia. Entretanto só no fim de cinco dias da data da revolta se ergueu n'aquelles contornos uma força de quarenta homens para suffocar a rebellião. Raymundo Gomes e os seus, protegidos pelos vereadores da camara da villa da Manga e pelo juiz de paz Coelho, evadiram-se no dia 17, levando armamento e petrechos roubados, e pozeram-se em marcha via da Chapadinha.

Assim pois nove criminosos assassinos impunemente passaram, roubaram, e proclamaram em uma villa por espaço de cinco dias, e não appareceu quem lhes resistisse!

CAPITULO V.

Do procedimento do Sr. Camargo, parte falsa dada ao ministerio, sua demissão.

Os que governam por meios obliquos e tortuosos estimam ás vezes estas revoltas de pouca monta em principio, porque no triumpho d'ellas ganham popularidade e mostram energia ante os olhos dos amedrontados, que são muitos. Fez o presidente Camargo publicar no jornal official (**) todas as participações d'este facto que do interior da provincia lhe foram dirigidas, encheu-se de susto a capital; o temor augmentou o perigo, e os facciosos cobraram animo para novas tentativas; e no meio de geral receio elle só tudo confiava e esperava de seus prefeitos, talvez convencido que com pouca agua se extinguiria o incendio, baldo de combustiveis, fatal erro que deu origem a tantas calamidades! E como o grito dos sediciosos era exhalado contra elle e sua administração, conveio-lhe apresental-os como um bando de salteadores, sem côr politica. Na verdade não mereciam elles outro titulo; mas eram os atiradores de um partido descontente, que os

(*) Chefe da revolta em 1832.

(**) *Publicador Official* de 29 de Dezembro de 1838.

impellia, e o nucleo da rebellião, que foi engrossando pelo pouco caso de uns e temor de outros

O presidente Camargo officiando (*) para a côrte ao ministro do Imperio, e relatando todo o acontecimento, ajunta desdenhosamente: « D'esta povoação (a Chapadinha) consta que se evadiram de novo os « *rebeldes* ao approximar-se a força encarregada de os bater, e com « quanto ainda não se saiba o ponto em que se tenham estabelecido, « marcha *tanta tropa* em seu seguimento, que é muito provavel « que *até se consiga a capturação de todos elles*. É do meu dever « certificar a V. Ex.ª que este tumulto, despresivel pelos individuos « que n'elle figuram, insignificante pela fraqueza dos meios de que « podem dispôr, á esta hora estará terminado, *noticia que breve-* « *mente transmittirei a V. Ex.ª* » Cabia aqui uma reflexão, mas continuemos a ler esta parte: « Entretanto similhante acontecimento « nenhuma alteração fez na ordem, nenhum abalo deu nos animos, « e *nem uma consequencia promette*, &c. » Eis como se antolharam as cousas a este presidente pouco previdente, ou ao menos pouco sincero e cauteloso. Elle havia promettido transmittir com brevidade a noticia do fim que elle chamava *tumulto*, e com effeito logo no seguinte mez escreveu para a côrte (**) que os rebeldes tinham sido destroçados, e diz: « Perseguidos continuamente aquelles mal- « vados pelas tropas enviadas d'esta capital e de diversos pontos da « provincia para batel-os, viram-se obrigados a atravessarem o rio « Parnahyba, em um ponto a quatro leguas distantes da villa do « mesmo nome, na provincia do Piauhy; mas o respectivo pre- « feito (***), que com antecedencia eu tinha mandado prevenir, « sahindo-lhes ao encontro com cento e cincoenta homens, os « desbaratou, matando e ferindo não poucos, aprisionando alguns, « e afugentando outros, que mais cedo ou mais tarde serão tambem « presos, pois são bem conhecidos. Com a anniquilação d'estes

(*) **Officio do presidente Camargo de 8 de Janeiro de 1839.**

(**) **Officio do presidente Camargo, de 16 de Fevereiro de 1839, ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.**

(***) **O coronel José Francisco de Miranda Ozorio.**

« desordeiros ficou a provincia no gozo da mais completa tranquil-
« lidade; pedindo a verdade que assevere que ainda mesmo quando
« elles se acharam com as armas nas mãos, pouco abalo no socego e
« confiança publica davam, á vista das providencias que a tempo
« foram empregadas, e promettiam o resultado que por fim viemos
« a colher. » Esta participação de certo não foi inspirada pela boa fé, por quanto foi feita dez dias antes da chegada do novo presidente que o vinha substituir, e por quem já o presidente Camargo esperava quando traçou o primeiro officio annunciando que brevemente daria satisfactorias noticias.

Nada se havia colhido de suas providencias; Raymundo Gomes, posto que repellido pelo prefeito da Parnahyba, existia em campo, assolando de novo o interior do Maranhão, de volta do Piauhy, e tudo se achava em peior estado. Mas é manha dos governantes temporarios justificar a sua administração e carregar sobre os seus successores os males que deixam.

CAPITULO VI.

Posse do novo presidente o Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello; seu engano, grande desenvolvimento da rebellião, apparecimento do Balaio, destroço dos Angicos, temores de ser a capital sitiada.

Em 26 de Fevereiro chegou ao Maranhão o novo presidente o Sr. Manoel Felizardo de Souza e Mello (*), para substituir ao Sr. Camargo. Tomou posse no dia 3 de Março, anniversario da posse do seu antecessor; e por este influenciado, acreditou que a provincia estava em paz, e escreveu para a côrte (**): « A provincia goza de « tranquillidade e socego, *estado que parece duradouro, attenta*

(*) Tinha sido presidente do Ceará, d'onde fôra removido para o Maranhão.

(**) Officio do presidente Manoel Felizardo, de 4 de Março de 1839, ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.

« *a boa indole dos seus habitantes.* » E logo d'ahi a onze dias (*) viu-se obrigado a desmentir a parte que inadvertidamente havia dado pela sua muito boa fé em palavras de interessado, quando a corrupção dos nossos costumes pedia mais criterio e malicia.

Repellido Raymundo Gomes da Parnahyba, atravessou o rio do mesmo nome, e com maior sequito apresentou-se na comarca do Brejo: outro rebelde á frente de numeroso grupo começou a ter nomeada pelas suas atrocidades; foi este o celebre Balaio (**), que deu seu nome a todos os rebeldes. Motivos de vingança o arrastaram ás fileiras da rebellião. Contam que duas filhas suas tinham sido desfloradas por um certo Guimarães (***), official de commissão que da villa do Itapucurú-mirim marchára com um golpe de gente para atacar Raymundo Gomes na Chapadinha logo em principios da revolta. Balaio, posto que de baixa esphera e pobre, assim ferido na sua honra, jurou lavar com sangue a nodoa de suas filhas; cheio de indignação publicou a sua deshonra, excitou os animos de amigos e conhecidos, attrahiu gente, e repetia a linguagem dos facciosos, que aquelles homens da legalidade, vendidos aos Portuguezes, queriam exterminar os de sua côr; que suas vidas, honra e bens, patria e liberdade, não tinham outros recursos senão o das armas: e d'est'arte collocou-se Balaio á testa de um enxame de rebellados, e começou a semear por onde passava destruições e mortes. Nenhum outro o avantajou nas crueldades, que muito o enfurecia a sêde implacavel da vingança. Já então dizia-se que a força inimiga subia a quatrocentos homens, e d'ahi progressivamente foi sempre augmentando: evitando o encontro com as nossas tropas, só cuidavam os seus chefes de roubar as fazendas, armar-se e engrossar as suas turmas com quantos se iam levantando e adherindo á causa da revolta, cujo espirito, emanado de um partido da capital da provincia, ia achando

(*) Officio do presidente Manoel Felizardo, de 15 de Março de 1839, ao ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos.

(**) Manoel Francisco dos Anjos Ferreira Balaio, assim appellidado pelo seu officio de fazer e vender balaios.

(***) Antonio Raymundo de Guimarães.

corpo em toda a sua extensão. Correspondencias e insinuações se apanharam em poder de emissarios capturados que provam o que escrevemos.

Approximava-se o Balaio da villa do Rosario, na margem esquerda do Itapucurú, e os seus habitantes, amedrontados com esta nova, evacuaram a villa, e se refugiaram uns na fortaleza Vera-Cruz, a meia legua de distancia na margem do mesmo rio, outros na capital, deixando suas casas entregues ao furor d'aquella cáfila.

Aos 15 de Março de 1839 o presidente Manoel Felizardo mandou o major Feliciano Antonio Falcão, official de grande credito pelas qualidades de sua pessôa, e com elle uma força de quarenta homens, e o nomeou commandante em chefe das tropas da legalidade, as quaes eram de duzentas e cincoenta praças; e porque cada vez mais crescia o susto e o numero dos rebellados, expediu no dia 21 do mesmo mez um hiate e um lanchão com sessenta e tres homens e marinheiros pelo Munim até á villa do Icatú, com o fim de protegel-a.

De pouco proveito eram estes mesquinhos soccorros, porque os rebeldes não se davam em ataque, e sempre errantes, de emboscada cahiam sobre as nossas pequenas partidas e logo deixavam o campo, tanto que as debandavam. Um grande damno recebemos então: o capitão Pedro Alexandrino, que á frente de cento e setenta e tres praças se achava no logar denominado Angicos, comarca do Brejo, tendo ahi feito juncção com o tenente coronel João José Alves de Souza, foi assaltado inopinadamente pela força do Balaio, passante de mil homens, que os destroçou completamente; e ahi praticaram os rebeldes actos de horror, arrancando os olhos, cortando as orelhas e pedaços de carnes ao capitão Alexandrino, ao tenente coronel Souza e a outros officiaes nossos, ainda vivos, que assim atrozmente martyrisados morreram no meio das maiores angustias: os que escaparam com vida das cento e setenta e tres praças, foram por elles capturados, e com elles se ligaram. A nova d'este desastre infundiu o susto em todos os animos, e as boas esperanças se desvaneceram. Começou então o presidente Manoel Felizardo a ver quão falsas eram

as suas conjecturas, inspiradas pela má fé, e mandou cobrir a capital com fortificações e cruzar algumas canhoneiras, temendo que se passassem os rebeldes á ilha do Maranhão e tomassem a capital; e como já anteriormente houvesse reclamado soccorro de tropas á algumas provincias, chegou-lhe por aquelles dias um batalhão de Pernambuco forte de trezentas e vinte praças, que logo fez marchar para o interior. Já então lavrava o boato de que se achava a cidade de Caxias sitiada; e os rebeldes, em crescente numero, cada vez mais audazes pelas victorias havidas, á maiores emprezas se arrojavam, deixando após si o pranto, a morte, a destruição e o incendio; e quantos a elles se não ligavam iam sendo victimas de sua brutal ferocidade.

CAPITULO VII.

Caxias, seu assedio e desastres.

Caxias, outr'ora Aldêas-Altas, era o florescente emporio do interior do Maranhão e Piauhy, a mais rica e commercial cidade da provinca depois da capital, notavel pelo luxo dos seus habitantes e descomedimento de muitos, e mais notavel ainda por ser o theatro de continuas e diuturnas vinganças e assassinatos: demora a sessenta leguas ao suéste da capital, na margem direita e oriental do Itapucurú, tendo em seu rosto na opposta margem a freguezia da Trezidella, que a domina. Em toda a longa extensão d'este rio principal se descobrem propriedades, fazendas, aldêas e villas, e como o terreno que devassa é o mais fertil e muito cortado por seus braços, a que chamam *igarapés*, é tambem a parte a mais povoada e a mais rica de todo o Maranhão. Só a escravatura computa-se em cerca de vinte mil Africanos; o que muitas vezes ameaça o socego publico, subtrahindo-se parte d'ella ao jugo do senhorio, e aquilombando-se nas matas, d'onde em sortidas vão roubar as fazendas circumvisinhas, sendo necessario força armada para capturál-os; e não foi isto um dos pequenos males da presente rebellião, por quanto, fugitivos os Srs. fazendeiros, deixavam á mercê dos rebeldes seus casaes e escravos, e

estes se aproveitaram do ensejo para fugir ao trabalho das lavouras devastadas, e foram acoutar-se d'aquelle lado da costa entre a barra da Tutoya e Priá, onde em um numero passante de tres mil, e capitaneados pelo negro Cosme, tido por feiticeiro, grandes devastações fizeram; e d'isto trataremos em mais competente logar, que por em quanto se iam elles para ahi accumulando, sem attrahir a attenção do governo, todo occupado em negocio de maior monta.

Caxias, a cidade do crime, o refugio dos facinorosos, o dominio de pequenos bachás, que a seu grado decidiam das alheias vidas, estava acostumada a ver assassinatos todos os dias. Almas piedosas lhe auguravam grandes desgraças em punição de seus crimes, e quiz Deus que ella fosse o theatro sanguinolento de todos os horrores da rebellião, talvez para correcção de seus costumes depravados e seus futuros melhoramentos.

Tudo em Caxias attrahia os rebeldes; sua mesma posição central, suas riquezas, munições, sympathias e immoralidade convidavam a que fossem sitiar.

Toda a população errante e aventureira das comarcas do Brejo, Itapucurú, Caxias e Pastos-Bons, excitada pela cobiça, tinha engrossado as partidas dos facciosos, e seu numero avaliava-se em seiscentas cabeças, que cercaram a malfadada Caxias, todas meditando a sua ruina.

Marchavam para soccorrel-a o major Falcão com a gente do seu commando de guardas nacionaes e de policia, o major José Thomaz Henriques á frente do seu batalhão de Pernambuco, e tudo montava a setecentas praças debaixo do commando em chefe do tenente coronel Junqueira: estava em caminho estrada de Caxias, quando a infeliz nova chegou á capital de que aquella cidade se tinha rendido á força sitiante, e que o sangue corria em todas as suas veias; ao mesmo tempo, para cumulo de infelicidades, outra nova propagou-se de que mil rebeldes vindos da Parnahyba intentavam desembarcar na ilha do Maranhão e atacar a cidade de S. Luiz, capital da provincia. Tão fataes noticias foram dous golpes mortaes nos animos dos seus habitantes, que, assim perdidas as esperanças, varados de susto, já se

julgavam nas garras d'aquelles monstros sanguinarios, e logo foram tudo dispondo para sua fuga. Não menos o presidente Manoel Felizardo viu-se perplexo no meio de tantos terrores a um tempo espalhados, e esquecendo-se das desgraças de Caxias, mandou, para tranquillisar os animos, contra-marchar a força de setecentos homens que já em caminho estava para aquella cidade, com o fundamento de cobrir e defender a capital de qualquer invasão, que muito se receiava: pediu mais gente ás provincias do Sul, mandou a escuna *Legalidade* ao Pará com o mesmo fim, mandou desmontar e encravar a artilharia da fortaleza de Santo Antonio da Barra e a do baluarte da cidade; tanto era o medo que d'ella se servissem os rebeldes em tomando a capital, que por assim dizer já com antecedencia o terror lhes entregava! Algumas d'estas medidas de nenhum modo podem ser relevadas; a contra-marcha da força, o desmontamento e encravamento da artilharia, mostram inconsideração ou grande falta de confiança nos habitantes da capital, na qual além de sua posição elevada, cercada de agua, e de facil defensão, haviam dous batalhões de guardas nacionaes, e muita gente que podia pegar em armas. Entretanto Caxias nadava em sangue; vida, bens e honra, tudo ia sendo devorado pelas hordas devastadoras, que friamente as maiores crueldades praticavam sem piedade da infancia, da velhice e da virgindade.

Entre os terriveis cannibaes notava-se o feroz Ruivo, que fazia garbo de andar coberto de sangue e de apregoar o numero dos seus assassinatos perpetrados no dia. Em dinheiro e fazendas computa-se o seu prejuizo em quatro mil contos: bem caro pagou Caxias seus crimes passados. Muitos viram n'este flagello a maldição celeste invocada pelas victimas de sua perversidade; que assim castigou o Céo os reiterados crimes de uma raça prevaricadora; assim muitas cidades se anniquilaram; assim d'estas desgraças colhem os homens grandes e terriveis lições para o futuro. Praza ao Céo que esta se não perca.

CAPITULO VIII.

Da tomada de Caxias, o que ahi se passou: emissarios dos rebeldes ao presidente, suas requisições.

Caxias, populosa, rica, bem municiada, e de facil defensão, tendo de um lado o rio Itapucurú, e do outro altos morros que a cobrem, não se teria rendido á força sitiante se ahi não houvesse indifferentes mal cuidosos no futuro, que se furtavam a todos os sacrificios, e traidores que com os chefes rebeldes se carteavam e os soccorriam com polvora e viveres. Depois de quasi dous mezes de assedio e de repetidas escaramuças, mais desalentados os habitantes pela indecisão e fraqueza do que pela fome, vergonhosamente capitularam, e nos dias 30 de Junho e 1.º de Julho entraram os rebeldes na cidade: um dos seus caudilhos, Livio Lopes, intimou ao prefeito João Paulo Dias Carneiro que lhe entregasse a chave da igreja de Nossa Senhora dos Remedios, que profanada servia de armazem de polvora, e assim se apoderaram os invasores de trezentos barrís de polvora, de quarenta mil cartuxos embalados, de armamento, de duzentos armazens de fazendas, casas, vidas, e tudo emfim que alli existia. E á vista de tantos meios de resistencia, de tantos recursos, com que podiam fazer rosto e repellir os sitiantes, facil é a conclusão, para quem mesmo outros documentos não tivesse, de que se algumas auctoridades e principaes habitantes não eram conniventes com os rebeldes, ao menos por medo com elles transigiam.

D'est'arte acampados os Bemtevís na segunda cidade da provincia, armados e municiados á custa dos vencidos, senhores de tantas vidas, do principal rio e das comarcas de Caxias, Pastos-Bons e Brejo, arvoraram um conselho composto do abegão Raymundo Gomes, Balaios, Livios e Ruivos, e dos mais caudilhos da mesma estofa, tão ferozes como estupidos, em cujo nome dictava-se a lei. Prenderam logo todos os legalistas, e roubaram o que quizeram. Expediram depois emissarios ao presidente Manoel Felizardo com instrucções para com elle entabolarem negociações. Chegaram á capital esses plenipo-

tenciarios, posto que debaixo de guarda desde a villa do Itapucurúmirim, e em palacio se apresentaram com os papeis que traziam ao presidente, os quaes aqui transcrevemos. « Illmo e Exmo Sr. — « O conselho militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos « commandantes das forças do partido Bemteví, que conta seis mil « homens bem armados e municiados, tomou por medida salutar e « mui conveniente ao socego da provincia mandar perante V. Ex.ª « uma deputação composta dos Srs. João Fernandes de Moraes, « Hermenegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José « Martins, padre Raymundo de Almeida Sampaio, Brazileiros probos « e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Ex.ª os desejos « e votos do partido Bemteví, os recursos com que conta, e a firme « determinação em que se acha para fazer respeitar as leis, a consti- « tuição e o throno augusto de Sua Magestade o Imperador; e muito « confia que V. Ex.ª, convocando immediatamente a assembléa « provincial, haja de adoptar as medidas que se propõe, porque ellas « são sem duvida a declaração da vontade da provincia. Caxias, « 10 de Julho de 1839. — Illmo e Exmo Sr. Manoel Felizardo de « Souza e Mello. — Seguem-se as assignaturas. » Além d'este officio do conselho militar, vejamos o seguinte discurso da deputação, cujo original temos ante os olhos. « Illmo e Exmo Sr. — O partido « denominado Bemteví, que parecia fraco, mas que tem adquirido « forças e muitos elementos de resistencia a outro qualquer que o « pretenda supplantar, havendo á custa d'esforços e trabalhos conse- « guido apoderar-se e tornar sua toda a provincia maranhense, « respeitando sempre as leis e o throno augusto de Sua Magestade o « Imperador, nos manda em deputação perante V. Ex.ª a representar « a V. Ex.ª o estado de engrandecimento em que se acha, e as « medidas que julga convenientes ao bem da provincia, a fim de « que V. Ex.ª, tomando-as na devida consideração, as adopte para « salvar a provincia das immensidades de males que a ameaçam, si « ellas não forem approvadas. Não ha duvida, Exmo Sr., que « alguns excessos praticou este partido no seu começo; hoje porém « que elle acaba de tomar Caxias, onde se municia de oitenta mil

« cartuxos embalados, mil armas, peças de artilharia, e mais de « trezentos barrís de polvora, apoiado em seis mil homens apresenta « uma barreira irresistivel, e manifesta a vontade da provincia. « Assim, Sr., o partido Bemteví, querendo sustentar os objectos « mais caros aos bons Brazileiros, nos manda perante V. Ex.ª « offerecer-lhe as instrucções juntas que nos deu, e muito confia que « V Ex.ª, como muito interessado no socego da provincia, haja de « lhe dar uma resposta satisfactoria, ou as condições que julgar « convenientes, porque a deputação está auctorisada a recebel-as « ou modifical-as. »

Que os membros d'esta deputação eram Bemtevís, este discurso o prova, e mais ainda a confiança n'elles depositada, posto que d'este labéo se defendessem.

Vejamos as instrucções do conselho militar á deputação. « Art. 1.° O conselho militar e tropa reconhece e respeita o governo de Sua Magestade o Imperador, as leis e constituição do Imperio. Art. 2.° O conselho militar declara que o povo e tropa, que se acha reunido e se conserva com as armas nas mãos, não tem outras vistas mais que pedir ao Ex.mo Sr. presidente da provincia abrogação das leis provinciaes que crearam as prefeituras, e offenderam a lei geral sobre a organisação de uma guarda nacional, além dos artigos seguintes. Art. 3.° Que o Ex.m Sr. presidente da provincia, reunindo extraordinariamente a assembléa provincial, conceda uma amnistia áquellas pessôas que de qualquer modo se acham compromettidas na presente lucta, por quanto ella só tem por fim lançar por terra aquellas leis, que ameaçam as liberdades patrias. Art. 4.° Pede ao Ex.mo Sr. presidente da provincia oitenta contos de réis em dinheiro, para indemnisação da tropa, por quanto a contribuição imposta aos habitantes d'esta cidade (Caxias), que lhe fizeram a mais decidida opposição, não é sufficiente para supprir o deficit dos respectivos prets. Art. 5.° Que os presos d'Estado que se achavam em custodia, sendo processados legalmente, respeitando-se o fôro de cada individuo, conforme a constituição do Imperio e leis existentes, sejam obrigados a cumprir suas sentenças, havendo recursos d'ellas

na fórma da codigo do processo. Art. 6.° Que saiam da provincia os Portuguezes, propriamente fallando, ficando sómente os adoptivos, a quem não será permittido os empregos publicos, a venda de armas de qualquer natureza, munições ou quaesquer outros generos *combustiveis*, sob pena de serem tomados pela fazenda publica, com denuncia ou sem ella, e por isso inhabilitados de pegar em armas em qualquer occasião. Art. 7.° Que d'entre as forças Bemtevís sejam considerados em seus respectivos postos aquelles officiaes de melhor conducta, e que mereçam a opinião, assim do governo como do publico, para serem empregados nos corpos da provincia. Art. 8.° Que o conselho militar obriga-se a fazer depôr as armas, logo que estas requisições sejam adoptadas pelo Exmo Sr. presidente da provincia e assembléa provincial, podendo admittir-se aquellas modificações que a deputação entender fazer, em cumprimento dos interesses e dignidade do partido Bemteví. » Taes foram as requisições feitas em nome de um partido com as armas nas mãos, algumas anti-constitucionaes pela sua materia, outras vergonhosas para o governo, e todas indignas de serem aceitas.

CAPITULO IX.

Da maneira porque foram recebidas as proposições dos rebeldes: uma conferencia em palacio entre o Dr. Sá e o professor Sotéro: da opinião publica sobre o presidente, e censuras que lhe faziam.

Do modo porque foram recebidas estas proposições e do occorrido entre o presidente e os commissarios nada consta officialmente, limitando-se aquelle a enviar para a côrte uma copia d'estes artigos, e a noticia da divisão entre o rebelde Livio Lopes e Balaio, por ganhar este grande preponderancia, pretendendo matar todos os presos de Caxias, e entregar a direcção da rebellião a homens de côr: e ajunta que havia dito á commissão que o governo geral não era vingativo e sequioso de sangue; e que se Livio ou outro chefe dos facciosos se unisse ás forças da legalidade, ou batessem logo os

outros, não só teriam o perdão do que haviam feito, como seriam tratados com alguma attenção; e termina este officio (*) dando, como sempre, bôas esperanças, que com a mesma facilidade iam sendo desmentidas pelos acontecimentos subsequentes.

É porém notorio e os jornaes deram fé, que em uma noite larga conferencia houve em palacio entre o doutor Joaquim Franco de Sá, juiz de direito da comarca de Alcantara, e o director do Lycêo Maranhense, Francisco Sotéro dos Reis, redactor do *Investigador Constitucional*, o primeiro indicado como opposicionista liberal, o segundo como muito aferrado ao governo forte. A esta conferencia, occasionada pelo encontro imprevisto dos dous (como ambos confessam em exposições defensivas que pelos periodicos fizeram), assistiu o presidente, que teve a coragem de não proferir palavra, e de em silencio ouvil-os sem descobrir o seu pensamento. Sustentou o Dr. Sá a necessidade de se convocar extraordinariamente a assembléa provincial, que antes de tempo, e sem haver concluido a lei do orçamento para o financeiro anno de 1840 a 41, se havia encerrado por si mesma. Opinava o Dr. Sá, que a pretexto de se concluir esta lei, se devia reunir os dispersos membros da assembléa, e tratar-se de derogar a lei dos prefeitos, e de tomar outras medidas para acalmar o espirito da revolta. O professor Sotéro, parecendo concordar com isto, queria em troco que passasse igualmente na assembléa provincial a suspensão de garantias, e um credito de vinte contos (outros dizem de oitenta) para despesas occultas, e d'aqui brotou a divergencia entre os dous. Diz-se que o professor Sotéro propunha esta medida porque sorrateiramente machinava a quéda do presidente, escrevendo elle e seus amigos para a côrte, pedindo o general Andréa, que por seu caracter violento e decisivo habituado estava a não respeitar cousa alguma, e contava que o general se entregaria todo á gente que o reclamava, e vexaria o partido opposto; e consta que cartas appareceram n'este sentido: o certo é que o presidente Felizardo, pela sua indecisão e docilidade, a nenhum dos partidos

(*) Officio de 3 de Agosto ao ministro do Imperio.

convinha. Já o descontentamento apparecia, e pouca confiança n'elle depositavam.

Retiraram-se os dous a final, sem que d'aquella entrevista e debate fundisse proveito algum para os publicos negocios, e nem ao menos serviu para adoçar a acrimonia dos partidos, os quaes proseguiram a reciprocar accusações e invectivas. D'ahi em diante foi sempre mingoando o credito do governo, que apezar das boas intenções, por sua fraqueza vacillava entre oppostas exigencias. Não o pouparam desde o principio; seu relatorio á assembléa provincial em 3 de Maio soffreu rigorosa e circumstanciada analyse do redactor da *Chronica* (*), o qual suppondo ser obra do secretario, que muito odiado era, desabou contra este todo o pêso da critica esmagadora, notando falsidades e até copiosos erros de linguagem e incorrecções de estylo; e censurou o presidente por haver de confiança prestado sua assignatura a uma obra de estylo *pedantesco*, de *máo gosto*, *deturpado* por não poucos *barbarismos*, e em geral *languido* e *empeçado*, concorrendo para dar ao todo do discurso *uma physionomia burlesca*, certas *puerilidades* e *distracções* que parecem incriveis em um documento de sua natureza tão grave, e que devêra ser feito *com todo o esmero e cuidado* (**). E allega como irresistivel prova de ser producção do secretario (que havia servido com o Sr. Camargo, de quem era protegido) o dizer elle no artigo — Tranquillidade publica — *que reappareceram os desordeiros em principio de sua administração*, o que na verdade é uma falsidade sem honra e proveito para quem tal dizia, por quanto havia elle tomado posse no dia 3 de Março, e os officios do interior noticiando o reapparecimento dos rebeldes na provincia eram de 26 de Fevereiro, decorrido ainda no tempo do ex-presidente Camargo. E já atraz fica dito o quão de boa fé andava o presidente em todas estas cousas, não prevendo, como devia, as consequencias; e este erro desde o principio não pouco concorreu para os mais erros de sua

(*) João Francisco Lisboa.

(**) *Chronicas*, n.os 141, 146 e 148 de Junho de 1839.

fraca administração em tão melindrosa crise; até que a final um novo ministerio o julgou inapto para acalmar os desordeiros.

CAPITULO X.

Progressos da rebellião e seus horrores.

Assim iam as cousas na capital, em quanto no interior da provincia o geral desalento cedia o campo ás hordas devastadoras, que ufanas não atacavam sem victoria, e com tanta rapidez lastravam, que sua podiam chamar toda a provincia, theatro miserando de seus horrores e latrocinios, onde punham em practica quantos flagicios inventa a perversidade do coração humano para tormento de suas victimas. Um só facto apontarei: a um misero ancião oitogenario cortaram o ventre e n'elle coseram um leitão vivo, que lhe roía as entranhas; esta recordação horrivel de um supplicio tartareo foi feita ante os olhos dos filhos e da espoza do desgraçado velho, e nem o deixaram os frios algozes, que galhofavam, sem o ver exhalar o ultimo expiro no meio de crueis vascas e dolorosos gritos da familia, que além d'este martyrio foi espancada em despedida. A tanto chega a cruel fereza do coração humano! Pobres mulheres indefesas eram açoutadas, moças manchadas ante os olhos de seus progenitores, e assassinadas se resistiam; roubados os bens e incendiadas as casas e lavouras, e todos os dias chegava á capital a nova de uma desgraça, cousas estas que mais facilmente elles praticavam, do que nós podemos escrever; que si tantos exemplos de iguaes crimes não nos mostrasse a historia de povos civilisados em épochas de feroz delirio, estamos que as almas sensiveis duvidariam da veracidade d'estes.

CAPITULO XI.

Da chegada do coronel Sergio para commandante das forças; sahida d'este e do presidente para o Icatú; e do desastroso ataque das Arêas.

Devolvia-se o mez de Julho de 1839 quando a S. Luiz do Ma-

ranhão chegou o coronel Francisco Sergio de Oliveira (*), vindo do Pará, e nomeado pelo governo geral para commandante em chefe das forças em operações no Maranhão. Mais de vinte dias demorou-se elle na capital sem marchar para o campo da guerra, até que obrigado foi por um novo desastre. A villa do Icatú, situada á margem direita do rio Munim, oito leguas distante da capital, achava-se sitiada por terra por avultada copia de sediciosos, que em suas costumadas correrias devastavam todo aquelle quadro de terreno que se estende do oéste a léste, desde a margem direita do Munim até o igarapé Jacarehy, ficando-lhe ao norte a bahia de S. José, que do continente separa a ilha de S. Luiz, onde está a capital, e ao sul outro igarapé, que desemboca do Munim, de modo que aquelle quadro de terra parece uma ilha presa ao suéste do continente : em todo este terreno havia para mais de oitocentos rebeldes que ameaçavam a capital, e que talvez não tentassem um desembarque por falta de lanchas, e tambem porque algumas canhoneiras nossas crusavam aquellas aguas em protecção da ilha capital. O destemido tenente Antonio de Sampaio (**) ia commettendo temeridades entre os facciosos, causando-lhes grandes damnos, até que em uma sortida encontrou-se com numerosa cáfila, que em debandada fez recuar a sua tropa com perda de muitos.

O presidente, que tanto como o povo temia a tomada da cidade de S. Luiz, vendo tão perto o perigo, oito leguas apenas arredado, resolveu-se a fazer um esforço, e acompanhado do coronel Sergio, commandante em chefe das forças, e do tenente-coronel Isidoro Jansen Pereira, com todo o seu batalhão de guardas nacionaes, forte de trezentas praças, e de setenta homens de primeira linha sob o commando do tenente-ajudante João Paulo de Miranda (***), marcharam todos no dia 6 de Agosto para o Arapiranga, logar da ilha a seis leguas da capital em frente da bahia de S. José, onde embarcaram, e no dia seguinte chegaram á Villa Velha do opposto lado da bahia, e situada

(*) Era então tenente-coronel, hoje brigadeiro.

(**) Era então alferes, hoje capitão.

(***) Hoje capitão.

no quadro de terra de que fallámos, a tres leguas da villa do Icatú. Desembarcados todos na Villa Velha, ahi acharam dous batalhões de primeira linha, um sob o commando do major Feliciano Antonio Falcão (*), outro sob o do capitão Ernesto Emiliano de Medeiros (**), e ambos debaixo das ordens do tenente-coronel João Raymundo Carneiro Junqueira: era esta aquella força que em marcha para Caxias retrocedêra com ordem do presidente para vir cobrir a capital, como atraz fica dito. No dia 8 houve ahi parada das tropas, e no commando d'ellas foi investido o coronel Sergio; e finda esta solemnidade, mandou o coronel que o tenente Sampaio com um golpe de gente fosse explorar o caminho: o que feito, regressou logo depois com um homem dos seus ferido em um tiroteio havido com os inimigos. Occupava-se o commandante Sergio com o mappa topographico, e traçou um plano de ataque dividindo suas forças, das quaes parte deviam ir por terra e outra por agua; mas como tratassem primeiro de distribuir as rações aos soldados, e grande demora houvesse em fazer a carnagem para isso, já a maré estava em preamar, e o capitão-tenente da armada Boldts apresentou a difficuldade de se effectuar um desembarque n'aquelle dia, por vir a faltar agua quando chegassem no logar designado o Jacarehy. Burlado o plano e perplexo o commandante Sergio consultou com o presidente, e nada resolveram por aquelle dia, na tarde do qual pelas cinco horas embarcou-se o presidente para bordo do hiate *Vinte e oito de Julho*, com toda a sua companha e um corpo voluntario com o titulo de Pedro II, formado de doutores e bachareis, sob seu commando, e fez-se á véla via do Munim.

Ao despontar o infausto dia 9, ordenou o commandante a marcha das tropas por terra, estrada do Icatú; ia na vanguarda o major Falcão com o seu batalhão, e depois de poucas horas de marcha, descobriu a guarda avançada um espia dos rebeldes, que logo fugiu, e teve de sustentar um tiroteio com a dos contrarios, que luctando

(*) Hoje tenente-coronel, commandante do 5.º batalhão de fuzileiros do exercito.

(**) Hoje major do 1.º batalhão de fuzileiros do exercito.

recuaram até suas trincheiras, que cortavam o caminho em uma volta ou cotovello que fazia, estendendo-se ellas para os dous flancos: eram estas trincheiras de tres pés de altura, construidas de páos e folhas, e torneadas por dentro de um fôsso com bastante fundo para cobrir um homem agachado, e onde occultos os rebeldes esperavam a nossa gente, que alli esbarrando, foi recebida com uma descarga de mosquetaria, que pôz fóra de combate perto de trinta soldados da guarda avançada. O major Falcão, como por falta de vento que varresse a fumaça nada via do que se passava na vanguarda, mandou saber que obstaculo havia, e instruido do caso ordenou que o capitão Simão Antonio Alves, com a primeira companhia do seu commando e um guia, fosse pelo flanco direito da trincheira, e cahisse sobre a retaguarda do inimigo, fazendo ao mesmo tempo avançar a segunda companhia pela frente, em soccorro da guarda avançada: reanimou-se o fogo por este lado, contando o major com o rompimento do cordão dos flanqueadores; mas, por fatalidade, o capitão não cumprindo a ordem, veio desculpar-se, allegando que não podéra romper o espêsso mato, sendo n'elle ferido. Derrotada ficou a segunda companhia, e seguiram-se a terceira e quarta, que o mesmo damno soffreram: o estoico major não recuava, apezar de já tropeçar entre mortos e feridos apinhoados no caminho. Quiz a vanguarda retroceder, tão desalentada estava, mas elle conteve-a e forçou-a á nova investida, e n'isto ouviu-se uma descarga dos dous batalhões que após marchavam, um de guardas nacionaes do commando do tenente-coronel Jansen, e outro que cobria a retaguarda do capitão Ernesto. Entre estes vinha o coronel Sergio, commandante em chefe, que parecia não haver previsto aquelle encontro, como se marchassem por estrada amiga, nem déra instrucções ao major para o que occorresse; entretanto as cornetas d'estes corpos correspondiam ao toque de avançar da corneta da vanguarda, e certamente não tocavam ellas sem ordem. Convém relatar todas as circumstancias d'este desastroso ataque, conhecido com o titulo das Arêas, nome do logar; o mais infausto que houvemos, em que passante de mil homens ficaram sem entrar em combate

muitos mortos e outros baleados; por quanto depois lançou-se a culpa d'este desastre sobre o major Falcão, como se alli não fosse um commandante em chefe que devêra delinear o ataque e prever as occorrencias.

Estando as cousas n'aquelle transe, depois de duas horas de fogo, sem que dos corpos da retaguarda apparecesse official algum ou ordem do coronel Sergio, o major Falcão já ferido, ouvindo o toque das cornetas, resolveu-se ir saber do coronel o que determinava, recommendando que sustentassem a refrega. Estavam os dous batalhões prolongados a um de fundo, e em meio marchava o corajoso alferes Sampaio, que então vinha com novo cordão de flanqueadores para contornar as trincheiras. Encontrado o commandante em chefe, expôz-lhe o major os desastres da avanguarda, e o como elle se achava ferido, pelo que nomeou aquelle um official superior para o substituir no commando do batalhão empenhado no combate; negou-se o official, e o mesmo fez outro após o nomeado. Tal era a disciplina, que nem o commandante em chefe sabia o que fizesse para sustentar as suas ordens, nem havia quem o obedecesse. Por felicidade, depois de tantos damnos acertou que n'aquelle intervallo o alferes Sampaio com os seus flanqueadores, rompendo o bosque antes de chegar ás trincheiras, o inimigo o presentisse e em fuga evacuassem o ponto. Então reanimou-se a coragem nos corações cobardes, e o coronel Sergio proseguiu a sua marcha com os dous batalhões que não luctaram.

Alli ficou o major Falcão, posto que ferido, arrecadando os destroços da guerra e reunindo seus soldados; e logo o cirurgião procedeu a um curativo tão miseravel como o combate, por não haver ambulancia de sangue sufficiente, e não lhe chegarem as mãos para tantos baleados; e alli mesmo tiveram os mortos sepultura no fôsso das trincheiras inimigas, onde a morte os sorprehendêra. E depois postos em marcha os illesos, levando ás costas os feridos, chegou aquelle funebre cortejo ao logar denominado —Ribeira—, onde impaciente e já acampado o coronel Sergio os esperava com toda a mais gente. E por falta de todas as commodidades estiveram aqui os

feridos dezeseis horas, deitados sobre a terra fria até o seguinte dia, expostas suas grandes feridas ao ar e já cobertas de insectos. Até que a final foram transportados para bordo das embarcações, e só então o primeiro tenente d'armada Angelo Custodio Ramos de Oliveira, franqueando alguns medicamentos que alli tinha, com suas proprias mãos ajudou no curativo ao cirurgião Teixeira Pinto; e pois que não teremos outra occasião de fallar do primeiro tenente Ramos, victima mais tarde do ignorante zêlo de um charlatão, lhe tributamos á sua memoria esta saudosa lembrança pelo muito que fez em sua vida. Embarcados todos os feridos, navegaram para a villa do Icatú já evacuada de rebeldes, onde o segundo tenente d'armada Curvêllo d'Avila, commandante de uma canhoneira, não menos que o primeiro tenente Ramos, desvelou-se com os enfermos, que posto enfermo tambem se achasse, por cruzar de longo tempo aquellas aguas entre mangues e brejos tão insalubres, não se poupou a fadigas para soccorrer aquelles infelizes. Já então o presidente tinha desembarcado, e depois chegou o coronel Sergio, que por terra marchára com a tropa, e ahi demorou-se o presidente alguns dias, até que aos 18 do mesmo mez regressou para a capital com a sua guarda do batalhão de Pedro II, ficando alli o commandante em chefe com toda a mais gente de guerra. Deixamos aberto o campo ás reflexões sobre este desastroso episodio do ataque das Arêas, de que apenas omittimos, por poupar vergonhas, minuciosos incidentes pouco dignos de escriptura.

CAPITULO XII.

Dispersão dos rebeldes em differentes grupos, evacuação de Caxias e do Icatú; entrada no Maranhão do major Clementino de Souza Martins.

Cada vez mais se ia ennegrecendo o horisonte maranhense: com os destroços da legalidade nutria-se a rebellião, e o governo já de animo quebrado, exhausto de forças e pouco acreditado, vãas tentativas

fazia, quando o infausto ataque das Arêas veio ainda mais estreitar o circulo das timidas esperanças.

Achava-se na villa do Icatú a maior parte das nossas tropas, tendo á sua frente o commandante em chefe; mas os rebeldes, que não aspiravam á gloria dos combates, e sim á vantagem na rapina, promptos se deslocavam em face de arriscadas emprezas, e como nenhuma intelligencia entre elles se movesse, nem plano politico bem concebido tivessem, andavam devastando tudo como quadrilhas de barbaros salteadores, capitaneados por differentes caudilhos, que obravam sem concerto, dado que Raymundo Gomes gozasse das honras de general em chefe.

Depois da desastrosa refrega de que acabamos de fallar, muitos dos bandidos tomaram o caminho do Iguará, onde se reuniram, e foram outros para Caxias levados pela avidez do saque; mas essa cidade tendo sido completamente roubada e destruida, nada alli havendo que podesse excitar a cobiça de salteadores errantes, foi deixada pouco a pouco, e os rebeldes restantes foram expulsos e alguns presos pelos habitantes, que só então reagiram: os que pelos invasores tinhão sido encarcerados, compraram suas vidas a pêso de ouro, e muitos passaram lettras para seu resgate.

Livio Lopes, que mais que todos se enriqueceu, e Balaio, marcharam para as margens do Parnahyba, com intento de oppôr-se ás tropas do Piauhy, que sob o commando do major Manoel Clementino de Souza Martins entraram em Maranhão pela comarca de Pastos-Bons, cortando d'est'arte a retaguarda do inimigo que assolava aquella comarca. Raymundo Gomes e Coque desceram de Caxias, e na altura de S. José, oito leguas acima do Itapucurú-mirim, retirou-se o segundo para sua casa, com o fim de gozar tranquillo do fructo de sua rapina; e Raymundo Gomes avistando uma partida nossa, furtou-se em precipitada fuga ao combate.

Devemos notar que os rebeldes tambem recrutavam, e os constrangidos por este geito, não colhendo fructo nas suas fileiras, desertavam para as nossas, e o numero d'estes apresentados ao commandante do Icatú subia a trezentos homens; o mesmo Coque e um

Domiciano Ayres entregaram-se ao governo, e continuaram a fazer a guerra a seus antigos companheiros de Caxias.

A nova d'estes ultimos acontecimentos, posto que só na apparencia favoraveis, animou o governo e a capital, que já não temia que a tomassem os rebeldes, o que deu azo aos partidos, até alli pelo temor aplacados, a que agora se reavisassem, e d'isto mesmo queixou-se o presidente para a côrte. Entretanto claro é que os negocios empeioravam, e cresciam as difficuldades com esta extravasação em grupos da rebeldia. Em quanto elles com todos os seus chefes estavam reunidos, podiam as nossas tropas sitial-os, e impedir ao menos que o espirito revolucionario se propagasse pelas comarcas até alli isentas; desde que se dividiram em batalhões errantes de salteadores, de necessidade as nossas tropas se deviam tambem dividir em partidas exploradôras, e não haviam forças sufficientes para perseguil-os, guarnecer todas as villas e povoações que podessem ser atacadas e servir-lhes de refugio. D'este retalhamento de forças de parte a parte resultou fraqueza e difficuldades para nós, vantagem para elles, que nada tinham que guardar e assegurar, e iam alvorotando toda a provincia, tomando á força os generos de que necessitavam, destruindo o que não podiam levar, e fugindo sempre depois dos primeiros tiros, quando com as nossas partidas se encontravam, accrescendo que nascidos e criados por esses sertões, melhor conheciam os trilhos e refugios; e as nossas tropas, pela mór parte expedicionarias de outras provincias, estranhavam o clima e o terreno, adoeciam com muita facilidade, e constantemente um terço d'ellas estava impossibilitada de servir; e muitas vezes em um acampamento ao numero dos sãos excedia o dos enfermos, sem que cirurgião e botica houvesse.

CAPITULO XIII.

Principio da desordem na comarca de Pastos-Bons; crime de Militão Bandeira de Barros; do acontecido nas villas da Chapada, Riachão e Pastos-Bons.

Temos de passagem tocado em Pastos-Bons, e por não cortarmos o fio da narração não consignámos ainda um facto assaz escandaloso,

que foi o começo da revolta n'aquella comarca, o que agora faremos.

Militão Bandeira de Barros, tenente-coronel da guarda nacional, nomeado pelo ex-presidente Camargo, exercia na villa da Chapada as funcções de juiz municipal, de orphãos e interino de direito: auxiliado pelo juiz de paz João Paulo Cortez, tendo ambos alguma força á sua disposição, obravam segundo as inspirações de capricho e de interesse. Em uma reunião do jury, tratando-se do sorteamento para juizes de facto, o vigario Antonio do Rosario Cardozo lançou em rosto ao dito Militão a terrivel verdade de haver elle nascido escravo e ter sido fôrro por seu senhor e pai, querendo por aquelle modo excluil-o: Militão jurou vingar-se, posto que não fosse eliminado. Aos 15 de Janeiro de 1839 foi o vigario assassinado em sua propria casa por quatro soldados que seguiam a um meirinho, que primeiro lhe deu a voz de preso, seguindo-se logo a descarga a pretexto de resistencia. Militão e o juiz de paz Cortez mandaram depois prender em alheio districto alguns amigos do padre, que vociferavam contra aquelle attentado, e arteiramente os dous começaram a espalhar que essas pessôas tentavam a morte ao dito Militão, e na denuncia contra ellas foram testemunhas os mesmos satellites assassinos do vigario. Mas porque as cousas não sahissem muito ao geito de Militão, cheio este de terror, mandou soltar a um dos presos, de nome Manoel Jorge, e para captar-lhe a benevolencia, quiz repartir com elle o despojo do morto, offerecendo-lhe uma obrigação de divida do dito Jorge ao fallecido vigario. Jorge denunciou tudo ao sub-prefeito do logar, a quem entregou o credito recebido das mãos de Militão; e este vendo tão mal parado o seu negocio, officiou logo ao prefeito da comarca Francisco Dias Carneiro, pedindo-lhe tropa a pretexto de conter a desordem da villa da Chapada. O prefeito enganado mandou que o capitão Diogo Lopes de Araujo Salles, juiz de paz do segundo districto, désse a gente que podesse e um official que a commandasse. Foi esta gente, e taes cousas houve, que o official receioso de ser assassinado evadiu-se á meia noite e de tudo deu conta ao prefeito, que, já bem informado, officiou ao juiz de paz do segundo districto acima indicado, para que fosse fazer corpo

de delicto sobre o assassinato do vigario, processando os seus auctores; o que a este competia, por ser cumplice do crime o juiz de paz do primeiro districto: isto feito, foram declarados auctores Militão e os quatro soldados, e cumplice o juiz Cortez.

No acto da prisão resistiu Militão com seus aggregados; não obstante foram transportados os criminosos para a cadêa da villa de Pastos-Bons, por não havel-a na da Chapada. O pai, irmãos, todos os parentes e amigos de Militão se rebellaram então e tomaram o partido Bemteví, que já causava grandes estragos á provincia. Um grupo rebelde entrando na villa de Pastos-Bons soltou todos os presos, e entre elles a Militão, que pondo um *balaio* na cabeça, começou a dar vivas ao partido que d'aquillo tirava o nome, e depois de levantar bastante gente, deixando a comarca muito alvorotada, veio entregar-se ao presidente, cuidando ser assim perdoado, e á sombra do crime politico escapar á pena merecida pelo assassinato do vigario. O presidente porém recebendo parte contra elle, o mandou recolher em uma prisão, de onde escrevia elle aos seus noticiando o que na capital occorria, a fraqueza dos seus defensores, e além d'estas noticias enviava polvora em gigos de louça (*); e pois que n'isto tocámos observemos que por estes e muitos outros factos nenhuma duvida temos que havia na capital quem occultamente soccorresse os rebeldes.

Os parentes de Militão e um grande numero de seus amigos e aggregados, todos rebeldes, cerca de 500 homens, entraram no dia 8 de Março na villa do Riachão, arrombaram a cadêa, queimaram o tronco, apoderaram-se de muitas casas, e fizeram algumas mortes, até que o capitão Diogo Lopes de Araujo Salles n'aquella villa entrando aos 26 do mesmo mez os expellisse. Eis como particulares offensas e intrigas causam ás vezes calamidades publicas; e em tão vasto territorio como é o nosso, sendo as molas do governo muito fracas, é de absoluta necessidade a moralidade nas pequenas aucto-

(*) Nós vimos uma de suas cartas, escripta da capital em 23 de Outubro, a qual foi enviada de Pastos-Bons, e existe na secretaria do governo da provincia.

ridades, que de ordinario são causaes da perturbação dos povos. E não poucos juizes de paz capitanearam os rebeldes que devastaram o Maranhão.

A comarca de Pastos-Bons foi inteiramente assolada pelos Balaios, que se espalharam até o Piauhy e Goyaz, onde depois foram perseguidos, como adiante se verá.

CAPITULO XIV.

Morte do major Clementino de Souza Martins. Caxias cahe de novo em poder dos rebeldes.

O major Manoel Clementino de Souza Martins, sobrinho do barão da Parnahyba (*), presidente da provincia do Piauhy, havia entrado com forças d'aquella provincia pela comarca de Pastos-Bons, e depois de repetidos encontros e refregas com os inimigos, sempre com vantagem sua, veio cercar o entrincheiramento de Balaio no Morro Agudo, e quando contava com a victoria foi mortalmente ferido e ahi acabou sua gloriosa carreira. Sua morte foi geralmente lastimada pelos amigos da ordem, e com ella se ensoberbeceram os rebeldes. Qual fosse a falta que este bravo official fizesse, melhor nos dirá quem no meio da campanha reconheceu as terriveis consequencias. O coronel João Paulo Dias Carneiro, prefeito de Caxias, depois de ter comprado sua vida aos rebeldes a peso de ouro, achava-se na passagem de Santo Antonio, provincia do Piauhy, onde fôra reunir alguma gente para soccorrer o Maranhão, e d'ahi escreveu ao presidente (**): « Em quanto o major Clementino á frente de uma força « de oitocentos homens bateu os rebeldes da nossa provincia, as « cousas iam melhorando e o povo todo corria para as fileiras da « legalidade; porém depois da morte d'este grande homem tudo « peiorou, e as forças legaes da nossa e d'esta provincia (Piauhy) « diminuiram rapidamente, e os rebeldes tornaram a apparecer em

(*) Hoje visconde do mesmo titulo.

(**) Officio de 20 de Outubro de 1839 ao presidente Manoel Felizardo.

« campo, em maior numero e mais animosos do que d'antes, e nada
« podemos fazer desde então senão conservarmo-nos na defensiva.
« O malvado Balaio, que se conservava entrincheirado nas temiveis
« matas do Morro Agudo e Baixão, sabendo da fraqueza das nossas
« forças, deixou aquella posição, e appareceu de subito em Caxias,
« fazendo retirar-se d'ella a pequena força da guarnição da cidade;
« *matou a quantos encontrou, sem distincção de sexo, nem de*
« *idade*, além de muitas pessôas que morreram afogadas pela preci-
« pitação com que quizeram passar o rio para o lado opposto da
« cidade. »

Eis pois Caxias de novo entregue á voracidade d'esses bandoleiros, que n'ella entraram a 9 de Outubro em numero de quatrocentos, capitaneados pelo facinoroso Balaio, que ahi morreu de um tiro disparado por um dos seus, em occasião que roubavam a casa de um Suisso, onde mataram quatorze pessôas.

Queixavam-se todos da morosidade dos movimentos e da falta de providencias da parte do governo, que entretanto se desfazia em ordens e officios. Mas quando os poderes se acham divididos, principalmente em épochas criticas, e que a primeira auctoridade não tem meios para se fazer respeitar, ordens não criam homens, não disciplinam tropas, nem dão movimento a ellas. « É para lamentar
« (escreveu o prefeito de Caxias em 10 de Novembro) a tardança das
« cansadas tropas que me consta d'ahi terem sahido em soccorro da
« infeliz cidade de Caxias, porque até hoje ainda não apparecem,
« nem noticia tenho d'ellas; causa esta de ter sido pela segunda vez
« arrazada esta cidade..... Eu apezar de velho, cansado e morti-
« ficado de trabalhos, ainda conservo com armas nas mãos quinhentos
« homens, inclusivè um soccorro de cento e cincoenta com que me
« auxiliou o presidente do Piauhy, não podendo este soccorrer-me
« com maior numero por estar guarnecendo suas fronteiras, e
« *mórmente por ver que elle só não póde pacificar toda a*
« *provincia do Maranhão sem que V. Ex.ª dê começo.* » N'este mesmo officio queixa-se o prefeito de falta de munições e armamento; e fazendo uma pintura das desgraças de muitas familias que viviam

occultas nas matas, ajunta: « tudo por esperarem que V. Ex.ª désse « exactamente as providencias necessarias. »

Para expôr com exactidão o estado da provincia, e não para materia de accusação, extractámos estes officios. Sabemos que no meio de tantas desordens os espiritos alvorotados mais facilmente accusam e lamentam, do que se resolvem e obram; e como pouca tropa havia, e os cofres estivessem esgotados, todos viam o mal sem lhe saber dar remedio.

CAPITULO XV.

Providencias inexequiveis do commandante das forças.

Não esperdiçaremos horas em contar todos os pequenos tiroteios de que resultaram um ou dous feridos ou mortos de parte a parte. O coronel Sergio havia deixado em Agosto a villa do Icatú, foi até á do Itapucurú-mirim, e veio estabelecer seu quartel general na do Rosario. Tinha-se persuadido o coronel que toda a provincia era rebelde, e claramente o disse em officio ao presidente (*): « Devo « fazer chegar ao conhecimento de V. Ex.ª que a população d'esta « provincia se acha dividida em duas classes, a primeira mais « grada, e a segunda de gente mais baixa: os que pertencem á « primeira classe, ou são conniventes com os rebeldes, ou são « indifferentes; a segunda é uma massa composta em opposição ao « governo. Lance V. Ex.ª suas vistas n'essa capital, verá entulhada « dos melhores proprietarios d'estas ribeiras, que bem podiam ajudar « em tudo quanto fosse possivel e compativel com suas graduações, « idades e estados. » Não exagerava muito o coronel Sergio, porque os mesmos que se intitulavam amigos do governo eximiam-se do serviço. Teve o presidente uma entrevista com o coronel commandante das forças, e concertaram ambos no que deviam fazer. Em consequencia d'isto, o coronel, regressando á villa do Rosario, publicou em 26 de Outubro o celebre edital declarando rebeldes

(*) **Officio de 11 de Outubro de 1839.**

todos os habitantes das margens do Itapucurú e do Munim que no prazo de vinte dias não se apresentassem ás forças legaes; e dizia n'este edital: « Os proprietarios, fazendeiros e mais moradores « situados á margem direita do rio Itapucurú farão retirar de suas « propriedades para a margem esquerda os seus escravos, gados, « criações e todos os mais objectos que pela sua importancia podérem « servir de utilidade aos rebeldes. E todas as pessôas a quem « pertencer o conhecimento d'este edital, que d'elle forem contra- « ventores, serão perseguidos como féras, e por tal motivo arrasadas « as suas propriedades, que se reputarão asylo e beneficio dos « salteadores, assassinos, inimigos do governo. » Esta ordem era tão absurda como inexequivel, e só serviu para excitar clamores contra quem a promulgava. A maior parte dos habitantes das margens dos dous rios, debaixo do jugo dos rebeldes, não podiam facilmente obedecer ao chamado do commandante em chefe, quando as forças d'este não ousavam ir desaffrontal-os; e quanto á mudança de uma margem do Itapucurú para outra, era inteiramente impossivel, porque os proprietarios estavam todos refugiados na capital; e como cumpririam tal ordem? Para que casas, para que terras transportariam extraordinario numero de escravos, gados, criações, &c., de que se alimentariam tantas vidas? Não faltaram em consequencia d'este edital accusações terriveis ao coronel Sergio; e a *Chronica*, jornal do *partido Bemtevi*, *bem entendido*, analysando seus actos, lançou sobre elle a responsabilidade do empeioramento dos negocios da provincia. O presidente estranhou o pensamento e a fórma rancorosa do edital, cujo officio mandou publicar pelos jornaes; entretanto o coronel queixou-se d'este procedimento do presidente, que por seu caracter vacillante lhe censurava o que elle havia combinado na entrevista de que fallámos.

Em communicações officiaes deparámos com documentos, que nos induzem a crer que o coronel Sergio ignorava os movimentos dos rebeldes, e mesmo o das forças legaes. O presidente, escrevendo ao tenente coronel Favilla, diz (*): « Faça todos os esforços para dar

(*) **Officio do presidente Manoel Felizardo, de 19 de Outubro de 1839.**

« sempre parte ao commandante das forças expedicionarias das suas « circumstancias, e das do inimigo, porque, segundo vou obser- « vando, *elle ignora completamente* que nos achamos em frente de « todas as forças rebeldes, que talvez existam do Iguará para baixo. » Igual pensamento exprime officiando (*) ao proprio commandante das forças!

Por este tempo a villa do Icatú tinha de novo cahido em poder dos rebeldes, e computava-se o seu numero em mil e quatrocentos; para retomal-a foi nomeado o major Luiz Antonio Favilla, servindo de tenente coronel da guarda nacional (**): habil e destro official para este genero de guerra, que se cobriu de gloria em muitos tiroteios, e a quem se deve o levantamento do cerco da dita villa, sendo a sua força de cento e sessenta homens, com notavel desproporção com a dos rebeldes. Ahi estabeleceu o seu quartel o dito tenente coronel Favilla, continuando sempre a explorar as matas circumvisinhas.

Muito se acreditava tambem o tenente coronel José Thomaz Henriques, sempre em continuas marchas e refregas, para os lados do Iguará e Brejo

CAPITULO XVI.

Divergencia entre o presidente e o commandante das forças expedicionarias: ambos se mostram incapazes de continuar a guerra: considerações sobre o estado da provincia.

Assim iam as cousas lentamente, e a divisão dos poderes entre o presidente e o commandante militar muito concorria para a morosidade das operações, posto que em rigor podesse o commandante das forças obrar no campo livremente como julgasse necessario. O coronel mais que o presidente accusado pelos jornaes de um partido da capital que, segundo a opinião dos contrarios, havia promovido a desordem,

(*) Officio do presidente Manoel Felizardo, de 19 de Outubro de 1839, ao coronel Sergio.

(**) Hoje tenente coronel graduado, commandante do 4.º batalhão de caçadores de 1.ª linha.

manifestava pensamentos que criminavam o presidente: consentiu e protegeu mesmo a publicação de um pequeno jornal com o titulo — *O Militar* —, que se repartia no acampamento, todo em abono seu e descredito da primeira auctoridade provincial, e o que é mais, era o pagador das tropas o redactor d'essa folha. O presidente sempre pusillanime soffria os amargores de invectivas de fraqueza que lhe dirigia o commandante militar; e a tudo que possamos dizer excede este officio, que transcrevemos para documentar o que dizemos.

« Ill.mo e Ex.mo Sr. — Debalde trabalhamos para suffocar a rebellião « d'esta provincia, debalde são todos os esforços feitos por V. Ex.a e « pelas tropas imperiaes para esmagar a cabeça da hydra que devora « a interessante provincia do Maranhão; similhantes á aquelle que « querendo derribar uma arvore, em vez de a decepar pelo tronco, « começou por fustigar os ramos e as folhas, assim estamos nós « praticando, e occupados com os ramos da provincia, deixamos « intacto o tronco d'essa arvore, que é a capital, d'onde os rebeldes « recebem o influxo e todos os recursos dos fautores da rebellião, que « ahi se centralisam para espreitar os movimentos do governo e « atiçar a discordia, promovendo descaradamente a intriga, insubor- « dinando o povo, e desconceituando aquelles que precisam de força « moral; é bem convencido estou que a rebellião não chegará a seu « termo em quanto V. Ex.a não tomar medidas fortes; eu me glorio « de que esta verdade tem V. Ex.a reconhecido. O indifferentismo « da maior parte dos membros influentes dos corpos da sociedade, a « insubordinação da guarda nacional da capital, o atraiçoamento ao « governo, a ponto de saberem os rebeldes até da quantia exacta que « vinha para o campo, são os precursores que confirmam o que « venho de dizer Se V. Ex.a, como sei, reconhece esta verdade, e « não se delibera a lançar mão de medidas de salvação, então « escusado é estarmo-nos a cansar, ainda mais expondo as nossas « vidas e exhaurindo o thesouro, sem que de tudo se tire resultado « algum proveitoso á feliz sorte do paiz: se os publicos declamadores « e apostolos da rebellião, se os seductores até dos corpos de outras « provincias que nos mandam auxilios, se os que insubordinam a

« guarda nacional da capital, se os que vendem polvora, munições e « armamentos, se os indifferentistas não são punidos, se emfim na « provincia do Maranhão se não recruta, e nem se faz que grande « parte de seus habitantes prestem-se ao serviço; o que fazer? Luctar « contra todos esses elementos que se augmentam com a bondade de « V. Ex.ª é o mesmo que querer-se vencer impossiveis. Ex.mo Sr., « sou coagido pelas circumstancias a fallar verdades duras. Eu já « em officio de Outubro findo fiz conhecer a V. Ex.ª que o governo « em crise não póde, não deve ser aquelle dos tempos ordinarios e « bonançosos; a crise augmenta, e qual será o seu termo? Cumpre « que V. Ex.ª, removendo todos os obstaculos que se oppoem ao « termo da guerra, se disponha, digamol-o assim, a sacrificar-se « para o fim de satisfazer a importante missão de seu cargo, salvar « a provincia do Maranhão, restituir-lhe socego, paz e tranquil- « lidade: V. Ex.ª, pela sua sabedoria, bem conhece os meios de « remover os males que pesam sobre todos, e que por isso ocioso « é eu os minute. Reflicta V. Ex.ª que com pouca força moral e « physica, e sem que para supprir essa falta o governo mande e se « faça respeitar e obedecer, em vez de esperar, de pedir e de « condescender, nada se conseguirá a prol da causa de nossos « empenhos. Como pois tudo está nas mãos de V. Ex.ª, eu descanso « na esperança de que serei attendido e os meus votos serão aceitos. « — Deus guarde a V. Ex.ª muitos annos. Quartel do commando « em chefe das forças expedicionarias na villa do Rosario, 6 de « Novembro de 1839. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Manoel Felizardo de « Souza e Mello, presidente da provincia. — Francisco Sergio de « Oliveira, tenente coronel, commandante das forças expedicio- « narias. » Si estas e outras quejandas accusações alguma cousa provam contra a primeira auctoridade da provincia, revelam igualmente quebra de animo, incerteza e desesperação da parte do commandante das forças, e d'isto dá exuberante prova o trecho de outro officio escripto pouco depois (*): « Estando já esgotados todos os

(*) Officio do commandante das forças ao presidente, com data de 18 de Novembro de 1839.

« recursos ao meu alcance, na falta dos meios de que careço para « evitar que o cancro que corróe o corpo da provincia não lhe toque « o coração, eu torno a reiterar os meus anteriores pedidos com « urgencia, começando por exigir a remessa dos habitantes de « Caxias e do Codó, que tem illudido as ordens de V. Ex.ª, por « estarem ao alcance de que as suas occupações e sem duvida a falta « de quem bem ajude a V. Ex.ª afasta de si a vigilancia, que « havendo-a, os tornaria mais respeitadores da boa fé de V. Ex.ª » Pedindo depois que o presidente lhe enviasse soccorro de algumas praças, ajunta: « que são agora a ancora de salvação. » Escusam de commentarios estes trechos. O presidente, respondendo, menciona os soccorros que já havia mandado, e diz (*): « Conheço a situação « em que V. S.ª infelizmente labora, e sei que não a deseja enca- « recer, nem exagerar, mas nada posso fazer para melhoral-a, « attentos os poucos recursos que tenho, e por isso muitas vezes me « vejo obrigado a limitar-me a medidas que pouco adiantam, e a « enviar-lhe soccorros que apenas servem para manifestarem os bons « desejos de que me acho animado. » É o presidente, é o chefe do governo provincial quem assim falla, escreve e patenteia sua fraqueza a quem tão fraco e embaraçado se via, e como elle se limitava tambem a medidas que pouco ou nada adiantavam! Eram as duas primeiras auctoridades a quem estava confiada a pacificação da provincia, que mutuamente confessavam terem esgotado todos os recursos, e que se julgavam na cruel collisão de serem testemunhas impotentes da desgraça do resto da provincia! Rigoroso dever de historiador nos obriga a confessar que, se inaptos se elles julgavam, muito mais os julgavam todos (**). Sem força e sem conceito, estavam atados e perplexos a cada passo.

(*) Officio de 29 de Novembro de 1839.

(**) Como não me foge da idéa que de contemporaneos e para contemporaneos escrevo, muito me receio do labéo de injusto accusador, e por isso e pelo que tenho de dizer transcrevemos aqui o seguinte extracto de uma correspondencia official do barão da Parnahyba, presidente do Piauhy, ao Sr. Luiz Alves de Lima: « A politica seguida pelo antecessor de V. Ex.ª « (o Sr. Manoel Felizardo) de tal maneira me desgostou, que tinha já

Entretanto a rebellião se estendia a toda a provincia contagiando as limitrophes, ou antes hordas devastadoras do Piauhy e Ceará se passavam para o Maranhão, e os d'aqui para essas provincias. Para flagello do Brazil bastava a pertinaz guerra do Sul, que por espaço de cinto annos tantos milhares de vidas nos ha custado. A do Pará e Bahia não pouco sangraram a já pobre seiva da nossa prosperidade, e esta do Maranhão já ia ultrapassando os limites de uma insurreição popular. A continuarem as mesmas auctoridades, infallivelmente a capital da provincia soffreria sorte igual á de Caxias, o que só da deliberação dos rebeldes dependia; e si elles a tanto se arrojassem, animados como andavam, não haveria ahi com que fazer-lhes rosto, porque já atraz fica dito como os seus habitantes possuidos de temor só meditavam na fuga, e o ter o presidente mandado desmontar e encravar toda a artilharia do baluarte e fortaleza

« assentado de lhe não communicar cousa alguma do que n'esta provincia « passava: uma tibieza em suas ordens, uma imperdoavel falta de corres- « pondencia para comigo, e finalmente outros factos seus, causaram grandes « prejuizos a essa e a esta provincia; direi sómente d'esta que é elle causa de « hoje não ter eu mil homens capazes do serviço da guerra! Entretendo « todas as forças que lhe chegavam em torno da capital, abandonava o resto « da provincia á sanha dos salteadores; e baldadas foram minhas requisições « para que fizesse avançar forças a occupar Caxias, afim de, combinadas « com as minhas, baterem os rebeldes n'essa comarca tão rica quão despre- « zada.

« Deixei finalmente de escrever-lhe; e vi-me na necessidade de retirar « minhas forças para as fronteiras, onde as contive no meio de epidemias; « ralando-me comtudo o coração o abandono em que ficavam tantas victimas « innocentes, em cujo soccorro ás vezes fazia partir alguma tropa. Lancemos « porém sobre isto um véo: meus votos estão satisfeitos. A Providencia « deparou a V. Ex.ª para salvar as reliquias de um povo innocente: preste-me « os soccorros que puder, e conte com os que estão á minha disposição; e « estas duas provincias infestadas escaparão á tormenta e embates da « fortuna. Ouvi dizer que V. Ex.ª virá até Caxias e entrará no theatro da « guerra, e tal noticia me foi grata, porque conheço quanto a legalidade « lucrará com tal medida, e consequentemente o credito de V. Ex.ª—Oeiras, « 7 de Março de 1840. »

prova o seu nimio receio de ser a cidade tomada, e disposição de abandonal-a aos revoltosos.

CAPITULO XVII.

Novo ministerio. Nomeação do coronel Luiz Alves de Lima (*) para presidente e commandante das armas do Maranhão: modo lisongeiro porque foi recebido.

O ministerio de 19 de Setembro, á cuja frente se achava o Sr. Vasconcellos, depois de haver ostentado um luxo caprichoso de arbitrio, baqueou em consequencia de domesticas intrigas: outros ministerios se levantaram, sem importancia historica ou politica, até que em 16 de Maio de 1839 organisou-se um gabinete, do qual fez parte o conde de Lages (**), que pela quinta vez tomou a gerencia dos negocios da guerra, de tantos cuidados então, e para a repartição do imperio entrou o Sr. Galvão, com aura de entendido em politica.

Era até alli o Rio Grande do Sul a pedra do toque dos ministerios, que em vão se afadigavam, mandando continuos soccorros de forças e dinheiro, sem que ao menos boas esperanças lhes colhessem.

Começaram os jornalistas da capital a seriamente occupar-se com os negocios do Maranhão, que por mal pesados ao principio, como sempre acontece, nenhum valor lhes deram. Particulares correspondencias, cidades e villas tomadas, fazendas devastadas, continuos horrores, inefficacia do governo provincial, assustaram o povo e desenganaram o ministerio da impossibilidade da pacificação d'esta parte do Imperio, se continuasse nas mãos em que se ella achava. Reconheceu tambem o governo geral a necessidade de confiar a um só homem a presidencia e commando das armas, para evitar d'est'arte delongas e intrigas observadas agora e em outras identicas circumstancias. A escassez porém de militares de superior

(*) **Hoje marechal de campo e conde de Caxias.**
(**) **Hoje marquez do mesmo titulo.**

patente, aptos para tão importante missão, é entre nós uma das maiores difficuldades em similhantes crises: os mais nomeados tinham feito vergonhosas provas, aproveitando-se de sua posição para illicitamente negociarem com a fazenda publica (que mais não ouso escrever.) Depois da desorganisação do exercito faltaram os incentivos do brio militar, relaxaram-se as molas da subordinação, cahiu a disciplina, a fortuna antepôz-se á honra, a ganancia substituiu ao brio, e dando os chefes d'estes exemplos, avultaram subalternos imitadores.

Entre alguns nomes apresentados em conselho dos ministros lembrou-se o mesmo Regente do coronel Luiz Alves de Lima, official sem nodoa, que ha nove annos commandava o corpo municipal permanente da côrte, e cujos talentos militares eram assaz louvados, e se engrandeceram na guerra da independencia na Bahia, e em cinco annos de campanha em Montevidéo; nem menos valiosos eram seus serviços prestados á tranquillidade publica, restabelecida e sempre crescente, em quanto aos seus cuidados esteve entregue, desde o principio da regencia de seu illustrado pai, o marechal de campo Francisco de Lima e Silva, até aquella data. Á sua bem merecida reputação de bravo, integerrimo e disciplinador, reunia um caracter nobre e firme, que inspirava inteira confiança.

O coronel Luiz Alves de Lima foi pois nomeado presidente e commandante das armas para o Maranhão, e com poderes para entrar no Piauhy e Ceará, ficando sob suas ordens todas as forças que n'estas provincias operavam. Mal espalhou-se no Rio de Janeiro tão grata nova, foram a elle offerecer-se muitos officiaes de armas differentes para o acompanhar na expedição pacificadora do Norte; elle porém escolheu os mais prestantes e de reconhecida probidade.

Aos 22 de Dezembro de 1839 sahiram do Rio de Janeiro o brigue *Beranger* com tropas e petrechos de guerra para o Maranhão, e a barca de vapor *S. Sebastião* com o coronel Lima e muitos officiaes, e o doutor Francisco de Souza Martins, presidente nomeado para o Ceará. Ventos contrarios desnortearam o brigue, que foi arribado a Montevidéo, e a barca de vapor á Victoria, capital da provincia do

Espirito Santo, d'onde depois de tres dias seguiu a sua róta, tocando na Bahia, Pernambuco, e mais provincias que a esta parte demoram, até o Rio Grande do Norte, onde ao abicar na barra aos 16 de Janeiro quebrou a quilha em um penedo occulto n'agua, assaz perigoso nas marés baixas. Reconhecida a impossibilidade de poder a barca continuar a viagem pelo grande damno que soffreu, alli ficámos doze dias na cidade do Natal, até que de Pernambuco chegou o brigue escuna *Guararapes*, comboiando uma escuna com tropas para a provincia rebellada, e alli tocára para receber o contingente de cem homens d'aquella provincia. A bordo do brigue fizemo-nos á véla em 28 de Janeiro; deixámos no Ceará o doutor Souza Martins, que rendeu o presidente João Antonio de Miranda, removido para a provincia do Pará, e continuando nossa viagem, ancorámos no porto do Maranhão a 4 de Fevereiro de 1840: a 5 desembarcámos com toda a solemnidade devida á pessôa do novo presidente e commandante das armas, que no meio de geral contentamento tomou posse no dia 7 de Fevereiro, com todas as formalidades do estylo.

Os que já de nome e fama o conheciam, o saudaram alegremente, e os jornaes da provincia, a quem não eram occultas as eminentes qualidades do novo chefe, em seu favor se dispozeram; e desde já notaremos que nunca a seu governo fizeram a menor opposição e censura, antes sempre o exaltaram, e n'isto cada partido quiz sempre avantajar-se ao contrario. Tanto é certo que o grande homem que no desempenho de seus sagrados deveres não mira a qualquer outro fim, impõe silencio á mesma inveja e á intriga. Os grandes homens se mostram nas grandes occasiões, como os pequenos n'ellas desapparecem.

CAPITULO XVIII.

Politica do presidente. Estado lamentavel em que se achava o exercito. Providencias que cortaram despezas inuteis: restabelecimento da disciplina.

Já empossado da presidencia e do commando das armas do Maranhão, dirigiu o Ex.mo Sr. coronel Lima uma proclamação (*) á toda a provincia, annunciando não só a sua posse, como seu pensamento politico e a marcha que pretendia seguir; o que muito convinha, por estar então a provincia dividida em dous partidos rancorosos, que mutua guerra se faziam. Nunca auctoridade alguma tão fielmente cumpriu sua promessa de rectidão e de imparcialidade: «Maranhenses (diz a proclamação), mais militar que politico,

(*) Proclamação. — Maranhenses! Nomeado presidente e commandante das armas d'esta provincia, por carta imperial de 12 de Dezembro de 1839, eu venho partilhar das vossas fadigas, e concorrer quanto em mim couber para a inteira e completa pacificação d'esta bella parte do Imperio.

Um punhado de facciosos, ávidos de pilhagem, póde encher de consternação, de luto e sangue, vossas cidades e villas! O terror, que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos, concorreu para que se engrossassem suas hordas; comtudo, graças á Providencia e ás victorias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu numero começa a diminuir diante das nossas armas. Mais um esforço, e a desejada paz virá curar os males da guerra civil.

Qualquer que seja o estado em que se achem hoje os rebeldes, eu espero com os soccorros que o governo geral vos envia, e com a força que me acompanha, fortificar nossas fileiras, e não abandonar-vos em quanto os não houver debellado. Eu passo a fazer os melhoramentos que julgo necessarios ao nosso exercito, e com a maior brevidade possivel me collocarei á sua frente. Maranhenses! mais militar que politico, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre vós existam. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos; e confiando na Divina Providencia, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que fôr mister para triumpho da nossa santa causa. — Palacio da presidencia na cidade de S. Luiz do Maranhão, 7 de Fevereiro de 1840. — Luiz Alves de Lima.

« eu quero até ignorar os nomes dos partidos que por desgraça entre « vós existam. » E n'isto mesmo mostrou elle que comprehendia a boa politica, tão bem como a sciencia da guerra. Foi esta idéa aceita e louvada pelos partidos, que apezar de suas vertigens ostentam sempre apparencias de justiça e de imparcialidade, quando mesmo reclamam sacrificios d'estas virtudes sociaes em favor de seus caprichos.

Ha nos governos livres certos homens, que se julgam os representantes, de facto e de direito, de vontades que nunca teve o povo em cujo nome fallam; estes tentaram chamal-o a si; o presidente porém tão firme permaneceu no seu fundamento, que os acerrimos partidistas recuaram, e reconheceram ser a força do seu animo igual á justiça e actividade de seus movimentos na guerra, e desenganados de qualquer parcial apoio louvaram a rectidão de seu procedimento.

Muitas vezes porém o caracter e boas disposições da primeira auctoridade são alteradas pelo circulo em que gyra, e por aquelles que devem cumprir suas ordens: para evitar tropeços d'esta origem nascidos, mui escrupulosamente o sagaz presidente escolheu os officiaes que o acompanharam, e como o secretario do governo que existia na provincia fosse pessôa assaz malquista, e votada a um dos partidos com o fundamento de obter votos para deputado, o presidente já instruido, e não querendo ver mallogrados seus esforços, conservando junto a si pessôa que lhe era tão estranha, nomeou-me secretario do governo, na certeza que em leal amigo encontraria dedicação e conformidade de politica.

Saltava aos olhos a irregularidade da divisão das forças que na provincia operavam: apparatosas brigadas sem gente; os chefes vencendo gratificações correspondentes a seus titulos, e os soldados percebendo, além dos soldos e etapas, rações dobradas, segundo se intitulavam casados; e soldado havia que até dez rações recebia, a pretexto de igual numero de suppostos filhos: velhos e inertes officiaes das extinctas milicias, fugitivos de suas casas, viviam nos acampamentos com soldo e gratificações de campanha, sem que de proveito fossem.

Nenhum mappa do pessoal e material havia, de modo que se pagava sem saber a quem, e ao capricho de quem facilmente abuzar podia d'estas irregularidades. Já começava a faltar gado e generos para tantos desperdicios, e esta falta sensivel lhes augmentava o preço. Cada commandante de partida entrava nas fazendas, tirava o que queria, segundo a menor probidade de cada um, e grandes eram os queixumes contra muitos, que não desdenhavam aproveitar-se do terror dos fazendeiros. No meio de tantas desordens estavam os cofres esgotados, a divida avultava, e por falta de pagamento negavam os fornecedores os seus generos a credito. Para oppôr um dique á torrente caudalosa dos extravios, ordenou o presidente e commandante das armas que as forças empregadas na pacificação da provincia se intitulassem — Divisão pacificadora do Norte, — e se compuzesse de tantas columnas volantes quantas fossem necessarias, começando por distribuil-as em tres columnas compostas de batalhões provisorios, segundo um plano o mais economico dado na sua primeira ordem do dia. As tropas que occupavam as comarcas de Caxias e Pastos-Bons ficaram pertencendo á primeira columna, e d'ella foi nomeado commandante o coronel Sergio (ex-commandante em chefe.) A brigada do tenente-coronel José Thomaz Henriques reduziu-se á segunda columna, sob o commando do mesmo tenente-coronel, que operava na Vargem-Grande e na comarca do Brejo: e o tenente-coronel Favilla, que tambem commandava outra brigada, ficou commandando a terceira columna, que occupava a villa do Icatú e as margens do rio Munim.

Para dar exemplo da rigorosa e necessaria economia que estabelecia, tomou para si um só ajudante d'ordens, que tambem servia de secretario militar (*); e encarregou o tenente-coronel de engenheiros Antonio Nunes de Aguiar (**) das duas repartições de ajudante general e de quartel mestre general, com os unicos vencimentos de official de engenheiros em campanha, e entregou o commando

(*) O tenente Agostinho Maria Piquet.
(**) Hoje coronel.

da guarnição da capital e a instrucção geral da guarda nacional ao coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães (*). Determinou que nenhum commandante de columna tivesse direito ás gratificações de commandante de brigada senão quando a força de seu immediato commando excedesse a mil praças; que não tivesse direito ás gratificações de commandante de corpo o official que menos de trezentas praças commandasse; e que se não reputasse companhia as menores de cincoenta: que as praças destinadas á guarnição das fortalezas, pontos e villas, não tivessem vantagens das em operações. Auctorisou os commandantes de columnas e dos corpos a recrutar nos districtos em que se achassem, e que as praças novamente recrutadas não fossem abonadas de soldos sem que primeiro se enviasse uma relação d'ellas ao quartel mestre general, com todas as declarações, para que este a rubricasse e communicasse ao pagador das tropas. Que as relações de mostra assignadas pelos commandantes de companhias fossem examinadas e rubricadas pelos commandantes dos corpos e columnas, e finalmente pelo quartel mestre general. Mandou pôr em execução a tabella de 28 de Março de 1825, que marca as rações de etapa. Extinguiu o commissariado geral (**). Creou commissões (***) compostas dos commandantes das columnas e de cidadãos mais notaveis dos logares para avaliação e compra de gados e mantimentos, cujos documentos eram assignados pelos membros d'ellas. Organisou hospitaes, e um geral na capital. Nomeou medicos, cirurgiões e capellães para todos os acampamentos e corpos, creou um deposito de tropas na capital, e além d'estas sabias providencias, que diminuiram inuteis despezas e extravios que até alli se faziam, publicou outras muitas ordens para restaurar a disciplina, manter a economia no exercito, favorecer a lavoura e o commercio da capital com o do interior da provincia (****).

Todas estas providencias, faceis de se dizer, muitas difficuldades

(*) Hoje brigadeiro.

(**) Ordem do dia n.º 27, do 1.º de Abril de 1840.

(***) Ordem do dia n.º 6, de 15 de Fevereiro de 1840.

(****) Ordens do dia n.ºs 4 e 9, de 12 e 21 de Fevereiro de 1840.

e opposição encontrariam, si outro menos determinado em vencer obstaculos do uso as quizesse pôr em practica, porque quando entre nós se trata de economia, e como estas que cortaram a metade das despezas, não faltam descontentes que se julgam lesados, por quanto o impudente desfructe da fazenda publica tem-se tornado entre nós cousa trivial e ordinaria.

E quantos por ahi andam mui elevados e prazenteiros, que se não pejam de ostentar improvisadas riquezas, não abonadas por outra industria e commercio, como se já lhes não pesasse o rotulo infamante de sua mal adquirida posse, patente aos olhos de todos!

CAPITULO XIX.

Distribuição dos rebeldes e das forças legaes. Primeiros movimentos militares ordenados pelo presidente e commandante das armas.

Já dissemos que nenhum mappa havia do pessoal das nossas forças, mas por um calculo approximativo calculava-se em quatro a cinco mil homens; e menos se podia saber o exacto numero dos rebeldes, que modestamente se computava em cinco ou seis mil (*), distribuidos pelo modo seguinte. Perto de dous mil na comarca do Brejo, desde a Tutoya até o Morro Agudo: igual porção na comarca de Pastos-Bons, e differentes grupos ao lado de Caxias, cuja cidade logo depois da posse do novo presidente foi pela segunda vez evacuada pelos rebeldes, entrando n'ella o coronel Sergio, que ahi estabeleceu seu quartel do commando da primeira columna. Como os rebeldes não defendiam ponto algum, não tinham acampamentos fixos, e fugitivos se apinhoavam para os lados menos explorados, cahindo de improviso nas fazendas para se refazerem do necessario, e atacando as villas e pontos fracamente guarnecidos para tomarem algumas armas e munições. Este geito de guerrear obrigava o governo a ter sempre as villas e pontos bem guarnecidos, além das partidas exploradoras para

(*) Muito mais de seis mil existiam, como depois verificou-se.

todos os lados; por conseguinte necessitavamos de dobradas forças, e as existentes não bastavam, além de estarem mal armadas, municiadas e vestidas, muitas praças quasi nuas, no que se não distinguiam dos rebeldes. Vinham companhias inteiras só de calças rôtas ou camisas, e de correame de couro cru sobre a pelle; uns só com espadas e outros com armas de caça, e bem condizia a disciplina com o grotesco de seus uniformes. Todos os nossos pontos ameaçados pelo inimigo estavam guarnecidos em proporção da pouca gente de guerra que então tinhamos. Eram esses pontos a Tutoya, Priá, Icatú, Rosario, Itapucurú-mirim, Aldêa-Velha, Santo Antonio, Caxias, rio Alpercata, Vargem Grande, Miarim, Campos de Anajatuba, a capital e outros intermediarios menos importantes. As tropas do Piauhy occupavam a villa da Parnahyba, Passagem da Repartição, em frente da villa do Brejo, barra do Poty, Santo Antonio : todos estes pontos e outros occupados no Piauhy demoram á margem direita do rio Parnahyba, que divide as duas provincias.

Nos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1840 tinham os rebeldes convergido para a comarca do Brejo, cuja villa era por elles occupada, e ahi não tinhamos força alguma. Pelo que ordenou ao tenente coronel Luiz Antonio Favilla, commandante da columna acampada no Icatú e encarregada de cobrir a capital, que alli deixando um forte destacamento, avançasse pelo lado da Miritiba e Bella-Agua, e perseguisse os rebeldes que n'aquelles logares se achavam, do que resultou serem elles destroçados, e muitos se apresentaram ao dito tenente coronel. Mandou que o tenente coronel José Thomaz Henriques, commandante da columna acampada na Vargem Grande, guarnecesse convenientemente aquelle ponto e o da villa da Manga, e marchasse para a Chapadinha contra a força dos rebeldes Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino, combinando seus movimentos com os das tropas legaes sob a direcção do tenente coronel Manoel Antonio da Silva (*), que se achava além do Parnahyba (provincia do Piauhy), a quem ordenou que atravessasse aquelle rio, entrasse na villa do Brejo,

(*) Hoje coronel.

e atacasse pela retaguarda o mencionado Raymundo Gomes e Pedro Alexandrino; devendo estas duas forças fazer juncção na villa do Brejo, batidos que fossem os rebeldes. D'estas operações tão bem ordenadas resultou a occupação d'aquella villa, como adiante veremos. Ordenou mais o presidente ao coronel Sergio, commandante da columna acampada em Caxias, que, fortificando aquella cidade de modo tal que não deixasse probabilidade de ser retomada (para o que lhe mandou um official de engenheiros, artilharia, armamento, dinheiro e mais munições de guerra e de bocca), fizesse marchar quatrocentos homens em perseguição dos rebeldes, para o lado do Morro Agudo, na direcção do Brejo, afim de envolver entre esta força e as dos tenentes coroneis José Thomaz Henriques e Manoel Antonio da Silva, de que fallámos, os rebeldes fugitivos que para aquella parte se dirigissem. Determinou outrosim ao coronel Sergio que abrisse communicações pela barra do Poty com as forças do Piauhy, que explorasse as matas de Pastos-Bons, e se communicasse com o tenente coronel Diogo Lopes de Araujo Salles.

Toda a tropa que o presidente pôde levantar nas comarcas de Alcantara e Vianna mandou marchar para o Miarim, sob o commando do capitão de artilharia Sergio Tertuliano Castello Branco (*), afim de cobrir e deixar intactas aquellas importantes comarcas; e expediu para a villa do Icatú um batalhão formado com os contingentes que trouxera das provincias por onde passára, cujo commando entregou ao major de commissão Luiz José Ferreira (**). E tendo assim tudo disposto para marchar para a campanha, entregou o commando militar da capital ao distincto coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães, com instrucções para poder obrar em qualquer occorrencia.

(*) Hoje major.

(**) Hoje tenente coronel e commandante do 8.º batalhão de caçadores de 1.ª linha.

CAPITULO XX.

Primeira sahida do presidente para campanha. Movimento e marcha das tropas do Icatú e Itapucurú-mirim para a Vargem Grande e Caxias. Tentativa dos rebeldes sobre o Pará. Noticias do Piauhy. Desastre da Miritiba.

Na madrugada do dia 7 de Março sahiu o presidente da capital acompanhado do seu estado-maior: chegámos ao meiodia á villa do Paço de Lumiar, e continuámos até á villa de S. José dos Indios, onde pernoitámos. Ahi nos esperava o capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa, commandante da divisão naval, e outros officiaes de marinha: apezar da copiosa chuva da estação, embarcámos no crástino dia para o Icatú. Todas estas villas são miseraveis, e a de S. José não passa de algumas palhoças de pescadores. Do Icatú á margem do Munim fez o presidente marchar quinhentas praças sob a obediencia do major Feliciano Antonio Falcão, que desde o desastroso ataque das Arêas ficára sem ser empregado, por intrigas de que foi victima, sendo aliás official moço, honrado e severo de costumes, posto que não experimentado, por ser esta a primeira guerra que fazia: o presidente porém, que se não deixava illudir por insinuações, descobrindo as boas qualidades de sua pessôa, o tirou do esquecimento, quasi da morte, e lhe quiz dar esta occasião de restabelecer seu credito: ordenou-lhe que fosse com aquella gente reforçar a columna do centro, acampada na Vargem Grande, que devia tomar a villa do Brejo (como atraz fica dito) e bater o grupo rebelde de Pedro Alexandrino. Fez igualmente sahir d'aquella villa um troço de duzentas praças, capitaneadas pelo arrependido Domiciano Ayres, com o fim de rechassar os negros aquilombados na direcção da costa, entre a Miritiba e as Preguiças, perto da Tutoya; e tendo dado outras providencias sobre economia e disciplina, de novo embarcámos para a villa do Rosario, margem do Itapucurú, onde tres dias nos demorámos. É esta villa talvez a mais importante e fertil de toda a provincia, posto que mal construida, como todas

as outras. O presidente inspeccionou todos os pontos collocados á margem do Itapucurú até á villa do Itapucurú-mirim, onde chegámos aos 16 de Março, sempre debaixo de grande aguaceiro. D'alli expediu para Caxias o batalhão de artilharia forte de trezentas praças, sob o commando do major José Vicente de Amorim Bezerra (*), para d'aquella cidade poder marchar igual força sobre Pastos-Bons, afim de encorporar-se ás tropas do tenente coronel Diogo Lopes de Araujo Salles, e impedir que os rebeldes d'aquella vasta comarca atravessassem o Tocantins e se acoutassem no Pará, como tentavam, e onde achariam grandes meios de nos fazer a guerra por longo tempo. O cauteloso presidente, sciente d'este plano do inimigo, officiou logo ao presidente do Pará, indicando-lhe a conveniencia de mandar guarnecer a margem esquerda d'aquelle rio, que separa as duas provincias, para em tempo evitar o contagio da rebellião; do que sortiu bom resultado. Para o Piauhy passavam-se os rebeldes, vadeando o Parnahyba, posto que alguns pontos nossos houvesse na margem direita d'este rio; mas a sua longa extensão não podia ser guardada convenientemente, e em qualquer parte se deixa o rio atravessar por pequenos cascos, ou mesmo a nado. E como isto o presidente soubesse, mandou para aquella provincia repetidos soccorros de tropas, armamento, munições e dinheiro. Na tarde do dia 23 de Março mandou o presidente marchar da villa em que se achava a companhia de imperiaes marinheiros, sob o commando do primeiro tenente da armada Manoel Luiz Pereira da Cunha, com direcção para a Vargem Grande, e na madrugada seguinte cavalgou elle para o mesmo lado. Alli chegando, recebeu a noticia de ter sido o ponto da Miritiba assaltado pelos rebeldes na noite do dia 19 d'aquelle mez. Devia aquelle ponto estar guarnecido por duzentas praças sob o commando do capitão João Luiz de Castro da Gama: elle porém sem reflexão alguma mandou em explorações cento e cincoenta homens, deixando apenas cincoenta, dos quaes alguns enfermos, e outros distantes do

(*) Hoje tenente coronel e commandante do 4.º batalhão de artilharia a pé de 1.ª linha.

entrincheiramento occupados em pesca e salga de peixe para proveito do dito capitão, que n'este commercio illicito aviltava a sua patente: fica isto dito para exemplo e correcção de muitos officiaes baldos de honra e capricho militar, que na guerra e na paz procuram tirar vantagens pecuniarias. Como isto soubessem os rebeldes, o atacaram ás dez horas da noite, e o infeliz capitão, sem ter quem defendesse o ponto e a si, pagou com a vida a sua relaxação: roubaram os rebeldes o que acharam, e nos tomaram alguns cunhetes de cartuxame e as poucas armas que alli havia.

Tanto que esta noticia chegou ao presidente, expediu elle o primeiro tenente da armada Pereira da Cunha com a companhia de imperiaes marinheiros para o Icatú, com ordem de seguir para a Miritiba, e como já tivesse conferenciado com o tenente coronel José Thomaz Henriques, determinando-lhe o que devia fazer para tomar a villa do Brejo, deixou o acampamento da Vargem Grande no dia 29 d'aquelle mez, e no seguinte chegou a Itapucurú-mirim, que d'aquelle ponto dista doze leguas. N'esta villa central bem situada á margem direita do rio, e toda entrincheirada por ordem d'elle, havia estabelecido seu principal deposito de munições e viveres, para facilmente soccorrer todos os pontos, e um hospital onde se tratassem os enfermos dos proximos destacamentos, que não tinham cirurgiões e commodidades necessarias. D'alli descemos pelo rio até á villa do Icatú, d'onde expediu novas partidas para a Miritiba, d'alli distante treze leguas, e outra para a Bella Agua.

CAPITULO XXI.

Revolta da villa de Paranaguá, no Piauhy: considerações sobre o estado da rebellião: falta de recursos.

Além do desastre da Miritiba e da tentativa dos rebeldes sobre o Pará, recebeu o presidente ainda na Vargem Grande noticia official de que a villa de Paranaguá estava rebellada, apresentando uma força de seiscentos homens, que era mais que sufficiente para acarretar outros muitos, e rebellar toda aquella provincia, já semeada

de revoltosos. Este acontecimento nada mais era do que o proseguimento de uma rebellião crescente desde seu principio e nunca refreada, e que nem havia tocado ao apogêo do seu completo desenvolvimento e grandeza. O que se collige do grande e progressivo numero de rebeldes, dos muitos logares ainda não contaminados e sem forças para resistir-lhes, da nossa pouca e mal armada gente de guerra, das participações de todos os commandantes militares e auctoridades do interior das duas provincias, das quaes algumas citámos e outras temos ante os olhos, da correspondencia official do presidente do Piauhy (*), dos costumes d'esses homens que na rapina

(*) Ill.mo e Ex.mo Sr.—Quando em meu officio para V. Ex.a datado de 21 de Março ultimo disse eu que tristes eram as circumstancias do Piauhy, não o considerava comtudo no imminente perigo em que se acha hoje. Os desordeiros de Paranaguá, que a principio se mostravam receiosos de encarar minhas forças, agora audazes com o incremento que tem tomado a revolta, e animados pela juncção de grandes partidas dos rebeldes de Pastos-Bons, e proximidades de outras, marcham a atacar as minhas alli postadas, e a esta hora ou terão travado batalha, ou lhe teremos cedido algum terreno, o que será em verdade para sentir, mas irremediavel; porque a fraqueza numerica das forças legaes e a pouca munição que tem lhes não dão logar a resistirem a forças muito mais superiores. N'estes apuros não sei com que opporei tropeços ás pretenções de taes tresloucados, e se, como creio, forem as forças dos sublevados do Paranaguá muito superiores ás que tenho em sua frente, muito é para temer um successo funesto ás nossas armas, porque havendo-se ellas collocado nas raias dos municipios de Jeromenha e Paranaguá, para impedir o contagio da revolução n'aquelle, vejo que as partidas dos de Pastos-Bons dividem-se em avultados grupos; e quando uns procuram juntar-se com os sublevados, outros occupam o importante ponto do Urussuhy, que quasi cobre a resguarda das minhas forças, e parece que sómente aguardam a occasião em que se ellas batam com os primeiros, para lhes darem pela retaguarda, ou pelo menos cortarem-lhes a communicação com esta capital, ou com os pontos que ficam a éste, o que lhes não será difficil Para evitar este mal seria preciso que á minha disposiçao estivessem recursos de maior entidade; mas tendo apenas n'esta capital cem armas, e carecendo de munição sufficiente para sua defeza quando seja aggredida, só V. Ex.a poderá removel-o fazendo sem perda de um momento marchar uma força de cem praças bem municiadas na direcção da villa de Jeromenha, d'onde tomará o destino que as circumstancias exigirem &c. Piauhy, 7 de Abril de 1840.

achavam todos os recursos, além do que, amoldados á vida errante em meio dos seus bosques, quasi nús, não soffriam as necessidades das nossas tropas submettidas á disciplina. Assim pois, longe de estar expirante a rebellião, novo vigor adquiria, e tal era o estado em que achámos a provincia: entretanto o Sr. Manoel Felizardo que, como vimos, innocente fôra illudido pelo seu antecessor em Março de 1839, officiou para a côrte em 5 de Fevereiro de 1840 (um dia depois de já estarmos no Maranhão!), dando mui boas novas e até marcando breve prazo para a completa pacificação; o que lhe não attribuimos a inteira má fé, nem á vangloria de engrandecer seus serviços, porque certos estamos que desde o começo de sua administração, dando elle sempre noticia do crescimento espantoso da rebellião, arrematava com lisongeiras promessas, que logo se desmentiam; e como foi elle o portador d'este seu ultimo officio, que nenhuma embarcação sahiu do porto de S. Luiz para o do Rio de Janeiro antes da barca que o transportou no seu regresso á côrte, explanou quanto fôra de desejar que tão agradavelmente se realizasse. Não teriam aqui logar estas observações se o governo imperial, que lhe deu inteiro credito, se não descuidasse de soccorrer esta provincia, pensando estar tudo concluido, e deixando o Sr. Luiz Alves a braços com mil difficuldades, sem lhe enviar os pedidos de armamento e dinheiro; de geito que, além de quatrocentas armas, outros tantos fardamentos, alguns officiaes e praças que o acompanharam, cento e cincoenta contos de réis em dinheiro, e a barca de vapor *Fluminense*, para servir nos rios da provincia, nada mais lhe mandou; vendo-se o presidente obrigado a comprar por alto preço armamento e munições de guerra e de bocca para seis mil homens! Da facilidade com que vemos as cousas graves damnos resultam ás vezes. O que seria do Maranhão e do Piauhy se o Sr. Luiz Alves, imitando os seus antecessores, se conservasse na capital da provincia, e attenuando em sua mente o mal, lhe não acudisse com prompto e efficaz remedio! Por esta facilidade e menospreço, a faisca da villa da Manga incendiou toda a provincia, e nove bandidos levantaram mais de nove mil! Em um povo desmoralisado e corrupto, como o nosso, pelos

máos exemplos de tantos mil pequenos empregados de sua mesma natureza, não ha febre que em delirio não depare, nem delirio que não termine em grande mortandade e devastação.

CAPITULO XXII.

Tomada da villa do Brejo: grande ataque nas matas do Egypto e Curimatá, no Piauhy.

Apezar das copiosas chuvas de Abril e Maio, andaram numerosas partidas das tres columnas em continuas explorações, e muitos encontros e tiroteios tiveram com os magotes errantes, sempre com prejuizo d'elles. Segundo o plano de ataque do presidente, marchou o tenente coronel José Thomaz Henriques para a villa do Brejo, em quanto do acampamento da Sapucaia, além do Parnahyba, seguia o tenente coronel Manoel Antonio da Silva, procurando ganhar a margem esquerda do rio. Das tropas d'este passaram o rio trezentas e vinte praças para occupar a villa do Brejo, e foram recebidos com o fogo de mil e duzentos rebeldes, capitaneados pelo caudilho Pedro Alexandrino, que pouco a pouco recuando e cuidando ser esta a unica força que os acossava, deixaram os nossos entrar para melhor depois acorrilhal-os; mas quando contavam que se rendessem os nossos pela fome, foram d'improviso acommettidos por trezentos Pernambucanos commandados pelo major Antonio Gomes Leal (*), que fazia a guarda avançada da columna de novecentos homens do tenente coronel José Thomaz Henriques, e em poucos minutos os dispersaram completamente, matando e ferindo os que resistiam; e assim tomou-se a villa do Brejo.

Continuaram as explorações n'aquella comarca com tanta assiduidade, que as partidas d'aquella columna se encontraram com as de Caxias: atravessaram os rebeldes o Parnahyba, e Raymundo Gomes acoutou-se em uma fazenda denominada Conceição, além do rio,

(*) Hoje tenente coronel.

onde reunindo a sua gente, preparava-se para voltar ao Maranhão. « Por communicações interceptadas aos rebeldes [escreveu o presi-« dente para a côrte (*)], sei que seu plano é contra-marchar e « procurar reunir-se, para todos juntos atacarem um dos nossos « pontos do Itapucurú ou Munim, onde elles sabem que tenho « menor força, afim de se municiarem e se armarem; mas creio « que não conseguiráõ (só si houver alguma traição da parte dos « defensores), pois que todos os pontos estão fortificados e com « guarnição sufficiente para se defenderem de qualquer ataque. » O parenthese d'este periodo mostra a previdencia do general, que sem temor do perigo receiava alguma perfidia; o que desde já notamos pelo que adiante escrevemos.

O bravo tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, á frente de um troço de duzentos homens, entrou no territorio do Piauhy depois de bater os rebeldes nos logares denominados Cabeceiras, Cristas, Remanso, Lagôa do Meio, Curral Velho, Bocca da Mata, Curralinho, Macaco, Barro Vermelho, e fez juncção com as forças d'aquella provincia commandadas pelo coronel José Feliciano de Moraes Cid, e com elle de accôrdo atacaram a 7 de Maio o inimigo em numero de dous mil, entrincheirado nas matas do Egypto e Curimatá. Sustentou o tenente Lorena o ataque pela retaguarda, e o coronel Cid investiu pela frente, resultando a derrota dos desordeiros no Piauhy; muitos alli ficaram sem vida, e mais de mil, entre elles Raymundo Gomes, atravessaram o Parnahyba e de novo vieram acoutar-se no Maranhão. Depois d'este ataque fizeram-se trezentos e trinta e sete prisioneiros, além de duzentas e sessenta e cinco mulheres e quatrocentas e oitenta e nove crianças que os acompanhavam.

Por esse mesmo tempo o major Luiz José Ferreira acommetteu os bandidos no ponto da Tabatinga, estrada das Preguiças, onde existiam quatorze trincheiras; foram elles derrotados, e arrasados seus entrincheiramentos.

(*) **Officio de 16 de Maio de 1840, dirigido ao conde de Lages, ministro da guerra.**

CAPITULO XXIII.

Abertura da assembléa provincial: marcha do Presidente para a Miritiba: ataque do Matão Grande.

O presidente, já de volta na capital, abriu no dia 3 de Maio a assembléa provincial, apresentando o seu relatorio das urgentes necessidades da provincia, o qual com muitos signaes de consideração foi geralmente acolhido; e o corpo legislativo provincial, encetando seus trabalhos, sempre de accôrdo com o presidente, sem o menor vestigio de opposição, decretou algumas leis uteis, conforme as propostas do relatorio.

Com o pequeno triumpho que alcançaram os rebeldes na Miritiba, começaram elles animosos a pender para aquelles lados, e tambem porque perto da costa achavam recursos na pesca e bastante gado nas fazendas circumvisinhas. A maior parte d'essas hordas era de negros sublevados sob a direcção do facinoroso Cosme, fugitivo da cadêa da capital; e o numero d'elles já passava de mil, que pelo egoismo dos senhores mais sustos davam que os mesmos rebeldes livres, não só pelos prejuizos que já soffriam os senhores, como pelo temor que desencaminhassem os que ainda se conservavam debaixo do jugo senhorio.

Fundado era este receio, porque não se descuidavam os aquilombados de attrahir os outros, e o seu numero continuamente crescia.

Tinha o presidente os olhos sobre aquelle ponto da provincia proximo á capital, e por falta de gente não marchava sobre elles, que não ousava distrahir as tropas occupadas em outros pontos longinquos e importantes: com grande difficuldade reuniu trezentas e quarenta praças, entrando n'este numero a companhia de imperiaes marinheiros, e com ellas a bordo do vapor *Fluminense* sahiu da capital aos 17 de Maio, com intento de fazer um desembarque na Miritiba e dirigir elle mesmo o ataque; mas já alli não estavam os

barbaros errantes, que só se demoravam em um logar em quanto alli havia com que satisfazer suas limitadas necessidades.

Estava todo o terreno alagado, e apezar d'isto marchou o presidente para o Pará; d'alli mandou seguir a pequena força que o acompanhava até á Ribeira, quatro leguas além, onde o inimigo se tinha entrincheirado: travou-se a peleja, e depois de duas horas de fogo deixou-nos elle o entrincheiramento, alguns mortos e sangue que maiores prejuizos annunciava. Continuou a nossa partida exploradora sob a direcção do capitão Joaquim Pereira Chaves Garalhada, até que por falta de viveres, e por se ter molhado todo o cartuxame na passagem do rio Ribeira, assaz abundante e crescido com as continuas chuvas, viu-se obrigado a demorar-se no logar — Matão Grande —; e quando se preparava para seguir para a Bacaba, d'alli distante legua e meia, foi a nossa partida acommettida pelos rebeldes em grosso numero, que por um desconhecido trilho chegaram ás sete horas da noite: travada a refrega em grande confusão e desordem, prolongou-se até ás tres horas da madrugada: com todas as armas brigaram, e mesmo aos sôcos e facadas, e incendiaram-nos o abarracamento, mas pondo-se alguns dos nossos bravos atravez das chammas, salvaram todo o cartuxame. O vil inimigo ouvindo o toque das cornetas, que em diversos logares soavam, persuadiu-se talvez ser maior a nossa força, cuja corajosa resistencia os desconcertava, e posto fosse elle tão numeroso que bem podiam tres dos seus luctar com um dos nossos, mal começou a bruxolear o dia procuraram na fuga o salvamento, deixando dezenove mortos e muitos rastos ensanguentados.

Nós lamentámos a perda do benemerito capitão Manoel José da Fonseca e de nove soldados.

O presidente, que por longo tempo não podia estar ausente da capital, por ter de sanccionar a lei do orçamento para aquelle anno financeiro e outras que se promulgassem, regressou no dia 24 d'aquelle mez, deixando alguns pontos occupados n'aquella costa, e uma canhoneira para protegel-os.

CAPITULO XXIV.

Revolta da villa do Itapucurú-mirim: plano dos revoltosos: ataque do Gaiola: consequencias favoraveis d'esta revolta.

Fallámos em alguns capitulos, e particularmente no numero **19**, do miseravel estado das nossas tropas, a quem se deviam fardamentos e soldos de seis e nove mezes. Soffriam estas pobres machinas de guerra com inaudita coragem e resignação todas as privações e miserias, mas qualquer mais ousado poderia chamal-as á revolta, e toda a actividade, rigor ou bondade de um general não se estende a impossiveis. O presidente, que temia o descontentamento da tropa, e não se julgava livre de alguma perfidia, não cessava de requisitar ao governo imperial dinheiro e munições; mas o governo todo occupado com a guerra do Sul, desdenhava a do Norte.

Por falta de pagamento de soldo sublevou-se em **14** de Junho a guarnição militar da villa de Itapucurú-mirim; prendeu alta noite com força armada os seus officiaes, inclusivè o major commandante Carlos Augusto de Oliveira (*), que bastante enfermo se achava. Com tão infausta nova espalhou-se de subito o terror por onde ella mais ou menos alterada passava, e assombrada ficou a capital. No dia **16**, em que recebeu o presidente esta noticia, mandou logo ordens a todos os pontos circumvisinhos que fizessem com toda a brevidade seguir forças contra os revoltosos que a villa haviam senhoreado, e n'esse mesmo dia sem demora alguma, levando da guarnição da capital um destacamento, partiu a bordo do vapor *Fluminense* para o ponto sublevado, onde desembarcou vinte e quatro horas depois. Julgamos dever expôr todas as circumstancias d'esta revolta, que a não ser como foi tão rapidamente abafada, teria brotado as mais funestas consequencias. João do Rego Barros, segundo sargento de caçadores de montanha, resentido de haver sido preterido pelo

(*) Hoje tenente coronel graduado, commandante do 4.º batalhão de fuzileiros do exercito.

ex-presidente, premeditou vingar-se na primeira occasião: para isso attrahiu o sargento quartel-mestre do batalhão provisorio do Itapucurú-mirim Antonio Cyriaco dos Passos, o primeiro sargento da Bahia Ezequiel Luiz da França, e o sargento brigada Carlos Ilsleiber (Allemão engajado), subornou os soldados, e excitou-os a que reclamassem seus soldos atrazados. Como por uma medida tomada pelo major commandante da praça, em consequencia do apparecimento de alguns pasquins em que se davam vivas aos Bemtevís, permanecessem os officiaes durante a noite repartidos pelos pontos avançados, facil foi a um signal dado pelas tres horas da madrugada apoderarem-se os soldados de seus officiaes, desarmal-os e pôl-os em custodia, com tanto respeito porém que os não offenderam. Ficou o sargento Rego Barros e seus companheiros senhores da villa, e logo expediram para a Bella Agua uma mulher, e para o Caraubal um proprio com mensagem aos rebeldes, que o Barros esperava em soccorro seu; e por isso, para não causar alarma antes que elles chegassem, mantinha tudo em apparente socego. Entretanto dirigiu um officio ao major commandante da villa (que apezar de sua grave enfermidade deixou o leito ao signal de rebate, e por elles fôra preso), pedindo prompto pagamento de soldos, declarando ao mesmo tempo que si o não fizesse, elle não responderia pelo resultado: o major temendo comprometter a villa e o ponto rico de munições, que bem se podia avaliar em cerca de duzentos contos de réis, por ser alli como já dissemos o principal deposito, e querendo acalmar a desordem por meios brandos, que outros não tinha, alcançou dos habitantes um emprestimo da necessária somma para aquelle pagamento. Nem por isso depozeram os sediciosos as armas, que dado o primeiro passo de insubordinação, inevitavel é o segundo, e outros muitos se encadeam; descuidaram-se porém, e muitos se entregaram a bebidas, e os officiaes tiveram occasião de se evadirem de suas prisões, e nos visinhos pontos se recolheram: o capitão Manoel Lopes Teixeira Junior (*) e mais officiaes que vieram ter á villa do Rosario, deixando ahi o major em

(*) Hoje major graduado do estado-maior

perigo de vida, subiram pelo rio com cem praças d'aquella villa, e foram atacar os sublevados, em quanto de todos os lados marchavam outras partidas sobre elles. Como esta força commandada pelo capitão Lopes inopinadamente os atacasse, parecendo aos sediciosos ser mais copioso o seu numero, achando-se elles sós, sem o soccorro dos rebeldes que tardavam, amedrontados não ousaram resistir; foram todos desarmados e presos, e como depois vissem ser tão diminuta a força sitiante, planearam arrombar a fraca prisão e atacar pela retaguarda a nossa gente, quando esta fosse para as trincheiras defender a villa dos rebeldes com quem contavam, e que deviam chegar por aquelles dias. Aconteceu porém, por felicidade nossa, que o seu emissario a Raymundo Gomes não podesse a elle chegar, por estar este chefe com os seus sitiado no Caraubal pelas nossas forças, e regressou com esta noticia: a mulher porém que partíra para a Bella Agua chegou ao seu destino, e deu relação do caso; e os rebeldes desde logo, em numero passante de trezentos, atravessaram o rio Munim com direcção para o Itapucurú-mirim, mas esbarraram no ponto do Gaiola com um destacamento nosso, apenas de quarenta praças, commandado pelo tenente Fortunato José da Costa (*), e ahi travou-se viva peleja. Como a nossa pequena força estivesse entrincheirada em frente de uma casa que lhe servia de quartel, os rebeldes torneando-a lançaram-lhe fogo. Com o incendio pela retaguarda e com o fogo de trezentas armas pela frente, os nossos quarenta heroicamente resistiram pelo largo espaço de dezoito horas consecutivas. Doze rebeldes ficaram mortos sobre o campo, muitos foram feridos, e os mais desalentados retrocederam, deixando completa victoria aos quarenta bravos, dos quaes só quatro foram levemente feridos. Em quanto tudo isto acontecia, já o presidente se achava no Itapucurú-mirim, fazendo castigar os revoltosos e submettendo a conselho de investigação os cabeças; guarneceu a villa com novas tropas, e deixando-a tranquilla, regressou para a capital no dia 25 do mesmo mez. Este pernicioso acontecimento, que ao principio encheu de

(*) Hoje capitão reformado.

terror toda a provincia, serviu pela rapidez com que foi suffocado, e o exemplo do castigo, para maior disciplina da tropa, infundir confiança na população, e desconcertar as tentativas dos rebeldes. E como todos os officiaes sabiam que o activo presidente não admittia desculpas de impossiveis e difficuldades, andava tudo com tanta rapidez que admirava.

E grande foi o exemplo do tenente Fortunato José da Costa, até alli fabula do exercito pela sua cobardia, e a quem o presidente confiando o ponto do Gaiola só com quarenta praças, ordenou que morresse antes do que se rendesse, fosse qual fosse o numero dos rebeldes que o atacassem; e d'alli em diante nenhum quiz ser menos que o tenente Fortunato, que em premio do grande serviço que n'aquelle ensejo fizera foi nomeado capitão effectivo.

CAPITULO XXV.

Miseria do exercito e falta de soccorros e de politica do ministerio.

Com portarias e palavras não se mantém a guerra, nem se pacificam revoltas; e o presidente via com grande dôr o estado de miseria de suas tropas e os cofres esgotados, e reiterava seus pedidos para a côrte.

Em 21 de Julho escreveu elle para a côrte o seguinte (*): « V. Ex.ª já está informado que a guerra n'esta provincia é toda de « emboscadas e de explorações, e que estas se fazem no meio das « matas, onde se fortificam os rebeldes. Durante os seis mezes de « inverno, que não serviu de obstaculo á marcha das operações, « estragava-se o fardamento com extraordinaria facilidade, e muitos « soldados não compareciam na fórma pela nudez em que estavam: « constantemente via-me forçado a fazer algumas remessas, que não « chegavam a todos. De oitocentos fardamentos que na côrte verbal- « mente requisitei, só recebi quatrocentos para vestir seis mil

(*) Officio dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, então ministro da guerra.

« homens (*), de que se compõe a força do meu commando! Não « tive outro recurso senão comprar algum, bem como armamento, « por ter recebido sómente oitocentos; no que gastei não pequena « quantia. Cento e oitenta contos de réis, que d'ahi trouxe, mal « chegaram para pagamento de dous mezes de soldos atrazados, e « hoje não posso continuar a pagar a tropa por falta de dinheiro, o « que já deu motivo á revolta de Itapucurú-mirim; nem me é possivel « manter rigorosa disciplina, quando os soldados mal cobertos estão « ha cinco e seis mezes sem receber cousa alguma, expostos ás chuvas « e ao sol no meio das matas, atravessando rios e charcos, de que « resultou o numero de quasi dous mil doentes, que constantemente « enchem os hospitaes. Além d'isto, os fornecedores, temendo a « mesma falta de nossos meios, recusam vender seus generos, e « agora muito mais receiosos estão com a determinação do ex- « ministro da fazenda de não se pagar as dividas atrazadas n'esta « provincia sem que se decrete somma para isso, e só querem « negociar a dinheiro á vista, e por exorbitante preço. Em virtude « d'esta citada ordem nem eu posso pagar os soldos atrazados sem « que V. Ex.ª me envie dinheiro e ordem expressa. Além de todas « as necessidades d'esta provincia, tive e tenho tambem de attender « ás do Piauhy; e por differentes vezes para alli remetti dinheiro, « que somma em trinta e dous contos quinhentos e setenta mil réis « (32:570$ rs.) além de armamento, munições, botica, &c. Todas « estas difficuldades me collocam em grandes apertos, e vejo-me « obrigado a rogar a V. Ex.ª haja de mandar mensalmente para « esta provincia a quantia de sessenta contos de réis (60:000$ rs.), « sem o que me será difficil continuar a manter a disciplina em « que tenho esta divisão. Toda a minha vigilancia e fiscalisação « para evitar desperdicios apenas me tem servido de sustentar « as cousas até este ponto, porém emfim isto só não basta, é « necessario que V. Ex.ª me attenda e me preste algum auxilio. » Este officio já não encontrou no ministerio da guerra o Sr. Salvador

(*) Então compunha-se a força de seis mil homens, e pouco a pouco subiu a oito mil.

José Maciel, que succedera ao Sr. conde de Lages. Outros muitos officios sobre este assumpto antes e depois endereçou o presidente ao ministerio, sem que fosse attendido como devêra. O mesmo não praticou o digno presidente de Pernambuco, o Sr. Francisco do Rego Barros, (*) que sempre desvelado satisfez todas as reclamações de tropa, dinheiro e munições feitas pelo Sr. Lima.

Não podemos relevar um facto, que assaz prova o pouco caso e falta de politica de alguns ministros. Tinha o ex-presidente Felizardo remettido para a côrte uma porção de rebeldes notaveis, apanhados com armas nas mãos, e cuja presença era perniciosa na provincia: o ministerio de então agraciou-os, e os fez regressar, e elles de volta reuniram-se ás hordas devastadoras.

Queixou-se d'isto o presidente Lima, enviando com praça um numero muito mais copioso para servir no exercito do Sul, e dos quaes dizia — « muitos pareceráõ pela sua idade inaptos para o « serviço militar; entretanto nas turmas dos revoltosos a velhice não « se acobarda, antes se recommenda pela ferocidade de caracter e « longo habito do crime. » Que fez o ministerio? Mandou soltar a todos nas ruas do Rio de Janeiro, com licença de irem para onde quizessem. Era o ministerio de 24 de Julho de 1840. Acharam estes criminosos protecção em algumas pessôas notaveis do Maranhão que na côrte permaneciam; e as reiteradas reclamações do presidente em favor das tropas legaes, que sob o peso do trabalho e da miseria gemiam, foram desattendidas: mas não se descuidava o ministro de recommendar que se não castigasse os rebeldes; descuidou-se sim de mandar os devidos soccorros aos que, fieis aos seus juramentos e sujeitos á disciplina, bebiam aguas infectas e andavam vestidos de lodo e de poeira em defesa d'aquelles mesmos que promoveram a desordem. Gloria a quem a merece.

Depois da posse do presidente e commandante das armas organisaram-se os primeiros mappas do pessoal e material do exercito, e mensalmente se remettiam para a côrte. Em 21 de Julho escreveu o

(*) Hoje barão da Boa Vista.

presidente: (*) « Á vista dos mappas que agora remetto verá V. « Ex.ª que tenho seis mil homens; mas releva notar que d'estes, « dous mil estão constantemente nos hospitaes, e dos quatro mil res- « tantes a maior parte compõe-se de rebeldes apresentados; além de « haver muito má gente, que só serve para fazer numero, e em quem « pouco confio: a tropa de 1.ª linha é quem contém o resto, e a que « mais se expõe, e por isso é tambem a mais sacrificada nos ataques, « e se V. Ex.ª não mandar para aqui os recrutas feitos nas provincias « de Pernambuco para o norte, brevemente estarei reduzido só a ser- « vir-me com a gente apresentada. Descontando V. Ex.ª os doentes e « inutilisados, verá que não ha tropa sufficiente para guarnecer tantos « pontos que não podem ser abandonados, e andarem partidas volantes « em explorações; e posto que os rebeldes fossem expulsos de todas as « villas, ha comtudo pelas matas grandes e numerosos magotes, que « espiam o menor descuido nosso, e procuram sublevar os escravos das « fazendas por onde passam, partido que em extremo adoptou Ray- « mundo Gomes, por se ver sempre acessado e já falto de recursos, « posto que em principio se não quizesse ligar á escravatura. Por falta « de gente e armamento não fiz um desembarque na Miritiba, onde « existem mais de tres mil rebeldes, entre livres e escravos que alli se « vão amontoando.» Tudo foi baldado: era então ministro da guerra o Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque!

CAPITULO XXVI.

Occupação da comarca de Pastos-bons: correspondencia com Raymundo Gomes: diminuição dos rebeldes. O negro Cosme e seu quilombo. Marcha do presidente para a Vargem Grande, providencias importantes, suas vantagens.

Temos dito que não cessavam as nossas explorações, e prolixidade fôra citar mais de trinta tiroteios mensaes, de que resultavam mortos e prisioneiros rebeldes, e grandes perdas de suas cavalgaduras.

(*) Officio dirigido ao Sr. Salvador José Maciel, e recebido pelo Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

O major José Vicente de Amorim Bezerra, que á frente do seu batalhão de artilharia da Bahia seguíra do Itapucurú-mirim para Caxias, como vimos, marchou d'aquella cidade para a vasta comarca de Pastos-Bons, e occupou a villa da Passagem-Franca, e d'alli mandou destroçar os revoltosos bem entrincheirados no Jacarandá.

O tenente coronel Diogo Lopes, que por diverso caminho tambem operava n'aquella comarca, entrou finalmente na villa do mesmo nome, debellando em sua marcha numerosas manadas, entre estas uma de novecentos rebeldes. Muitos prisioneiros fizeram, e abriram communicações com Caxias e o Piauhy. Melhoraram tambem os negocios d'aquella provincia com as vantagens n'esta colhidas. Das tropas do dito tenente coronel Lopes entrou uma partida na villa de Carolina em Goyaz, perseguindo algumas hordas que já n'aquella provincia se encorporavam; e deixando-a em socego, regressou com cento e vinte e tres prisioneiros. Os caudilhos Gavião, João da Matta, Mocambira, Tempestade e outros muitos de que temos fallado, foram por mais de uma vez battidos e destroçados em todo o mez de Junho, perdendo sempre muitos dos seus sequazes.

Com estes continuos revezes começaram a desanimar os sediciosos, e só tratavam de fugir, vendo o damno certo e a morte em toda a parte; e como os que d'elles se desligavam, e ás nossas forças se apresentavam, eram logo armados e empregados contra os seus proprios companheiros, desfalcavam-se sensivelmente suas fileiras, e vigoravam-se as nossas.

Raymundo Gomes, vendo-se tão mal parado e desconfiando dos seus, dirigiu uma representação assignada por alguns caudilhos pedindo perdão, exigindo comtudo certas condições inattendiveis. Voltou-lhe o presidente com uma proclamação que lhe servia de resposta, ordenando que sem condição alguma depozessem todas as armas para serem perdoados, e no caso contrario continuaria a perseguil-os até exterminal-os. Mandando esta resposta, fez ao mesmo tempo marchar uma força da 3.ª columna para sustental-a.

O chefe dos rebeldes, como visse que nenhuma importancia se havia dado á sua representação, quiz alardear força, e replicou que ainda

se não julgava em estado de depôr as armas, por quanto contava vinte mil soldados, alludindo sem duvida aos escravos das margens do Itapucurú, que elle tratava de sublevar e attrahir a si; pelo que sobre seu grupo deu a nossa partida e o dispersou: postos em fuga encontraram-se no Alegrete aos 9 de Agosto com outra partida nossa, e aqui foi Raymundo Gomes completamente batido, e quarenta dos seus satellites, inclusivè dous caudilhos, sendo um d'elles o proprio irmão do chefe, a quem chegou a citada proclamação, se apresentaram humildes á nossa partida victoriosa.

Raymundo Gomes porém, que pelos seus crimes duvidava do perdão, evadiu-se sem armas, sem bagagem, sem comitiva e quasi nú, e foi offerecer-se ao negro Cosme, que o metteu em golilha, e descobrindo-lhe a habilidade de fazer polvora, o empregou n'aquelle exercicio, sempre em guarda. O negro Cosme, o facinoroso fugitivo das cadêas da capital, começava a ser então a importante figura que mais assustava os fazendeiros, por achar-se á frente de tres mil escravos por elle sublevados. Assignava-se — D. Cosme, tutor e imperador das liberdades bemtevís; — proclamava á escravatura, dava titulos, postos, estabeleceu uma escola de ler e escrever, e aquilombado nas cabeceiras do Rio Preto, comarca do Brejo, na fazenda da Lagôa Amarella (*), tinha piquetes avançados e mandava partidas roubar e insurreccionar as fazendas circumvisinhas. Estavam as cousas n'este ponto, e o presidente, que tudo dispunha para um golpe decisivo, deixou a capital no dia 9 de Agosto, e em 12 apresentou-se pela segunda vez no acampamento da Vargem Grande, trinta leguas ao suéste da capital: então alli commandava a 3.ª columna o major Feliciano Antonio Falcão, por se haver retirado da provincia o tenente coronel Favilla.

D'aquelle acampamento despachou o presidente seis partidas exploradoras, algumas d'ellas contra os aquilombados: duzentos rebeldes, sob a direcção de um certo Candido, se apresentaram ao

(*) Esta fazenda pertencia a Ricardo Navia, a quem o Cosme obrigou a dar carta de alforria a duzentos escravos seus, e o conservava como seu criado, e a final, desconfiando de sua fidelidade, assassinou-o.

presidente, e outros muitos depois os imitaram. Como desejasse o presidente haver os escravos sem grande mortandade, por ser isto mais conforme com os interesses dos senhores, tratou de por meio de emissarios introduzir entre elles a zizania, e não poucos voluntariamente se entregaram; e como não confiasse muito n'esta traça, mandou o capitão Ricardo Leão Sabino e Domiciano Ayres á frente de duas partidas que os cercassem a um tempo, e resultou d'este ataque sessenta e um prisioneiros, alem de cavallos e outros objectos; e dispersou-se todo aquelle quilombo.

Por um emissario soube o presidente que Francisco Ferreira Pedroza, chefe de mil e setecentos facciosos acoutados na Bella-Agua, desejava apresentar-se por já não poder sustentar-se e temer não ser perdoado, e mandou certificar-lhe que o aceitaria com a condição de fazer primeiro algum serviço em desconto de haver empunhado as armas contra o governo; que fosse bater os negros, e depois se apresentasse. Assim elle obrou; os negros em debandada e fugitivos depois do ataque da Lagôa Amarella, correram para a Bella-Agua cuidando ahi achar apoio, e acharam a morte e a sujeição. Foi sempre politica do presidente impedir a juncção dos rebeldes com os escravos, indispondo-os contra os segundos, o que de certo foi uma felicidade para a provincia. Raymundo Gomes, que se achava preso na Lagôa Amarella em poder do Cosme, e que por este fôra a final sentenciado á morte, achou occasião de evadir-se no dia mesmo em que, segundo elle depois narrou, devia das mãos d'aquelle criminoso receber o castigo dos seus crimes: quiz porém sua fortuna que n'esse dia fossem atacados os negros que, como elle, só procuravam em precipitada fuga furtar-se á morte, e d'alli foi elle embrenhar-se na Miritiba. Da Vargem Grande fizemos uma jornada á villa da Manga, duas leguas distante (*). Depois foi o presidente ao *Páo-*

(*) Villa tão sombria, enferma e deserta, que em vendo-a se nos apertou o coração no peito, e só respirámos quando lhe demos costas: tão triste e escuro alli começa o Munim, que por um lado a cinge, recebendo as aguas do Iguará e Rio Preto, que profundamente nos melancolisou, e só nos desejámos d'alli fóra e bem longe.

deitado, estrada do Caraubal, onde collocou um destacamento para segurar o livre transito d'aquella communicação com Caxias, para onde dias depois seguiria, se não occorresse o que expenderemos no seguinte capitulo.

CAPITULO XXVII.

Noticia da declaração da maioridade de Sua Magestade o Imperador, e como foi recebida.

Aos 23 de Agosto estava o presidente de volta na Vargem Grande, e por despachos da côrte a elle dirigidos recebemos n'aquelle dia a noticia da declaração da maioridade de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, e de todos os acontecimentos que na côrte tiveram logar em 23 de Julho findo: logo alli mesmo mandou o presidente formar em grande parada a 3.ª columna, e á sua frente saudou com vivas e salvas de artilharia e fuzilaria tão gloriosa noticia, e officiou para todas as columnas, pontos militares e auctoridades, para que as mesmas demonstrações festivas se fizessem, e por este acontecimento regressou com todo o seu estado-maior para a capital, onde chegámos a 27 d'aquelle mez, e foi o presidente acolhido com muitas demonstrações de enthusiasmo; e pondo o pé em terra, no meio de numeroso concurso que o saudava, soltou primeiro tres vivas a Sua Magestade o Imperador, que foram cobertos por outros muitos tanto ao monarcha como a elle. Mandou celebrar solemne Te-Deum, ordenou grande parada, cortejo e festas, e deu á sua custa um espectaculo no theatro da capital, rico e extraordinariamente preparado, e ahi espalhou uma proclamação (*) que por este acontecimento fizera, an-

(*) Proclamação. — Maranhenses! Uma nova épocha abriu-se aos destinos da grande familia brazileira: Sua Magestade o Imperador empunhou o sceptro da governança e assumiu os direitos que pela constituição do Estado lhe competem. Declarado maior, ell-o emfim como um symbolo de paz, de união e de justiça, collocado á frente da nação que o reclamava. No interior da provincia, no meio dos bravos que defendem vossos bens e vidas, encontrou-me tão lisongeira nova; e se os deixei para correr a vós, como por elles d'aqui me havia ausentado, é para confirmar o que sabeis, participar do

nunciando tambem o estado decadente da guerra. Mandou á côrte uma commissão militar comprimentar a Sua Magestade Imperial por parte da divisão pacificadora de terra e mar, composta do tenente coronel de engenheiros Antonio Nunes de Aguiar, seu ajudante e quartel mestre general; tenente coronel da guarda nacional Isidoro Jansen Pereira; major do estado-maior do exercito Feliciano Antonio Falcão, commandante da 3.ª columna; capitão-tenente Jezuino Lamego Costa, e do 1.º tenente da armada nacional Manoel Luiz Pereira da Cunha; ficando o prestante coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães interinamente no logar do ajudante e quartel mestre general, e o major José Lucas Soares Raposo da Camara no interino commando da 3.ª columna.

CAPITULO XXVIII.

Estado da guerra: inutilidade dos meios de conciliação com os rebeldes: desordem de Vianna, e sahida do presidente para aquella villa.

N'esta proclamação annuncia o presidente o estado decadente da rebellião. Raymundo Gomes tinha-se occultado, o Pedroza obedecia ao presidente; muitos rebeldes á força haviam deposto as armas ini-

geral regosijo e augmental-o, si é possivel, com a noticia da quasi extincção da guerra civil, restando apenas da terrivel tempestade uma nuvem negra, que, apezar de carrancuda, breve será dissipada. Maranhenses! um sublime pensamento deve agora inflammar o coração brazileiro; asperrima foi a longa experiencia; aproveitai-a. Amor ao Imperador, respeito ás leis e esquecimento de vergonhosas intrigas, que só tem servido para enfraquecer-vos; um só partido emfim, — o do Imperador —; e no vosso enthusiasmo repeti mil vezes:

Viva Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

Viva a nossa santa religião.

Viva a constituição do Estado.

Palacio do governo na cidade de S. Luiz do Maranhão, 27 de Agosto de 1840. Assignado *Luiz Alves de Lima.*

migas, e nas nossas fileiras serviam; os negros andavam debandados, e seu numero diminuia todos os dias; tudo annunciava a proxima extincção da guerra civil, e apenas existiam embrenhados tres grupos de rebeldes mais tenazes, e esses já baldos de recursos e faltos de viveres e munições; a peste começava a ceifal-os, e o propinquo inverno lhes roubaria o ultimo asylo das matas. Julgou o presidente poder arrancar de seus covis este resto desvairado e foragido, offerecendo-lhe palavras de ordem com a noticia de haver Sua Magestade o Imperador empunhado o sceptro da governança; e para isso, além da citada proclamação, impressa em grande copia, mandou espalhar entre elles e por toda a provincia uma pastoral, que a rogo seu fizera o Exm.° bispo D. Marcos. Inutil foi a experiencia, que muito de accôrdo andam os sentimentos religiosos d'essa bruta gente com o seu amor á ordem e respeito ás auctoridades: homens são que nem as divinas, nem as humanas cousas veneram, e só por medo se curvam á força. Nem a palavra da igreja, annunciada pela voz do prelado, nem a do presidente, nem o nome do monarcha poderam desarmal-os; só a força a isto os obrigaria, e necessario foi activar a guerra, já mais facil por termos então oito mil homens com os apresentados de suas proprias fileiras, que se desfalcavam, como dissemos.

Em todas as comarcas da provincia foi festejada a noticia da maioridade, sem distincção de partidos. Os Bemtevís porém, que se curvavam com o peso das accusações do contrario partido, que em rosto lhes lançava a guerra civil e seus horrores, apoderaram-se com mais afouteza d'este novo acontecimento para sahirem do opprobrio em que viviam, e poder, á sombra do grande nome, melhor triumphar nas proximas eleições, unica causa das antigas desavenças e mira dos seus esforços. Um pequeno incidente (si n'estes casos ha pequenas cousas) teve logar na villa de Vianna, cabeça da comarca do mesmo nome, incidente nascido do enthusiasmo que cada partido queria acintosamente mostrar pelo monarcha, e do qual funestas consequencias surgiriam se tão pura não fosse a fonte d'onde emanava, tão solemne a occasião, e tão prudentes as auctoridades. Divididos em dous grupos festejavam os Viannenses a nova que animava o espirito pu-

blico, dando vivas aos objectos caros á nação. Em frente do grupo bemteví achava-se o ex-deputado Estevão Raphael de Carvalho, espirito inquieto e phantastico, que redigíra o pequeno jornal de cujo titulo se serviam os rebeldes; lembrou-se este cidadão, na presença do grupo cabano estante em frente do quartel, de soltar o seguinte brado, que fielmente copiamos de uma representação sua, que apressada e preventivamente dirigiu ao presidente; dizia: « Viva o partido « que fez a independencia, que triumphou em 7 de Abril de 1831, « que tornou a triumphar a 23 de Julho d'este anno, dispensando a « menoridade do Senhor D. Pedro II, partido que n'esta provincia « se chama bemteví: » sua intenção n'este longo brado era sem duvida ligar o partido bemteví ao da maioridade, com o qual nenhuma relação tinha, dar-lhe nova direcção e salval-o com este artificio. Applaudiram os contrarios as primeiras idéas do brado, mas ouvindo a palavra de discordia — bemteví — romperam em — fóra partido de assassinos e de malvados; — e cansados de gritar se retiraram, cada qual temendo que no meio do disturbio e celeuma fosse brandido o ferro assassino, que d'esta vez porém ou não existia, ou ficou em ocio, ou arrebatado por alguma auctoridade desappareceu da mão que o empunhava.

Chegou esta noticia ao presidente no dia 11 de Setembro, e n'esse mesmo dia rapidamente partimos para aquella villa, onde chegámos tres dias depois: foi ahi o presidente bem recebido, e com todas as auctoridades e principaes habitantes que sobre o resto influem conferenciou separadamente, e com todos usando de linguagem franca, reprovou os excessos; e colligindo que ambos os partidos contavam com o apoio da pequena força da guarda nacional que alli existia, tomou por medida salutar substituil-a por igual numero de praças de 1.ª linha que levava, e um official de confiança, não dado á politica, e regressámos trazendo as praças substituidas; e esta visita do presidente segurou a tranquillidade d'aquella comarca.

Nenhuma villa do Maranhão leva vantagem sobre outra pela limpeza e decencia; não passam de mal arruadas palhoças barreadas, e raramente entre ellas se eleva uma pobre capella, quasi sempre deserta,

ou predio de alvenaria; servem as praças de redis de animaes domesticos, e o mato que as assalta e as escurece se estende ás vezes mal cortado em suas ruas de arêa e cavadas de barrancos.

A intriga divide as familias, curtas e mesquinhas idéas politicas exacerbam os animos: só se ouve dizer: — é um ladrão, um malvado, um assassino. Eis o que é Vianna, aliás bem collocada sobre uma eminencia fertil, mirando-se em um vasto e piscoso lago, que nas suas enchentes do inverno quasi a converte em ilha, e em mar toda a vasta campina, risonha no estio e abundantemente coalhada de manadas de gado e de immensas aves de especies varias, e serpenteada por um rio assaz tortuoso e fundo, que confunde suas aguas com as do Miarim, célebre pelas suas *pororócas*. A politica e a indolencia inutilisam todos estes favores da Providencia, e pobres vivem no meio da abundancia.

CAPITULO XXIX.

Grande ataque na comarca de Pastos-Bons, e seus resultados: derrota completa e mortandade dos rebeldes, e de muitos dos seus caudilhos. Morte do bravo tenente Conrado: ultimo e decisivo plano de ataque. Decreto d'amnistia.

As quadrilhas que divagavam pela vasta comarca de Pastos-Bons reuniram-se em numero de mil e duzentos no sitio denominado — Detraz da Serra —, onde se fortificaram. Como d'isto tivessem noticia o coronel Diogo Lopes de Araujo Salles, chefe de legião d'aquella comarca, e o major Bezerra, commandante militar da villa de Pastos-Bons, resolveram, combinaram, e dispozeram uma sortida por diversas vias: o coronel á frente de uma partida, e o tenente de artilharia Isidoro José da Rocha do Brazil á testa de outra, deixaram aquella villa, e depois de muitas difficuldades superadas fizeram juncção aos 19 de Agosto, meia legua arredados do inimigo. Com o costumado denôdo investiram os nossos ás contrarias trincheiras, e apezar da pertinaz resistencia, foram os rebeldes forçados a ceder suas fortes posições, deixando setenta e tres mortos, inclusivè

cinco caudilhos, que se intitulavam officiaes, e vinte e nove prisioneiros com alguns chefes; ficaram tambem quarenta mulheres, duzentos cavallos, cem sellas e outras miudezas. Os fugitivos desceram para a comarca de Caxias, e pretendendo passar o Itapucurú no logar denominado — Sêcco das Mulatas — foram completamente derrotados pela partida do impavido tenente Sampaio. Não foram estas as ultimas refregas, outras muitas e menores sustentámos, das quaes resultaram em totalidade uns duzentos mortos, e o quadruplo de prisioneiros entre livres e escravos: em um d'esses combates lamentámos a morte do muito bravo e honrado tenente Conrado José de Lorêna Figueiredo, de quem o presidente mandou fazer honrosa menção em sua ordem do dia (*): citaremos tambem o joven e des-

(*) Ordem do dia n.º 61. Quartel da presidencia e do commando das armas na cidade do Maranhão, 15 de Outubro de 1840.—S. Ex.ª o Sr. coronel presidente e commandante das armas da provincia manda publicar, para conhecimento da divisão pacificadora do seu commando, que uma partida da 2.ª columna, sob o mando do tenente Conrado José de Lorêna Figueiredo, tendo debandado um grupo rebelde que existia no Bom Jesus, estrada do Munim, avançou para as Mangabeiras, e logo adiante d'este logar encontrou outros grupos rebeldes, que foram levados debaixo do fogo dos nossos soldados até as Cacimbas, onde, não obstante haver engrossado o numero d'aquelles malfeitores com outra porção d'elles que alli havia, foram completamente destroçados, com perda consideravel de feridos, e um prisioneiro que entre elles era alferes: da nossa parte tivemos dous soldados levemente feridos, e o valeroso tenente Lorêna, um sargento e dous soldados mortos. S. Ex.ª está profundamente magoado pela perda d'este tão bravo e benemerito official, que tendo-se tanto distinguido nos combates dos Cajueiros, Mutuns, Brejo, Matas de Curimatá e Egypto, Curral Velho, Lagôa do meio, Remanso, Cristas, Cabeceiras, Cajazeiras, Santa Rosa, Bananeiras, Boqueirão, Curiaca, Baixa-fria, Breginho, e outros muitos áquem e além do Parnahyba; e tendo sempre causado consideravel prejuizo aos rebeldes em centos de mortos, feridos e prisioneiros, victimas da sua coragem e bem concebidos planos, como commandante de differentes partidas; acabou seus gloriosos dias em 25 de Setembro proximo passado, aos primeiros tiros de um punhado de bandidos!

S. Ex.ª vai levar á presença de Sua Magestade o Imperador os muito bons serviços prestados por aquelle honrado e bravo official, implorando para a sua familia os bem merecidos premios, a que tinha indisputavel direito

temido alferes José Justiniano de Castro Rabello, que desejoso de imitar o tenente nos nobres feitos e gentilezas, foi atraiçoadamente baleado em uma perna pelo feroz Gavião, de que lhe resultou fractura comminutiva e aleijão para toda a sua vida.

Por este tempo tambem o facinoroso Pedro Alexandrino, que á testa de seiscentos salteadores tão temivel era, morreu de uma apoplexia; e foi preso o sanguinario Ruivo.

Com poucos negros andava o Cosme, sem achar refugio em parte alguma, porque além de mil e tantos escravos capturados, outros muitos mortificados pela fome, fadigas e sustos, tomaram por melhor partido voltar a seus senhores.

Assim pois descontando mil e setecentos rebeldes do Pedroza, os quaes posto que não apresentados obedeciam ao presidente, e de commum accôrdo com os nossos andavam afoutos na captura dos escravos, apenas existiam uns mil e tantos bandidos cercados por todos os lados, já nos ultimos arrancos, e acoutados em algumas matas, onde a peste dos sarampos, que por toda a provincia se estendia, espantosamente os ia ceifando, mais que ás nossas tropas, que tinham quarteis, hospitaes, e medicos em seu serviço; e tal era o miseravel estado d'aquelles infelizes, que em um dos seus acampamentos de novecentos homens morreram cento e onze sarampentos em nove dias. Entretanto tão desassisados e estupidos eram, ou antes tão criminosos, que temiam depôr as armas. Dispunha tudo o presidente para dar o ultimo e decisivo golpe, fazendo marchar parte da 1.ª columna e destacamentos de outros pontos sobre a comarca do Brejo, e já se preparava a seguir para Caxias, não só com este intento, como tambem para dar providencias ácerca dos generos roubados pelos rebeldes e depois retomados, que alli existiam em deposito, e eram reclamados pelos seus donos, quando recebeu da côrte o decreto de amnistia, de que felizmente foi elle o proprio portador, porque necessario lhe foi, como bem disse em um dos seus officios (*), preparar

tão digno militar. — Assignado *Manoel de Souza Pinto de Magalhães*, coronel encarregado das repartições de ajudante e quartel mestre general.

(*) Officio de 3 de Dezembro de 1840, dirigido ao Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, então ministro do Imperio.

os animos dos infelizes habitantes de Caxias, tristes e consternadas victimas ainda cobertas de luto, que só se consolavam com idéas de vingança, e viam seus bens gozados por verdadeiros rapinadores, que se aproveitaram da occasião, e se salvaram á sombra do crime politico; e por certo sentimentos de christãa piedade e de compaixão pelos proprios algozes não podiam animar aquelles corações ulcerados, e tão recentemente offendidos.

CAPITULO XXX.

Viagem do presidente a Caxias: providencias alli dadas.

Aos 22 de Outubro sahimos de novo para o interior da provincia com destino para Caxias. Na villa do Rosario estivemos um dia, e dous na do Itapucurú-mirim, onde o presidente, além de algumas ordens que deu sobre a campanha e para que aproveitasse o imperial indulto, foi com o vigario, e membros da commissão por elle nomeada para cuidar na edificação da nova matriz, escolher e marcar o logar em frente da melhor praça da villa, e dispôz tudo para lançar a primeira pedra da igreja.

Continuámos em uma gabarra (especie de lanchão de fundo chato) a nossa viagem pelo Itapucurú acima; bastante incommoda e lenta foi ella, e posto que o rio n'esta calorosa estação assaz pobre estivesse de suas aguas, e em certos logares tão vadoso que mais não tinha de palmo e meio, era a sua correnteza de tres milhas. Navegámos por meio de varas que miseraveis Africanos, quasi nús, empurravam compassadamente firmando uma das extremidades no alveo do rio, e a outra contra os peitos, que com este exercicio calejam; insano trabalho desde a madrugada até que a noite lhes traz o descanso; e é para ver como fumegam os corpos d'essas machinas humanas, e quando mais aquecidas estão, atiram-se ao rio, e molhadas retomam o trabalho.

Todos os pontos de ambas as margens, desde a ultima villa até á do Codó, a saber: Cantanhede, Pirapêmas, Croatá, Urubú, e finalmente Codó, foram inspeccionados pelo presidente e substituido todo

o velho e quebrado armamento por novo que levava; dous dias antes de chegarmos no ultimo d'estes pontos teve logar no — Sêcco das Mulatas — o desbaratamento dos rebeldes acossados e fugitivos de Pastos-Bons.

O dia de Todos os Santos e o de Finados nos demorámos na nominal e enferma villa do Codó, que mal se compõe de duas duzias de pardieiros esgarrados ao longo da margem, sem igreja ou logar reservado para os mysterios da religião, de que pouco se cuida; e em uma varanda aberta e ventilada assistimos á celebração da missa: o vento apagava as velas do altar portatil, desfolhava o missal, levantava a pala de cima do calix, punha tudo em desordem, e obrigava o celebrante e o acolyto a continuos movimentos.

Continuámos a viagem no dia 3, e cavalgámos quatorze leguas seguidas por um terreno pedregoso, pobre e inculto, ao lado esquerdo do rio, semeado de algumas esparsas carnaubeiras e outras arvores pouco alterosas, e atravessado de grandes a grandes espaços de longas e vastas fileiras de elegantes buritis, entremeados de outras palmeiras, em cujas raizes encontra sempre o viajante amiga sombra e agua agradavel e fresca. Chegámos na manhãa seguinte á freguezia da Trezidella, em frente de Caxias, de que é arrabalde, e atravessando o rio, fomos n'aquella cidade recebidos com todas as demonstrações de alegria não só pela 1.ª columna alli acampada, como pelos habitantes ainda cobertos de luto, e que apezar d'isto festejaram com tres noites de luminarias a primeira visita de um presidente áquella cidade do deserto, que um anno antes estivera salpicada de sangue e de cadaveres insepultos, e suas casas servindo de abrigo aos salteadores. Horrorosos factos alli colhemos de inaudita crueldade. D'alli mandou o presidente cercar o acampamento rebelde em S. Francisco, onde se achavam os tres caudilhos Pio, Tempestade e Couco, á frente de 900 homens, e intimar-lhes que depozessem as armas se queriam ser perdoados, e se não, que a um só d'elles não daria quartel; e como vissem que tão perto se achava quem tão rapido se apresentava em toda a parte, tão pesado lhes fôra, e tão facil executava o que dizia, cederam a esta intimação, pedindo vinte dias para reunir toda a sua

gente espalhada e escondida, o que lhes não pôde negar o presidente, por conceder o decreto de amnistia o prazo de sessenta dias. Remetteu-lhes então muitos exemplares do decreto, com o preceito que não disparassem um só tiro durante as trégoas, e ordenou ao major Ernesto e mais commandantes de partidas sitiantes que os não perdessem de vista, para que não illudissem elles a expectativa, pois que os vinte dias pedidos mais parecia ardilosa manha que necessidade.

E como em sua politica previdente e cautelosa procurava frustrar todas as tentativas, impedir futuras insurreições, e obstar a alliança d'essa gente bruta com os escravos aquilombados, consentiu temporariamente o uso das armas aos rebeldes rendidos que com as nossas partidas quizessem ir perseguir e capturar os negros do Cosme, que por esse tempo andava proclamando por aquelles lados. D'est'arte chamou em serviço nosso boa parte d'aquella gente, e colheu, como sempre, felizes resultados. Mandou depois para todos os logares grande copia do decreto de amnistia, e ordenou a todas as auctoridades civís e militares que dessem guias aos apresentados, depois de tomar-lhes as armas, conformando-se em tudo com as disposições do mesmo decreto. Muitos juizes de paz, antigos complices com os revoltosos, e auctoridades civís pouco zelosas, começaram a esmo a conceder guias sem tomar o armamento aos rebeldes; e por isto de preferencia os procuraram, e ora de suas guias se serviam, quando impunemente queriam transitar entre os nossos, ora de suas armas, quando queriam roubar; e por este geito era illusoria a apresentação e de funestas consequencias o imperial indulto: pelo que o presidente sabendo d'isto dous mezes depois, viu-se obrigado a ordenar que nos logares onde houvesse commandante de columna se abstivessem de dar guias as auctoridades civís, e mandou que estas lhe remettessem a relação nominal e explicativa dos já por ellas amnistiados; e só assim pôde fazer valiosa a apresentação.

Tendo feito com sua presença e ordens relevantes serviços á comarca de Caxias, restabelecendo as camaras municipaes, as auctoridades civís fugitivas, e obrigando a apparecer muitos objectos roubados ás igrejas e aos particulares, regressámos para a capital, onde

chegámos a 25 de Novembro; occorrendo durante esta viagem importantes e extraordinarios acontecimentos, que passamos a narrar.

CAPITULO XXXI.

Perfidia de Raymundo Gomes: seu plano de sorprender o presidente no regresso de Caxias: tentativa contra a villa do Rosario.

Sabia Raymundo Gomes que em Caxias se achava o presidente, e que aberto estava o prazo de sessenta dias para se apresentarem os que quizessem gozar dos favores da amnistia, cuja maior pena para os cabeças da rebellião era evacuar a provincia temporariamente; e assentou em sua mente de abegão que, fingindo querer apresentar-se, poderia approximar-se impunemente, tomar uma das villas á margem do Itapucurú, cortar a marcha regressiva do presidente, prendel-o mesmo, e reanimar d'est'arte o agonisante espirito da rebellião; e quando fossem burlados os seus temerarios projectos, contava com a certeza da amnistia, á sombra da qual tentava o que até alli não ousára.

Depois que com vida pôde milagrosamente escapar ao imminente supplicio que lhe destinava o negro Cosme, tinha-se elle ligado ao Pedroza, quando este chefe rebelde ainda não obedecia ao governo; e verificando-se isto depois, deixou aquella companha, alliando á sua arrojada empresa uns trezentos aventureiros, inclusivè o velho Matroá e outros caudilhos quasi todos cabôclos da aldêa de S. Miguel, que demora á margem do Itapucurú, entre o Rosario e o Itapucurú-mirim, e com este sequito veio sorprender ás duas horas depois da meia noite de 10 de Novembro o destacamento da aldêa, tambem de cabôclos: ahi roubaram uma canôa que pelo rio passava, e fizeram tres mortes.

Vaidoso com este facil successo, mandou um emissario e um mal traçado officio ao commandante da villa do Rosario, declarando que numerosas tropas o acompanhavam, e que elle pacificamente desejava entrar na villa, e promettia não matar nem roubar; e após mar-

charam todos e vieram cercar a villa, sem comtudo ousar atacal-a, que tal não era o seu intento; levantaram uma bandeira branca, e por novos emissarios pediram entrada sem depôr as armas. Não consentiu que assim entrasse o major Augusto Cesar da Rocha, commandante d'aquella villa, que já havia recebido um aviso do Pedroza annunciando-lhe o intento do perfido, e isto mesmo havia o major communicado para a capital ao coronel Magalhães, por se achar o presidente em Caxias, e só com demora de quinze dias podéra ser d'isto sabedor. Entretanto respondeu ao traidor que si receiava depôr as armas, aguardassem no *Pai Simão* a chegada do presidente, e elle se encarregava de enviar-lhes o necessario alimento; e no caso contrario, que resistiria com fogo se tentassem entrar armados. Em inuteis correspondencias passou todo aquelle dia (11 de Novembro), e á meia noite chegou o vapôr *Fluminense* com o soccorro de tropas da capital: saltou em terra o capitão de fragata Joaquim Marques Lisboa com a tropa que o acompanhava, e no seguinte dia intimou aos rebeldes que emfim se decidissem, ou a depôr as armas, ou a romper o fogo, que não ousavam os nossos ser os primeiros, para que se não dissesse que hostilmente haviam acolhido a quem fiado no imperial decreto pacificamente se apresentava. Reclamou Raymundo Gomes algumas horas para deliberar; concedeu-se-lhe toda a manhãa até ao meio dia, mas nada! Começaram os da villa a suspeitar, e o commandante das forças navaes, de accôrdo com o major Rocha, mandaram o capitão Benedicto Antonio Pernambuco com cem praças cortar-lhes a retaguarda, para no caso de perfidia impedir-lhes a fuga.

Com effeito só pretendia o traidor illudir a boa fé do commandante da villa, entrar armado, e em horas propicias ao crime praticar os seus assassinatos; e como nada alcançasse, foi-se retirando pouco a pouco, começando pelos que mais atraz ficaram, de modo que não fossem vistos pelas nossas sentinellas avançadas. Deveriam esbarrar os malvados ante a partida do capitão Benedicto, si este se não tivesse embriagado a ponto de cahir, demorando a sua marcha, e por este modo destruiu toda a operação. Em caminho teve o presidente vagas

noticias d'estes successos, e apressando a marcha chegámos ao Rosario no dia 19, e logo d'alli expediu diversas partidas exploradoras sobre os fugitivos, e conseguiu a captura de muitos, e apresentação de outros que isto tomaram por melhor partido: entre estes veio o ajudante do José Thomaz, em quem muito confiava Raymundo Gomes, e este foi para a Miritiba, onde infructuosamente tentou igual perfidia.

CAPITULO XXXII.

Falta de viveres e de dinheiro: posição de Raymundo Gomes: intrigas eleitoraes.

Correu o mez de Dezembro sem novidade da campanha digna de ser aqui apontada. Eram as maiores a absoluta falta de dinheiro para a compra de mantimentos para a tropa, a escassez de todos os generos e o seu alto preço, a peste que ia ceifando toda a provincia, e a intriga por causa das proximas eleições. Em 5 de Janeiro officiou o presidente para a côrte expondo as criticas circumstancias em que se achava, e queixando-se da falta de soccorro do ministerio, que o collocava nos maiores apertos, quando já d'elle reclamava alguma tropa disponivel para a campanha do Sul. Não estava a difficuldade em enviar essa tropa; mas como vestil-a? como pagar-lhe seus atrasados soldos? como dar-lhe de comer, e afretar embarcações, se não havia dinheiro? Facil é dizer *faça*, mas o fazer não é palavra que se solte ao vento, e si no ordenar sem proporcionar os meios está a sciencia de bem governar, então facil cousa é o governar. Vamos a Raymundo Gomes: tinha-se elle refugiado na Miritiba, em companhia do velho Matroá e mais cem homens, e alli cercados e esfaimados foram obrigados a depôr as armas, excepto Raymundo Gomes, que com mais alguns se encovaram, não podendo dar um passo sem cahir em poder das nossas partidas, ou nas mãos de algum dos seus, que na esperança de premio já o procuravam; assim acorrilhado vendo certa a morte, mandou por um emissario pedir ao presidente perdão para se apresentar; ao que respondeu-lhe que sem susto se apresentasse, marcando-lhe para isso um prazo.

Estavamos no mez de Janeiro, e o dia 9 havia sido marcado para as eleições primarias. Os dous partidos fervorosos empregaram todos os meios praticaveis com a miseranda e ridicula lei das eleições; nenhum d'elles se julgava tão forte, que justa e legalmente podesse vencer; nenhum contava com o apoio do presidente, que com quanto fosse candidato de ambos, no que só concordavam, solemnemente lhes havia declarado que renunciava a expontanea votação que lhe offereciam, si esta condição era de parcial interferencia, contraria aos seus principios e á independencia de seu caracter; que elle todos os meios injustos reprovava, e os impediria no que podesse. Qual dos dous partidos mais se avantajasse nas irregularidades e intrigas, difficil cousa é de dizer, e longo fôra o narrar todos os abjectos meios de que lançaram mão. Alguns do partido Bemteví, chrismado em imperialista ou maiorista, mandaram convidar o Pedroza para que com toda a sua gente viesse votar na villa do Icatú, e não depozessem as armas sem esta condição, e o mesmo Pedroza andava na chapa dos eleitores por aquella freguezia. Informado o presidente d'este indigno trama, e não julgando prudente deixar a capital nos dias da mal entendida soberania do povo, para alli despachou o commandante das forças navaes, com um consideravel troço para impedir a entrada de tão numeroso grupo armado, que no meio da popular vertigem poderia alli causar grandes desordens, e outrosim porque esta gente, dado que obedecesse, não havia comtudo largado as armas, nem alli havia passado a septuagesima, antes n'aquelle tempo nos guerreava. Chegou o Pedroza ás trincheiras da villa com um sequito de mil homens, e o commandante das forças navaes lhe intimou que fóra e arredado d'ella fizesse alto, e logo dessem de mão as armas se pretendiam entrar: fez elle alto, mas declarou que não se desarmariam sem que primeiro se entendessem com o presidente, a quem só obedeciam.

CAPITULO XXXIII.

Sahida do presidente para Icatú e Miritiba: apresentação da Pedroza e de Raymundo Gomes. Prisão do Cosme. Fim da guerra.

Concluidas as eleições primarias, que se fizeram sem morte, sahiu o presidente aos 11 de Janeiro para o Icatú, bem decidido a obrigar aquella gente a depôr as armas, pacifica ou hostilmente; e alli desembarcando, mandou chamar o Pedroza, e d'elle soube não só do plano de ingerencia no collegio eleitoral d'aquella villa, senão tambem da repugnancia de grande parte de seus sequazes em depôr as armas a que estavam affeitos; e que muito temia qualquer rompimento si isto se tentasse, e que isso para elle era a morte, se tal lhes fosse commetter. Ao que o presidente resoluto replicou que fosse, e fizesse logo entrar toda aquella gente armada como estava, que mais réplicas não admittia; e dispondo logo todas as suas forças em ordem de batalha, para o que désse e viesse, foi esperal-a nas trincheiras.

Entraram elles em pelotões com armas carregadas e escorvadas de novo, mais varados de temor que cheios de confiança, e em entrando, á voz imperativa do nobre presidente iam elles humildemente depondo as armas a seus pés; e assim se recolheram novecentas armas. Tão esfarrapadas e famelicas vinham aquellas miseraveis creaturas, que causavam piedade aos vencedores, e por muitos dias só cuidaram de comer e repousar.

D'alli seguiu o presidente para a Miritiba, onde se embrenhára Raymundo Gomes, e por uma escolta o mandou buscar á sua presença. Insignificante era a sua figura; quasi negro, a que chamamos fula, baixo, grosso, pernas arqueadas, testa larga e achatada, olhar timido e vacillante, pouco atilado de entendimento, voz baixa e humilde, nenhuma audacia de conspirador; e posto fosse o chefe dos sediciosos, mais obedecia que mandava, e nunca marchou á frente dos seus em momento de peleja, e na retaguarda se conservava, prestes sempre a fugir e a evitar o perigo; nem foi de todos o mais

ladrão e cruel, antes comparado a outros parecia humano. Primeiro que elle se apresentou o velho Matroá, todo curvado com o peso de cento e vinte annos de idade e crimes, arrastando uma longa espada, entretanto audaz, e fazendo alardo de ter entrado em todas as grandes e pequenas revoltas do Norte durante a sua vida: falleceu este velho depois de um mez de sua apresentação. Depozeram as armas na Miritiba mais de setecentos rebeldes, todos elles nús e sem munições de guerra, excepto as armas. Chegou a tres mil o numero dos apresentados em todos os nossos pontos, e findo o prazo dado ainda se capturou na comarca do Brejo uma cáfila de trezentos bandidos, que se conservaram em attitude hostil.

Para complemento da pacificação da provincia foi preso no logar denominado, Calabouço, districto do Miarim, o infame negro Cosme, e os demais que o acompanhavam, ficando alli mortos uns cincoenta pela tenaz resistencia que fizeram. Cosme foi entregue á justiça, e Raymundo Gomes, depois de amnistiado, assignou termo de evacuar a provincia por oito annos, sendo-lhe designada a de S. Paulo para sua residencia.

Em ordem do dia n. 68, de 19 de Janeiro, mandou o presidente annunciar a pacificação da provincia, e para cortar as despezas e alliviar a lavoura dos gravames que havia soffrido, reduziu os corpos provisorios á metade da sua força, dando preferencia no licenciamento aos administradores, feitores, vaqueiros, mestres de barcos, aos casados e filhos de viuvas. Não podemos deixar de aqui transcrever, como importante documento do estado da provincia, o officio que dirigiu o presidente ao ministro do Imperio, annunciando o fim da guerra civil. « Illmo e Exmo Sr. Tenho a honra de communicar a « V. Ex.ª, para que chegue á presença de S. M. o Imperador, que « á custa de grandes e penosos sacrificios chegou a seu termo a « guerra civil, que deixa devastada toda esta provincia. Si por um « lado justos são os motivos para nossa alegria, por outro lado elles « se attenuam á vista do miserando aspecto da assolada provincia no- « vamente ceifada pela peste, ameaçada pela fome, e coberta de fami- « lias outr'ora ricas, hoje reduzidas á miseria. Em dous annos de

« crua guerra intestina, em que se não cuidou de lavoura, em que
« passante de oito mil homens armados contra o restante da provin-
« cia só cuidavam de rapinar, destruir e matar, os fazendeiros e
« criadores de gados abandonaram seus cazaes, e trataram de salvar
« as vidas; os escravos sem feitores se aquilombaram, e guiados
« pelo infame Cosme e outros cabeças seguiram as pisadas dos
« rebeldes; os generos encareceram, e emfim se apresenta a fome,
« consequencia inevitavel de tantas desordens. A capital ha muito
« está fornecendo o interior de generos, que parcamente e por alto
« preço recebe de fóra. Extraordinario numero de viuvas e de crian-
« ças mendigantes reclamam soccorro do Estado: muitos rebeldes
« apresentados, e que já viviam de miseravel caça e de fructas silves-
« tres, estão hoje nos nossos acampamentos arraçoados, e recusam os
« —passes — porque não tem onde se abriguem, nem meios de
« subsistencia. Tenho licenciado grande parte das minhas tropas,
« preferindo os casados da provincia, não só para que elles possam
« ir curar de suas lavouras, como porque me faltam meios para sus-
« tental-os. As nossas tropas ha dous annos que não recebem farda-
« mento, e ha seis mezes que estão por pagar. Todos os sacrificios se
« fizeram, e eu sustentei a disciplina, criei corpos, ajudado com a
« força da vontade e com o exemplo da actividade e de abnegação de
« todas as commodidades; mas chegou o inverno, e copiosas aguas
« começam a inundar toda a extensão da provincia, nada se colhe
« n'este tempo, a fome e a peste estão comnosco: só na capital mais
« de mil crianças tem sido victimas do sarampo n'estes ultimos tres
« mezes, e em um acampamento falleceram em nove dias cento e
« onze apresentados. Tenho requisitado mantimento á provincia de
« Pernambuco, mas não me chega em quantidade. A V. Ex.ª me
« dirijo e encarecidamente rogo prompto soccorro de viveres, porque
« temo que a desesperação se una aos flagellos existentes. Deus
« guarde a V. Ex.ª Maranhão, 5 de Janeiro de 1841.—Ex.mo Sr. An-
« tonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.—*Luiz Alves*
« *de Lima.* »

CAPITULO XXXIV.

Intrigas eleitoraes. Com o fim da guerra augmentaram-se as intrigas dos partidos.

Tiveram os maioristas ou Bemtevis seis collegios e só tres os Cabanos, e por este unico facto, attenta a immoralidade geral e a indignidade dos vigarios (*), pertencia aos primeiros a victoria, porque livre era augmentar o numero dos eleitores, e com duas ou tres actas differentes tratava cada collegio de fazer jogo. Os Cabanos, de posse dos melhores empregos da provincia, tendo assento na assembléa provincial, na camara municipal da capital e na mesa da santa casa da Misericordia; cujos bens muitos d'elles impudentes desfructavam, não podiam resignar-se a perder, e não podendo tambem vencer, trataram com visiveis irregularidades dar motivo a que se annullassem as eleições, na esperança que em outro presidente achariam talvez decidido apoio, indispensavel para triumpho de sua causa; e começaram logo por elevar o seu collegio de Itapucurú-mirim a 1:499 eleitores, collegio este que quando muito só cincoenta poderia dar.

Já não estimavam os contrarios estas irregularidades, porque segura tinham a sua causa, e não queriam arriscal-a; para contrabalançar porém aquelle numeroso collegio, elevaram o seu de Vianna a 1:500 eleitores, na hypothese que se houvesse annullação, recahiria ella tão sómente sobre estes collegios visivelmente falsos, ficando os demais valiosos, e quando mesmo oppozessem e arriscassem tres dos seus collegios contra tres dos Cabanos, ainda lhe sobejavam outros tres para vencer, não alterados.

Pela mesma villa de Vianna, cuja maioria da povoação é dedicada ao partido bemteví, fabricaram os Cabanos na capital uma acta falsa assignada pelo vigario e o juiz de paz do mesmo partido, que d'aquella villa fugiram na vespera das eleições para não assistirem ao triumpho

(*) Exceptuo d'este numero o vigario da freguezia da Sé da capital, o Rev.mo padre Francisco José Pereira, unico que por principios de probidade nao consentiu no augmento dos votantes.

do partido maiorista, e com tanta impudencia que esse mesmo vigario e juiz de paz haviam em audiencia declarado ao governo a sua fuga e receios (diziam elles) de serem assassinados, e igual parte havia dado o prefeito d'aquella villa.

Via o presidente com magoa estes perfidos manejos e ignominiosos procederes, e manifestou em particular a sua justa indignação aos auctores de taes cabalas; e como elles temiam a influencia do presidente na côrte, e que não demittisse os seus agentes empregados, recuaram e apresentaram as outras actas verdadeiras, posto que primitivamente elevadas no numero de eleitores que proporcionalmente cada collegio devia dar. Foi isto um novo e grande serviço feito á paz do Maranhão.

Feita a apuração geral, sahiram eleitos deputados: o presidente com unanimidade de votos, o Dr. Joaquim Franco de Sá, o coronel Manoel Telles da Silva Lobo, e o Dr. Manoel Jansen Ferreira; e primeiro supplente Manoel Odorico Mendes. Notaremos por ultimo que nos seis collegios bemtevis houve unanimidade na escolha e votação de seus candidatos, e muita divergencia nos tres collegios do partido cabano; prova este facto, se não melhor escolha, ao menos combinação e mais razão para que vencessem aquelles.

CAPITULO XXXV.

Observações geraes sobre o governo do Sr. Luiz Alves de Lima. Conclusão.

Havemos concluido a historia da rebellião de dous annos da provincia do Maranhão, nascida, como vimos, das pretenções de dous partidos rancorosos; partejada pela parcial e decisiva protecção de um presidente; sustentada pela ignorancia das massas brutas postas em movimento; animada pelo espirito de rapina, prolongada pela negligencia, impericia e fraqueza dos que a ella se oppozeram em principio; suffocada emfim no seu maior ponto de desenvolvimento pelos corajosos esforços e sacrificios do Ex.mo Sr. Luiz Alves de Lima; justificada pelo triumpho nas eleições do partido que lhe deu o nome,

e por fim amnistiada pelo governo imperial, ficando para o presente uma lição infructifera, escripta com caracter de sangue, e para o futuro um documento dos nossos desregramentos e immoralidade.

Para completar este quadro historico faremos algumas observações sobre a administração civil do Ex.mo Sr. Luiz Alves de Lima, além do que temos semeado em toda esta escriptura de seus trabalhos e pericia militar. São sempre mais ou menos copiados os homens que a Providencia colloca á testa dos povos, e nas pequenas cidades e villas mais proficuos são os bons exemplos que a doutrina. Em nenhuma porém d'estas virtudes foi escasso o nosso presidente; a severidade de seus costumes e a dignidade de seu proceder lhe acataram bem cedo o geral respeito e estima, e obstaram o descomedimento dos publicos funccionarios. Seus puros sentimentos e sua presença em todos os actos religiosos inspiraram mais reveneração ao culto publico; e n'este artigo muito se distinguiu, e como a irreligião de mãos dadas com a ignorancia dos povos são duas calamidades que comsigo arrastam o desregramento da vida, curou elle de plantar o santo temor de Deos para abonançar os costumes.

Dispensamo-nos de expôr todas as suas providencias sobre estes e outros artigos de sua administração, porque no fim d'esta memoria transcreveremos como epilogo o importante relatorio dos seus feitos ao seu successor no acto da entrega da presidencia, e vamos mencionar sómente o que alli não transluz. No dia 2 de Abril, em que resa a igreja pelas sete dôres da Mãi do Redemptor, fomos á villa do Itapucurú-mirim, e alli lançou elle a primeira pedra da igreja matriz com invocação a Nossa Senhora das Dôres, e fez-se a solemnidade segundo o ritual romano: é a pedra de palmo e meio, bem quadrada, e tem na face superior a data do anno e as iniciaes do presidente L. A. L., e para as obras d'essa igreja fez elle de seu bolso um avultado donativo, além do que se colheu pela subscripção entre os parochianos, e do que elle mandou dar pelo cofre da provincia, e se distribuiu por outras muitas igrejas arruinadas consignações para seus reparos e paramentas.

Foi sua politica franca, liberal, conciliadora e previdente, e a ella

se deve a prompta extincção da rebellião, que bastantes elementos tinha para mais longa existencia.

Por sua severa economia poupou a fazenda grandes e copiosas sommas; nunca foi contradicta a sua justiça, nem levemente alterada a sua premeditada imparcialidade; e tendo concluido a sua nobre missão de pacificador, pediu a Sua Magestade o Imperador e aos ministros do imperio e da guerra a sua demissão, que só lhe foi concedida depois de reiteradas instancias, e já pelo novo ministerio organisado em 23 de Março de 1841, composto do Ex.mo Sr. senador Candido José de Araujo Vianna (no imperio), deputado José Clemente Pereira (*) (na guerra), senador Miguel Calmon du Pin e Almeida (na fazenda) (**), senador marquez de Paranaguá (na marinha), deputado Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (***) (nos estrangeiros).

Foi nomeado presidente para o Maranhão o Dr. João Antonio de Miranda, que já o tinha sido no Ceará e Pará, e a este fez o Ex.mo Sr. Lima entrega do governo civil da provincia no dia 13 de Maio de 1841, passando ao mesmo tempo o commando das armas interino ao coronel Manoel de Souza Pinto de Magalhães, até que chegasse o coronel Francisco José Martins, nomeado pelo governo geral para o succeder.

CAPITULO XXXVI.

Exposição feita ao Dr. João Antonio de Miranda pelo coronel Luiz Alves de Lima na occasião de entregar-lhe a presidencia da provincia.

Ill.mo e Ex.mo Sr. — N'este momento devolvo a V. Ex.a a presidencia d'esta provincia inteiramente restituida á paz, depois de dous annos de calamitosa guerra civil; n'este momento para mim de repouso, grande responsabilidade começa a pesar sobre V. Ex.a

(*) Hoje senador do Imperio.
(**) Hoje visconde de Abrantes.
(***) Hoje senador do Imperio.

Diminuta é a minha gloria de ter concorrido para a pacificação d'esta parte do Imperio, á vista da que caberá a V. Ex.ª em sustentar a paz, curar dos seus interesses, e promover os germens de sua prosperidade.

Permitta-me que n'este momento passe em revista alguns factos do meu governo, não por vaidade de querer-me apresentar como norma a V. Ex.ª, cujas luzes respeito, e já brilharam na presidencia de duas provincias, e cujas eminentes qualidades assaz foram apreciadas por Sua Magestade o Imperador; sim porque é já uso, e quasi um dever, expôr ao novo presidente o que se retira o estado em que deixa a provincia, e indicar ao mesmo tempo as suas mais urgentes necessidades. Esta publica exposição de quem já nenhuma influencia exerce, sujeita á critica dos entendidos, podendo ser contestada, applaudida ou reprovada, tem a grande vantagem de servir como de thermometro da opinião publica ao novo presidente.

Graças á Divina Providencia, que se apraz ás vezes de dar-nos grandes e terriveis lições, dias serenos volveram ao horisonte d'esta provincia, ainda debilitada pelos suóres de sangue de seus dias de luto e de angustia.

Não existe hoje um só grupo de rebeldes armados, todos os chefes foram mortos, presos ou enviados para fóra da provincia; restabeleceu-se a ordem, fui sempre respeitado e obedecido, não tive opposição de partido algum, todos os empregados e chefes de repartições desvelaram-se em cumprir os seus deveres durante o tempo do meu governo; mas não me ufano de haver mudado os corações e suffocado antigos odios de partidos, ou antes de familias, que por algum tempo se acalmam, e como a peste se desenvolvem por motivos que não prevemos ou não nos é dado dissipar.

Sou militar, e como tal sempre obedeci e obedecerei ás auctoridades legalmente constituidas, e não podendo nem devendo eximir-me do commando das armas d'esta provincia em tempo de guerra, em que o governo imperial julgou conveniente chamar-me, aceitei igualmente a presidencia, que me foi dada na persuasão de que assim mais util seria.

Tomando posse no dia 7 de Fevereiro de 1840 estabeleci logo como regra de meu procedimento manter rigorosa disciplina nas tropas do meu commando, fiscalisar e economisar as despezas da guerra, cumprir e fazer cumprir sem discrepancia todas as leis do Estado, e não me envolver de modo algum em questões de partidos, distinguindo os homens pelos seus merecimentos e qualidades, sem me importar com suas opiniões; servindo de paradeiro ás exigencias dos partidos, quebrei-lhes a força, e ambos me coadjuvaram.

Examinei escrupulosamente os actos do meu antecessor, procurei descobrir suas intenções, e não o desacreditei para realçar-me, antes no que pude sustentei o que elle havia feito, porque entendo que o espirito do governo deve ser um, posto que variem os homens. Tudo isto fiz tão rigorosamente como digo, e ainda hoje me não arrependo de assim haver praticado; mereci confiança e publica estima, sem que necessario me fosse recorrer a outros meios; eis a maior recompensa de minhas fadigas.

Meu illustre antecessor, entregando-me a presidencia d'esta provincia, assegurou-me que seis mil rebeldes n'aquella épocha a devastavam, numero sempre crescente, e nunca maior antes d'aquella data; porque si alguns se entregavam ou eram capturados, outros em maior copia se levantavam e os substituiam; e isto mesmo se deduz de sua correspondencia official, que na secretaria d'este governo se acha. Mostrou-me depois minha propria experiencia que bem longe estava de ser exagerado este computo, como ao principio julguei, a ponto de acreditar que só existiam tres a quatro mil. Se calcularmos em mil os seus mortos pela guerra, fome e peste, sendo o numero dos capturados e apresentados durante o meu governo passante de quatro mil, e para mais de tres mil os que reduzidos á fome e cercados foram obrigados a depôr as armas depois da publicação do decreto de amnistia, temos pelo menos oito mil rebeldes: si a estes addicionarmos tres mil negros aquilombados sob a direcção do infame Cosme, os quaes só de rapina viviam, assolando e despovoando as fazendas, temos onze mil bandidos, que com as nossas tropas luctaram, e dos quaes houvemos completa victoria. Este calculo é para menos e não para mais: toda esta provincia o sabe.

Não citarei as circumstancias da guerra, que d'ellas fazem menção as minhas ordens do dia que impressas correm, e os meus officios que achará V. Ex.ª na secretaria; direi o que me cumpre dizer para explicação e defesa do meu procedimento. Encontrei os cofres esgotados, uma divida avultada, e invencivel repugnancia dos fornecedores em dar os seus generos a credito, pela demora dos pagamentos e ainda mais pela lei dos exercicios. Computava-se as nossas forças, por não haver mappa algum, em quatro mil homens mal armados, pessimamente vestidos, alguns quasi nús, faltos de seis e nove mezes de soldos; a fome ameaçava as nossas tropas e a capital, interceptadas as communicações com o interior; as comarcas do Brejo, Caxias, Pastos-Bons, e parte da do Itapucurú cobertas de grossas manadas de rebeldes e negros aquilombados; a todos estes males procurei dar prompto remedio.

Elevei a divisão pacificadora a oito mil homens com os apresentados e recrutados, estabeleci hospitaes em todos os acampamentos, e melhorei o central na capital, nos quaes constantemente se trataram dous mil enfermos. Contratei medicos, cirurgiões e capellães; criei um deposito de tropas na capital; abolí as apparatosas brigadas e o commissariado geral de viveres, nomeei para o substituir commissões compradoras; e graças á boa economia não avultaram as despezas com este accrescimo de forças: finalmente restabeleceu-se a ordem n'esta provincia e na do Piauhy, que assaz foi soccorrida com tropas, munições, dinheiro, &c., que d'aqui enviei repetidas vezes, sendo bem mesquinhos os meios de que podia dispôr, e a proposito devo aqui declarar que muito me valeu o Ex.mo Sr. Francisco do Rego Barros, presidente de Pernambuco, que desvelado attendeu ás minhas requisições.

Finda a guerra, reduzi as forças d'esta provincia, e já para o Sul mandei mil e quinhentas praças; mas julgo, e não sei si V. Ex.ª julgará comigo, que por algum tempo se devem conservar, como medida de prevenção, todos os destacamentos que actualmente existem, até que os amnistiados se restabeleçam de todo nos seus antigos habitos de paz e de trabalho; o que em dias se não póde conseguir,

porque os ociosos de que a provincia abunda faltos de meios naturalmente os procuram na rapina, e já depois da guerra apresentou-se nos confins da comarca de Pastos-Bons, perto do Piauhy, uma quadrilha de desertores dirigida por um certo Felix Pascoa, com intento de roubar e de executar alguma vingança; mas é bem provavel que já hoje tenha cahido em poder de nossas partidas, que o perseguem além do Parnahyba, provincia do Piauhy, para onde se refugiou.

Creio tambem que para segurança e policia das comarcas de Caxias e Pastos-Bons se deve aquartelar na cidade de Caxias um batalhão de linha, que dê os destacamentos para os outros logares do interior, e com este intento mandei fazer os necessarios commodos, e já alli se acha o batalhão de artilharia da Bahia, que eu pretendia interinamente conservar n'aquella cidade.

A comarca do Brejo é a que mais contém em suas matas grande copia de ociosos, e com menos de quinhentas praças não se fará a sua policia: d'estas devem existir cem na villa do Brejo e outras tantas no Satuba, Mocambo, Chapadinha e Barro-Vermelho, para que d'estes pontos saiam partidas volantes, que assegurem as communicações, e tirem aos ociosos toda a probabilidade de poder andar em quadrilhas de salteadores.

Para evitar a invasão dos selvagens colloquei na villa de Vianna uma companhia de caçadores de montanha, que dá um destacamento de vinte homens para o rio Capim, onde as fazendas sem este apoio soffreriam os ataques das hordas indigenas.

Procurei elevar o corpo de policia ao seu estado completo, por assim julgar necessario e ser para isso auctorisado pela lei provincial n.º 90, e creio que só assim será elle sufficiente para policiar a capital e dar destacamentos á cidade de Alcantara e ás villas de Guimarães e Icatú.

Colloquei na villa do Codó a 1.ª companhia de caçadores de montanha para explorar as matas d'aquelle districto, onde em todos os tempos se aquilombam os escravos fugidos.

Occupado com a guerra, inspeccionando todas as columnas, sempre em movimento, não me esqueci comtudo de outros muitos inte-

resses da provincia. Algumas leis decretadas pela assembléa provincial desde o n.º 86 até 99 contém medidas de alta importancia por mim reclamadas.

Todas estas leis foram logo postas em execução. Citarei, por exemplo, a limpeza do rio Urú, o grande concerto da cathedral e de outras muitas igrejas, o reparo de algumas fontes publicas da capital, parte da calçada da Rua Grande; e tendo eu visto e lastimado o miseravel estado de quasi todas as matrizes da provincia, e não podendo com a modica quantia decretada pela assembléa provincial fazer todos os concertos de que ellas necessitavam, nomeei commissões de pessôas abastadas dos logares para promover subscripções entre seus comparochianos, e cuidarem no concerto das velhas igrejas e edificação de novas. Além do que expuz á assembléa legislativa provincial no artigo — Culto publico — do relatorio que apresentei na proxima passada sessão, offereço á consideração de V. Ex.ª um longo e luminoso officio do Ex.mo bispo diocesano com data de 10 de Março.

Expedi o major de engenheiros Fernando Luiz Ferreira com um missionario, instrucções e todo o necessario para estabelecer uma colonia de Indios no Pindaré, para o que me havia convencionado com o chefe Guajajára Maracapé, que á esta capital mandei chamar, e me prometteu a coadjuvação de quatrocentos arcos que o obedeciam. Espero que esta colonia, de grande vantagem para os indigenas e segurança das fazendas d'aquelles arredores, mereça a protecção de V. Ex.ª e a approvação da assembléa provincial.

Querendo o cidadão Francisco Ferreira de Carvalho estabelecer uma fazenda de lavoura no alto Miarim, na passagem denominada Inson, e fundar n'aquelle logar uma povoação livre, afim de domesticar os Indios ou impedir as suas correrias, e facilitar d'est'arte o transito e navegação d'aquelle rio até hoje pouco communicado, pediu a este governo a isenção por dez annos de dizimos e tributos provinciaes sobre generos de cultura d'aquella nova colonia, e a dispensa do recrutamento e de qualquer serviço militar em tempo ordinario: concedi esta ultima graça por estar em minhas attribuições e querer animar toda empreza d'esta natureza; mas dependendo as primeiras

da approvação da assembléa geral e provincial, a V. Ex.ª está reservado reclamal-as se assim o julgar conveniente.

Desejoso de promover a navegação dos principaes rios da provincia por meio de barcos de vapor, pedi á assembléa provincial a reforma da lei sobre este importante negocio, a qual pela mesquinhez da protecção que offerecia não convidava ao emprezario João Diogo Sturz, que outras condições reclamava: foi essa lei com effeito reformada e ampliada pela de n.º 91, mas nem assim anima o dito emprezario, que me expôz ultimamente as difficuldades que encontra; estes papeis offereço á consideração de V. Ex.ª

Duas grandes obras reclama altamente esta provincia: a primeira, que desde já attrahe toda a attenção, é o estado do porto d'esta capital, que se vai obstruindo com grandes bancos de arêas que continuamente se accumulam, a ponto que nas marés baixas apenas se nota um pequeno canal, que serpenteia por entre esses vastos combros. N'elles naufragam annualmente grandes e pequenas embarcações com grave prejuizo da fazenda publica e particular, e se não se empregarem barcas de escavação, fechar-se-ha em pouco tempo este porto ao commercio nacional e estrangeiro.

A segunda é a abertura de um canal entre o igarapé Arapapahy e Bacury, cuja planta já existe traçada e será entregue a V. Ex.ª Si houvesse dinheiro teria eu começado esta obra, não só pela grande vantagem que resultaria á capital, como para occupar um grande numero de braços ociosos que com a paz ficam n'esta provincia.

Outras muitas obras de igual importancia está pedindo a provincia, como sejam estradas, pontes, limpeza dos rios navegaveis, fontes publicas, &c., e sobre isto offereço ás meditações de V. Ex.ª varios officios de diversas auctoridades.

Taes são as mais urgentes necessidades materiaes da provincia: quanto ás moraes, acima de todas se eleva a religião, de que vivem esquecidos os habitantes das villas e dos campos, talvez por falta de sacerdotes, que poucos ha, e d'esses poucos raros com os predicados para o santo ministerio, de modo que nem ha exemplo evangelico que edifique, nem pregação que christianise.

Além das providencias de que fui em parte coadjuvado pela assembléa provincial, a quem não posso negar meus agradecimentos pelo empenho com que unanime acolheu minhas propostas, dei outras cuja responsabilidade ou louvor sobre mim só devem recahir. Entre estas citarei a derrocação das grandes pedras da cachoeira que tanto difficultava o livre transito do rio Itapucurú, onde muitas canôas naufragavam; aproveitando as pedras quebradas para o concerto da fortaleza da Vera-Cruz, que lhe fica á margem. Mandei abrir um canal no logar d'este rio denominado Mojó. N'estas duas obras de reconhecida utilidade empreguei os escravos capturados, antes de serem reclamados por seus senhores, e alguns prisioneiros rebeldes, e só despendi o necessario para compra de instrumentos. Não fallarei no entrincheiramento de algumas villas e logares, no desencravamento e reparos novos da artilharia das fortalezas e baluarte, desmontada por ordem do meu antecessor quando temia que fosse a capital tomada pelos rebeldes, no grande concerto do palacio do governo, que achei tão arruinado que impossivel era habital-o, no concerto e limpeza do quartel do campo de Ourique e do velho armazem da polvora. Para não alongar este catalogo direi por fim que mandei organisar e corrigir o mappa da provincia com os fragmentos que obtive de mãos particulares, fiz melhorar a planta d'esta cidade, e mandei levantar a de Caxias com suas novas fortificações, e os mappas dos rios Itapucurú e Miarim, e d'estes trabalhos foram encarregados o major Fernando Luiz Ferreira, o capitão José Joaquim Rodrigues Lopes, o 1.° tenente João Vito Vieira da Silva, todos do corpo de engenheiros, e o capitão Manoel Lopes Teixeira junior, de artilharia; e de alguns d'estes mappas deixo copia na secretaria do governo.

Posto seja a guerra uma calamidade publica, e ainda mais a guerra civil, tambem é ás vezes um meio de civilisação para o futuro, e a par de seus males presentes alguns germens de beneficio deixa. Pela rapidez dos movimentos e continuas marchas communicam-se os homens, estreitam-se as relações, e os animos inertes se vigoram. Algumas pontes se levantaram no theatro das operações militares: citarei, por exemplo, a da Paulica, de mais de cem pés de compri-

mento, feita toda pelos soldados da 2.ª columna, sem nada despender a fazenda publica. As villas se entrincheiraram e a fachina limpou as matas de vegetação ociosa que as invadia e sobre ellas accumulava os vapores contrarios á saude; activaram-se os correios, augmentou-se a necessidade de correspondencia, e esta repartição rende hoje mais do que em outros tempos.

Restabelecida a paz n'esta provincia, pedi ao governo imperial a minha demissão, e desde Janeiro tenho por ella instado; e assim esperando todos os dias pelo meu successor, e faltando-me em tempo as necessarias informações para o relatorio das necessidades da provincia, julguei conveniente e politico adiar a abertura da assembléa provincial, e deixo por este modo a V. Ex.ª livre o campo para propôr e reclamar sabias providencias para o tempo de sua administração.

De tudo que hei dito achará V. Ex.ª documentos na secretaria do governo, e na memoria recente de todos os Maranhenses, e termino desejando que V. Ex.ª n'elles encontre o mesmo acolhimento que me foi prodigalisado. Deus guarde a V. Ex.ª S. Luiz do Maranhão, 13 de Maio de 1841. — Illmo e Exmo Sr. Dr. João Antonio de Miranda, presidente d'esta provincia. — *Luiz Alves de Lima.*

NOVOS INDICIOS

DA EXISTENCIA DE UMA ANTIGA POVOAÇÃO ABANDONADA

NO INTERIOR DA PROVINCIA DA BAHIA.

(Noticia communicada ao Instituto pelo Sr. major Manoel Rodrigues de Oliveira.)

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Sabemos que sob os auspicios do mui sabio e digno Instituto Historico e Geographico Brazileiro o reverendo conego Benigno (que se offerecêra para essa empreza) fôra mandado explorar os sertões d'esta provincia da Bahia, a ver se encontrava a povoação ou cidade abandonada, de que trata o relatorio historico encontrado na Bibliotheca publica da côrte; e tendo elle ha annos entrado n'essas pesquizas, até o presente nenhumas noticias tem colhido que utilizem, e menos achado os mais leves indicios, pelos quaes se possa proceder a novas indagações com mais probabilidade de encontral-a pela existencia de alguns restos do objecto procurado; ao contrario, o indagador, segundo parece, tem preambulado errante sem estrella que o guie, longissimo e diametralmente opposto aos logares que o mesmo relatorio indica, andando em circulo sómente dos commodos, fugindo aos que offerecem riscos de vida e gravissimos trabalhos pessoaes (porém indispensaveis), e aos que só habitam gentilidade e feras traiçoeiras e venenosas (o que em verdade é difficilimo e nada doce arrostal-as corajosa e constantemente), e em conclusão de suas inuteis investigações consta achar-se hoje quedo nos districtos diamantinos do Cincurá.

Não sendo possivel pois procurar essa povoação isolada senão por signaes ou indicios que melhor guiem (a não se esperar que o acaso para o futuro a descubra), jámais apparecerá o desengano se ás cegas sem alguns d'esses signaes forem investigados quaesquer logares da provincia; portanto, lendo-se no dito relatorio o seguinte trecho:

« Estas noticias mando a Vm. d'este sertão da Bahia, e dos rios
« Pará-oassú, Unâ, assentando não darmos parte a pessôa alguma,
« porque julgamos se despovoaráõ villas e arraiaes; mas eu a Vm.
« a dou das minas que temos descoberto, lembrado do muito que
« lhe devo. Supposto que da nossa companhia sahiu já um compa-
« nheiro com pretexto differente, comtudo peço a Vm. largue essas
« penurias, e venha utilisar-se d'estas grandezas, usando da indus-
« tria de peitar esse Indio para se fazer perdido e conduzir a Vm.
« para estes thesouros .....charáõ nas entradas ....bre lages.... »

Julgo pois por consequencia, e com razão, que se deve partir só d'esse logar d'onde o homem incognito escreveu a seu amigo na côrte, porque ahi, n'esses rios Pará-oassú, Unâ, que em sua confluencia formam barra, a tradição affirma ter havido antiquissimo ancoradouro, que pelo correr dos tempos se perdeu com as volumosas arêas que as enchentes graves acarretaram-lhe, formando com ellas o logar em que foi depois plantada a villa de Belmonte; e muito mais porque no littoral d'este rio tem-se achado fragmentos de moveis antiquissimos, de louça como a da India ou Saxonia, pedaços de catres, balaústres, ferramentas de agricultura carcomidas, todas de uso inveterado, e pedaços de alicerces ou de paredes de casas, que as pesadas enchentes tem arrastado, sepultando-os em suas arêas: (e o quanto mais para admirar não occultará a profundidade d'esses rios!!) Como disse, deve partir-se sómente d'aquelle logar á beira-mar, e ver se algum outro ha que lhe corresponda ao centro, e com iguaes indicios.

Existe sem duvida para o centro em distancia de ignoradas leguas um outro, que lhe corresponde mais ou menos minutos a sudoéste: ahi os proprietarios e habitantes de uma fazenda denominada Provisão (vinte e duas leguas distante da villa de Camamú) encontraram nas matas virgens uma capoeira antiquissima em linha recta, e de não curta extensão, em cujos lados se observa alturas de terra ou montezinhos, como se fossem logares de casas demolidas em remota idade, indicando ordem de rua: ahi, n'essa capoeira e outros logares, e mui principalmente em qualquer d'esses montes de terra que se cave, acham-se em abundancia fragmentos de louça como aquella da India,

bastante grossa, porém curiosamente bordada, de vidros finos, escumalho de ferro, carvão, utensilios de agricultura carcomidos de ferrugem, quaes sejam mui grandes e desusadas foices, machados, cunhas de ferro de rachar madeiros, navalhas de barba, bem como (para admirar por conter mysterio) moedas de cobre de grande circumferencia typadas á romana (ao pensar de alguns achadores), das quaes (tão grandes eram) os meninos d'essa familia faziam rodas de carrinhos para brincarem; e finalmente acharam mais o pedaço de uma espada de ferro assaz carcomido, contendo essa parte mais ou menos de sete palmos de comprimento, com que mostrava o enorme tamanho de seu todo, com desmarcados copos, botão da tarracha e punho de boa prata, contendo libras de pezo, e não oitavas, da qual fizeram avultada porção de colheres, esporas, &c., servindo ainda hoje o espigão ou punho e botão de cabido ou tôrno para toalhas na casa d'essa mesma familia.

O que hei referido o comprovam os documentos juntos sob n.os 1, 2 e 3. E quanto não provam exuberantemente taes indicios da maior probabilidade, para crermos que ella existe, sem a menor duvida, n'esse permeio que dista da barra dos ditos rios Pará-oassú, Unâ, á Provisão, e não em outro qualquer logar que sem fundamentos e sem prova sonham guardal-a!?

Embora que no documento n.º 1 faltem alguns pormenores, que muito e muito valem, os quaes o informante por esquecimento deixou de descrever, todavia eu os expendo por m'os ter elle de viva voz contado, e são os que se seguem.

Diz haver uma catadupa admiravel acima d'esses rios, collocada em eminente altura com a frente para o nascente, da qual se precipita com estrondo volumosa porção de crystallinas aguas, proprias para qualquer fabrica pelas vantagens excellentes que lhe prodigalisou a natureza em torrão fecundo; e comparada com a de que trata o relatorio regedor, parece ser a mesma, e não outra qualquer; asseverando mais o dito informante a existencia de uma cordilheira de serras immensuraveis, e juntas tres ou quatro que parecem tocar ás nuvens, as quaes se deixam ver dos logares d'aquelles rios em muita

distancia ao norte (ou que em verdade seja); e que conhece a fazenda em que habita José Joaquim dos Anjos, lavrador, em não longa distancia da barra dos ditos rios, na qual ha abundantemente mui finos marmores d'alva côr, matizados cada um com a que lhe imprimiu a natureza, apparecidos em grandes cabeços, e dispersos pelas roças d'esse agricultor, que habita um paraizo pela excellencia do logar e sua fecundidade.

O que posto, se combinar-se todo o precitado attenta e minuciosamente com o que refere o relatorio (em partes), não é absurdo nem loucura crer-se que essa catadupa seja não outra, porém a mesma; que essas serras sejam as que elle indica que dentro em si guardam os monumentos d'essa antiguidade; que aquelle ancoradouro na barra dos rios Pará-oassú, Unâ, o fosse do commercio da abandonada cidade; que aquella capoeira fosse antiga rua sua, que para alli se estendesse, ou de alguma povoação, que lhe fosse filial; que os objectos achados (o que é indubitavel) foram do uso de povo civilisado; que essas moedas de cobre tambem o foram, e talvez que seu cunho ou typo tenha alguma (quando não a mesma) similitude dos caracteres estampados no guiador; que d'esses marmores, ou d'essas pedreiras de valor, que abundam n'esses rios, fossem talhadas e feitas essas estatuas, figuras e retratos já denegridos pelo rigor dos seculos; que alguns d'esses rios, quer o de Belmonte ou Gequitinhonha, seja o mesmo por onde de longa distancia desceram os descobridores de 1753, os quaes, depois de tres dias de viagem pelo rio abaixo, encontraram a estrondosa catadupa que o incognito comparou ao caudaloso Nilo; e finalmente que essa extraordinaria espada fosse emblema ou symbolo de alguma personagem ou heróe, que por suas façanhas florescesse n'esses seculos, e a prata de seu punho e copos d'alli tirada.

Tudo isto tem uma tal relação tão approximada e immediata entre si, que parece apontar para o logar que se procura, ha noventa e cinco annos ignorado (a crermos não ter sido a impostura ou a fabula que fallassem por bocca d'esse noticiador). Sim, n'esse logar d'onde este escreveu para a côrte é que temos de collocar a balisa para conseguir o fim; por quanto aquellas ultimas palavras que repito:

« Comtudo peço a V. M.ce. largue essas penurias, e venha utilisar-se « d'estas grandezas, usando da industria de peitar esse Indio para se « fazer perdido, e conduzir a V. M.ce para estes thesouros » nada menos inculcam ou mostram senão que o incognito, que as pronunciou, estava junto ou proximo á descoberta; porque os relativos *d'estas* grandezas e para *estes* thesouros referem-se ao mais visinho, e não ao mais remoto: por consequencia por alli existem, e não em outra parte, a abandonada e suas minas. Em summa, se estes indicios da maior probabilidade não trouxerem um feliz resultado, póde dizer-se sem receio de errar que em outros quaesquer logares, que não sejam estes, os sómente dignos de serem explorados com toda a afouteza pelos signaes e poderosas razões, sempre inuteis serão todos os trabalhos, investigações e despezas que para isso se empregarem.

É indubitavelmente saliente (e nem os esclarecidos membros do Instituto o desconhecem) que a empreza é summamente ardua, dispendiosa, e de muitos riscos de vida; quer seja pelo lado da gentilidade bravia, feras traiçoeiras e venenosas, que abundam em nossas matas incultas, e por conseguinte n'essa travessia; quer pelos rios, pantanos e lagôas, que se possa encontrar, difficeis de transitar; como tambem pelas enfermidades que provavelmente podem affectar os emprehendedores ou emprezarios; como finalmente pelos estragos, que por eminente e inopinada quéda trazem os grossos lenhos, uns precipitados pela podridão e longeva idade, outros arrojados pelas tempestades, que em terra os despedaçam: porém serão veneiveis todas essas difficuldades si se empregarem os meios proprios de arrostar a perigos taes. Outrosim convém lembrar que se a empreza offerece vantagens de utilidade, quaes as refere o incognito descobridor a seu amigo, torna-se assaz digna dos maiores sacrificios a bem do Imperio.

Conscio do relatorio, que os informantes ignoravam quando me contaram dos objectos achados na Provisão, ha mais de seis annos guardo em segredo taes noticias e minhas intenções, esperando occasião de colher outras, que me dessem mais convicção a respeito, vindo por ultimo fortuitamente a obtel-as do primeiro informante em Fe-

vereiro do corrente anno; as quaes, contrabalançadas com as do guiador, me animaram a fazel-as publicas, e mui principalmente na presente épocha, em que, conforme consta, tem sido infructiferas as explorações do reverendo Benigno. Com quanto este ha tres annos, mais ou menos, tenha feito publico (até no *Panorama*) que já havia descoberto o ponto cardeal onde esteja essa cidade, todavia se tornam dignas de suspeita sua neutralidade e demora em penetral-o; o que, sem offender seu melindre e probidade, nos fornece motivos de assim ajuizarmos de sua indicação, ha tanto publicada, allegando insuperaveis motivos que d'isso o tem impedido. Mas seja-me permittido perguntar: se elle achou, como diz, o que ha annos procurava, porque o não tem penetrado por si, podendo, ou por outrem, achando-se impossibilitado? Será receiando a perda da gloria de a ter encontrado, se fôr penetrada por outrem? Não: porque quando esse outro a penetrasse sob suas ordens, indicando-lhe o rumo e altura em que ella se achava, n'este caso a gloria era sua, e não do segundo a quem elle guiasse. Que espera? uma morte prematura, do que ha exemplos todos os dias, e que com ella vá baixar á sepultura a memoria do ponto achado e a sua mesma gloria, inutilisadas as despezas feitas, seus trabalhos pessoaes perdidos, e finalmente o Imperio por mais tempo privado das vantagens que por ventura possa colher de tão desejada descoberta? Não foram estes os fins a que foi mandado, mas sim ao que sabemos. Por isto custo muito a conformar-me com a noticia que manifestou, propendendo-me a crel-a se realisar a descoberta. Além do que, essa nova não trouxe por prova objectos, que por alli achados comprovassem o que então publicou.

Notarei mais que o primeiro informante totalmente desconhece ao segundo e terceiro, e estes áquelle, os quaes não só por esta razão, como por amantes da verdade, ignorando a existencia do relatorio, m'o declararam com toda a força d'ella, que em muito prezam; porisso não podiam fazel-o prevenidos, o que bem comprovam com o sello de suas firmas, prestadas e reconhecidas em os preditos documentos.

Fico na diligencia e esperança firme de obter outros mais documentos, que sem duvida irão corroborar aquelles, entre os quaes é de toda a preferencia a narração de um sacerdote octogenario, que, vindo de Minas ha muitos annos, declarou ao primeiro informante que na viagem encontrou a cidade, referindo-lhe parte dos objectos, que este leu no relatorio que lhe forneci quando entrámos em relações a respeito: se obtivermos essa indicação, teremos então o ultimo gráo de certeza do logar onde existe a cidade. Esse sacerdote porém, a quem já escrevemos pedindo esclarecimentos minuciosos da altura ou logar, e do que n'ella viu, mora quasi nos limites d'esta provincia, por cuja distancia teremos de anciosos por algum tempo esperar sua resposta; bem como a dos individuos que moravam na Provisão, um dos quaes desmanchou em obras a predita prata, e outro que em sua puericia usava das ditas moedas de cobre para rodas de carrinhos, moradores hoje mais de quarenta leguas longe d'esta capital; e diz este ultimo que as ditas serras taes e quaes se avistam das matas da Provisão para o sul.

A V. Ex.ª por tanto, na qualidade de um dos dignissimos membros do sabio Instituto Historico e Geographico do Brazil, cumpre-me communicar as precedentes noticias documental e litteralmente, para que sejam por V. Ex.ª mesmo presentes á illustre corporação, afim de deliberarem conforme a attenção que ellas merecerem, podendo crer-se que a publical-as me induziram sómente as vistas da gloria de ser util ao paiz em que tive a ventura de nascer; e não jámais o sordido interesse, nem premio algum mais que aquelle que transluz em meu coração, si por ventura d'ellas se colherem vantagens para o engrandecimento e maior riqueza de minha patria, o Brazil; e como cidadão que mui intimamente a adoro, cumpre offerecer-me para o quanto possa prestar-lhe, e no caso vertente para o que estiver de minha parte.

Deus guarde a V. Ex.ª Bahia, 2 de Julho de 1848. — Illmo e Exmo Sr. desembargador e deputado João José de Moura Magalhães. — *Manoel Rodrigues de Oliveira.*

DOCUMENTOS.

N.º 1. — Ill.mo Sr. Cyriaco Antonio de Gusmão Tavares. — A bem e utilidade publica convém que V. S.ª ao pé d'esta narre litteral e miudamente que objectos ou fragmentos tem apparecido nas margens do rio Pará-oassú e Unâ, cujas enchentes em seu seio tem feito descer, espalhando-os pelo seu littoral, e qual a tradição que tem ouvido a respeito; bem como que qualidade de pedreiras de marmores, e de que especie, se encontram por esse rio acima, e si se avistam de certa altura algumas serras reunidas, que pareçam inaccessiveis, e se para o norte ou sul dos ditos rios: finalmente V. S.ª expenderá todos os pormenores que souber por tradição, e pelo que tem visto respectivè a esses ditos rios e logares.

Terá de agradecer a V. S.ª esse favor, desejoso que desfructe perfeita saude e fortunas, o que muito se présa de ser com intimidade — de V. S.ª amigo fiel e respeitador criado — *Manoel Rodrigues de Oliveira.* — 13 de Março de 1848.

Ill.mo Sr. — Exigindo V. S.ª que eu responda ao pé d'esta o que souber a bem e utilidade publica tendente ao que tem apparecido nas margens do rio Pará-oassú e Unâ, tenho de significar a V. S.ª que durante o tempo de minha administração no emprego de juiz de orphãos e ausentes da villa de Belmonte, por muitas vezes indo eu pelo rio Gequitinhonha, afim de proseguir na marcha de inventarios, aconteceu que me arranchasse no logar denominado Pará-oassú, indo eu com meu respectivo escrivão, que era n'esse tempo Francisco Caetano de Almeida, o qual tinha uma fazenda logo ao entrar d'esse referido rio, em conversações me disse o mesmo Almeida por muitas vezes que n'aquelle logar se tinham encontrado muitos vestigios por onde bem se podia comprovar ter aquelle logar sido alguma aldêa ou povoação d'aquelles tempos remotos, porque por algumas occasiões tinha encontrado pedaços de catres velhos enterrados, finissimos pedaços de louça da India superior, muitas ferramentas já todas arruinadas e carcomidas, alicerces de casas arruinadas e outros

muitos trastes espedaçados, e tudo isso encontrado nas imminencias do mencionado rio Pará-oassú, que fica da parte do norte, o qual rio faz seu dividendo ou limitrophe com o rio Unâ, que fica da parte do sul, em cujo logar nunca fui, porém tenho tradição de ser uma povoação muito fertil e rica, e póde-se suppôr bem distinctamente que os primeiros povoadores d'esse logar tivessem origem ou descendam d'esses moradores d'essas aldêas em visinhança ao dito rio primeiramente referido, bem como tambem posso affirmar a V. S.ª existirem grandes cordilheiras de oiteiros imminentissimos da parte do norte, e me certificaram haverem os mesmos da parte do sul. É o que posso informar a V. S.ª com toda verdade, desejando-lhe ao mesmo passo saude e mil venturas, por ser — de V. S.ª amigo affectuoso, venerador e criado — *Cyriaco Antonio de Gusmão Tavares.* — Em 14 de Março de 1848.

N.º 2. — Ill.mo Sr. major Manoel Rodrigues de Oliveira. — Recebi sua presada carta, e muita satisfação tive por me certificar a sua saude e da nobre familia, a quem nos recommendamos. Sobre o contexto da sua dita carta tenho a dizer-lhe que desnecessario era affirmar o que V. S.ª ahi publicou sobre os objectos que apparecem nas matas da Provisão junto ao rio de Contas, pois bastava para ser crido o ser dito por V. S.ª; porém como assim me pede, digo que é assaz publico e visto por todas as pessôas d'aquelle logar, e pelas que lá tem ido, que alli se acham, em grandes porções, foices, machados, cunhas de ferro; e tudo isto, bem como louça de barro feita com bastante grossura, porém curiosamente bordada, pelo que são desconhecidas nos nossos tempos; assim tambem os feitios dos machados, foices, &c.: acham-se tambem navalhas, vidros, carvão em grande quantidade, dinheiro ou chapas redondas e grandes com alguns typos, que parece foi a moeda d'aquella gente por nós desconhecida: achou-se tambem uma espada bastante carcomida, com os copos de boa prata; tinha o resto da folha mais de seis palmos, e a prata dos copos deu grande porção de colheres, esporas e mais obras que já me não lembro; porém sei bem que eram libras, e não oitavas, de cujos

copos inda existe hoje em casa de Camillo de Lelis a tarracha do punho coberto de prata, que serve de torno para toalhas, pregado em um pé direito de uma porta das do centro da sala: de todas estas cousas ha immensas testemunhas, e o Dr. Marianno Francez, que andou por aquelle logar, levou comsigo muitas das cousas que refiro, e alguns ossos de animaes para nós desconhecidos pelo seu tamanho. Note V. S.ª que estas cousas em que fallo apparecem quando se trabalha nos roçados cavando-se a terra para plantações. Minha senhora, que de lá é filha, me affirma que tambem se acha louça como a da India, porém com muita grossura: de muitas cousas d'estas sou testemunha de vista, e jurarei, se necessario fôr, e outras me attestam pessôas que merecem todo o credito. Aqui estou sempre ás ordens de V. S.ª, de quem sou attento venerador e criado—*Albaldino Ferreira da Camara.*—Villa de Camamú, 25 de Abril de 1848.

N.° 3.—Ill.mo Sr. tenente Maximino Rodrigues de Oliveira.—Desejando justificar-me do que tenho dito a respeito dos objectos achados nas matas da fazenda *Provisão*, convém que ao pé d'esta me relate o quanto souber e ouviu dizer, quando dirigiu-se a esse logar, ás pessôas alli moradoras: devendo para mais credito do deduzido em sua resposta vir sua assignatura reconhecida por tabellião d'esse fôro, o que espero em breve, bem como a respeito do Ill.mo Sr. tenente-coronel Camara, a quem dirijo outra com igual pedido.

Deus o guarde e sua familia por muitos annos. Fica ás suas ordens o de V. S.ª mano, amigo e criado—*Manoel Rodrigues de Oliveira.*—Bahia, 8 de Abril de 1848.

Ill.mo Sr.—Sobre seu pedido acima tenho a responder-lhe que é assaz sabido, e visto pelas pessôas que habitam na fazenda da *Provisão*, junto ao rio de Contas pelo sertão, que n'aquellas matas apparecem differentes objectos, que bem mostram por isso que alli moron gente de que nós não temos noticia alguma; cujos objectos são cunhas de ferro, foices, carvão em grandes porções, louça de barro bastante grossa, porém mui bem bordada, e tambem louça como a da India, mas com muita grossura; rodinhas de cobre que

parecem ter sido o dinheiro d'aquelles habitantes por se verem alguns typos: ora isto tudo se acha nas roças quando cavam a terra para plantações. Achou-se tambem uma espada com copos de prata, que, não obstante estar a folha já toda consumida da ferrugem, inda tinha quasi sete palmos de comprimento; a prata deu bastantes colheres e mais obras, porém já me não lembro quantas libras me affirmaram que tinha; mas João Baptista pai foi quem fez taes obras, e bem póde affirmar tudo quanto tenho referido: eu inda vi o botão ou tarracha do punho da dita espada, que serve de torno para toalhas na sala do sobrado de Camillo de Lellis Pinto Ferreira; para mais prova d'estas verdades póde V. S.ª procurar o Dr. Marianno Francez, que esteve n'aquelle logar, e por admirar levou comsigo alguns dos ditos objectos, bem como ossos de animaes, que só a balêa os tem iguaes. João Baptista filho me disse que havia um logar com divisões de planicies tão bem feitas que mostravam que em algum tempo foram ruas, e ahi mesmo é que mais apparecem os carvões, cunhas de ferro, foices, &c. As pessôas d'aquelle logar todas juram isto sem hesitar, e portanto é sem duvida pura verdade o que acabo de dizer. Aque mesmo respondo porque V. S.ª assim o exige. Deseja-lhe saude e fortunas quem com veras é seu mano, amigo e criado — *Maximino Rodrigues de Oliveira.* — Camamú, 1.° de Maio de 1848.

(*N. B.* As assignaturas dos tres documentos supra acham-se reconhecidas por tabelliães. — *Do Redactor da Revista.*)

COMMUNICAÇÃO

ENTRE A CIDADE DA BAHIA E A VILLA DE JOAZEIRO.

Por André Przewodowski, engenheiro em serviço da provincia.

Ill.mo Sr. coronel Justino Nunes de Sento Sé, secretario da illustre Junta de lavoura.—Nomeado pelo governo da provincia para executar, como engenheiro, todos os trabalhos que a illustre Junta de lavoura quizesse emprehender, e de conformidade com as instrucções de V. S.ª de 30 de Outubro ultimo venho desempenhar esta ardua tarefa, pelo menos tanto quanto me é possivel. Não tenho podido até hoje pôr por obra tal empenho, segundo a medida de meus desejos: os motivos são em parte bem conhecidos de V. S.ª, e por outra parte, indo eu de continuo encarregado de varios serviços no interior da provincia, concorreu isso tambem para impossibilitar-me a continuação dos trabalhos sobre o projecto relativo ao caminho de ferro, que nos occupa. Tudo quanto me foi possivel apresentar ao governo sobre o objecto em questão tenho ora a honra de o offerecer tambem a V. S.ª em duplicata: n'estas peças se acha repetida a minha exposição verbal, feita na sessão de 15 do corrente, em que, por intermedio de V. S.ª, a illustre Junta de lavoura se dignou fazer-me a distincta honra de me permittir lhe submettesse o resultado de meus estudos sobre a construcção do caminho de ferro da Bahia ao Joazeiro.

Quando estiver de volta de Itaparica, Santo Amaro, S. Francisco, Abrantes, e de Massarandupiò, para onde tenho de seguir « *quanto antes* » ou « *com a maior brevidade*, » &c., &c., procurarei então o mais breve possivel desempenhar os projectos em questão, afim de poder folgar com a immediata execução d'essa grandiosa obra, que fará épocha na regeneração da marcha das obras publicas na provincia da Bahia — regeneração de que esta tem tamanha necessidade. Serei feliz se chegar a vel-a verificada o mais cedo possivel. — Sou

com respeito, Ill.º Sr. secretario, de V. S.ª mui humilde e mui obediente criado. — *André Przewodowski.* — Bahia, 30 de Março de 1848.

Ill.mo e Ex.mo Sr. presidente da provincia da Bahia. — Não sendo possivel apresentar a este governo o relatorio sobre a communicação da cidade da Bahia ao Joazeiro, em toda a sua extenção; para entre tanto cumprir as ordens verbaes de V. Ex.ª, tenho hoje a honra de submetter-lhe um resumo, que procurei reduzir tanto quanto a importancia do objecto o permittiu.

Utilidade.

A utilidade publica é o mais importante fim de todas as obras, e entre estas obras devem occupar o primeiro logar as que se destinam a facilitar a communicação dos differentes pontos de um paiz. É bem ajustada a comparação que se faz dos canaes e estradas de um paiz, por onde circulam suas riquezas naturaes ou de industria, com as veias de um homem, por onde circula o sangue; pois que estas duas circulações annunciam a vida e a força de um homem, ou de uma nação.

O interior do Brazil abunda de ricos productos: uns ficam por preço mui elevado quando chegam ao littoral, e outros estão ainda desconhecidos. O mesmo acontece com os productos do littoral e os de importação, que chegam com grandes difficuldades, ou muitas vezes não chegam aos logares mais remotos do sertão. Uma communicação facil entre a Bahia e o Joazeiro será vantajosa a muitos respeitos.

A Bahia, a quem tanto para o norte como para o sul ficam porções do Imperio quasi iguaes, quando chegar a ter uma communicação como centro d'elle, chamará a si grandes beneficios; e mais ainda si aquella fôr feita uma das primeiras, pois que, concorrendo para a prosperidade do Imperio, a par d'ella augmentará as vantagens da Bahia. — Uma communicação do Oceano com o interior lhe attrahirá em sua totalidade as provincias de Goyaz, Piauhy e Mato-

Grosso, e uma parte de cada uma das de Minas, Pernambuco, Ceará, Maranhão e Grão-Pará; e pelo andar do tempo fará a porção de uma linha directa entre a Bahia e Quito, assim como do Perú — ou terá um dia de fazer a juncção dos grandes oceanos Meridional e Pacifico.

A estrada da margem do Rio de S. Francisco, ou do Joazeiro á Bahia, convidará todos os habitantes da immensa superficie do paiz banhado por este rio, o qual com pequenas difficuldades é já navegavel em mais de trezentas leguas acima do Joazeiro, sem fallar no numero infinito de outros rios menores, tributarios ao de S. Francisco, que augmentam essa immensa area.

Todas estas grandes comarcas, unidas por via de navegação, como dissemos, acham-se separadas do Oceano pela barreira, até hoje invencivel, da cachoeira de *Paulo Affonso*, que fica abaixo do Joazeiro. É isto um grande inconveniente para os que navegam no Rio de S. Francisco, e não podem ir em seguimento até sua foz, com quanto seja de manifesta vantagem para a Bahia, a qual assim monopolisa esse trafico para si. Tambem as muitas planicies (taboleiros) entre o Joazeiro e a Bahia facilitam esta communicação, offerecendo aos viajantes commodidades superiores ás de todos os demais caminhos da Bahia para os diversos logares do Rio de S. Francisco, ou das provincias que lhe ficam limitrophes. Similhante communicação será preferida, melhorando-se a estrada actual, que, póde-se dizer, é feita só pela natureza; accrescendo que já se acha altamente pronunciada a preferencia que se dá a essa direcção.

Direcção.

A estrada da Bahia ao Joazeiro seguirá, na distancia de vinte leguas, a mesma direcção que a de Sergipe, e eis a razão. É indispensavel a qualquer capital *uma* communicação pelo menos com o interior, e a Bahia nenhuma tem. Quanto mais affastada do mar fôr esta communicação, melhor será para o interior. O caminho por onde descem as boiadas, que vem da feira de Santa Anna para esta

cidade, prolonga parte da costa da bahia, a qual por si mesma offerece a facilidade de communicação entre os logares beira-mar. Além d'isso esta costa n'essa direcção, achando-se inçada de outeiros e cheia de rasgaduras, uma estrada, ainda mesmo que não seja senão para carros ordinarios, será mui dispendiosa. Podéra-se deixar de fazer tal despeza, si esta estrada fosse começada na cidade da Cachoeira, mas ella não satisfaria a todas as indispensaveis condições da juncção da capital com o interior por terra. A direcção do Joazeiro á Bahia, passando pela mata de S. João, será de menos despeza que a que atravessar a feira de Santa Anna; e ligando immediatamente a capital com o interior da provincia, servirá em parte para a estrada de Sergipe. Esta direcção me parece preferivel á outra, e mais util á capital e á provincia, que a que principia na cidade da Cachoeira. Para o futuro se poderáõ por meio de ramificações á essa linha principal unir as cidades da Cachoeira, Santo Amaro, S. Francisco, feira de Santa Anna, e outras.

Distancia.

A distancia da Bahia ao Joazeiro, termo medio, é de cem leguas geographicas portuguezas de dezoito ao gráo, e será de menos si se contar por leguas de tres mil braças, que são as da lei, segundo me informam.

Necessidade de fixar a população.

A população n'aquella terra é diminuta e dispersa, por falta de generos de primeira necessidade, não augmentando e nem fixando-se em logar certo pela falta d'agua potavel principalmente; e porisso vive sem se empregar em industria alguma. É no meio das grandes populações que de ordinario crescem as necessidades, reaes ou ficticias, e estas fazem crear todas as industrias. Um dos mais urgentes melhoramentos materiaes é a abertura de poços, não existindo ora nenhum pela ignorancia total da arte de abrir fontes. Acontece

muitas vezes ficar interceptada a communicação entre o Joazeiro e o litoral por causa das sêccas, que tambem deterioram o gado, principal riqueza das numerosas familias do interior da provincia, e fazem emigrar todos os entes vivos para os logares em que ainda ha alguma agua estagnada já corrupta, cheia de vermes, e ainda mesmo n'esse estado procurada com avidez. Muitas centenas de leguas quadradas se acham sem população, parecendo verdadeiros desertos. Supponho que as ultimas desgraças do Ceará foram em grande parte tambem devidas á falta de poços. Quando os animaes não acham relva ou pasto verde, comem folhas e ramos das arvores, ou palha sêcca; mas se lhes falta agua, não a podem elles substituir por modo algum. A posição geologica do solo que percorri é tal, que se póde em uns logares abrir poços artesianos, em outros poços furados, e por toda a parte geralmente poços ordinarios. Passei por logares onde, cavando-se até á profundidade de dous ou tres pés, se acha agua potavel, mas ahi mesmo bem vezes se bebe agua de alagadiços destinada aos animaes. Creio em poucas palavras ter demonstrado a grande necessidade de poços, a facilidade de os conseguir, e que são elles essencialmente precisos para a fixação das populações.

Escolha da construcção.

É sem duvida pelo caminho de ferro que se póde fazer o mais rapido e prompto trajecto, sobretudo nas grandes distancias. Para decidir-se a favor d'esta via de communicação, bastará considerar a immensidade de planicies, estendidas a perder de vista, entre a Bahia e o Joazeiro, podendo-se, sobre as cem leguas de distancia, contar setenta de planura, e trinta de baixas e collinas. Não ha, propriamente fallando, nenhuma cordilheira de montanhas a passar. O collo da serra da Tiuba apresenta menos difficuldades que as ladeiras de Camurugipe e Dendezeiro ás portas da cidade. Quanto á passagem de rios, o unico que carece de uma ponte de importancia é o de Itapicurú; para todos os mais bastaráõ pontes de menor consequencia, ou simples passadiços. A respeito de atterros, serão estes

de maior volume na parte da estrada que fica mais proxima á capital; esta parte, e as outras disseminadas sobre toda a linha, formarão ao todo um aggregado de trinta leguas de construcções mais dispendiosas. Assim póde-se dizer que, pelo que toca a difficuldades da construcção do caminho de ferro, nenhuma existe extraordinaria, certo de que difficuldades da mesma natureza já tem sido superadas quer na Europa, quer nos Estados-Unidos. De mais póde-se affirmar que esta construcção é ordinaria no seu genero como caminho de ferro, em cujo numero se classificam os que hão apresentado as difficuldades inseparaveis d'essa especie de vias de communicação. Em summa, tudo quanto respeita á construcção entra inteiramente na ordem das obras possiveis.

Sobre o modo de construir os caminhos de ferro, proporei aquelle que está em uso nos Estados-Unidos, e me parece custará menos dinheiro. Esse genero de construcção se tem applicado nas localidades favoraveis e taes que frequente e até habitualmente se encontram no littoral, acima da linha de cataractas (cachoeiras), ou no vasto triangulo formado pelo Mississipi e o Ohio (*); com uma superstructura ligeira e ligeiramente assentada, para receber os locomotores, porém estes leves, e não excedentes ao peso de seis a sete toneladas. Tem um *rail* formado de uma *longrina* de páo chapeada de ferro (**); a velocidade que se obtem é moderada, isto é, de seis leguas por hora. De maneira que, em vez de dezoito a vinte dias, que ora se gastam na jornada da Bahia ao Joazeiro, o viajante poderá vingar essa distancia em dezesete ou dezoito horas.

(*) *Histoire et description des voies de communication aux États-Unis, et des travaux d'art qui en dépendent*, par Michel Chevalier.—*Chemins de fer américains*, par M. Poussin. — *Public works in Nord-America*, by David Stevenson.

(**) Um ensaio de similhantes caminhos, ou amostra em ponto pequeno, póde-se, na actualidade, ver junto ao Forte Grande da Barra, onde serve para o transporte da pedra cantaria. Esta pequena obra foi feita em 1843, pelo auctor do presente escripto, assistido de seu então ajudante o Sr. Francisco Lavigne. A construcção é apropriada ás localidades, ao modo de transporte e serviço a que é destinada.

Pelo que é certo offerecer o caminho de ferro vantagens immensas, mas, por outro lado, a estrada ordinaria será tambem de summa utilidade, se fôr construida de sorte que dê facil transito aos carros, e se possa por meio d'estes effectuar o transporte de tudo quanto até hoje se carrega ás costas dos animaes com grandes despezas e incommodo. Será talvez mais provavel esta estrada em razão do custo extraordinario da de ferro, como se verá no decurso d'este escripto. Todo o mundo se lembra dos prejuizos que soffreu a provincia da Bahia em seu commercio com a de Minas Geraes, depois do simples melhoramento (e não construcção nova) da estrada d'esta ultima provincia para o Rio de Janeiro. As vantagens, pois, do Rio servirão de termo de comparação para avaliarmos os beneficios que poderá a Bahia tirar de uma estrada ordinaria para o Joazeiro.

Despeza.

Tomando por base o que dissemos das distancias, total e parcial, menos e mais dispendiosas, da estrada ordinaria, do modo preferivel para a construcção do caminho de ferro; e finalmente estabelecendo o preço de uma legua, chegaremos á totalidade da despeza com o caminho de ferro da Bahia ao Joazeiro. Segundo os auctores acima citados, avaliaremos o preço de uma legua das menos dispendiosas em 56:610$000 rs.; o que nos dará para as setenta leguas. . . . . Rs. 3,962:700$000

Admittindo, segundo os mesmos auctores, ser o custo de uma legua, das mais dispendiosas, Rs. 113:220$000, (*) teremos por trinta leguas . . . . . Rs. 3,396:600$000

Total . . . . . Rs. 7,359:300$000

(*) Não admitto, como unidade do preço de uma legua de caminho de ferro, a cifra que custaram os em que eu trabalhei, ou de outros á cuja construcção assisti, ou de outros que examinei em todos os seus pormenores, como os de Pariz a St. Germain, de Londres a Greenwich, Grand-Junction,

Um dos principaes rendimentos dos caminhos de ferro é proveniente da taxa que pagam os viajantes, rendimento que só póde ser garantido por uma população numerosa: e é por isso que fallei em poços, como um dos requisitos para a estabilidade d'esta população. Si qualquer construcção tem por objecto um rendimento directo ou indirecto, isso mesmo com mais fundamento se dá com os caminhos de ferro, cujas despezas para a sua conservação são muito grandes. Esta obra, uma vez feita, exige escrupuloso e continuo cuidado na sua conservação, si se quer evitar grandes prejuizos e sinistros (*). A conservação annual de uma legua avalia-se em . . . Rs. 3:774$000
e cem leguas . . . . . Rs. 377:400$000

As quantias a dispender são exorbitantes, quer com a construcção primitiva do caminho de ferro, quer com sua conservação (*entretien*). Em presença de similhantes despezas, e outras considerações ácêrca da marcha das obras n'este paiz, nenhuma das quaes se póde comparar, quer em grandeza, quer em importancia, com a de que nos occupamos; devemos francamente confessar a impossibilidade de execução ou conservação d'esta grande obra na provincia da Bahia. Todavia não é ella d'aquellas por as quaes só o governo é quem se

o de Lyon a St. Etienne, de Liverpool a Manchester, e tantos outros. Todos esses caminhos de ferro se acham em circumstancias mui diversas das do caminho em questão, e cumpre notar serem construidos para satisfazer a uma velocidade de dez leguas por hora, o que torna a sua construcção muito mais dispendiosa: assim, por exemplo, uma legua do *Grand-Junction* tem custado 57,757 L. st., e uma legua do Liverpool a Manchester 119,591 L. st., isto é, *uma* d'ellas para mais de quatrocentos contos de réis, e *outra* o melhor de novecentos contos por legua.

(*) Infelizmente acontece que, em toda a provincia da Bahia, pouco ou nada se cuida da conservação das obras depois de feitas, e d'ahi a sua infallivel deterioração, e mil inconvenientes para o serviço publico. Muitas vezes pretende-se lançar á conta do engenheiro o que é manifestamente consequencia d'esse descuido. Temos d'isso um frisante e notorio exemplo no canal de Itahipe nos Ilhéos, obra que, depois de feita, ficára por uma serie de annos abandonada e sem o menor reparo. E será isso por culpa do engenheiro?

« oéste ao léste, o sul ao norte. Um immenso movimento commer-
« cial se desenvolve assim para o exterior como para o interior, e sob
« a influencia de numerosas causaes de prosperidade a população
« toma um incremento superior á toda conjectura. »

São *estas* algumas das idéas tiradas da minha convicção intima sobre essa grandiosa obra, que n'este escripto tenho a distincta honra de levar á presença de V. Exª, que dignando-se desculpar algumas imperfeições involuntarias, deliberará em sua sabedoria o que julgar conveniente.

Sou com respeito, Senhor presidente, de V. Ex.ª muito humilde e muito obediente criado — *André Przewodowski*. Bahia, 18 de Março de 1848.

DUAS PALAVRAS SOBRE OS TERRENOS ENTRE A CIDADE DA BAHIA E O JOAZEIRO, CONSIDERADOS GEOLOGICAMENTE.

Em virtude das ordens do governo, sob data de 4 de Novembro do anno proximo passado, o mesmo engenheiro apresentou ao Ex.mo presidente da provincia um relatorio datado de 23 de Fevereir ultimo (n.º 386), em que, entre outras materias, se contém o que segue:

4.º Cumprindo as ordens d'este governo, que me mandava « colher noticias proveitosas proprias da minha profissão », tenho a honra de offerecer a V. Ex.ª a somma das observações feitas por mim no sentido recommendado, em o decurso da minha digressão d'esta cidade e da de Cachoeira ao Joazeiro.

Distante cinco leguas do Joazeiro, de um e outro lado da fazenda d'*Olhos d'Agua*, por espaço de mais de duas leguas, corre um terreno, onde se encontram: 1.º o marmore branco *(sacharoide)* em um logar um tanto elevado; 2.º em maior extensão e mais abundante a pedra de cal ordinaria; 3.º nos baixos visinhos d'esses logares ha aguas salinas em abundancia, e as terras tão saliferas são,

que em varias partes de sua superficie se formam tenuissimas camadas de sal concreto.

Ao sul do Joazeiro desagua o *Rio de Salitre* no *S. Francisco*; seguindo esse rio, e ao depois a direcção da estrada da *Freguezia Velha*, entre *Jacobina Nova* e *Jacobina Velha*, dei com localidades sobre uma superficie de mais de vinte leguas, onde, a par do já referido marmore branco, tambem se acham marmores pretos, outros fitados, cinzentos, e ainda de outras côres (todos elles rivalisando em formosura); grande quantidade de pedra de cal de varias qualidades. As terras são saliferas, mas fôra necessario fazer-se sondagens (*sondages*) em alguns logares, para se descobrir o sal gemma, do qual tirar-se-ia, com menor despeza, vantagem muito maior do que do sal obtido por qualquer outro modo.

Em toda a extensão da estrada entre a Bahia e Joazeiro, e da Cachoeira ao Joazeiro, acham-se o granito e a pedra lioz (*grès*). Essas rochas, e bem assim os marmores de varias qualidades, poderiam ministrar crescida qualidade de cantaria á escolha e conforme a obra a que se destinasse.

São dignos da maior attenção os *gisamentos* de pedra de cal, pouco distantes da cidade, perto do engenho do *Couté de Baixo*, e *Couté de Riba*. A extracção da pedra de cal, por meio de mergulhadores, sempre fará encarecer a cal, e dispendiosas as obras que a pedem em quantidade, além dos accidentes companheiros d'esse modo de extracção. Isso não acontece com a cal tirada de bancos e camadas em terra firme, ou nas encostas de oiteiros situados beira-mar: é trabalho incomparavelmente mais facil, e unico capaz de tornar esse precioso material mais barato e mais abundante no mercado.

Em todo o tracto desde a Cachoeira até ao Joazeiro, e d'ahi de volta costeando parte do *S. Francisco*, rio acima, e o *Rio de Salitre*, visitando a garganta entre a *Serra do Mulato* e a *Serra da Cruz*, passando entre *Villa Velha* e *Nova de Jacobina*, em direcção da aldêa da *Freguezia Velha*, e d'esta seguindo a *Estrada das Boiadas* caminho da *Bahia*, pela *Matta de S. João*, e ao depoi

em remate, percorrendo essa outra *Estrada das Boiadas*, por onde descem as boiadas da *Feira de Santa Anna*, em procura da cidade — em todos esses terrenos se depára, além das rochas e pedras já mencionadas e reconheciveis ao primeiro aspecto, com terrenos de origem vulcanica, entre as nascentes do *Rio de Salitre* e a *Freguezia Velha*; grande numero de formações primitivas, e alluviões de terrenos antigos, onde infallivelmente existem pedras e metaes preciosos, a par de outros metaes usados nas artes industriaes. Trabalhos de exploração por repetidas vezes encetados e abandonados na *Serra da Cruz* e na do *Mulato*, que cercam o pequeno valle ou leito do *Rio de Salitre*, e que ambas fazem parte do valle do *Rio de S. Francisco*, põem o que digo fóra de toda duvida. É mister tempo para minuciosamente explorar aquelles terrenos; e, guiado pela geologia, e ajudado dos recursos scientificos que offerecem a geognosia, a geogenia, a mineralogia, a chimica, a physica, ir-se-hão descobrindo immensas riquezas, até aqui ignoradas. Em quanto a mim, tendo eu em dous mezes andado perto de trezentas leguas, apenas pude colher algumas noções geraes, que aqui offereço em resumo, em virtude das ordens verbaes de V. Ex.ª, recebidas a 21 do corrente.

Em uma memoria separada tenho scientificamente tratado toda esta parte, juntando as amostras de rochas e mineraes colhidos nos proprios sitios; e logo que esteja acabada, terei a honra de apresental-a a este governo.

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

D. CLARA FELIPPA CAMARÃO.

Uma d'essas acções de heroismo e gloria, que nos enchem de pasmo e concorrem para a immortalidade de um nome d'aquelles que as praticam, não movido de premio vil, mas impellido pelo amor da patria, pela ambição de louros, e pelo desejo de se prestar á humanidade, eternisou o nome da mui nôbre e leal esposa do bravo Indiano D. Antonio Felippe Camarão, tornando-a digna de occupar distincto logar nas paginas brazileiras, entre as suas compatriotas que se assignalaram nas armas.

D. Clara Felippa Camarão não era uma d'essas descendentes dos conquistadores portuguezes, que se podesse vangloriar de um nascimento illustre, mas uma Indiana, uma filha dos bosques brazileiros, nascida na *taba* sobre a rede, como indicavam sua tez e o perfil e os contornos de seu rosto, seus negros e acanhados olhos, seus cabellos corredios e espargidos pelos hombros; uma Indiana que soube se tornar interessante e recommendavel já pelas suas agradaveis maneiras, já pela intrepidez e bravura de animo, e que por tal mereceu a attenção de seus compatriotas, e a affeição e dedicação do mais generoso e valente Indiano que produziram as tribus brazileiras. Não sabemos ao certo a que tribu pertencesse, nem em que parte do nosso territorio visse a luz, e até mesmo ignoramos qual fosse o seu nome primitivo, que em balde interrogámos os historiadores da *Guerra Brazilica* percorrendo suas paginas: é todavia de crer que como seu consorte descendesse dos Carijós e nascesse em Villa-Viçosa, nas abas da serra da Hybyappaba, onde os Jesuitas estabeleceram uma colonia de Indios, que assaz concorreu para a povoação da provincia do Ceará (*).

(*) Ayres do Cazal, *Corographia Brazilica*, tom. II, pag. 233.

Ligada pelos laços do consorcio a D. Antonio Felippe Camarão, achava-se com elle em Porto-Calvo, onde o conde de Bagnolo acabava de se fortificar, quando João Mauricio de Nassau tentou a conquista d'esta nascente villa, e tudo se pôz em movimento: D. Clara Felippa Camarão empunhou as armas, incitou com seu exemplo as senhoras de Porto-Calvo, que se desalentavam em gritos de terror, e marchou á sua frente contra os invasores. Acções brilhantes encheram as paginas da historia n'esse dia, mas vencedores, fugiram os nossos! Henrique Dias com seus negros, Camarão com seus Indios, e D. Clara Felippa Camarão com a sua esquadra feminil, escoltaram os habitantes de Porto-Calvo, marchando para a Magdalena, depois para o Penedo, depois para Sergipe, d'onde se passaram á Bahia em 1634.

Tanto esforço e tão admiravel coragem mereceram de ser cantados por um poeta nacional, a quem inspiraram mais de uma vez as acções illustres de seus compatriotas. Eis aqui os seus versos;

Vibrando a longa espada,
Ao lado marcha do brazilio esposo
A nobre esposa amada.
No campo dos Troyanos
Camilla furiosa
Voando sobre a grimpa da seara
Mais triumphos á morte não prepara.

Assoberbam o Batavo nefando,
O quente sangue espuma;
Qual Belga foge, qual Brazilio fere;
Quem evita o Mavorte
Na espada feminil encontra a morte;
Ambos assim cobertos d'alta gloria
Alcançam do Hollandez clara victoria. (*)

Não foi porém só n'essa acção que ella se assignalára, — que no dizer de Damião de Fróes Perym ella acompanhou a seu marido em todas as campanhas e teve parte em todas as victorias (**); mas

(*) J. Natividade Saldanha, ode pindarica a D. Antonio Felippe Camarão.
(**) *Theatro heroino*. Lisb. 2 vol. in fol, 1736, tom. I, pag. 232.

qual fim tivera ignoramos, pois que Rocha Pitta, Joboatão, Raphael de Jezus, Brito Freire, e outros, apenas debeis informações nos transmittiram; admira mesmo que Damião de Fróes Perym, que d'ella tratára no seu *Theatro heroino* com alguma particularidade, lhe consignando honrosa menção entre as senhoras que por lettras, armas e virtudes se fizeram dignas de memoria, fosse tão parco em assumpto que pedia mais campo. E ainda mais é para se notar que tendo Felippe IV galardoado os serviços de D. Antonio Felippe Camarão, premiando-o com a mercê de cavalleiro do habito de Christo e fazendo-lhe a graça do *Dom*, se esquecesse de sua esposa, sendo que foi tão illustre como elle, ou mais ainda se lhe levarmos em conta a delicadeza de seu sexo.

Joaquim Norberto de Souza Silva.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 3.º trimestre de 1848.

194.ª SESSÃO EM 5 DE JULHO DE 1848.

PRESIDENCIA DO EX.mo SR. CONSELHEIRO JOSÉ ANTONIO LISBOA.

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, lê-se e approva-se a acta da anterior.

O 2.º Secretario, dando conta do expediente, faz leitura do seguinte officio: « Ill.mo Sr. Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico. — Pela segunda vez tomo a liberdade de dirigir-me a V. S.ª, enviando-lhe, para ter a bondade de apresentar ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a fim de lhe dar o destino que convier, um poema dedicado a Nossa Senhora da Penha por João Rodrigues Gama, que floresceu nos fins do seculo passado; as correcções e accrescentamentos que entendi dever fazer ao *Diccionario geographico* do Imperio do Brazil ultimamente publicado em Pariz, na parte que respeita á provincia do Espirito Santo; os *Balanços* por municipios (manuscriptos) da receita d'esta provincia durante os annos de 1843 a 1846; e finalmente o *Relatorio* do presidente da provincia á respectiva assembléa no anno de 1847, e a *Collecção das leis provinciaes* do mesmo anno: e peço desculpa ao Instituto por tão tenue offerta.

« Queira V. S.ª acceitar, &c. — Benevente, 19 de Maio de 1848. — *José Marcellino Pereira de Vasconcellos.* »

Por proposta do Sr. 1.º Secretario resolve o Instituto que o poema inedito da Penha seja remettido á Academia de Litteratura Brazileira, a quem compete dal-o ao prelo, depois de julgar do seu merecimento.

O mesmo Sr. Secretario pondera a conveniencia de submetter o trabalho do Sr. Pereira de Vasconcellos sobre o *Diccionario geographico* ao exame de alguns socios residentes na provincia do Espirito Santo, ou que d'ella possuam perfeito conhecimento, a fim de se poder formar um juizo perfeito da exactidão das correcções apontadas.

O Sr. Raposo de Almeida, approvando a idéa, julga todavia mais conveniente amplial-a, creando-se no seio do Instituto uma commissão de topographia, presidida pelo Sr. Secretario perpetuo, e composta de differentes membros residentes nas provincias; commissão que com o vagar e reflexão do tempo deve occupar-se da organisação de um grande Diccionario geographico do Brazil: unico meio de poder obter-se noticias minuciosas e exactas ácêrca de cada localidade, o que jámais poderá alcançar qualquer individuo isoladamente, e sem o auxilio de muitos collaboradores.

O Sr. Porto Alegre lembra que quando o Diccionario em questão fôra apresentado ao Instituto, se convidára a todos os socios para que fizessem suas observações e notas como entendessem, o que solicitára o proprio auctor; e em consequencia d'isto alguns Senhores haviam enviado apontamentos sobre inexactidões encontradas: é de parecer que as actuaes correcções, bem como quaesquer outras, ou devem ser endereçadas ao Sr. Milliet de Saint-Adolphe, ou publicadas na *Revista trimensal* para ahi serem estudadas. Relativamente á commissão proposta pelo Sr. Raposo de Almeida, com quanto a considere de incontestavel utilidade, suppõe todavia que d'essa maneira se não conseguirá o fim desejado, como tem mostrado a experiencia, pois que as obras identicas mais afamadas são todas devidas a uma só intelligencia, e para prova cita o orador, alem de outros, o volumoso Diccionario de Lamartinière.

O Sr. conselheiro José Antonio Lisboa declara haver sido de ha muito nomeado para fazer parte de uma commissão incumbida de examinar o Diccionario sobre que versa a discussão; mas apezar da boa vontade sua e dos seus companheiros, ainda nada tinham decidido, não só pelas muitas obrigações de que se acham aquelles

sobrecarregados, como pelos seus continuos incommodos physicos, os quaes o obrigavam a pedir dispensa da sobredita analyse, promettendo dar algumas notas já escriptas a respeito.

Depois de orarem sobre a materia varios outros Senhores membros, fica a discussão adiada.

Officio do socio correspondente o Sr. Manoel de Cerqueira Lima, encarregado de negocios do Brazil junto do governo da Republica da Nova Granada e Equador, offertando para a bibliotheca do Instituto as seguintes obras: *Historia de la revolucion de la Republica de Colombia*, por José Manoel Restreppo. Paris, 1827, 9 vol. in-12.º—*Historia critica del asesinato cometido en la persona del gran mariscal de Ayacucho*, por Antonio José Frisarri. Bogota, 1846, in-8.º

Recebe tambem o Instituto do socio correspondente do Pará o Sr. José Joaquim da Gama e Silva a *Descripção analytica da execução da estatua equestre erigida em Lisboa a el-rei D. José I:* por Joaquim Machado de Castro. Lisboa, 1810, in-4.º

Determina o Instituto que o Sr. 1.º Secretario agradeça todas as offertas supra mencionadas, as quaes foram acceitas com especial agrado.

O Sr. Raposo de Almeida pede a palavra, e recorda a conveniencia de serem quanto antes nomeados os membros que devem occupar-se da *Chronica do Senhor Dom Pedro II*, na conformidade da proposta apresentada pelo Sr. 1.º Secretario em sessão de 4 de Maio do corrente anno.—Determina o Instituto que a discussão d'este objecto seja adiada, visto não se achar na casa o Ex.mo Sr Presidente, cuja opinião deseja ouvir.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia da noite.

195.ª SESSÃO EM 20 DE JULHO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Abre-se a sessão ás 6 horas da tarde, e approvada a acta da anterior, passa-se á leitura do expediente.

Carta escripta de Olinda pelo Sr. Salvador Henrique de Albuquerque offertando ao Instituto uma collecção dos *Compendios* que publicára para uso das aulas de instrucção primaria, e promettendo enviar brevemente um *Resumo* da historia do Brazil, que se acha no prélo.

O socio correspondente Sr. Dr. Felippe Lopes Netto faz donativo ao Instituto de um volumoso manuscripto intitulado *Itinerario que fez Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, sahindo de Pernambuco a* 16 *de Setembro de* 1824 *para a provincia do Ceará Grande.* — Remettido á commissão de redacção.

É approvada uma proposta do Sr. Porto Alegre para que se conserve em um quadro appropriado o curioso autographo de André Vidal de Negreiros, que o Instituto possue por offerta do sobredito Sr. Dr. Netto, a fim de se não extraviar tão raro e importante documento.

O Sr. 1.º Secretario faz sciente ao Instituto que chegando ao seu conhecimento haver fallecido o socio honorario conselheiro José Joaquim da Rocha, em cumprimento dos estatutos nomeára uma deputação para assistir ao funeral de tão benemerito Brazileiro, e que na occasião de baixar o cadaver á sepultura o Sr. Porto Alegre recitára o seguinte discurso, que foi ouvido com bastante sensação por todo o auditorio:

« No animo contristado de todos os amigos, que vem dar o ultimo adeus aos restos mortaes do venerando conselheiro José Joaquim da Rocha, se manifesta um grande pensamento, que se abraça com duas idéas sublimes: se pensamos na patria — a gratidão; se no homem que foi — uma inextinguivel saudade: este pensamento,

que revela um mundo e um varão illustre, abre no coração brazileiro um templo de emoções sagradas, e o sublima até onde é possivel; até os terminos da mais acrysolada virtude: este pensamento, Brazileiros, que agora borbulha em vossos peitos, que n'este momento enflorescе os vossos labios, e como um éco da consciencia, e como um voto ungido pela fé e pelo amor vôa a depositar-se respeitosamente sobre este esquife, é aquelle mesmo que realisou a palavra do Ypiranga: é o *Fiat* da independencia.

« É a independencia da nossa patria, é o sonho do modesto Spartaco, realisado á sombra augusta, placida e paternal da monarchia; é a independencia sem lagos de sangue, sem os horrores da anarchia, sem as monstruosidades da guerra civil, e sem essas incalculaveis peripecias que sagram o carrasco, exterminam todas as virtudes, e plantam o germen da crueldade e da barbaria.

« É a independencia tal qual a concebeu José Joaquim da Rocha, e tal qual a realisaram os Brazileiros, o monumento de gloria que illustrará eternamente a memoria d'esta illustre victima de uma inqualificavel modestia, n'uma épocha em que se pede o premio antes da victoria, e o salario antes do trabalho.

« A vida do conselheiro Rocha se assemelha a esses rios caudalosos que rebentam á flôr da terra, e que depois de fertilisarem vastissimas regiões, se aprofundam de novo e se perdem nas areas do oceano; foi uma vida missiva, que resplandeceu em uma phase de gloria, e que foi coroada com a palma do martyrio: o dia do seu nascimento, e o dia do seu consorcio, tem alguma mysteriosa coincidencia com os destinos do Brazil: ha n'elles a expressão da monarchia e da liberdade, ha n'elles uma prophetica harmonia, uma revelação dos futuros acontecimentos.

« José Joaquim da Rocha nasceu na cidade de Marianna no dia de S. Pedro de Alcantara do anno de 1777, e ahi casou no dia 25 de Março de 1798! — E teve a rara felicidade de completar cincoenta annos de casado!

« Veio para o Rio de Janeiro em Junho de 1808, e aqui exerceu por espaço de quarenta annos a nobre profissão de advogado.

« Na épocha da independencia, a casa do capitão-mór Rocha teve a honra de possuir, durante a estada de Avilez no Castello, uma peça de artilharia constantemente assestada e para ella apontada.

« Foi membro da assembléa constituinte, e compartilhou a sorte dos illustres Andradas.

« O Senhor D. Pedro I, no dia 1.° de Dezembro de 1831, antes do nascimento da Senhora D. Amelia, diante dos principes da França, dos membros do governo, de todo o corpo diplomatico e de alguns Brazileiros, disse-lhe, abraçando-o, que elle era um perfeito cavalheiro: era então o conselheiro Rocha enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á côrte de Luiz Felippe.

« O rei dos Francezes e sua virtuosa esposa o estimavam a ponto de o convidarem para assistir ás reuniões de familia e a esses festejos domesticos, onde só elle se achava, sem seus collegas do corpo diplomatico.

« Mandado a Roma, recebeu do santo padre Gregorio XVI provas não equivocas de uma particular affeição: o conselheiro Rocha possuia o segredo de se tornar amado, e de se fazer respeitar debaixo das apparencias de sua modestia proverbial.

« O Instituto Historico não nos manda aqui para com tristes recordações augmentarmos a dôr geral: os pobres perderam no pobre e laborioso conselheiro Rocha um grande amparo, e sua honrada familia um verdadeiro pai, o modelo de todas as virtudes patriarchaes.

« Um trabalho insano e excessivo para sua idade e forças abreviou seus dias, e muito concorreu para o seu total anniquilamento a perda progressiva de sua tão preciosa vista.

« Sua Magestade o Senhor D. Pedro II tratou sempre com particular estima o conselheiro Rocha, deu-lhe uma pensão com sobrevivencia á sua consorte e suas filhas, e para mais authenticar a sua munificente protecção mandou-lhe fazer este funeral.

« Quando estive em Roma, e lá recebi os beneficios do conselheiro Rocha, ouvi-o dizer ao maior poeta do Brazil estas memoraveis palavras: Dou por bem empregado todos os sacrificios e perdas

enormes que tive de 1822 a 1830, se uma voz se levantar na minha sepultura e pronunciar estas palavras:

INDEPENDENCIA OU MORTE,

porque n'estas palavras se encerram os dias maiores e os mais felizes da minha vida: e o conselheiro Rocha chorou!

« Sejam pois cumpridos os seus desejos de uma maneira solemne e patriotica, e receba o conselheiro José Joaquim da Rocha esta corôa de *brazil* (*) em nome da patria, em nome da historia, que lhe offerta o Instituto, o Instituto Historico, que guardará sempre a mais grata recordação do seu finado socio honorario, do benemerito José Joaquim da Rocha, que foi o primeiro motor da nossa independencia:

INDEPENDENCIA OU MORTE. »

O Ill.mo Sr. Presidente communica que da parte do Instituto se dirigira tambem uma deputação de vinte membros ao paço de S. Christovão para felicitar a S. M. o Imperador pelo feliz nascimento do Principe Imperial, com que a Divina Providencia acabava de brindar o Brazil; e que sendo admittida a deputação á augusta presença do Soberano, na qualidade de orador lhe dirigira a allocução abaixo transcripta:

« Senhor! — A Providencia Divina acaba de manifestar de uma maneira evidente a sua protecção á Nação Brazileira.

« O anno de 1848 é um dos mais extraordinarios que a historia tem exhibido: os factos que elle já encerra equivalem aos de um seculo tormentoso, aos de uma épocha das mais criticas do passado.

« Em face d'este turbilhão que alvorota o mundo; no meio d'esta agitação que abala os homens; na continuação de uma consoladora expectativa, de uma justa saudade, gravada no coração de todos os Brazileiros; no ardor de uma esperança tão lisongeira, a mão de

(*) A corôa que o orador do Instituto depositou sobre o feretro era tecida de folhas de *Cesalpina*, e ligada por uma facha verde com o distico em lettras de ouro *Independencia ou morte*. A familia do illustre fallecido guarda esta manifestação como um documento da estima geral dos Brazileiros.

Deus faz entre nós apparecer um principe, e corôa com este augusto predestinado os votos de toda a nação.

« No magnanimo coração de Vossa Magestade Imperial se abre um templo de harmonias, aonde o pai e o soberano realisam um voto sublime, todo pelo Brazil e para o Brazil.

« E o Instituto Historico e Geographico, compenetrado da magnitude d'este tão alto e tão feliz successo, vem, cheio de acatamento e de enthusiasmo, beijar as sagradas mãos de Vossa Magestade Imperial ungidas de novo pelo contacto d'esse augusto recemnascido, d'esse fructo venturoso santificado pelo influxo das virtudes paternas, e das virtudes da augusta filha de S. Luiz.

« Este osculo filial é um epinicio significativo d'este triumpho brazileiro; d'este triumpho, imperial Senhor, que é só devido á bondade e protecção do Céo, e que mais consolida no futuro o throno do Brazil.

« O Instituto Historico e Geographico, depondo em logar tão alto a oblata respeitosa de sua firme devoção, espera tambem eleval-a á augusta e munificente Imperatriz do Brazil, cuja fecundidade propicia tem dado e continuará a dar á Terra da Santa Cruz os mais seguros elementos de futura grandeza, de paz e de esplendor. »

S. M. I. respondeu que agradecia os sentimentos manifestados pelo Instituto.

O Sr. 1.° Secretario dá conta de varios trabalhos interessantes que tenciona publicar na *Revista trimensal.*

Levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

196.ª SESSÃO EM 27 DE JULHO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

A's 6 horas da tarde, aberta a sessão, e approvada a acta da anterior, o 2.° Secretario dá conta do expediente principiando pela

leitura de um officio do Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, que enriquece o archivo do Instituto com um manuscripto intitulado *Noticia historica da expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo.* « Este interessante codice, expressa-se o nosso consocio, foi escripto em 1770 pelo sargento-mór Pedro Tacques de Almeida Paes Leme, e o copiei do original existente na bibliotheca do convento de S. Francisco d'esta côrte. N'elle se relatam as principaes dissenções havidas em S. Paulo entre os Jesuitas e os habitantes d'aquella provincia ácêrca dos Indios, e existem traslados de documentos que já desappareceram, e que a posteridade ignoraria se o seu illustre auctor, cuja auctoridade está consumada na opinião de todos, os não tivesse aqui consignado. »

Esta offerta foi recebida com muito particular agrado, e assim tambem o *Resumo analytico* dos resultados do commercio e navegação do Imperio do Brazil no decurso dos seis ultimos annos financeiros até 1845, segundo os mappas organisados pela commissão de estatistica.

O Sr. 1.° Secretario apresenta a seguinte proposta:

« Convindo que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro possa dar maior latitude aos seus trabalhos, sem que soffra a marcha dos actuaes: proponho que se estabeleça um fundo permanente, composto não só das quantias que a Sociedade arbitrar sejam applicadas cada anno para o dito fim, mas ainda de donativos dos socios ou de outros quaesquer individuos.

« As quantias que entrarem para o mencionado fundo serão applicadas á compra de apolices da divida publica; e antes de dez annos não se poderá dar destino algum aos juros respectivos, os quaes serão accumulados ao capital inalienavel.

« Quando o Instituto, passados os dez annos, resolva dispôr dos juros que produzir o capital então existente, serão elles sómente dispendidos com a reimpressão de obras raras sobre o Brazil, ou destinados para explorações pelo interior do Imperio.

« O Instituto nomeará uma commissão de cinco de seus membros, a qual se encarregará de promover o augmento do fundo permanente.

« Será publicada annualmente na *Revista trimensal* a relação dos socios e outras pessôas que tiverem contribuido para o supradito fim. »

Passa-se a discutir esta proposta, e depois de longo debate, em que são offerecidos varios arbitrios para a sua melhor realisação, vota o Instituto que fique adiada para a primeira reunião.

O Instituto, considerando o compromettimento em que se acha de dar quanto antes á luz a *Chronica* do padre Jaboatão, visto haver já obtido algumas assignaturas para a sua publicação, outorga plenos poderes ao Sr. 1.° Secretario para fazer imprimir a sobredita obra, da maneira que em seu discernimento entender mais conveniente, começando pelo volume inedito.

Não havendo mais nada a tratar-se, o Ill.mo Sr. Presidente levanta a sessão.

197.ª SESSÃO EM 3 DE AGOSTO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde, reunido sufficiente numero de socios, é lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Recebe o Instituto do Sr. Dr. José Maria de Noronha Feital um exemplar da sua *Noticia* sobre o hospital da marinha d'esta côrte, molestias que ahi são mais frequentes, sua mortalidade e estatistica desde o seu estabelecimento em 3 de Maio de 1834 até fins de 1847.

O Sr. Secretario perpetuo noticía correr já no prélo a Chronica do padre Jaboatão, na conformidade da deliberação do Instituto, o qual fica inteirado.

É approvado presidente honorario do Instituto Sua Alteza o Principe Real da Dinamarca, presidente da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte.

Leitura de uma proposta para admissão de um membro correspondente na classe historica: á respectiva commissão.

O Sr. Dr. Freire propõe que o Instituto mande extrahir copias dos interessantes trabalhos sobre historia natural do Brazil, devidos á penna do Dr. Caetano de Brito Figueiredo, que existem na Bibliotheca publica de Lisboa na collecção de manuscriptos da antiga Academia dos Esquecidos fundada na Bahia em 1724. — Foi approvado, e que o Sr. 1.° Secretario se dirigisse para o sobredito fim ao nosso socio honorario o Sr. conselheiro Drummond, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto de S. M. Fidellissima.

Entra em discussão, e é unanimemente approvado o seguinte parecer da commissão encarregada de examinar um manuscripto em latim offerecido ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. José Feliciano de Castilho, como producção do Exmo e Rev.^mo bispo de Cochim:

« *De œcumenici, vel generalis, concilii actuali necessitate, per Francorum revolutionem demonstrata:* Da necessidade actual de um concilio ecumenico ou geral, demonstrada pela revolução franceza. — Tal é o titulo do manuscripto; e, á vista d'elle, parece que bem podia o Instituto escusar qualquer outro exame, pois que nenhuma relação se apresenta entre similhante assumpto e a historia e geographia do Brazil. Attendendo porém a que succede ás vezes acharem-se no corpo de uma obra especies inesperadas, e tomando na mais séria consideração os dous nomes com que se abonava o inedito, com a sua costumada prudencia assentou o Instituto que lhe cumpria inteirar-se escrupulosamente do conteúdo do codice, e d'esta honrosa tarefa foi servido encarregar-nos.

« Desde a primeira até a ultima palavra leu a commissão o manuscripto todo, e n'elle achou com effeito especies inesperadas; porém de tal natureza, tão avessas á expectação do Instituto, que quasi põem em duvida o testemunho dos olhos.

« Nenhuma relação com as cousas do Brazil; mas isto, que já é muito, a todos parecerá nada, em comparação do mais.

« A dicção, que se devia esperar purissima de um litterato de

tanto credito, do director de um dos cursos juridicos do Imperio, é por tal modo incorrecta, que bem poderia ministrar subsidios para nova edição do *Glossario* de Ducange. E para que não pareça exagerada esta asserção, vejam-se as seguintes amostras de barbarismos: *directura*, *responsabilitas*, *civilisatio*, *desenvolvimentum*, *gubernamentum*, *desobedientia*, *realisatio*, *realisare*, *desobedire*, *regulare*, *elucidere*, *prœalabiliter*: contemplem-se estas de solecismos — *imperavit abolendi et dissolvendi*, *accepit operandi*, *nisi laborandi accipiamus*, *nihil salutare prosit nisi* CUI *formaliter renuntiavit Satanæ*.

« A doutrina, que se devia esperar sanissima de um prelado tão bom catholico e tão bom cidadão, é tão estranhamente encontrada com os verdadeiros principios da religião e da politica, que constitue irremissivelmente o seu auctor um impio, e não de qualquer impiedade sem consequencia n'este mundo, mas tão subversiva da ordem social, que mais não póde ser. Se parece incrivel, aqui está litteralmente a traducção de alguns paragraphos. — § 7. « Toda e qualquer religião é uma synthese politica. » — § 32. « Os sacerdotes « que professam esta doutrina [de que a religião de Christo deve permanecer alheia e estranha aos negocios politicos e civis] já não « são ministros do Evangelho, discipulos de Christo; tornam-se, pelo « contrario, apostolos de Satanaz, conservadores das obras do Diabo, « fautores da impiedade, propagadores do atheismo, em uma pala- « vra, anti-christos. E por isso com razão amaldiçoam hoje os povos « taes sacerdotes, e as obras d'elles. » — § 33. « De toda a parte, « em nossos dias, se levantam as nações christãas com as armas na « mão, combatendo contra os principes e potestades, contra os « regedores do mundo, para derrubarem e dissolverem o dominio « das trevas antigas, e para expulsarem o principe d'este mundo; e « de toda a parte igualmente se levantam os sacerdotes contra estes « esforços, e os anathematisam. Cumpre portanto averiguar quaes « são hoje os collaboradores de Christo, se os sacerdotes, se os povos; « se são os sacerdotes, ou os povos, os que trabalham com o Diabo, ou « destroem as obras d'elle. » — § 34 e ultimo. « Assim fica demon-

« strada a indispensavel necessidade de um concilio ecumenico ou « geral da igreja toda, para determinar se, contrariamente á « opinião que da religião de Christo inculcam a si e aos fieis os « sacerdotes catholicos, é esta a verdadeira e divina religião, isto é, « synthese politica. » Repare-se que no § 33 insidiosamente introduziu o auctor uma passagem de Santo Agostinho, onde os termos se acham em um sentido muito differente daquelle em que os empregára o santo doutor.

« Senhores, tão erradas e tão perigosas proposições, não é possivel admittil-as no Exmo e R.^{mo} bispo de Cochim, ha pouco fallecido em Pernambuco. E cotejando as idéas com a phrase, parece evidente que o manuscripto que se attribue áquelle venerando prelado é producção de um apostata francez; porque só um Francez poderia commetter os torpes gallicismos de que o manuscripto está inçado. Quem poderia soltar em latim o extravagante adverbio *prœalabiliter*, senão aquelle que na sua lingua está acostumado a dizer *préalablement?* Quem se poderia illudir com um *imperavit abolendi*, com um *accepit operandi*, senão aquelle que diz cada dia *il ordonna d'abolir, il accepta d'agir?*—E para remate d'esta serie de provas, até na ultima regra da pagina 7, em logar de *infallibile*, está escripto *infaillibile*, com *i* antes dos dous *ll*, descuido em que só podia cahir quem na lingua materna escreve *infaillible*.

« O codice offerecido ao Instituto não é original, é copia; ignoramos se existe autographo do respeitavel prelado: mas, se por ventura existe, será, sem duvida alguma, mera copia que elle fez, como de uma raridade digna de memoria.

« Pelo que, parece á commissão que o manuscripto é totalmente improprio, não já de ser publicado pelo Instituto, mas até de apparecer no seu gremio; e que foi indignamente illaqueada a boa fé do illustre socio correspondente que o offereceu, o qual, na persuasão de ser obra de quem se dizia, e portanto optima, não o sujeitou ao exame previo da sua illuminada razão.

« Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1848. — Dr. *Joaquim Caetano da Silva.* — *Fr. Rodrigo de S. José.* »

Passando-se depois a tratar da proposta apresentada pelo Sr. 1.° Secretario na sessão precedente para a formação de um fundo inalienavel, é approvada com as idéas de alguns Srs. socios sobre os meios de mais facil execução.

Levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

198.ª SESSÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.^{mo} SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 5 horas e meia da tarde, achando-se na sala sufficiente numero de socios, abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, passa em seguida o 2.° Secretario a dar conta do expediente.

O Sr. M. F. Lagos offerece ao Instituto o manuscripto *Diario roteiro do arraial do pesqueiro d'Araguary até ao rio Oyapock*, pelo capitão Manoel Joaquim de Abreo: e uma collecção de documentos officiaes ineditos (copiados dos originaes existentes no Archivo publico nacional) relativos ao alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lãa, &c. — Remettidos á commissão de redacção.

São tambem offertadas para a bibliotheca do Instituto, e recebidas com especial agrado, as seguintes obras:

Pela Secretaria d'Estado dos negocios estrangeiros um exemplar do opusculo ultimamente por ella mandado imprimir com o titulo de *Colonisação: artigo traduzido da obra* England and America, *attribuida a Wakefield, e publicada em New-York em* 1844.

Pelo socio correspondente o Sr. João Diogo Sturz a *Viagem ao Brazil* do principe Adalberto da Prussia; 1 vol. e atlas: e a *Viagem á Guyana* por Schomburgk.

O Sr. 1.° Secretario dá conhecimento ao Instituto de haver recebido do socio effectivo o Sr. Thomé Maria da Fonseca e Silva uma

memoria de seu punho sobre a colonia suissa de Nova Friburgo, a fim de ser impressa na *Revista trimensal*, quando julgada de algum interesse; e n'este caso offerecia-se a mandar lithographar á sua custa o mappa sobre o reconhecimento do rio de Macacú, annexo á memoria, e que lhe serve de esclarecimento. — O Instituto acceita com satisfação a offerta do seu digno Thesoureiro, cujo trabalho será opportunamente dado á luz.

Por proposta do Sr. Porto-Alegre é approvado que em nome do Instituto o Sr. 1.° Secretario solicite do socio residente no Pará o Sr. coronel Baena todas as informações que puder obter sobre a pretendida estatua antiquissima que o naturalista conde de Castelnau enviou do Rio Negro para França.

Tratando-se, em cumprimento dos estatutos, de nomear uma deputação para felicitar a S. M. o Imperador no dia 7 de Setembro, pondera o Illmo Sr. Presidente a conveniencia de marçar-se as occasiões em que o Instituto deve dirigir-se ao paço imperial para manifestar os seus sentimentos, visto serem mui multiplicados os dias de grande gala, e nada se achar ainda determinado a tal respeito. Depois de algum debate, por decisão do Instituto foram designados os dias referidos no decreto de 19 de Agosto de 1848, que sanccionou a resolução da assembléa geral legislativa; a saber: 25 de Março (juramento da Constituição), 7 de Setembro (independencia do Imperio), e o anniversario natalicio do Imperador: ajuntando-se a estes os do nascimento de algum principe ou princeza do Brazil.

Resolve o Instituto que o Sr. 1.° Secretario se dirija ao Archivo militar para examinar os importantes documentos geographicos sobre o Imperio que consta alli existirem; bem como que se remetta para aquelle estabelecimento uma collecção da *Revista trimensal*, e o mesmo a todas as bibliothecas publicas do Imperio.

Por proposta do Sr. Lagos determina o Instituto que se mande vir de Pariz para a sua bibliotheca um exemplar da obra modernamente alli publicada com o titulo de *Dissertation sur l'Atlantide*, por M. Jollibois, archeologo e geographo distincto.

É incumbido o Sr. 1.º Secretario de convidar ao socio correspondente Sr. coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena para escrever uma memoria, o mais circumstanciada possivel, sobre a toxicologia da provincia do Pará.

São approvados, para serem opportunamente discutidos como materia de ordem do dia, os tres programmas: 1.º De que meios se servem os indigenas do Brazil para marcarem o tempo? 2.º Quaes os animaes introduzidos na America pelos conquistadores? 3.º Quaes as principaes plantas exoticas que hoje se acham aclimatadas?

O Instituto admitte na qualidade de membros correspondentes os Srs. D. André Lamas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay; e Dr. Manoel Ladisláo Aranha Dantas, professor de pathologia externa na Escola de medicina da Bahia.

Achando-se a hora bastante adiantada, o Ill.mo Sr. Presidente levanta a sessão.

199.ª SESSÃO EM 14 DE SETEMBRO DE 1848.

Presidencia do Ill.mo Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre.

A's 5 horas e meia da tarde começa a sessão com a leitura da acta da precedente, que é approvada.

Expediente. — Officio do Ex.mo Sr. Antonio de Padua Fleury, presidente de Goyaz, remettendo um mappa do rio Vermelho desde a capital d'aquella provincia até confluir com o Araguaya, e por este abaixo até as proximidades da cidade do Pará, espaço por onde devem navegar os barcos de commercio; e que o offerecia ao Instituto, para cujo fim mandára desenhar, como signal dos bons desejos com que deseja concorrer para o progresso d'esta sociedade.

O socio effectivo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia apresenta uma memoria escripta no corrente anno pelo Sr. Manoel Rodrigues

de Oliveira, sobre objectos encontrados que corroboram a supposição da existencia de uma antiga povoação abandonada no interior da provincia da Bahia : trabalho enviado ao socio correspondente o Sr. dezembargador João José de Moura Magalhães a fim de ser communicado ao Instituto.

A Academia Real das sciencias de Munich, depois de offertar ao Instituto varias obras suas ultimamente publicadas, assim se exprime por intermedio do nosso consocio o Sr. Dr. C. F. de Martius, em carta por este dirigida ao Sr. Secretario perpetuo acompanhando o officio do presidente d'aquelle sabio congresso. « Permitti que eu tome a liberdade, em nome da nossa corporação litteraria, de vos manifestar quanto nos seria agradavel uma correspondencia seguida, e mutua troca de nossas publicações. O caracter cosmopolita das sciencias garante o proveito que d'isto resultará para ambas as partes, e o interesse particular que me inspira o progresso das sciencias no Brazil me obrigará a vos offerecer meus bons serviços para a acquisição de todas as publicações academicas de Munich, que quizerdes escolher segundo as indicações de nossos almanaks. Nossa Academia ainda não possue a *Revista trimensal*, periodico que seria acolhido com geral satisfação, attento o grande numero de documentos interessantes n'elle impressos. »

Resolve o Instituto : que o Sr. 1.° Secretario agradeça ao Sr. Fleury a sua preciosa offerta : que escreva tambem á Academia Real das sciencias de Munich, remettendo-lhe uma collecção completa de todas as publicações do Instituto, o qual com o maior prazer acceita a correspondencia proposta, e tanto mais que se acha bem compenetrado de quanto lucrará com ella : e que se dirija igual communicação ao Sr. Dr. Martius, rogando-lhe haja de continuar a brindar-nos com os seus importantissimos trabalhos sobre o Brazil.

Entrando em discussão o alvitre que se devia tomar ácêrca da memoria do Sr. Rodrigues de Oliveira, depois de ouvir a sua leitura, vota o Instituto que ella seja levada ao conhecimento do Governo Imperial, rogando-lhe se digne exigir da presidencia da Bahia todas as informações que puder alcançar a tal respeito; que se officie ao

dito Sr. Oliveira pedindo-lhe a continuação das noticias que fôr alcançando sobre tão importante objecto, animando-o a proseguir em suas laboriosas pesquisas, e fornecendo-lhe ao mesmo tempo todos os esclarecimentos que o possam coadjuvar n'esse empenho.

Approva tambem o Instituto que se officie ao Sr. presidente de Pernambuco a fim de se obter a collecção das defezas dos réos da rebellião que teve logar n'aquella provincia em 1817, documentos archivados na secretaria da presidencia: e que outrosim se procure alcançar a *Nobiliarchia Pernambucana*, existente no convento dos Benedictinos de Olinda.

Levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

200.ª SESSÃO EM 21 DE SETEMBRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas, aberta a sessão, é lida e approvada a acta da antecedente.

Expediente. — Carta do Sr. Francisco Raymundo Corrêa de Faria Sobrinho offertando ao Instituto um exemplar das *Memorias historicas* de Monsenhor Pizarro. — Agradecimentos.

O socio correspondente Sr. Dr. João Antonio de Azevedo faz donativo de uma collecção completa dos relatorios da Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro, dos estatutos da mesma com as assignaturas dos socios, da acta da sua extincção e liquidação, e do sello de que usava. — Recebido com especial agrado, e recolhido ao archivo do Instituto.

Leitura de uma memoria do Sr. Guilherme Schüch de Capanema intitulada: *Algumas observações ácêrca da influencia exercida pelos progressos do homem sobre a vegetação e o aspecto physiognomico dos paizes que elle habita.* — Á commissão de redacção.

É apresentada uma proposta para admissão de um membro correspondente na classe geographica. — Á respectiva commissão.

Occupa-se depois o Instituto na discussão de varios objectos economicos e concernentes a melhoramentos materiaes.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia da noite.

DOCUMENTOS OFFICIAES.

Declarações feitas pelo sargento Norberto Rodrigues de Medeiros sobre a abertura da picada para o Cuiethé mandada fazer e contractada pelo Sr. Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, presidente da provincia do Espirito Santo.

Tendo eu entrado pela terceira vez na cachoeira do rio Santa Maria, no logar vulgarmente chamado a Senhora do Patrocinio, a dez de Fevereiro de mil oitocentos e quarenta e oito, a minha sahida foi a vinte e dous de Maio do mesmo anno no quartel da Natividade, da provincia de Minas, e é commandante Constantino Lopes da Silva, e gastei na volta pelo Rio Doce, embarcado, onze dias, gastando na ida e volta tres mezes e vinte e seis dias. Entrei acompanhando um ribeirão chamado Crubixá Mirim pela encosta da grande serra da Malha, unico logar em que dá passagem esta serra a caminho do sudoéste e do oéste até chegar a um ribeirão, a que puz o nome de ribeirão de Bragança. Até este logar gastei dous dias por ter já picada aberta, e tem por calculo perto de duas leguas, e é o caminho de maiores difficuldades e que mais trabalho ha de dar em razão da supramencionada serra, e d'ahi segui a caminho de oéste-noroéste, subindo e descendo alguns morros até outro ribeirão que vinha do oéste para léste, e continuando no mesmo rumo, o qual nunca larguei, e só por dar passagem a algumas serras o largava, cheguei a outro terceiro ribeirão, a que puz o nome de ribeirão da Farinha, e

todos estes ribeirões e pequenos corregos são vertentes do rio Santa Maria, e muito boas matas; no fim de vinte e sete dias é que passei as cabeceiras do rio Santa Maria, e dá muito boa passagem em todo o tempo: a sua vinda n'esse logar é do sudoéste para nordéste, e d'ahi a sete dias atravessei as cabeceiras de Aldêa Velha, e tem muito pouca agua, e dá muito boa passagem em todo o tempo. Corre sua sahida a léste, e no fim de oito dias passando muito pequenos córregos, atravessei o rio Santa Joanna, e foi-me preciso seguil-o um dia a caminho de nordéste, por causa de duas serras que o acompanham, e na passagem de uma d'ellas avistei as torres da aldêa primeira do Botocudo, e é uma grande pedra que fórma em cima duas torres muito altas, de léste a oéste. Na descida d'esta serra se cortou gravemente um camarada, e foi-me preciso falhar muitos dias até melhoras, e quando pude fazer muito pequenas viagens cheguei á dita aldêa, aonde achei muitas bananas e mamões, e leva mais de quatro alqueires de planta de milho. As casas já cahiram, e só tem algumas paredes, e na distancia de legua e meia se acha a segunda aldêa, aonde encontrei muito que comer, bananas, batatas, aboboras e cana, e muita ferramenta guardada nas casas abarracadas e cobertas de cascas de páos, e tem quatro casas que acommodam os Botocudos, sendo mais de setenta, os quaes andavam caçando no mato, e ahi me demorei um dia para fallar-lhes, e não apparecendo, lhes deixei signaes por elles conhecidos, e leva esta aldêa mais de oito alqueires de planta de milho. Cheguei no fim de dous dias á terceira aldêa, na mesma occasião que chegavam os Botocudos, os quaes me fizeram muitas e muitas festas e rusticas ceremonias, e acompanhando-me todos por tempo de quatro dias, andando muito de vagar pela margem do rio Guandú abaixo até chegar a um grande ribeirão que vem da serra de José Pedro, e tem na barra um grande bananal, e por elle acima de uma e outra parte tem muita mamona, sem ser plantada, o que admira por não ter nas cabeceiras morador algum, e vir descendo por muitas serras altas, onde o Botocudo tira muito gravatá para comer; e d'ahi duas leguas, pouco mais ou menos, está o quartel da Natividade na margem do sul do Rio Doce, aonde fui bem

recebido, e os mesmos Botocudos pelo commandante Constantino Lopes da Silva, sendo este quartel da divisão da provincia de Minas com esta, e se communicam por terra com o Cuiethé, passando na quarta aldêa, na margem do rio Manuassú, e tem muitas plantações e criação de toda a casta, e é sempre habitada, e o capitão d'ella se chama Oheto Treto, é muito respeitado de todos da sua nação, até mesmo dos que moram nas tres aldêas pertencentes a esta provincia que ficam acima mencionadas. Mora n'esta divisão um preto forro chamado o pai Luiz, e o Botocudo o estima porque tudo reparte com elles, e n'essa quarta aldêa tem muitos Botocudos baptisados no Cuiethé, e por isso são amantes dos christãos; e por não ter mais cousas notaveis a expôr mandei fazer esta, que assigno a 14 de Junho de 1848. — *Norberto Rodrigues de Medeiros.*

Certifico, e é verdade, e dou por fé de juramento, commandante que sou do destacamento da Natividade, provincia de Minas Geraes, na margem do Rio Doce, que é verdade ter chegado o sargento Norberto Rodrigues de Medeiros a 22 de Maio, com dous camaradas e um Indio Botocudo em sua companhia, com uma picada aberta a facão, principiando na primeira cachoeira do rio de Santa Maria, no logar vulgarmente chamado a serra do Patrocinio, pertencente á provincia do Espirito Santo, o que me fez ver, não só pela sua pessôa, de mim bem conhecida, como por uma portaria do Exm.° Sr. presidente d'aquella provincia o Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, com gasto de caminho tres mezes e doze dias, e por me ser esta pedida pelo mesmo sargento para fim de mostrar a sua verdade affirmada: d'aqui para Cuiethé acha-se picada aberta.

Quartel da Natividade, 26 de Maio de 1848. — *Constantino Lopes da Silva*, commandante do quartel da Natividade.

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA,

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

N.° 12. — 4.° TRIMESTRE DE 1848.

NOTICIAS GEOGRAPHICAS

DA CAPITANIA DO RIO NEGRO NO GRANDE RIO AMAZONAS,

Exornadas com varias noticias historicas do paiz, do seu governo civil e politico, e de outras cousas dignas de attenção: dedicadas ao Imperador do Brazil o Senhor D. Pedro I pelo conego André Fernandes de Souza.

(Manuscripto autographo offertado ao Instituto pelo socio effectivo o Sr. conselheiro José Antonio Lisboa.)

DEDICATORIA.

Senhor.

Transportado do maior prazer, jubilo e contentamento, tenho a honra de comparecer genuflexo ao suppedaneo do excelso throno de Vossa Magestade Imperial, e busco confiado na incomparavel clemencia e piedade verdadeiramente imperial, de que Deus adornou o elevado espirito de Vossa Magestade, o amparo e protecção d'esta obra, que a minha solicitude emprehendeu, e ordenou o meu trabalho, sem outro fim mais que mostrar a utilidade e proveito que se póde vir a tirar da capitania do Rio Negro, quando chegue a hombrear com as mais provincias do Brazil, e patentear a Vossa Magestade a gloria

que lhe resulta de favorecer e ampliar com os seus imperiaes decretos os interesses temporaes e espirituaes d'aquella capitania. Sempre foi, Senhor, a beneficencia, entre as obras de piedade, a mais illustre e a Deus acceita, porque sómente o nome de *dar* sem mais nada nos diz a Escriptura que é maior bemaventurança, que o *receber;* porque esta unicamente, entre as acções de piedade e virtuosas, é que póde elevar o homem. Estas considerações, com a certeza de ser Vossa Magestade notoriamente propenso a favorecer a todos os seus vassallos, ainda os mais inferiores e pequeninos, que recorrem ao altissimo asylo de sua imperial protecção, animaram de sorte a minha humildade, que não quiz duvidar se seria ou não bem acceita de Vossa Magestade esta minha obra. Não seria, Senhor, fóra de proposito o tratar e referir a opinião abraçada de todos — de ser o numero dos gentios indigenas do Amazonas sessenta e duas mil almas. Não passando esta opinião de conjectura e probabilidade, avança a minha, pelo menos, a meio milhão, por averiguações que ex-professo fiz d'estes gentios, divididos em differentes tribus, no espaço de trinta e sete annos que me demorei n'aquella capitania exercendo o cargo de parocho, e depois de vigario geral pelo Sr. bispo actual do Pará, então bispo eleito. A' sombra do amparo e protecção que esperamos de Vossa Magestade receberáõ estas tribus o evangelho da paz, em que o Christianismo tem tido nos nossos dias um vagaroso progresso. Vossa Magestade ha de estabelecer, pela sua protecção, um marcial e eterno padrão, como me deixo gostosamente persuadir, em que a posteridade lhe dedique gloriosas inscripções. O motivo que tive de escrever esta obra, não sendo similhante empreza da minha profissão, foi não ter visto até o presente algum tratado, que désse com bastante individuação e copia noticias d'aquelle paiz, como agora o faço. Digne-se Vossa Magestáde, por sua imperial grandeza, de pôr os olhos n'esta obra com aquella attenção que pede a sua materia, e de me permittir que eu tenha a boa fortuna de ser um perpetuo orador das soberanas virtudes de Vossa Magestade, que Deus guarde, como todos os seus vassallos lhe desejam. — *André Fernandes de Souza.*

Prologo.

Humano e caritativo concidadão: aos teus olhos e do publico offereço este opusculo, em cuja formação despendi algum desvelo entre as minhas occupações, com o fim unico de te dar gosto. Não é o interesse nem a vaidade o movel que me dirige a escrever as noticias do Rio Negro, que tenho a honra de te offerecer. Não é, torno a dizer, a vaidade de me querer inculcar entre os meus patriotas; é sim o amor da patria, que vejo não só como desprezivel, se não conculcada, e o desejo que sempre tive de ser util, e de desempenhar as obrigações sagradas que qualificam o verdadeiro cidadão, quem me traz a apresentar nas suas beneficas mãos este pequeno esboço, que adquirí ocularmente no espaço de trinta e sete annos, ainda que com debeis idéas de conhecimentos, sem me lembrar que n'elle se devisa o cunho de pequeno e fraco talento: mas genios haverão mais capazes de desempenhar os meus intuitos, que são clarear devidamente o estado utilissimo d'aquella região, que a minha curta vista não poude penetrar, principalmente na mensuração das leguas e numero exacto da população dos habitantes, de que não fiz mais que uma conta approximada, attendida a sua diminuição presente. Digo approximada, porque não tive mappa de população para me guiar senão o antigo; assim não tive meios de o dar com exactidão arithmetica.

Quando o teu genio seja tão escrupuloso, que nem a fórma te agrade, nem a utilidade da materia me valha para escapar á tua austera censura, espero que ao menos attendendo ao referido fim e intento do meu trabalho me recebas com semblante benevolo e animo sincero, pois eu me cansei para te dar allivio e exemplo. Não ignoro comtudo que poderão haver genios tão implacaveis e mal contentes, que nem tenham respeito á esta minha allegada razão; por cuja causa, não ha duvida, muitos engenhos, ornados de grande erudição, deixam de pôr em publico os seus escriptos, que poderiam ser uteis não só á republica das lettras, mas ainda á

civil e ecclesiastica, além de temerem a critica severa d'aquelles que nada escrevendo, se oppõem aos escriptos de todos; porém eu d'estes criticos injustos não solicito a benevolencia, nem me é necessario buscal-a, quando todos geralmente abominam o espirito contraditorio d'estes referidos criticos, ou mais verdadeiramente murmuradores e detractores. E assim sómente fallo e dou conta do meu trabalho aos leitores humanos e caritativos, como protestei logo no principio do prologo, e aos engenhos doceis e maduros, de quem com razão espero condescendencia e acceitação para esta obra. O que supposto, quero te dar conta dos motivos que tive, e do mais que na sua textura tenho obrado.

Varias são as razões que me incitaram a emprender este trabalho, que não é da minha profissão, ainda que pela materia da obra me seja mui propria a diligencia com que indaguei e procurei saber tudo quanto diz respeito aos Indios gentios e crioulos indigenas dos sertões do Amazonas, e quanto pertencia ao genio, costumes, religião e naturalidade d'esta gente, que até agora tem sido problema indissolvido, e a localidade d'aquella região; pois occupei muitos annos o cargo de parocho em varias igrejas d'aquella capitania, e depois nomeado vigario geral até agora pelo Sr. bispo do Pará, sendo nomeado bispo eleito então. Declaro-te que não sou o principal auctor das noticias corographicas do Rio Negro, principalmente da sua localidade; tudo quanto ellas contém me foi communicado por um amigo muito instruido na astronomia, o tenente coronel engenheiro Euzebio Antonio de Ribeiros, deputado das demarcações entre Portugal e Hespanha no Rio Negro, a quem devo render sincera homenagem de agradecimentos; e se lhe der o que lhe pertence, pouco me vem a ficar.

Moveram-me porém, como dizia, a offerecer-te as muitas noticias que tenho alcançado duas razões não pequenas, que foi o amor do proximo e o zelo da patria: este me obrigou, e aquella diz o meu animo, para expôr-me a tanto trabalho sobre os das minhas occupações continuas. A caridade do proximo, que nasceu comigo, cresceu e augmentou-se com os annos da minha idade, não póde ficar em

um criminoso silencio; silencio reprehensivel em objecto de tantas consequencias, e que attrahiria sobre mim a maldição de Deus e dos homens, á vista da oppressão e vexames que se tem praticado com os habitantes d'aquelles districtos, tanto brancos como Indios, com tanto estrondo de diminuição da população, que não deixará de enternecer o coração de Sua Magestade Imperial com affectos de compaixão: quanto mais que sendo Sua Magestade popular no Brazil, o minimo facto acontecido nas suas provincias lhe é de summa importancia o saber, e não occultar-se-lhe; mórmente a despopulação de uma provincia que lhe é tão interessante, a a causa de sua total desgraça.

E para te dar informação de tudo o que diz respeito a esta nova provincia repartí o meu tratado em duas partes, e estas divididas em paragraphos para te não cansar a vista. Na primeira descrevo o vasto terreno d'aquella região com todas as preciosidades, raridades e interesses que n'ella ha; e na segunda o genio, costumes e naturalidades dos seus habitantes, e o seu governo politico e militar. E se alguma cousa vires que te agrade do meu trabalho, peço-te humildemente que me encommendes a Deus.

---

1. A providencia do Altissimo, que com incomprehensivel sabedoria creou todas as cousas sublunares, rege e as conserva, fez nobres e celebradas varias regiões com abundantissima copia de fructos e plantas raras: assim vemos a capitania do Rio Negro, novamente erecta em provincia pela condecoração de nomear os seus deputados ás côrtes de Lisboa em 1821, que trazendo á memoria a épocha da sua creação, as preciosidades do seu paiz, os meios faceis para o seu augmento, e a extrema pobreza em que está, se deve considerar pela mais desgraçada de todas as provincias da America Portugueza.

2. Foi fundada por missionarios com titulo de doação, das ordens monachaes que houveram, e de outras que ainda existem

na cidade do Grão-Pará. D'este modo quasi toda composta de gente indiana, assim sahida do seu berço, elevou S. M. El-Rei e Senhor D. José I, de saudosa memoria, as missões a villas e logares governados pelas leis do Directorio, feitas por homens eruditos, que sendo tão appropriadas ao genio dos Indios, a maior parte ainda selvagem, lhes serviu de muito para a sua propagação e prosperidade. Sendo comtudo este methodo de regencia incompativel á sua civilisação e susceptivel de muitos abusos, pois não se viam nas commandancias e directorias senão harpias e sanguesugas da avareza, foi abolido com execração.

3. Se os missionarios eram escandalosos em fazer reverter com demasia em proveito seu e das suas religiões o producto do trabalho dos Indios, não menos eram os directores e commandantes militares. Aquelles utilisavam-se a titulo de fazerem os descimentos á sua custa; estes, está visto, por preces importunas, que eram bastante para subverter a ordem das cousas, com que fizeram gemer os habitantes das villas e logares.

4. Amazonas, rio celebrado por todos os escriptores e avidamente appetecido dos Hespanhóes: de agua branca, caudaloso, magestoso, alegre e sadio. Caudaloso por sua profundidade, pois por elle podem navegar escunas, brigues, até galeras, em seis mezes de anno, até a divisão d'este Amazonas com o Rio Negro. Magestoso por sua largura, que, se não tivesse tantas ilhas, ainda seria mais temivel aos navegantes. Alegre pela numerosa multidão que tem de aves de toda a especie, como gaivotas, garças, araras, papagaios, periquitos, e todos estes de diversas qualidades, que divertem e encantam com a melodia do seu canto. Sadio pela agua que se bebe e ar que se respira.

5. Tem o seu nascimento nos Estados da America Hespanhola, e sua barra no Cabo do Norte, abaixo da praça de Macapá pela parte do occidente, e dista da ponta da Tigioca da parte do oriente 57 e meia leguas, fixando em si a grande ilha de Joannes, que circula com os seus profundos furos de Tajupurú, que dão passagem a qualquer embarcação que não seja de alto bordo em toda a estação do anno.

Provincia do Rio Negro.

6. Não posso eu mesmo aspirar a preencher a vasta extensão do meu assumpto, e decifrar pelas luzes obscuras da minha fraca razão o que poderiam vir a gozar de riquezas e de delicias os habitantes da provincia do Grão-Pará se a do Rio Negro, favorecida dos magistrados, estivesse em sua prosperidade, porque é verdadeiramente emanação sua e parte integrante.

Principia o seu districto, em que se divide do Pará, desde os Parintins, que é registo e destacamento militar, sito na planicie de um alto monte com bella vista, com algumas casas cobertas de palha que servem de armazem, até confinar com os Estados da America Hespanhola.

7. Sendo toda a extensão d'este opulento Amazonas e dos mais rios seus adjacentes vestida de soberbas florestas, tanto as varzeas baixas como as partes altas, offerece a prodiga natureza ao habitador um thesouro nas suas abundantes e preciosas madeiras, não só capazes de construcção, senão madeiras finas, das quaes a maior parte ainda são desconhecidas, e outros vegetaes quasi innumeraveis, assaz nunca observados por algum perfeito conhecedor, que offerecem á physica e á chimica milhares de productos perfeitamente ferteis, já nos seus succos nutritivos, já em seus fragrantes aromas e balsamos tão finos como delicados. Sem embargo de virem em 1819 os doutores coronel João Spix e tenente-coronel Carlos Martius, ambos membros da academia de Munich, por mandado do soberano, occuparem-se n'esta analyse, em abono da verdade devo dizer que parece não satisfizeram o meu gosto, por não penetrarem as matas, mas só as capoeiras em redor das povoações, aonde se não descobrem senão vegetaes insignificantes, pela pressa com que estavam.

8. Não descreverei aqui a vastidão do terreno que os rios cortam com os seus multiplicados braços, e que facilitam a navegação do interior; só noticiarei dos mais conhecidos rios navegaveis em todas as estações do anno: como tambem innumeraveis lagos centraes, a

maior parte ainda desconhecidos dos homens brancos, que são outros tantos viveiros de peixes, caças e aves, não descreverei por seguir uma escripturação laconica.

9. A distancia dos Parintins, que está á margem austral, até Villa Nova da Rainha, é de quatro e meia leguas. Foi fundada esta missão por José Pedro Cordovil em 1786 com o nome de Villa Nova da Rainha, composta de gentios Sapupés e Maués, e depois accrescida sua população com os gentios Paraviana e Uapixana, trasladados das povoações da Conceição, Santa Maria Velha e S. Felippe do Rio Branco pelo Sr. Gama, por terem perpetrado a morte de dous soldados de infantaria, e até agora ficaram as ditas povoações despovoadas.

10. Villa Nova da Rainha está á mesma margem austral, em uma bella planicie, que é missão até agora, em que está o quartel dos commandantes de registos. O sitio não só é capaz de ser uma grande villa, senão uma cidade populosa pelo terreno alto e enxuto. Seus portos do mesmo modo admittem a construcção de um bello arsenal. Sua população, a que se tem unido grande numero de familias brancas, é de 1,700 almas, que se occupam nas fabricas dos tabacaes e outros plantios, como cacoaes e cafezaes. A sua igreja, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, com bons ornamentos, necessita de reparo, e d'ella é missionario o reverendo Fr. José Alves das Chagas.

11. No intervallo dos Parintins e Villa Nova, á mesma margem austral, fica o primeiro furo do rio Madeira, denominado Tupinambaranas. Este furo tomou o nome dos Indios Tupinambás, dos quaes houve uma grande aldêa no lago chamado Uaycurapá, que fica dez leguas acima da sua barra, á parte oriental, como se deixa ver pelos monumentos do sitio, que são os fragmentos de louça; de cujas reliquias pretendem os Indios d'este Estado derivar o seu idioma privativo, que elles chamam sua lingua vernacula. E com effeito entre os crioulôs d'este Estado é geral, por cujo motivo me foi necessario aprendel-a, sendo parocho no Rio Negro, para poder confessar, principalmente as Indias, que não sabiam a lingua portugueza.

12. Não devo abonar de infallivel a asserção da tradição d'ella; comtudo persuado-me que se não póde desprezar sem temeridade um facto revestido de todas as verosimilidades, uma tradição attestada e conservada entre elles todos por participações dos seus maiores; pois não consta que nação alguma, em seu idioma expressivo, anteponha os genitivos aos nominativos; como quando dizem—Mãi de Deus—*Tupána* (Deus) *maya* (mãi). Os pronomes eu, tu, elle, *iché*, *indé*, *ahé*. Os adjectivos d'estes mesmos são: *sé*, *né*, *i*. Algumas vezes a pronuncia aspera, outras suave. O ponto de admiração é com *i* vogal, e o nome substantivo *agua* com *y*: um profere-se na bocca, outro nas guelas.

13. Note-se de caminho, que sendo uso nos escriptores que descrevem geographicamente o terreno de qualquer paiz sempre principiarem a descrevel-o do nascimento e origem dos rios, não me é n'isso possivel imital-os, e principiarei a descrever onde acaba a comarca do Pará no Amazonas e principia a do Rio Negro, que são os Parintins. D'este modo continuarei marchando rio acima.

14. A viagem deve fazer-se por esta mesma margem austral, por evitar os caldeirões que estão em outra margem opposta; e vencidas quatro leguas, se chega ao furo superior de Tupinambaranas. D'este, ou pouco mais acima, se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insipida, cheia de ilhas e correnteza, e em rio vasio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha. D'este sitio principiam os moradores da villa de Silves a terem seus cacoaes, cafezaes e tabacaes, e d'aqui tambem principiam as praias em que desovam as tartarugas de agua doce, mui saborosas na comida.

15. Estas, nos principios de Agosto, Setembro e principios de Outubro, conforme a ordem da Providencia, se ajuntam nas praias para se multiplicarem, sahidas dos lagos e matos baixos; vão ao fundo em tempo de cheia, e se nutrem de hervas e fructas annualmente. Nos dias de sol quente sobem ás praias a enxugar-se (dizem, para fecundar os ovos), e depois voltam ao rio pela volta da tarde. Nos fins de Outubro sahe a tartaruga-mestra, que é uma

d'ellas, a vêr o terreno da praia mais enxuto aonde ella e as mais hão de pôr os ovos, a que chamam taboleiro. Cada uma de per si faz a escavação no terreno assignalado, de quatro palmos de fundo, pouco mais ou menos, e com o rabo fórma uma semelhança de panella na arêa já movida pela escavação, em que deposita os seus ovos, em numero de cento e setenta e cento e noventa, conforme a grandeza d'ella; e depois de os cobrir muito bem, calcando o ninho com o peito, no outro dia ou no mesmo, com o movimento da arêa pelos veritos, já se não conhece que alli hajam ovos. Conhece-se em uma praia o logar do taboleiro pelos altos e baixos, pois jámais fica no nivel em que a vasante do rio a deixou.

16. D'estes ovos se servem os habitantes e muitos concorrentes da comarca do Pará para a fábrica de manteigas, mui excellentes para tempero da panella e para a luz; dos quaes fabricam-se annualmente muitos milhares de potes, que faz accrescer as finanças da provincia com os dizimos. Apezar de ser uma praia mui bem vasculhada dos ovos, no meiado de Dezembro principiam as tartaruguinhas a sahirem das cascas, tão espertas e ligeiras a buscarem o rio que custa a apanhal-as. Sahem das covas na escuridade da noite por evitarem de serem comidas das aves, como o corvo, jaburú, tujujú, garça e outros. Porém não evita o seu instincto natural de serem comidas dos peixes, que estão nas margens á espera d'ellas. São saborosas, porém é preciso comer-se uma duzia d'ellas para ficar satisfeito. Esta narração exotica era escusada porque todos a sabem, principalmente os que tem subido ao Rio Negro. Escrevo-a por curiosidade.

17. É cousa admiravel a quantidade de peixes grandes e pequenos que encostam n'estas barreiras do Cararaucú nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro, em que os grandes comem os pequenos que acabam de sahir dos lagos com a vasante do rio. Nos lagos d'este districto é que se acha e apanha o *peixe-boi* de manteiga ou de azeite, o qual só differe dos ordinarios no tamanho. Ha peixes d'estes que rendem vinte e mais potes de azeite. Tem tanta gordura ou toucinho que quasi se lhe não percebe carne, e são mais saborosos que os outros ordinarios. Tambem ha tradição que um pescador da

villa de Obidos apanhou n'este mesmo districto um, de que tirou quarenta potes justos de azeite.

18. De Cararaucú se costeia ao mesmo norte, e vencidas quatro leguas se chega ao rio Uatumá de agua preta. Suas margens são terras firmes, e n'ellas existe muita madeira fina e de construcção. Boas terras de lavoura e bons portos e praias de arêa branca. Dez leguas por elle acima estão os rios Jatapú e Capucapú, tributarios ao Uatumá com as suas aguas. Este ao nascente e aquelle ao poente, e todos elles derivados das serras que formam a cordilheira ou cadêa da Guyana.

19. Todos estes rios são abundantes de páo-cravo, e os seus centros habitados de muitas nações gentilicas. As mais conhecidas são Aruaquís, Terecumá, Seday e Pariquí. Parte d'esta tribu ultima tem povoação na barra do dito Jatapú. Os seus principaes tem-se empenhado por um sacerdote para seu missionario com as auctoridades civis e ecclesiasticas; o que não tem conseguido por falta de ministros n'aquella provincia.

20. Duas leguas acima da barra d'este está uma ilha no meio do rio, aonde tem uma legua de largura, que serve de dormitorio aos papagaios bravios, que se matam a cacete e se apanham á mão como mansos. Não me mereceu primeiramente isto credito, por me parecer impossivel apanharem-se d'este modo umas aves tão ariscas e tão extensas no vôo; mas eu mesmo apanhei e matei. Estando esta pequena ilha distante de parte a parte dos dous lados, em que de tarde se ajuntam paulatinamente os bandos, ás seis horas, quando já com o seu vôo não podem vencer a terra dos lados, se deixam ficar como mansos.

21. Sendo innegavel que o Amazonas seja em tudo tão fertil, aprazivel e abundante, e as suas terras quer varzeas ou altas tão fecundas e productivas para todo o genero de plantio, é por contradicção abundantissimo de varios insectos que affligem o homem, como são carapaná, mutúca e piúm. O primeiro só de noite, e os dous ultimos só de dia. Comtudo o primeiro, havendo a providencia de ter casas fechádas para dormir, e os ultimos havendo cobertura, pouco damno fazem ao corpo. Estes insectos não se estendem mais que

nas margens do Amazonas; já nos rios filiaes, lagos e matos retirados se não sentem: esse foi o motivo porque os antigos missionarios fundaram as aldêas em rios de agua preta.

22. Navegando da barra do Uatumá oito leguas está o furo do Saracá, que sahe ao Amazonas, e ao lado fronteiro d'este furo fica o furo terceiro do rio Madeira com o nome de Maués, por onde tambem se póde entrar no rio d'este nome. Antes da sua entrada fica a praia dos Ramos, e mais abaixo a do Bejuaçú, em que desovam as tartarugas. Querendo-se ir a Silves, que está á mesma parte do norte, se entra pelo furo Saracá, que é bocca de dous lagos grandes chamados Canacaré e Macuará, e depois de passadas quatro leguas se chega a Silves.

23. Villa de Silves, situada em uma ilha grande e alta, rodeada de lagos de agua preta e distante do Amazonas quatro leguas, abundante de peixes e aves. Sua igreja, espaçosa e coberta de telha, porém muito destituida dos ornamentos sagrados. Sua invocação é o mysterio da immaculada Conceição, e o seu parocho é o reverendo Fr. Elias, religioso carmelita. Seus edificios são menos máos, com a população de 1,800 almas, que subsistem dos seus tabacaes, cacoaes, cafezaes e salgas de peixe. Tem dous furos que sahem ao Amazonas, além do mencionado Saracá, que communicam com Serpa.

24. Um dos grandes lagos em que está situada a villa de Silves é o Macuará, indicado no § 22: tem o furo chamado Arauatá, que sahe ao Amazonas duas leguas acima da villa de Serpa. N'este furo desaguam os rios Anibá e Oruby. Este célebre pela populosa aldêa que em outro tempo teve das nações Aruaquí e Pariquí, administrada pelos religiosos mercenarios; e se extinguiu fugindo os Indios seus habitantes, depois de matarem o seu missionario, o reverendo Fr. João das Neves, animados do espirito de rebellião e a impulsos da sua natural inconstancia na firmeza da sua fidelidade. O resto se encorporaram á villa de Silves, em que ainda existe a sua posteridade.

25. Dizem todos estes Indios que este rio desce tambem dos montes da cadêa ou cordilheira da Guyana, e que das fontes d'este mesmo dizem haver outro, que desagua na costa do Suriname.

Tambem é constante serem os seus centros habitados da nação Aruaquí. N'este rio e do Uatumá é onde se cortam as madeiras finas pintadas a que chamam *Myra-pinima*, de que se fazem aceiados e esplendidos catres, commodas, cadeiras e mais obras fabrís.

26. Do furo Saracá, no § 22, se ha de vencer oito leguas até á villa de Serpa, sita á margem do Amazonas e á mesma parte do norte, em um sitio a que chamam Itáquatiára, que quer dizer em portuguez *Pedras pintadas*. Com effeito estas pedras, que são lages mui grandes, tem pinturas como feitas á mão, porém são naturaes. O terreno da villa é espaçoso, em que se póde fazer uma villa populosa. Aqui tiveram os padres Jesuitas uma pequena igreja, ornada de muita prata, que se mudou dos Abacaxís. Dizem os Indios antigos que enterraram as alampadas e os castiçaes, que eram muitos, e só deixaram um crucifixo grande, talvez por ser unico; porém ignora-se o logar aonde enterraram. A igreja que agora existe está meia acabada com cobertura de palha, que causa aos moradores suóres para a cobrirem de tres em tres annos; a sua invocação é Nossa Senhora do Rosario, e o seu parocho interino é o reverendo Nuno Alves do Couto. Apezar de ser, como disse, o terreno bonito, os edificios são insignificantes, á excepção de poucos. Sua população é de 800 almas. Subsistem estes moradores dos seus tabacaes, de manteigas que fabricam e salgas de peixe.

27. Em distancia de duas leguas de Serpa está o furo do Arauató, indicado no § 24, e defronte d'este furo está o grande rio Madeira na margem opposta, em 3 gráos e 25 minutos austral, que desce do sul ao norte. Os rios Beni e Inym, que confluem no Mamoré, formam o verdadeiro rio Madeira. Na sua margem oriental desaguam os rios Aripuâna, Mataurá, dos Marmellos, Arara-paraná, Unicoré, Uruponí, Giparaná e Jamarí. E á parte do sul Guatazes, Matupirí, Capaná, Uarapirá, Carapanatuba, e outros muitos riachos e lagos que todos n'elle confluem, e lhe são tributarios com as suas aguas.

28. Todas as suas margens, e de seus filiaes, são cacoaes de natureza. Tem muita salsaparrilha e páo-cravo. As nações gentilicas

que n'elle habitam são: Arára, Marupá, Pama, Turá, Matanáy, Urupá, Tucumá, Mauí, Cauripúna, Yuquí, Yauariteuára e Mura. Devemos confessar que o rio Madeira, sem contradicção, não está descoberto senão na superficie das suas margens, e não dos seus adjuntos. Desde seu descobrimento pelo major João de Souza, que facilitou a communicação do Pará com Mato-Grosso, por este rio sempre houveram hostilidades e perigos da parte do gentio Mura; e de mais a mais as carneiradas de sezões, que dá nos que não estão habituados ao clima, como prova o pouco progresso que tem tido a colonia do Crato, prova a minha asserção; e por consequencia ignora-se as raridades e preciosidades que n'elle póde haver. Sem embargo de ter feito por elle o Dr. Alexandre naturalista a sua derrota ao Mato-Grosso, cujo resultado até agora ignoramos, analysaria as suas margens, e não dos seus filiaes.

29. A agua d'este rio é branca como do Amazonas, mui abundante de peixes e de insectos de carapaná. Não é largo, mas fundo e de correnteza precipitada; de modo que a viagem que se faz em dez dias por elle acima, se faz para baixo em vinte e quatro horas. Em distancia de trinta leguas da sua barra está a villa de Borba, á margem oriental, em uma planicie agradavel e saudavel. Os seus edificios, pela maior parte cobertos de palha, são bons. Sua igreja com a invocação de S. Antonio de Padua, coberta de telha, boa e espaçosa com bons ornamentos. Agora está vaga de parocho. Foi populosa em outro tempo; agora está despovoada de Indios e Indias, pela requisição dos serviços reaes, pois apenas conta na sua população mil almas, a maior parte moradores brancos. Estes subsistem da fabrica dos tabacos, cafés, manteigas, salgas de peixe e cacáos colhidos nos cacoaes, que naturalmente crescem.

30. Na margem oriental, entre a sua barra e a villa de Borba, fica o furo indicado no § 12, em que desaguam os rios Maués, Canumá e Abacaxis. Os seus centros são habitados de varias tribus gentilicas de differente linguagem. Os mais conhecidos são: Sapupé, Turucú, Caripiá, Mandurucú e Parintintim, dos quaes só o Parintintim é anthropophago, com a cara e pulsos riscados de preto, que é

a divisa da sua nação. São aborreciveis d'estas mesmas nações, que os tem por escravos, talvez por serem comedores de carne humana. Dizem que são immensos no centro do seu domicilio, aonde os outros não podem chegar senão com perigo de serem devorados

31. A missão do rio Maués foi erecta pelo morador José Rodrigues Preto no anno de 1792, composta por algumas familias acima ditas, a que se aggregaram varios brancos: é constante a sua população de 1,500 almas, que vivem dos seus tabacos, roças de mandióca, e fábrica de bello *guaraná*. A sua igreja é coberta de telha, e os mais edificios de palha. Sua invocação é a immaculada Conceição de Nossa Senhora. Não tem tido missionario; porém supre a sua falta o reverendo João Pedro Pacheco, que está em sua capella no lago do Maçaurí, em distancia de quatro leguas da missão. É constante nas cabeceiras d'este rio haver mineraes de ouro, como se deixa ver das escavações que alli se fizeram; porém ignora-se quem fosse o escavador, e a quantidade do metal que se tirou.

32. A missão do Canumá foi fundada pelo Indio Mathias, mestre ferreiro e capitão de Ligeiros, logo depois que a nação Mandurucú se congraçou comnosco, por idéas subtís do Sr. governador Gama, como adiante exporei. Foi pessoalmente aos lares dos ditos gentios, e com dadivas alliciou seus animos, que os trouxe a formar a missão do Canumá, composta de mil e oitocentas almas, a que se tem ajuntado não pequeno numero de familias brancas. Fizeram a igreja á sua custa, com a invocação do Novo Carmelo, coberta de telha, e grande á proporção do povo. Os moradores brancos subsistem dos seus cafezaes e tabacaes, e os Indios occupam-se em roças de mandióca e extrahir dos matos os cravos e salsa. Seu missionario é o reverendo Jezuino.

33. O rio Abacaxis é celebre pela populosa aldêa que em outro tempo n'elle tiveram os padres Jesuitas, que não podendo supportar as hostilidades do gentio Mura se mudaram para Serpa, como se disse no § 26. N'elle só está estabelecido um morador, Manoel Ferreira de Faria, com o seu gentio que trouxe do rio Jupurá.

34. Em distancia de cinco leguas acima de Borba está o furo

dos Guatazes, por onde se communicam os gentios Muras com os outros d'aquelles lagos, como se dirá quando d'elles se tratar, que está ao lado do sul. D'este ponto, vencidas mais cinco leguas, se chega ao Guajaratûa. D'aqui vencendo uma grande enseada a cinco leguas de distancia está o sitio do Matamatá, que tudo fica ao sul. É preciso passar o rio ao nascente, e vencer seis leguas para chegar ao Sapucaiarôca, que significa gallinheiro; talvez assim chamassem esta aldêa do gentio Mura por se ter n'ella comprado muita gallinha, das quaes são as aldêas gentilicas abundantes.

35. Do Sapucaia, em distancia de sete leguas, está o rio Aripuâna indicado no § acima, que desagua no Madeira, em um furo d'este mesmo nome Aripuâna: no Rio Negro chamam *paranamirí* os furos dos rios. Este rio de curso muito central, e de agua preta, é povoado de gentio Mura até certa altura; e depois dos outros gentios de diversas nações, segundo consta.

36. Da barra d'este rio se vencem seis leguas para chegar ao Severino, que é um dos principaes da nação Mura, de quem a sua populósa aldêa tomou o nome. É chefe d'esta nação, mui affeiçoado aos brancos. Este na sua infancia foi solemnemente baptizado na villa de Borba com outros muitos, chefe de uma grande aldêa defronte da ilha dos Mandiís.

37. Navegando d'aqui cinco leguas se chega á barra do rio Mataurá, ou Matuará, como outros dizem. D'aqui outras cinco leguas se chega ao riacho Aiatínga, que todos ficam ao nascente. De Aiatínga se passa ao lado opposto do sul, e passadas seis leguas se chega ao riacho Matupírí, aonde está uma grande aldêa do gentio Mura com roças de manivas em terras firmes. De Matupirí, em distancia de seis leguas, está o sitio de Jatuaráná, que tambem é aldêa dos Muras. D'aqui outras tantas leguas se chega á barra do rio Unicoré.

38. D'esta barra a quatro leguas está o sitio do Capaná: são barreiras altas, e aldêas de gentio Mura. Vencidas mais seis leguas, se chega á barra do rio dos Marmellos, de curso mui central ao nascente. D'aqui vence-se, passadas cinco leguas, a povoação dos

Baetas, que é aldêa dos Muras, em cima de barreiras á parte do sul. D'aqui, em distancia de seis leguas, se chega ao lago do Antonio, que é habitação do gentio Mura, contigua ao rio Madeira, á parte do nascente. Do Antonio, passadas outras tantas leguas, se chega ao Carapanatuba, que é bocca de lago assim chamado talvez por ser abrigado d'estes insectos de carapaná por ser de agua preta. Do Carapaná, vencidas mais cinco leguas, se chega ao Piraiauára, depois de passar a aldêa das Tres-Casas, que é habitação de Mura. Tem sómente tres casas, aonde moram muitos centos de familias, por conseguinte mui grandes. D'aqui vai-se ao riacho dos Purús, depois de passadas quatro leguas, que é riacho mui central, á parte do sul, e que dizem ser communicavel com o grande rio Purús, que desagua no Solimões, não immediatamente, mas vencendo um pequeno isthmo de terra, como mostra o facto seguinte.

39. No anno de 1808 fugiram algumas familias de ciganos, que de Portugal vieram para povoadores do Crato, e conduzidos pelo gentio Mura por este riacho se passaram ao Purús, e d'este ao Solimões, seguindo por elle acima até á barra do Jupurá; e seguindo por este, deram comsigo em S. João do Principe, aonde acharam guia, que lhes mostrou caminho, por onde se passaram á America Hespanhola.

40. D'aqui, vencendo-se quatro leguas, se chega a S. João do Crato, com o nome de Colonia Nova, mandada formar pelo general D. Francisco por ordem da côrte, a fim de facilitar-se a correspondencia com Mato-Grosso e Goyaz. Primeiramente esteve esta colonia na barra do rio Jamarí; porém pelas contagiões de sezões se mudou para o Crato, sitio nobre por muitas attribuições do terreno; sendo planicie, é arejado dos ventos. Em menos de duas leguas ao centro se descobrem campos interminaveis, cortados de muitos riachos, em que se tem visto cervos, corças, lebres, coelhos e perdizes, e se tem matado lobos e outros animaes da Europa, além das mais caças proprias do paiz. Dizem que estes campos são communicaveis com os do Purús, ou antes emanação sua. O clima é

sadio, pois vê-se entre o Mura e outros gentios muita propagação. Se o Sr. Gama tivesse todo o conhecimento dos campos do Purús e do Crato; certamente alli fundaria antes fazendas de gado vaccum, do que no Rio Branco, que tem a difficuldade de cachoeiras.

41. Os novos colonos eram ciganos e outros malfeitores, que tirados das cadêas foram alli lançados com grande deshumanidade; pois nem as primeiras choupanas se lhes fizeram. Estes homens, pouco habituados á agricultura do paiz (de que deviam subsistir), expostos assim ás inclemencias do tempo, entregues a commandantes militares, que os faziam dormir entroncados no armazem e suas espozas em outro, talvez com receio de que fugissem, expostos uns e outros a nuvens de carapaná, sem pão, sem sustento e sem vestuario, morriam aos pares ao desamparo, e o resto se dispersou por toda a provincia.

42. Quando se entregou aos Africanos a praça de Mazagão, e se destinou o paiz do Amazonas para habitação d'aquelle nobre e illustre povo, mandou-se-lhe formar uma habitação, com o nome de villa de Mazagão, com uma bella igreja e commodas moradas, e depois se lhes proveu as suas primeiras necessidades; áquelles pelo contrario. Serve este facto, ao meu ver, de uma grande lição. Se com as despezas inuteis que ahi consumiram, fizessem descimentos de gentios, em cujo centro está esta colonia, e os tratassem com humanidade, e convidassem alguns homens brancos, com isenções e privilegios, seria hoje uma colonia famosa. Conserva-se alli mui pouca gente, e algumas praças militares com seu commandante, que é um official inferior, isolada pela longitude.

43. Do Crato distante seis leguas está o riacho Maisí, habitado da nação Turá, que fica ao nascente. D'este passadas mais seis leguas se chega á outro chamado Aponeão, que tambem fica ao nascente. D'aqui seis leguas está a ilha e praia do Tucunaré, d'onde principiam as tartarugas a desovar: e vencidas mais sete, está a ilha dos Marinins. D'esta é a navegação perigosa pelos madeiros, pedras e terras cahidas, que tem de passar-se. D'esta vai-se

á ilha das Guaribas em distancia de sete leguas; e d'esta, vencidas seis, se chega ao rio Jamarí, em cuja barra se fundou primeiramente a colonia, que depois se mudou para o Crato, que fica ao nascente.

44. É um grande, excellente e bello planiço, com bellos portos e praias de areia branca, cuja agua é preta do Jamarí, aonde se enterraram muitos centos de seus povoadores, pelos motivos acima indicados. N'estes sitios ha terrenos onde concorrem grande numero de todas as especies de caças do mato, talvez por acharem a terra salgada. Este rio, como todos os mais que desaguam no Madeira, é de agua preta.

45. Navegando do Jamarí, e seguindo á mesma margem, depois de passar quatro leguas se chega á ilha e praia do Mutum; e passadas mais sete leguas, está a grande praia do Tamanduá. Seu comprimento é de meia legua, e de largura á proporção. E' de dous mil potes de manteiga. Se os gentios dos matos não espantassem as tartarugas no tempo da desovação, se fabricaria o duplo d'este numero.

46. D'aqui passadas quatro leguas vai-se á cachoeira dos Macacos. D'aqui principiam as pedrarias, cachopos e cachoeiras, tanto mais perigosas, quanto parecem despreziveis. Em distancia de tres leguas está a de S. Antonio, e passadas outras tantas leguas se chega ao salto Theotonio, que é intransitavel por mar; por cujo motivo se passam as canôas por terra, por meio de machinas, auxiliando ás mais das vezes o gentio do mato estas operações, attrahidos dos premios que se lhes dá.

47. N'este sitio intentou o Dr. Theotonio de Gusmão, em outro tempo, formar uma povoação, com o mesmo fim de facilitar a correspondencia das tres provincias Pará, Mato-Grosso e Goyaz. Mas faltando-lhe os meios para alliciar os animos dos Indios, e o systema jesuitico para os conservar sujeitos, tudo se dispersou, e talvez houvesse descuido de pedir soccorros extraordinarios por meio da oração humilde.

48. Do salto Theotonio é necessario vencer-se trinta leguas

para chegar ao salto Giráo. É chamado assim porque tem de construir-se giráo de madeiras, capazes de sustentar o peso das canôas puxadas á mão, nivellado de tal modo que facilite o transito. D'aqui vai-se aos Morrinhos; dos Morrinhos á Bananeira; da Bananeira ás Pederneiras; das Pederneiras ao Caldeirão do Inferno; do Caldeirão ao Paredão. Todas estas cachoeiras, em que se varam as canôas por terra puxadas á mão, distam do Theotonio doze leguas até o Paredão. Do Paredão, em distancia de cinco leguas, está a barra do rio Mamoré, indicado no § 28 e n'este mesmo sitio tem barra o rio Uapuré, em que está o Forte do Principe, a que chamam Ribeirão, que serve de barra a Villa Bella, capital da provincia de Mato-Grosso. É tão nociva a agua d'este rio aos corpos, que é preciso aos remeiros, que tem diariamente as mãos e pés molhados, lavarem-nos em urina á noite quando descançam para se preservarem de chagas. Quando isto causa no exterior, que fará no interior? d'ella mesma uzam na bebida.

49. Tornando a seguir a margem do Amazonas pela parte austral, e passada a distancia de uma legua, está a barra principal dos lagos dos Guatazes, indicados no § 34 da descripção do rio Madeira, celebres pelas terras firmes e varzeas singulares para qualquer genero de plantio. Sendo quasi todo o paiz do Amazonas assaltado de formigas, a que chamam *issaúbas*, que destroem alguns generos de plantios; nas terras firmes dos Guatazes não consta em tempo algum ter havido issaúbas, nem outro qualquer insecto. N'estes lagos tem-se fabricado muitos milhares de arrobas de peixe. Sempre foi habitado de gentio Mura, que tendo a mesma linguagem, se communicam com os dos rios Madeira e Solimões por furos, á que chamam paraná-miri. São estes gentios atilados pescadores, e para fazerem as salgas; infatigaveis e de espantosa privação.

50. Sendo esta nação Mura bellicosa, conservou-se comnosco sempre em hostilidade, até que em 1787 se congraçaram por meio de dadivas. São habitadores dos lagos e margens dos rios. A propagação e numero d'esta gente não é pouco abundante, porque em todos os rios Trombetas, Madeira, Solimões, Codajás, Purús, Ma-

miá, Coarí e Paruá, e em todos os lagos, ha aldêas de Muras, a que chamam *malócas;* de sorte que se podem armar para qualquer empreza bons doze mil homens Muras: e não é o seu espirito pouco acommodado para a guerra, como mostraram em tempo das hostilidades, pois ainda que com armas desiguaes, com tudo soffremos muito porque atacavam em guerrilhas. Nenhuma diligencia se tem feito no Rio Negro por unir esta nação; quero dizer, aldeal-os. Quando todos os gentios no Rio Negro são tratados como escravos, os individuos d'esta nação são tratados com respeito.

51. Um homem habil, em quem tivessem confiança, acharia meios de corrigir os seus defeitos gentilicos, e estabelecer os seus interesses na civilisação, com arte, zelo e conhecimentos locaes: com paciencia e auctoridade é possivel concordar os animos e pareceres, e tirar estes gentios da sua estupidez. Quasi todos os moços são baptisados, e tem vindo á capital remando as canôas dos negociantes para ganhar o seu salario.

52. Tres leguas de distancia dos Guatazes, á margem septentrional do Amazonas, estão as terras firmes a que chamam Amatari, aonde findam os estabelecimentos dos moradores de Serpa e principiam os da Barra, e aonde tambem está uma aldêa do gentio Mura. Tambem principia um extenso furo em distancia de tres leguas, entre terra firme e uma grande ilha. Esta e outra mais abaixo de terras altas mostram ter sido habitações de gentios, a que no Rio Negro dão o nome de *tapéra*, pelos fragmentos de louça que n'ellas se vê, que o volver dos seculos não póde anniquilar. Tem até agora estado incultas por inacção dos habitantes. Estas ilhas são preferiveis para os plantios dos cacoaes ás terras firmes, que por tempos são devorados das issaúbas.

53. N'esta mesma margem, em distancia de seis leguas, está a ponta de pedras chamada Poraquêcoara, que quer dizer *buraco de poraqué.* É uma especie das tremelgas da Asia, porém de differente feitio. É peixe comprido de pelle e da ordem dos ovaes, com guelras e azas. Em se lhe tocando causam um repentino estupôr, porém momentaneo. É bastantemente perigoso a qualquer encontrar-

se com elle na passagem d'algum rio, lago ou igarapé, e n'elle se esfregar; porque entorpecido dos membros com o estupôr, infallivelmente morre affogado. No rio Jupurá vi-os tão grandes como os *pirá-urucús*. N'esta ponta parece que não só são muitos, se não que de quando em quando se ouve um medonho estrondo no fundo do mar.

54. Pirá-urucú é do que ha mais abundancia no Amazonas, e do que se salga annualmente muitas mil arrobas. E' da ordem dos ovaes, como qualquer peixe de escama. Em se achando fecundado dos ovos, em rio vazio, se deixa ficar nos lagos, e ahi os depõem em numero de milhares, em escavação por elle feita: picados elles os nutre de leite que tem na cabeça em certas concavidades cobertas de pelle, até certo tempo de crescimento; e depois nutre-se de camarões que ha nos lagos, em companhia ainda da mãi. Succedendo ao pescador errar o peixe, ou sacando do harpão, ajunta os pequenos filhos, mette-os nas guelras e foge, sem que appareça mais nem filhos, nem mãi.

55. Peixe-boi: é da ordem dos mamaes, assim como os bôtos e toninhas, de que ha immensa quantidade no Amazonas. E' peixe mui subtil e arisco. Nutre-se de hervas, folhas e arròz bravo, que ha nos lagos e margens d'este rio. A sua carne é saborosa, e se assemelha á carne de porco. Fazem-se salgas de peixe-boi, e fabrica-se da sua banha o azeite para o consumo do estado das duas comarcas.

56. Passadas cinco leguas da ponta sobredita, estão as barras do grande rio Amazonas, que d'aqui commummente se chama Solimões, sendo a continuação do mesmo Amazonas e Negro; ficando aquelle á esquerda, de agua branca e cheio de insectos, e este á direita livre d'elles, de agua preta, na altura de tres gráos e nove minutos ao pólo do sul.

57. Amazonas, que na sua continuação depois de passado o Negro vulgarmente se diz Solimões, por serem da nação Sorimão os gentios que em outro tempo habitaram suas margens, e ser costume entre os Indios attribuir aos rios a denominação do gentio mais domi-

nante d'elles. Em a villa de Ega e logares de Alvellos e Nogueira ainda ha Indios da nação Sorimão, que por corrupção do vocabulo se diz Solimão.

58. As suas margens, e dos mais ríos adjacentes que n'elle desaguam, são abundantissimas de cacáo, salsa, manteigas, azeites, peixes, oleo de copaiba, e mais generos, como testifica a continuada experiencia das suas colheitas, fazendo estas o mais grosso commercio da provincia do Pará. Os pomos e toda a qualidade de frutas d'este rio são maiores que de outra parte. As sementes de cacáo, café e algodão, são maiores e melhores do que as dos outros districtos.

59. A viagem do Solimões se póde fazer por qualquer das suas margens. Passadas quatorze leguas, desagua na sua margem septentrional o riacho Manacapurú, que é de agua preta, do qual se tem tirado ou extrahido muita salsaparrilha e oleo de copaiba. Pouco abaixo d'este rio está a feitoria e pesqueiro do Rei, que fornece á tropa militar os peixes salgados e tartarugas para mantimento. E mais abaixo estão os Caldeirões, sitio em que se acham os cafezaes, que tem sido a pedra de escandalo para se despovoar de Indios e Indias o logar de Alvellos, com o nome de mudas para o serviço, que já mais voltam á povoação.

60. Superior ao Manacapurú e distante d'elle doze leguas, e á mesma margem, fica a ilha de Guajaratúa e a praia d'este nome em que desovam as tartarugas, de cujos ovos se servem os administradores para as suas manteigas, com véto de ninguem mais ahi as fabricar. Na enseada mais acima está a correnteza a que chamam Jurupari-pindá, que quer dizer *anzol do diabo;* e mais acima d'esta correnteza estão os dous riachos Guanamá e Unurí: n'este ultimo está outra feitoria, que só se occupa em apanhar tartarugas para sustento da mencionada tropa da Barra, subordinada ao mencionado administrador.

61. Na margem austral, fronteiro ao Guajaratúa, duas leguas acima, desagua o famoso rio dos Purús em 3 gráos e 50 minutos de latitude austral. Além d'esta barra, que é a principal, tem mais

quatro, a saber: o canal de Paratarí, que sahe duas leguas acima do Manacapurú, que lhe fica fronteiro; o canal do Coxiuará; o canal do Coyana, seis leguas e meia acima da barra principal; e o canal do Aruparaná, que fica na enseada seguinte do Camará. Este rio tem o seu nascimento no reino do Perú, na America Hespanhola, e corre parallelo com o rio Madeira indicado, do sul ao norte. N'este rio, indicado nos §§ 38 e 40, ha campos interminaveis para criar gado vaccum e cavallar, e tem os seus domicilios os gentios das nações Purupurú, Catauixí, Itatapiá. Todos os gentios d'este rio, excepto os Muras, tem a pelle escamosa, entretanto que alguns parecem ter o couro preto e coberto de escamas. É enfermidade nos bofes causada das muitas gorduras de peixe que comem, e é contagiosa. É facil o curativo, que é de beber salsaparrilha cozida, ou comer o peixe a que chamam *canderú*, assado. E como esta enfermidade não lhes dóe, vivem com ella e parece que já adoptam para seu distinctivo. Todos os gentios da margem austral do Amazonas tem este defeito na cutis, a que chamam *uaurána*, que no portuguez significa *empigem*.

62. Entre os rios que despejam no Solimões, é o Purús o mais rico de cacáo, salsaparrilha, peixes, azeite de peixe, manteiga de ovos e outras preciosidades; em tanto que Manoel Joaquim do Paço, ultimo governador do Rio Negro, prohibiu o seu ingresso indo-se-lhe os olhos cégos da sua ambição atraz dos preciosos fructos espargidos nas mãos alheias, porque queria antes ficassem as suas untadas com o copioso do seu producto; porém a junta governativa do Pará prohibiu e suspendeu tal prohibição avara, por representação dos habitantes.

63. Passada a enseada do Camará, e em distancia de quatorze leguas e meia do canal Coyana, despeja no Solimões, fronteiro ao norte, o rio Codaiá, em que se tem fabricado muitas mil arrobas de peixe e tirado grande porção de salsaparrilha. Presentemente é habitado do gentio Mura, que tem na sua barra uma populosa aldêa, e que se occupam em fazer salgas de peixe aos particulares e colher cacáo. Por um dos lagos do Codajá, chamado Atiniéni, se communica este

rio com o Uniní, em rio-cheio, que desagua no Negro na margem austral, cujo sitio se descreverá quando tratarmos d'aquelle rio. Por este lago foram varias vezes assaltados dos Muras, em tempo das hostilidades, os moradores da villa de Moura que tinham suas roças no dito rio Uniní.

64. Tambem se communica este, em rio-cheio, por outro lago com o rio Quiuní, que desagua acima da villa de Barcellos, não immediatamente, mas vencendo pequeno isthmo de terra, e faz barra na margem austral do Negro, por onde tambem os ditos gentios atacaram os moradores de Barcellos.

65. D'aqui distante tres leguas está a grande praia do Jurupari, de rendimento de cinco mil potes de manteiga de tartaruga, e por isso a pedra de escandalo dos dous ultimos governadores, porque faziam reverter a si todo o proveito das manteigas, mandando ahi o seu agente com instrucção de tomar os ovos e as canôas em nome do rei aos que lá fossem fabricar manteigas. Com esta forte lição ninguem apparecia, e se ficavam com todo o rendimento da praia.

66. Distante d'esta praia quatro leguas está outra com o nome das Juçaras, á parte do norte, em que tambem desovam tartarugas. Aqui mesmo está a sahida do furo Copeá, primeira barra do rio Jupurá, como adiante se dirá. E fronteiro á margem austral está o rio Mamiá, habitado do gentio Mura.

67. Em distancia de cinco leguas do indicado Mamiá, e na mesma margem austral, está a barra do rio Coarí. Este rio desce do sul ao norte, e fica a sua barra em quatro gráos de latitude austral. A largura na sua entrada é estreita, porém para dentro é mais de uma legua de largo, posto que diminua muito em poucos dias de navegação. É navegavel quarenta dias de viagem, ou pouco mais. Dobrada a ponta em que está o logar de Alvellos, se descobrem tres rios differentes: o primeiro e mais oriental é o Coarí; o segundo Urucuparaná; o terceiro, e mais occidental, é Uraná, que todos despejam por uma só barra. As suas aguas são pretas e claras, livres de insectos.

68. Pelas informações e averiguações de alguns Indios gentios

da nação Catauixí, que desceram para Alvellos, se sabe ter a sua original fonte em uns campos largos e dilatados, aonde dizem haver gado vaccum: opinião até agora problematica.

69. Quatro leguas acima da barra d'este rio está o logar de Alvellos, situado na margem oriental, em terreno baixo e de pouca commodidade por ter nos fundos da povoação um igarapé, assim como em seus lados. Seus edificios, cobertos de palha, são bons, com a população de 1,600 almas. A sua igreja é nova e de boa construcção, feita pelos moradores e pelo parocho actual, o reverendo Francisco Aurelio da Fonseca, que não só cooperou com o seu contingente, senão que trabalhou muito com suas preces importunas e assiduas rogativas aos governadores para a licença necessaria e dispensa de alguns Indios do serviço real. Os seus ornamentos estão em bom uso, e sua invocação é a Senhora Sant'Anna.

70. Da barra do Coarí á do rio Tefé são vinte e duas leguas á mesma margem austral. N'este intervallo ficam os riachos do Ypixuna, Catuá, Gytycá-paraná e Caiambé; e do lado fronteiro só tem o furo ou a sahida do Copeá, a que chamam Carapanatúa, que é segunda barra do Jupurá, indicado no § 66, que fica defronte do Gytycá-paraná. É admiravel a immensidade de peixes que encostam á beira a comerem os pequenos que se criaram nos lagos, e sahem nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro, de que os habitantes se não servem para as salgas senão do piraurucú.

71. Em distancia de doze leguas da barra do Coarí ficam as barreiras a que chamam Mytum-quára, em que ha correntezas que difficultam passagem ás canôas. N'este sitio, algum tanto ao centro, são campos espaçosos, pelo que ha toda a probabilidade de certeza no que dizem os Indios Catauixís relativo aos campos e gado vaccum, como se disse.

72. O rio Tefé é de largura, pouco mais ou menos, do Coarí: desce do sul ao norte, e desagua no Solimões em 3 gráos e 18 minutos ao sul do Equador. São os seus centros habitados do gentio Júma e tem salsaparrilha. É de agua preta, e navegavel pouco mais ou menos quarenta dias de viagem. Cinco quartos de legua por elle

acima está a villa de Ega, com vista mui alegre, em um terreno espaçoso. Seus edificios, com a população de 2,200 almas, são todos cobertos de palha, excepto dous edificios, quartel dos soldados e armazem. Tambem a igreja é coberta de palha e muito arruinada, com a invocação de Santa Thereza. Os seus ornamentos estão em bom uso; e o reverendo parocho é Antonio José da Silva.

73. Em fronteiro de Ega, e na margem opposta, está o logar de Nogueira, em terreno espaçoso e com vista mui alegre, distante da dita villa duas leguas e meia, com a população de 1,200 almas. Sua igreja com a invocação a Nossa Senhora do Rosario, coberta de palha, e está muito arruinada. Não tem sido possivel aos moradores repararem-a, por objecção dos commandantes de Ega não quererem dispensar os carpinteiros nacionaes dos serviços actuaes, a que dão o nome do rei. Erigiu José Joaquim Victorio, sendo governador, a commandancia na villa de Ega no meio das praias de manteigas e de cacoaes naturaes, para se locupletar a si e aos seus commandantes favorecidos com notavel escandalo, fazendo trabalhar nas colheitas os Indios de Ega e dos logares annexos.

74. Havendo de navegar-se o Solimões se buscará outra vez a barra do Tefé. Porém sendo rio-cheio se póde navegar por um furo a que chamam Igarapé-pôca, que fica ao norte de Nogueira, com sahida entre o rio Tefé e o logar de Alvarans, que fica na barra do riacho Urauá, tambem de agua preta, e superior a Tefé cinco leguas.

75. Alvarans, situado na barra e margem oriental do dito riacho Urauá, é de vista acanhada. Os seus edificios são todos cobertos de palha, incluindo a igreja, que tambem é coberta de palha e muito arruinada, com a invocação de S. Joaquim. Os seus ornamentos estão em bom uso. Seu parocho é o reverendo Fr. Agostinho do Espirito Santo. É sua população constante de 500 almas.

76. De Alvarans uma legua acima, á mesma margem austral, fica a ponta chamada Parauarí, que quer dizer em lingua vernacula dos indigenas *papagainhos*. Defronte d'este Parauarí está a ex-

tensa ilha Anacá, e defronte d'esta está a terceira e principal barra do grande rio Jupurá. Tem a sua origem em uma serra que fica ao oriente, e corre de oéste a léste parallelo aos rios Negro e Solimões. Parece que os Indios seus habitadores lhe impuzeram o nome, como costumam, derivando do gentio Yupurá, seu primeiro dominador, que por corrupção do vocabulo se diz Jupurá.

77. Pretendem os Hespanhóes, sem fundamento algum senão por sophismas, que as cabeceiras d'este opulento rio sejam suas com todas as nações gentilicas, como se viu nas pretendidas demarcações de 1780, e por isso nullas. É o Jupurá o mais abundante de todos os rios do Amazonas, não só de gentios senão de salsa, puxirí, cacáo, manteiga e baunilha, em cuja colheita tem os nacionaes penetrado dous mezes de viagem até ás catadupas do Arara-coára, e por elle acima.

78. Vinte leguas acima d'este rio está o logar de Santo Antonio de Imaripí á margem septentrional, entre os lagos do Amaná, que lhe fica inferior, e Ayamaná superior, além de outros muitos lagos em ilhas, e por isso abundante de peixes. O sitio da povoação é plano e agradavel, mas os seus portos são altos e de terras cahidas. A igreja antiga cahiu por não ter tido parocho ha muitos annos. Conserva-se uma pequena aonde o parocho de Alvarans vai administrar os sacramentos annualmente, quero dizer, uma vez no anno, aos pobres freguezes d'aquelle logar. Os ornamentos sagrados estão guardados na igreja de Alvarans. Foi este logar, em outro tempo, populoso de Indios, porém agora despovoado com a requisição das mudas para os serviços dos commandantes em Ega. Os seus edificios são cobertos de palha, com a população de trezentas almas.

79. Em distancia de quarenta leguas está o logar de S. João do Principe, e outro tanto acima o de Manacarú, distantes, digo, de Imaripí. Estes logares n'este rio, e outros que se houverem de formar n'elle, devem ser conservados pelas auctoridades e olhados com vista politica, seja qual fôr o estado das cousas para o futuro; no intuito de estarem no centro de numerosas tribus indianas, de que se poderá

vir a formar villas populosas, quando se tratem os gentios com mais humanidade do que até agora tem sido.

80. Entre estes tres logares, que todos ficam á margem septentrional, tem os riachos que facilitam a communicação do Rio Negro com Jupurá, que escriptos por ordem são: Unurucú, que corresponde com as cabeceiras do Quiuní, que despeja na margem austral do Rio Negro, como se dirá quando d'elle tratarmos; Marahá, que corresponde com Eunuixí, Cumapí com Eurubaxí, Meuâhá ao dito Eurubaxí, Puapuá e Amaniú-paraná com o dito Eurubaxí, Apapurí que corresponde ao rio Vaupé, Miritíi-paraná, Uaniáu, Yarí, Irá-paraná. N'estes rios habitam as nações seguintes, de diversas linguas, mas algumas vezes unidas por alliança conjugal:

81. Mariarána, Mepurí, Poiána, Coérúna, Jepuá, Curetú, Yucúna, Mauaiá, Araruá, Periâtí, Mirayá, Umeuá, Cauarí, Yupurá, Uainumí e Macú. De todas estas nações só é constante ser anthropophagos os Mirayás, que por corrupção dizem Miranhas, e Umeuás.

82. São estas duas nações inimigas figadaes uma da outra, e parece de tempo immemorial. Os Umeuás são homens mui fortes e bellicosos, mas o seu numero não é tão grande como é o dos Miranhas. Dizem que o numero d'este gentio se póde comparar ás folhas das arvores do mato, e a sua propagação immensa, em povoações quasi unidas.

83. Na margem austral do Jupurá desaguam os rios na ordem seguinte: Púren, Acunauí, Maurapí, Cau-inarí, Metá, Conacuá, Arapá e Peridá. Além d'estes rios tem os furos do Aranapú, que entra do Solimões e conflue no Jupurá, de agua branca, abaixo do logar de Imaripí e Auatí-paraná, tambem de agua branca, que conflue acima do dito logar. Este Púren tem communicação com o rio Issá, vencendo-se pouca jornada de terra. O rio Metá, que n'elle conflue, a tem immediata, não por si, senão pelo rio Peridá, que n'elle desagua na sua margem occidental.

84. N'este furo do Solimões, chamado Auatí-paraná, é aonde se fincaram os padrões ou marcos que dividiam os Estados da America Hespanhola e Portugueza no Amazonas, cahindo assim no laço o

commissario da quinta partida, que lhe armára o sophista hespanhol Francisco de Requéna, cujos padrões depois se arrancaram e lançaram ao mar por sargentos portuguezes, divulgando-se a farça de ser d'isso auctor o gentio Mura, o que com mais claridade se dirá quando d'isso se tratar. Este furo, que se encentra nos matos, é pouco frequentado de gente, apezar de haver ahi muito cacáo, salsa, peixe e manteiga de tracajâ, pela experiencia de ser atacado quem lá fôr das onças e jacarés e outros bichos ferozes. N'estes sitios é onde se acham as conchas grandes a que chamam jabutí, de peso de tres a quatro arrobas.

85. É habitada esta margem austral das nações seguintes: Mururuá, Caiu-vicina, Pariana, Yupiuhá, Tamuína, Parauána, Jurí, Pacé, Chama, Chuána, Parenumá, Tambíra, Ambuá, Chituá, Periátí, Peridá e Umauá. De todas estas nações só é anthropophaga a Umauá, que tem por distinctivo um furo na queixada de baixo. Os mais todos são de cara preta artificialmente, e com diversas pinturas; e grandes lavradores de roças de mandióca. É admiravel ver um gentio d'estes, com cara horrenda, fazer a sua roça só com sua mulher, e d'ella tirar a farinha, carimãas e tapiócas, e outras raízes nutritivas do Estado, como carás, tajás, nareás e munduís, e isto com abundancia. Todos estes gentios lavradores são pacificos, e por isso se tem feito n'elles mais agarrações, como adiante se dirá.

86. N'este rio ha varias praias em que desovam tartarugas e se facturam manteigas, que são as seguintes: Amaparí, Timbó-titica, Miritíi e Apapurí, que é maior e de mais rendimento. Os habitantes das margens d'este rio são atacados das contagiões de sezões, principalmente na entrada do verão; o que não succede aos gentios centraes, em que se vê numerosa propagação. Attribue-se isso, com toda a probabilidade, ser das aguas do rio, de que bebem os habitantes. As inundações das enchentes acarretam comsigo toda a podridão de folhas venenosas, como é o assacú e o timbó, o erari, e outras que a fazem nociva ao estomago. Se houvesse a precaução de se formarem póços ou fontes d'onde bebessem, não seria assim. Pelo contrario, os gentios habitam nas cabeceiras, aonde não ha tanta

inundação, e dormem em casas quentes das fogueiras de fogo, por isso grande propagação entre elles, que póde olhar-se como fabrica de homens.

87. Não se deve deixar em silencio o sitio e as terras firmes e varzeas do lago do Amauá, indicado no § 78, por suas attribuições privativas. Está este sitio entre os rios Negro e Jupurá com terras firmes extensas, cortadas de igarapés, livres de issaúba, carapaná e outros insectos, aonde se póde formar uma populosa missão, em que seus habitantes tenham estabelecimentos rendosos. Abundantissimo de peixes, caças e aves; saudavel por muitos ribeiros de agua crystallina, e communicavel com Jupurá e Solimões pelos furos do Copéa e Mapitiriní, que em todas as estações do anno dão entrada e sahida.

88. Voltando novamente a seguir o Solimões, em sua margem austral, passando cinco leguas está o rio Cupacá, de agua branca, e o rio Uariuí, de agua preta, dous rios diversos que despejam por uma só embocadura, aquelle habitado do gentio Mura, e este de um mucambo de fugidos, que se servem do gentio para se proverem do necessario.

89. Em distancia de vinte leguas do Cupacá desembóca na margem meridional do Solimões o grande rio Juruá em dous gráos e meio de latitude austral, descendo do reino do Perú, com direcção do sul ao norte. O seu curso é dilatado e o seu interior pouco penetrado dos Indios crioulos. Sendo abundante de salsa e manteiga de tartaruga, alguns tem navegado por elle acima um mez de viagem, a fim de as colher e facturar. Suas aguas são brancas como as do Solimões, porém não tem o insecto dos carapanás; mas dizem que tem pium em dobrada copia do que em outra parte. Tem muitos rios, riachos, lagos e igarapés de agua preta, que n'elle desaguam e são seus adjacentes.

90. Sabe-se de alguns Indios gentios, que de lá tem vindo, haverem n'elle muitas nações gentilicas, de diversas linguas, das quaes as mais conhecidas são: Cauâxí, Catauxí, Uacarâú, Marâuá (são estes anthropophagos), Catuquina, Urubú, Gemiuá, Baxinará, Metiuá, Chibará, Banarí, Arauârí, Maturuá, Marunacú, Curinâá, Paraú,

Palpûmá, Baibirí, Baibucûá, Yoquedá, Publepá, Pumacaá, Quibaûá, Bugé, Apenarí, Sotaán, Canarí, Arnuá, Yoximauá, Xiriibá, Canaña, Saindaiuí e Ugina. Affirmam os mesmos Indios gentios que tem descido d'este rio haver em suas cabeceiras aldêas mui populosas. A maior parte dos Indios habitadores d'este rio, excepto a nação Marauá, tem o couro ou pelle do corpo pintada com escamas, como se disse no § 61 do gentio do rio Purús, a que chamam empigem; uns malhados de branco, outros de preto. Uns affirmam proceder isto das comidas, outros das bebidas das aguas; o certo é que curando-se ficam bons e com a côr dos mais Indios.

91. Apezar de serem os gentios do Juruá fortes e bellicosos, são mui amigos dos homens brancos e de tudo o que lhes diz respeito, assim como todas as tribus do Rio Negro. Presentemente não ha hostilidade com nenhuma nação do Amazonas. De todos os rios e matos extrahe-se salsa, cravo e mais preciosidades d'entre os gentios, sem ser molestado ou incommodado, o que prova haver paz geral entre elles para comnosco, sem embargo de haver sempre perfidia da nossa parte para com elles pelas instituições odiosas das agarrações de gentios, que ficou desde o tempo do ex-governador Gama, que, ou mais cedo ou mais tarde, ha de nos ser funesto. Dizem que as mulheres gentias do Juruá são tão animosas e valentes como os homens, talvez por descenderem das antigas Amazonas, de que ha tradição haverem n'este rio as ditas mulheres.

92. As suas armas são as mesmas que as de todos os mais Indios das duas comarcas do Amazonas, a saber: tacuáras, curabí, murucú, cuidarú, tambarána, myraçanga e crauatána. *Tacuáras* são settas com pontas de lança, ou de ferro, ou de canainâ (que é uma especie de canna mui rija), despedidas com arco. *Curabi* são settas hervadas do uerarí, tambem despedidas com arco, com pontas meias cortadas para quebrar na carne. *Murucú* é uma especie de lança com ponta cortada e hervada de uerarí, de modo que com qualquer geito quebra na carne do inimigo, e como se não possa saear logo, morre em cinco minutos infallivelmente. *Cuidarú* é uma especie de porrete de páo mui levigado, do comprimento de

sete palmos, chato, de tres pollegadas de grossura e cinco de largura, mais largo para a ponta do que no logar aonde pegam as mãos, cheio de pennachos no meio, assim como os murucús. *Tambarána* é um páo meio chato como o cuidarú, de dez palmos de comprido, feito de madeira dura e pesada. *Myraçanga* é um páo de dez palmos de comprido, feito de uma qualidade de páo pesado que não quebra, chamado *myraúa*. *Crauatána* são dous páos unidos com furo pelo meio, bem atados e breados, em que despedem com violento assopro talas hervadas com azas de *samaúma*: só usam d'esta arma á caça. Exercitam-se n'estas armas desde a sua mocidade, e vem a ficar n'ellas peritos, principalmente no manejo do páo e das flechas ou settas. Tambem usam por escudos do couro de anta e do peito de jacaré para se resguardarem das tacuáras, curabís e murucús.

93. O *uerâri* é páo flexivel, a que chamam sipó, de que se fórma artificialmente o veneno; de casca escabrosa na superficie, que communicando-se á massa do sangue faz morrer. Raspada esta e cozida ao fogo, se lhe tira o extracto, e depois continuando ao fogo, fica em consistencia de unguento. Ajuntam-se-lhe os sumos de outros sipós e hervas venenosas para o fazerem mais activo, e até se lhe ajunta *tucândyras*, que são uma especie de vespas venenosas.

94. O caracter do gentio do Juruá é forte e bellicoso; são mui amigos dos homens brancos e de tudo o que lhes diz respeito, assim como todos os gentios pertencentes ao continente do Rio Negro; prova incontestavel de lhes serem affeiçoados. De todos os rios e matas extrahe-se salsa e mais preciosidades d'entre elles sem ser molestado, e algumas vezes trabalhando elles mesmos a troco de ferramentas, sem embargo de haver sempre perfidia da parte dos ditos brancos desde a instituição das agarrações de gentios estabelecidas pelo governador Manoel da Gama: agarrações odiosas, que bastam serem más para serem permanentes e terem estabilidade n'aquella desgraçada capitania. Os seguintes factos provam a minha asserção, que ficou em uso desde esse tempo, como sabem todos os habitantes.

95. No anno de 1813 foi o Indio Joaquim Tinoco, morador de Ega, ao rio Juruá á agarração de gentios com os seus familiares, e logo depois de passada a barra se encontrou com alguns da nação Marauá, que desciam dos centros á praia do Araçatúa a trabalhar para os brancos na escavação dos ovos de tartaruga e fabricação das manteigas, a troco de ferramenta como costumam: foram logo presos em troncos de campanha e trazidos a Ega como seus escravos. Mas foi d'elles atacado e a sua comitiva em occasião de descuido, que a bom salvamento sahiram com vida porque os mesmos gentios os não quizeram matar, porém cheios de cutiladas, servindo-se dos mesmos remos com que os faziam remar.

96. De igual sorte aconteceu aos mamalucos José Castelhano e Thomaz Barbaça, moradores do logar de Nogueira, que foram no anno de 1818 colher salsa n'este rio. Convocaram alguns gentios d'este rio a que lhe colhessem salsa a troco de ferramenta, e em poucos dias tiveram carga para as suas igarités possantes: então se lhes suggeriu o diabolico projecto de capturarem os ultimos que lhes trouxessem salsa, mulheres e homens, que a troco de paga os amarrassem, entroncassem e embarcassem para os vender como escravos, segundo o uso d'aquelle paiz. Prevenidos os troncos e as cordas, assim o fizeram com outros Indios de sua comitiva, e os embarcaram em duas igarités amarrados e entroncados. Oh que perfidia, que injustiça!!! Temos o desgosto de ver que estes monstros não são raros no Rio Negro, onde se está praticando diariamente factos similhantes a este, principalmente no rio Jupurá, como adiante diremos.

97. Estes factos não foram tão occultos que o governo não soubesse, mas como é uso fazerem-se os descimentos alli por meio das agarrações, já ninguem estranha. Porém não ficou impune totalmente o diabolico attentado, porque os gentios da canôa do Barbaça, que se tinham adiantado mais, lhe moeram a cabeça e de toda a equipagem com os mesmos troncos em que estavam presos, salvando-se unicamente o Indio Prudente por ser destro no mergulho, porém com uma orelha de menos, que foi cortada com um golpe de remo.

98. Pouco abaixo do Juruá está o paraná-miri (furo) famoso pelos cacoaes de natureza que tem, de quinze leguas de extensão, a que chamam Macoapaní; e no intervallo da sua entrada e sahida a praia do Coanapití, em que se fabricam manteigas. Defronte d'esta está o furo do Aranapú, que despeja no Jupurá, como acima se disse, que vem a ser a sua quarta barra; e as suas margens são tambem cacoaes de natureza.

99. Seis leguas acima d'este rio, á mesma margem austral, está o logar de Fonte Boa, situado á margem oriental de um canal chamado Caiarí, pouco distante do Solimões, em um planiço de vista agradavel. Os seus edificios são todos cobertos de palha, com a população de 1,100 almas. A sua igreja cahiu, porém os ornamentos sagrados tem os moradores guardados, por não ter tido parocho ha muitos annos. É esta povoação tão abundante de peixe, que em rio cheio apanham os pescadores peixes-bois nos seus mesmos portos.

100. Em distancia de quatorze leguas de Fonte Boa está a barra do grande rio Jutaí, em dous gráos e quarenta minutos ao sul, do qual desce para o norte. É de curso mui dilatado, e pouco penetrado e navegado dos Brazileiros; comtudo tem-se tirado d'elle grande porção de salsa. Ha tradição constante que por elle descêra em outro tempo um padre jesuita Hespanhol, e subira pelo Solimões acima. Nos seus centros habitam varias nações gentilicas. As conhecidas são Tapaixana, Uaraicú e Marauá. D'estes ultimos ha aldêa em distancia de dez leguas da sua barra. Os seus principaes tem-se empenhado com as auctoridades por um sacerdote para seu missionario, que até agora não tem conseguido por falta de meios para a sua subsistencia.

101. No intervallo de Fonte Boa e Jutaí estão as praias de Araçatua e Tarará, em que se fabricam manteigas. Na margem opposta á foz do Jutaí está a entrada do canal Maiána, que no seu curso se incorpora ao Auatiparaná, e que ambos despejam suas aguas no Jupurá por uma só embocadura, como se disse no § 84.

102. Distante do Jutaí quarenta e duas leguas faz barra na

margem opposta do septentrião o rio famoso Issáparaná, em tres gráos e nove minutos ao sul. Tem o seu nascimento nas serras da cidade de Pasto, no rumo de nordéste de Quito, e corre de oéste para léste. Os Hespanhóes sempre occuparam a parte superior d'este rio; razão porque se conservou sempre um destacamento militar na sua barra. Os ditos Hespanhóes lhe dão o nome de Putumayo, e os Brazileiros o de Issá, por assim lhe chamarem os Indios, em razão de ser da nação Issá o gentio que em outro tempo o habitou e dominou, e era o mais conhecido. Em sua margem opposta ao destacamento despejam os riachos Yucurapá e Puruitú. N'estes riachos habitam os gentios das nações Issá, Pacé, Chomana, Jurí, Miranha, Tumbíra e Puruitú, Parauá e Catupéia; das quaes os Catupéias e Miranhas são anthropophagos. Suas margens são cacoaes de natureza, e os centros tem muita salsaparrilha.

103. Entre a barra d'este rio e do canal indicado Maiána está o riacho Tonantim e a praia do mesmo nome, em que se fabricam manteigas. Nas matas e centros d'este riacho habitam os gentios da nação Caecéna, e com elles duas meninas brancas, filhas de Felippe Coelho e de sua mulher D. Maria, que foram apprehendidas nos suburbios de Fonte Boa, depois de matarem seus irmãos e mais gente da comitiva, sem que até agora houvesse providencia de as mandar buscar. O mais é que consta já terem filhos dos gentios. Seus pais em quanto viveram as choraram sem consolação.

104. Seis leguas do Issá está o logar de Castro de Avelães, povoação mui antiga, fundada á margem austral do Solimões em um bello planiço de vista extensa e bons portos. Os edificios, entrando n'elles a igreja, são cobertos de palha, e seu padroeiro é S. Christovão. Os seus ornamentos, ainda que antigos, estão em bom uso, guardados pelos moradores com desvelo, talvez na esperança de que algum dia tenham seu parocho. A sua população é de 500 almas. Na margem opposta está o riacho chamado Chomana e o lago Cahapiím, que abastecem a povoação de peixes.

105. Em distancia de dez leguas de Castro de Avelães, no intervallo da villa de Olivença, estão os dous rios de agua preta, Jan-

diatûa e Acuruí, habitados das nações Araicú, Marauá e Maeróna, que por corrupção do vocabulo se chama Magerona. N'esta ultima nação são disformes os homens na cara, cheia de buracos, em que introduzem espinhos, e ficam com horrenda figura; são anthropophagos, e dizem que comem os pais quando já são muito velhos.

106. D'aqui á mesma margem austral está a villa de Olivença, que commummente se diz S. Paulo, situada em planiço alto. Tem no terreno varias fontes nativas, a que chamam olho-d'agua, de que se servem os habitantes para a bebida, lavagens de roupa e para os banhos, por serem os seus portos mui altos. É uma das melhores villas do Rio Negro. Sua população, que seria mui facil crescer, visto estar no centro do gentilismo, não excede de 1,800 a 2,000 almas. Sempre foram seus moradores vexados dos commandantes de Tabatinga, com o frivolo pretexto de serviço do rei, quando unicamente os empregam em construcção de barcos e canôas. A igreja grande dos Jesuitas cahiu; porém fizeram outra coberta de telha, que está servindo, cujos ornamentos estão em bom uso. O seu padroeiro é S. Pedro e S. Paulo, e o seu parocho é o Rev. Domingos José Borges Adão, que ao mesmo tempo serve em Fonte Boa, Castro de Avelães e Tabatinga. Veja-se a distancia geographica de umas povoações a outras!

107. Sendo uso entre os gentios do Amazonas andarem nús, só com pequena cobertura nas partes pudendas, as nações Cambebas e Tucúnas, que agora povoam Olivença e Castro de Avelães, usaram sempre de vestimentas compridas de panno de algodão á maneira de dalmaticas dos diaconos, tanto homens como mulheres; vestimenta de que ainda usam nos seus trabalhos do campo. Para este fim fiam as mulheres os seus algodões, formam têas e tecem pannos finissimos, de que fazem roupas e mosquiteiros para se abrigarem do carapaná.

108. Em distancia de vinte e quatro leguas de Olivença está o sitio a que chamam Tapéra da villa de Javarí, em outro tempo populosa. Esta villa se extinguiu pelos assiduos vexames do desta-

camento de Tabatinga, que não dava descanço aos desgraçados Indios, seus habitadores; ultimamente o resto da população fizeram unir ao dito destacamento, d'onde tem quasi todos desertado.

109. E d'aqui a nove leguas desagua o grande rio d'este nome Javarí, na margem austral do Solimões, em quatro gráos ao sul, d'onde desce ao norte. É igual na largura e extenção ao Juruá, e tambem abundante de salsaparrilha. Já em outro tempo houve alli destacamento de tropa de linha por ser fronteira da Hespanha. É habitado das nações Maruá, Araicú, Chaia-uité, Chimaâna, Magerona e outras.

110. Duas leguas de distancia do rio Javarí está o presidio de S. Francisco Xavier da Tabatinga, onde existe um destacamento militar. Esta povoação é a ultima no Solimões do bispado do Pará, aformoseada de um palacio, que se construiu em 1776, á custa da companhia geral da cidade do Pará, para o congresso das demarcações entre o Brazil e os Estados da America Hespanhola. Sua população é constante de quatrocentas almas. Este logar não tem tido parocho ha muitos annos.

111. As possessões e dominio do Brazil no rio Amazonas não se limitam até a Tabatinga, senão até o rio Napo por elle acima alguns dias á margem septentrional, aonde o capitão-mór Pedro Teixeira fincou o marco ou padrão da divisão de Portugal e da Hespanha, com todas as solemnidades de posse, verificadas nas indicações do auto que se deve achar, ou que se acha no archivo da secretaria da provincia do Pará.

112. Pensando o Sr. Alexandre de Souza Freire, no tempo em que governou o Estado do Pará, que estaria já corrupto o sobredito marco, despediu para o renovar Belchior Mendes de Moraes, com uma escolta de quinze praças militares e dous sargentos; o qual chegando ao rio Napo achou, posto que damnificado, o dito marco no sitio confrontado no auto de posse, e erigiu outro, estando presente o Rev. Jesuita João Baptista Julião com seus companheiros, superior das missões de Quito, que andava em visita.

113. No anno de 1780 desceram os Hespanhóes até a Taba-

tinga, aonde os esperava o commissario portuguez da quinta partida, e entre elles dous commissarios, Francisco de Requena e D. Felippe, que abandonados todos os titulos da antiga posse pacifica indicados no § acima, tiveram a eloquencia de persuadir ao dito commissario portuguez que primeiro que tudo se lhes entregasse a fortaleza da Tabatinga; ao que se assentiu sem mais deliberação. Com effeito lavrou-se o termo de entrega, a que não quiz subscrever e annuir o major Euzebio Antonio de Ribeiros, um dos deputados das demarcações, que atilado soube descobrir a astucia do Hespanhol, analoga ás bases da infeliz campanha do Sul. E por este motivo, e por desconcordancia da parte do Hespanhol no preço dos predios, deixou-se e defiriu-se lavrar-se o termo da posse. Por esta razão foi preso o dito major Euzebio nove dias, até que désse o motivo da sua escusa por papel; ao que respondeu que o não daria senão ao primeiro commissario, que se achava em Barcellos.

114. Uma providencia opportuna póde desenredar os negocios mais embaralhados, do mesmo modo que um passo pouco acertado póde fazer eternos os litigios. Outro tanto succede nas condescendencias indiscretas, as quaes em seu curso apresentam sempre alguma épocha favoravel, em que com boa intenção e bom tino podem os homens que se acham á sua frente detel-as de um só golpe, ou dar-lhe a direcção que mais convenha; porém se esta occasião se perde, se tornam eternas as suas consequencias, e é impossivel prever qua será o seu termo. Assim succedeu nos passos inconsiderados do commissario portuguez, que com o pretexto do muito carapaná introduziu os Hespanhóes na villa de Ega, onde estiveram treze annos. Viram-se duas poderosas nações no coração de uma pequena provincia, já arrogando tudo a si e apoderando-se de tudo o que sómente era privativo aos naturaes, sem que os commissarios podessem obstar-lhes, que por fim causaria desastres, se a vivacidade do atilado Gama não descobrisse meios de os pôr fóra de Ega e da Tabatinga.

115. Já de Ega marcharam na celebre expedição do rio Jupurá, a fim de o demarcarem. Com effeito erigiram os padrões e fincaram os marcos na sahida do furo Auatiparaná, indicado no § 84.

Assim ufano se contemplára o commissario Requena por ter illudido aos inexpertos Portuguezes, quando necessario foi remetter a Lisboa a indicação do major Euzebio, e os motivos de não subscrever ao termo da entrega da Tabatinga, em que patenteava não só os cavilosos intuitos dos Hespanhóes, senão principios analogos á infeliz campanha do Sul; cujo resultado foi a nullidade de tudo quanto se tinha feito, e a prisão do dito commissario portuguez. Occultamente se mandaram arrancar e lançar ao mar os ditos marcos, divulgando-se que os gentios os tinham arrancado.

RIO NEGRO.

116. A largura d'este rio na sua barra é estreita. Deixando o Solimões á esquerda, está o Negro á direita na altura de tres gráos e nove minutos ao pólo do sul, com direcção de oéste para léste, quasi parallelo ao Solimões. Na sua entrada não chega a ter meia legua de largo, porém subindo por elle acima se vai alargando cada vez mais, de modo que em distancia de dez ou doze leguas se estende sua largura a duas e a tres leguas, principalmente aonde começam as ilhas a que chamam Anavilhanas. Suas aguas são negras, livres de insectos, e suas margens e terreno enxuto, em que houveram muitos predios e estabelecimentos rendosos.

117. Duas leguas da sua entrada está a barra do Rio Negro, suburbio da villa de Serpa, em que existe um pequeno forte todo desmantelado, aonde residem os magistrados depois que o ex-governador Gama mudou o archivo da capitania de Barcellos, que até então era arraial do Rio Negro. Este logar, sito á margem do norte em terreno alto, é incompativel para formar um grande povoado, por ser desigual de altos e baixos, que em rio cheio dividem-se em isthmos; mas assim mesmo tem muitos edificios, e entre elles vinte e tantos cobertos de telha, inclusos os edificios imperiaes. A igreja, tambem coberta de telha, é pequena para a população que

tem, que excede a 8,000 almas. Sua invocação é o mysterio da immaculada Conceição de Nossa Senhora; seu parocho é o Rev. Dr. José Maria Coelho; tem muita falta de ornamentos sagrados. Os seus habitantes subsistem da fabrica dos seus tabacos, facturação de manteigas de tartaruga, salgas de peixe e colheitas de café, cacau e outros plantios.

118. Em distancia de uma legua da barra está o riacho do Taromá ao mesmo lado do norte, e na sua barra a celebre chacara do ex-governador José Joaquim Victorio. Persuado-me que é uma especie de mentira o não dizer a verdade senão imperfeitamente, e que ninguem é obrigado a escrever os acontecimentos; mas uma vez que o emprehenda, está obrigado a dizel-a com imparcialidade e exactidão. Digo celebre, porque para a formar moveu toda a capitania, fazendo trabalhar n'ella quatrocentos a quinhentos Indios de um e outro sexo, unicamente com modico sustento por paga; o que principalmente foi a causa da deserção dos habitadores, e estancar o commercio e agricultura o espaço de dez annos. A agricultura, porque tirando o sustento necessario aos lavradores, o que se fazia por meio de inhumanos fiscaes, deixavam de fazer roças de mandioca, ou as faziam pequenas e em sitios reconditos, que não podesse vir á noticia dos ditos fiscaes, e por consequencia deixavam de fazer outro genero de plantio por falta do mesmo sustento. O commercio, porque tirada ás canôas a sua equipagem e tripulação, ficavam estagnadas nos portos da barra mezes inteiros, expostas a irem ao fundo com toda a sua carga, como succedeu á de João Custodio, morador de Olivença.

119. Onze leguas acima do Taromá ficam as ilhas a que chamam Anavilhanas, derivado do nome do rio Anaviana, que corresponde na costa septentrional do Negro, e que por corrupção do vocabulo se diz Anavilhanas, que é uma confusão de ilhas. Buscando-se por entre ellas o rumo do poente quarta de noroéste, se entrará no canal que fica entre ellas, e atravessando o rio, se chegará á parte meridional d'elle, depois de vencer quinze leguas.

120. Acima da bocca d'este canal está a ponta de pedras a que

chamam Igrejinhas, superior dez leguas á sahida do sobredito canal, inferior quatro ao logar de Airão. Formam estas salas, corredores e quartos. O tecto é lage de pedra por onde se passeia, o chão é arêa branca. Em rio cheio tudo vai ao fundo, em vazio tem boa vista.

121. O logar de Airão, fundado em um bonito terreno, existe á margem austral do rio: é constante a sua população de 500 almas. Seus edificios são cobertos de palha, como tambem a igreja, cuja invocação é S. Elias. Os seus ornamentos sagrados estão em bom uso, apezar de serem antigos. O reverendo Picanço, coadjutor da Barra, é alli parocho encommendado, porém a sua residencia é na Barra. Os habitantes subsistem dos seus cafezaes e de outros generos de agricultura. Em 1795 foi este logar assaltado dos gentios Aruaquís, que habitam os rios fronteiros, em cujo assalto só mataram dous brancos por se não acautelarem. Por mais diligencias que fizesse a escolta mandada pelo governo para captural-os, não foi possivel virem á mão, por terem mudado os domicilios centraes, por temerem e receiarem vingança.

122. A' margem do norte fronteiro a Airão desaguam os riachos Aiurim, Canumaú, Mapenuaú, d'agua preta, habitados das nações Aruaquís, como acima se disse. Consta haver n'estes rios ou riachos abundancia de breu, páo-cravo e muita madeira fina e de construcção.

123. Do logar de Airão distante doze leguas está a villa de Moura, situada em uma grande pedreira, da qual em outro tempo teve o nome, á mesma margem austral. É uma das melhores povoações do Rio Negro por sua commodidade. A sua igreja, com alguns edificios mais, é coberta de telha, com a invocação de S. Rita, de que é parocho o Rev. Fr. Joaquim de S. Luzia, religioso carmelita. É habitada de muitos moradores brancos juntos com Indios, cuja população é constante de 1,500 almas: estes subsistem dos seus cafezaes e algodoaes, e de outros generos do consumo do mesmo paiz, como farinhas, tapiocas e grãos.

124. Entre o logar de Airão e villa de Moura, á mesma margem

austral, despejam o riacho Jaú e o rio Uniní, aquelle pouco acima de Airão, e este pouco abaixo de Moura. Da communicação do Uniní com o Cuidaiá já noticiei no § 63. Este rio e riacho são de agua preta. Na margem fronteira e ao lado do norte só desagua o rio Jaupiri, de agua branca. Tem as suas fontes, como todos os mais que despejam n'este lado, derivadas das serras cordilheiras da Guyana, e habitado da nação Aruaquí. Consta haver nos seus centros páo-cravo.

125. A distancia da villa de Moura ao logar de Carvoeiro calcula-se em oito leguas. Está este logar tambem á margem austral em um bonito terreno, e sua população é de 700 almas, que subsistem dos seus cafés, algodões e farinhas, e de outras agriculturas. A sua igreja com os mais edificios particulares, de quem é padroeiro S. Alberto, todos são cobertos de palha. Os ornamentos sagrados estão em bom uso. Não tem tido parocho ha muitos annos, cuja falta suppre o da villa de Moura, que ahi chega de tempos em tempos.

126. A' margem do norte e fronteiro a Carvoeiro desemboca o grande rio a que chamam Branco, por serem suas aguas brancas, e tem quatro barras formadas por ilhas. Nas aguas ha abundancia de peixe, lagos e vargeas, que tem cacoaes de natureza, e em tudo é similhante ao rio Amazonas. Nas suas margens desembocam os rios Itacutú, Emeuueni e Macoaré, que são os maiores tributarios que tem o Branco, e que o enriquecem com as suas aguas, fazendo-lhe fiel entrega quasi junto á fortaleza de S. Joaquim.

Por este Itacutú, que forma sua corpulencia do rio Surumú, se communicavam em outro tempo os Indios do Rio Negro com os Hollandezes do Suriname, vencendo com pequena jornada o isthmo que medeia entre o Itacutú e a parte superior do rio Rupumaní, que despeja no rio Esquivo, e este no mar do Norte, entre Suriname e Orinoco. Por elle mesmo em 1793 foi o coronel Barata, sendo porta-bandeira, a Suriname, mandado pelo general D. Francisco de Souza Coutinho com despachos do ministerio de Lisboa.

127. Em distancia de quarenta leguas da barra d'este rio estão as primeiras catadupas ou cachoeiras, que difficultam passagem ás ca-

nôas, e d'aqui á fortaleza de S. Joaquim outras tantas. Formou-se esta fortaleza em 1778, em opposição ao Hespanhol, que pretendia assenhorear-se da parte superior d'este rio, bem como fez no Amazonas e Rio Negro, construindo um forte com o nome de S. Rosa no mesmo Rio Branco, quinze dias de viagem de S. Joaquim rio acima. Além dos rios indicados tem os riachos Catirimâni, Uenini, Uanauá, Canâmé, Porimí, Quiuitaú, Majuí, sendo o Branco de todos estes o mais potente, e por isso celebrado. Suas fontes se derivam das altas serras d'onde se formam estes rios.

128. Tem serras que a natureza lhe deu por muros, e algumas d'ellas inaccessiveis e impraticaveis, mas com dilatados cumes e plainos, aonde se refugiam dos inimigos seus habitadores. São regadas dos mencionados riachos as suas abas e planiços, pelo que se tornam fecundos para qualquer genero de plantio. A serra de Caraomá, que está no riacho Quiuitaú, é das mais famigeradas por sua altura, e notavel pela extensão da circumferencia que abrange o seu pedestal, que se suppõe occupar legua e meia de circumferencia. Dizem os Indios nacionaes haver no cume um lago, de que se forma o ribeiro que apparece a despejar ao rio, que tem tantas arvores e hervas como tem no rio, quero dizer suas especies; como tambem as mesmas especies de peixes que tem no rio, como peixe-boi, piraurucú, tartaruga e outras muitas qualidades de peixes saborosos, de que todos sabe abundar o rio Amazonas.

129. Não tendo entrado até agora algum perfeito conhecedor da mineralogia, não se tem descoberto mais que malacachetas brancas e amarellas, pedras de crystaes, outras pedras encarnadas que servem aos gentios de pederneiras para ferir fogo, e sal mineral; e por consequencia ignora-se as raridades e riquezas que n'elle ha ou póde haver. Os doutores estrangeiros coronel João Spix e tenente coronel Carlos Martius, louvados no § 7, não entraram n'elle, pois passaram por sua barra quando foram a Barcellos.

130. As nações habitadoras d'este rio são: Uapixána, Paraviána, Sapará, Uitarái, Paracoána, Caixána, Macuxa, Uaycá, Porocóto, Atanayrú, Uayurú, Tapicari, Chaperú, Atyâi e Caripúna. D'estes

uns habitam nos cumes das serras, outros nos campos, e outros nas margens e fontes dos rios. Todos estes gentios tem com profusão roças de mandioca e milharaes, que lhes servem de sustento. Elles se communicam tanto comnosco, como com os Hollandezes, com escandalo nosso; de quem tem espingardas, terçados e fazendas suas. O inimigo de todas estas nações é o Caripúna, que os agarra para os vender aos ditos Hollandezes, a troco de fazendas. Na hypothese de que houvesse hoje dous ou tres missionarios n'este rio, seria facil, por esta circumstancia, unirem-se-lhes todas estas nações ao centro da civilisação e ao conhecimento da santa religião.

131. Houveram mais povoações n'este rio, além do forte de S. Joaquim, Santa Maria Nova, Carmo, Santa Maria Velha, S. Felippe, Conceição, e o indicado forte hespanhol de Santa Rosa. Só existem o Carmo e Santa Maria Nova com mui pouca população. As outras se extinguiram em **1788**, sendo governador Manoel da Gama, que mandou passar seus habitadores para a missão de Villa Nova, logar de Alvellos, parte superior do Rio Negro, por commetterem o attentado de matarem os soldados seus regentes. N'esta fortaleza estão algumas praças militares com seu commandante, que quasi sempre é um official inferior, cujo capellão é o Rev. Antonio Soares, clerigo do habito de S. Pedro.

132. Logo que o brigadeiro Manoel da Gama expulsou os Hespanhóes da villa de Ega, que alli estavam ha muitos annos em estado de inacção, como se disse nos §§ **113**, **114** e **115**, foi áquella villa, e alli achou algumas vaccas pertencentes aos ditos Hespanhóes, que as não poderam conduzir na sua precipitada retirada no anno de **1793**, e as mandou ao Rio Branco, para alli se formar uma fazenda. Igualmente mandou vir da Hespanha, por via do commandante de S. Carlos, dous cazaes de bestas muares. Com effeito fundou-se esta em um aprazivel terreno defronte da fortaleza com o nome do Rei, á margem esquerda. O capitão José Antonio Evora, morador opulento no Rio Negro, fundou a sua com o nome de S. José, no mesmo terreno da fortaleza, de novilhas que com-

prou em varias povoações da capitania. O capitão Nicoláo de Sá Sarmento, commandante d'aquelle presidio, fundou a sua com novilhas compradas á fazenda do Rei, com o nome de S. Marcos. São tres fazendas pouco distantes umas das outras, porém incommunicaveis para que o gado se não possa embaralhar com os das outras fazendas.

133. D'ahi a poucos annos viu-se uma maravilhosa multiplicação n'estas fazendas, contra a opinião de varios calculistas d'esse tempo, que desdenhavam; em tanto que não ha gado vaccum no estado melhor que o do Rio Branco, na multiplicação, no tamanho e nutrição; o que procede dos bons e salitrados pastos. Teve grande progresso a fazenda do Rei em tempo do brigadeiro seu creador, porém depois do seu fallecimento os successores, talvez por espirito de emulação, a desampararam, em tanto que o gado se tem dividido em manadas e estendido pelos vastissimos campos, de sorte que é impossivel numerar. Assim mesmo sem pastor, dizem, expostos ás onças, tem multiplicado tanto que os Hollandezes tem vindo fazer salga d'elle, como é notorio. Mas esta noticia é dada pelo gentio depois de se terem retirado; que só se verifica com os monumentos da feitoria.

134. Era a todos dia de prazer a chegada da canôa do Evora aos portos de Barcellos, de tres em tres mezes, carregada de carnes salgadas, couros, manteigas e queijos, que por ser por modico preço a todos remediava. A fazenda do Rei, como igualmente a do Sarmento, offereciam a mesma profusão e abundancia, em quanto não foram addidas ao cuidado dos commandantes militares do forte de S. Joaquim, e dos administradores. Tudo se vai acabando; a tudo ha de dar fim a politica mesquinha dos successores do brigadeiro Gama, que pretendem sempre conservar o paiz na mais dura e triste pobreza!!! E como para se dar exacta noticia d'estes acontecimentos deve formar-se novos paragraphos, eu os principiarei sem temer que o espirito luciferino ouse offuscar os factos com putridos coloridos: eu os referirei taes quaes aconteceram na desgraçada scena que deu um golpe fatal á casa do capitão Felippe Evora.

135. É incontestavel que a casa do capitão José Antonio Evora

era a mais opulenta no Rio Negro, e que por seu fallecimento ficou a seu filho Felippe Evora. Achava-se este no cargo de almoxarife da fazenda, quando o governador José Joaquim Victorio impôz a todos os habitantes d'aquella comarca a finta das farinhas, com o consentimento do governo do Pará em 1808; por cujo motivo durou a dita finta até 1820 inclusivè, que melhor se lhe devia dar o nome de contribuição gratuita que finta, porque jámais se pagou; a saber: de cada dez, quatro. Quaes fossem os objectos d'estas fintas, Vitorio e seus cumplices o poderão dizer; como igualmente os homens sizudos poderão calcular o gráo de vexame que envolveu este attentado do despotismo, e que findou no anno de 1820.

136. Achava-se este, como dizia, almoxarife da fazenda, quando o governador impôz as fintas, e a seu cuidado a arrecadação das farinhas, de que se formava entrada nos livros da provedoria. N'este mesmo anno principiou o dito governador a formalisar, não só a chacara dos Taromás para si, senão para seus genros José Simplicio, Marcello o Italiano, e outras, em cujo serviço se despendia diariamente um grande numero de alqueires de farinha, que sahia dos reaes armazens: e d'esta os soldados recebedores, ou fosse por ordem maliciosa ou por motu proprio, deixaram de passar recibo ao almoxarife; e este, ou por descuido ou por incapacidade, não reclamou ao mesmo governador os recibos.

137. Em 1815 o provedor Francisco de Paula Pereira Duarte, presentemente desembargador em Maranhão, deu balanço aos reaes armazens, e tomou conta ao fiel. Achou-se um horroroso e extraordinario numero de alqueires de farinha despendida sem conhecimentos; motivo porque se lhe tomou e sequestrou predio, trastes e estabelecimentos, escravatura e fazenda de gado vaccum e cavallar. O silencio apathico e escandaloso do dito governador n'estes actos deu assumpto a varios discursos. A escravatura foi vendida em hasta publica, em vez de se com ella amanhar as fazendas de gados, visto serem quasi todos vaqueiros. Este foi o fim da desgraçada casa do Evora e da sua fazenda de gado vaccum, que foi unida ás duas do Rei e Sarmento, e que por fim hade ser

contada, se não houver providencia, no numero d'aquellas cousas que já não existem.

138. Voltando a buscar as margens do Rio Negro, em distancia de dezesete leguas de Carvoeiro está o logar de Poiares em terreno planiço, alto e de boa vista. A sua igreja é coberta de palha, como todos os mais edificios. Os ornamentos sagrados, posto que antigos, estão em bom uso: seu padroeiro é S. Angelo. Este logar não tem tido parocho ha muitos annos, e sua população é de trezentas almas. Entre estes dous logares estão os riachos Caburí, e na margem do norte Uampuxí, Uanibá e Cuarú, aonde os moradores d'este logar tem os seus cafezaes e mais estabelecimentos.

139. De Poiares na mesma margem austral, e em distancia de sete leguas, está a villa de Barcellos do Rio Negro: sem embargo de pretenderem os magistrados actuaes mudar a séde do governo para a barra d'este rio, comtudo não deixa de ser capital, porque esta nova disposição não prova de se haver transferido a capital para a Barra, que ainda depois se tem como d'antes dirigido os diplomas e cartas regias para a posse dos governadores e ministros d'aquella capitania a Barcellos, e não á Barra, visto que á camara d'aquella villa pertence dar-lhes posse do governo, como se viu do ultimo governador e do ministro actual. Portanto da residencia dos governos e Junta da fazenda, digo provedoria, não se póde concluir que a Barra tenha direito de capital; é preciso lei, e esta deve ser publicada: logo o governador Victorio da Costa commetteu o absurdo despotico de mandar demolir os edificios reaes, que ennobreciam e aformoseavam esta villa capital: logo não era conveniente convidar os habitantes a deixar os estabelecimentos de que subsistiam a passarem-se á Barra, confiados na palavra ôca de auxilio, protecção e favor.

140. Depois que por ordem regia se passou o brigadeiro Gama da Barra a Barcellos, d'onde sem ordem positiva se tinha mudado (o que lhe occasionou a morte), ficou sendo esta villa objecto de odio, e como terra amaldiçoada e interdicta ao successor Victorio da Costa, sendo ella victima innocente. No anno de 1816 mandou este governador a um dos seus genros, Francisco Ricardo Zane, Italiano de

nação, demolir todos os edificios reaes, excepto o palacete, igreja e provedoria; que na execução de algum modo se pareceu a Nabuzardan, privado de Nabuco; deixando tambem os d'alguns pobres moradores, que não quizeram annuir ao convite de se passarem para a Barra.

141. Alli estão montões de portas, janellas, telhas, tijolos e taboados, com bellas ferragens. A igreja é de boa construcção, com bons ornamentos e muitas sagradas imagens. As suas extensas ruas não são senão formigueiros, a que chamam issaúba, que incommodam bastantemente, introduzindo-se de noite nas casas. Não tem tido parocho desde que morreu Luiz Coelho Chucre em 1819, que era alli parocho e foi vigario geral da capitania. Comtudo a sua população chega a quinhentas almas.

142. Obtendo o Sr. João Pereira Caldas, commissario das reaes demarcações, licença para se recolher á côrte de Lisboa, ficou-lhe succedendo Manoel da Gama com o governo civil e economico da capitania. O primeiro passo que deu foi expulsar o Hespanhol do Rio Negro; o segundo fixar o seu quartel ou residencia na Barra, aonde fez e erigiu alguns edificios. O successor Victorio da Costa, apezar da terrivel lição que se deu ao seu antecessor, não só se passou para a Barra, senão que mudou para ahi a séde dos governadores, e juntamente a provedoria. Eu bem sei que esta translação era não só necessaria, senão indispensavel para os expedientes do governo e regimen da capitania, que os antigos fundaram com pouca reflexão e inconsideradamente em Barcellos, que é pesadissimo não só aos particulares, senão a todo o commercio, talvez porque n'esse tempo estivesse mais povoado o Rio Negro que o Solimões.

143. Devo dizer a opinião de todos os sensatos, attendendo á exigencia do tempo presente, relativo á translação da capital, que não deve fixar-se na barra do Rio Negro, senão na missão a que chamam Villa Nova da Rainha; não só por ser o primeiro povoado da comarca e conveniencia do commercio, mas pelos attributos que tem esta missão, de que se fallou nos §§ primeiros.

144. Entre Poiares e Barcellos só desagua na margem austral o riacho Uuatanarí duas leguas abaixo de Barcellos, e na margem do norte Uirauaú, Zamûru-uaú, e Buibaí fronteiro a Barcellos: e na distancia de dezeseis leguas está o logar de Moreira, com a população de sessenta a setenta almas. Este logar não tem mais edificio que a igreja por ser de boa construcção, com bons ornamentos e casa da residencia dos parochos, que aquelles poucos moradores conservam com cuidado, talvez com esperança de que alguma vez ainda tenham seu parocho.

145. Na distancia de Barcellos a Moreira desaguam na mesma margem austral os rios medianos Barurí e Quiuní correspondentes aos do Jupurá, como se disse no tratado d'aquelle rio, e os riachos Arataí e Quemeuerí. E na margem do norte o rio Araçá, em cuja margem oriental outro denominado Demenêni; aquelle de agua preta e este d'agua branca. N'estes rios e riachos é aonde os moradores de Barcellos e Moreira principiavam a formar os seus estabelecimentos rendosos, quando o terremoto politico transtornou toda a ordem, e se perderam.

146. Distante de Moreira dezesete leguas está a villa de Thomar á mesma margem austral, em terreno plano e saudavel. Sua igreja é nova e de boa architectura, com seus ornamentos em bom uso. Não tem tido parocho ha muitos annos, apezar das instancias que por elle tem feito a camara d'aquella villa. Já foi populosa em outro tempo; mas depois que se formou em commandancia desappareceram seus habitadores. Sua população chega a quinhentas almas.

147. Na mesma margem austral continuada de Moreira a Thomar faz barra o rio Uarirá, e na margem opposta á esta villa o rio Padauirí de agua branca, e na margem oriental d'este desagua o rio Uexié-mirí. O Padauirí é communicavel com o rio Orinôco pelo rio Umaóça, que desagua na margem direita do ramo dito Orinôco, a que sahe o canal Caxiquirí; não porque o Umaóça chegue a unir-se ao Padauirí, mas porque na parte superior d'este e d'aquelle só medeia um isthmo, que se vence com jornada de meio dia.

148. Principiam d'este rio Padauirí os passabaes do Rio Negro.

Em todas as margens dos rios e riachos d'este grande rio até ao seu nascimento são piassabaes em tanta abundancia, que jámais póde prevaricar-se este genero de commercio, que com tanta profusão offerece o paiz. Até agora não se tem feito maior uso d'este util genero, á excepção de poucas amarras e espias. Os habitantes servem-se das folhas para cobertura das casas, por ser cobertura duravel vinte annos, melhor que outra qualquer palha.

149. A *piassabeira* é uma especie de palmeira, cuja fructa é oleosa e de bom gosto; de algum modo imita ao *miritim*. Cresce em terra alagadiça ou meia alagadiça, a que chamam *cahatinga*. Em meio da arvore, entre as folhas e a raiz, cresce a piassaba circulando a arvore, de maneira tão unidos os fios que parece taboa. De tres ou quatro arvores forma-se a carga de um homem. Estas de quatro a seis annos de crescimento tem a mesma abundancia.

150. Da villa de Thomar em distancia de tres leguas, á mesma margem austral, está o logar de Lamalonga, com a população de cento e quarenta almas. Não tem parocho porque Thomar o não tem, pois o d'esta villa costuma a servir á igreja d'este logar por lhe ficar perto. A sua igreja é coberta de palha, como pela maior parte todas as mais d'este rio, cujo padroeiro é S. José; esposo de Nossa Senhora. Os seus habitantes, bem como os de Thomar, vivem dos seus cafezaes e fabricas de anil e farinhas. Defronte d'este logar só desagua o riacho Anhorí, que despeja no canal chamado Uatanarí.

151. Em distancia de dezesete leguas está o logar de Santa Izabel na margem do norte, com a população de seiscentas almas. Não tem tido parocho, apezar dos esforços e diligencias dos seus moradores que tem feito por um sacerdote para seu parocho. Os seus habitantes occupam-se nas colheitas dos seus cafés e nas fabricas do anil e mais agricultura. Entre Lamalonga e Santa Izabel desaguam á margem austral os riachos Chibarú e Mabá, e na do norte o riacho Yaiá.

152. Na mesma austral e defronte de Santa Izabel desembocam os rios Eurubaxí, Unuixí e Uayuaná, todos de agua preta, e mui abundantes de peixes e tartarugas. As suas barras são estreitas, porém os seus cursos extensos, em que ha muitos lagos e riachos, que

se communicam com o rio Jupurá, como se disse no § 57. Estes são os rios aonde se colhem muitos centos de arrobas de puxirí, um dos generos que entra no mercado do Pará. Não consta que em outra parte da provincia o haja senão n'esta altura.

153. Na distancia de dez leguas á margem austral está o logarejo da Boa Vista em sitio mui aprazivel, cujos habitantes pertencem á freguezia de S. Gabriel, a que commummente se diz parte superior. Em outro tempo numerava-se a população d'esta freguezia de S. Gabriel em tres mil e vinte almas, quasi todos Indios; hoje não tem a terça parte. Esta numerosa população era repartida por logarejos para commodidade da agricultura, que eram anizaes, farinhas, arroz e feijão, de que se mantinham aquelles habitantes, cujos logares ou logarejos irei notando com suas distancias.

154. No espaço de quatro leguas da Boa Vista está o logarejo de Castanheiro Novo á margem do norte, e no seu intervallo ao mesmo norte fazem barra os rios Marauiá, Inabú e Abuará, todos de agua branca, e tem cacoaes e salsaparrilha junto ás serras. Na distancia de outras quatro leguas de Castanheiro Novo, á mesma margem do norte, está o rio Cababurí, que tem communicação com o canal Quixiquiarí pelo rio Umarinauí, que desemboca na sua margem, e este no grande Orinôco, por cuja cautela mandou o Sr. João Pereira Caldas se formasse uma povoação com o nome das Caldas para evitar aos Hespanhóes a entrada por este lado; cuja povoação se extinguiu, como todas as mais, depois de vinte annos de duração. Suas aguas são brancas, mui abundante de caças, peixe e tambem de insectos, a que chamam piúm.

155. Da barra do rio Cababurí, fronteiro pouco acima á margem austral, está o logarejo de Maçarabí, com mui pouca população. Nos seus portos tudo são cachopos e violentas correntezas; para lá chegar precisa-se de um experimentado e destro practico.

156. Em distancia de oito leguas está o logarejo de S. José, á margem do norte. Foi esta povoação de uma só familia, que constava de oito a novecentas almas. D'ahi a quatro leguas a povoação de Castanheiro Velho, e defronte á margem austral o logarejo de

S. Bernardo de Camundé, que já não existe por deserção dos seus habitadores. D'ahi mais a oito leguas está a povoação de S. Pedro, constante a sua população de quatrocentas almas.

157. Entre as povoações de Camundé e S. Pedro, á margem austral, estão as barras dos rios Marié e Curicuriaú, distante um do outro cinco leguas, em que a natureza offerece piassabáes em toda a sua extensão, habitados pelos gentios da nação Macú. Na margem occidental do Curicuriaú e austral do rio Uaupé, como se explicará quando d'este rio se tratar, ha um canal chamado Inebú, por onde se passa d'um a outro rio.

158. Oito leguas distante de S. Pedro está a povoação de Camanaú, onde é indispensavel ir por entre medonhos cachopos para dirigir a viagem a S. Gabriel, que fica superior quatro leguas. Em todo o espaço d'estas quatro leguas está o rio occupado e cheio de cachopos e cachoeiras, sendo as mais famigeradas, pelos naufragios que ahi tem havido, Salto do Veado, Cujubim, Furnas e Paredão. Nos portos de S. Gabriel são as cachoeiras intransitaveis. No rio cheio varam-se as canôas por terra, e em vazio passam com difficuldade.

159. Fortaleza de S. Gabriel foi fundada na margem septentrional do Rio Negro, sobre cachopos, cachoeiras e caldeirões, na latitude austral de quarenta e quatro, trinta e um, quarenta e cinco. No mesmo sitio da fortaleza está a povoação annexa, que com as outras mencionadas dos logarejos fazem a freguezia de S. Gabriel, constante sua população, com todas das povoaçõeszinhas, em 1,200 almas. Não tem tido parocho ha muitos annos; a igreja é perfeita no risco, porém muito antiga e coberta de palha, por isso bastantemente arruinada: os seus ornamentos estão indecentes; os que pertencem ao altar já causam tedio de sujos pelo uso. Está em um grande planiço de uma elevada eminencia.

160. Logo acima de S. Gabriel houve a povoação de S. Miguel, e mais acima quatro leguas outra com o nome de Santa Barbara, aquella com duzentas almas, e esta com oitocentas, que as mudas e as levas semestres de gente de um e outro sexo para a Barra extinguiram, ficando os seus logares em campina. O resto da população

incentrou-se nos matos, porque nada mais sensivel se póde fazer ao gentio Indio do que tirar-lhe os filhos dos seus lados, principalmente sendo ainda boçaes.

161. Na distancia de dez leguas de S. Gabriel está o grande e rico rio Uaupé, de agua branca, e tem a sua barra no lado meridional do Negro. O seu curso é do occidente, parallelo aos rios Negro, Içana e Xié, de que se tratará mais adiante. O seu nascimento tem-o em uma serra do novo reino de Granada. Ha comtudo noticia participada pelos Indios de que o Uaupé nasce e é ramo de um grande rio caudaloso, e de agua branca, que corre para léste, buscando o mar do Norte, que se suppõe ser o rio a que os Indios chamam Auiyarí, não só em razão do seu curso, senão tambem porque do Auiyarí se despede um canal, de agua tambem branca, que sahe á margem do Uaupé.

162. Este rio Auiyarí ou é fonte principal e tronco do Orinôco, ou é ramo; porque navegando-se por elle abaixo, se chega ao repartimento de outro braço, pelo qual se sóbe para entrar no canal Quixiquiarí, que communica com o Rio Negro, de modo que até a altura do Quixiquiari por elle se communica o Rio Negro com o chamado Paraná, e do Quixiquiari para cima, é a communicação do Rio Negro com o dito Auiyarí; ao qual iam os Portuguezes, no tempo em que era permittido o resgate do Indio gentio, pelos rios Tiniuini e Yanitá, que desaguam na margem septentrional do Rio Negro, superior ao Quixiquiarí, passando do Tiniuini e Yanitá immediatamente ao Atacaú, que desagua no oriental do Yatanapú, e este no occidental de Iniridá, que faz barra na austral do dito Auiyarí.

163. Na entrada da barra d'este rio Uaupé á margem austral está o logarejo de S. Joaquim do Coané, ultima povoação pertencente á freguezia de S. Gabriel, com outra nova n'este mesmo rio, de que se dará noção. Observei n'este logar ser o capim das ruas cuminho, que nasce e cresce de natureza, o que não vi em mais parte alguma do Rio Negro, de tal sorte que quando se capinam as ruas fica a atmosphera aromatica.

164. Em distancia de vinte e cinco leguas de S. Joaquim desem-

boca na margem austral d'este rio Uaupé o rio Tiquié, depois de deixar na margem opposta o riacho Macuí. Por este rio Tiquié se vai ao Apapurí, que despeja no Jupurá, como se disse no §.57. Em rio cheio vai-se d'este áquelle em canôa ligeira por pantanaes, e no verão caminhando por terra pouca distancia. O Dr. mathematico José Simões de Carvalho foi por este rio ao Jupurá, e o Sr. Gama, antes de ser governador, passou ao dito Jupurá pelo rio Capurí.

165. N'este rio Tiquié se acharam, e agora se acham pedras, que depois de examinadas e fundidas mostram ser de prata excellente. Em distancia mais tres dias de viagem pelo Uaupé, se chega a umas grandes catadupas e a uns grandes caldeirões, que indispensavelmente se devem passar com notavel perigo para chegar á povoação, porque o lado opposto é intransitavel por um grande paredão de pedras: depois mudaram a povoação para baixo das catadupas ou cachoeiras, sitio em que presentemente está.

166. As nações que habitam n'este grande e opulento rio são: Tarianos, Uaupé, Coeuana, Quererurí, Uananá, Cubeuána, Bureuarí, Mamangá, Panenuá, Tucána, Pirá e outros. No anno de 1793 o principal Calisto e seu irmão Bernardo souberam alliciar os animos dos gentios Tarianos da sua mesma nação e seus parentes, com quem formaram uma grande povoação com o nome de S. Calisto Papa, composta do dito gentio ou nação Tariana, addicionada com parte das nações Pirá e Tucána, em uma grande ilha de terreno alto entre cachopos, acima ainda das grandes catadupas indicadas no § antecedente, por isso isolada. No mesmo anno sendo eu parocho de S. Gabriel, ahi fui mandar formar uma igreja, aonde podesse celebrar com decencia missa e os mais sacramentos; para o que pedi do armazem ao commandante a ferramenta de carpintaria com que os mesmos Indios gentios trabalharam e fizeram as portas e janellas.

167. Em Julho do anno seguinte, depois de desembaraçado das confissões annuaes, preveni-os a virem buscar-me para aquella nova povoação, aonde disse missa, e administrei o sacramento do baptismo a duzentas e cincoenta e tres crianças de um e outro sexo. No se-

guinte anno administrei este sacramento a quatrocentas e dezeseis ditas. Era cousa admiravel ver com que avidez concorriam os gentios dos centros a trazerem seus pequenos filhos para se baptizarem, e que com effeito baptizei em numero de seiscentos e sessenta e nove filhos dos indicados Tariano, Pirá e Tucána. Não me consta que jámais lá fosse algum sacerdote depois do meu regresso de S. Gabriel para Thomar, e que se désse o minimo impulso para o augmento d'aquella nova missão. Não pude numerar a totalidade dos adultos, porque uns vinham e outros iam por occasiões, o que só por tempo se poderia realizar.

168. Devo referir um facto que me enterneceu, que vem a ser: no anno seguinte, na minha estada n'aquella povoação, em um dia de tarde se commoveu todo o povo d'aquelle logar com a chegada de um Indio centenario, que me vinha pedir o baptizar-se, dizendo « que Deus lhe tinha dilatado a vida para se baptizar, e que de todo o coração desejava ser filho de Deus. » Eu lhe disse que não só devia saber os dogmas necessarios para a salvação, senão de amar a Deus como redemptor. Depois de uma conferencia de quatro dias, em que lhe ensinei a dispôr-se, lhe conferi solemnemente o baptismo, sendo eu mesmo seu padrinho, porque não havia alli quem o quizesse ser, por serem todos seus netos até quinta geração. Das conferencias que tive com este gentio não só colligi estar a religião catholica espalhada entre elles, senão terem tal ou qual discurso de philosophia. No anno seguinte á minha ida áquella povoação achava-se no seu lar distante.

169. Notei que as Indias Tarianas traziam pendentes nas orelhas chapinhas ou folhetas de ouro: perguntei d'onde lhes vinham, disseram-me que eram compradas ao gentio Panenuá, habitador das cabeceiras do rio Uaupé, a troco de sal e pennachos. Subsiste comtudo a duvida d'onde a elles lhes venham. Notei mais que não ha entre todas as nações habitadores d'este rio a doença a que chamam gallico, que assim me asseveraram todos os gentios, e talvez por isso haja entre elles muita propagação.

170. Occupam-se estes gentios, os homens em fazerem roças de

mandioça e colherem alguma salsa, e as mulheres em fabricarem *carajurú*, e sal de hervas a que chamam *carurú*. Estas, nascidas em pedras que formam os cachopos, sêccas ao sol, queimadas e reduzidas em cinza, formam decoada, que depois de fervida ao fogo até ficar em consistencia de extracto é excellente sal branco. Carajurú é vegetal e especie de cipó: colhidas as folhas e fervidas ao fogo, bem como o *urucú*, que tambem se reduz em forma de extracto posto ao sol, é um pó subtil. Serve de trafico entre elles para commutação de generos necessarios. É cousa admiravel ver o concurso de caças, e bandos de pombas e papagaios que correm a comer dos carurús nos mezes de Julho e Agosto.

171. Todos os Indios das nações gentilicas do Rio Negro não tem signaes ou deformidades industriaes, á excepção dos do rio Uaupé, e Uerequena do rio Içana, como adiante se noticiará. Da anthropophagia só se abstiveram as nações do Uaupé; as mais a praticaram com excesso e demazia, e ainda praticam nas suas terras. Os gentios habitadores do Uaupé tem um pequeno furo entre a cartilagem e extremidade inferior das orelhas, e outro no beiço inferior, entre a barba e extremidade inferior do mesmo beiço. Sobre os peitos trazem umas pedras brancas, côr de leite, solidas, roliças e bem levigadas, de figura cylindrica e de duas pollegadas e meia de diametro, presas ao pescoço por um cordão de fio introduzido por um pequeno furo, que fazem artificialmente pelo meio de uma extremidade a outra, e lhes servem de distinctivo. Os principaes a trazem de cinco pollegadas, os nôbres pouco menos, e os plebeos muito mais curta.

172. Os cachopos terão de extensão rio acima duas leguas, e d'estes até á barra o rio Capurí, indicado no § 125, que fica á margem austral, e na qual desagua mais acima o rio Cauedeá. Na barra do Uaupé se acabam as cachoeiras e cachopos do Rio Negro. D'ahi uma legua está o logarejo de Santa Anna á margem do norte, já pertencente á freguezia de Marabitanas. D'ahi a sete leguas está o rio Içana á margem austral. O seu curso é dilatado, e desce de oéste para léste, parallelo ao Uaupé e Xié: é habitado das nações Baniûa, Tumayarí, Turimarí, Deçana, Puetana e Uerequena.

173. Os Indios da nação Uerequena são anthropophagos, e tem o distinctivo de trazerem as orelhas furadas nas cartilagens inferiores, em que mettem pedaços roliços de páo, de modo que a alguns já lhes chegam as orelhas aos hombros á força do uso dos páos. Os homens gentios habitadores d'este rio são bellicosos e fortes. Em 1787 o sargento Miguel Archanjo, conhecido pelo nome de Sargento da rainha, foi a este rio á agarração de gentios, a que na sua phrase se dá o nome de descimento, com trinta praças militares, armados de polvora e bala, e outros tantos Indios com cordas. Sorprenderam uma povoação de gentios, dos quaes escapando os homens, amarraram as mulheres e as conduziram comsigo em volta viagem; foram por elles (gentios) acommettidos com varios assaltos e balroadas, que não só perderam a presa, senão armas, mantimentos e as mesmas vidas, se não fossem tão ligeiros. D'aqui se póde inferir que os gentios são tão bellicosos como outra qualquer nação, havendo quem os capitaneie, mormente tendo em seu favor a justiça da sua causa.

174. Da barra do rio Içana em distancia de duas leguas, n'esta mesma margem, está o logarejo que foi de S. Felippe, pertencente á freguezia de Marabitanas, como tambem o logarejo de Nossa Senhora da Guia, distante d'aquelle outras duas leguas. Segue-se em distancia de oito leguas a povoação de S. João Baptista de Mabé á margem septentrional, tambem pertencente a Marabitanas. Quatro leguas acima d'esta povoação desagua na margem austral do Rio Negro o rio Xié. O curso d'este rio é parallelo ao Içana e Negro. Entre elle e o dito Içana ha uma grande serra, a que dão o nome de Tunuí.

175. Em distancia de nove leguas do Xié está a fortateza de Marabitanas, com o logar annexo, á margem austral, em uma grande enseada do Rio Negro em 59.° 22' 20" de latitude boreal. Esta povoação é a ultima freguezia da provincia do Rio Negro e do bispado do Grão-Pará. Sua igreja é coberta de palha como todas as mais casas; seus ornamentos arruinados pelo muito uso do tempo. Sua população, com a dos logarejos annexos, é de quinhentas almas.

176. Toda a parte superior do Rio Negro até o seu nascimento, com todos os rios seus tributarios, e gentios seus habitadores, nos tomaram os Hespanhóes, construindo na distancia de quinze leguas de Marabitanas a fortaleza de S. Fernando á margem austral, e defronte á margem septentrional a casa forte com quatro canhões de pequeno calibre, na mesma povoação de S. Carlos, onde é o quartel dos commandantes.

Generos exportados da provincia do Rio Negro para a do Pará em todo o anno de 1819, *segundo o mappa que me foi apresentado pelo Sr. governador Manoel Joaquim do Paço, sargento-mór das tropas do Maranhão.*

5,045	arrobas de tabaco.	a	8$000	40:360$000
3,512	ditas de salsaparrilha.	a	9$000	31:608$000
5,936	ditas de café.	a	3$200	18:995$200
1,948	ditas de cravo fino.	a	6$400	12:467$200
1,800	ditas de cacáo.	a	1$600	2:880$000
10,425	ditas de peixe.	a	1$280	13:344$000
8,034	potes de manteiga de tartaruga	a	3$200	25:737$600
11	ditos de mixira.	a	2$000	22$000
17	ditos de cupaiba.	a	3$000	51$000
733	pollegadas de piassaba	a	3$000	2:199$000
10	arrobas de anil.	a	32$000	320$000
350	ditas de quina.	a	64$000	22:400$000
18	ditas de breu.	a	800	64$800
128	ditas de estôpa da terra	a	500	64$000
5	ditas de carajurú	a	38$200	192$000
166	alqueires de castanha.	a	200	32$000
190	arrobas de algodão em caroço.	a	800	152$000
220	redes de palha, por outro nome maquiras.	a	320	70$400
	Somma			170:959$200

Dada assim esta breve noção da região fecundissima do Rio Negro, entendo que espera o leitor outra similhante relação dos successos e mudanças do seu governo n'ella succedidas, e é fundada em razão a esperança ; pois de outra sorte se offenderiam de mim justamente os senhores habitadores da terra, porque descrevendo-a a ella e seus preciosos fructos, deixasse a elles em silencio e suas obras. Cedendo pois a tão justificada causa, referirei os seus genios e moralidade, e dos senhores governadores a successão militar e politica na administração civil. Assim as mudanças e acções n'elles feitas se propagam e multiplicam, e muito mais no genio militar, em que dominam, pela maior parte, os dous ventos da vingança natural e ambição, que igualmente movem as tempestades em um mar de negocios, que alteram a boa ordem em uma provincia, que se póde considerar ainda no seu estado primitivo e berço da sua infancia. E como as capitaes são as fragoas d'estas idéas e os theatros de todos os movimentos, descreverei primeiramente os governadores d'ella, depois os mais habitantes Indios e brancos.

177. Depois que Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom José, de saudosa memoria, resolveu erigirem-se as aldêas e missões em villas e logares, foi eleito primeiro governador do Rio Negro o sargento-mór Gabriel de Souza Filgueiras, official verdadeiramente militar na honra e brio. Trabalhando incansavel, assim na fórma de governo politico, como no arranjo e prosperidade dos habitantes, melhor se lhe deve dar o nome de pai, que de governador. Com grande sentimento de todos, por ventura sua, foi chamado ao Céo, para se lhe remunerar as suas virtudes. Seu corpo jaz na capella mór da igreja da villa de Barcellos.

178. Joaquim de Mello foi segundo governador do Rio Negro. Afim de se povoar a capitania, e prosperar os seus habitantes, deu todo o impulso. Promoveu os casamentos dos soldados portuguezes com as filhas do Estado, com o intuito á civilisação. Comportando-se com circumspecta prudencia e honra militar, foi Sua Magestade servido eleval-o de governador a capitão general da provincia de Maranhão, aonde deixou memorias indeleveis.

179. O coronel Joaquim Tinoco Valente, terceiro governador do Rio Negro, de quem os habitantes se não podem recordar sem derramarem lagrimas de saudade, portou-se não como governador militar, senão como terno pai para com seus filhos. Foi este o tempo em que cada um dos moradores fez os seus plantios de café de rendimento de quinhentas a mil arrobas, de que se exportavam a somma de muitos quintaes, que tudo se desvaneceu por falta de braços. Conservou a boa ordem da policia, não só tendente á economia do governo e civilisação dos Indios, como assistindo de um grande politico e sabio vigario geral, José Monteiro de Noronha, manteve nitidos os templos sagrados e a veneração devida aos seus ministros. Falleceu em Barcellos, e está sepultado na capella mór da igreja de Barcellos.

180. Ficou regendo a capitania o governo de successão, que não afastando-se do directorio, optimamente governou, sem embargo de que já n'esse tempo baqueava a capitania pela inobservancia do directorio. Este directorio é uma collecção judiciosa das ordens regias, ordens judiciosissimas, fructo de muita luz e experiencia, e não menos zelo pela salvação das almas; porém com grande magoa o digo, que nunca se observaram, pois viam-se nas villas e logares homens não só vindos de Portugal com recommendação, senão officiaes militares da 1.ª linha com o nome de directores commandantes, homens que faziam reverter todo o trabalho dos Indios e Indias em proveito e interesse seu, atropellando assim todas as ordens. N'este tempo subiram ao Rio Negro os dous commissarios para dar começo ao flagello das demarcações. Chamo flagello as demarcações porque verdadeiramente o era; não só porque era um jugo pesadissimo aos Indios, que deviam marchar a varias e assiduas digressões, senão serem obrigados a remar as canôas para Mato-Grosso, aonde devia haver correspondencia, e onde ficaram enterrados muitos centos d'elles.

181. Obtendo licença da côrte para se recolher a Lisboa o primeiro commissario o Ill.mo João Pereira Caldas, ficou substituindo o seu logar Manoel da Gama Lobo de Almada com patente de go-

vernador. O primeiro passo que deu foi expulsar os Hespanhóes da villa de Ega, que devendo viver como hospedes, se fizeram proprietarios de varias cousas, que só se lhes devia prestar por obsequio. N'esta intelligencia, não podendo responder e contrariar as razões fortissimas, se retiraram á missão do Loreto, fronteiro á Tabatinga. Agradeceram os habitantes esta magnanimidade do Gama, e celebraram com enthusiasmo a acção, que outro qualquer não se animaria pôr em practica.

182. Logo que se retiraram os Hespanhóes de Ega á missão do Loreto, passou a séde dos governadores de Barcellos á Barra, em logar de ser em Villa Nova da Rainha; logar não só proprio, senão preciso e indispensavel ao regimen economico dos expedientes da capitania, que os maiores inconsideradamente e sem reflexão fundaram na villa de Barcellos, talvez porque n'esse tempo estivesse o Rio Negro mais povoado que os Solimões. N'este mesmo tempo fundou a fazenda de gado vaccum e cavallar no Rio Branco, a que se devia dar o nome de obra prima das riquezas da capitania, se tivesse os amanhos necessarios, como acima se disse. É incontestavel que este governador ajuntou sempre á sua honra militar e desinteresse um genio forte e altivo, com que denegriu alguns passos da sua politica no seu governo, como foi o inconsiderado exterminio, para o forte de S. Gabriel, do tenente-coronel engenheiro o benemerito deputado das reaes demarcações Euzebio Antonio de Ribeiros; acção que teria consequencias funestissimas, se chegasse á real presença de Sua Magestade. Fez alguns edificios publicos na Barra, unicos que lá hoje apparecem.

183. Como pelas rivalidades d'este governador e commissario com o general do Pará D. Francisco de Souza Coutinho se suspenderam os subsidios e provimentos, que a fazenda real do Pará dava á do Rio Negro, visto o embolço dos dizimos de generos d'esta capitania, se achou aquelle não menos vacillante que apertado por se ver privado dos ditos soccorros. Porém como a necessidade aguça os discursos do entendimento, lhe suggeriu o arbitrio para subsistencia por meio de braços, instituindo as fabricas dos pannos grossos,

anil, olarias, as culturas de anizaes, cafezaes e algodões, que em suas mãos limpas produziriam grandes vantagens, mas nas de seus successores não tem sido mais que um flagello verdadeiro aos habitantes; porque estes, faltando-lhes os braços, que se tinham unicamente revertido a trabalhar nas fabricas reaes, deviam desistir dos seus antigos estabelecimentos. O que fez desapparecer os Indios das villas e logares até agora, e os cafezaes, anizaes e mais cultura dos particulares reduziram-se ao estado da anniquilação; porque tendo cada um dos lavradores nos Indios parentes, afilhados e compadres para se coadjuvarem mutuamente, faltando estes, ficaram reduzidos ao nada.

184. Quando todos os moradores sensatos esperavam que o Gama désse á capitania melhor forma e brilho por sua localidade e extenção, eis quando surge do inferno a furia da inveja, semeando com o general D. Francisco rivalidades contra o Gama, pintando-o com côres calumniosas, de insubordinado por ter preferido com a sua residencia a Barra á capital de Barcellos sem ordem positiva, aonde diziam tinha a fazenda real despendido grande somma de dinheiro; ao mesmo tempo que aos infames lhes palpitavam os corações com alegria, por verem que taes intrigas faziam impressão no general, e com anticipado sabor de anniquilarem o seu plano projectado. Calumniadores que tomam quantas formas querem, e aventuram escorados na impunidade! Sendo a maledicencia mui fecunda em invenções, principalmente quando acha já mordido o sujeito contra quem vomita as suas diatribes, fez com que viesse ordem do ministerio de Lisboa para o fazer recolher, condecorado com a patente de brigadeiro, novamente da Barra á Barcellos, antiga séde dos governadores. A honra insultada produz no homem necessariamente movimentos e sentimentos, que lhe são superiores a vencerem-se. Falleceu na villa de Barcellos, e jaz n'aquella igreja. Esperava-se tirar das suas eminentes virtudes preciosas vantagens em beneficio da capitania, porém não foi mais que um plano de contraposição á tudo quanto fez, e tinha projectado a fazer: assim levou comsigo para a poeira da sepultura todos os seus projectos.

185. Por seu fallecimento foi governador interino o tenente-coronel José Antonio Salgado, feito pelo general do Pará D. Francisco de Souza Coutinho, que o sustentava com todas as suas forças. Mas como poderia governar uma capitania quem não sabia reger-se a si e á sua casa? Com effeito, chegou a sahir no decreto, na lista dos governadores, por governador do Rio Negro. Porém não houve quem lhe emprestasse o dinheiro para tirar a patente, não só por ser já mui decrepito, como por ser mau pagador: assim governou interinamente quatro annos e meio. No seu governo é que se pôz em practica a detestavel agarração de Indios nas aldêas para os serviços, que depois se fez mais odiosa por ser executada por soldados de 1.ª linha, como adiante se dirá; e o peior é que ficou esta practica até agora n'aquella capitania.

186. Com effeito é jugo pesadissimo, e consequentemente insupportavel, recolher-se o Indio casado ao seio da sua familia dos differentes serviços publicos sem salario ou paga do seu trabalho, depois de muitos mezes ou anno, e ver a sua pobre cabana cercada de soldados para o amarrarem e entroncarem e conduzirem novamente aos serviços. Oh deshumanidade! ficando sua mulher sem roça de mandioca para sustento dos seus filhinhos, e sem ter quem lhe espeque a casa, assim sem pão nem sustento, só em Deos e na compaixão publica acha o soccorro. Parece que os governadores portuguezes olham (como observei) as tribus indianas como de outra especie unicamente accessoria, de que se devia tirar proveito. Urdiu as intrigas entre o Gama e D. Francisco, que foi causa da morte d'aquelle; como tambem concorreu para o exterminio do tenente-coronel João Henriques Wilkens para Mato-Grosso, talvez por receio que lhe fizesse sombra, empenhando-se com o general D. Francisco de Sousa Coutinho.

187. Succedeu-lhe José Joaquim Victorio da Costa, que serviu nas demarcações na faculdade de mathematico. Todos os habitantes fictaram n'elle os olhos por meio de memoriaes, esperando se commiseraria das suas pobrezas, visto ter d'ellas bastante noção: tudo succedeu pelo contrario. As necessidades do paiz foram sacrificadas ao

egoismo. Não foi possivel descobrir-se algum melhoramento á capitania nas suas providencias. Assim mesmo devia ser, porque qualquer que seja insaciavel do poder, querendo attribuir tudo a si como ponto unico, uma vez armado de auctoridade, ora lisongeando a uns que tem alguma intelligencia, e atterrando a outros, é facil fazer calar as leis do soberano, e erigir-se em arbitro supremo; desde logo as suas vontades vem a ser ordens irrisistiveis, porque elle é ao mesmo tempo o legislador.

188. Apenas tomou as redeas do governo, desceu de Barcellos á Barra, ordenando a todos os moradores, que o quizessem seguir, que o fizessem. Muitos despovoaram Barcellos, deixando suas propriedades e estabelecimentos (que muito mal fizeram) para tentarem nova e melhor fortuna. Prohibiu que Indio ou India d'alli em diante jámáis servissem aos lavradores ou a outro qualquer particular, affectando assim dar maior impulso ás fabricas reaes; porém foi unicamente para formalizar a sua chacara do Taromá e outras dos seus genros Francisco Ricardo Zani, José Simplicio e Marcello, em que occupou a terça parte dos Indios do Rio Negro, mudados de seis em seis mezes; que sendo forçados na vinda das suas povoações, lhes deixavam o regresso em seu arbitrio; e de mais a mais sem paga dos seus trabalhos. Mas que tem feito de melhoramento á capitania estas chacaras, que com tanto estrondo e vexames se fizeram? É comprometter-se em salarios dos operarios, que até agora ainda se não pagaram.

189. Por consentimento do governo do Pará, ou antes por meio de preces importunas do governador do Rio Negro, se impôz em 1808 as fintas de farinhas, que duraram até 1820, pagando os lavradores, além dos dizimos, de tres alqueires de farinha um á fazenda real, imposição tão geral, que nem os mesmos mamposteiros da bulla exceptuava. Para arrecadar estas fintas erigiu as villas e logares em commandancias militares, em despeito dos corpos municipaes a que chamamos camaras, um dos mais bellos monumentos dos nossos maiores. Pela correspondencia todas as commandancias eram como fios estendidos e conduzidos a um unico centro, e que se tornavam as-

sim o instrumento formidavel que movia a massa de trinta povoações, e as fazia obrar á sua vontade. Esta correspondencia dos commandantes, com a preeminencia que os tirava da poeira, era o titulo de vexame aos povos. Quando se conhece até onde podem conduzir-se as paixões violentas, susceptiveis de tomar impunemente seu vôo, é então facil de prever todos os excessos que devem naturalmente d'ahi resultar. O maior cuidado dos commandantes, ou fosse por instrucção privada, ou naturalmente, era envilecer os parochos no exercicio das practicas religiosas, que elles exerciam com zelo infatigavel, até violar a sagrada immunidade das suas pessôas.

190. Eu não sei se é o clima da terra, ou o cargo que occupam, que influe n'estes individuos um espirito de soberba, de emulação e de intromettencia, pelo modo com que costumam palliar seu animo, principalmente para com os parochos e moradores. D'aqui sem duvida nascerá aquelle flato, que correndo todo o corpo lhes sobe a fazer delirante a cabeça, para presumirem que são senhores de todos os usos e fructos da terra que demarca o ambito da sua commandancia. Ora não é isto inculcar um dominio absoluto, ou fazer com que os miseraveis Indios, levados pela sua ignorancia, lhes tributem uma sujeição servil como de escravos? Parece que no equilibrio da razão pouca differença mostra! Não foram certamente as armas que pregaram a religião catholica aos gentios do Amazonas, e os fizeram unir nas povoações, mas sim os missionarios pelos suaves meios da persuasão; e prova quanto a razão humana é insufficiente para julgar da sabedoria dos decretos do Eterno.

191. Não obstante as lagrimas e gemidos da desolada viuva, carregada de filhinhos; do pobre desgraçado, que não possuia mais que uma rocinha de mandioca para seu sustento, os satellites lh'a avaluavam em grande numero de alqueires, e lhe faziam exhibir as fintas. Como a theoria do governo era oppressiva e geral, surgiu n'aquella capitania uma maldita intriga misturada com calumnias entre os commandantes militares, camaras e moradores pacificos, de que foram victimas alguns dos ultimos, como José Antonio Pinheiro, juiz da Fonte-Boa, o qual morreu lan-

çando sangue das pancadas que o commandante de Ega, José Coelho d'Abreu, lhe deu; os Indios Raimundo de Nogueira, o filho do capitão Calisto de Ega, que logo morreram das rodas de páo: outros com effeito escaparam com sangrias e soldas que tomaram. O successor d'este commandante; o capitão de primeira linha Francisco Videira Zuzarte, bem se distinguiu com as prisões de calabouço, ferros e gonilhas, castigos extraordinarios nos vereadores da camara da villa de Ega, e que bem deu a conhecer a mesquinha politica e sempre acanhada em suas vistas com que cimentou o seu governo, para que reduzidos os povos á ultima desesperação se retirassem aos centros dos matos, a trocar um viver, bem que obscuramente languido, ao menos mais supportavel e folgado.

192. Achando a pobre gente indiana o seu recurso na fugida se dispersou, bem como a poeira o é pelo vento rijo, encontrando-se uns nos matos, outros na comarca do Pará, a buscaram asylo á sua desgraça com o peso de suas familias nas povoações d'aquella comarca; e o peior é que até agora, porque se acaso fugindo do serviço buscassem o logar do seu nascimento, teriam a desventura de soffrer o castigo, e ser novamente remettidos ao serviço, e o mais é que ir lá moer a camiza e o ultimo calção sem esperança de se lhe dar outro. Parecia que este governador olhava esta gente só como deposito, de que devia tirar interesse. Os parochos eram igualmente involvidos nas intrigas, não lhes valendo a sua prudencia e boa conducta. Os que se poderam evadir d'aquella capitania o fizeram: e como já se lhes não davam congruas, não tiveram successores. Este foi, sem duvida, o mais desgraçado tempo no Rio Negro: permitta a Providencia nunca mais venha outro igual. Em consequencia explicar o mysterio que perdeu o Rio Negro não é da minha penna: comtudo digo que foram os vexames, serviços sem paga, plantios e fabricas reaes administradas por officiaes e commandantes militares, que á sombra d'ellas saciavam a sua avareza.

193. Vendo o governador a capitania evacuada de gente indiana, permittiu que se fizessem descimentos por meio das amarrações, e

que se vendessem a quem os quizessem. Com effeito parece esta politica um novo parodoxo, talvez privativo d'este governador, contra as intenções beneficas do soberano nos seus alvarás, e novamente na sua carta regia de 12 de Maio de 1798, estabelecendo que os descimentos dos seus vassallos gentios do Amazonas se fizessem por meios pacificos, alliciando-lhes os animos com dadivas á custa da sua real fazenda, da mesma fórma que fizeram aqui os primeiros missionarios.

194. Esta politica dos generaes do Pará e governadores do Rio Negro tem suscitado duas questões, que parecem problemas. O primeiro é que sendo o Rio Negro um paiz tão rico, não possue um morador que tenha possessões ao menos medianas. O segundo, por mais esforços que Suas Magestades Fidelissimas, com seu conselho d'Estado, tenham feito por favorecer o seu vassallo tapuio, então é que se vê mais pisado e acabrunhado. Com effeito, em um paiz em que todos os homens livres tem um direito igual, todos elles devem igualmente gozar d'este direito; e verdadeiramente muito justo é que tendo elles todos obrigação de defender a patria com o seu sangue, gozem todos com igualdade os beneficios que a sua patria prodigalisa: portanto devia abolir-se com execração os pretendidos privilegios que os homens brancos querem ter sobre o Indio, até marcando-o na côr, quando esta é indifferente no homem.

195. As affeições particulares que caracterisam o governo de José Joaquim Victorio da Costa exigem buril e côres extraordinarias, cuja pintura é necessario pôr aos olhos de todos: não se lhe daria credito, se os vestigios ainda fumegantes d'este incendio physico e moral não attestassem desgraçadamente a sua verdade. Parece que este homem dissimulado e avarento não esperava mais que opportunidade para escavar a mina, extrahir o ouro e guardal-o: mas porque para isso precisava do braço de Francisco Ricardo Zani, Italiano de nação, e de outros, elle mesmo lhes insinua o caminho nas temiveis e afamadas caravanas da escravatura de Indios gentios e crioulos do Rio Negro, cujo resultado é (e continuará a ser) a desolação em que jaz actualmente, subjugada e oppressa por tantos

tyrannos. É impossivel que o governo de successão do Pará ignorasse a desolação do Rio Negro, á vista de tantos memoriaes que se lhe fez: pelo contrario, parece que tomou sobre seus hombros a perda d'aquella capitania, com o consentimento das fintas de farinhas por doze annos; e que de mãos dadas com os algozes, projectava abandonal-a á discrição dos seus oppressores, pela surdez com que ouvia os clamores e as vozes da razão e da justiça.

196. Apenas soube Victorio que lhe vinha successor, em 1818, escreveu a todas as camaras um officio, que continha estas expressões: «É-me preciso que Vm.ces passem sua attestação do bom ou máo governo que fiz, segundo o plano que adoptei para a regencia da capitania.» Acompanhava este officio a substancia das expressões das camaras em suas futuras attestações. Apoiava esta eloquencia a força armada dos commandantes que em todas as villas haviam. Hesitaram as camaras; porém ameaçados dos commandantes seus membros com o degredo de S. João do Crato e Marabitanas, subscreveram as attestações. O que deviam elles fazer, estando elle ainda em pleno gozo do poder? Ficarem desgraçados pela negativa d'uma assignatura? Comtudo a camara da villa de Serpa teve a coragem de lhe responder á sua circular—que como aquella corporação não tinha conhecimento do plano de S. S.ª, não podia passar a attestação pretendida. Honrada camara de Serpa! nem o grande senado de Athenas decidiu com mais justiça as causas pendentes! Assim poderá justificar o seu bom governo com sete attestações das sete villas, excepto com a de Serpa, que é a oitava do districto do Rio Negro.

197. Em 1818 tomou Manoel Joaquim do Paço posse do governo do Rio Negro em Barcellos, e logo se recolheu á residencia da Barra. Parece que á porfia, emulação e empenho, pretendiam os governadores dar o ultimo golpe á capitania quasi inanimada, pois se excediam uns a outros n'esta materia. Em tudo seguiu o plano do antecessor, conservando a mesma praxe na arrecadação das fintas de farinhas; as commandancias militares nas villas e logares, só com a differença de vender aos officiaes militares as commandancias

por oa somma de dinheiro. Erigiu uma pequena ermida, seiscentos passos abaixo da povoação da Barra, com o titulo de Nossa Senhora dos Remedios (que já está demolida, e que estava por acabar-se). Á sombra d'esta capella extorquiu uma grande somma de dinheiro dos pobres habitantes da maneira seguinte: tomou em relação os moradores que tinham mais ou menos seu arranjo, e ainda aquelles que só tinham credito; a cada um d'elles mandava vir de cada vez e por seu turno, arguia-lhe o crime do cordeiro pelo lobo da fabula, e sem mais prova o deixava passear na Barra, e lhe impunha a taxa da esmola para os Remedios, de quinhentos, quatrocentos e trezentos mil réis. Os seus abominaveis sequazes, que lhe faziam praça vasia, pintando-lhe mysterio, o persuadiam que diminuisse a taxa imposta, affectando commiseração da victima. O peior era abrir-lhe a taxa, que se lhe não moderava nem cinco réis.

198. O pobre morador, que se achava entre Scylla e Charybdes, e que sabia a falta que fazia no seio da sua familia, desembolçava a quantia, ou a pedia emprestada para a dar. E se era convivente, tambem dava a cêa ao senhor governador, que lhe importava de 60$ a 80$ réis. E não é isto roer os ossos da victima do seu antecessor, que lhe tinha comido as carnes? Estes factos foram estrondosos, e não podia o governo geral do Pará ignorar. A quem deveriam os moradores recorrer, ao inexoravel e desapiedado governo do Pará? Elles sabem que mudados os despotas, continúa o despotismo!! Elles observavam um silencio apathico e de mão consummado. Estes objectos eram da maior urgencia; todavia nunca lhe deveu maior attenção, antes parece que se empenhava a dar-lhe o ultimo golpe.

199. No principio do anno de 1820 mandou recrutar pelos commandantes todos os soldados solteiros da 2.ª linha, e todos o filhos dos moradores que tivessem doze annos de idade, para soldados da 1.ª linha. Os pais ou parentes que tiveram a somma 200$, 100$ e 80$ réis, compravam os filhos para não serem soldados ao governador: até finalmente uma pobre viuva da villa de Silves, Theresa de Belém, não possuindo mais que as suas joias, as vendeu

para resgatar por 50$ reis a seu filho unico, que lhe servia de arrimo. Mui vigorosa deve ser a compleição e constituição physica do Rio Negro, porque por mais diligencia que se faça para a matar, sempre surge, ainda que moribunda.

200. Impôz a todos os concorrentes á capital da Barra a pagarem o redizimo dos generos de que já tinham pago o dizimo; v. g. de farinhas, das roças que já foram avaluadas pelos financeiros (commandantes), arrecadando os dizimos, juntamente com as fintas; e assim de tudo o mais, até dos passarinhos xirimbabos, que depois de avaliados exigia a decima parte do preço: para o que fez um só porto na Barra com impertinente interdicto, sem excepção de pessôa, aonde eram as canôas registadas pelos soldados, almoxarife e escrivão. Dizia francamente que o governo da capitania lhe custára na côrte do Rio doze mil cruzados, e que era preciso desforrar-se. Emquanto a sua ambição e avareza eram desmarcadas, a sua immoralidade, principalmente nos vicios da incontinencia e ebriedade, e outros actos obscenos, horroriza em toda a expressão do termo aos que estiveram ao seu alcance. Accrescenta-se finalmente que foi favor grande do Céo não durar o seu governo tanto tempo como o de José Joaquim Victorio da Costa.

201. Tal era o estado de oppressão d'aquelle paiz quasi inanimado, quando no Pará se romperam os grilhões do despotismo, cujo som á maneira de raio no mesmo instante foi transmittido inopinadamente pelo governo civil aos povos do Rio Negro, e pousando nas azas dos ventos pelo Amazonas, se fez transmarino. Debalde se oppôz o actual governador despota a impedir a reedificação do novo systema, que desde o maior até ao mais minimo achou ser seu adversario. Oxalá que a Divindade protectora, inspirando ao soberano, córte os fios ás arbitrariedades e despotismos que tem acabrunhado o Rio Negro, e descubra algum meio com que se reduza as particulas, que ainda até agora ficaram em pó, extinguindo assim sua vara de ferro. Deus Omnipotente, rematai os vossos beneficios, concedei-nos o que fôr de proveito para nós. E se as noites produzirem ou occultarem pesti-

feras intenções de homens máos, de que nos provenha algum mal, espalhai-as, Senhor, assim como a luz dissipa a escuridade.

202. Parece que se tem assaz mostrado que as oppressões e a desmarcada avareza dos governadores com seus favoritos são causa da pobreza do Rio Negro. Como até agora não tem predominado o bem publico, senão o sordido interesse dos magistrados, principalmente n'estes ultimos tempos, pouco se lhes davam cortar a arvore pela raiz, comtanto que lhes colhessem os fructos se quer uma só vez. D'este modo os miseraveis e desgraçados Indios ficaram dos outros dispersos, opprimidos não só com as contribuições das farinhas, que deviam ser pagas infallivelmente á risca, se não em continuo serviço, até serem immolados nas aras da eternidade, como victimas condemnadas a servirem toda a vida; porque no Rio Negro é olhado o Indio pelos Europeos como animal de outra especie.

203. Os habitantes adjuntos, que todos são soldados auxiliares, como milicianos, eram entregues aos commandantes; jaziam debaixo das armas em serviço vivo, montando guardas diariamente, com grande prejuizo das suas casas, quando ouvia-se dizer que a guerra andava na Europa. O unico recurso que restava era como indefesos emmudecerem-se com a vehemencia da sua dôr; pois os ditos commandantes, como os de tropa regular, não faziam senão denegrir os seus creditos com razões invenenadas para melhor empolgarem os gryphos da sua avareza. Felizmente toda as discussão de materias relativa a estes objectos são no tempo presente quasi superfluas, pois em breve temos de ver uma ordem de cousas, que até seria impossivel prognosticar, pelo que devo eximir a minha penna.

Observações.

204. Todos os rios d'esta região são deliciosissimos por causa das suas agoas de côr de alambre e dos arvoredos de que vão cingidos e acompanhados; arvoredos muito altos, sempre frescos, e viçosos em todo o anno. Verdadeiramente se póde dizer, e que é opinião de

todos, que o Estado do Rio Negro é uma situação disposta pela natureza com todas as commodidades para vir a ser o jardim mais bello do mundo; sómente se precisa de braços para pôr em movimento as molas da mesma natureza, e tirar os obstaculos ás producções; porém esta é a grande falta que se lastima, e cada dia mais, porque os Indios, que são os mais proprios para os trabalhos, tanto por serem nacionaes, como por parecerem formados pela natureza para os exercicios do corpo, vão cada dia em uma pasmosa diminuição; contribuindo para isto differentes causas, das quaes a principal é a tyrannia e perseguição dos governadores e magistrados, que querem reverter tudo em seu proveito, atropellando assim todas as ordens de cousas, ficando os habeis lavradores só com os desejos de cultivar a terra, e o Estado e a Europa toda privados das mais ricas e excellentes producções da natureza.

205. Mas considerando só o rio em si mesmo, que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido de outros muitos rios, seus adjacentes, sempre insaciavel não se demora jámais, e continúa cada vez a adquirir novos augmentos até entregar como tributo ao Amazonas, e este em fim ao Oceano; e confundido com elle, não ter mais nome, nem gloria differente da sua. A multidão de aves que n'elles se vê, principalmente no verão, parece que toldam o céo, matizam os campos com o engraçado da sua pintura; finalmente os papagaios e mais aves, abrindo as azas aos raios do sol sobre verdes ramos, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem n'estes logares amenos. Nuvens de gaivotas e mais passaros, voando em torno das praias, fazem ver com os seus gritos que alli tem seus ovos e seu domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza, que acabam de sahir dos lagos aonde se criaram, com a vasante do rio, apparecem tambem volteando sobre as aguas que banham aquella situação encantadora.

206. As visitas pessoaes dos senhores bispos não só são interessantes nas povoações de Indios, senão necessarias. Os parochos

esmeram-se no desempenho das suas obrigações; os máos ou se convertem, ou pelo menos se cohibem nos seus escandalos e desaforos; os bons firmam-se nos santos propositos; reparam-se as igrejas, aformoseam-se os altares, e alli os povos recebem um grande jubilo, não sei se attrahidos por uma especie de magnetismo espiritual, ou movidos do instincto natural do christianismo, porque tudo concorre n'estas povoações para a prevaricação; a liberdade, a nudeza, o clima, o exemplo, a distancia, a falta do medo dos superiores; e só por um effeito singular da divina misericordia poderá uma alma conservar a innocencia, rodeada de tantos perigos.

207. Na hypothese de que se façam novos descimentos e novas povoações, estas não estejam muito distantes umas das outras, v. g. na foz d'um rio, uma d'um lado, outra d'outro: não só para a emulação da agricultura, senão por não ficarem privados os ministros do altar dos soccorros dos sacramentos, como succede em distancia de muitas leguas. A experiencia nos ensina que ainda que instruidos nas maximas santas da religião desde a mais tenra idade, fortificados com tantos soccorros de sacramentos, e outros subsidios que a Providencia tem depositado no seio de uma sociedade politica e christã, sente comtudo o espirito uma pasmosa debilidade se casualmente nos achamos em logares desprovidos d'estes soccorros, e onde a alma só descobre objectos capazes de a embrutecerem: então é que as idéas se materializam á força de rolarem sobre a terra; não ha emulação, nem pejo, nem temor, quero dizer, os estimulos ordinarios, que despertam os mais nobres sentimentos do coração humano: os canaes da graça se vão entupindo pouco a pouco, e como se não forceja pelos desembaraçar, eis-ahi em breve tempo o espirito mais robusto não só fraco e esvahido, mas empregado totalmente no lôdo dos prazeres sensuaes.

208. Póde-se affirmar com muita verosimilhança que estas tribus gentilicas ainda estão na sua infancia: como estão debaixo de um céo benigno, nenhuma necessidade tem de repararem as suas carnes contra as injurias do tempo, antes o seu mesmo desmazelo os convida a pouparem-se a todo e qualquer trabalho que lhes não é ordenado por

uma necessidade extrema; por outra parte, não tendo algumas idéas do luxo, que o costume foi insensivelmente introduzindo entre as nações, deixam-se ficar no estado de uma absoluta rudez, e só as pessôas do sexo masculino, e algumas do feminino, pela maior parte velhas, se contentam com algumas ligeiras tangas de entre-casca de páo, a que chamam embira, ou algumas palhas desfiadas. São porém nimiamente apaixonados por outros enfeites de pennachos, com que ornam a cabeça, braços, cintura e pernas, que entre elles é de preço inestimavel. Uns furam as orelhas, beiços e nariz, em que introduzem pennas ou páos, custando-lhes estas operações dôres insoffriveis; outros desenham na pelle muitos riscos pretos permanentes, usando d'estas deformidades industriaes não tanto por distincção da sua tribu, como por causar um terror impostor aos seus inimigos.

209. Os seus domicilios sempre são nos centros e cabeceiras dos rios, em casas mui grandes com duas unicas portas em comprimento, e sem paredes porque a cobertura de palha chega até o chão. N'ellas moram de cincoenta a sessenta casaes com todos os filhos pequenos, e regidos do seu principal com tanta harmonia e obediencia que não discrepam em minimo ponto. As mulheres guardam rara fidelidade a seus maridos, e estes, por comminação de morte que entre elles ha, mui fieis são aos outros! O que com effeito é digno de nota é não haver entre os gentios centraes a enfermidade a que chamam *humores gallicos*, segundo se tem averiguado nos rios Uaupé, Jupurá, Juruá, Jutahí e outros, e por isso talvez haja entre elles summa propagação, como mostra a experiencia diaria; em qualquer descimento se vê o duplo e triplo de crianças d'um e outro sexo.

210. Adverte-se que entre o gentio não se vê aleijão ou defeituoso de natureza, porque os enterram apenas nascem. O seguinte facto prova esta asserção praticada entre os gentios: no anno de 1800 achava-me no logarejo de Camanaú na parte superior do Rio Negro, de partida para a minha residencia da villa de Thomar, quando o Indio Dionizio me participou de ter sua mulher parido um monstro n'aquella mesma hora, e que seus parentes já tinham querido enterrar segundo os seus ritos, porém que elle obstára em quanto não participava, visto

achar-me ainda alli. Á toda pressa fui ver, e achei um menino perfeito, só com o defeito de ter no pé direito tres dedos ultimos pegados uns nos outros. Logo mandei-o lavar e preparar para lhe administrar solemnemente o sacramento do baptismo, visto me não poder alli demorar e temer que o enterrassem vivo em minha ausencia, e que o não fariam depois de baptizado. Estes e outros são os perigos que se lastimam nas povoações de Indios que não tem parochos ou missionarios.

211. São mui ciosos demasiadamente dos filhos pequenos, não querendo vêl-os muito apartados de si. O Sr. arcebispo de Braga pretendeu alguns rapazes Muras, e não conseguiu, como tambem o Sr. bispo D. Manoel d'Almeida, quando foi ao Rio Negro em 1804, tambem não pôde conseguir nenhum; porque, dizem, os querem para escravos. Igualmente não querem ver-se affastados demasiadamente dos rios da sua naturalidade, e talvez por isso os antigos missionarios, condescendendo com os gentios com prudencia, formavam aldêas nos mesmos rios do seu nascimento, porém momentaneas, como se vê nas aldêas do Uruby e Abacaxis, em que se víram alternadas mudanças, até pôl-os em sitios convenientes á agricultura e communicação.

212. Nas superstições, instrumentos, adornos de pennas, nudez, banquetes, bailes, e festas similhantes ás Floraes, Bacchanaes e Lupercaes dos antigos Romanos, são como os mais; e tambem no uso das flechas, páos e muruaes. Nas suas festas e bailes são mui obscenos e descomedidos: talvez por essa razão os antigos missionarios lhes ensinaram as dansas do tamborinho e sairé, das quaes em algumas povoações ainda se conserva o uso entre os velhos crioulos. São dados á polygamia ou pluralidade de mulheres: ha principal d'entre elles com duas e tres mulheres, e algumas vezes irmãas umas das outras. Nos seus banquetes e comezainas sempre ha bebidas espirituosas, a que chamam *caxiri*, *mucururú*, *pajauârú*, e *caêçúma*, feitas de mandióca, batatas e fructas, com que se embebedam até chegar á crapula.

213. Não tem religião positiva como os mais gentios, senão a inter-

pretativa hebraica, como mostrarei das ceremonias e ritos que ainda guardam a maior parte dos Indios crioulos. Crêem no Ente Supremo e na immortalidade da alma, mas não sabem entender de que maneira seja. Quando sepultam seus defuntos, enterram com elles todos os seus trastes e moveis, e choram suas carpideiras dias e dias com uma cantilena mui comprida em logar de oração funebre. Tem comsigo os seus divinos a que chamam *Pagé*, a quem tratam com mui grande respeito, e com cega obediencia o reverenceiam. Nunca se embebedam com elles. Nas suas enfermidades mandam-se benzer ou assoprar pelo Pagé, não só a si, senão todo o sustento que houverem de tomar, prescripto por elle, que logo os põe em uma rigorosa dieta. Sendo muitos os que saram, attribue-se a olhos fechados não á rigorosa dieta, senão á virtude do Pagé e das suas insufflações. Oxalá que estas superstições das insufflações e as soprações se limitassem só entre os Indios; os homens brancos Portuguezes as praticam como os Indios. Combati vigorosamente este abuso quando estive no Rio Negro. Talvez por serem os Indios oriundos d'esta região pouco dados á idolatria (excepto um só Numen que adoram), tanto que no Amazonas, por via dos padres Jesuitas, amanheceu o feliz dia da lei da Graça, abraçassem seus preceitos sem hesitarem: provéra a Providencia que se tirassem e removessem os escandalos que os fazem apartar da communhão dos mais fieis!!

214. A palavra *tapyeia*, que por corrupção do vocabulo dizem tapuio, é nome nacional, como mostram os antigos Indios. Foram-se estes povos dilatando pelas margens dos rios de tal sorte, que chegaram até suas fontes. Vê-se em todas as margens dos rios monumentos tão antigos quanto a sua origem incerta se perde na noite dos seculos. Esta gente, precisando de tudo, de nada necessitam por ter prevalecido entre elles o uso de andarem nús. Para se resguardarem do frio tem abundancia de lenha, que lhes fornece o seu paiz, para fazerem o fogo. Para fazerem roçados e formarem plantios tem machados de pedra negra, similhantes á pederneira: com elles e com fogo fazem os logares aos seus plantios. O seu sustento diario é o caldo da mandióca (tucupí) e a tapióca, misturada com a mesma mandióca, de-

que fazem brúas. De tempos em tempos é que comem alguma caça ou peixe. Com este modico sustento vê-se entre elles muitos centenarios d'um e outro sexo. Banham-se de instante a instante, sem que dos banhos adoeçam; e o mais é que as mulheres acabam de parir e vão-se lavar ao rio.

215. É cousa mui facil alliciar os animos do gentio tapuia por meio de dadivas, conforme o methodo dos primeiros missionarios, ao qual adheriu Sua Magestade Fidelissima mandando nos seus alvarás, e ultimamente na sua carta regia, que se acha registada nos livros das camaras, que sejam feitas estas dadivas á custa da sua real fazenda. Prova-se esta facilidade com os seguintes factos. Immediatamente á publicação da mencionada carta regia em 1798 fundou o capitão José Rodrigues Preto a missão dos Maués, composta das nações indicadas nos §§ 31 e 32, com suas dadivas, com o interesse dos serviços dos gentios, por espaço de dez annos. Do mesmo modo fundou o Indio capitão Mathias, logo depois, a missão do Canomá, composta do gentio Mandurucú indicado no § 32. Com grande magoa se lastíma não terem tido estes benemeritos patriotas imitadores! Os gentios d'estas missões não só trabalham em abastecer o Estado de farinhas e fabricas dos tabacos, como tambem em extrahir a salsa e cravo do mato; e por conseguinte membros uteis á republica.

216. O reverendo Fr. José da Virgem Maria, religioso de Santo Antonio e vigario do logar de Fonte Boa, em 1807 mandou um agente seu com um rolo de panno grosso, machados, foices e facas, ao rio Issá, com ordem que a todo o gentio que quizesse vir para a povoação se lhe désse logo camisa e calção, e saia ás mulheres, além de ferramentas. Todos mostraram acquiescencia, e se embarcaram quarenta e tantas familias da tribu Pacé com todos os filhos menores, numero com que podia navegar a embarcação.

217. Por obstar ás hostilidades que nos faziam a tribu Mandurucú mandou o governador Manoel da Gama, em 1795, uma pequena escolta a capturar alguns individuos d'esta nação, e que lhe trouxessem illesos: vieram dous levemente feridos de bala ou chumbo, aos quaes mandou curar e tratar com humanidade; e depois de cinco

mezes os mandou pôr, cheios de dadivas, em logar directo aos seus, livres dos Muras, seus inimigos figadaes. Eis-ahi no seguinte anno enxames de Mandurucús, com que se formaram as missões do Canomá, Maués e Jurutí na comarca do Pará.

218. Parece que se tem mostrado devidamente com estes factos a facilidade dos descimentos de gentios por meio das dadivas e persuasões brandas e pacificas; comparando ao mesmo tempo com o odioso plano dos governadores do Rio Negro desde o anno de 1785, adoptado por Manoel da Gama, e imitado pelos successores até agora, de facilitar as agarrações de gentios e venda d'elles como escravos. A execução d'este odioso plano, sabido e conhecido de todos no Rio Negro, não só é taxado de despotica pelos sensatos, senão cruel e tyrannica. Com effeito é de admirar que hajam homens que queiram sacrificar, contra toda a intenção dos soberanos, gente innocente, e obrigar a ser escravos povos pacificos, dignos de ser livres, e arrancal-os dos seus lares, aonde a Providencia os fez nascer: nascidos livres e independentes, tendo recebido da natureza as faculdades proprias para preencherem o seu destino, são reduzidos a escravos no seu mesmo paiz!!! Oh crueldade! Oh ingratidão! Observei, com todos os que estão no alcance d'estes factos, que dos descimentos feitos com agarrações, com o titulo de descimentos pacificos, apenas fica a terça ou quarta parte d'elles, por serem arrancados violentamente dos seus lares, despojados não só de seus filhos, senão das proprias mulheres, depois de saqueados dos seus poucos bens, esses mesmos estimados por elles, e morrem diariamente pequenos e grandes, ou comendo terra, ou assaltados de qualquer enfermidade.

219. As mencionadas agarrações se fazem usualmente no rio Jupurá, onde os meios facilitam a presa nas nações timoratas e pacificas, descriptas no § 85, da maneira seguinte: qualquer que póde possuir um rolo de panno grosso, um cunhete de machado, facas, e um frasco de polvora, vai ao Jupurá, onde estão as povoações de Imaripí, S. João do Principe e Manacarú, e em qualquer d'ellas assallaria Indios, com quem vai ao centro cercar as casas dos gentios de noite, e amarral-os; disparando espingardas para os atemorisar, com que

pela maior parte succedem mortes, que na opinião d'elles é nada. Tem estes Indios barbaros, cumplices do branco, a vantagem, além do salario, do saque dos gentios; que são maquiras, arcos e flechas, hervaduras, pennachos, crauatánas, murucús, e outras cousas, que por costume lhes pertencem.

220. No anno de 1815 foi á villa de Ega o estrangeiro Italiano Francisco Ricardo Zani installar com o commandante d'aquelle posto, o capitão de 1.ª linha Francisco Videira Zuzarte, a negociação de gentios do Jupurá, por meio de agarração de muitos centos, que se venderam na Barra, de dez até trinta e quarenta mil réis. Dirão os refractarios que isto é ficção minha? Digam os compradores na Barra, que esta venda durou o espaço de tres annos; quero dizer, que esta negociação durou até á chegada de Manoel Joaquim do Paço, successor do governador Victorio. Não é isto um desprezo formal das intenções de Sua Magestade Fidelissima nos seus alvarás? Não é isto conculcar a carta regia de Sua Magestade com penas comminatorias, tendentes aos seus vassallos Indios? Comtudo alguns d'estes refractarios ainda passeiam no Rio Negro blasonando serviços e mais serviços: outros já se retiraram locupletos de dinheiro, preço de Indios gentios do Amazonas. Porque não agarram os Muras, nem os Erequénas, nem os Mandurucús, nem outros bellicosos, senão os pacificos lavradores? Homens crueis e immoraes!! Tal é o uso e a practica que se tem observado, e até agora se observa no Rio Negro.

221. Principiaram estas agarrações na parte superior do Rio Negro pelo capitão de 1.ª linha Marcellino José Cordeiro, em tempo que governava Manoel da Gama. Este mandava tropa ao mato, munida de polvora e bala, com que fazia estragos aos gentios, e trazia muitos centos para trabalharem nas fabricas que n'esse tempo se instituiram. Contra este attentado reclamou o tenente-coronel Wilkens, ainda commissario da quarta partida das demarcações em Ega, como invenção contraria ás soberanas intenções de Sua Magestade. Ao que se lhe respondeu — que o gentio não queria sahir do mato, e que as dadivas eram precisas para outra cousa. Depois continuou o sargento Miguel Archanjo, de quem já acima fizemos menção,

com as agarrações no Jupurá, até á sua morte. E o que se segue d'aqui? Que proveito se tira? morrem ás duzias á necessidade, e de terra com desgosto. Outros, apenas tem opportunidade, se entranham nos matos sem apparecerem mais, servindo ainda de fazerem odioso ao gentio o nome dos brancos, com a desagradavel noticia que lhe annunciam da sua deshumanidade. Suffoque-se esta cruel invenção, novamente descoberta, que tem o infeliz segredo de bloquear e illudir o espirito do soberano.

222. Passo a reflectir sobre o que está exposto, quero dizer, de milhares de seres, meus similhantes. Meu Deus, que tristissimo espectaculo! Tantos infelizes sentados á sombra da morte, envoltos em trevas e cegueira, sem que vejam alguma pequena faisca d'aquella luz com que os assignalou a vossa divina mão! Um numero quasi infinito de seres nascidos e educados no fundo d'essas brenhas sem nunca chegarem a ver arvorado um santo crucifixo, nem terem alguma noticia do Evangelho.... Que digo? a mesma luz da razão natural tão obscurecida, que nem ainda parece avisal-os da existencia da primeira causa senão por longas tradições dos seus antepassados; e lançados como á discrição, vão correndo desgraçadamente á sua perda, sem haver uma mão benigna que os sustenha. Que crime commetteram elles, de que eu não fosse culpado? ou o que mais achastes em mim para me distinguir com o caracter luminoso de uma tão ineffavel predilecção? Eis-me aqui posto, sem saber como, na região da luz, em caminho direito para a eterna felicidade; ainda que não deixo de descobrir precipicios e esquadrões terriveis de adversarios, que reciprocamente conjurados de continuo me disputam a passagem, mil soccorros efficacissimos especam a minha fragilidade.

223. Meu Deus, tão liberal e magnifico para comigo, e tão escasso com os barbarozinhos que povoam todos esses matos! D'onde vem pois tão pasmosa differença? Já sei: sois Senhor; podeis formar do mesmo barro vasos de gloria ou de ignominia: escolheis quem vos agrada; nem fazeis injuria aos que deixais excluidos.

Ignorante mortal, cala-te: acaso pretendes sondar as profundezas do mysterio da predestinação, ou discernir a conducta impenetravel

da Providencia sobre a sorte dos homens? Talvez que o nome d'esses barbaros, de quem agora deploras a desgraça, esteja escripto no livro da vida, e o teu riscado. Adverte que muitos são chamados, e poucos escolhidos e condecorados com a marca do Cordeiro, para que se não glorie o soberbo mortal que a salvação é do que quer, ou ainda do que corre; não sendo senão um puro favor de Deos, que se compadece da miseria do homem.

Senhor, sumido até o centro do meu nada confesso que sois justo, e que vossos juizos sempre cheios de equidade são abysmos sem fundo: sondal-os não pretendo, mas adoral-os. Sei, instruido da vossa palavra, que derramastes o sangue por todos, e anciosamente desejais que todos venham á luz da verdade, e que se convertam e vivam: eu buscarei com as minhas debeis forças a salvação dos barbarozinhos por meio da minha penna, e recorrerei a vós, Senhor, que sois origem de toda a fortaleza.

224. Creio faltaria a um dever essencial se deixasse em silencio e omittisse um objecto de ponderação, que reclama os influxos da paternal protecção de Sua Magestade. Fallo dos parochos do Rio Negro, providos em igrejas de grande distancia, expostos aos maiores perigos do corpo e d'alma, que da practica actual de se lhes não pagar as congruas se segue mendigarem em summa miseria; tilves entre todos da nação os que percebem menor influxo da imperial benignidade, sem duvida se verão obrigados continuamente a luctar com os seus parochianos pelos miseraveis direitos do honorario, a que chamam direito de estola, recorrendo para viver a expedientes que as leis desapprovam. E onde se achará então a confiança do povo? Onde o respeito e veneração das suas ovelhas, os meios ordinarios, quero dizer, que costumam facilitar o successo das funcções pastoraes? Ajuntemos que a residencia dos parochos é o refugio geral dos pobres Indios nas suas miserias: nada mais frequente do que vêl-os á porta do vigario, pedindo farinha, manteiga, azeite, sal, vinho, remedios de botica, em fim tudo o que lhes é preciso para occorrerem ás suas necessidades. Mas se a congrua se lhes não paga, que viráõ elles a ser senão espectadores impotentes das miserias das suas ovelhas? Nem se diga que

o pé d'altar póde supprir esta falta: isso seria em povoação de brancos, mas de Indios miseraveis? além de ser isto uma cousa que parece pouco conforme ao sentimento dos padres, pouco honrosa aos ministros da igreja, e assaz odiosa aos povos, que tendo contribuido pelo dizimo quanto basta para subsistencia dos seus pastores, não poderiam olhar com indifferença para outros impostos dirigidos ao mesmo fim, é ainda um costume desconhecido aos Indios do sertão.

225. Entre tanto os vigarios obrigados a parochiar nas povoações do Rio Negro, são mandados, em virtude da santa obediencia, a sacrificarem-se sem estipendio, ha annos, em viagens de mil leguas, atravessando bahias temerosissimas, aos riscos de alagações, terras cahidas, assaltos de differentes insectos, sem canôas proprias, nem esquipação sufficiente. Sobre isto irem passar os tristes dias no fundo de incultos sertões, entre gente grosseira e estupida, e muitas vezes, para cumulo de infelicidade, achar um commandante sem religião e que tudo sacrifica ao proprio interesse. Cada um póde ver em sua alta consideração quanto estes motivos são poderosos para inspirar, não digo só indifferença, mas desprezo aberto pelo officio pastoral: e admira que n'estes dias de malicia, em que o zelo e a caridade se acham reduzidos ao ultimo ponto de frieza, hajam ainda sujeitos, que busquem o estado sacerdotal.

226. Por que estranha contradicção do espirito humano esta porção tão respeitavel do clero não tem uma subsistencia proporcionada ao penoso do seu exercicio de parocho? A quem os riscos da navegação, os perigos de vida, os insectos, e tudo o mais que afflige a humanidade não são capazes de suspender a sua obediencia no exercicio do seu ministerio? Que funcções mais penosas se podem assemelhar ás do parocho de uma aldêa de Indios no Rio Negro? Visinho da indigencia, seu exercicio se torna mais sensivel; porém elle se não affasta dos seus freguezes, nem do leito do pobre doente: elle é estabelecido como guarda avançada nas fronteiras da vida, para receber aquelles que entram e os que sahem d'este reino de dôres. Nunca as rendas da igreja podem ser distribuidas mais religiosamente do que por estes

dignos representantes de Jesu-Christo; por estes venraveis successores da segunda ordem dos apostolos, que repartem o pão da dôr com o seu rebanho. Aonde estão os philosophos e os apologistas da religião catholica? Eu não os vejo: só vejo parochos rotinhos e mendigos nas villas e logares do Rio Negro. É tão facil fallar, como difficil obrar. Julguemos pois os homens pelas suas obras, e não pelas suas palavras.

227. Segundo os principios da equidade natural, todo o homem que serve o publico tem direito de receber subsistencia, qualquer que seja a natureza das funcções que está encarregado de preencher: tal tem sido o sentimento de todos os povos do universo, pois o obreiro é digno de ser sustentado: *Dignus est operarius cibo suo*. Em virtude da lei natural os ministros da igreja tem direito a receber um salario e uma subsistencia: a religião exige ministros, e estes, em virtude do seu cargo publico, tem direito á dita sua subsistencia. A religião é a unica que faz conhecer ao homem os seus deveres: ella finalmente, pela força das suas leis, como grandeza dos seus mysterios, póde fazer a felicidade do homem.

228. É necessario ou renunciar o christianismo, ou observal-o. Esta religião, como disse, é a unica que faz conhecer ao homem a sua origem, seu destino e os seus deveres; que só ella é quem illumina o seu espirito e o seu coração, dando ás virtudes objectos sensiveis e soccorros poderosos; e ella finalmente, por força de suas leis e da sua moral, como pela grandeza dos seus mysterios, póde fazer a felicidade do homem, manter em paz a sociedade, e sustentar os imperios. Ninguem póde negar as virtudes que em todo o tempo brilharam nos parochos do Rio Negro, e a influencia que sempre tiveram na ordem social dos seus freguezes. Para observar a religião é preciso respeitar os ministros da igreja, e para os respeitar é necessario que tenham honras e consideração.

229. Deixemos de recordar irrisoriamente aos parochos a simplicidade e pobreza dos apostolos e discipulos de Jesu-Christo; não os assemelhemos aos mendigos, se queremos que sejam honrados. O culto tira a sua consideração exterior do sacerdocio: não ha sacrificadores

sem pompa, não ha pompa sem riquezas, e não ha riquezas sem patrimonio. O parocho vendo-se na dependencia d'aquelles de quem deve censurar e reprehender os vicios, não exercita em liberdade seu santo ministerio. Póde dar-se maior humiliação que mendigar entre aquelles a quem se reprehende? Fazer depender os pastores das suas ovelhas, é pôr os juizes a soldo dos que hão de ser julgados? Devemos concluir que um parocho sem congrua é um corpo sem alma.

230. A vacancia de parochos nas villas e logares do Rio Negro grita por um provimento e attenção. Posso affirmar com toda a segurança que as instrucções do proprio parocho, ainda que despidas de ornato, e ás vezes languidas e insipidas, tem ligada uma graça singular, que as faz mais fecundas que os discursos eloquentes dos oradores. Eu bem sei que os fructos da palavra de Deus são raros; o que não deve admirar, depois de vermos no Evangelho que só a quarta parte da semente divina cahiu em boa terra e chegou a dar fructo; porém ao menos consta que é o meio legitimo instituido por Jesu-Christo para converter os peccadores. Tomára que os senhores magistrados se persuadissem d'esta grande verdade, e que acabassem de comprehender que pelos mesmos principios, por onde se estabeleceu a igreja, quer Jesu-Christo que ella se conserve e ainda se augmente, até não haver mais do que um rebanho e um pastor. A benção que Deus tem ligado a este exercicio é muito vizivel para se desconhecer; basta ver as mudanças de vida que se obram por estes meios.

231. Nas instituições das villas e logares da provincia do Pará se taxaram congruas aos parochos, das villas em 80$ rs. e dos logares 60$rs., cuja taxa regulada no tempo do bispo D. Frei Miguel de Bulhões fôra então proporcionada ao preço dos generos; mas ao presente em que tudo é dobrado, e ainda triplicado não só no comestivel, senão no vestuario, é impossivel chegar a estreita sustentação dos parochos, que não tem e nem podem ter outro recurso para subsistir. Recahindo porém a paga d'estas congruas inteiramente sobre o erario imperial, visto ser deposito do patrimonio, se suspendeu a paga d'estas desde o anno de 1804 até agora, dizem por falta de numerario.

Os requerimentos dos parochos remettidos á contadoria para a sua solução sempre acham n'ella difficuldades. As folhas do clero para sua paga só tiveram effeito até o tempo que governou esta provincia D. Francisco de Souza Coutinho. Por instancias e representações dos Srs. bispos d'esta diocese, com particularidade do actual, foi Sua Magestade o Senhor D. João 6.º servido augmentar as congruas dos parochos em 200$ rs., em 1819; porém tanto estas como aquellas jámais se tem pago; o que tem motivado estarem grande numero de povoações sem parocho.

232. Os Indios crioulos são nimiamente robustos na sua constituição physica para poder resistir ás estações do anno, porque tem qualidades e attribuições privativas differentes dos outros homens, talvez por serem criados desde a infancia em trabalhos, a que não succumbem, qualquer que elle seja. É gente amiga do trabalho, de sorte que se não fosse o flagello dos serviços reaes e particulares, poderia contribuir muito á opulencia não só da capitania, mas de todo o Estado. Chamei flagello aos serviços, porque na verdade o é singularmente para o Rio Negro, em que empregados quasi sempre em serviços, não tem tempo de fazerem roças, nem de especarem casas, nem de cohabitarem com suas mulheres, de sorte que muitos aborrecidos e desgostosos se entranham nos matos sem apparecerem mais; servindo ainda de fazerem odioso o nome portuguez ao gentio com a desagradavel noticia que lhes annunciam da nossa deshumanidade. Outros fogem com suas familias para a comarca do Pará, e se confundem com outros nas villas e logares, deixando as suas propriedades no logar do seu nascimento.

233. São mui compassivos do seu similhante, e muito amigos dos homens brancos, por observação madura que d'elles fiz, contra a opinião de todos os escriptores, o que provaria com innumeraveis factos; e se algumas vezes se mostram pouco caritativos aos ditos brancos, é pelos assiduos enganos, perfidias, desprezos e contradicções que com elles praticam. Não ha gente mais appropriada para a navegação do paiz, mais atilada para romper os centros dos rios e descobrir as raridades e preciosidades que n'elles se occultam. São deli-

gentes para a pesca, e peritos para fazer as salgas de peixe e carne. São de rara habilidade para os officios mechanicos, e para as lettras talvez, se os applicassem a ellas. A mocidade é propensa á navegação e vida volante do mar, talvez para a navegação do alto pelo tempo futuro. Estas duas ultimas asserções se lhes provaram em tempo do general D. Francisco de Souza Coutinho, que os fez carpinteiros na construcção das fragatas e brigues que se fizeram n'este arsenal, e com vencimento a alguns de oitocentos réis por dia; elles mesmos depois foram por esquipação d'estes vasos a Lisboa. Em 1816 se construiu nos portos da villa de Santarém a galera *Nova Amazona*, cujos carpinteiros foram Indios do Rio Negro, fugidos á perseguição do governador.

234. Nas tradições e doutrina dos seus antepassados ainda alguns são observantes: como os do Rio Negro tingirem-se de carajurú ou urucú em certas estações do anno, e os do Amazonas, Solimões, Madeira e outros, de janipápo. Vê-se quando as suas donzellas menstruam a primeira vez, cortarem-lhes os cabellos e pôrem-nas em recato com rigorosa dieta. Alguns ainda circumcidam os filhos e filhas, sendo a mesma mãi a ministra d'esta operação, e lhes impõe o nome, commummente de seus antepassados; isto pela maior parte logo depois de nascidos. Aos machos fazem uma pequena e imperceptivel incisão no prepucio, e ás femeas cortando-lhes parte da crescencia dos vasinhos. Nos gentios sabe-se ser esta a practica na circumcisão e imposição do nome; nos crioulos ha um segredo inviolavel, talvez por receiarem que se saiba que elles ainda observam a lei hebraica, e sejam reprehendidos. Além disto ha entre elles usos e costumes em silencio sagrado: como tambem algumas cousas que se não tem notado, e outras em segredo mysterioso, como acima disse, que não passando hoje além de problema, o tempo devolverá o mysterio quando se olhar a ellas com reflexão.

235. Na nação Erequéna, que por corrupção se diz Uariquéna, notei muitos nomes hebraicos, mais ou menos viciados, como acima disse quando descrevi o rio Içana. Do que infiro e é minha opinião, com outros sujeitos, que esta gente é pertencente á tribu hebraica,

com alguma mistura das outras nações orientaes. Vê-se entre o gentio Mura homens serrados da barba e cabelludos no peito, barriga e pernas.

236. Sendo os Judeos tão abstemios de comer cousas immundas que chegam á impertinencia, pelo contrario o Indio come cobras, sapos, jacarés, lagartos, bichos, macacos e outros animaes immundos. Dão d'isso definição de ter sido o sustento dos seus pais quando a isso os obrigava a necessidade. Não se deve duvidar que os primeiros colonos, que vieram habitar esta vasta região, como homens estrangeiros e forasteiros, se servissem de tudo o que encontravam por matar a sua fome: d'aqui ficou á sua posteridade o uso de os comer.

237. O tingirem-se de janipápo e carajurú ou urucú, conjecturo ser nas mulheres ceremonia demonstrativa da disposição de se fecundarem, e nos homens aptidão a esse mesmo fim. Em quanto á reclusão das donzellas na primeira menstruação, tem alguma similhança á festa dos tabernaculos dos Hebreos. A circumcisão é a mesma, mais ou menos viciada. Estas são as noções ou parte d'ellas, que se podem dar dos costumes dos Indios do Rio Negro. São homens os mais pobres e desgraçados que ver-se póde, porque na sua regencia se assentou que o Indio não deve possuir mais que huma casinha coberta de palha, e uma roça de maniba para sustento de sua familia. É chiméra a opinião hyperbolica que os Indios são agrestes, duros de indole e pouco laboriosos; mas eu descobri motivos para suspeitar que estas indisposições nascem do modo indiscreto porque se tem até agora regido tanto no temporal, como no espiritual. Todas as idéas do bem se imprimem facilmente em corações ainda tenros. A alma sem experiencia ainda do mal e dos vicios recebe com docilidade o que é favoravel ás virtudes da religião, obediencia ao soberano e utilidade da sociedade.

238. Tendo examinado com as minhas observações como economista, agora passo a examinar como moralista. Na religião são exactos os Indios em cumprir com os preceitos da igreja. Em uma povoação, que tem a ventura de ter seu parocho um sacerdote de probidade e

honra, é onde habita a innocencia dos costumes. Os anciãos, que pela maior parte são os unicos que ainda se acham nas povoações, são frequentes nos exercicios da missa e confissões. Tenho andado entre elles; creio que os trabalhos de um parocho zeloso e vigilante alguma cousa rendem para o Céo; enchem-se as igrejas, ha muitas confissões geraes e emenda de vida. Muitas vezes quiz o Senhor pagar-me as minhas magoas com o gosto de ver e tratar alguns Indios de virtude solida, de uma escrupulosa e exacta observancia dos divinos mandamentos, summo horror ao peccado, presença de Deus quasi continua; e taes disposições interiores me enchiam de consolação espiritual, acabando de convencer-me que em toda a parte tem Deus os seus escolhidos, e que nada é capaz de lh'os arrancar das mãos.

239. O exercicio da oração vocal se deve promover principalmente nas povoações de Indios, por ser meio não só proprio, senão apropriado para elevar a Deus os seus espiritos grosseiros e pesados. A sua propensão ao vicio da borracheira é a maior lastima que se póde imaginar; parece que lhes é connatural! Por mais diligencias que se façam não se descobre emenda n'esta parte; aos gritos e instrucções parochiaes são insensiveis; uma só cousa mostra a experiencia que produz algum effeito n'estas almas, e é o bom exemplo, particularmente dos ecclesiasticos; amoldam-se muito ao que vêem reluzir nas suas acções, julgando pelo instincto natural e com assaz desculpa, que sendo seus mestres e conductores, não o devem ser menos pelas obras que pelas palavras.

240. Com effeito a vida solitaria é uma vida de extremos, ou faz anjos ou demonios: sem ver junto de si senão infracções da lei divina nos exemplos dos Indios e dos brancos visinhos, principalmente pelo que respeita aos dous vicios da incontinencia e da gula, vicios tão geniaes á gente india, que parece terem-lhe já suffocada e extincta toda a liberdade; ainda que instruidos, como disse, nas maximas santas da religião, fortificados com tantos soccorros dos sacramentos, a experiencia ensina que o espirito sente uma pasmosa debilidade quando se acha em logares desprovidos d'estes soccorros, e onde a alma só descobre objectos capazes de a embrutecerem. Se

habitam na povoação alguns brancos ou negociantes que a ella vem, são de ordinario os peiores, mais escandalosos e desaforados, mettendo mulheres em suas casas e tratando com ellas publicamente sem temor de Deus, nem pejo do mundo. Pois os que governam as povoações! Isto certamente é origem dos maiores males; porque o vicio em quem governa, é vicio posto a cavallo e enthronizado, que em logar de ser estranho, se faz honrar e respeitar, e d'aqui nasce o estrago e perdição de muitos.

241. Sei que assim mesmo é; são taes os perigos, e tão graves e frequentes, que só por graça especialissima do Céo se podem evitar; mas por outra parte sei que Deus é fiel, e nunca permitte que sejamos tentados sobre as nossas forças: sempre de nós procede a nossa ruina; declaram-se-nos os meios a que estão ligadas as graças, por exemplo, o uso dos sacramentos, a vigilancia, a oração, a fugida dos perigos que ameaçam a innocencia; despresamol-os e dizemos então que nos queremos salvar: é certamente um querer bem diverso d'aquelle com que proseguimos os objectos que alliciam os nossos sentidos, o qual sempre abrange os meios que nos parecem mais convenientes ao fim desejado: o contrario d'isto costuma-se a chamar velleidade e não vontade.

242. Na mocidade os Indios e Mamalucos são perversos, não de sua natureza, senão por falta de educação. (Mamaluco chama-se o filho de India com branco.) O que se ha de esperar de um moço, que faltando-lhe o freio da educação se mistura com outros muitos perversissimos nos serviços publicos, e depois com a frequencia de outros seus iguaes nas canôas dos negociantes? A perda da sua natural simplicidade, inconstancia e propensão aos vicios da ebriedade e incontinencia!!! São homens os mais desgraçados de todos. Não são senhores dos seus pequenos filhos, porque lh'os tiram para os serviços publicos; os machos para as olarias, para o carreto do barro e companheiros de pescadores, e as femeas para vasculhar os algodões nas fabricas. Sendo a classe de homens a mais interessante ao Estado, é a mais despresivel. Elles se uniram por meio dos missionarios aos brancos Europeos, com a condição tacita de se lhes sustentar

aquella parte dos seus direitos, como indispensaveis á sua felicidade.

243. Eu bem sei que o serviço de Sua Magestade é preferivel a todos os mais por ser serviço publico e que deve executar-se, porém é alli um abuso de que as auctoridades se servem para fazer o seu privado: seja elle de que natureza fôr, sempre é serviço publico. Por este motivo andam os Indios de continuo em actual serviço fóra de suas casas. Este abuso grita pelo remedio, pois além de ser funestissimo á humanidade e á Igreja por lhe roubar quasi do seio tantas almas, remidas com o preço infinito do sangue do seu divino Esposo, é ainda summamente prejudicial ao serviço imperial, sendo occasião de que muitos d'elles aborrecidos de uma tão indigna hospedagem desertem das povoações, como diariamente estão praticando, e não só isto, mas até chegam a fazer (com razão) o nome dos brancos odioso entre os mais gentios, desviando-os de buscar a nossa amizade. Este unico remedio, sendo desprezado, pronostica totalmente despovoar o Rio Negro. D'aqui vem que muitos entrando n'este Rio em summa miseria, dentro de pouco tempo ajuntam grosso cabedal. Certamente eu não escreveria estes factos e explicar-me-ia por esta forma se não o tivesse presenciado.

244. O Sr. arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão, sendo bispo do Pará, veio no conhecimento das referidas oppressões na digressão das suas visitas, cujo conhecimento elevou ao throno de Sua Magestade a Senhora D. Maria I, e por este motivo se resolveu abolir o directorio dos Indios, equilibrando-os aos demais vassallos, e regidos pelas mesmas leis por que todos se governam. Com magoa o dizemos, desgraçadamente nada d'isto se tem observado, principalmente no Rio Negro. Parece que a mesma distancia d'aquella capitania e a falta de lettras para os reclamos das oppressões cooperam para as arbitrariedades, que gemem em silencio.

245. Os homens brancos do Rio Negro uns são alli nacionaes, outros Paraenses e outros Europeos: os nacionaes são filhos dos Europeos, que alliando-se com as mulheres naturaes do paiz fizeram procreação, e estes continuando a casarem-se com brancos, estão na quarta e quinta geração, e por conseguinte mui alvos, e todos industriosos para os offi-

cios mechanicos. Sendo a ignorancia e falta de estudos a raiz d'onde dimanam a maior parte das desordens, a soberba, a desobediencia e o despotismo, e a mesma superstição e irreligião tem n'ella o seu nascimento, é de lamentar que não tenha lá havido um só professor de primeiras lettras no espaço de quarenta annos, talvez por descuido dos magistrados. Quantos meninos de tão bella indole alli estão sem saber ler e nem escrever por falta de professores, e por não terem seus pais meios de os manter na cidade do Pará! A experiencia ensina que poucos que d'ella tem vindo mostram propensão e rara habilidade ás bellas lettras. Inclinado o homem ao mal desde o ventre de sua mãi, não ha outro remedio contra esta funesta propensão que uma educação santa, que o preserve no tempo em que as paixões possam pretender seu dominio, uma educação que lhe sirva de muralha quando as desordens da natureza começarem seus ataques fortes. Não devemos esquecer aquella sentença do Senhor: « O homem levará até á sepultura o que se lhe ensinar nos seus primeiros annos. » Si se lhe ensinar a temer a Deus, a amar seus pais, honrar e obedecer aos magistrados, elle se verá estimulado a ser um bom christão, um bom filho e um bom vassallo; mas se o instruirem no atheismo e no direito da liberdade, elle será um homem cheio de vicios, desprezador de seus pais, e rebelde a todos os que o quizerem mandar.

246. A gente branca no Rio Negro pela maior parte são moços, que fugindo a seus pais, na Europa se embarcam nos navios como moços de servir, que mudando de clima, em nada mudam de condição e costumes. Destituidos de luzes e do santo temor de Deus, são monstros de maldade para inficionarem tudo com seu halito pestifero e venenoso. É a desgraça mais deploravel, que os que tem todas as razões para edificarem os Indios com a sua christandade, são de ordinario os que os escandalisam e os acabam de corromper com o seu infame procedimento. São de ordinario da mais baixa ordem que ha em Portugal, que apenas desembarcam, revestem não sei que sentimentos de elevação; não disse bem, ficam logo feridos do contagio geral do paiz, que é um espirito de dissolução, de preguiça e desmazelo que arruina tudo, não só pelo que respeita aos costumes, mas

aos mesmos interesses temporaes: uma taberna, uma loja de fitas, andar de povoação em povoação vendendo algumas quinquilharias, é a sua mais querida occupação, e d'aqui nasce o atolarem-se no abysmo dos vicios; vicios que lhes minam as bazes da saude, e os fazem por fim odiosos aos olhos de Deus e dos homens.

247. São tantos os ramos de negocio no Rio Negro, que tem em pouco tempo enriquecido a muitos; apezar d'isto não falta pobreza, o que se deve attribuir a muitos principios, principalmente á negligencia e ociosidade em que muitos vivem. Da industria e trabalho dos particulares nasce a sua riqueza e prosperidade, e da riqueza dos povos nasce a da provincia. Como alli concorre um grande numero de canôas com titulo de negociantes, levando unicamente cachaça e algumas quinquilharias, fazem nas povoações um negocio de cabotagem. Estas fazendas pedidas aos negociantes do Pará, com ellas convencionam entre si um monopolio nos preços, e compram os generos aos habitantes, que não tem meios de os exportar ao Pará, por preços infimos, prejudiciaes por todas as formas á utilidade da provincia. Sendo a cachaça o primeiro attractivo do Indio, com ella os praticam e os levam das suas povoações, com elles fabricam os generos que a natureza offerece á vista, como são salgas de peixe, manteigas, azeites e cacáo, attentado a que as auctoridades não podem obstar por não haver até agora sobre isso lei positiva. Assim varrem das povoações, bem como a rede de arrastar, os ultimos braços com que os naturaes se deviam coadjuvar em seus trabalhos, e assim vê-se por todos os modos empobrecer a provincia.

248. Os negociantes que assistem nas povoações são os mais escandalosos, não só em trato mercantil, senão em torpezas obscenas, e assim passam a vida mui satisfeitos, rindo, folgando e dormindo a somno solto. Que é isto, digo a mim mesmo, que prodigio de cegueira, que assim chega a extinguir todas as luzes no espirito do homem? Ah! que certamente este é o estado de dureza do coração, estado mais funesto e deploravel a que uma alma póde ser reduzida n'este mundo, se quizermos attender ao que refere a escriptura de Pharaó, de Saul e dos perfidos Judeos, aos quaes nada foi capaz de attrahir á

penitencia, e todos os favores que receberam da mão de Deus só serviram para os fazer mais criminosos.

MEMORIA HISTORICA

SOBRE

A COLONIA ALLEMÃA DE S. PEDRO D'ALCANTARA

ESTABELECIDA NA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA :

Escripta e offerecida ao Instituto pelo Rev.º vigario o Sr. Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva.

Fundação da colonia.

A colonia allemãa estabelecida em Santa Catharina sob a denominação de S. Pedro de Alcantara acha-se situada sobre a margem esquerda do rio Maruhy, districto da villa de S. José, e na distancia de quatro leguas e meia a oéste do arraial da mesma villa. A sua fundação data do anno de 1829.

O governo central do Brazil, reconhecendo sem duvida a necessidade de lançar mão da colonisação, unico meio para de prompto povoar o vasto territorio de Santa Cruz, e fazer apparecer as riquezas que se occultam em seus fertilissimos campos, pôde engajar não pequeno numero de familias allemãas, que successivamente fez distribuir pelas provincias do Sul.

Durante o anno de 1828 desembarcaram na Ilha de Santa Catharina, vindos nos brigues *Marquez de Vianna* e *Luisa*, 146 familias em numero de 523 pessôas, e reunindo-se mais tarde 93 individuos que tinham sido praças dos batalhões dissolvidos no Rio de Janeiro, assim como 19 do batalhão 27, tambem dissolvido n'esta

provincia, pôde-se contar ao todo 625 Allemães, que se destinaram á nova colonia de S. Pedro de Alcantara.

O brigadeiro Francisco de Albuquerque Mello, então presidente da provincia, empregou todos os meios a seu alcance para a realisação d'esta obra: e mostrando ardentes desejos de vêl-a concluida durante a sua administração, encarregou d'esta empreza o major Silvestre José dos Passos, nomeiando-o inspector da colonia. Este prestante cidadão, apezar de sua idade sexagenaria, não poupou esforços em tão penosa tarefa, desempenhando a sua missão com a probidade, intelligencia e zelo que lhe são naturaes. A Providencia pareceu abençoar seus patrioticos serviços, coroando-os em breve com feliz resultado: e a posteridade algum dia avaliará com mais justiça o merito d'esse venerando ancião.

O inspector da colonia, apenas recebeu as ordens e instrucções com que devia dar principio á sua commissão, marchou a explorar o terreno para o futuro estabelecimento. Logo que chegou a terras devolutas, depois de tel-as examinado minuciosamente, escolheu o logar que lhe pareceu mais azado para servir de logradouro publico ou arraial, e ahi demarcou um quadro, em cujo meio deixou uma pequena praça bordada de duas ruas, que denominou, uma de S. Pedro de Alcantara, e outra do Albuquerque. Em seguida fez levantar vinte palhoças, para n'ellas receber os colonos, até que estes fizessem casas dentro das datas que lhes deviam ser demarcadas.

De 146 familias que se destinaram a formar a nova colonia, 14 se deixaram ficar na cidade e seus arrabaldes, e por isso só 132 datas foram demarcadas para um igual numero de familias. Cada uma data foi regulada de 50 a 100 braças de frente, segundo o numero de pessôas que continha cada familia; todas porém com 750 de fundo; marcando as frentes das referidas datas á estrada que conduz á villa de Lages.

Os colonos logo que chegaram a Santa Catharina foram mandados para a armação da Lagoinha na costa oriental da Ilha, e ahi se conservaram até voltar para a capital, e então foram residir no quartel militar do campo do Manejo. Ao principio amedrontados

pela noticia de que os indigenas frequentavam esses logares, que lhes eram dados para seu estabelecimento, recusaram sahir da cidade. Este terror poderia fazer mallograr-se a empreza, se o presidente da provincia não os animasse, marcando uma diaria de 160 réis a cada Allemão que subisse para o logar da colonia. Este incentivo teve optimo resultado. Os colonos immediatamente annuiram á proposta, e os indigenas, que infestavam aquelles sitios, foram fugindo de similhantes visinhos. Hoje a colonia de S. Pedro floresce; e se não entregar-se ao abandono a estrada que a atravessa em direcção á villa de Lages, nós a veremos em todos os annos crescer e progredir, pois encerra em si elementos de prosperidade, que lhe promette lisongeiro futuro.

Descripção physica do arraial de S. Pedro d'Alcantara.

A 26 de Maio de 1845 fizemos alli a nossa primeira visita parochial, e no espaço de seis dias tivemos occasião de examinar minuciosamente o estabelecimento e admirar os costumes d'esses homens, nascidos na antiga Germania, e por um capricho de fortuna arrojados aos sertões e florestas do vasto imperio de Santa Cruz. O viajante que se dirige a esta colonia goza de todas as delicias que podem tornar agradavel o passeio em uma manhãa de primavera. Na distancia de uma legua da villa de S. José, depois de caminhar por uma estrada guarnecida de apraziveis chacaras, encontra o rio Maruhy, e dando-lhe a esquerda, jámais o perde de vista, nem deixa de ouvir seu doce e brando murmurio. Este rio, na distancia de duas leguas e meia da sua foz, forma um salto com grande estampido sobre alcantilada pedreira; e o viajante n'este sitio vê-se forçado a parar em quanto contempla tão maravilhoso quadro com primor desenhado pela natureza. Depois de quatro leguas de bom caminho, posto que ás vezes se torne pantanoso por occasião de chuvas consecutivas, ao tocar o alto do morro do Cunha, divisa-se a pequena capella, hoje matriz, edificada sobre elevada collina, e algumas das casas que se acham á margem do

rio. Ao entrar no arraial da colonia, não se offerece outra vista além de uma larga rua, que conterá vinte edificios, e cujo intervallo serve de praça; por quanto os Allemães, apartando-se do risco que lhes dera o inspector Passos, julgaram mais conveniente estender-se pela margem do Maruhy. Comtudo, ainda que pequeno o arraial apresenta um agradavel e interessante aspecto, maximè nos dias em que os colonos ahi concorrem para a celebração dos officios divinos.

Por occasiões de solemnidades religiosas, apenas o sino da capella convida os fieis ao augusto sacrificio da missa, todos os colonos honestamente vestidos alli se dirigem. O interior da igreja é ornado com simplicidade, mas decentemente. Na distancia de dous passos da porta principal deixa-se ver uma pequena columna de madeira sustentando uma pia de agua benta, e junto d'esta um pequeno cofre onde se recolhem as esmolas para a cera e mais despezas do altar. Ao lado do Evangelho, desde a porta até á grade que defende o altar-mór, vê-se uma ordem de banquinhos baixos, sobre os quaes as mulheres se ajoelham durante a oração; e ao lado da Epistola outra do mesmo modo para os homens, ficando adiante os meninos de um e outro sexo. Aqui reina o mais profundo e inalteravel silencio, ainda mesmo nos dias de maior concurso de fieis. Durante este sacrificio da missa os colonos entoam certos canticos em estylo religioso, porém variado. Então não pude deixar de sensibilisar-me ao ver até os meninos de seis annos cantar de cór muitos dos Psalmos, pronunciando admiravelmente as palavras latinas. A um dos lados da igreja está o cemiterio, onde, além de uma grande cruz plantada pelos padres missionarios quando ahi estiveram, observei outras muitas, porém pequenas, fincadas sobre cada sepultura, e todas enfeitadas de flores e festões de papel picado, muito principalmente as que assignalavam os jazigos de innocentes. Em quanto dura a visita parochial, principalmente na quaresma, os colonos, ainda que a maior parte oriundos da Prussia, mas catholicos romanos, á excepção de tres ou quatro familias lutheranas, não perdem um só dia de missa, e nenhum d'elles deixa de procurar os sacramentos da penitencia e

eucharistia, para o que desprezam a longitude de tres e quatro leguas, muitas vezes por caminhos intransitaveis. É para sentir que estes homens venham de tão longe exprobrar-nos a nossa indifferença pela religião, dando-nos solidos exemplos da observancia que devemos aos seus preceitos, unicos e preciosos laços que unem a sociedade humana.

Por uma resolução da assembléa provincial em 1844 a colonia de S. Pedro foi elevada a freguezia sob a mesma denominação; e o Exmo e Rev.^{mo} Sr. bispo diocesano em sua visita a esta provincia confirmou a resolução na parte espiritual, e encarregou-nos o regimen da nova parochia. N'este tempo os colonos, querendo tambem partilhar da munificencia de Sua Magestade o Imperador, dirigiram-lhe um requerimento, pedindo uma esmola para a reedificação da nova matriz: o digno Monarcha, prompto sempre a fazer generosos donativos em prol dos templos e estabelecimentos pios, os acolheu favoravelmente, indagou com interesse ácêrca do estado da colonia, e mandou entregar ao presidente da provincia certa quantia para ser applicada ao concerto da matriz de S. Pedro d'Alcantara. Os Allemães ficaram encantados da affabilidade com que o Imperador os recebeu, e não cessaram de fallar com louvor do augusto filho da archiduqueza Leopoldina: assim se exprimiam em referencia á virtuosa e primeira imperatriz do Brazil, de saudosa recordação.

A estrada de Lages até os ultimos Allemães da colonia.

Antes de entrarmos na analyse do caracter e costumes dos colonos, continuaremos a descripção do terreno povoado até os ultimos moradores a oéste. Deixando-se o arraial da freguezia, entra-se na estrada que guia á villa de Lages; a qual, como dissemos, vai marcando as frentes das terras que foram concedidas aos colonos no principio do estabelecimento. Ao descer de um morro bastante ingreme, denominado de João Branco, offerece-se aos olhos do viajante a mais bella planicie cortada pelo rio Maruhy, onde, segundo a opinião

de alguns, devêra ser o arraial da freguezia. Aqui o rio, formando com sua volta uma especie de peninsula, deixa o viandante, que seguindo á direita, vai subir o grande morro do Galão, abundante de pedras soltas de variadas formas, e em cujo principio corre um ribeiro de crystallinas aguas.

Na distancia de menos de uma legua do arraial acha-se situada uma pequena ermida com a invocação de Santa Barbara, erigida pelos colonos moradores d'aquellas visinhanças. Quando algum sacerdote tem occasião de se achar n'esta capella e celebrar o augusto sacrificio da missa, então concorrem a este logar não só os moradores de S. Pedro d'Alcantara, como os que habitam as margens e cabeceiras do rio Biguassú, em grande distancia d'alli.

Em uma de nossas visitas a esta ermida apanhámos infelizmente grandes aguaceiros, e os caminhos tornaram-se tão intransitaveis, a ponto dos mesmos animaes não poderem segurar-se, pois que nos morros era perigoso caminhar, visto que as chuvas os tinham tornado muito escorregadios, e nas baixadas não menos perigo havia em entrar nos enormes tremedaes que ahi se formavam.

N'esta occasião admirei o fervor com que aquella porção de fieis procuravam assistir aos officios divinos. Homens, mulheres e crianças em numero de duzentas pessôas caminhavam a pé, arrastando com prazer tão penosos incommodos! Esta ermida foi construida com muita simplicidade; porém está decentemente ornada. Possue, como a de S. Pedro, o seu cemiterio, onde se nota o mesmo que descrevemos no outro. O local é pessimo, pois além de ser cercado de morros, está ainda muito assombrado de mato e retirado de visinhanças. Ao sahir d'este sitio vai subir-se o extenso morro de S. João, o qual em alguns logares offerece a mais bella vista, como a da barra do norte da ilha, do Arvoredo, Santa Cruz, assim como a serra por onde se estendem os lavradores que cultivam as margens do Biguassú.

Alguns dos colonos a quem couberam datas ao norte da estrada, abandonaram-as poucos annos depois; e a isto se deve a solidão que existe na proximidade do caminho, logo que se entra no morro do

Galão, de que já fallámos. Este abandono proveio sem duvida de falta d'agua corrente, de que os colonos tanto precisam para seus engenhos, e que era difficil encontrar nas terras que ficam ao norte. O rio Maruhy era a divisa mais propria para marcar as frentes das datas, acompanhando sempre a estrada a margem esquerda d'aquelle, como se observa de S. José ao arraial da freguezia; porém infelizmente não acontece assim. A estrada, ao subir o Galão, deixa o rio e segue sobre morros em grande distancia; d'onde resulta que os colonos, a quem tocaram terras ao sul da estrada, retiraram-se d'esta e foram procurar a margem do rio, que dista d'ahi poucas braças, a fim de fundarem seus estabelecimentos; e os que ficaram ao norte, á excepção de algum que teve a felicidade de encontrar agua corrente em suas terras, abandonaram as datas, e foram estabelecer-se ou nas margens do Biguassú, ou nas do Cubatão, distante d'este logar quatro leguas, e muito proximo ás Caldas da Imperatriz. Hoje é consideravel essa ramificação da colonia de S. Pedro que foi estabelecer-se no Cubatão, e por isso d'ella nos occuparemos um pouco.

Ramificação d'esta colonia, estabelecida no Cubatão.

No anno de 1836 onze familias allemãas, deixando as datas que lhes tinham sido concedidas no Maruhy, pediram e obtiveram outras, posto que mais limitadas, nas margens do rio Cubatão. Aqui reunidos os novos povoadores, começaram por prestar não pequeno serviço, fazendo com a sua presença desapparecer os indigenas, que ainda de vez em quando infestavam estes logares. Feitas algumas derrubadas, formaram como uma pequena colonia, que hoje promette esperançoso futuro, não só pela fertilidade das terras e indole de seus cultivadores, como pela visinhança em que está com a nova colonia de Santa Isabel, que se vai estabelecendo nas margens do Rio dos Bugres e proximidades da serra da Boa Vista.

O arraial da Capella das Dôres da Vargem Grande, assim deno-

minado por ser Nossa Senhora das Dôres o orago da ermida que ahi erigiram os colonos, está situado na margem direita do rio Cubatão, em um amenissimo descampado, ondeado de pequenos outeiros ou lombas, distando da capital seis leguas e meia, e cinco da villa de S. José. A viagem a esta ermida é na primavera um passeio excellente, e durante o qual o viajante goza de um ar livre e balsamico, devido ás viçosas arvores que ornam a estrada de um e outro lado. N'este delicioso trajecto jámais se perde de vista o bem conhecido Cubatão, que, banhando essas terras com suas aguas, as fertilisa tornando-as as mais productivas da provincia. A estrada, que sempre acompanha a margem esquerda do rio, maximè em tempo secco, offerece aos colonos commodo transporte de generos de sua lavoura, dos quaes parte é conduzida em cargueiros até o salto do mesmo rio fronteiro á fazenda de D. Victoria, e ahi embarcam em canôas até á villa de S. José, ou em direitura á capital, e parte vai nos mesmos animaes até o logar do seu destino.

Em meia viagem d'este estabelecimento deixa-se ver sobre uma elevada collina a casa principal da fazenda de Santa Anna, pertencente ao cidadão Joaquim Alexandre de Campos. É este logar sem duvida um dos mais pittorescos do Cubatão. Aqui descançaram Suas Magestades e a imperial comitiva tanto á ida como á volta do passeio que fizeram ás Caldas da Imperatriz. Esta fazenda possue igualmente um decente oratorio, que muito utilisa aos moradores do Cubatão sempre que ahi se dirige o vigario de S. José a administrar os sacramentos aos seus parochianos.

Na distancia de uma legua d'este logar estão situadas as Caldas do Norte, menos procuradas que as da Imperatriz, talvez pelo pouco trato que tem recebido, continuamente inundadas de charcos de agua fria, que lhes ficam visinhos; ao que sómente se deve attribuir o seu inferior gráo de calorico. Entretanto é innegavel ser o local em que se acham incomparavelmente melhor que o das do Sul ou da Imperatriz, pois offerece commodo e plano terreno para um grande estabelecimento. É de esperar que o Governo, concluida a obra do hospital das Caldas da Imperatriz, trate de providenciar o

seu melhoramento, afim de aproveitar-se mais essa preciosa therma com que a natureza mimoseou a nossa provincia.

A poucas braças de distancia d'este sitio começa o grande morro de Nossa Senhora, unico estorvo que difficulta de algum modo aos colonos, principalmente com máo tempo, a conducção dos generos de sua lavoura. Este obstaculo porém actualmente intenta-se remover, e poder-se-ha effectuar com facilidade, fazendo-se uma muda da estrada em differente direcção. Na descida d'este morro o arraial da Capella das Dôres offerece aos olhos do viajante o mais aprazivel quadro, não escapando á primeira vista uma só de suas casas edificadas sobre collinas. Este local, mais desassombrado de morros que aquelles que o precedem, parecendo ao longe uma extensa planicie, deu motivo a que o denominassem Vargem Grande. O seu terreno é, em pequenas distancias, cortado de ribeiros que correm a unir-se ao Cubatão, aqui menos veloz em sua carreira, como para contemplar a belleza d'este sitio encantador.

Descripção da capella e suas solemnidades religiosas.

Os colonos, eminentemente religiosos, logo que chegaram a este logar trataram de erigir uma ermida, onde fizeram seus exercicios de piedade e religião, constituindo por seu chefe o allemão Nicoláo Henckenn, ancião de reconhecidas virtudes, pai de numerosa familia, e que como mais instruido os dirigia e aconselhava á practica do bem, merecendo de todos os colonos respeito e veneração. Esta capella, posto que construida com paredes de páo a pique e de pequenas dimensões, sobresahe com elegancia no alto de uma collina, dominando todos os aposentos que lhe ficam em torno. No seu interior apresenta o mesmo aspecto que a de S. Pedro d'Alcantara, simplesmente ornada, porém com decencia. O Exmo e Rev.^{mo} prelado diocesano em sua visita auctorisou-nos a benzer esta capella e um logar para cemiterio, a requerimento dos colonos. Em virtude d'este despacho dirigimo-nos á Vargem Grande a 12 de Maio de 1846,

e no dia seguinte teve logar a solemnidade da benção, finda a qual celebrámos missa, a que assistiram os colonos: confessaram-se, commungaram sem que d'elles um só faltasse, guardando em todos estes actos aquelle respeito e acatamento que costumam em occasiões similhantes. Na tarde d'este dia resaram vesperas diante da cruz que se tinha plantado no adro da ermida. Era admiravel o fervor com que elles acompanhados de suas familias, e as mulheres trazendo ao collo os filhos ainda de peito, entoavam os canticos sagrados, parte em latim e parte na lingua vernacula.

Findos os actos religiosos, um dos colonos foi gravar no tronco de grossa arvore uma inscripção em portuguez, para perpetuar a memoria d'esta solemnidade; assegurando que o dia 13 de Maio seria para elles em todos os tempos um dia santo de guarda. Retirámo-nos penhorados de tanta bondade; e para animal-os a proseguir no melhoramento material da capella, lhes concedemos quaesquer rendimentos que se arrecadassem alli por espaço de dous annos, provenientes dos enterros que se fizessem no novo cemiterio.

No dia 10 de Novembro do mesmo anno fomos outra vez convidados á Capella das Dôres, e tivemos o maior pezar quando soubemos que era para celebrar uma missa por alma do bom Nicoláo, cujas virtudes havia pouco tempo tinhamos admirado. A povoação inteira estava sepultada no lucto e consternação, apresentando aquelle sitio um verdadeiro contraste do quadro risonho que nos offerecêra a seis mezes. O acto da missa passou-se no maior silencio, interrompido apenas por sentidos soluços, que bem exprimiam a dôr de que os colonos se achavam possuidos. Em seguida fizemos uma exhortação, porém pouco tempo nos demorámos, porque o copioso pranto dos assistentes nos commoveu em extremo, e vimos que até as crianças lamentavam a morte de seu mestre e bemfeitor! Pedro Henckenn, filho do finado, possuindo boas qualidades para desempenhar a missão de que seu pai estava encarregado, passou por escolha dos colonos a fazer as vezes d'aquelle varão, que tanto trabalhou para a prosperidade d'este estabelecimento, maximè na parte relativa á edificação moral da mocidade, em que era assás solicito.

Vantagens do Cubatão para estabelecimentos coloniaes.

Os generos de lavoura d'estes Allemães são os mesmos que cultivam os que habitam as margens do Maruhy na freguezia de S. Pedro d'Alcantara, como veremos quando se tratar d'esta especie. Possuem engenhos para o fabrico do assucar (que aqui é perfeitissimo), farinha de mandióca, de milho, etc., e dos quaes alguns são movidos por agua. Em occasiões de safras ajudam-se mutuamente, reinando entre elles a mais perfeita harmonia.

Não podemos deixar de observar aqui que esta ramificação da colonia de S. Pedro d'Alcantara estaria hoje mais augmentada que o mesmo tronco, se não fossem as datas de terras que alguns Brazileiros tem obtido nas estremas das dos colonos, e que sem as cultivar impedem que aquelles se estendam. Estes obstaculos devem ser removidos de principio, quando o Governo tenha de marcar terrenos para o estabelecimento de colonias. Reconheço que os Brazileiros devem ter igual direito a obterem datas de terras devolutas; mas estou convencido tambem que estas terras, quando se concedem, é para o fim de ser cultivadas, e nunca para conserval-as em mato virgem, na espectativa de achar occasião opportuna de vendel-as com grande lucro, obstruindo entretanto ao adiantamento de uma povoação interessante que quer estender-se. É isto uma especulação bem pouco louvavel.

Quando avançámos que este ramo poderia estar hoje mais florescente que o proprio tronco d'onde se desmembrava, fundámo-nos em que, além de outras commodidades, o rio Cubatão fertilisa melhor as terras adjacentes que o Maruhy: e em quanto este é unico, não fallando no Biguassú pela sua distancia, áquelle confluem os rios Forquilhas, Aguas Claras, dos Bugres, e um sem numero de ribeiros e cachoeiras, que banham as suas immediações. Accresce que as terras do Cubatão parecem conservar a sua fortaleza por mais tempo, e os seus

fructos dão com mais abundancia e diversidade. Finalmente, posto que estes Allemães mostrem o mesmo caracter e costumes que possuem os que habitam a freguezia de S. Pedro, é notavel que aquelles tem a mais decidida inclinação ao trabalho, e quasi nunca se entregam a divertimentos; e uma prova bem convincente é o quanto elles tem feito, attento o seu pequeno numero e o pouco tempo que para aqui vieram estabelecer-se. Comtudo uns e outros merecem iguaes encomios de todo o Brazileiro que se interessa pelo engrandecimento de sua patria. O arraial da Capella das Dôres conta hoje mais de quarenta familias, incluindo poucos Brazileiros que alli residem, vivendo satisfeitos e em boa intelligencia com seus visinhos; pelo que deve esperar-se um futuro ditoso para este utilissimo estabelecimento.

Caracter e costumes dos colonos.

Os colonos de S. Pedro d'Alcantara são em geral industriosos, pacificos, amantes do paiz que os abriga e inclinados ao trabalho, ao qual começam a applicar-se na mais tenra idade. Amigos do seu commodo, nada valem a seus olhos as differentes modas do trajar. Tendo a cabeça coberta e os pés agasalhados de grossas meias e impenetraveis sapatões, apparecem em todo o logar e com desembaraço, trajando vestidos talhados pelo mesmo molde de que usavam quando aqui chegarem ha perto de vinte annos.

Nenhum colono deixa de entender mais ou menos d'este ou d'aquelle officio mechanico; e a maior parte, além de fallar soffrivelmente o portuguez, sabe ler, escrever e contar no seu idioma, tendo por isso o cuidado de possuir sempre comsigo um mestre allemão para a instrucção primaria dos filhos. Muitos tambem costumam mandar os filhos frequentar escolas brazileiras.

Homens summamente francos, maximè para com os Brazileiros, conservam constantemente abertas as portas de suas casas, e ahi todos entram sem outra formalidade que a de tocar a aba do chapéo, pois

os Allemães poucas vezes o tiram da cabeça. Qualquer individuo, ainda que desconhecido seja, póde entrar na casa do colono e percorrel-a toda, sem que isto seja por elle extranhado. São amigos de passar bem, e a avareza entre elles é desconhecida; comtudo reina alli um costume, que de alguma sorte desmente a franqueza e bondade que os caracterisa, a saber: qualquer colono, comendo ou dormindo em casa de outro, tem de no dia seguinte pagar a hospedagem, salvo se é parente proximo do dono da casa: entretanto se o hospede é Brazileiro tratam-no com o maior agrado, e não lhe exigem estipendio algum. O motivo d'esta differença, dizem elles, é o antiquissimo costume do seu paiz entre a gente do campo, costume que não exercem com os Brazileiros, porque estes tambem os hospedam com affabilidade, sem que precisem pagar a comida ou aluguer da cama em que dormiram.

Torna-se digna de attenção a maneira porque um casal divide entre si os trabalhos diarios. O marido desmata, roça e planta; a mulher colhe e carrega sobre os hombros, seja qual fôr a distancia; e muitas vezes em quanto esta caminha longo espaço, gemendo sob o peso da carga, aquelle fumando em seu comprido cachimbo marcha de mãos nos bolços, até encontrar comprador aos seus generos. Os filhos de um e outro sexo, apenas deixam os desvelos maternos, começam a partilhar o trabalho de seus pais; acordam-se ao romper do dia, e tem a seu cuidado tratar dos animaes.

Nos dias em que se reunem no arraial da freguezia, depois de findos os officios divinos tratam de divertir-se ou no jogo da bola, ou dansando a favorita valsa, para o que apparece de prompto uma flauta ou clarineta, unico instrumental de que usam, e dão principio ao baile. Na grande sala, que alli sempre tem toda a casa, ainda que pequena, valsam indistinctamente sem differença de sexo ou idade. Qualquer pessôa, ainda que não pertença áquella communidade, póde entrar, e independente de convite tomar parte no divertimento. O musico é que interrompe a valsa, cessando de tocar, e logo passa a receber os donativos que cada qual lhe offerece, segundo a sua generosidade. Durante o festim esgotam-se uma infinidade de copos de

vinho, comprado ao dono da casa, que é sempre quem lucra com os bailes. Comtudo reina entre elles a mais perfeita união; a ordem jámais se altera, e se algum se embriaga vai immediatamente sobre alguma calçada pagar a Morphêo o tributo da sua intemperança. São verdadeiramente unidos entre si; para prova do que basta reflectir, que residindo elles ha tantos annos n'aquelle logar, ainda até hoje não consta que tenha havido ferimentos, roubos, ou qualquer outro attentado contra o seu similhante.

Uma grande parte d'estes colonos militaram durante a revolução européa sob as bandeiras de Bonaparte, e mostrando ainda hoje especial dedicação ás armas, entretêem o viajante com a narração de suas aventuras, onde deixam apparecer o enthusiasmo de um genio guerreiro. O nome de Napoleão é pronunciado por elles com prazer indizivel, e as salas de suas casas são ornadas de quadros representando diversas façanhas do grande homem. As suas conversações jámais versam sobre materias politicas, e nem tem, á similhança de quasi todo o estrangeiro, a mania pessima de envolver-se nos negocios politicos do paiz que os agasalha. Indifferentes á promulgação de novas leis, mudanças de auctoridades, creação de impostos e outras innovações de que é susceptivel o nosso systema de governo, cuidam sómente no seu negocio ou lavoura, e estimam a prosperidade do logar que habitam. Esta preciosa condição só por si bastaria para elles merecerem as sympathias dos Catharinenses.

Seu commercio, agricultura e população.

O commercio da colonia é hoje algum tanto consideravel, possuindo o arraial algumas casas de negocio, e varias officinas onde os introductores do gado e varios viajantes, que descem da villa de Lages, se refazem do necessario. Algumas vezes os que commerciam n'este genero é alli que vão esperar os tropeiros com o fim de effectuarem uma negociação mais vantajosa. Os colonos conduzem os seus generos em cargueiros até a um dos arrebaldes da villa de S. José,

denominado Praia Comprida. Aqui existe um não pequeno numero de Allemães, que mais inclinados ao commercio deixaram a colonia, e vieram estabelecer-se com negocio. Este é sem duvida um dos logares da villa que encerra maior commercio, e muito tem concorrido para o incremento da mesma. Conta já um grande numero de armazens, officinas, e a maior parte de seus moradores possuem lanchas, botes ou canôas, que diariamente navegam para o porto da capital, levando os generos dos colonos que descem de S. Pedro d'Alcantara. Os seus edificios tornam-se notaveis pela maneira de sua construcção; as peças do madeiramento são encravadas umas nas outras e presas com tornos de cerne, dispensando d'esta arte toda a qualidade de pregos. O seu repartimento interior é igualmente de madeira bem trabalhada.

Os colonos ao chegar a este logar com seus cargueiros, embarcam os generos nas lanchas de que já fallámos, e transportam-nos á capital, onde vendem, abastecendo-a assim dos generos de primeira necessidade. A' tarde voltam á Praia Comprida, que poderá distar legua e meia da cidade, e recolhem-se á colonia, levando comsigo effeitos para negocio e proprio consumo.

Os generos principaes de sua lavoura são a batata, o feijão, a mandióca e o milho, de que fazem tambem excellente farinha; cultivam igualmente a canna de assucar, e d'ella fazem aguardente. São muito amigos de criar, e por isso um dos artigos mais fortes do seu mercado é a carne de porco e manteiga, que vendem diariamente e com abundancia. Na Vargem dos Pinheiros, tres leguas acima do arraial, produz espontaneamente a verdadeira herva mate em grande quantidade; porém como os colonos não usam d'esta bebida e talvez ignorem o seu fabrico, não tratam de admittil-a no seu mercado, e apenas algum nacional que alli reside costuma ir buscar, e depois de preparada levar em pequenos jacazes ao mercado da capital.

A população da colonia consta actualmente de 145 familias em numero de 700 almas, não contando n'este numero muitas familias que tem mudado o domicilio para as margens dos rios Biguassú,

Tejucas e Itajahy, e muitos que hoje residem na villa de S. José e na capital. Se os colonos estivessem todos reunidos no ponto para onde foram mandados, de certo poder-se-hia contar na colonia de S. Pedro d'Alcantara perto de 3000 pessôas. N'esta freguezia existe igualmente para mais de cincoenta familias brazileiras, as quaes pela maior parte compostas de lavradores diligentes, muito concorrem para o engrandecimento d'aquella. Esta estatistica foi calculada depois que por lei provincial d'este anno foram alongados os limites a léste da freguezia de S. Pedro d'Alcantara, e por isso deve discordar da que existe em poder do Exm.° presidente da provincia, tirada antes d'aquella lei.

A colonisação allemãa é a que mais convém ao Brazil.

Pela exposição que temos feito forçoso é concluir que não pequena utilidade tem tirado a provincia de Santa Catharina com o estabelecimento da colonia de S. Pedro d'Alcantara em seu territorio. Os sertões que lhe ficam ao sul e oéste tem sido descortinados pela foice de lavradores laboriosos e constantes; deixando apparecer, entre florestas de preciosas madeiras de construcção, terras proprias para liberalisar-nos todos os fructos de que abundam a Europa e a Asia. Os indigenas, que outr'ora infestavam o continente a ponto de se approximarem da capital em distancia menor de cinco leguas, hoje amedrontados pela visinhança dos colonos tem abandonado esses logares, de modo que um só já não apparece na longa estrada de 34 leguas, que communica a villa de S. José com a de Lages. Hoje o viajante caminha tranquillo, não teme a flecha do Bugre; e o lavrador habitando solitario esses sertões, goza das delicias do campo, sem receiar os perigos do ermo.

Com a sua agricultura elles tem igualmente concorrido para animar o commercio da provincia; e a abundancia de viveres se derrama por seus habitantes, principalmente na capital e villa de S. José,

aonde os colonos diariamente affluem, conduzindo os fructos de seu trabalho.

É tambem fóra de duvida que a população da provincia tem tido augmento consideravel no decurso de quasi vinte annos, que temos a ventura de possuir esta colonia, composta de individuos industriosos, pacificos, amigos do trabalho, e que longe de servir-nos de peso, pelo contrario tem concorrido em grande escala para o engrandecimento do paiz que abriu os braços para hospedal-os.

A' vista das vantagens que esta provincia tem obtido com a colonia allemãa, e attendendo-se ao admiravel progresso com que vão florescendo as de S. Leopoldo e S. Pedro d'Alcantara na provincia do Rio Grande do Sul, compostas da mesma gente, forçoso é confessar que a colonisação allemãa é a que unicamente póde utilisar ao Brazil. A provincia de Santa Catharina, pela experiencia de muitos annos, está habilitada, mais que nenhuma outra, para confirmar o principio que avançámos. N'ella se tem estabelecido colonias tiradas de differentes Estados da Europa, e qual a que tem progredido á excepção da allemãa? Onde estão as colonias francezas do Sahy, Sarda e Belgo-Brazileira? A primeira expirou no berço, e as duas ultimas estão quasi extinctas. Estas colonias vivendo em continuada lucta com os empresarios, vão-se por si mesmas definhando, e seus membros dispersos ou evadem-se, ou preferem antes soffrer na cadêa as penas da lei, que cumprir as condições do seu contracto. Portanto ainda uma vez confessamos, os Allemães são industriosos, sinceros, e a constancia que os caracterisa não os deixa desanimar á vista do trabalho. São estes os verdadeiros colonos de que o Brazil precisa, e para cujo engajamento se deve fazer os maiores sacrificios.

Quando estava já adiantado este nosso trabalho vimos com prazer desembarcar na capital d'esta provincia uma porção de familias allemãas, em numero talvez de 280 individuos, afim de estabelecerem-se parte nas terras nacionaes da armação da Piedade, e parte para formar uma outra colonia com a denominação de Santa Isabel nas immediações do Rio dos Bugres e Boa Vista, abrindo-se ao mesmo tempo uma nova estrada d'este sitio á villa de Lages. É isto sem duvida uma

prova de que o Governo brazileiro se interessa pela ventura dos povos cujos destinos lhe estão confiados. Com o estabelecimento d'esta nova colonia, e o melhoramento de vias do communicação da villa de S. José com a de Lages, sem que por isso se abandone a antiga estrada do Maruhy, cuja conservação é absolutamente necessaria ao incremento da colonia de S. Pedro d'Alcantara, e para o que a assembléa provincial de 1848 acaba de consignar uma quantia, o commercio d'esta provincia dará um passo gigantesco. Os colonos, homens activos e industriosos, prosperaráõ; e os Catharinenses, gozando das vantagens que lhes devem resultar do melhoramento do commercio e agricultura do paiz, bemdirão ainda uma vez o governo, que, conhecedor das necessidades d'esta provincia, sabe empregar os meios adequados a eleval-a ao gráo de prosperidade e grandeza a que a destinou a natureza.

Na verdade, obter-se a cultura de trinta e tantas leguas de fertilissimas terras; ver-se povoadas de um e outro lado essas estradas, por onde entra commodamente no interior da provincia o gado vaccum, cavallar e muar; encontrarem os viajantes durante a longa jornada casas de negocio, onde se refaçam do preciso, pastos para descanço das tropas, e em qualquer parte compradores aos seus generos; são sem duvida uma somma de beneficios, que formaráõ em poucos annos um manancial de riquezas para a provincia de Santa Catharina, que encerrando em si todos os elementos de grandeza, só necessita de braços que os desenvolvam.

Meios de animar a colonisação e promover o seu incremento.

Uma lei que continuando a isentar os colonos de certos onus lhes concedesse gozarem dos direitos de cidadãos Brazileiros, seria de reconhecida utilidade para o Brazil. Animados por este incentivo em occasiões de engajamento para colonisar, os estrangeiros mais espontaneamente viriam procurar as nossas terras, e então teriamos a

satisfação de ver o territorio brazileiro povoado de colonos industriosos, de braços uteis á agricultura, e não de miseraveis aventureiros, obrigados a abandonar o patrio solo pela força da necessidade, e algumas vezes para se subtrahirem á vigilancia da justiça.

Na sessão de 1848 o Exmo conde de Caxias, senador pela provincia do Rio Grande do Sul, solicito em promover o bem-estar de seus committentes, propoz e obteve do senado uma resolução, para que fossem considerados cidadãos Brazileiros os Allemães das colonias de S. Leopoldo e de S. Pedro d'Alcantara, estabelecidos n'aquella provincia. Foi um acto de reconhecida justiça, e que deveria estender-se a todas as colonias que no Brazil contassem um certo numero de annos em estado de adiantamento notavel, e que d'ellas colhessem vantagens as provincias em cujo territorio se achassem estabelecidas. A colonia de S. Pedro d'Alcantara, fundada ha vinte annos em Santa Catharina, apezar da emenda que nos consta offerecera á resolução o Exmo senador por esta provincia, não mereceu obter do senado igual concessão. Comtudo resta-nos a esperança de que algum dia o corpo legislativo, melhor informado do merito d'estes colonos, não os deixará por mais tempo privados dos direitos que assistem ao cidadão Brazileiro; pois é justo que aquelles que comnosco trabalham tenham parte tambem em nossos gozos.

A falta de sacerdotes na provincia de Santa Catharina tem sido de alguma fórma um estorvo ao melhoramento moral e mesmo material das novas povoações. A colonia de S. Pedro d'Alcantara, elevada á freguezia por lei provincial de 1844, e no anno seguinte confirmada pelo Exmo bispo diocesano, foi annexa á matriz de S. José, e até o presente assim se tem conservado por falta de um sacerdote a quem seja confiado o seu regimen. Todas as vezes que o vigario de S. José visita a nova freguezia, é recebido com a maior satisfação. O acolhimento respeitoso que lhe prestam, o grande concurso aos officios divinos e participação dos sacramentos, e a alegria que manifestam durante a visita parochial, são argumentos incontestaveis do quanto apreciam os exercicios da religião, e consequentemente quanto sentem a privação de um cura d'almas, que effectivamente os con-

forte com as doçuras do Evangelho, e por elles distribua os dons de que gozam todos os fieis no seio da religião catholica. A Capella das Dôres não deixa de sentir igualmente a falta de um capellão, e o mesmo acontecerá ás novas colonias que se forem estabelecendo, maximè ás que ficarem mais remotas da matriz da villa. Praza aos Céos que o governo brazileiro, considerando a religião como um poderoso elemento de engrandecimento e civilisação para os povos, não deixe de providenciar sobre a grande falta de ministros do culto que experimentam não só as colonias, como grande parte das freguezias da provincia.

Dando fim a este tosco trabalho, ficamos dirigindo ao Céo ardentes votos para que se conservem no Governo Imperial as lisongeiras disposições que tem manifestado em proteger com estabelecimentos coloniaes esta bella porção da terra de Santa Cruz; e que o Ex.mo general Antero José Ferreira de Brito, seu digno presidente, que tanto se tem desvelado pela ventura dos Catharinenses durante a sua administração, continue a reclamar do Governo central aquelles meios de que a provincia por suas escassas rendas não póde dispôr, mas que são indispensaveis para o desenvolvimento dos germens de prosperidade com que a brindou a provida natureza.

Villa de S. José na provincia de Santa Catharina, em 20 de Maio de 1848.

O vigario *Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva.*

BIOGRAPHIA

Dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes, etc.

FR. FRANCISCO DE SÃO CARLOS.

§ 1.º

De uma excellente e honrada familia estabelecida no Rio de Janeiro descende Fr. Francisco de S. Carlos, nascido a 13 de Agosto de 1763: na sua mesma patria recebeu a educação: na idade de 13 annos entrou para a Ordem seraphica da Immaculada Conceição, estabelecida no Rio de Janeiro; cursou as aulas que possuia a Ordem, e que eram dirigidas pelos maiores talentos que existiam em seu seio: com quanto novamente creada provincia, cabia-lhe já a gloria de haver produzido grandes theologos e prégadores excellentes, cuja fama repercutia em toda a parte, e cujos nomes as chronicas da Ordem, e as diversas historias religiosas, salvaram e transmittiram aos seculos vindouros.

A Ordem seraphica da Immaculada Conceição do Rio de Janeiro apresentava os gloriosos nomes de Fr. Miguel de S. Francisco (*), de Fr. Antonio de Santa Maria (**), de Fr. Christovão da Madre de

(*) Fr. Miguel de S. Francisco nasceu no Rio de Janeiro em 1698; foi theologo e prégador de fama em Portugal, na Hespanha e no Brazil. Na *Bibliotheca Lusitana* vem descripta a sua vida, e especificados alguns dos seus sermões.

(**) Fr. Antonio de Santa Maria nascêra no Rio de Janeiro em 1700.—Fr. Apolinario da Conceição na sua *Primazia Seraphica*, cap. 3.º, falla de uma importante obra sua, com o titulo de *Sermonario de varias festividades*, que merecêra elogios de todos os litteratos da época. — Foi lente de theologia na Bahia, e formado em canones pela Universidade de Coimbra; seu nome vem tambem honrosamente commemorado por Diogo Barboza, na sua *Bibliotheca Lusitana*.

Deus (*), de Fr. Patricio de Santa Maria (**), e de Fr. Manoel do Desterro (***), nomes de grandes talentos, que ao passo que crearam para si fama, estabeleceram e firmaram o credito da sua Ordem.

Fr. Francisco de S. Carlos mostrou desde a infancia vocação para o isolamento e para o estudo; o espirito religioso estava tão solidamente edificado com sua existencia, que se póde predizer desde sua puericia que as tempestades do mundo não podiam abalar seus fundamentos, e menos modificar suas crenças profundas e sinceras: o convento lhe serviu, como o logar mais apropriado a seu genio e a seus desejos; o convento o recebeu de braços abertos, e já parecendo prever a auréola de gloria que lhe resultaria com a acquisição do joven engenho, que convencido o procurava.

Seus estudos foram taes, que os mestres conheceram immediatamente a copiosa intelligencia que animava o discipulo; na idade de 19 annos foi mandado para o convento de S. Boaventura, na villa de Macacú, o qual pertencia á Ordem seraphica: era então esta villa a primeira e a mais importante da capitania do Rio de Janeiro; situada ás margens do formoso rio que tanta riqueza e fertilidade communica á terra com suas aguas, que n'ella se entranham, coninha a villa grandes edificios, numerosas casas, commercio em

(*) Fr. Christovão da Madre de Deus é nascido no Rio de Janeiro em 1650; foi o primeiro visitador e provincial da Ordem da Immaculada Conceição mandado de Lisboa para exercer esse cargo, estando lá procurador geral dos Franciscanos. O abbade Diogo Barboza trata de diversas obras muito noticiosas do Brazil, que ello escreveu, e que mereceram grande acceitação no seu tempo.

(**) Fr. Patricio de Santa Maria, nascido em Santos em 1690, é um dos irmãos de Alexandre de Gusmão. Fr. Patricio estudou na Italia, formou se em Piza, viajou a Asia, esteve em Jerusalem, publicou suas viagens em latim em 1742, em Lisboa, e algumas varias obras de controversia religiosa.

(***) Fr. Manoel do Desterro nasceu em 1652 na Bahia; foi grande prégador e lente de theologia; morreu no convento de S. Boaventura, da Ordem, na villa de Macacú, em 1706: o abbade Barboza falla de seus talentos com elogio.

larga escala, e povo em abundancia: tudo se foi e se perdeu com a epidemia febril que grassou por aquelles logares, e que reduziu a populosa villa a deserto arruinado, figurando uma d'essas cidades da Asia sobre que passára a colera de Deus, ou parecendo uma necropolis do Egypto, cuja vista é tão dolorosa ao viajante!

Alguns annos residiu em Macacú Fr. Francisco de S. Carlos, dedicado aos deveres da religião e á assidua leitura de todas as obras litterarias, quer antigas, quer modernas, aprofundando os conhecimentos de theologia e philosophia, e preparando sua voz e seus talentos para o tempo em que lhe fosse permittido desenvolvel-os: já lhe murmurava o pensamento, apontando-lhe o pulpito como o logar de sua gloria; já lhe folgueiava a imaginação, insinuando-lhe que a poesia era o anjo com quem se devia abraçar, como seu companheiro, amigo e fiel patrono: suas alegrias, seus prazeres, suas esperanças, eram todas internas, todas da intelligencia, da alma e do coração, fontes mais puras de perennes delicias, do que os objectos physicos e exteriores.

Fr. Francisco de S. Carlos folgava de ler não só as obras dos padres da Igreja latina, grega e oriental, senão tambem os escriptos de Homero, Demosthenes, Platão, Sophocles, Eschylo, Aristoteles e Lucrecio; conversava com os auctores profanos dos tempos mythologicos, e com os prophetas do christianismo e os escriptores do catholicismo: os modernos philosophos Mallebranche e Descartes, e os poetas Dante Alighieri e Milton, tornaram-se-lhe tão familiares como S. João Chrysostomo e Santo Agostinho, como a Biblia e os novos Testamentos.

Regressando ao Rio de Janeiro começou a prégar: seu nome ganhou logo popularidade; a Ordem seraphica encheu-se de orgulho, assistindo ao desenvolvimento de seu filho; o povo correu em multidão á igreja para ouvir essa voz melodiosa e encantadora, esses gestos perfeitos e nobres, essa expressão limpida, corrente e risonha, como o sorriso da Aurora, e essa eloquencia nobre e apaixonada, que revelou a immensidade do seu genio, a extensão de suas luzes, e o sincero e religioso enthusiasmo que o animava e sanctificava.

Era sua figura bella e vistosa; sua physionomia, elegante e expressiva, assemelhava-se á de S. Basilio, como no-lo pintam as antigas gravuras, e no-lo descrevem as velhas chronicas: dous olhos grandes e negros patenteavam o fogo que dentro n'alma lhe ardia; bocca rasgada e formosa deixava sahir um som como que musical, que deslisava perfeito e acabado orgão.

Em 1801 foi nomeado pela sua Ordem professor de eloquencia sagrada, confiando ella que das lições de tão grande orador nasceriam outros engenhos, que lhe fariam honra e gloria.

Em 1809 chegando ao Rio de Janeiro a rainha, o principe regente e toda a côrte portugueza, fugindo á furia do vencedor de Austerlitz, e mudando a séde da monarchia lusitana, foi Fr. Francisco de S. Carlos escolhido para prégar em presença das augustas personagens: ficou por tal maneira o principe regente D. João encantado de sua prodigiosa eloquencia, que confessou não haver ouvido igual, e nomeou immediatamente a Fr. Francisco de S. Carlos prégador da capella real, como prova do apreço que sabia dar a seus subidos talentos.

Fr. Francisco de S. Carlos passou o resto de sua vida no isolamento e solidao do claustro: logo que conheceu que lhe iam faltando suas forças, parou nos seus exercicios do pulpito, encerrou-se na sua cella, e descançou na paz e na fé do Senhor os ultimos annos que lhe restavam da existencia terrestre.

Nascido no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro falleceu em 6 de Maio de 1829, sendo sepultado na igreja do convento de Santo Antonio

§ 2.º

Muitas e variadas poesias escreveu Fr. Francisco de S. Carlos, e de tantas composições que commemora a tradição e que não viram desgraçadamente a luz da imprensa nada poderemos dizer, senão que é fama que patenteavam o grande engenho poetico de seu auctor; apenas de suas obras poeticas chegou ao nosso tempo, unica de tantas

publicada, um poema dedicado á *Assumpção da Santissima Virgem*. Fr. Francisco de S. Carlos aprimorou esta composição com todo o desvelo, carinho e amor de um filho dedicado; e mais como expressão de sua alma e signal de sua gratidão, do que para o fim de conseguir-lhe fama e renome, consentiu que fosse impressa e publicada.

O enthusiasmo, o amor e a adoração da Santissima Virgem foram os creadores d'este bello e admiravel poema, que é uma das obras mais originaes e religiosas que tem produzido o espirito humano. Eis as proprias palavras de Fr. Francisco de S. Carlos, e que lhe servem de prologo:

« A ligeira producção, que enceto, não é mais que um brinco da minha phantasia, sobre a maior solemnidade da Santa Virgem, á qual solemnidade, desde os primeiros annos, consagrei especial affecto. Porém, para mais espaçar e lisongear melhor a minha devoção, procurei dar-lhe um arremedo ou sombra de poema épico, admittindo invocação, narração e episodios. »

A' primeira vista parece arido o objecto que pretende o auctor cantar, em vista de milhões de obras que se tem escripto em louvor e gloria da Santissima Virgem (*): percorra-se, porém, com ligeira vista d'olhos o poema, e ver-se-ha metamorphosear-se esse terreno, que affigurava secco e arido, em jardim matisado das mais encantadoras flôres e dos fructos os mais saborosos: ondas de poesia, e de poesia magestosa e sublime, digna do elevado objecto por quem invoca o poeta a sua lyra d'ouro, derramarem-se sobre esse oceano, que parecia immovel: a fé, a consciencia e o enthusiasmo, ligarem-se á imaginação de Fr. Francisco de S. Carlos, revolverem-lhe as delicadas fibras, desprenderem-lhe os sublimados vôos, e como a aguia que fere os ares, e soberba paira em nuvem gigantesca,

(*) José Pires de Carvalho e Albuquerque, nascido na Bahia em 1701, de familia nobre, bacharel em canones, a'caide-mór de Maragogipe, secretario d'estado e guerra do governo no Brazil, e poeta estimado, publicou, em 1757, um poema á *Conceição de Nossa Senhora*, que contém algumas bellezas dignas de notar-se.

além,—muito além do espaço que alcança a vista do homem—o poeta descantar hymnos, e esses hymnos serem bellos e magnificos!

O poema divide-se em oito cantos: abre o primeiro a invocação que o poeta dirige á Virgem, a cuja presença anceia elevar seus versos.

« Oh! tu, grande signal, raro portento
Dos sec'los e do ethereo firmamento,
Nova idéa brilhante, a mais perfeita,
Do archetypo exemplar; e tão acceita,
Que chegaste a ser d'elle, — ó maravilha! —
Boa mãi, linda esposa e cara filha:
Aspira os votos meus, e que meu canto
Cause á terra prazer, e ao Orco espanto.
Aspira, ó Virgem, porque cante e diga
Quanto a verdade e a devoção me obriga!
Pulchros celicultores, que os assentos
Occupaes dos sidereos aposentos;
Rubins, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós, que mil vezes, n'esta santa empreza,
Medistes-vos co'a barbara fereza
Do chãos; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos:
Si por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza, em doce rima;
Dai tambem novo ardor ao canto nosso
Que sendo por quem é, tambem é vosso!
E tu, Igreja, tu, nunca invocada,
Musa do Céo d'estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa,
Ah! — digna-te de seres minha Musa! »

Descreve então o poeta a partida da Virgem de Epheso para o Céo, e o recebimento que lhe fazem os Apostolos, por ordem do Eterno, sahindo-lhe ao encontro e saudando-a com hymnos de amor e de alegria: a Virgem collocada no carro de triumpho, cercada de emblemas sagrados, e no meio dos mais lindos anjinhos, é pintada perfeitamente.

« Sobre um globo de estranha architectura
Ia a unica Phenix, Virgem pura:
Leda no rosto, angelica, serena,
E da celeste unção tão rica e plena,
Que bem mostrava ser mimosa filha
D'aquelle Pai, que é todo maravilha.
Dos olhos columbinos, onde a graça
Thesouros ajuntára em nada escaça,
Mil reverbéros vivos reflectiam,
Que do seu doce culto o orbe enchiam.
O Zephiro, que alguma vez alçava
O véo avâro e rico, que occultava
Da annellada madeixa os fios d'ouro,
Ria de gosto a expôr tanto thesouro!

. . . . . .

. . . . . .

Eis d'ouro um cherubim mostrava alçada
Na dextra vingadôra flammea espada,
Ameaçando os colonos aggressores
De vir colher no vacuo Eden as flôres.

. . . . . .

. . . . . .

Tambem se via a angelica pombinha,
Emblema do alto espirito, que tinha
No bico d'ouro um raio, que tocava
Da Virgem o peito, e a Virgem fecundava,
Sem que a prole do Céo, não vista empreza,
Desbote a flôr da virginal pureza.

. . . . . .

. . . . . .

Nunca o prisma ante os olhos applicado
Em lindas côres foi tão variado:
Nunca do velho Châos a longa idade
Viu formosura tal, tal magestade;
Nem o trino poder a produzíra,
Quando do nada as aguas extrahíra. »

No segundo canto, o principe das trévas, invejoso da gloria e do triumpho da Virgem, em quanto os anjos a vão levando ao Paraiso, tenta armar terrivel conjuração em infernal conciliabulo, mas

é vencido pelo archanjo S. Miguel, que corre a destruir-lhe as ciladas: o terceiro canto esboça o quadro do Paraiso: no emprego das côres as mais formosas e delicadas, no desenho das scenas as mais brilhantes e pittorescas, revela-se a inspiração de um poeta dos tropicos lançado no meio d'este jardim do mundo que se chama Brazil, aonde nada são as obras do homem, e é tudo a natureza: os versos não se enfeitam com as ficções do Pindo e do Parnaso; em cada phrase, em cada palavra se manifesta um talento original; a imagem do Brazil apparece descripta e copiada nos quadros que esboça o auctor; e que paiz lhe poderia melhor manifestar a idéa do Paraiso do que esse, em que elle viveu e em que elle morreu?

« Ha no seio do Immenso uma paragem,
Escondida aos mortaes, do Céo imagem;
Logar santo, ditoso, sem pezares,
Onde os prazeres gyram a milhares.
Habitação da paz, solar do riso,
E com razão chamado — Paraiso.
Acolá se entrelaça com a hera
Co' o rico outono a olente primavera,
Frescos sempre os matizes da campanha
De perenne verdôr, de graça estrauha;
Não adulam a vista n'estes prados
Arvoredos por ordem alinhados:
Nem marmoreas columnas soberanas
De varias ordens gregas ou toscanas.
Nem machinas hydraulicas, que as puras
Aguas deitam por varias mil figuras.
Só reina a natural simplicidade,
Que excede a arte sempre em magestade.
. . . . . .
. . . . . .
A doce manga, e em cheiro soberana,
Que imita o coração, e no galho ufana,
De um lado a crocea côr e fulvea exalta
Do luzente metal. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

De outro lado porém retrata aquella
Que o pudor chama ás faces da donzella.
Pendendo estão dos ramos verdejantes
Os cajús, á saude tão prestantes;
Uns amarellos, e outros encarnados,
Das gostosas castanhas coroados:
Do limão virginal, da aurea laranja,
Pomos d'ouro, talvez, que em vossa granja
Hesperides zelaveis. . . . . .
. . . . . .
Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo,
Mas que tens por corôa alto penaixo,
E vestido de escamas, qual guerreiro,
Um halito bafejas lisongeiro. »

A Santissima Virgem narra, no quarto e no quinto canto, a prégação gloriosa dos Apostolos, e a perseguição que dos hereges soffreu a Igreja nos seus primeiros tempos: uma alma pura que se enthusiasma pelos grandes feitos, e se exalta pelas acções heroicas dos primeiros esteios da Christandade; uma erudição vasta e profunda da historia dos seculos que se seguiram á nova religião, que se sellou com o sangue martyr e divino de Jesus Christo; denunciam-se e evidenceiam-se n'esses dous tão historicos quanto poeticos cantos.

E para episodios, em que repouse a attenção do leitor, e ao mesmo tempo se desperte sua curiosidade, ahi está a vida sublime e dolorosa morte de Jesus Christo, revestidas de admiravel pathetico e de verdadeiro sentimento de dôr; ahi está no sexto canto a descripção da cidade do Rio de Janeiro, convertida em um dos emblemas que douram o magestoso quadro, e que attrahem os olhos e o pensamento.

« A cidade, que alli vêdes traçada,
E que a mente vos traz tão occupada,
Será nobre colonia, rica e forte,
Fecunda em genio, que assi o quiz a sorte.
Será pelo seu porto desmarcado
A feira do ouro, o imporio frequentado,

Aptissimo ao commercio ; pois profundo
Póde as frotas conter de todo o mundo.
Será de um povo excelso germe airoso,
Lá de Lysia o logar mais venturoso ;
Pois dos Lusos-Brazilicos um dia
O centro deve ser da monarchia.
Alçaráõ outras no porvir da idade
Os trophéos, que tiverem por vaidade ;
Umas nas artes levarão a palma
De aos marmoreos dar vida, aos bronzes alma:
Outras irão beber sua nobreza
Nos tratos mercantis : tal que se presa
De vêr nas suas scenas e tribunas
Maior brazão, mais inclytas columnas ;
Aquellas dos Timantes o extremoso
Pincel com estro imitará fogoso.
Muitas serão mais dextras no compasso,
Que as linhas méde do celeste espaço :
Mas cuidar do seu rei, ser sua côrte,
Dar ás outras a lei — eis d'esta a sórte.

. . . . . .

. . . . . .

Vêdes na foz aquelle, que apparece,
Ponti-agudo e escarpado ? — Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza,
— Além das obras d'arte — por defeza
Na derrocada penha transformado
Nubigêna membrudo, sempre armado,
De face negra e torva ; e mais si o c'rôa
Neve, e trovões e raios, com que atrôa:
Que co' a fronte no Céo, no mar os rastros
Atrevido ameaça o pégo e os astros;
Si os delirios da vã mythologia
Na terra inda vagassem, — dir-se-ia
Que era um d'esses Alcides gigante,
Que intentou escalar o Céo brilhante ;
Que das Deosas do Olympo enamorado,
Foi no mar por audaz precipitado :
E as Deosas por acinte lá de cima
Lhe enxovalham de neve a catadura.

Do seio pois das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar té o horizonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa, e previne-se o perigo. »

Segunda sublevação dos espiritos infernaes é descripta no setimo canto; segunda victoria alcança S. Miguel, á frente dos anjos e dos Apostolos; de uma vez se perdem os máos espiritos, e os negros abysmos se abrem para os devorar.

No oitavo e ultimo canto, entra a Virgem victoriosamente na cidade de Deus, e Jesus Christo a recebe nos seus divinos braços: hymnos de prazer e canticos de alegria resoam por todas as abobadas; as constellações, o mar, a terra, tudo se curva e se prostra aos pés da Santissima Virgem, tudo reconhece seu poderio.

Si bem que peque o plano do poema pela monotonia e simplicidade da concepção, e na linguagem e metrificação appareçam defeitos, devidos ao desejo immoderado da rima, não é menos este poema um verdadeiro trophéo de gloria levantado á litteratura e á patria: o pensamento geral não foi sempre igual e sempre altanado; scenas ha porém que João Milton e Frederico Klopstock não duvidariam chamar suas, e que o proprio Dante Alighieri não recusaria admirar; já quando se desenham as alegrias de anjos, já quando se forma a descripção fiel, energica e terrivel do cháos. Nas primeiras deixa-se ir o poeta pela doce melodia de sua musa, pinta com engraçada e multicôr palheta risos prazenteiros, esparge poeticas flôres em amenos e formosos campos; tudo são encantos, tudo delicias; o Paraiso tem fontes de ouro, crystallinas aguas, palacios encantados, arvores frondosas, delicados fructos, e pittorescas aves: na descripção do cháos, cobre-se o poeta com as vestes do feroz Florentino, toma as armas do soldado de Cromwell, tinge os pinceis nos horrores de Miguel Angelo, invoca a tuba altanada de Frederico Klopstock, e esboça quadros, que não podem ser excedidos em concepção, desenho e colorido.

« N'uma horrivel prisão, que fez o Eterno
Na mais interna furna lá do inferno,

Onde em recto Juiz sopra inflexivel
Contra os reprobos chamma inextinguivel,
Habita Lucifer: sentindo o pêso
De Deus, que alli o supplanta em ira acceso.
É um monstro hediondo e tão disforme,
Na massa colossal do vulto enorme,
Que, si o doce repouso e a paz gozára,
Deitado duas geiras occupára;
De tão sombria e horrenda catadura,
Que faz pavor á mesma Estyge escura.
No reprobo semblante retratado
Vê-se todo o rancor de um condemnado;
Os olhos se affiguram dous cometas,
Que ardem entre duas nuvens pretas:
A bocca era, si abria, internamente
Estuante fornalha. Quando ardente
Do peito o ar pestifero bafeja,
De vivas brazas turbilhões dardeja,
Assim do Ethna o gigante, si respira,
Lavras de enxofre acceso a Jove atira;
Todo o monte convulso, si á outro lado
Revira o enorme corpo. . . . . .
Não é tão feia, não, a noite umbrosa,
Que apanha o viajor em matta idosa,
Perdido entre fusís, raios frequentes,
Uivos de tigres, silvos de serpentes,
Como este monstro singular e incrivel,
Quasi sem forma, quasi indefinivel. »

É para admirar talvez, e especialmente nos nossos tempos, que Fr. Francisco de S. Carlos esgotasse tanta poesia, e tão brilhante imaginação, em um poema puramente religioso, e entretanto tão longo: hoje que predomina a mais odiosa indifferença em assumptos religiosos, hoje que todos os systemas de philosophia estão mortos, afóra o do mais desesperado materialismo; hoje que os calculos do egoismo estão na primeira plana, e nem enthusiasmo ha por Deus, e nem pela patria, como se póde comprehender a sublime e mystica inspiração de um poeta por cousas sagradas, espirituaes e misteriosas? Como entender-se o puro extasi de uma alma candida e ele-

vada, que se arroba de enthusiasmo em frente dos dogmas que nos ensina a religião catholica?

§ 3.°

O Brazil conta muitos oradores sagrados no numero dos filhos que o illustraram: a *Bibliotheca Lusitana* do abbade Diogo Barboza Machado aponta os nomes de Jesuitas e religiosos nascidos no Brazil, e que obtiveram em Portugal, na Hespanha e na mesma Italia, extraordinarios triumphos de eloquencia do pulpito. E não só na *Bibliotheca Lusitana*, senão tambem nas chronicas das diversas Ordens monasticas de Portugal, se citam muitos Brazileiros celebres pela eloquencia: era aonde podiam então attingir seus talentos; era a carreira do pulpito a mais livre que se lhes abria: examinando com cuidado estas obras, conhece-se quanto foi rica esta terra de Santa Cruz de talentos oratorios: o Brazil, no numero dos prégadores Portuguezes dos seculos XVII e XVIII, entra com pouco menos de ametade, e n'este numero figuram os primeiros engenhos. Após o celebre Jesuita Antonio Vieira, que com quanto nascido em Lisboa, respirou infante e moço os ares abençoados do Brazil, no Brazil se inspirou em muitos dos seus melhores sermões, e no Brazil morreu e se sepultou; após o padre Antonio Vieira, que é sem rival o primeiro prégador da lingua portugueza, o Bossuet dos sacerdotes Lusitanos, brilhou contemporaneo outro Jesuita, o padre Antonio de Sá, nascido no Rio de Janeiro em 1627, appellidado em Portugal—Principe da oratoria ecclesiastica, — com tanta mais razão quanta o mesmo padre Vieira costumava dizer, que não era sensivel sua ausencia, quando prégava Antonio de Sá: são estes os dous mais celebres e mais antigos oradores sagrados que conta a lingua portugueza, oradores que Roma admirou, e a Italia applaudiu: entre os modernos dous gozaram tambem das honras da primeira linha; dous são tidos em conta de se poderem approximar do padre Antonio Vieira, cuja classica reputação, no entretanto, affugenta comparações e paral-

lelos; são o padre Antonio Pereira de Souza Caldas e Fr. Francisco de S. Carlos, ambos tambem naturaes do Rio de Janeiro (*).

(*) Todos os mais prégadores da lingua portugueza não são superiores aos quatro especificados; entretanto convém dizer que os Brazileiros devem ainda lembrar-se com orgulho dos nomes do bispo de Ceuta e Angra, D. Agostinho Ribeiro, nascido na Bahia em 1610; de Fr. Matheus da Encarnação Pina, nascido no Rio de Janeiro em 1687, da congregação dos Bentos; de Fr. Theotonio da Ascensão, nascido no Rio de Janeiro em 1631, e conego regrante de Santo Agostinho de Coimbra; de Fr. José da Natividade, provincial do mosteiro de S. Sebastião da Bahia, e nascido tambem no Rio de Janeiro em 1646; do Jesuita Caetano Lopes Pereira, nascido no Rio de Janeiro em 1721; de Fr. João de Seixas, dos Bentos, nascido em 1681 no Rio de Janeiro, e que brilhou em Roma pelos seus talentos, e foi nomeado pelo S. Papa Clemente XII bispo de Areopoli; do Dr. Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, vigario da freguezia da Candelaria do Rio de Janeiro, e ahi nascido em 1705; dos quatro celebres irmãos de Alexandre de Gusmão — Fr. Patricio de Santa Maria, Fr. José Alvares de Santa Maria, padre Ignacio Rodrigues e Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nascidos em Santos; — de Fr. Roberto de Jesus, Pernambucano, e da congregação dos Bentos, nascido em 1644; de Fr. Luiz Botelho do Rosario, nascido em 1695 no Recife e Carmelita; de Fr. Manoel de Macedo, nascido em Olinda em 1603, prégador da duqueza de Mantua, cujo partido seguíra, até que feita a revolução de 1640, foi preso, condemnado, e morreu exilado nos desertos d'Africa; de Fr. João da Presentação Campelli, nascido no Recife em 1690, qualificador do Santo Officio e monge de S. Francisco; do carmelita Fr. Feliciano de Mello, nascido em Iguarassú em 1679; do padre Manoel Rodrigues Corrêa de Lacerda, nascido em Olinda em 1719, doutor em canones e theologia; do Paraense carmelita e grande philosopho Fr. Ignacio da Conceição, nascido em 1706; e dos Bahianos, Jesuitas Antonio Pereira da Camara, nascido em 1697; Caetano Dias de Figueiredo, nascido em 1697; Antonio da Costa, nascido em 1716; José Borges de Barros, poeta e theologo profundo, vigario geral em Lisboa, e desembargador da Relação ecclesiastica, nascido em 1659; José de Oliveira Serpa, nascido em 1696; Antonio da Silva, nascido em 1639; Angelo dos Reis, nascido em 1664, e discipulo do padre Antonio Vieira; Miguel Luiz Teixeira, nascido em 1716; Domingos Ramos, nascido em 1653; Francisco de Almeida, nascido na Cachoeira em 1706; João Honorato, nascido em 1690; — dos Carmelitas Fr. Antonio de Nossa Senhora do Carmo,

O padre Souza Caldas foi um prodigio no pulpito, segundo a geral tradição; o padre Souza Caldas, porém, não gozou da fortuna de legar á posteridade um só dos seus sermões, porque os escrevia e prégava, e depois abandonava-os, sem que lhe merecessem a

nascido em 1689; Fr. Eusebio de Mattos, nascido em 1712; Fr. Sebastião de Moreira Godoy, nascido em 1691; Fr. Antonio da Piedade, nascido em 1660; Fr. Manoel Angelo de Almeida, nascido em 1697; Fr. Manoel da Madre de Deus Bulhões, nascido em 1653, e Fr. Ignacio Ramos, nascido em 1658; — dos Franciscanos Fr José dos Santos Cosme e Damião, nascido em 1704; Fr Vicente do Salvador, chronista importante, um dos maiores litteratos Brazileiros, e theologo profundo, nascido em 1685; Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza, nascido em 1686, da Ordem seraphica da Bahia, poeta, theologo e prégador, sobre cujos feitos mais nos estendemos em uma nota á vida de Alexandre de Gusmão; — e dos seculares Vasco Fernandes de Azevedo, nascido em Maragogipe no anno de 1690; o desembargador Sebastião do Valle Pontes, nascido em 1663; Lourenço Ribeiro, nascido em 1648, vigario em Portugal e auctor de varias obras scientificas; desembargador João Calmon, nascido em 1668, filho do capitão de mar e guerra João Calmon, que fôra superintendente das fortificações de Pernambuco, varão illustre e distincto militar; e João Alvares Soares da França, nascido em 1676, poeta de muito engenho, e irmão de Antonio Soares da França, tambem Bahiano, que foi mestre de campo, e militar de merito; e do Mineiro Antonio Caetano Villas-Boas da Gama, irmão de José Basilio da Gama, e vigario de S. João d'El-Rei, nascido em S. José em 1738; além dos religiosos da Ordem seraphica da Immaculada Conceição, dos quaes tratámos em outra nota; e de outros muitos, cujos nomes se não podem aqui incluir: entre os modernos, o Fluminense Fr. Francisco de Montalverne, sabio e profundo philosopho, que ainda vive na solidão e isolamento da Ordem seraphica da Conceição do Rio de Janeiro, o Pernambucano padre Manoel Joaquim de Almeida Castro, que foi condemnado e executado na Bahia por haver participado nos movimentos revolucionarios de 1817, e o Fluminense Fr. Francisco de Sampaio, nascido em 1778, prégador da primeira força, e fallecido em 1830, da Ordem seraphica da Conceição, merecem muito especial menção. Fr. Manoel de Macedo, de quem fallámos acima, teve nomeada tão extensa na sua épocha, que o conde de Ericeira, —*Portugal Restaurado*, tom. 1.º, liv. 1.º — faz estrondosos elogios de seus sermões e talentos elevados; e o padre Francisco de Almeida, de quem tambem tratámos, era poeta latino de gosto e apurada erudição.

publicação. Fr. Francisco de S. Carlos deu igual sorte a muitos dos seus sermões; outros improvisava no pulpito, que não podia reduzir a escripto, porque com as palavras desappareciam as emoções, e passado o momento da predica, o orador se esquecia do seu discurso; alguns porém imprimiram-se, chegaram a nosso tempo, e são dignos de uma analyse, e dignos da fama do seu auctor.

Quão diversos porém devem parecer estes sermões escriptos e lidos agora na paz do gabinete! É a mesma linguagem, o mesmo pensamento, as mesmas idéas; mas que é do pulpito, que resoava com a voz harmoniosa de Fr. Francisco de S. Carlos, voz que os contemporaneos appellidavam de — Syreno — ? Que é d'essas abobadas das igrejas, que repercutiam o som de seus magicos e eloquentes arrebatamentos? Como pintar os gestos e as vozes, que traduziam os accentos de puro enthusiasmo e religioso fervor, que espontaneamente lhe escapavam? Como descrever essa passagem das idéas do prégador para a intelligencia do povo, essas emoções que extasiavam os ouvintes, esses effeitos maravilhosos que sómente póde obter a verdadeira eloquencia, e eloquencia convencida? — O orador é dos homens de genio o mais infeliz; a melhor parte do seu talento morre com elle, com seu corpo baixa á sepultura; o que lhe sobrevive é pallida copia, que não dá perfeita idéa da sua grandeza: o orador, para poder apreciar-se, necessita da illusão da scena, do movimento do povo, e das impressões do momento, como do incenso, que sobe do thuribulo ao céo!

De inspiração sincera, de fé profunda, de verdadeiras crenças e de vastos conhecimentos, quantos admiraveis sermões não improvisou Fr. Francisco de S. Carlos? E como d'elles dar ao menos a minima idéa? A multidão que o cercava, de ouvil-o anciosa; a presença das sagradas imagens, que elle adorava; os sons compassados e ternos do orgão; as decorações que ornavam a igreja; as luzes que, como as vozes do peccador, parecem pedir perdão, levantando-se respeitosamente; todo este espectaculo, emfim, que apresenta um templo para celebrar a gloria de Deus, bastava para inspirar-lhe os mais bellos pensamentos, as mais vivas imagens, e a mais vibra-

dora e pathetica eloquencia. A palavra se lhe não negava, não lhe faltavam expressões, e sua tão rica e poderosa imaginação não o abandonou uma só vez!

Corria natural e abundante a sua practica, e o som agradavel e limpido, que lhe escapava dos labios, electrisava a multidão; unia e ligava perfeitamente a espontaneidade do genio com as exigencias da arte; ora levava detida e enfreada sua inspiração, e moderado, pacifico e elegante, agradava e extasiava; ora deixava-lhe os vôos, dava-lhe liberdade; e o brilhantismo da expressão combinava com o pathetico elevado do pensamento, e o auditorio commovido, impressionado e arrebatado, curvava-se ao prégador, acompanhava-o a seus acenos, chorava, se elle o mandava chorar.

Não ha um canto do seu espirito, uma particula da sua alma que a eloquencia não possua, e não transborde; não ha uma fibra do seu coração que ella não vibre. A eloquencia para elle é a vida, existe no seu sangue, mescla-se com sua substancia, penetra-o, inunda-o todo; suas paixões, suas crenças, suas idéas são eloquentes: do alto do pulpito, ou estigmatisasse os vicios dos homens, ou cantasse a gloria de Deus, ou descrevesse as vidas dos santos da igreja, o povo attonito o admirava, qual outro Athanasio no meio dos habitantes de Alexandria.

Para se conhecer ainda hoje, fóra do seu natural e necessario theatro, a immensidade do engenho oratorio, de que fôra dotado Fr. Francisco de S. Carlos, basta ler-se um dos seus sermões impressos, aquella funebre oração pelas exequias da rainha D. Maria I. Massillon e S. Gregorio não são mais patheticos; Bossuet, Antonio Vieira e S. Basilio não são mais sublimes; Santo Agostinho e S. Jeronymo não exaltam mais seu auditorio.

Todo este sermão é admiravel; os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das idéas e a vivacidade do estylo, se reunem e se combinam em proporções iguaes: a alma do prégador expande-se maravilhosamemte; seu coração falla em todas as palavras; sua intelligencia apparece em todas as expressões; Fr. Francisco de S. Carlos com este sermão funebre toma logar entre os mais reputados e conhecidos prégadores de todas as modernas nações.

O exordio é completo, a narração poetica, e a peroração cobre-se de um aspecto melancolico, mas não d'essa melancolia sem allivio e sem esperança, negra e horrivel como o somno do moribundo. Não se diz ao peccador, que treme, que anceia e que se curva, como exclamava o poeta Florentino — Deixai toda a esperança (*). Pelo contrario, uma como que atmosphera de dôr dentro n'alma deposita succulenta consolação, sentimento inexprimivel de pathetico, que arranca lagrimas dos olhos, mas que as deixa largamente correr, sem lhes seccar a fonte. Ha esperança em Deus, fé na sua justiça e misericordia, e convicção intima do prégador: o que comparar-se a esta exclamação final? — « Agora que organisados os nossos exercitos, os Portuguezes despertavam do seu lethargo, e começavam a mostrar que não tinham degenerado dos Pachecos, dos Albuquerques e dos Castros, nem d'aquelles atrevidos argonautas, que arrancavam das mãos do gigante das tormentas as chaves com que fechavam as portas da aurora, e que o vestido de gloria, que os trajava no seculo XVI, ainda se não tinha rompido no seculo XIX; agora que não tendo mais com quem combater dentro do reino, levaram sobre seus hombros a imagem da victoria em soccorro dos alliados visinhos; agora que marchando até ás portas do usurpador, (**) derribaram seu throno regicida, e lhe dictaram lei na sua mesma capital; parece que assim como foi necessario que todo o mundo se apaziguasse para nascer o seu Redemptor para a terra, foi tambem necessario que se apaziguasse toda a Europa para ella (***) nascer para o Céo. Ella viu formar-se a revolução no seu reinado, sempre intacta no sagrado de sua pessôa; assim como a santa Igreja vê nascer em seu seio as heresias, sempre a mesma e illesa nos seus dogmas. Assim viviamos, quando.... E direi eu, Portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam como ave de máo agoiro?... Aquella voz surda, que sahia pela bocca do

(*) Lasciate ogni speranza, voi chi entrate.

Verso de DANTE ALIGHIERI no canto 1.º do seu *Inferno*.

(**) Napoleão.

(***) D. Maria I.

povo e que dizia, como em segredo — Nossa Rainha está mal — nossa Rainha perece — morre! — Oxalá que não fôra! Verificou-se! — Morreu! Aqui a tendes morta! — Morta? — Eu me reporto — não — viva, porque os justos não morrem! — Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas; era necessario que olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella formosura sempre antiga e sempre nova, como diz Santo Agostinho. Bate pois as azas, ó pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração do teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado: mas que sceptro? Uma vara arrancada de uma arvore despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a quem o artista dando-lhe um verniz de ouro, não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. — É este sceptro da virtude de Deus, que o Senhor envia de Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino, em que teu Deus te mette de posse; mas que reino? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança dos extranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agora um atrevido repartia sem ser o dono? — Não. — É este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis.* — Recolhe emfim a corôa, que te é reservada pelo justo juiz. — Que corôa? — D'isto que se chama ouro, a quem um falso brilhantismo dá o merecimento, e a avareza o preço? D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo, terra e mais terra? — Não: a recompensa e a corôa é o mesmo Deus recompensador! »

Eis-aqui verdadeira e magica eloquencia! Eis-aqui pensamentos dignos dos padres primitivos da Igreja christãa! Eis-aqui idéas que se não perdem como o sopro, que não fogem como a palavra, mas que germinam, que dão fructos, que se conservam eternamente!

J. M. Pereira da Silva.

Amigo e Sr. Dr. Lagos.

Como me disse que está imprimindo a biographia do padre mestre S. Carlos, tal qual a escrevêra o auctor do *Plutarco Brazileiro*, rogo-lhe que accrescente em fórma de nota supplementar, ou como mui bem lhe parecer, as seguintes idéas que colhi no convento de S. Antonio, não só da bocca do nosso illustre socio honorario o padre mestre Monte Alverne, como do defunto padre mestre Sampaio e outros, com quem tive a gloria de praticar no tempo em que aquella Ordem era um viveiro de homens illustres. Conheci o padre mestre S. Carlos, ouvi-o prégar uma só vez, e ainda conservo a lembrança d'aquelle homem superior, d'aquelle membro do triumvirato oratorio, que tanto ennobreceu aquella casa: o padre mestre S. Carlos era a graça deslisando com toda a espontaneidade por um caminho de flôres, em quanto que o padre mestre Sampaio era a belleza circumdada de todos os atavios da eloquencia; a estes dous homens se ajuntava o padre mestre Monte Alverne, escudado da força da philosophia e da austeridade dos padres da igreja. Estas lembranças me entristecem muito porque amo os frades, e devo ser grato aos serviços que as Ordens religiosas tem prestado á civilisação do velho e novo mundo. Vamos ao caso.

Logo depois da publicação do poema da *Assumpção da Virgem*, varios criticos deram ao auctor a sua opinião, e levado das considerações de illustres religiosos, do Ledo, Januario e outros litteratos, o padre mestre S. Carlos começou a refundir a sua obra, preparando-a para uma nova edição. Adoeceu, soffreu por algum tempo, esperando melhoras, mas ao fim foi levado para a enfermaria do convento, aonde findou seus dias como costumam os religiosos, e muito mais um homem d'aquella esphera e de uma inqualificavel modestia.

Na ultima visita que lhe fez o padre mestre Monte Alverne, já quando o poeta encarava a morte com toda a resignação, rolou

a conversação sobre o seu poema, sobre as criticas que soffreu; e n'esta mesma circumstancia disse o illustre moribundo—que levava o pezar de não ter podido reimprimir a sua obra com todas as alterações que lhe fizera, não só no todo, como em muitas partes, pois havia composto alguns episodios e augmentado outros.

E n'isto todo tremulo se debruça, cava debaixo do travesseiro, e tira um volume e mostra-o ao seu amigo: era o da primeira edição, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscriptas e augmentado com caderninhos do mesmo formato, tudo escripto pelo proprio punho e nitidamente feito e prompto para sahir á luz da imprensa.

« Eis-aqui o meu poema, diz elle ao meu amigo. Possa esta obra « dar algum realce á nossa ordem no Brazil. Sinto morrer sem mos- « trar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honra- « ram. Eis-aqui uma obra, cuja historia é simples *mas curiosa*, « porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento « d'estas creações: aqui nada houve de profano, nada do que per- « tence ao seculo.

« Na minha primeira guardiania, que pouco ou nada me dava a « fazer, comecei por devoção e desenfado a compor alguns hymnos « á Nossa Senhora: era uma pura devoção. Depois de haver borrado « algum papel, senti o innocente desejo de unir todos aquelles can- « tos em um todo, e dar-lhe uma fórma mais ampla e mais digna « da minha devoção: d'est'arte empregava o meu tempo nobremente, « encurtava-o com o trabalho, e tinha mais um vehiculo por onde « fizesse sahir as emoções de minha alma, e mesmo o amor da pa- « tria; não havia idéa de poema, e muito menos de publicação.

« A obra foi crescendo, e á proporção que avultava foi-me tam- « bem crescendo o desejo de a embellezar com algumas descripções « brazileiras, com algumas pinturas do nosso bello paiz: mostrei-a, « quando regressei a esta casa, a alguns de nossos bons e illustrados « companheiros; mostrei-a tambem a alguns distinctos seculares, « e todos me animaram a progredir e a publical-a: levei n'esta pu- « blicação mais o desejo de testemunhar a minha devoção á Virgem

« Nossa Senhora, do que o amor da gloria mundana; e vós bem o « sabeis, pois a minha vida foi o fiel retrato da minha alma.

« Arrependi-me de a ter publicado, porque eu fui o primeiro a « conhecer suas imperfeições logo que sahiu á luz, e muito mais la- « mentei a minha precipitação quando ouvi a opinião dos sabios: « já era tarde. O que fazer para desfazer um erro. Melhoral-a; e fiz « quanto pude para isso, como se vê ahi. Os Gregos quando escre- « viam nas suas obras — Faciebat — tinham toda a razão; porque « as obras d'arte nunca se acabam, e o homem morre fazendo-as; « ha sempre que corrigir, ha sempre incertezas e mui fundadas des- « confianças da propria capacidade.

« Aqui está um filho que me fez passar dias mui felizes e tor- « mentosos durante a sua formação; aqui está a sentença terrivel do « que eu fui na terra, e o documento da minha incapacidade. Não « me arrependo inteiramente de o ter escripto, porque n'elle está o « nome da minha Santa Virgem, porque n'elle ha o meu amor pela « minha patria. Não o posso imprimir; seja feita a vontade de Deus. »

O padre mestre Monte Alverne acudindo ao seu desejo, e penetrado dos sentimentos de uma nobre amizade e do lustre da sua Ordem, pediu-lhe o poema para publical-o immediatamente, protestando-lhe todo o seu empenho e brevidade na sua boa execução.

« Está dado, responde-lhe o moribundo, e eu vos agradeço, meu « bom amigo; está dado á minha irmãa, e não posso arripiar carreira, « nem desfazer o que me dictou o coração n'um dia bem triste.

« Talvez que ella possa haver algum lucro d'este meu trabalho, « porque o Brazil independente não é o que foi: o que agora sinto, « já o disse nos meus versos, e o disse inspirado pela Virgem, que « foi sempre a minha musa. »

Morto o poeta, passou o manuscripto ás mãos de sua legitima herdeira, tal qual elle o tinha dentro de um sacco de seda encarnada, e muito bem encadernado.

O conego Januario, de sempre feliz memoria para as lettras brazilias, perguntando ao padre mestre Monte Alverne por aquella obra, soube d'este religioso qual fôra o seu destino.

Procurou a irmã viuva do poeta, e offereceu-se para a publicação da obra, ficando ella com todos os lucros da empreza; mas aquella Senhora não quiz, e em vez d'esta generosa offerta propôz a venda do poema pela quantia de doze contos de réis, pensando talvez que a sua impressão daria mais que isso.

A' vista do exposto o conego recuou por todas as razões obvias.

Sei que essa Senhora foi para a provincia de S. Pedro, mas não sei para que logar, e se hoje é viva ou morta.

Qual será o destino, ou qual terá sido a sorte do poema da Assumpção em uma terra como a nossa, aonde se póde dizer francamente, e por factos constantes e recentes, que as tabernas e confeitarias são os frequentes depositos dos manuscriptos e dos titulos preciosos da nossa historia? O meu amigo sabe que já comprei assucar embrulhado n'um diploma de senador, e com a assignatura do Fundador do Imperio; e que não é raro vir manteiga envolvida n'uma carta de conselho, ou em papeis de alta monta: e isto não é só aqui, paiz novo, terra do positivo concreto; tambem lá pela Europa acontece o mesmo; os homens são iguaes em toda aparte.

Os sermões do grande Sampaio andam por ahi repetidos por officiaes da oratoria; os do nosso bom conego Januario foram vendidos pelo portador, que os levou, a quatro e seis mil réis! É immenso o catalogo de obras perdidas! Imprima tudo o que tiver, porque alem da traça, bicho e cupim, temos a indifferença, que é o peior de todos os insectos máos.

M. de Araujo Porto Alegre.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO.

Extracto das actas das sessões do 4.º trimestre de 1848.

201.ª SESSÃO EM 5 DE OUTUBRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Ás 5 horas e meia da tarde abre-se a sessão, e depois de approvada a acta da anterior, o 2.º Secretario passa a dar conta do expediente fazendo leitura dos seguintes officios:

« Ill.mo Sr. Secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — A maneira extremamente lisongeira e honrosa com que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro se dignou de acceitar a primeira offerta, que tivemos a satisfação de fazer-lhe no anno passado, de obras por nós publicadas, nos anima a lhe offerecer hoje os livros novos seguintes, que depois d'aquella primeira remessa sahiram dos nossos prélos, a saber:

« *Aventuras maravilhosas do cavalleiro Huol.* 1 vol.

« *Diccionario do bom gosto.* 1 vol.

« *Duas filhas*, drama. 1 vol.

« *Hernani*, drama de Victor Hugo, traduzido por Francisco José Pinheiro Guimarães. 1 vol.

« *Museu pittoresco, historico e litterario.* 1.º vol.

« *Alvará* de 10 de Outubro de 1754. 1 vol.

« *Conselheiro fiel do povo.* 2 vol.

« *Livro do Destino.* 1 vol.

« *Parnaso Brazileiro.* 2.º vol.

« *Arte nova de conservar a vista.* 1 vol.

« *Guia homœopathico dos fazendeiros.* 1 vol.

« *Manual de hydro-sudo-therapia.* 1 vol.

« *Anjo custodio.* 1 *vol.*

« *Collecção de proverbios e anexins.* 1 vol.

« *Novo Manual epistolar.* 1 *vol.*

« Eis-aqui, Illmo Sr., as obras com que este anno contribuimos para o augmento da litteratura nacional, e que gostosos offerecemos ao Instituto, fazendo votos que os nossos collegas imitem o nosso exemplo, com que ficariam archivadas de anno em anno todas as publicações brazileiras no Instituto, que tomou por uma das suas gloriosas tarefas não sómente de protejer e perpetuar as patrias lettras, como de conservar os testemunhos materiaes do seu adiantamento.

« Temos a distincta honra de ser, com toda a consideração, de V. S.ª, &c. *E. e H. Laemmert.* »

Officio datado da villa de S. José do Norte pelo Rev. vigario o Sr. Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, enviando um trabalho de sua penna com o titulo de *Memoria historica sobre a colonia allemãa estabelecida na provincia de Santa Catharina.*

« S. Petersburgo 25 de Janeiro de 1848. — Illmo Sr. Secretario do Instituto. — Tendo sido convidado a assistir a algumas sessões da Academia Imperial de Sciencias d'esta capital, perguntei se o Instituto não estava em correspondencia com ella; e tendo-me assegurado o Secretario que não, tomei sobre mim começar as relações communicativas entre as duas corporações, e escrevi ao dito Secretario na qualidade de membro, dando-lhe parte: 1.° que sob o reinado de Sua Magestade o Imperador Senhor D. Pedro II se tinha organisado esta associação, que fazia suas sessões no paço; 2.° que Sua Magestade o Imperador era o presidente protector; 3.° que V. S.ª era o Secretario perpetuo; 4.° que eu podia affirmar á Academia que o Instituto, em devido tempo, lhe tinha dado parte de sua installação, e que a difficuldade de correspondencia directa era causa de não ter cá chegado a competente participação; e ultimamente, para comprovar a existencia d'essa associação, remetti ao Secretario a collecção de jornaes que V. S.ª me deu quando d'ahi parti. A resposta que tive é a que V. S.ª achará junta, e d'ella verá que a Academia

ainda não deliberou, e que já o Secretario começa a mimosear o Instituto, e não remetto agora tudo quanto me mandou, por estar fechada a navegação, e o farei logo que se abrir. Resta que o Instituto, approvando o passo que dei, não deixe esfriar o fogo com que foi acceita a proposição que fiz. V. S.ª poderá, por via da Legação Russa d'ahi, ou do Consulado, fazer chegar á Academia de S. Petersburgo os productos do nosso Instituto, e relacionando-se com esta legação, seja eu ou outro o chefe, poderá receber os d'ella. Entre as academias da Europa, esta é uma das mais respeitadas pelas outras. A immensidade d'este imperio, abrangendo parte da Europa e da Asia, explorada scientificamente, como é, deve reflectir muita luz para o nosso infante Instituto, e elle a deverá espalhar pelo Brazil. « Deus guarde a V. S.ª Legação Imperial em Petersburgo. — Seu consocio muito attencioso e respeitador *Paulo Barbosa da Silva.* »

« Traducção. — Academia Imperial das sciencias da Russia. — S. Petersburgo 10/22 de Janeiro de 1848.—O Secretario perpetuo da Academia a S. Ex.ª o Sr. general Barboza da Silva, ministro do Brazil na Russia. — Meu general. O interesse esclarecido que V. Ex.ª dignou-se de tomar nos trabalhos de nossa Academia me anima, antes da publicação do ultimo relatorio cuja leitura ouvistes, a vos dirigir n'esta occasião os dos cinco annos decorridos de 1842, épocha da reunião da Academia das sciencias com a da lingua russiana.

« Junto a esta missiva, para a Academia do Rio de Janeiro, a Colleção das actas das sessões publicas dos mesmos annos, e igualmente oito volumes de um jornal scientifico publicado pela Academia. Posteriormente vos remetterei tambem as Memorias de nossa Academia com a resposta official aos offerecimentos benevolos que contém vossa carta datada de hontem.

« Recebei, meu general, a homenagem dos sentimentos respeitosos com que sou de vossa Ex.ª, &c. »

Resolve o Instituto que na fórma costumada o Sr. 1.º Secretario agradeça as dadivas acima referidas, endereçando á commissão de redacção a Memoria sobre a colonia de S. Pedro de Alcantara; e outrosim que se officie ao Sr. Secretario perpetuo da Academia Real das

sciencias da Russia, participando-lhe o que Instituto muito se congratula de entrar em correspondencia fraternal com uma corporação tão respeitavel, á qual offerece todos os serviços e esclarecimentos ao seu alcance, compromettendo-se tambem a enviar-lhe regularmente as suas publicações.

Passa-se depois á discussão de propostas, as quaes ficam adiadas.

Levanta-se a sesão ás 7 horas da noite.

202.ª SESSÃO EM 19 DE OUTUBRO DE 1848.

PRESIDENCIA DO ILL.mo SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

A's 6 horas da tarde, aberta a sessão, é lida e approvada a acta da anterior.

Expediente. — Officio do socio correspondente o Sr. João José de Souza Silva Rio, offerecendo para a bibliotheca do Instituto a *Historia civil del Paraguay, Buenos-Ayres y Tucuman*, pelo Dr. Gregorio Funes, comprehendendo a celebre revolução do Perú, por José Gabriel Tupac-Amarú, 3 vol.

A esta obra acompanhou o manuscripto: *Relação das matas das Alagoas que tem principio no lago do Pescoço, e das que ficam ao norte d'estas até o rio Ipojuca, distante dez leguas de Pernambuco;* por José de Mendonça de Mattos Moreira. 1809.

O Sr. 1.º Secretario communica haver dado principio á impressão dos discursos lidos nas sessões publicas ultimamente celebradas pelo Instituto, discursos que reunidos a outros manuscriptos devem formar o quarto tomo da 2.ª serie da *Revista trimensal*, conforme foi resolvido em sessão de 9 de Dezembro de 1847.

Entrou em discussão a proposta do Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo para que se crie no Instituto uma commissão central, coadjuvada por outras filiaes nas provincias ou commissarios, que se encarreguem da historia particular das cidades, villas, etc. do Brazil. — Depois de muito debatida, foi adiada.

Havendo-se julgado digna de attenção a idéa apresentada pelo 2.º Secretario de discutir-se como objecto de ordem do dia d'algumas sessões — qual a influencia que sobre a civilisação do paiz tem exercido os differentes membros do Instituto fallecidos, que por sua illustração foram considerados pelo publico — decidiu-se como mais conveniente tratar em separado d'esta questão, e que na reunião seguinte seria a ordem do dia determinar-se qual o methodo a seguir na discussão d'estes assumptos.

Por proposta do Sr. Presidente resolve o Instituto conservar-se em ferias durante os tres mezes mais calmosos do anno, podendo todavia o Sr. Secretario convocar reuniões extraordinarias n'esse espaço, quando assim o julgue conveniente.

Não havendo mais nada a tratar-se, levanta-se a sessão.

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO 3.º VOLUME DA 2.ª SERIE.

NUMERO 9.

Paginas.

ROTEIRO da viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras da capitania do Maranhão e da de Goyaz no anno de 1815. — Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo socio honorario o Sr. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond. . 5

RESPOSTA dada em 1847 ao Ex.mo presidente da provincia do Pará pelo Sr. tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena, membro correspondente do Instituto, sobre a communicação mercantil entre a dita provincia e a de Goyaz. 80

REPRESENTAÇÃO dirigida em 1707 a el-rei D. João V pelos Portuguezes residentes no Rio de Janeiro, ácêrca do procedimento que contra elles tinham os filhos da terra nas eleições dos officiaes do senado da camara. 108

BIOGRAPHIA dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes &c. — João de Brito e Lima. 116

EXTRACTO das actas das sessões do 1.º trimestre de 1848. 120

Numero 10.

Paginas.

O Caramuru' perante a historia. Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen. 129

Itinerario das viagens exploradoras emprehendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de communicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 a 1847 pela sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descriptas pelo Sr. João Henrique Elliott. 153

Viagem de Goyaz ao Pará em 1846 e 1847. Roteiro do Dr. Rufino Theotonio Segurado. 178

Documentos officiaes ineditos relativos ao alvará de 5 de Janeiro de 1785, que extinguiu no Brazil todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sedas, algodão, linho, lãa, &c. . . . . : 213

Biographia dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes &c. — Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica. . . . . , ... 240

» Padre Francisco de Souza. 244

Extracto das actas das sessões do 2 º trimestre de 1848. 246

Numero 11.

Paginas.

Memoria historica e documentada da revolução da provincia do Maranhão desde 1839 até 1840: pelo Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, membro effectivo do Instituto. 263

Novos indicios da existencia de uma antiga povoação abandonada no interior da provincia da Bahia. (Noticia communicada ao Instituto pelo Sr. major Manoel Rodrigues de Oliveira. 363

Communicação entre a cidade da Bahia e a villa do Joazeiro: pelo engenheiro André Przewodowski. 374

Biographia dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes &c. — D. Clara Felippa Camarão. 387

Extracto das actas das sessões do 3 º trimestre de 1848. 390

Documentos officiaes. — Declarações feitas pelo sargento Norberto Rodrigues de Medeiros sobre a abertura da picada para o Cuiethé, mandada fazer e contractada pelo presidente da provincia do Espirito Santo. 408

Numero 12.

Paginas.

Noticias geographicas da capitania do Rio Negro no grande rio Amazonas, exornadas com varias noticias historicas do paiz, do seu governo civil e politico, e de outras cousas dignas de attenção: pelo conego André Fernandes de Souza. 411

Memoria historica sobre a colonia allemãa de S. Pedro d'Alcantara estabelecida na provincia de Santa Catharina: escripta e offerecida ao Instituto pelo Rev.º vigario o Sr. Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva. 504

Biographia dos Brazileiros distinctos por lettras, armas, virtudes &c. — Fr. Francisco de São Carlos. 524

Extracto das actas das sessões do 4.º trimestre de 1848. 547

Rio de Janeiro. 1849. Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B.